Lucien Lévy-Bruhl

A MENTALIDADE PRIMITIVA

Tradução: Souza Campos, E. L. de

VALDEMAR TEODORO EDITOR

Lucien Lévy-Bruhl

A Mentalidade Primitiva

Tradução: Souza Campos, E. L. de
Teodoro Editor
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
3ª Edição: 2025

Original: Lucien Lévy-Bruhl. **La Mentalité Primitive**. Paris: Les Presses Universitaires de France, 1922.
Edição desta tradução: 15e Édition, 1960.
Traduzido por: Souza Campos, E. L. de
© 2025 Valdemar Teodoro Editor: Niterói - Rio de Janeiro - Brasil

A mentalidade primitiva

Lucien Lévy-Bruhl

Preâmbulo

Setembro de 1921.

Índice

Quando **Les Fonctions Mentales dans les Sociétés Inférieures** foi lançado, há doze anos, ele já deveria ter se chamado **La Mentalité Primitive**. Mas, como as expressões "mentalidade" e até mesmo "primitiva" ainda não haviam entrado, como hoje, na linguagem corrente, eu desisti então deste título. Eu o retomo para a presente obra. É preciso dizer que ele é uma continuação do anterior. Os dois tratam do mesmo assunto, embora de um ponto de vista bem diferente. **Les Fonctions Mentales** insistiu principalmente na lei da participação, considerada em suas relações com o princípio da identidade. **La Mentalité Primitive** tem, antes de tudo, o objetivo de mostrar o que é para eles a causalidade e as consequências que decorrem da ideia que eles fazem dela.

Ele não pretende, bem como **Les Fonctions Mentales**, esgotar o estudo da mentalidade primitiva, em todos os seus aspectos e em suas múltiplas expressões. Trata-se aqui também apenas de uma introdução geral. Eu procurei simplesmente determinar, da maneira mais exata possível, a orientação própria dessa mentalidade, de quais dados ela dispõe, como ela os adquire, que usos ela faz deles, enfim, quais são os limites e o conteúdo de sua experiência. Fazendo isto, eu fui levado a tentar destacar e descrever certos hábitos mentais característicos dos primitivos e mostrar porque e como eles diferem

dos nossos.

A fim de compreender, por assim dizer, de fato, os aspectos essenciais da mentalidade primitiva, eu escolhi intencionalmente, para analisar, os fatos mais simples e os menos ambíguos. Eu esperava assim ver diminuir as chances de erros, tão numerosos em matéria tão complexa e fazer aparecer mais claramente, em ação, os princípios constitutivos dessa mentalidade. Eu me fixei então em estudar o que são, para os primitivos, as potências invisíveis das quais eles se sentem rodeados por todas as partes; os sonhos; os presságios, que eles observam ou provocam; as provações; a "má morte"; os objetos extraordinários trazidos pelos brancos; sua medicina etc.

Não se deve esperar encontrar aqui, portanto, um estudo da mentalidade primitiva em suas relações com as técnicas das sociedades inferiores (invenção e aperfeiçoamento das ferramentas e das armas, domesticação dos animais, construção de edifícios, cultura do solo etc.), ou com suas instituições, por vezes tão complexas, como a organização da família ou o totemismo.

Se a introdução geral que constitui o presente volume __ junto com o precedente __ atingiu seu objetivo, ele permitirá definir melhor alguns dos grandes problemas levantados pelas instituições, as técnicas, as artes e as línguas dos primitivos. O conhecimento de seus hábitos mentais, no quanto eles se distinguem dos nossos, ajudará a colocar as questões em termos que tornem possível a solução. Ele fornecerá um tipo de fio condutor. Ele tornará menos difícil, pelo menos em certo número de casos, discernir os fins que os primitivos perseguem mais ou menos conscientemente. Compreender-se-á melhor os meios __ por vezes infantis ou absurdos, aos nossos olhos __ que eles são levados a empregar e se

esclarecerá, portanto, as razões profundas que explicam as formas ordinárias de sua atividade, seja individual ou social. Vários capítulos da presente obra são tentativas de aplicação desse método a casos relativamente simples.

Pareceu-me que seus resultados confirmam a análise abstrata que foi exposta em **Les Fonctions Mentales**. Os dois procedem de um mesmo esforço para penetrar nos modos de pensar e nos princípios de ação dessas pessoas que chamamos __ bem inapropriadamente __ de primitivos e que estão, ao mesmo tempo, tão longes e tão próximos de nós.[1]

Introdução

§1. Aversão da mentalidade primitiva pelas operações discursivas do pensamento. Suas ideias restritas a um pequeno número de objetos. Ausência de reflexão.

Índice

Dentre as diferenças que separam a mentalidade das sociedades inferiores da nossa, há uma que chamou a atenção de um grande número daqueles que as observaram nas condições as mais favoráveis, ou seja, antes que elas fossem modificadas por um contato prolongado com os brancos. Eles constataram nos primitivos uma tremenda aversão pelo raciocínio, por aquilo que os lógicos chamam de operações discursivas do pensamento; eles destacaram, ao mesmo tempo, que essa aversão não provinha de uma incapacidade radical, ou de uma impotência natural de seu entendimento, mas que ela se explicava acima de tudo pelo conjunto de seus hábitos mentais.

Por exemplo, os padres jesuítas, que foram os primeiros a contatar os nativos do leste da América do Norte, não conseguiram deixar de fazer esta reflexão: “É de se supor que os iroqueses são incapazes de raciocinar como fazem os chineses e outros povos organizados aos quais se mostrou a fé e a verdade de um Deus... O iroquês não se deixa levar, de maneira alguma, por razões. A primeira impressão que ele tem das coisas é a chama que o ilumina. Os motivos de credibilidade costumeiramente usados pela teologia para convencer os mais fortes espíritos, aqui não são, de maneira alguma, escutados, ou são qualificadas de mentiras as nossas maiores verdades. Costumeiramente só se acredita no que se vê”[2]. O mesmo padre acrescenta um pouco a frente: “As verdades do Evangelho não lhes parecerem aceitáveis se forem apoiadas unicamente sobre o raciocínio e sobre o bom-senso. Como o estudo e a polidez lhes faltam, seria preciso alguma coisa de mais grosseiro e de mais palpável para impressionar seus espíritos. Embora haja entre eles mentes tão capazes de ciências quanto são os europeus, no entanto, sua educação e a necessidade de buscar seu sustento os reduziu ao estado em que todos os seus raciocínios não vão além daquilo que pertence à saúde de seus corpos, ao sucesso feliz da caça, de sua pesca, do comércio e da guerra; e todas estas coisas são como se fossem os princípios dos quais eles tiram todas as suas conclusões, não somente para seus lares, suas ocupações e sua maneira de agir, mas até mesmo para suas superstições e sua divindades”.

Aproximando esta passagem da precedente nós obtemos os elementos de uma descrição bem precisa da mentalidade dos iroqueses sobre o assunto que nos ocupa. A diferença mais essencial entre esses “selvagens” e os infiéis mais organizados que eles não

provêm de uma inferioridade intelectual que seria característica deles: é um estado de coisas, cuja explicação, segundo os padres, estaria em seu estado social e em seus costumes. A mesma coisa diz o missionário Grantz sobre os groenlandeses: “Sua reflexão ou sua invenção são empregadas nas ocupações necessárias à sua subsistência e o que não estiver inseparavelmente ligado a isso não atrai jamais seu pensamento. Também se pode atribuir-lhes uma simplicidade sem tolice e um bom-senso sem a arte de raciocinar”[3]. Entendamos: sem a arte de seguir um raciocínio um pouco que seja abstrato. Pois não há dúvida que, desempenhando as ocupações necessárias à sua subsistência, os groenlandeses não só raciocinam como adaptam recursos, às vezes complicados, aos fins que eles buscam. Mas essas operações mentais limitam-se aos objetos materiais que as provocam e logo cessam, assim que seus objetivos são atingidos. Elas jamais são praticadas por elas mesmas e, por isso, não nos parecem se elevar até à dignidade do que chamamos propriamente “pensamento”. É o que traz à luz um observador moderno que viveu com os Esquimós polares. Diz ele: “Todas as suas ideias giram ao redor da pesca da baleia, da caça e da comida. Fora disso, pensamento para eles é, em geral, sinônimo de chatice ou de tristeza”. “O que você está pensando?” perguntei um dia, numa caçada, a um Esquimó que parecia mergulhado em suas reflexões. Minha pergunta o fez rir. “Vocês, brancos, que se ocupam com tantos pensamentos! Nós, Esquimós, só pensamos em nossos estoques de carne: teremos o suficiente ou não para a longa noite do inverno? Se temos carne em quantidade suficiente, então não precisamos mais pensar. Eu, eu tenho carne mais do que suficiente!” Eu compreendi que o havia magoado ao lhe atribuir “pensamentos”.[4]

Os primeiros observadores que estudaram os nativos da África

austral nos deixaram registros todos semelhantes aos precedentes. Aqui também os missionários constatam que "só se acredita no que se vê". "Em meio a explosões de risos e aplausos do populacho, ouvir-se-ia dizer ao interlocutor pagão: 'O Deus dos homens brancos podem ser vistos por nossos olhos?... Que se Morimo (Deus) é absolutamente invisível, como um homem razoável adoraria uma *coisa escondida*?'"[5] A mesma coisa com os Bassutos. Disse orgulhosamente um pobre Mossouto: "Eu quero primeiro subir até o céu para ver se há realmente um Deus e quando eu o tivesse visto eu acreditaria nele".[6] Um outro missionário insiste na "falta de seriedade e ausência de reflexão que geralmente se encontra nesse povo (os Béchuanas). Nessa gente, o pensamento está, por assim dizer, morto, ou pelo menos ele quase nunca consegue se erguer acima da terra... pessoas grosseiras que fazem de seu ventre um deus"[7]. Burchell escreve a mesma coisa com relação aos Bosquímanos: "As pessoas cuja mente foi aberta por uma educação europeia têm dificuldade para entender o que elas chamariam de estupidez dos selvagens, para tudo o que ultrapassa as ideias mais simples e as noções mais elementares, seja sob o ponto de vista físico, seja moral. Mas o fato é este: sua vida transcorre com tão poucos incidentes, suas ocupações, seus pensamentos e suas atividades são limitadas a um número tão pequeno de objetos que, necessariamente, suas ideias são também muito pouco numerosas e muito limitadas. Eu às vezes era obrigado a devolver à Machunka sua liberdade, quando ele mal me havia ensinado uma dúzia de palavras, porque era evidente que o esforço de atenção ou o trabalho ininterrupto da faculdade de pensar esgotava rapidamente sua capacidade de reflexão e o tornava realmente incapaz de se prender por muito mais tempo ao assunto. Nessas ocasiões, sua desatenção e

seu ar ausente mostravam que questões abstratas, mesmo as mais simples, o reduziam rapidamente ao estado de uma criança cuja razão ainda não havia despertado. Ele se queixava então de dor de cabeça..."[8] Mas o mesmo viajante nos diz em outro lugar, falando desses Bosquímanos: "Eles não são nem lerdos nem estúpidos; pelo contrário, eles são muito espertos e, sobre os assuntos que sua maneira de viver coloca no limite de sua observação e de sua compreensão, eles mostram geralmente penetração e sagacidade".[9]

Entre eles, portanto, como entre os iroqueses, a aversão pelas operações discursivas do pensamento não provinha de uma incapacidade constitucional, mas de um conjunto de hábitos que regiam a forma e o objeto de sua atividade mental. O missionário Moffat, que passou longos anos na África austral e que falava correntemente a língua dos nativos, nos diz a mesma coisa dos hotentotes. "É extremamente difícil imaginar de uma maneira exata até onde vai a ignorância, até mesmo entre os mais esclarecidos dentre eles, sobre assuntos que são familiares aqui às criançinhas. E, no entanto, não se pode negar, apesar das aparências gerais, que eles raciocinam com penetração e que eles sabem observar as pessoas e os caracteres".[10]

Outro missionário diz dos mesmos hotentotes: "Nossos amigos da Europa achariam certamente incríveis os exemplos que poderíamos dar da lentidão mental dessas pessoas quando se trata de pensar, de compreender e de reter. Eu mesmo, que os conheço há tanto tempo, não consigo deixar de me surpreender quando vejo que enorme dificuldade eles encontram para compreender as verdades mais simples e, principalmente, fazer eles mesmos um raciocínio. E como eles esquecem rapidamente o que compreenderam"[11].

O que lhes falta é concentrar sua mente sobre outros objetos

além daqueles percebidos pelos sentidos, ou de perseguir outros fins que não sejam aqueles percebidos como de utilidade imediata. O Sr. Campbell, em seu pequeno tratado sobre a vida do africano, relata o seguinte: quando lhe foi perguntado que ideia ele tinha de Deus antes de ter recebido uma educação cristã, ele respondeu que naquela época ele não tinha nenhuma ideia sobre este tipo de assunto, que ele não pensava em nada além de seus animais. O Sr. Moffat recolheu a mesma confissão da boca de um africano, que era um chefe nativo temido e muito inteligente.

Ao entrarem em relações com os europeus e obrigados assim a esforços de abstração novos para eles, é natural que esses nativos da África austral tenham procurado, instintivamente, reduzir esses esforços ao mínimo. Todas as vezes que sua memória __ que é excelente __ pode dispensá-los de refletir e de raciocinar, eles não deixam de empregá-la. Eis aqui um exemplo instrutivo: “O missionário Nezel diz para Upungwane: ‘Você ouviu o sermão do último domingo. Conte-me o que se lembra dele.’ Upungwane hesitou inicialmente, como sempre fazem os Cafres, mas em seguida ele reproduziu palavra por palavra todas as principais ideias. Algumas semanas depois o missionário o observou durante o sermão, aparentemente totalmente desatento, ocupado em entalhar um pedaço de madeira. Após o sermão, ele lhe perguntou: ‘O que você se lembra hoje?’ O pagão tirou então seu pedaço de madeira e reproduziu uma ideia após outra, guiando-se pelos entalhes”[12].

Essa tendência em substituir o raciocínio pela lembrança, todas as vezes em que isso é possível, já se manifesta nas crianças, cujos hábitos mentais se modelam naturalmente segundo os de seus pais. Sabe-se que as crianças nativas, em todo lugar onde os missionários conseguiram fazer com que elas vivessem em escolas,

aprendem quase tão bem e tão rapidamente quanto as crianças de nossos países, pelo menos até certa idade, quando seu desenvolvimento se torna mais lento e depois se interrompe.

O pastor Junod, entre os Tongas da África austral, fez o seguinte registro:

> *As crianças são mais eficientes quando se trata de um esforço de memória e isso explica porque elas ficam muito mais à vontade quando aprendem os pesos e medidas ingleses, com suas operações complicadas de redução, do que com o sistema métrico, que parece tão mais simples e mais racional. O sistema inglês exige que a memória conserve muito exatamente as relações entre as diferentes medidas __ jardas, pés, polegadas, galões, quartilhos etc. __ mas, uma vez compreendido, o trabalho se torna puramente mecânico. É do que precisa o nativo; enquanto que no sistema métrico há uma ideia única que anima o todo e seja indispensável um mínimo de raciocínio para utilizá-lo.*
>
> *É precisamente a necessidade desse mínimo que explica a impopularidade do sistema métrico entre os alunos nativos e a dificuldade é decuplicada para eles quando chegam aos problemas, que devem ser resolvidos sem que se lhes diga se é uma adição que é preciso fazer ou uma subtração. Em seguida, a aritmética, quando é um caso de memória, lhes parece um estudo fácil e agradável. Se for preciso raciocinar, é um trabalho penoso.* [13]

Um registro totalmente semelhante foi feito entre os Barotses.

> *É a aritmética que apaixona nossos jovens zambezianos, como os Bassutos e, em geral, os sul-africanos. Eles não*

conhecem nada acima dos números; é a ciência das ciências, o critério indiscutível de uma boa educação. Conheceis o labirinto da aritmética inglesa, com seu sistema arcaico, mas tão venerado, de pesos e medidas? Nossos zambezianos se deleitam com ele. Fale-lhes de libras, centavos, pennys, onças, dracmas etc. e seus olhos brilham, seus rostos se iluminam e num instante a operação é feita, se se tratar apenas de uma operação... É curioso como a mais positiva das ciências pode se tornar uma mecânica admirável. Somente dê-lhes um problema dos mais simples, mas que demande um pouco de raciocínio e os verá diante de um muro. "Estou derrotado!" Dizem eles, se acreditando dispensados de todo esforço intelectual. Eu destaco que este fato não é, de maneira alguma, característico dos zambezianos.[14]

Entre os Namaquas, quando se trata de calcular, é extremamente difícil fazer as crianças compreenderem qualquer coisa, enquanto que eles se mostram ótimos para tudo o que se pode aprender mecanicamente e que não exija pensar e refletir.[15]

Paralelamente, no Níger,

o Mossi não sabe procurar o porquê das coisas e, enquanto nossas crianças são pensadoras e nos embaraçam às vezes com suas perguntas, um Mossi jamais se pergunta: "como isto é feito? Porque é assim e não de outra forma?" A primeira resposta lhe basta.

Essa falta de reflexão é causa de seu atraso civilizatório... Donde também sua falta de ideias. As conversas quase que só acontecem sobre as mulheres, a alimentação e,

na estação das chuvas, sobre as culturas. Seu círculo de ideias é muito restrito, mas é suscetível de crescer, pois o Mossi pode ser considerado como inteligente.[16]

Para concluir o que diz respeito a essas sociedades africanas, tomaremos as mesmas expressões do missionário W. H. Bentley, que foi um excelente observador e que acreditou poder resumir sua experiência nestes termos:

> *O africano __ negro ou banto __ não pensa, não reflete, não raciocina, se pode evitar isso. Ele tem uma memória prodigiosa; ele tem grandes talentos de observação e de imitação, muito facilidade para falar e mostra boas qualidades. Ele pode ser benevolente, generoso, cativante, desinteressado, devoto, fiel, bravo, paciente e perseverante. Mas as faculdades de raciocínio e de invenção permanecem adormecidas neles. Ele compreende facilmente as circunstâncias atualmente presentes, se adapta a elas e as completa; mas elaborar um plano seriamente, ou induzir com inteligência, isto está acima dele.*[17]

Talvez não seja supérfluo ilustrar essa incapacidade para refletir com um exemplo concreto. Eu o tomarei emprestado do próprio Bentley.

> *Os nativos da costa manifestaram repentinamente um vivo desejo de aprender a ler e escrever... Nós levamos muito tempo para achar a razão disso.*
>
> *Os nativos, quando levavam seus produtos à costa para vendê-los, eles os levavam até à recepção do armazém, onde eram pesados e medidos e o agente escrevia então alguma coisa num pedaço de papel. Em seguida eles levavam esse*

papel até outro agente no setor da loja que continha as mercadorias de troca e este segundo agente os pagava... Eles concluíram que, se eles soubessem escrever, eles não teriam mais que se dar ao trabalho de carregar seus produtos: bastaria traçar alguns sinais num pedaço de papel (como fazia o primeiro agente) e, apresentando esse pedaço de papel no setor de entrega das mercadorias, eles obteriam o que quisessem. Daí o desejo de aprender a ler e escrever manifestado pelas pessoas de San Salvador.

Não havia aqui a menor ideia de roubo. O africano evita ao máximo refletir, a menos que seja forçado a isso; é seu ponto fraco, essa sua característica. Eles nunca viram semelhança entre seu próprio comércio e aquele de um estabelecimento comercial. Eles acham que quando um branco precisa de alguma coisa, ele abre um pacote e a encontra ali dentro. De onde vêm esses pacotes, porque e como? Eles jamais pensaram nisso. "Como sabê-lo?" Todo mundo diz que as coisas são feitas pelos mortos, no fundo do mar. Tudo isso é tão desesperadoramente confundido com coisas ocultas e mágicas, que suas ideias vão precisamente tão longe quanto seus olhos. A apresentação do papel com a assinatura embaixo, sem acrescentar uma única palavra, basta para a mercadoria seja liberada. Aprendamos então a escrever no papel.

Bem recentemente, o Sr. Wollaston observou na Nova Guiné a mesma ingenuidade:

Antes de partir, mostrava-se aos portadores a faca, o machado ou o objeto qualquer que eles receberiam por seu trabalho, quando retornassem correndo a Parimau com seu

pedaço de papel... Alguns homens do vilarejo, menos enérgicos, quando viram seus amigos receberem uma faca ou um machado, apresentando simplesmente um pedaço de papel ao homem que tinha a guarda do campo de Parimau, pensaram que podiam obter sem esforço a mesma recompensa e ficaram muito espantados quando os pedacinhos de papel que apresentaram não lhes renderam absolutamente nada, ou simplesmente uma séria reprimenda. Mas sua malícia era tão pueril que não se podia se aborrecer seriamente com eles.[18]

Não havia aqui uma sombra sequer de malícia. O Sr. Bentley, mais experimentado que o Sr. Wollaston, compreendeu bem isso e explicou bem. É uma manifestação em mil, mais impressionante do que muitas outras, do hábito mental que faz com que o primitivo "pare na primeira impressão que ele tem das coisas e não pensa se pode dispensá-la".

Seria fácil citar numerosas observações do mesmo gênero, recolhidas em outras sociedades inferiores, na América do Sul, na Austrália etc. Diz o Sr. Parkinson:

Se transportar para o conjunto de ideias de um Melanésio não é coisa fácil. Ele é, intelectualmente, muito baixo. O pensamento lógico é para ele, em quase todos os casos, uma impossibilidade. O que ele não consegue compreender imediatamente pela percepção de seus sentidos é bruxaria ou ação mágica: refletir muito sobre isso seria um trabalho totalmente inútil.[19]

Enfim, o conjunto de hábitos mentais que exclui o pensamento abstrato e o raciocínio propriamente dito parece ser encontrado em um grande número de sociedades inferiores e constituir um traço

característico e essencial da mentalidade dos primitivos.

§2. Não é nem incapacidade nata nem falta de aptidões naturais. Hipótese de trabalho tirada das Fonctions Mentales.

Índice

Como pode ser que a mentalidade primitiva apresente uma indiferença tal __ ou, poder-se-ia dizer, uma aversão tal __ pelas operações discursivas do pensamento, pelo raciocínio e a reflexão, quando, aos nossos olhos, isso é uma ocupação natural e quase constante da mente humana?

Não é uma incapacidade ou impotência, pois aqueles mesmos que nos mostram essa disposição da mentalidade primitiva acrescentam expressamente que se encontra entre eles "mentes tão capazes das ciências quanto o são os europeus", pois vemos as crianças australianas, melanésias etc. aprenderem tão facilmente quanto as crianças francesas ou inglesas o que o missionário lhes ensina. Também não é a consequência de um torpor intelectual profundo, de uma letargia ou um sono invencível, pois esses mesmos primitivos, a quem o menor pensamento abstrato parece um esforço insuportável e que parecem jamais se preocupar em raciocinar, se mostram, pelo contrário, penetrantes, sensatos, engenhosos, hábeis, sutis mesmo, quando um objeto os interessa e, principalmente, quando se trata de atingir um fim que eles desejam ardentemente.[20]

O mesmo observador que fala a todo momento de sua "estupidez" se extasia com sua engenhosidade e com seu gosto. Não se pode, portanto, tomar a palavra "estupidez" literalmente. Ou melhor, é preciso se perguntar de onde vem essa estupidez aparente e quais são as condições que a determinam.

Uma explicação foi proposta, como se viu mais acima, pelos próprios missionários, que constataram a aversão dos primitivos pelas operações lógicas mais simples. Eles a tiraram do fato de que os primitivos observados por eles jamais pensam e só querem pensar em um número restrito de objetos, necessários a sua subsistência, ao manejo de seus animais, à caça, ao peixe etc. Os hábitos mentais assim restringidos pelos primitivos tornam-se tão fortes, que qualquer outro objeto, principalmente se é abstrato, não poderia chamar a atenção de sua mente: "Só se acredita no que se vê; suas ideias não vão muito além de seus sentidos; tudo o que não é imediatamente percebido não é pensado etc.".

Mas o problema não está resolvido ainda. Se as observações relatadas são exatas, como parece, ele logo se complica. Inicialmente não se vê porque a busca de interesses exclusivamente materiais, nem mesmo porque o pequeno número dos objetos ordinários das representações teria necessariamente por consequência a incapacidade de refletir e a aversão pelo raciocínio. Pelo contrário, essa especialização, essa concentração das forças mentais e da atenção sobre um número restrito de objetos, com a exclusão dos outros, logo teria por efeito um tipo de adaptação exata, precisa, tanto intelectual quanto física, à busca desses objetos; e essa adaptação, mesmo que intelectual, implicaria num certo desenvolvimento da engenhosidade, da reflexão e da destreza para ajustar os meios mais adequados para se atingir o fim buscado. É, com efeito, o que se produz geralmente.

Que essa adaptação seja acompanhada por uma indiferença quase invencível pelos objetos que não tenham relação visível com aqueles que interessam aos primitivos, os missionários tiveram disso frequentemente uma penosa experiência. Mas a incapacidade de

compreender um ensinamento evangélico e até mesmo recusar ouvi-lo é, para eles, uma prova suficiente da aversão pelas operações lógicas, principalmente quando se reconhece que as mesmas mentes se mostram muito ativas quando os objetos os tocam, quando se trata de seu gado ou de suas mulheres.

Por outro lado, é temerário explicar essa aversão através de uma ligação exclusiva com os objetos dos sentidos, pois os mesmo missionários não nos mostram, em vários lugares, que os primitivos são os mais intrépidos crentes que se possa encontrar? Não se consegue retirar-lhes do espírito a certeza de que uma infinidade de seres e de ações invisíveis são, no entanto, reais. Livingstone nos diz que ele frequentemente ficou admirado com a fé invencível dos negros da África austral em seres que eles jamais viram. Em todo lugar em que a observação foi suficientemente paciente e prolongada, em toda parte em que ela acabou por estar certa da reticência dos nativos, que é extrema no tocante às coisas sagradas, ela revelou neles um campo por assim dizer ilimitado de representações coletivas, que se relacionam com objetos inacessíveis aos sentidos; forças, espíritos, almas, *mana* etc. E geralmente não é uma fé mais ou menos intermitente, como a de muitos fiéis europeus, que têm dias e lugares especiais para praticar seus exercícios espirituais. Entre este mundo e o outro, entre o real sensível e o além, o primitivo não faz distinção. Ele vive verdadeiramente com os espíritos invisíveis e com as forças impalpáveis. Essas realidades são, para ele, as mais reais. Sua fé é expressa nos mais insignificantes, como nos mais importantes de seus atos. Toda sua vida e toda sua conduta estão impregnadas dela.

Se então a mentalidade primitiva evita e ignora as operações lógicas, se ela se abstém de raciocinar e de refletir, não é por

incapacidade de ultrapassar o que lhe oferecem os sentidos e não é também por uma ligação exclusiva com um pequeno número de objetos materiais. As mesmas testemunhas que insistem nesse traço da mentalidade primitiva nos autorizam também e até mesmo nos obrigam a rejeitar essas explicações. É preciso procurar em outro lugar. E para procurar com alguma chance de sucesso, é preciso inicialmente colocar o problema em termos que tornem possível uma solução metódica dele.

Em vez de substituir em imaginação os primitivos que estudamos e de fazê-los pensar como nós pensaríamos, se estivéssemos no lugar deles, o que só pode levar a hipóteses no máximo verossímeis e quase sempre falsas, esforcemo-nos, pelo contrário, para nos colocar em guarda contra nossos próprios hábitos mentais e tratemos de descobrir os hábitos dos primitivos através da análise de suas representações coletivas e das ligações entre essas representações.

Se se admite que sua mente é orientada como a nossa, que ela reage como a nossa às impressões que ela recebe, admite-se também, implicitamente, que ela deveria refletir e raciocinar como a nossa diante dos fenômenos e dos seres do mundo dado. Mas constata-se que, de fato, ela não reflete nem raciocina desta forma. Para explicar essa anomalia aparente, tem-se que se recorrer a certo número de hipóteses: preguiça e fraqueza de espírito dos primitivos, confusão, ignorância infantil, estupidez etc. que não dão conta suficientemente dos fatos.

Abandonemos este postulado e nos liguemos sem ideia preconcebida ao estudo objetivo da mentalidade primitiva, tal como ela se manifesta nas instituições das sociedades inferiores ou nas representações coletivas de onde essas instituições derivam. Desta

forma, a atividade mental dos primitivos não será mais interpretada antecipadamente como uma forma rudimentar da nossa, como infantil e quase patológica. Ela aparecerá, pelo contrário, como normal nas condições em que ela se exerce, como complexa e desenvolvida a sua maneira. Deixando de descrevê-la como um tipo que não é o seu e buscando determinar seu mecanismo unicamente de acordo com suas próprias manifestações, nós podemos esperar não desnaturá-la em nossa descrição e nossa análise.

***

Capítulo I

Indiferença da mentalidade primitiva pelas causas segundas.

§1. A mentalidade primitiva atribui tudo o que acontece à potências místicas e ocultas.

Índice

Em presença de qualquer coisa que o interesse, que o inquiete ou que o assuste, a mente do primitivo não segue o mesmo padrão que a nossa. Ela imediatamente toma um caminho diferente.

Nós temos um sentimento contínuo de segurança intelectual tão bem estabelecido que não vemos como ele poderia ser abalado, pois, supondo a aparição súbita de um fenômeno totalmente misterioso e cujas causas desconhecemos inteiramente a princípio, nós estaríamos certos de que nossa ignorância sobre ele é apenas provisória, que suas causas existem e que, cedo ou tarde, elas poderão ser determinadas. Desta forma, a natureza na qual vivemos é, por assim dizer, intelectualizada antecipadamente. Ela é ordem e

razão, como a mente que a pensa e que se move nela. Nossa atividade cotidiana, até em seus mais insignificantes detalhes, implica numa tranquila e perfeita confiança na invariabilidade das leis naturais.

Bem diferente é a atitude da mente do primitivo. A natureza no meio da qual ele vive se apresenta a ele sob um aspecto totalmente diferente. Todos os objetos e todos os seres, nela estão implicados numa rede de participações e de exclusões místicas: são elas que fazem o contexto e a ordem. São elas, portanto, que se imporão primeiramente à sua atenção e que, sozinhas, a reterão. Se ele se interessa por um fenômeno, ele não se limita a percebê-lo, por assim dizer, passivamente e sem reagir; ele logo pensará __ numa espécie de reflexo mental __ em uma potência oculta e invisível, da qual o fenômeno é a sua manifestação. Diz o Sr. Nassau:

> *O ponto de vista da mente do africano em todas as vezes que qualquer coisa de insólito se apresenta é sempre aquele da feitiçaria. Sem procurar uma explicação naquilo que os civilizados chamariam de causas naturais, seu pensamento se volta imediatamente para o sobrenatural. De fato, esse sobrenatural é um fator tão constante em sua vida que ele fornece uma explicação do que acontece de uma forma tão rápida e tão razoável quanto o nosso apelo para as forças reconhecidas como da natureza.*[21]

A mesma coisa o reverendo John Philip destaca a propósito das “superstições dos Bechuanas”:

> *No estado de ignorância (ou seja, antes de ter sido educado pelos missionários) qualquer coisa que não é conhecida e que está envolvida de mistério (que a simples*

percepção não basta para explicar) é objeto de uma veneração supersticiosa; as causas segundas são ignoradas e uma influência invisível toma seu lugar.[22]

A mesma reflexão é sugerida ao Sr. Thurnwald pela mentalidade dos nativos da Ilhas Salomão:

> *Jamais eles ultrapassam __ na melhor das hipóteses __ o simples registro dos fatos. O que falta inteiramente, em princípio, é a ligação causal profunda. Não compreender a ligação dos fenômenos: eis a fonte de seus medos e de suas superstições.*[23]

Aqui, como acontece geralmente, é preciso separar o fato que nos é relatado da interpretação que está misturada a ele. O fato consiste nisto: que o primitivo, africano ou outro qualquer, não se preocupa de maneira alguma em procurar as ligações causais que não são evidentes por si sós e que, imediatamente, ele apela para uma potência mística. Ao mesmo tempo, os observadores, missionários ou outros, dão suas explicações para este fato: se o primitivo recorre imediatamente para potências místicas é, segundo eles, porque ele negligencia a busca das causas. Mas, porque ele negligencia isso? A explicação deve ser invertida. Se os primitivos não pensam em procurar as ligações causais e se quando eles as percebem ou quando elas são mostradas a eles, eles as consideram como de pouca importância, isto é a consequência natural do fato bem estabelecido de que suas representações coletivas evocam imediatamente a ação das potências místicas. Por consequência, as ligações causais __ que são para nós o próprio esqueleto da natureza, o fundamento de sua realidade e de sua estabilidade __ têm, aos seus olhos, muito pouco interesse.

Diz o Sr. Bentley:

> *Um dia, Whitehead viu um de seus trabalhadores exposto passivamente a um vento frio num dia de chuva. Ele o ordenou a entrar em casa e a trocar suas roupas. Mas o homem lhe respondeu: "Não se morre por causa de um vento frio. Isso não tem importância. Só se fica doente ou se morre por causa de um feiticeiro".*[24]

Da mesma forma, na Nova Zelândia, um missionário escreve em termos quase idênticos:

> *Eu recebi a visita de um nativo, num estado muito alarmante. Ele tinha se resfriado e não tinha tomado nenhum cuidado consigo mesmo. Esses selvagens não duvidam, de forma alguma, das causas de suas doenças. Eles atribuem a Atua (um espírito) tudo o que os faz sofrer. O homem que eu mencionei disse que Atua estava em seu corpo e que o devorava.*[25]

Para uma mentalidade orientada desta forma e muito preocupada com as ligações místicas, o que nós chamamos uma causa, o que para nós explica o que acontece, só poderia ser, no máximo, a oportunidade, ou, melhor dizendo, um instrumento à serviço das forças ocultas. A ocasião podia ser outra, o instrumento diferente. O acontecimento seria produzido da mesma forma. Bastaria que a força oculta entrasse realmente em ação, sem ser interrompida por uma força superior de mesmo gênero.

§2. A doença e a morte quase nunca são "naturais". Exemplos registrados na Austrália, na África austral, equatorial, ocidental e oriental.

Entre tantos exemplos que nos são oferecidos, tomemos um dos mais familiares. Em toda parte, nas sociedades primitivas, a morte requer uma explicação que não seja as causas naturais. Segundo observações frequentemente feitas, quando se vê uma pessoa morrer, parece que é a primeira vez que esse feito acontece e que ele também jamais foi testemunhado. Será possível __ se pergunta o europeu __ que essas pessoas não saibam que todo mundo deve morrer um dia ou outro? Mas o primitivo jamais considerou as coisas desta forma. Aos seus olhos, a degenerescência senil e o enfraquecimento dos órgãos, não estão ligados necessariamente às causas que levam infalivelmente uma pessoa à morte, num certo tempo que não pode ultrapassar certos limites. Não se veem velhos decrépitos que continuam a viver? Pois então, se num dado momento a morte chegou, foi porque uma força mística entrou em cena. Aliás, o próprio enfraquecimento senil, como toda doença, também não é devido ao que chamamos de causas naturais: ele deve ser explicado também pela ação de uma força mística. Resumindo, se o primitivo não dá nenhum valor às causas da morte, é porque ele já sabe por que a morte acontece e sabendo este *porquê*, o *como* lhe é indiferente. Estamos aqui em presença de um tipo de *a priori*, sobre o qual a experiência não influi.

Desta forma, tomando alguns exemplos tomados de sociedades inferiores, onde a influência dos brancos ainda não havia sido introduzida, ficamos sabendo que na Austrália (Vitória) “a morte é sempre atribuída por eles à ação do homem. Quando um nativo morre, seja jovem ou velho, admite-se que durante a noite um inimigo lhe fez uma incisão no lado e lhe retirou a gordura de seus rins. Mesmo os mais inteligentes dos nativos não se convencem de

que a morte possa ter sido de causas naturais".[26]

Nem o corpo doente, nem o cadáver apresentam o menor traço dessa incisão, mas o australiano não vê nisso uma razão para duvidar de que ela tenha acontecido. Que outra prova é necessária, além da própria morte em si? Essa morte teria acontecido se ninguém tivesse retirado a gordura dos rins? Aliás, essa crença não implica em nenhuma ideia de um papel fisiológico atribuído a essa gordura; trata-se unicamente de uma ação mística, que acontece unicamente pela presença do órgão que é o agente.

O Sr. W. E. Roth diz a mesma coisa, segundo Thomas Petrie:

> *Nos primeiros anos da colonização europeia, no distrito de Brisbane, quase todas as doenças, sofrimentos, indisposições, eram atribuídas ao cristal de quartzo que possuíam alguns curandeiros (**turrwan**). Esse cristal de quartzo dava a quem o possuía um poder sobrenatural. A mente do **turrwan** fazia o cristal entrar no corpo da vítima e esta só podia ser socorrida por outro curandeiro que lhe retirava o cristão por sucção. Desta forma, um curandeiro podia tornar qualquer um doente à distância e condená-lo, por assim dizer.*[27]
>
> *Em Princess Charlotte Bay, todas as doenças de caráter sério, desde a malária até a sífilis, são atribuídas à ação de um tipo de feitiço, formado por um pedaço afiado de fíbula humana que é fixado com cera a uma lança de bambu. Acredita-se que, quando essa lança é jogada na direção da vítima encontrada na rua, a madeira fica nas mãos do feiticeiro e o fragmento de osso atravessa o espaço e se aloja no corpo da vítima. O ferimento logo se fecha, sem deixar cicatriz e causa assim a doença.*[28]

De uma maneira geral, quando uma pessoa morre, é porque foi condenada (doomed) por um feiticeiro.

> *A vítima predestinada pode partir, como de costume, para uma expedição de caça... de repente, ela sente alguma coisa no pé ou na perna e vê uma serpente prestes a lhe morder. Estranhamente, essa espécie incomum de serpente logo desaparece. Esse desaparecimento faz com que o nativo mordido reconheça que algum inimigo o enfeitiçou e que sua morte é inevitável. De fato, ele nem mesmo tenta se cuidar. Ele perde a coragem e se deita para morrer.*[29]
>
> *Uma pessoa pode assim ser "condenada" a ser atingida por um raio, morta pela queda de uma árvore, ferida por um espinho que lhe espeta o pé, contaminada por uma doença repugnante, atravessada por um lança. A serpente, o raio, a lança etc. não podem ser verdadeiramente acusados pelas consequências que surgem. Eles só fazem cumprir o ato de condenação. Isso pode ser cometido por pessoas vivas, com ou sem a ajuda dos espíritos dos mortos... Os inimigos são também tanto pessoas mortas quanto espíritos naturais.*[30]

Os Srs. Spencer e Gillen dizem a mesma coisa: "Todas as doenças, de todos os tipos, desde a mais simples até as mais sérias, são atribuídas sem exceção à influência maligna de um inimigo, sob a forma de uma pessoa ou de um espírito".[31]

Diz o Sr. Howitt:

> *Eles podem imaginar a morte por acidente, se bem que eles atribuam quase sempre o resultado do que chamaríamos um acidente aos efeitos de uma magia malfazeja. Eles*

conhecem bem a morte violenta, mas mesmo quando eles são testemunhas dela, eles acreditam __ nas tribos perto de Maryborough (Queensland) __ que se um guerreiro foi morto por uma lança num dos seus combates rituais, foi porque ele perdeu sua habilidade de parar ou se esquivar da lança, por causa da magia maléfica de um membro de sua própria tribo. Mas eu duvido que, em alguma parte da Austrália, os nativos em sua condição primordial, tenham concebido a possibilidade da morte simplesmente por doença. Certamente não foi o caso dos Kurnais.[32]

"Se uma pessoa foi morta numa batalha, ou morta das consequências de um ferimento, acredita-se que ele foi enfeitiçado".[33]

"Mesmo que os Narrinyeris sejam tão frequentemente expostos às picadas de serpentes venenosas, eles não possuem nenhum remédio para este acidente. Sua superstição os leva a acreditar que isso é o resultado de um malefício".[34]

Essa disposição de espírito não é característica somente das tribos australianas. Ela é encontrada nas sociedades inferiores as mais distanciadas umas das outras e com uma grande uniformidade. O que varia nas representações coletivas são as forças ocultas a quem são atribuídas a doença ou a morte acontecidas: num lugar é um feiticeiro que é o culpado, num outro é o espírito de um morto, em outro são forças menos definidas ou individualizadas, desde a representação mais vaga até a divinização precisa de uma doença como a varíola. O que permanece semelhante e, se poderia dizer, idêntica é a pré-ligação entre a doença e a morte de um lado e uma potência invisível de outro e, em seguida, a pouca atenção dada ao que chamamos de causas naturais, mesmo quando elas saltam aos

olhos.

Eu darei somente algumas provas significativas dessa unanimidade.

Diz o Sr. Chalmers:

> *Os nativos nunca acreditam que suas doenças provenham de causas outras que não sejam espirituais, nem que a morte (exceto o assassinato) provenha de outra coisa que não seja a cólera dos espíritos. Quando a doença aparece em uma família, todos os membros dessa família se perguntam: "O que isso quer dizer?" Se a doença não melhora, eles concluem que é preciso fazer alguma coisa. Um presente é oferecido; pega-se um pouco de comida e deposita-se num local sagrado; em seguida, ela é retirada de lá e é compartilhada com os amigos. Se a doença persiste, leva-se um porco ao local sagrado, ele é imolado com uma lança e oferecido aos espíritos.*[35]

A mesma coisa acontece na Nova Guiné alemã. "Segundo os Kais, ninguém morre de morte natural..."[36]

Entre os Araucanos,

> *todas as mortes, exceto no campo de batalha, eram consideradas como o produto de causas sobrenaturais ou de feitiçaria. Se uma pessoa morria por causa de um acidente violento, supunha-se que os "**huecuvus**", ou espíritos malignos, a tinham provocado: tinham assustado o cavalo para derrubar seu cavaleiro, tinham deslocado uma pedra para fazê-la cair e esmagar o passante desavisado, tinham cegado momentaneamente uma pessoa para fazê-la cair num precipício etc. Em caso de morte por doença, acreditava-se*

num feitiço e que a vítima havia sido envenenada.[37]

O Sr. Grubb diz a mesma coisa com relação aos índios do Chaco. "Eles supunham invariavelmente que a morte é o resultado da influência direta dos **kilyikhama** (espíritos), seja por causa de seu desejo de fazer o mal, seja por que eles foram induzidos por um feiticeiro"[38]. Dobrizhoffer dá o mesmo testemunho com relação aos Abipones[39]. E crenças semelhantes são encontradas em quase todas as sociedades inferiores das duas Américas.

Na África austral encontramos a réplica exata do que foi observado na Austrália.

> *Acredita-se que um feiticeiro tenha o poder de entregar (**to give over**, equivalente a **to doom**) uma certa pessoa que partiu para a caça a um búfalo, a um elefante ou a um outro animal qualquer. O feiticeiro, eles pensam, pode dar uma comissão ao animal ao fazer perecer a pessoa. De sorte que, quando se ouve que uma pessoa foi morta numa caçada, seus amigos dizem: "Foi a obra de seus inimigos; ele foi 'entregue' à besta 'selvagem'".*[40]

Bentley expressa a mesma ideia, com uma precisão enérgica.

> *A doença e a morte são olhadas pelo nativo do Congo como eventos totalmente anormais. De maneira alguma são vistas como provenientes de causas naturais: elas são sempre provocadas por feiticeiros. Mesmo quando a morte é provocada por afogamento na água, ou pela guerra, ou pela queda de uma árvore, quando é causada por algum animal selvagem ou pelo relâmpago; todas essas mortes são atribuídas aos malefícios, da maneira mais obstinada e desarrazoada. Alguém enfeitiçou a vítima e é ele, de fato, o*

culpado.[41]

Já no século XVII, Dapper já havia constatado as mesmas crenças em Loango.

> *Esses pobres cegos acreditam que não há nenhum acidente trágico acontecido a uma pessoa que não seja provocado pelos* ***moquises****, ou pelos ídolos de seus inimigos. Se alguém, por exemplo, cai na água e se afoga, eles dirão que ele foi enfeitiçado; se ele é devorado por um lobo ou por um tigre, foi seu inimigo que, com seus encantamentos, se metamorfoseou em besta feroz; se ele cai de uma árvore, se sua casa pega fogo, se fica muito mais tempo sem chover do que o usual, tudo isso foi feito pela força do encantamento dos* ***moquisies*** *de algum homem mal. E é tempo perdido tentar lhes tirar essa tolice da cabeça; só se faz expor-se ao seu escárnio e desprezo.*[42]

Em Serra Leoa,

> *não há morte natural ou por acidente: a doença ou o acidente que causou a morte são o produto de uma influência sobrenatural. Às vezes se imagina que a morte foi devido à ação malfazeja de uma pessoa que emprega malefícios; às vezes a morte foi produzida pelo gênio tutelar de alguém sobre quem o defunto... praticava encantamentos naquele momento e foi descoberto e punido. O usual é explicar pelo primeiro tipo de causas a doença e a morte dos chefes, das pessoas ilustres e de sua família; pelo segundo tipo explicam-se os males da classe inferior.*[43]

Por fim, na África oriental alemã, “não existe morte natural para os Dschaggas. A doença e a morte são sempre obra

diabólica".[44]

Interromperemos aqui esta enumeração de testemunhos concordantes, que poderia ser indefinidamente prolongada.[45]

§3. Não existe acidente: um infortúnio jamais é fortuito.

Índice

Da doença e da morte aos simples acidentes, a transição é imperceptível. Surge dos fatos precedentes que os primitivos, em geral, não veem diferença entre a morte advinda da velhice ou da doença e a morte violenta. Não que eles sejam desarrazoados, de acordo com a expressão de Bentley, a ponto de não perceberem que num caso a doença mata mais ou menos lentamente no seu próprio meio e que, no outro caso, a pessoa morre repentinamente, devorada por um leão, por exemplo, ou golpeada por uma lança. Mas essa diferença não interessa, aos seus olhos, pois nem a doença de um lado, nem o animal selvagem ou o golpe de lança do outro, são as verdadeiras causas da morte, mas estão simplesmente à serviço da força oculta que quis essa morte e que, para atingir seus fins, poderia ter escolhido um outro instrumento. Portanto, toda morte é acidental, mesmo a morte por doença. Ou, mais exatamente, nenhuma o é. Pois, aos olhos da mentalidade primitiva, ela jamais é produzida, propriamente falando, por acidente. O que nos parece acidental __ para nós europeus __ é sempre, na realidade, a manifestação de uma potência mística que age sobre o indivíduo ou sobre o grupo social.

Para essa mentalidade, de uma maneira geral, não há acaso e nem pode haver. Não que ela esteja convencida do determinismo rigoroso dos fenômenos; muito pelo contrário, como ela não faz a menor ideia desse determinismo, ela permanece indiferente à ligação causal e, a todo acontecimento que a atinge, ela atribui uma origem

mística. Sendo as forças ocultas sempre sentidas como presentes, por mais que um acontecimento nos pareça fortuito, mais ele será significativo para a mentalidade primitiva. Não é preciso explicá-lo; ele se explica por si: é uma revelação. Até mesmo, geralmente, é ele que serve para explicar outra coisa; pelo menos na forma com que essa mentalidade chama de explicação. Mas pode ser necessário interpretá-lo, quando uma pré-ligação definida não foi estabelecida.

Os nativos de Tully-River, diz o Sr. W. E. Roth, tinham resolvido matar uma certa pessoa de Clump Point, pela seguinte razão:

> *Na reunião (**prun**) do último domingo, este havia atirado uma lança, do alto de uma árvore, que acabou atingindo, por ricochete, um velho que morreu. O infeliz que tinha jogado a lança passava por ser um "doutor" e nada tirava da mente dos membros da tribo da vítima que a morte de seu parente tinha sido causada por um malefício desse doutor. O Sr. E. Brooke (um missionário), que estava comigo nesse momento, fez todos os esforços para explicar que tinha sido um acidente, mas sem nenhum sucesso. As fileiras se formaram e a batalha começou entre esses selvagens irritados, até que o "doutor" recebeu um ferimento (não mortal) no joelho.*[46]

Neste caso típico, era difícil e mesmo praticamente impossível aos nativos ouvirem uma explicação. Era preciso, primeiramente, dar uma satisfação ao defunto, do qual eles tinham tudo a temer: ele não havia sido vingado; eles deviam, portanto, de qualquer jeito, levar alguém à morte e isso deveria ser, de preferência, o autor voluntário ou involuntário, pouco importa, dessa infelicidade. Por outro lado, o missionário jamais teria conseguido fazê-los

compreender que se tratava de um acidente. Eles teriam sempre perguntado: porque a lança, ricocheteando, foi cair justo no pescoço do velho e não mais além ou aquém dele? Como isso foi acontecer justamente com a lança de um curandeiro? E quanto à ausência de qualquer intenção de assassinato, como torná-la evidente? Só se pode presumi-la; o que seria prevalecer contra o fato. Aliás, a intenção poderia muito bem existir no autor do acidente, inconscientemente. Os feiticeiros não têm necessariamente consciência da ação mortal que eles exercem. Este poderia então negar sua intenção de boa-fé, mas sua negação não tinha nenhum valor aos olhos dos nativos.

Na Nova Guiné, um homem é ferido com uma lança, na caça, por um de seus companheiros.

> *Seus amigos chegam e lhe perguntam quem o havia enfeitiçado; pois não há lugar para "acidentes" na concepção de mundo dos Papuas. Todos o atormentaram para que dissesse quem havia lhe jogado um feitiço, pois eles estavam certos de que o ferimento sozinho não era suficiente para causar sua morte, mas não estavam tão certos de que ele não iria morrer e não pararam de lhe dizer isso... embora ele tivesse perdido a consciência no final, não tivesse respondido às perguntas de seus amigos, nem revelado quem o havia enfeitiçado. Sua cólera se voltou então contra as pessoas de Oreresau e contra o homem que tinha atirado a lança.*[47]

Portanto, eles só se voltaram contra este homem em último lugar e, por assim dizer, em desespero de causa e como um mal menor. Se o ferido tivesse dado a mínima indicação sobre o autor do malefício, quem o havia ferido ficaria impune: ele só era visto como o instrumento do feiticeiro, tão pouco responsável quanto a própria

lança.

Por outro lado, a pouca gravidade do ferimento não impede de declará-lo mortal. O que faz perecer o ferido não é a dilaceração dos tecidos provocada pela lança; foi o malefício que o condenou (*dooming* dos australianos). Percebe-se aqui, vivamente, a pré-ligação que torna inconcebível, para a mentalidade primitiva, a noção de fortuito.

Também na Nova Guiné: "uma árvore cai. Foi um feiticeiro que a fez cair, mesmo que a árvore estivesse toda podre ou se uma rajada de vento a quebrou. Um homem sofreu um acidente: foi a ação do Werabana etc."[48]

Observações bem semelhantes foram recolhidas em outras sociedades inferiores. Por exemplo, na África equatorial.

> *Em 1876, um chefe, Akele Kasa, foi atacado por um elefante que ele havia ferido e foi perfurado por suas presas. Seus companheiros separaram o animal e, apesar de seus graves ferimentos, o homem sobreviveu o suficiente para acusar doze de suas mulheres e seus escravos de terem enfeitiçado seu fuzil, de maneira a só ferir o elefante, em vez de matá-lo.*[49]
>
> *Durante uma caça ao elefante, um chefe chamado Nkoda foi atingido por um elefante fêmea ferido que o ergueu do chão com sua tromba e o empalou com uma de suas presas... Terríveis foram as lamentações de seus companheiros... Todo o distrito foi reunido diante do "nganga Nkissi" que iria decidir se o elefante estava possuído pelo diabo ou tinha sido enfeitiçado por algum inimigo do defunto, ou, enfim, se era o caso de Diambudi nzambi (de vontade do grande espírito).*[50]

Nestes dois casos, a posição da vítima exige que sua morte seja vingada e sobretudo ela é uma forte presunção em favor da hipótese de um malefício. Porque o fuzil do chefe falhou? Certamente ele sofreu uma influência malfazeja. Da mesma forma, o elefante ferido não poderia ter ferido justamente o outro chefe, se ele não tivesse sido "enviado" por alguém. Quanto maior a infelicidade e quanto mais a pessoa é sagrada, menos admissível é a suposição de um acidente.

Na mente do nativo, geralmente ela nem mesmo se apresenta. Assim,

> *Uma canoa de Vivi ocupada por seis pessoas descia o Congo... Contornando a ponta onde mais tarde foi construída nossa estação de Underhill, a canoa foi tomada por um turbilhão, se encheu de água e afundou. Os nativos decidiram que a feitiçaria que tinha causado um acidente tão terrível assim não era uma feitiçaria comum e era preciso responder a isso com medidas apropriadas. Para cada homem afogado três feiticeiros deveriam morrer; de sorte que dezoito pessoas iam ser mortas por causa do acidente que havia afogado seis.*
>
> *Nesse distrito era desta maneira que se respondia à morte das pessoas importantes ou às mortes acontecidas em circunstâncias extraordinárias.*[51]

> *Um homem entra num vilarejo e coloca seu fuzil no chão. Um tiro sai e mata uma pessoa. O fuzil é apreendido pela família da vítima. Ele vale vários escravos e seu proprietário pode ter comprá-lo de volta, mesmo se fosse seu próprio irmão. Quando não há um fuzil a apreender, o autor do homicídio acidental é acorrentado como um escravo e*

preso como se fosse um assassino. Às vezes, as autoridades nativas, em vez de apreender o autor do acidente ou seu fuzil, o proclamam inocente e vão procurar o feiticeiro para descobrir o feiticeiro que foi o verdadeiro causador da morte. Segundo eles, é sobre ele que deve pesar toda a responsabilidade. Eles empregam aqui uma comparação retirada da caça. O caçador que primeiro feriu um veado tem direito a ele, mesmo se foi um outro que o abateu. Este, só fez __ de alguma forma __ "encontrar" a caça do primeiro caçador. Da mesma forma, o homicida acidental só fez "encontrar" ou abater a vítima que o feiticeiro já havia matado. O homicídio não foi a causa, mas somente a ocasião da morte. Outros sustentam que o homicida tem razão em protestar sua inocência e afirmar que ele próprio é vítima de um feiticeiro, mas deve pagar uma indenização. Eu vi, uma vez, dois homens que estavam sendo julgados por causa de uma desordem cometida quando estavam embriagados. A pessoa que lhes havia fornecido a cerveja tinha sido citada igualmente e tinha medo de que a acusassem de ter enfeitiçado a cerveja. Um terror muito profundo podia ser percebido pela sua fala. Quem sabe se ele próprio e sua cerveja não tinham sido enfeitiçados e servido de instrumentos para outra pessoa? [52]

É evidente que, para mentes assim, a hipótese de um acidente é a última que se apresentaria, ou melhor, não se apresentará jamais. Se isso for sugerido a elas, elas o repelirão, pois estão certas de que o que nós chamamos de fortuito tem uma causa mística e que elas têm todo interesse em descobri-la, se ela não se revelar prontamente.

Entre os Ovambos (África alemã ocidental), o chefe

Kanime quis adestrar um boi para o trabalho. No momento em que tentava lhe furar as narinas, o animal subitamente cravou o chifre num olho de um dos nativos. Logo disseram: "O homem que perdeu o olho estava enfeitiçado". Foram procurar o feiticeiro, a quem cabia encontrar o autor do sortilégio e que, com efeito, designou um dos servidores de Kanime como o culpado. Este, condenado à morte, fugiu. Kanime o perseguiu de cavalo, o alcançou e o matou.[53]

No ano seguinte,

um de meus vizinhos foi, numa bela manhã, tranquilo e disposto, à caça às rãs, que eles gostam muito. Afiando sua lança ele se feriu no braço com um ferimento profundo, perdeu muito sangue e acabou por morrer de hemorragia... Três dias após, os feiticeiros começaram a procurar quem tinha enfeitiçado este homem. Eu me opus a isso. Mas, me responderam: "Se nós não descobrirmos o ***omulodi*** *e não o matarmos, podemos todos morrer". A pedido dos missionários, o chefe interveio, mas logo ele se aproveitou de sua ausência para deixar executar o culpado.*[54]

Essa interpretação da maior parte dos acidentes é tão natural aos olhos dessas tribos africanas que, mesmo onde os missionários se esforçam há muito tempo em combatê-la, eles são impotentes para dissuadir os indígenas. Veja os lamentos do Sr. Dieterlen, em 1908, entre os Bassutos:

No último mês, um raio atingiu a casa de um homem conhecido meu, matou sua mulher, feriu seus filhos e queimou tudo o que lhe pertencia. O raio, ele sabe bem que vem das nuvens e que as nuvens são inacessíveis à mão do homem.

Mas lhe disseram que esse raio lhe tinha sido enviado por um vizinho que lhe queria mal; ele acreditou nisso, continua acreditando e acreditará sempre.

No último ano, os gafanhotos se abateram sobre os campos do jovem chefe Mathé-a-lira, que recebeu uma instrução escolar bem extensa e por muito tempo frequentou os serviços religiosos de nossos templos. O que adiantou? Ele atribui essa invasão de gafanhotos aos malefícios de seu irmão Tesu, que lhe disputa o direito de primogenitura e a sucessão ao trono do distrito de Léribé.

Uma jovem viúva morreu há quinze dias, a um quilômetro daqui, vítima de uma doença íntima, provavelmente devido à sua má conduta. Mas não! Essa doença, foi um homem que ela havia recusado que lhe transmitiu, dando-lhe um punhado de maconha para fumar. Sua mãe é cristã e eu lhe expliquei que tal coisa não era possível. Ela não acreditou em mim e nutre um ressentimento contra aquele que ela considera como o assassino de sua filha.[55]

Se o acidente é feliz em vez de funesto, a reação do primitivo permanecerá, no entanto, a mesma. Ele verá nele a ação das potências místicas e geralmente ficará assustado. Qualquer felicidade, qualquer sucesso extraordinário é suspeito. Diz o Major Leonard:

Acontece frequentemente que dois grandes amigos vão à pesca juntos e que um deles __ por acaso ou porque é mais hábil __ pega muito mais peixe do que o outro. Infelizmente, por causa disso ele colocou, sem saber, sua própria vida em

perigo. Ao retornar à aldeia, o pescador malfadado vai logo consultar um feiticeiro, para saber por que seu amigo pegou mais peixe do que ele. O "doutor" atribui imediatamente a causa disso à magia. Está assim semeada a semente de uma querela e de morte: o amigo devotado de toda hora muda repentinamente em um inimigo ardente, que fará tudo o que lhe for possível para propiciar a morte daquele que ele amava pouco antes.[56]

Diz Monteiro:

Durante minha estadia em Ambrizette, três mulheres Cabindas foram pegar água no rio. Elas enchiam seus potes, uma após a outra, quando a do meio foi puxada por um crocodilo, afundada na água e devorada. A família dessa pobre mulher acusou imediatamente as duas outras de terem lhe jogado um feitiço e de terem feito a mulher do meio ser puxada pelo crocodilo. Eu as repreendi e tentei lhes mostrar o profundo absurdo de sua acusação, mas eles me responderam: "Porque o crocodilo escolheu justamente a do meio e não uma das outras duas que estavam ao lado?" Foi impossível fazer com que abandonassem essa ideia. As duas mulheres foram obrigadas a beber "casca" (calvário por envenenamento). Eu não soube o fim o fim disso, mas o mais provável é que uma delas ou as duas tenham perecido ou transformadas em escravas.[57]

Monteiro não vê que, no pensamento dos nativos, o que se passou não pode ser um acidente. Primeiramente, os crocodilos, por eles mesmos, não atacariam essas mulheres. Foi preciso então que isso tenha sido incitado por alguém. Depois, ele sabia muito bem

qual das três mulheres ele devia puxar para a água. Ela tinha sido entregue a ele. A única questão que se colocava era saber por quem... Mas o fato fala por si. O crocodilo não tocou nas duas mulheres que estavam ao lado, ele escolheu a do meio. Foi então porque as duas primeiras a tinham "entregado". O calvário a que elas foram submetidas não tinha o objetivo de esclarecer uma dúvida, que mal existia, mas sim descobrir propriamente o princípio de enfeitiçamento que estava nelas e exercer sobre ele uma ação mística que o impedisse de prejudicar alguém dali por diante.[58]

Eis, na mesma região, outro fato parecido:

> *Na mesma noite, subindo o rio, Ewangi foi arrastado de usa canoa por um crocodilo e não foi mais visto. A notícia do acidente foi levada até a aldeia de Dido. Canoas de guerra foram enviadas até o local do evento. Um dos homens que estavam com Ewangi na canoa, no momento de sua morte e o homem que morava às margens do rio naquele lugar foram presos, acusados de bruxaria e condenados à morte.*[59]

Com efeito, *não há acaso*: a ideia de acidente nem mesmo vem à mente dos nativos, enquanto que a ideia de malefício está, pelo contrário, sempre presente. Ewangi tinha sido "entregue". Não há mais o que procurar: aqueles que o acompanhavam e que foram poupados pela besta feroz, ou aquele que estava nas vizinhanças de onde ela vivia, eram certamente os culpados.

§4. Como essa mentalidade explica os malfeitos dos crocodilos-feiticeiros.

Índice

Para entrar aqui completamente no pensamento desses nativos,

é preciso saber que, segundo eles, crocodilos e jacarés são naturalmente inofensivos. O ser humano não tem nada que temer deles. Sem dúvida, em certos lugares onde eles pululam e onde os acidentes acontecem com muita frequência, essa convicção acaba por ser abalada e precauções são tomadas. Assim, na África oriental alemã, "como os crocodilos são em número incrível, geralmente não se ousa buscar água diretamente no rio Ruhudge, mas constrói-se um tipo de paliçada e retira-se água de cima da margem, que é bem escarpada, por meio de vasos suspensos em longas tiras de bambu"[60]. A mesma coisa acontece no alto Shiré, no rio Quanza[61]. Mas este caso é excepcional. Em geral, os nativos não temem se aproximar das margens dos rios e nem mesmo se banhar neles nas proximidades de crocodilos. Seu sentimento é, aliás, compartilhado por certo número de europeus. Já Bosman escrevia: "Em todo tempo que estive aqui, jamais ouvi dizer que alguém ou um animal tenha sido devorado... Há uma horrível quantidade dessas bestas em todos os rios do país... Na água, eu não gostaria de confiar neles, embora eu nunca tenha ouvido falar que tenha acontecido uma desgraça deste tipo"[62].

O Sr. Von Hagen, em dois anos de permanência nos Camarões, só conheceu três casos em que pessoas foram atacadas por crocodilos, mesmo com os nativos se banhando e nadando no rio e, durante a estação seca, chafurdando nas lagunas[63]. As mesmas crenças existem no lado ocidental da África.

> *Dizem que no rio Gallenhas (entre Sherbro e Cap Mount) onde os crocodilos abundam, ninguém se lembra de que eles tenham feito algum mal a alguém, mesmo que os nativos estejam frequentemente na água, até há alguns anos, quando um navio negreiro cruzou a entrada do rio[64]...*

Bentley pensava que, tomando as precauções necessárias, não se corria grande perigo. Os crocodilos são muito arredios e não se expõem facilmente. O ruído que faz uma dezena de jovens gritando, mergulhando, se divertindo, basta amplamente para manter os crocodilos à distância. Mas, se um deles se aventura sozinho na água, uma desgraça é possível[65]. Se essa desgraça acontece, como o nativo a interpretará? Acusará sua própria imprudência ou mudará de opinião sobre os costumes do crocodilo? Pensará que foi um acidente? Ele o faria, sem dúvida, se raciocinasse como nós. De fato, ele nem mesmo pensa nisso. Ele já tem sua explicação pronta e ela é de um tipo muito diferente. Diz Bentley:

> *Nos distritos em que os crocodilos abundam, acredita-se que os feiticeiros se metamorfoseiam às vezes em crocodilos, ou entram nesses animais para conduzi-los e, assim, causam a morte de sua vítima, agarrando-a. Nos lugares onde os leopardos são comuns, os feiticeiros podem se fazer de leopardos. Os nativos afirmam, geralmente de uma maneira positiva, que o crocodilo em si é inofensivo. Eles acreditam tanto nisso que, em alguns lugares, eles entram sem hesitar no rio para supervisionar suas armadilhas para peixes. Se um deles é devorado por um crocodilo, eles fazem uma reunião para descobrir o feiticeiro, o matam e seguem em frente.*
>
> *Em Lukunga, numa das estações da missão batista americana, um grande crocodilo saiu do rio para atacar o chiqueiro de porcos durante a noite. Os porcos, sentindo o cheiro do réptil, fizeram um escarcéu tamanho que o missionário Sr. Ingham se levantou e matou o crocodilo com um tiro de fuzil. De manhã, ele o abriu e encontrou em seu estômago dois anéis de tornozelo. Logo eles foram*

reconhecidos como tendo pertencido a mulheres que desapareceram em datas diferentes, quando foram buscar água no rio. Eu cheguei a essa estação alguns dias após e um de meus empregados congoleses, que estava comigo, sustentou ferrenhamente que o crocodilo não havia devorado as mulheres. Ele queria dizer que os crocodilos jamais fazem isso. "Mas, então; e os anéis? Neste caso, eles não eram uma prova palpável de que o crocodilo havia comido as mulheres?" "Não! Ele as capturou e passou para o feiticeiro, do qual ele era o instrumento". Quanto aos anéis, ele argumentou que o crocodilo os havia pegado como pagamento de seu salário. O que fazer com miolos possuídos pelo diabo como esses?[66]

Bentley ficou indignado com o que ele viu como uma obstinação irritante em negar a evidência. Mas trata-se de algo bem diferente. Isso é simplesmente um caso particular de "impermeabilidade à experiência", que caracteriza a mentalidade dos primitivos, quando representações coletivas ocupam suas mentes previamente. De acordo com essas representações, onde o papel das causas secundárias é negligenciável, a causa verdadeira sendo de ordem mística, o crocodilo que comete um ato insólito e que devora uma pessoa não pode ser um animal como os outros: ele é necessariamente o instrumento de um feiticeiro, ou é o próprio feiticeiro.

A superstição dessa pobre gente é tanta que, quando acontece uma desgraça assim, eles se voltam para os feiticeiros. Tomados por essa loucura, eles não querem nem mesmo se dar ao trabalho de fechar a parte do rio onde se lavam continuamente suas mulheres e crianças e onde se

tornam presas desses terríveis tiranos das águas.[67]

No alto Zambèze,

> *dizem que há curandeiros que praticam a medicina dos crocodilos. Se alguém roubar os bois de um desses curandeiros, ele vai até o rio. Quando ele chega lá, ele diz: "Crocodilo, venha até aqui. Vá me buscar quem matou meu gado". O crocodilo ouve. Quando chega a manhã, esse homem fica sabendo que um crocodilo matou alguém no rio. Ele diz: "Foi o ladrão!"*[68]

Daí em diante, cada acidente novo, em vez de abalar a convicção do nativo, lhe servirá, pelo contrário, de nova prova. Ele procurará o feiticeiro, o encontrará, o punirá e as reprimendas do europeu lhe parecerão mais absurdas do que nunca.

> *Dois homens foram levados por crocodilos. No entanto, os nativos afirmam que não é hábito dos crocodilos levarem pessoas. Por consequência, estes eram crocodilos-feiticeiros e era o chefe, o senhor do distrito, que era o autor da feitiçaria... Naturalmente, ele protesta inocência; mas é forçado a beber o veneno da prova para prová-la e o canalha do "doutor" preparou uma dose fatal... Não pudemos fazer nada.*[69]

Representações coletivas muito semelhantes foram constatadas na Nova Guiné (Woodlark Island).

> *Maudega, uma mulher de Awetau, em Murua, fez uma visita ao vilarejo vizinho de Nabudau e, ao retornar, trouxe com ela a filha de Boiami, o chefe de Nabudau. A criança foi, infelizmente, levada por um crocodilo e, para se vingar,*

Boiami, com seus filhos e outros homens de sua aldeia, mataram Maudega e três de seus parentes... Diante do tribunal, os filhos fizeram a seguinte declaração: "É verdade que matamos essas pessoas... Maudega levou minha irmã para sua aldeia. Enquanto esteve aqui, ela enfeitiçou um crocodilo e fez com que ele saísse da água para levar minha irmã e a devorasse."[70]

A ideia de um acidente nem mesmo passou pela cabeça da família da vítima. O crocodilo só podia ser um instrumento. Um pouco a frente, o Sr. Murray relata que

> *os crocodilos são um grande perigo para os fugitivos e que há uma crença difundida numa parte do golfo dos Papuas, segundo a qual os crocodilos seriam aliados da administração. Ela se fundamenta no fato de que um prisioneiro evadido foi cruelmente mutilado por um desses animais ao atravessar um rio... No entanto, os crocodilos não estão todos a serviço do governo. A grande maioria deles permanece fiel aos feiticeiros e não atacará uma pessoa, a menos que um feiticeiro lhe tenha ordenado. Uma vez, eu tive que atravessar um rio que diziam estar cheio de crocodilos e perguntei a um velho nativo que me acompanharia se ele não tinha medo. Ele me respondeu: "Não. Um crocodilo jamais o tocará a menos que alguém tenha feito* ***puri-puri*** *contra o senhor (que o tenha enfeitiçado). E se alguém fez isso, o senhor está perdido de qualquer maneira. Ele "pegará" o senhor de uma maneira ou de outra; se não for por intermédio do crocodilo, será de outra maneira qualquer. De sorte que os crocodilos não têm realmente nenhuma importância.*[71]

O perigo está em outro lugar. Do animal mesmo, não há nada a temer. Se ele ataca, é porque a pessoa tinha sido "entregue".

Se procurarmos precisar como os nativos representam as relações entre o feiticeiro e o animal, nos chocaremos com uma dificuldade intransponível. Seu pensamento não tem a mesma exigência lógica que o nosso. Ele é regido __ tanto neste caso como em muitos outros __ pela lei de participação. Ela estabelece entre o feiticeiro e o animal uma relação tal que o feiticeiro se torna o crocodilo, sem, no entanto, se confundir com ele. Sob o ponto de vista da contradição, é preciso uma de duas coisas: ou que o feiticeiro e o animal se tornem um só ou que eles sejam dois seres distintos. Mas a mentalidade pré-lógica se acomoda com as duas afirmações ao mesmo tempo. Os observadores sentem muito bem esse caráter da participação, mas eles não têm como exprimi-lo. Eles insistem tanto na identidade quanto na distinção entre os dois seres: a própria confusão de sua linguagem é significativa. Assim,

> *Atribui-se aos **balogi** (feiticeiros) o poder de 'metempsicosar' os mortos em uma serpente, um crocodilo etc. Essa metempsicose acontece geralmente para o crocodilo; desta forma, esse monstro, sem ser um deus e nem mesmo um espírito, é respeitado e temido. Ele só age com a pessoa que operou a mudança; há, por assim dizer, entre eles dois, um pacto secreto e um entendimento inteligente. A pessoa ordenará o crocodilo buscar alguém e ele vai e não se enganará... O que acabamos de dizer explica porque após alguém ter sido levado por um crocodilo, sempre se procura em primeiro lugar o **mulogi** que despachou o monstro e ele é sempre considerado culpado. Sua sorte é rapidamente traçada.*[72]

Entre os Bangala, “jamais um crocodilo faria isso (derrubar uma canoa para arrastar uma pessoa) sem que tivesse recebido ordem de um **moloki** (feiticeiro) ou se o **moloki** não tivesse entrado no animal para cometer o crime[73]. O missionário vê então as duas hipóteses separadamente, enquanto que aos olhos dos nativos __ de uma maneira, aliás, incompreensível para nós __ elas são apenas uma.

No Gabão, diz um excelente observador, o Sr. Le Testu:

> *a superstição do homem-tigre não é menos obscura do que a do enfeitiçamento. Ela se apresenta sob duas formas. Num caso, o tigre (entenda-se leopardo ou pantera), o tigre autor do crime é um animal verdadeiro, que pertence a um indivíduo, lhe obedece e executa suas ordens; esse tigre é passado para os herdeiros como um bem mobiliário qualquer. Um sujeito __ dizem __ tem um tigre. No outro caso, o animal não passa de uma encarnação de algum tipo; mas não se sabe se é o homem que assume a figura de besta e esta, não passa, portanto, de uma aparência ou se ela é a encarnação propriamente dita de uma pessoa num animal verdadeiro... A ideia que os nativos fazem do homem-tigre é extremamente obscura.*[74]

O major Leonard apresenta as coisas de outra forma.

> *A idosa mulher de Utshi foi acusada de ter feito com que Oru morresse, enviando seu espírito para o crocodilo que o devorou e não, como se poderia supor, se metamorfoseando ela mesma, corpo e alma, nesse animal. Pois a impossibilidade disso, neste caso pelo menos, ressalta evidentemente do fato de que cinco outras mulheres foram*

igualmente acusadas. Aos olhos dos nativos, um grande número de espíritos podem se ligar a um único objeto ou entrar no corpo de um único animal, mesmo que não façam isso comumente.[75]

Mas, eis a narrativa de um nativo, de sua própria boca:

> *Pode acontecer que, enquanto o sol está acima do horizonte, o senhor esteja bebendo vinho de palma com um homem, sem saber que um espírito maligno está nele (ele mesmo pode não saber disso). Ao anoitecer o senhor ouve o grito de Nkole! Nkole! (crocodilo) e o senhor fica sabendo que um desses monstros apareceu na água barrenta perto da margem do rio e arrastou uma pobre vítima que tinha ido ali pegar água. À noite o senhor acorda com cacarejos de terror no seu galinheiro e percebe de manhã que sua provisão de aves diminuiu seriamente após a visita de um* ***muntula*** *(gato selvagem). Pois então! O homem que bebeu com o senhor o vinho de palma, o crocodilo que levou o aldeão imprudente e o ladrãozinho das suas galinhas, são apenas um único indivíduo, possuído por um espírito maligno.*[76]

A participação está aqui muito claramente sugerida. Basta para o nativo que ele a sinta como real, sem que ele se pergunte como isso seja possível.

§5. Como ela interpreta tudo o que é insólito.

Índice

Como não existe acaso e como, por outro lado, a mentalidade primitiva não se interessa em pesquisar as condições sob as quais um fato se produz ou não se produz, resulta que o que é inesperado,

insólito, extraordinário, é recebido por ela mais com emoção do que surpresa. A noção de insólito ou extraordinário, sem ser definida expressamente como em nosso conceito, é, no entanto, muito familiar à mentalidade primitiva: é uma dessas noções ao mesmo tempo gerais e concretas, como **mana**, **orenda**, **psila** etc. cujas características eu analisei em outro lugar[77].

O insólito pode ser relativamente muito frequente e a indiferença da mentalidade primitiva pelas causas secundárias é compensada, por assim dizer, por uma atenção sempre alerta para a significação mística de tudo o que a impressiona. Assim, os observadores frequentemente destacaram que o primitivo que, estritamente falando, não se espanta com nada, é, no entanto, muito emotivo. A ausência de curiosidade intelectual é acompanhada nele por uma extrema sensibilidade à aparição de qualquer coisa que o surpreenda.

Também é preciso distinguir, dentre os fatos insólitos, aqueles que acontecem raramente, mas que já possuem, no entanto, seu lugar nas representações coletivas e aqueles que aparecem fora de qualquer previsão. Por exemplo, o nascimento de gêmeos é um fenômeno geralmente raro, mas, no entanto, conhecido. Em quase todas as sociedades inferiores, ele dá lugar a uma série de ritos e de práticas: uma pré-ligação imperiosa determina como é preciso agir nesse caso, para afastar os perigos que esse fenômeno pode assinalar ou ser causa. A mesma coisa acontece para os eclipses do sol ou da lua. Mas, em presença de fatos inteiramente inesperados, a conduta a ser seguida não é traçada antecipadamente. Quando isso acontece __ e acontece muito frequentemente __ como a mentalidade primitiva é afetada? Ela não é pega de surpresa. Ela logo reconhece nisso uma manifestação de potências ocultas (espíritos, almas dos mortos,

ações mágicas etc.) e interpreta, em geral, como o anúncio de grandes desgraças.

***

Capítulo II

As potências místicas e invisíveis.

§1. Características próprias do mundo em que se move a mentalidade primitiva. Sua experiência imediata mais rica __ num certo sentido __ do que a nossa. O mundo visível e o outro mundo formam um só.

Índice

Após o que foi exposto no capítulo precedente, estamos mais capacitados, achamos, a compreender porque a mentalidade primitiva não se preocupa em procurar saber o que chamamos de causas dos fenômenos. Essa falta de curiosidade não provém de um torpor intelectual e nem de uma fraqueza mental. A bem dizer, isso não é uma falta; não é, segundo a expressão escolástica, uma razão deficiente ou negativa. Há uma razão real e positiva. Ela é a consequência imediata e necessária do fato de que os primitivos vivem, pensam, sentem, se movem e agem num mundo que, em inúmeros pontos, não coincide com o nosso. Por consequência, muitas das perguntas que a experiência nos inspira, não existem para eles, pois eles já as responderam antecipadamente, ou melhor, porque seu sistema de representações é tal que essas questões não têm interesse, sob seu ponto de vista.

Eu expus em outro lugar as razões que se tem para considerar essa mentalidade como “mística” e “pré-lógica”. É difícil extrair um

sentimento exato disso. A mente dos europeus __ mesmo aquela dos mais imaginativos, a dos mais puros poetas ou metafísicos __ é prodigiosamente positiva, em comparação com a dos primitivos. Para nos curvarmos a uma atitude tão contrária àquela que nos é natural, seria preciso violentar nossos hábitos mentais mais enraizados, fora dos quais __ achamos __ não poderíamos mais pensar.

Para a mentalidade primitiva, pré-ligações __ que não têm menos força do que nossa necessidade de ligar todo fenômeno às suas causas __ estabelecem, sem hesitação possível, a passagem imediata de uma percepção sensível a uma força invisível. Melhor dizendo, não se trata propriamente de uma passagem. Este termo convém para nossas operações discursivas; ele não exprime exatamente o modo de agir da mentalidade primitiva, que mais parece uma apreensão direta ou uma intuição. No exato momento em que ele percebe o que chega a seus sentidos, o primitivo faz a representação da força mística que se manifesta desta forma. Ele não "conclui" uma coisa da outra, da mesma forma que não "concluímos" da palavra que ouvimos o sentido desta palavra. De acordo com a observação apurada de Berkeley, nós realmente entendemos esse sentido ao mesmo tempo em que percebemos a palavra, da mesma forma que lemos a simpatia ou a cólera no rosto de uma pessoa, sem precisar perceber primeiramente os sinais dessas emoções para interpretar depois esses sinais. Não é uma operação que acontece em dois tempos. Ela é feita em um único golpe. Neste sentido, as pré-ligações equivalem a intuições.

Sem dúvida que esse tipo de intuição não faz com que o invisível seja visto, nem que o impalpável seja tocado: ela não pode ter como efeito dar a percepção sensível ao que não cai sob a ação

dos sentidos. Mas ela proporciona uma fé total na presença e na ação das forças invisíveis e inacessíveis aos sentidos e essa certeza iguala __ se é que não ultrapassa __ aquela dos sentidos. Para a mentalidade pré-lógica, esses elementos da realidade __ de longe, os mais importantes, aos seus olhos __ não são menos atualmente dados do que os outros. São eles que dão sentido ao que acontece. Mais vale mesmo dizer que, a rigor, não se pode dizer que o que acontece precise ter sentido. Pois, ao mesmo tempo em que acontece, a mentalidade pré-lógica faz a representação da influência invisível que se manifesta desta forma. Realmente, quando se tratar dela, podemos dizer que o mundo que a rodeia é uma linguagem que os espíritos utilizam entre si. Linguagem que ela não se lembra de ter aprendido e que as pré-ligações de suas representações coletivas lhe tornam *natural*.

Sob este ponto de vista, a experiência dos primitivos deve parecer mais complexa e mais rica em conteúdo do que a nossa. Esta ideia parece inicialmente quase ridícula quando se compara a pobreza aparente de sua vida mental com a atividade da nossa; não dissemos mesmo que eles se dispensam de pensar sempre que podem e a reflexão mais simples lhes provoca uma fadiga insuportável? Mas o paradoxo se atenua e se torna aceitável se acrescentamos que se trata de sua experiência "imediata". Nossa experiência é composta, em seu conjunto, de dados em número relativamente pequeno e de uma infinidade de induções. A experiência da mentalidade primitiva contém, pelo contrário, uma pequena proporção de induções; mas ela comporta muitos dados imediatos aos quais nós recusamos um valor objetivo, embora eles sejam, aos seus olhos, tão reais e até mesmo mais reais do que aqueles fornecidos pelos sentidos.

É mesmo a superabundância desses dados místicos e a presença de pré-ligações imperiosas entre os dados sensíveis e as influências invisíveis, que tornam inúteis as induções pelas quais nossa experiência se desenvolve e que impedem a experiência de se enriquecer na mentalidade primitiva como na nossa. Quando alguma coisa de novo se apresenta a nós, sabemos que temos que procurar uma explicação e que o número de problemas vai aumentar para nós, ao mesmo tempo em que nosso saber aumenta. Pelo contrário, em toda ocorrência, a mentalidade primitiva já sabe tudo o que ela precisa. No fato insólito ela logo lê a manifestação de uma força invisível. Por outro lado, ela não é orientada, como nosso pensamento, rumo ao conhecimento propriamente dito. Ela ignora os benefícios e a utilidade do saber. Suas representações coletivas são sempre, numa grande parte, de natureza emocional. Seu pensamento e sua linguagem são pouco conceituais e é por aí que a distância que a separa de nós seja talvez mais facilmente mensurável.

Em outros termos, sua vida mental (e, por consequência, suas instituições) depende do fato essencial de que, em suas representações, o mundo sensível e o outro mundo são um só. O conjunto dos seres invisíveis é inseparável, para eles, do conjunto dos seres visíveis. Ele não está menos imediatamente presente do que o outro; ele é mais ativo e mais temível. Por consequência, ele ocupa sua alma inteira e impede sua mente de aprofundar, por pouco que seja, através da reflexão, os dados que chamamos objetivos. Para que serve isso, já que a vida, o sucesso, a saúde, a ordem da natureza, tudo enfim, depende em cada instante das potências místicas? Se o esforço humano pode alguma coisa, ele não deve ser empregado antes de tudo para interpretar, regularizar e, se possível, até mesmo provocar as manifestações dessas potências? Esta é, com

efeito, a via por onde a mentalidade primitiva tentou desenvolver sua experiência.

§2. O papel atribuído aos malefícios dos feiticeiros, aos espíritos e às almas dos mortos.

Índice

Pode-se listar sumariamente em três categorias __ que se entrecruzam frequentemente __ as influências invisíveis que constantemente preocupam a mentalidade primitiva: são os espíritos dos mortos (a palavra espírito tomada num sentido bem amplo), os espíritos que animam os objetos naturais, os animais, os vegetais e os seres inanimados (rios, rochas, mar, montanhas, objetos fabricados etc.) e, por fim, os encantamentos e sortilégios provenientes da ação dos feiticeiros. Às vezes, a distinção entre estas categorias é bem nítida. Assim, segundo o Sr. Péchuël-Loesche, em Loango, os curandeiros operam com espíritos que animam os objetos fetiches, mas por nada no mundo eles gostariam de ter qualquer assunto com os espíritos dos mortos, dos quais eles têm pavor. Em outros locais, as ideias são menos nítidas __ ou as observações menos precisas __ e a transição parece imperceptível entre os espíritos dos mortos e os outros seres invisíveis. Mas, em toda parte, ou quase, nas sociedades inferiores, essas influências místicas são dadas de imediato e as pré-ligações, onde elas entram como elemento dominador, se impõem às representações coletivas. O fato é bem conhecido e eu me limitarei a lembrá-lo em alguns exemplos.

Nas tribos papuas da Nova Guiné alemã, que foram conscienciosamente estudadas na obra publicada pelo Dr. Neuhauss, “a feitiçaria desempenha um papel ainda mais considerável do que o medo dos espíritos. Se não chove, ou se chove muito, se as colheitas

não prosperam, se os coqueiros não produzem, se os porcos morrem, se a caça e a pesca falham, se a terra treme, se uma onda varre uma aldeia na costa, se acontece uma morte ou uma doença, nunca as causas naturais bastam, sempre há feitiçaria por detrás"[78]. De acordo com os Kai, ninguém morre de morte natural. Até para as pessoas idosas eles consideram que a morte é um encantamento e o mesmo vale para todos os males que acontecem. Uma pessoa sofre uma queda mortal? Foi um feiticeiro que a fez cair. Uma outra foi ferida por um javali, picada por uma serpente? Também foi um feiticeiro. É ele também que, à distância, pode fazer com que uma mulher morra no parto etc.[79]

Paralelamente, na maior parte das sociedades primitivas, a feitiçaria está sempre pronta para fazer um mal ou afligir um dano. É uma "possibilidade permanente" de malefício que se aproveita de todas as oportunidades para agir. Essas ocasiões não são em número definido; é impossível abrangê-las antecipadamente em sua totalidade. É no próprio momento em que o sortilégio age, que ele se manifesta; quando se vê, o mal já está feito. De sorte que, a inquietude contínua em que vive o primitivo pouco lhe permite, no entanto, prever ou tentar prevenir o mal que vai atingi-lo. A apreensão com a feitiçaria está perpetuamente presente em sua vida, mas ele não tem certeza de ser sua vítima. Esta é uma das razões __ e não é a menos forte __ que explicam a raiva dos primitivos pelos feiticeiros, quando ele é descoberto. Para eles, não se trata somente de punir os malefícios passados que eles sofreram e que eles não sabem nem o número nem a extensão. Eles querem também e principalmente suprimir antecipadamente o que o feiticeiro poderia fazer contra eles no futuro. O único meio que eles veem para isso e que está em seu poder é matar o feiticeiro __ em geral jogando-o na

água ou queimando-o __ o que, no mesmo ato, aniquila o espírito maligno que reside nele e que age por seu intermédio[80].

Inumeráveis são os malefícios que pode empregar o feiticeiro. Ele condenou (*doomed*) o indivíduo se ele se apoderou de alguma coisa que lhe pertenceu e que, por participação, é o próprio indivíduo (por exemplo, seus cabelos, aparas de unhas, seus excrementos, sua urina, suas pegadas, sua sombra, sua imagem, seu nome etc.) e, através de certas práticas mágicas exercidas sobre essa parte do indivíduo, ele o fará perecer. Ele poderá fazer sua canoa afundar ou seu fuzil falhar. Ele pode abri-lo à noite e, enquanto dorme, roubar seu princípio vital, retirando-lhe a gordura dos rins. Ele poderá "entregá-lo" a um animal selvagem, a uma serpente ou a um inimigo. Ele poderá fazer com seja esmagado por uma árvore ou uma pedra que cairão em sua passagem. E, por aí vai, até o infinito. Se for preciso, o feiticeiro se metamorfoseará em um animal. Já vimos que na África equatorial os crocodilos que levam as vítimas humanas jamais são animais comuns, mas instrumentos dóceis dos feiticeiros, ou até mesmo crocodilos-feiticeiros. Na Guiana Inglesa, "um jaguar que mostra uma audácia incomum, se aproximando das pessoas, geralmente paralisará um caçador, mesmo valente, com o pensamento de que ele pode ser um tigre-Kanaïma". Esse tigre, imagina o nativo, se é um animal comum, eu posso matar com uma bala ou uma flecha, mas no que eu vou me transformar se eu ataco o matador de gente, o terrível Kanaïma? Muitos nativos pensam que esses animais-Kanaïma são possuídos pelos espíritos de homens dados a atos de assassinato e canibalismo[81] (crença semelhante àquela constatada na África equatorial, onde o feiticeiro é muito temido como antropófago). Os Abipones, no dizer de Dobrozhoffer, empregam precisamente a mesma linguagem que os nativos da

Guiana Inglesa. Os Araucanos,

> *se eles percebem alguma coisa de incomum num pássaro ou num animal, logo concluem que ele está possuído. Uma raposa ou um puma que rodeia de noite sua cabana é um feiticeiro que veio ver o que pode roubar. Ao caçar esse animal, toma-se o cuidado de não lhe fazer nenhum mal, por medo de represálias. De uma maneira geral, tudo o que não é imediatamente explicável por uma causa natural visível é atribuído aos espíritos malignos ou à feitiçaria.*[82]

Segundo o Sr. Guevara, o Araucano

> *atribui tudo o que vê ou tudo o que lhe acontece de extraordinário à intervenção de espíritos malfazejos ou a causas sobrenaturais. Seja uma má colheita, uma epidemia animal, uma queda de cavalo, doença, morte... os feiticeiros são sempre a causa. É deles que depende a duração da vida, as infelicidades que acontecem nela etc.*[83]

O número e a variedade dos amuletos, talismãs, fórmulas, práticas de todos os tipos, pelas quais, quase em todo lugar, tenta-se se proteger, bem ou mal, contra os malefícios possíveis, mostra o quanto a preocupação com a feitiçaria obceca as mentes nas sociedades inferiores e até mesmo nas sociedades mais desenvolvidas.

Quando a derrota ou a desgraça acontece, um ponto está fora de dúvida: uma influência oculta foi exercida. Mas, geralmente, é difícil saber qual. Considerando apenas o acontecimento em si __ a caça improdutiva, a doença que sobreveio, a seca que desola os campos etc. __ nada parece indicar se foi um feiticeiro, se são os mortos descontentes ou os espíritos malfazejos que estão agindo. Em

várias observações já citadas, bem como em um grande número de outras, está dito: “os feiticeiros *ou* os espíritos malfazejos”. De fato, os espíritos malfazejos podem estar à serviço dos feiticeiros, ou o inverso; às vezes, o próprio feiticeiro, sem que o saiba, está animado por um espírito malfazejo. As duas representações se entrecruzam, portanto. Mas permanece entre elas a diferença de que o feiticeiro é necessariamente um indivíduo, um membro do grupo social ou de um grupo vizinho, sendo a representação, portanto, nítida e precisa, enquanto que a representação dos espíritos, como não são os espíritos dos mortos (*ghosts*), permanece mais ou menos vaga e flutuante, de acordo com as sociedades onde são observados. Ela varia até mesmo no interior dessas sociedades, segundo as imaginações individuais e a classe à qual pertencem as pessoas.

Entre a concepção nítida de espíritos que são como verdadeiros demônios ou deuses, cada um com seu nome, seus atributos e, geralmente, seus cultos e a representação ao mesmo tempo geral e concreta de uma força imanente aos objetos e aos seres, como o *mana* __ sem que essa força seja individualizada __ há lugar para uma infinidade de formas intermediárias; umas mais precisas, outras mais cambiantes, mais vagas, com contornos menos definidos, embora não menos reais para uma mentalidade pouco conceitual, onde a lei da participação ainda domina.

A maior parte das forças místicas que se manifestam na natureza são ao mesmo tempo difusas e individualizadas. A necessidade de escolher entre as duas formas de representações jamais se impôs a esses primitivos; ela até mesmo jamais se apresentou a eles. Como definir sua resposta à perguntas que eles não pensam em se fazer? A palavra “espírito”, mesmo que muito precisa, é a menos incômoda que temos para designar essas

influências e essas ações que acontecem continuamente ao redor dos primitivos.

Quanto mais os missionários penetram, com o tempo, no segredo dos pensamentos comuns daqueles com os quais eles convivem, mais essa orientação mística se desvela a eles. Percebemos isso em suas descrições, mesmo quando os termos empregados sugerem a ideia de representações mais nitidamente definidas. Por exemplo, escreve o missionário Jetté:

> *pode-se dizer que os Ten'as mantinham um comércio quase constante com esses habitantes "indesejáveis" do mundo dos espíritos. Eles se acreditam sujeitos a vê-los ou a ouvi-los em todo momento. Não importa qual ruído incomum, não importa qual fantasia de sua imaginação, tudo logo toma a forma de uma manifestação do demônio. Se um tronco de árvore negro, todo encharcado de água, parece desaparecer e reaparecer na água, sob a ação da corrente, eles veem nisso um* ***nekedzallara****. Se eles ouviram na floresta um som agudo que não é exatamente o grito dos pássaros com os quais estão familiarizados, é um* ***nekedzallara*** *que os chama. Não passa um dia em um acampamento de nativos, sem que uma pessoa não relate ter visto ou ouvido alguma coisa deste gênero... Essas manifestações da presença do demônio são tão familiares aos Ten'as quanto o ruído do vento ou o canto dos pássaros.*[84]

Em outro lugar este mesmo missionário já havia escrito:

> *A intensidade, bem como a extensão de sua crença no demônio ultrapassa nossas concepções. Sua imaginação está sempre alerta e pronta para perceber algum demônio que se*

aproxime na escuridão ou até mesmo em pleno dia, de acordo com o caso. Não há um capricho sequer, de uma imaginação a mais perturbada e estranha que seja, que eles não acreditem. Ouvindo-os conversarem, pensar-se-ia que eles estão em contato constante com o demônio e que eles o viram centenas de vezes[85].

Substituamos demônio (*devil*) por esses espíritos vagamente definidos acima e a descrição do Sr. Jetté concordará plenamente com todos aqueles, tão numerosos, que insistem na onipresença das forças místicas mais ou menos difusas no mundo dos primitivos.

§3. O novo-morto temível para os vivos.

Índice

Um bom observador nos diz, falando de uma tribo banta:

> *É de suma importância, quando se estuda a sociologia desses povos, fazer um esforço para imaginar a que ponto é real e imediata a influência dos espíritos dos ancestrais na vida cotidiana dos nativos. O etnologista que não viveu com eles sua vida de todos os dias e que não procurou compreender seu ponto de vista, terá dificuldade para dar a essa influência a importância que lhe cabe.*[86]

Podemos afirmar isso sobre a maior parte das sociedades inferiores. Os padres jesuítas da Nova França frequentemente insistiram sobre o lugar que os mortos ocupavam nas preocupações dos nativos. E Codrington expressa a mesma ideia, de forma marcante, com relação às línguas melanésias:

> *Quando um nativo diz que é um homem, é preciso*

*entender que ele é um homem e não um espírito (**ghost**) e não que ele é um homem e não um animal. Os seres inteligentes no mundo se dividem, a seus olhos, em duas categorias: os homens que estão vivos e os homens que estão mortos; os **ta-maur** e os **ta-mate** de Motu. Quando os melanésios veem os brancos pela primeira vez, eles os tomam por **ta-mate**, ou seja, por espíritos que voltaram à vida e se os brancos perguntam aos nativos o que eles (os nativos) são, estes respondem que são homens (**ta-maur**) e não espíritos.*[87]

Também entre os Chiriguanos (América do Sul), quando dois homens se encontram, a saudação que eles trocam é a seguinte: "Você está vivo?" "Sim, estou vivo." E o autor acrescenta: "Outras tribos da América do Sul têm a mesma maneira de se saudar; por exemplo: os Cainguás, que são também Guaranis."[88]

Portanto, como eu expus em outro lugar, os mortos vivem, pelo menos durante um certo tempo; são vivos de um tipo diferente de nós, para os quais certas participações estão rompidas ou enfraquecidas, mas que só deixam pouco a pouco de pertencer ao seu grupo social. Para compreender a mentalidade primitiva, é preciso abandonar primeiramente a ideia que temos da morte e dos mortos e tratar de substituí-la por aquela que domina suas representações coletivas.

Em primeiro lugar, o momento da morte não é o mesmo para eles e para nós. Acreditamos que a morte acontece quando o coração deixa de bater e a respiração se interrompe inteiramente. Mas, na maior parte das sociedades inferiores, a morte acontece quando o hóspede do corpo __ que tem traços comuns com o que chamamos alma __ o deixa definitivamente, mesmo que a vida fisiológica ainda não tenha se extinguido. Isto é uma das razões que explicam os tão

frequentes enterros precipitados. Nas Ilhas Fiji,

> *os preparativos fúnebres começam várias horas antes que alguém esteja realmente morto. Eu conheci um que participou em seguida de uma refeição; um outro que viveu ainda dezoito horas. Essas pessoas, na opinião dos fijianos, não estavam, por isso, menos mortos. Comer, beber, falar, dizem, são atos involuntários do corpo, da concha vazia, segundo sua expressão; a alma já partiu.*[89]

O Sr. Nassau ouviu os negros da África ocidental usarem uma linguagem bem semelhante.

> *Aconteceu frequentemente que nativos, menos inteligentes, se encontravam comigo ao lado da cama de um moribundo e me diziam: "Ele está morto". O doente, com efeito, tinha perdido consciência, ficado duro, sem enxergar, sem falar, sem comer e aparentemente privado de sentimento; no entanto, o coração batia fracamente. Eu chamava a atenção dos parentes para esta prova de que ele ainda vivia. "Não! Ele está morto. Seu espírito partiu. Ele não vê, não ouve nem sente. Este ligeiro movimento é apenas o espírito do corpo que se sacode. Não é uma pessoa, não é nosso parente. Ele, ele está morto". E se começava a preparar o corpo para o enterro. Em 1863, na ilha de Corisco, um homem veio me procurar e me pediu um "remédio" para matar ou para acalmar o espírito do corpo de sua mãe, cujos movimentos desarrumavam e impediam os preparativos mortuários.*[90]

No entanto, se a alma abandonou definitivamente o corpo, se a morte aconteceu, o novo morto, nem por isso, está separado dos seus. Ele continua, pelo contrário, nas proximidades de seu corpo e

os próprios cuidados dedicados aos seus despojos mortais são inspirados pelo sentimento de sua presença e pelo perigo de não tratá-lo conforme os costumes obrigatórios.

Em algumas sociedades inferiores, não é permitido enterrar os mortos que não fazem parte do grupo social, no solo que lhe pertence. “As crenças se opõem a que o estrangeiro seja sepultado na terra, pois, fazendo isso, hospedar-se-ia sua alma e, sabe-se lá do que ela é capaz”[91], diz o Dr. Pechël-Loesche. E ele conta a história de um português que, excepcionalmente, tinha sido enterrado em Loango; uma seca aconteceu, ele foi exumado e jogado no mar. Já no relato __ aliás, muito frequentemente suspeito __ de Cavazzi, encontramos um tratamento semelhante. “Os fiéis queriam enterrar um missionário no interior da igreja, mas alguns idólatras, que até então tinham escondido sua perfídia, se opuseram a isso com tanta violência que o próprio rei, temendo a oposição dos outros, julgou preferível se esconder... o corpo foi jogado no mar”[92]. Entre os Achantis, o rei esconde a morte do filho de um missionário mantido como prisioneiro... “A fim de prevenir uma desgraça em seu país, esse rei supersticioso, não querendo que um branco fosse sepultado entre eles, mandou embalsamar a criança, para enviá-la a seus parentes quando ele os libertasse”[93]. Um chefe cafre, para expressar sua ligação com um missionário que se recusava a deixar o país e para agradecê-lo, lhe diz: “É preciso que o senhor morra aqui. O senhor não deve ir morrer em outro lugar. Se os ossos do senhor embranquecerem aqui, o senhor será invocado. Uma pessoa nunca morre, se for invocada”[94]. Ou seja, vós sois dos nossos, vós fazeis parte de nosso grupo social, que precisa de vós e, naturalmente, vós fareis parte de nós após vossa morte, tanto quanto no presente.

É muito importante prestar aos novos mortos os deveres de

costume, já que eles ficam mal dispostos e prontos a fazer o mal para aqueles que sobrevivem a eles. Pouco importa que eles tenham sido bons e amáveis quando vivos. Em sua nova condição, seu caráter é bem outro: irritáveis e vingativos; talvez porque eles sejam infelizes, fracos e sofredores enquanto seus corpos se decompõem. Assim, Ouasinparéo era um desses homens cujo caráter é tão feliz que eles vivem em paz com todo mundo. No entender de seus pares, ele jamais matou ninguém e, se ele tinha comido carne humana, suas lanças jamais tinham dado a morte à vítima. Que conclusão tirariam disso os selvagens? A mais distanciada de nossa mente: que Ouasinparéo, tendo sido bom enquanto vivo, devia, necessariamente, ser mal após sua morte. O acontecimento confirmou essa superstição; dois ou três nativos, por causa da idade ou por doenças, morreram poucos dias após Ouasinparéo. “Vejam como esse Ouasinparéo se tornou mal!” nos diziam os nativos. E logo, os dois feiticeiros da região se punham a caçar em pleno mar o *ataro* __ o fantasma, a alma, o espírito __ de Ouasinparéo, que se escondia, diziam, ao longo da costa[95].

Os Pia (na mesma ilha) não quiseram consentir que fosse sepultado entre eles o corpo de um missionário morto por doença; a razão que eles deram foi que seu *alaro*, não tendo matado ninguém durante sua vida, mataria infalivelmente muitos após sua morte[96]. Na Nova Guiné inglesa, “as intenções do novo morto, com relação aos vivos, são sempre más e as pessoas têm medo de suas visitas”[97].

As mesmas crenças existem na África ocidental.

> *Por melhores que tenham sido as disposições de uma pessoa enquanto viva e mesmo que ela tenha tido excelentes relações com sua família e seja vista como um espírito favorável, no entanto, no caso em que não lhes tenham sido*

prestadas as obrigações de costume, ou se ela estiver insatisfeita com o comportamento e a atitude dos seus, acredita-se que ela seja muito capaz de deixá-los de lado e até mesmo lesar seus interesses[98].

E entre os Banas de Camarões, "Por melhor que o morto tenha sido enquanto vivo, assim que ele deixa de respirar, sua alma só pensa em fazer o mal"[99].

A ação maléfica do novo morto pode acontecer de mil formas. Teme-se em particular que ele procure levar com ele um ou mais dos sobreviventes: ele se sente só, abandonado, sente falta da companhia dos seus e, por isso, gostaria que se juntassem a ele. Se, precisamente neste momento, algum deles cai doente ou morto, sabe-se de onde veio o golpe. Por outro lado, os novos mortos têm uma influência mística sobre os fenômenos naturais e especialmente sobre aqueles que são de um interesse capital para o grupo social.

Fenômenos físicos __ por exemplo, violentas tempestades __ quando acontecem no momento da morte ou dos funerais de uma pessoa, são atribuídos à sua influência. Por isso, quando uma tempestade ameaça desabar durante os festejos dos funerais, as pessoas pedirão ao filho favorito do defunto que interrompa a chuva. O jovem se volta para o ponto do horizonte de onde vem a tempestade e diz: "Meu pai, tenhamos bom tempo durante os funerais do senhor"[100]*. Algumas horas após a morte de um jovem que eu conhecia, uma tempestade furiosa desabou sobre a aldeia, derrubando bananeiras e provocando uma grande devastação nas plantações. Os idosos afirmaram muito seriamente que a tempestade tinha sido enviada pelo espírito de Mopembe (o nome do jovem morto)*[101].

Assim, quando as obrigações funerárias não são cumpridas como devem ser, para um novo morto, ele tem o poder de punir a tribo inteira. Ele pode impedir as chuvas e deixar os vivos desesperados. Daí os conflitos inevitáveis com os missionários que querem suprimir as práticas dos pagãos. Eis um exemplo característico disso:

> *Uma mulher que tinha abraçado o cristianismo tinha sido rejeitada por seu marido e eles viveram separados durante alguns anos; o marido tinha outra mulher, com quem ficou até sua morte... Mal este acontecimento se produziu e o senhor do* ***kraal*** *ao qual este homem pertencia capturou a mulher cristã e a obrigou a sofrer, ao mesmo tempo que a mulher pagã, uma série de operações julgadas necessárias para apaziguar a cólera de um ser imaginário que, se não fosse agradado desta forma, não deixaria de se vingar, interrompendo a provisão de água indispensável na próxima estação das chuvas... O missionário interveio e, longe de fazer alguma concessão, o velho carrasco persistiu em afirmar que só fazia o que considerava necessário para salvaguardar os interesses do povo Barolong.*[102]

§4. Ritos, cerimônias, expedições de vingança para satisfação. Os Amatongo dos Zulus. Troca de bons ofícios entre os vivos e os mortos.

Índice

A qualquer preço é preciso satisfazer o novo morto. Suas exigências variam com as sociedades e também com o lugar que ele ocupava no grupo. Se era uma criança de pouca idade, um escravo,

uma mulher comum, um pobre diabo inconsequente, um jovem ainda não iniciado, ele permanece como tal após sua morte e gera pouca preocupação. Aqueles que o amavam o pranteiam, mas não o temem. Mas os curandeiros, os chefes, os pais de família, os velhos ainda ativos e respeitados, enfim, os personagens considerados, estão longe de perder sua importância ao morrer. À influência que o defunto exercia, em virtude de sua própria força, de seu *mana* pessoal, se acrescenta o poder misterioso e formidável que lhe proporciona sua condição de novo morto. Ele pode muito contra os vivos; eles não podem nada ou quase nada contra ele. Sem dúvida que, em algumas sociedades, tenta-se às vezes colocá-lo num estado inofensivo, mutilando seu corpo, esmagando-o, perseguindo seu espírito ou enganando-o. Mas, em geral, julga-se o mais correto torná-lo amigável satisfazendo-lhe seus desejos. "A razão principal pela qual o nativo procura cumprir plenamente com seus deveres de enlutado é, em muitos casos, o medo de provocar a hostilidade do morto, cuja vingança lhe parece mais temível do que a de um inimigo vivo[103].

Na Austrália, por exemplo __ e num grande número de outras sociedades inferiores __ para se tornar benquisto pelo novo morto, ou simplesmente para evitar sua cólera, os seus devem encontrar aquele que o condenou (doomed) e o levou a morte, portanto. Se fosse seguida rigorosamente essa obrigação, ela faria as sociedades inferiores onde ela é obedecida desaparecerem muito rapidamente. Dada a sua fraca natalidade e a grande mortalidade das crianças, se cada morte de adulto tivesse como consequência necessária uma ou várias outras mortes de adultos, os grupos sociais logo se reduziriam a nada. Na realidade, procura-se vingar dessa forma apenas a morte de pessoas particularmente notáveis e, mesmo assim, essa vingança

se limita, em certos casos, a um tipo de simulação. Os senhores Spencer e Gillen descrevem com grandes detalhes as expedições de vingança chamadas *Kurdaitcha* entre os Aruntas[104]. Elas são encontradas, de forma muito semelhante, em outros lugares. Mas geralmente os homens que tomaram parte dessa expedição voltam sem terem matado ninguém. Nenhuma explicação formal é solicitada e nem fornecida sobre isso. As mulheres e o resto do grupo ficam convencidos de que a satisfação necessária foi obtida e, talvez, até mesmo aqueles que tomaram parte da expedição acabem por acreditar nisso.

Diz o Sr. Eylmann:

> *A tradição exige que cada assassinato seja vingado. Eu estou convencido de que essa vingança acontece apenas em casos extremamente raros; teme-se muito, em geral, provocar a hostilidade do pretenso assassino. No entanto, é preciso salvar as aparências... Quando os guerreiros retornam sem terem tocado em um fio de cabelo de ninguém, o morto deve se dar por satisfeito, pois, pelo menos aparentemente, os seus fizeram todo o possível para vingar sua morte.*[105]

Será mesmo, nos perguntaríamos, que o novo morto se deixa enganar desta forma e essa enganação não poderia ter as mais desastrosas consequências para os culpados dela? A bem dizer, a mentalidade primitiva não vê aqui uma enganação formal. Sem dúvida que, apenas a morte do culpado, em alguns casos, dá ao novo morto uma satisfação total. Mas, geralmente, que ele seja morto ou não, a expedição vingativa já possui em si mesma um valor e uma influência suficientes. Ela age como se fosse um rito, que apazigua o ressentimento do novo morto e, por consequência, acalma as inquietações dos vivos. Foi desta forma que Taplin muito bem viu:

Em geral, eles não podem atingi-lo (o autor da morte) e, geralmente, eles não o fazem... Toma-se providências para uma batalha campal e as duas tribos se encontram, acompanhadas cada uma de seus aliados... Se há alguma outra causa de animosidade entre as tribos, combate-se muito seriamente a golpes de lanças. Mas se as tribos não tem outro motivo para combater além do novo morto, provavelmente atira-se algumas lanças, distribui-se copiosas injúrias, talvez um ou dois homens ficarão ligeiramente feridos e então os velhos declararão que isso basta. Considera-se que o morto está apaziguado pelos esforços que os seus fizeram para vingar sua morte combatendo e as tribos se reconciliam. Neste caso, o combate não passa de uma cerimônia.[106]

Os missionários da Nova Guiné alemã trouxeram muito bem à luz as estreitas relações que subsistem entre o novo morto e seu grupo e o cuidado que os vivos tomam para satisfazê-lo. “Os grupos circunvizinhos consideram como seu dever visitar a tumba. Essa visita serve ao mesmo tempo para provar sua inocência. Se uma aldeia não vem, é porque ela não tem a consciência limpa”[107].

Com efeito, o malefício perde sua força assim que o feiticeiro toca sua vítima. Ele é então obrigado a evitar a presença do doente e, por isso, ele não ousa lhe testemunhar sua simpatia através de uma visita.

Quando a morte acontece, ele não pode assistir aos funerais porque correria o risco de se ver desmascarado como feiticeiro. Os Kais acreditam que o morto coloca em borra de cerveja o bétel que lhe colocaram na boca ou fornece um outro sinal do mesmo tipo, assim que o inimigo mortal se

aproxima. É assim que se explicam as suspeitas dos parentes de um doente ou de um morto contra aqueles que não vem fazer uma visita ao doente ou que não aparecem nos funerais.[108]

Em todo caso, os vivos devem pelo menos fazer o feiticeiro sentir sua cólera... Os parentes que não cumprem com isso são punidos com desgraças de todo tipo. Suas colheitas perecem, seus porcos e seus cães morrem, seus dentes se estragam rápido. É a vingança da alma que partiu. A "pequena" alma (os Tami distinguem uma grande e uma pequena alma) permanece nas proximidades da tumba, até que os vermes saiam do cadáver[109].

O nativo tem, portanto, as mais prementes razões para satisfazer o novo morto. Mas é somente nos primeiros momentos que se seguem à morte que esse medo está vivo. Na medida em que o tempo passa ele diminui e, no fim,

depende do próprio morto que o luto se prolongue ou não. Se ele propicia caça em abundância aos caçadores de sua aldeia, as cerimônias do luto duram muito tempo. Se não propicia ou propicia pouco, sua lembrança logo se apaga. O viúvo ou a viúva pode se casar de novo; isso não tem nada a ver com as cerimônias do luto...[110]

A obrigação é vingar a morte assim que ela acontece.

São quase sempre os casos de morte que ocasionam as guerras dos Kais. Deseja-se matar o ou os feiticeiros e deseja-se exterminar com ele todos os seus parentes, para poder enfim viver em paz. O espírito do morto exige a vingança; se ela não for obtida, os seus levarão a culpa. Não apenas ele

não lhes propiciará sucesso na caça como também lhes enviará javalis que devastarão seus campos e lhes causará todo tipo de danos. Se uma desgraça acontece nesse meio tempo, se a chuva escasseia, se doenças apareçam por causa de resfriados, se pessoas se ferem, reconhece-se aí a vingança do espírito. O nativo se encontra, portanto, preso a um dilema embaraçoso no mais alto grau. Se o medo que lhe inspira a vingança de espíritos temíveis não fosse mais forte do aquele que lhe inspira as pessoas e se ele não tivesse uma ligação tão forte com seus objetos preciosos e com seus porcos, o papuano, pelo menos o Kai, jamais entraria em guerra.[111]

Se ele descobre numa tribo vizinha o feiticeiro autor da morte e se ele o mata, uma guerra acontecerá. Ele avalia muito exatamente e antecipadamente o dano que ela poderá lhe causar e faz seus preparativos com conhecimento de causa. Mas, do morto irritado, há tudo que temer. Quaisquer que sejam as desgraças que o papuano tenha previsto, muitas outras ainda virão quando ele menos esperar. Mal por mal, ele prefere aquele que é conhecido e definido, ainda mais que, para o sucesso de suas empreitadas, a ajuda positiva do morto lhe é indispensável.

Paralelamente, em Buin (Bougainville), é "acima de tudo os espíritos dos mortos que intervém na vida das pessoas para favorecê-la ou para arruiná-la. Assim, eles se dirigem aos ancestrais para obter seu apoio... fazendo-lhes oferendas, sacrifícios etc."[112]

Entre os Dayaks de Bornéu, um excelente observador, o Sr. Perham, ressaltou a estreita solidariedade que une os vivos com seus mortos e os favores que eles se proporcionam mutuamente.

Acredita-se que os mortos constroem casas, cultivam arrozais e sofrem com todas as obrigações de uma vida de

trabalho; há entre eles a mesma desigualdade de condições que existe entre os vivos. E, tal como entre as pessoas de um dado grupo que se entre ajudam na vida, eles pensam, a morte não rompe necessariamente o laço que lhes faz trocar favores; o vivo pode ajudar o morto lhe fornecendo alimentos e outras coisas necessárias e o morto pode se mostrar não menos generoso, propiciando aos vivos remédios dotados de virtudes mágicas, amuletos e talismãs de todo tipo para ajudá-los em seu trabalho.[113]

O Sr. Perham lembra, nesta passagem, que os mortos formam uma sociedade bem igual à dos vivos e que há entre os dois uma troca de bons procedimentos, com cada um precisando do outro. Mas, trata-se aqui de mortos bem estabelecidos em suas novas condições, uma vez que todas as cerimônias funerárias foram cumpridas. No período de transição que o novo morto atravessa, a partir do momento em que o corpo deixa de viver, há, entre os Dayaks, bem como em outros lugares, exigências particulares. Os vivos não podem permanecer indiferentes, sob pena de atrair sua cólera e, por consequência, os maiores males.

Esta é, como se sabe, uma das razões da caça às cabeças (*head-hunting*), tão difundida em Bornéu e nas regiões vizinhas. Como o Kai da Nova Guiné, o nativo se encontra preso em um dilema. Ou ele realizará uma expedição para buscar uma ou várias cabeças ou ele terá que sofrer a vingança do morto, que cairá não apenas sobre ele, mas sobre os seus e sobre todo seu grupo. E, como o Kai, ele escolherá o mal menor. Eis um exemplo característico:

Um dia, Lingir, chefe de uma das tribos Sarétas, apareceu em Sarawak, com a cabeça raspada, coberto de trapos, em péssimas condições, mas acompanhado de trinta e

três barcos. Ele solicitou ao rajá permissão para atacar os Dayacks de Lundu ou de Samarhand. Ele deu como motivo dessa solicitação extraordinária o fato de que seu irmão estava morto e que ele não poderia realizar os funerais antes de ter conseguido uma cabeça... Lingir, naturalmente, não obteve a permissão que ele tinha ido procurar em Sarawak e foi convidado a retornar imediatamente com sua frota; o que ele fez, mas capturando quatro cabeças de infelizes pescadores que ele encontrou no caminho.[114]

Este chefe não ignorava que, se o rajá fosse informado do fato __ o que era mais do que provável __ ele teria que responder por isso e que o caso poderia ficar mal para ele. Mas ele preferiu correr o risco a voltar para casa sem ter conseguido o que lhe era absolutamente necessário para contentar o espírito de seu irmão morto.

Um costume análogo parece ter existido nos Camarões. Diz o Sr. Mansfeld:

> *A morte dos chefes parece que dava lugar outrora a um tipo de pequena guerra. Quando um velho chefe morria, numa aldeia A, dois ou três homens se deslocavam até uma localidade B __ distante, por exemplo, em três léguas __ se colocavam em emboscada, matavam sem nenhuma provocação dois homens dessa aldeia e levavam as cabeças. Naturalmente que essa aldeia B se vingava.*[115]

Em sociedades mais desenvolvidas que as precedentes __ entre os Bantos e entre outros nativos da África austral, por exemplo __ as relações entre os vivos e os mortos não são menos estreitas. Mas elas parecem menos organizadas e tendem a constituir um tipo de culto

aos ancestrais; se bem que, propriamente falando, essas práticas difiram, em pontos importantes, do que nós denominamos por isso.

Os mortos vivem, nisto não há dúvida.

> *O que você faz aqui? Pergunta Th. Hahn a uma mulher Namaqua que ele encontra no deserto. Responde ela: "Meu amigo, não se aborreça comigo. Eu estou desesperada. A seca e os Bosquímanos nos fizeram perder um grande número de ovelhas e de bois e eu estou indo ao túmulo de meu pai, que morreu numa caçada. Eu vou rezar e chorar lá; ele ouvirá minha voz, verá minhas lágrimas e ajudará meu marido que partiu numa caçada aos avestruzes; poderemos então recomprar cabras e vacas e dar de comer a nossos filhos." Mas seu pai está morto, eu lhe digo, como ele pode ouvir você? "Ele está morto, é verdade, mas só está dormindo", me replicou ela. "Nós, os Hotentotes, quando estamos numa infelicidade, vamos sempre rezar nos túmulos de nossos parentes e de nossos ancestrais; é um de nossos antigos costumes".*[116]

O que são esses mortos que vivem? É extremamente difícil, para não dizer impossível, fazermos uma ideia satisfatória disso. As representações variam de uma sociedade para outra, segundo sua estrutura e seu grau de desenvolvimento. Por outro lado, quase em todo lugar, o novo morto passa, mais ou menos rapidamente, por uma série de estados transitórios, antes de atingir uma condição relativamente definitiva, de onde sairá, seja através de uma nova morte, seja por um retorno ao mundo dos vivos. Frequentemente essas representações serão inconciliáveis entre elas; sabe-se que elas são fortemente emocionais, que a mentalidade primitiva não se preocupa muito com a coerência lógica e que, enfim, não

encontramos em nenhuma sociedade um conjunto de representações que sejam do mesmo tempo e que constitua um sistema. Tudo leva a pensar, pelo contrário, que elas sejam extremamente antigas e que a esse primeiro fundo outras vieram se misturar a ele, ao longo dos séculos e que eram, mais ou menos, compatíveis com as primeiras. O que constatamos hoje é um tipo de amálgama, um magma, tão difícil de ser analisado por nós quanto a estratificação de um terreno que conhecemos somente a superfície.

A obscuridade formidável que possui a própria natureza das representações aumenta ainda mais pelo fato de que seus observadores só as recolhiam com ideias preconcebidas a respeito da sobrevida e a imortalidade da alma. Eles não se incomodam com a diferença que separa nosso pensamento conceitual do pensamento dos primitivos __ que o é tão pouco __ e suas observações, assim distorcidas, são pelo menos incompletas e, muito frequentemente, inutilizáveis. A palavra "alma" e a ideia corrente das "relações da alma com o corpo" causam uma confusão inextricável.

Como a lei de participação rege as representações relativas ao comércio entre os vivos e os mortos, estes estão presentes embora ausentes e são solidários, se bem que independentes, do cadáver que se decompõe. O novo morto, depois de alguns dias, se encontra ao mesmo tempo em sua tumba, nas proximidades da casa onde está o morto e distante, a caminho da terra das almas, se já não chegou lá.

Aqueles que, quando vivos, tinham uma posição proeminente e repleta de funções importantes continuam a exercê-las após sua morte, embora eles tenham sucessores. Em muitas tribos bantas, por exemplo, os chefes mortos continuam protegendo seu grupo em caso de necessidade; eles lhes garantem, como antes, a chuva e a regularidade das estações. Eles geralmente eles continuam os

proprietários de seus rebanhos, que não podem ser vendidos. Atribui-se a eles guardiões especiais. Eles são seguidos no outro mundo por certo número de suas mulheres e escravos, pelos objetos impregnados por sua pessoa etc. De uma maneira geral, os mortos, em diversos graus, são parte integrante do grupo social e o indivíduo não se sente inteiramente separado deles. Há obrigações com relação a eles e para ele isso é tão pouco surpreendente quanto as obrigações que o ligam aos vivos.

Os Mossis do Níger simbolizaram de uma maneira interessante essa presença habitual dos mortos no grupo social. Desde o momento da morte até o segundo funeral, alguém está encarregado de representar o morto e desempenhar seu papel, em carne e osso.

> *Todo Mossi morte de doença, qualquer que seja ele, homem, mulher, criança,* ***naba*** *(chefe), sobrevive na pessoa do* ***kourita****. Se for um homem casado, a* ***kourita*** *ou* ***koutoarsa*** *(que imita o morto) é uma mulher da família do defunto, geralmente uma das mulheres de um de seus irmãos mais novos e que possua certa semelhança com aquele que não está mais ali. Ela é escolhida pela família e, às vezes, designada pelo moribundo. Ela veste as roupas do morto, sua capa, seu chapéu, seus sapatos, seus braceletes e seus anéis; ela usa o cinto e as facas do defunto, caminha com seu cajado, sua picareta, seu ouro; ela usa sua lança, com a ponta voltada para a terra. Ela caminha como aquele que ela representa e deve imitá-lo em tudo; ela o continua no meio dos seus. Se o morto era geralmente acompanhado de uma criança levando sua sacola, a* ***kourita*** *terá também sua criança que a seguirá com essa sacola, mas colocada ao contrário. Se o defunto era leproso e não possuía mais dedos, ela fará como se não mais*

os tivesse; se ele gostava de rir, ela rirá; se ele era ranzinza e implicava com todo mundo, ela não deixará de sê-lo. As crianças do defunto a chamarão de pai, as mulheres a chamarão de meu marido e lhe prepararão o mingau de milho. Se o morto era ***naba****, eles a chamarão de* ***naba****; se ele não era, lhe darão o nome do morto.*

Ela agirá desta forma até o dia do ***kouri*** *(segundo funeral). Neste dia ela raspa a cabeça como os outros membros da família e seu papel está terminado. Ela guarda, no entanto, o nome de* ***kourita*** *e no dia da partilha recebe uma roupa que troca com as roupas do morto e se o herdeiro é generoso, se o herdeiro permite, ela receberá alguns animais e às vezes uma criança. A* ***kourita*** *morrerá mais cedo do que se não tivesse desempenhado esse papel, dizem, porque os espíritos dos ancestrais virão buscá-la; por isso, essa função não é procurada.*[117]

Assim, enquanto o Mossi não é definitivamente separado de seu grupo pelos últimos funerais, os vivos o veem e ele próprio se vê circulando no meio deles como de costume, sob a forma da **kourita**. É uma presença real do invisível, feito sensível.

Callaway, que nos deixou tão preciosos documentos sobre as crenças dos Zulus, confessa que

sua teoria não é muito consequente com ela mesma e nem muito inteligível... Eles dizem que é a sombra __ evidentemente aquela que é projetada pelo corpo __ que se tornará finalmente o ***itongo*** *ou espírito, com a morte do corpo. Para saber se isso era realmente seu pensamento, eu perguntei: "A sombra que projeta meu corpo quando eu caminho, é o meu espírito?" "Não. Isso não é o* ***itongo*** *do*

senhor." Evidentemente que eles pensavam que por "meu espírito" eu entendia o espírito de um ser que velava por mim, um tipo de anjo-da-guarda e não meu próprio espírito. "Mas isso será o ***itongo*** *ou espírito ancestral para os filhos do senhor, quando o senhor estiver morto." Eles dizem que a sombra longa se encurta quando uma pessoa se aproxima de seu fim e se contrai até ficar bem pequena. Quando eles veem a sombra de uma pessoa se reduzir assim, eles sabem que ela vai morrer. A sombra longa se vai quando uma pessoa está morta e é isso o que eles querem dizer quando dizem: "Sua sombra partiu." Mas há uma sombra curta que fica com o cadáver e que é queimada com ele. A sombra longa se torna um* ***itongo*** *ou um "espírito ancestral".*[118]

É da mais alta importância que se conheça as disposições do *itongo* com relação aos vivos. Prestou-se ao novo morto as honras costumeiras, celebraram-se os funerais segundo os ritos de costume e o *itongo* não deu sinal de vida: há inquietação e tenta-se saber a razão desse silêncio. Mas, geralmente, o *itongo* transmite aos seus sinais de satisfação, seja através de sonhos onde ele é visto, seja manifestando-se a seus olhos sob a forma de uma serpente que entra na casa. Distingue-se muito bem essas serpentes *itongo* das outras:

"As que são de natureza humana são reconhecidas porque elas frequentam as cabanas, não comem ratos e não se espantam com o barulho das pessoas.

Observa-se sempre que elas não têm medo da sombra de uma pessoa e muito menos uma serpente que é um ***itongo*** *amedronta uma pessoa; não há um alarme como se um animal selvagem estivesse na casa. Pelo contrário, sente-se felicidade, sente-se que o chefe da aldeia chegou...*[119]

> *Espera-se com impaciência a presença dessas serpentes tranquilizadoras. Se uma delas é vista sobre a tumba, a pessoa que a viu retorna e diz: "Oh! Hoje eu o vi se aquecendo ao sol sobre a tumba". Se ele demora muito para vir até à casa ou se não se sonha com o morto, sacrifica-se um boi ou uma cabra e diz-se que ele retornou à sua casa. E, então, se não se sonha com ele, mesmo com o aparecimento da serpente, inquieta-se e se pergunta: "Como essa pessoa pode estar morta? Nós não a vemos! Seu* ***itongo*** *está confuso". (Aparece a suspeita de bruxaria.) Vai-se procurar um "doutor", se o morto era o chefe de uma grande aldeia; para um pobre não se faz nada.*[120]

A preocupação em manter contato com o *itongo* é evidente e essa preocupação é inspirada pelo sentimento do poder desse espírito, de quem dependem a saúde, a prosperidade e a própria vida daqueles que moram na aldeia. Como acabamos de ver, nem todo espírito de morto é um *itongo*.

> *Nem todo* ***amahlosi*** *se torna* ***amatongo****, mas, inicialmente, somente os chefes mortos; o* ***itongo*** *ocupa no mundo dos espíritos uma posição superior àquela dos* ***ihlosi*** *comuns. Cada família possui, além dos* ***amatongo*** *comuns à tribo, o seu* ***itongo*** *particular. "Nosso pai, que conhecemos, é toda nossa vida", eles dizem. Ele é olhado como um tipo de espírito tutelar da família.*[121]

Se a família emigra e o *itongo* não se mostra no novo lar, é preciso ir procurá-lo. Corta-se um ramo de amoreira selvagem e ele é levado até o antigo domicílio. Lá se oferece um sacrifício e canta-se o canto preferido do *itongo*, no qual se diz: "Realmente meus

filhos se sentem abandonados porque não vou vê-los!" Em seguida, arrasta-se o ramo de amoreira pelo chão até a nova casa, esperando que o *itongo* siga o traço, ou que ele revele em um sonho porque ele não quer aparecer.[122]

No entanto, com essas honras e respeitos que os vivos prodigalizam a seu *itongo*, é preciso que ele permaneça digno delas. Se ele deixa de assegurar a prosperidade dos seus, se a infelicidade se abate sobre eles, redobra-se primeiramente as súplicas, depois o tom muda e se diz cruamente ao *itongo* algumas verdades.

> *Seu pai é um grande tesouro para eles após sua morte. Seus filhos que são grandes conhecem sua bondade e sua coragem. Se a doença está na aldeia, o filho mais velho louva o pai morto, chamando-lhe pelos nomes gloriosos que ele adquiriu combatendo o inimigo e, ao mesmo tempo, louva todos os* ***amatongo****... O filho culpa seu pai dizendo: "Quanto a nós, nós podemos morrer. Quem então cuidará do senhor? Se nós todos morrermos, veremos em que casa o senhor poderá entrar. O senhor só terá gafanhotos para comer. Ninguém o invocará mais em lugar algum, se o senhor deixar sua própria aldeia morrer.*[123]

Nada é mais precioso aos olhos do Cafre do que seu rebanho. Ele continua seu senhor após sua morte e, se ele achar que não lhe foram prestadas as devidas honras, ele sabe se vingar infligindo todo tipo de males e doenças a esse rebanho e até às pessoas...

> *De sorte que, existe para o Zulu, ao lado do mundo sensível, um mundo dos espíritos, que ele imagina estar em ligação com o primeiro e do qual ele tem muito medo, já que, esses espíritos, inatingíveis pelas pessoas, têm, a todo instante,*

o poder de lhes fazer o mal. O Zulu tem, portanto, para com o mundo dos espíritos, os sentimentos que inspira uma força superior e ele os serve porque ele os teme, mesmo que sua linguagem sobre esse assunto, ou mesmo quando se dirige a eles, nem sempre seja respeitosa.[124]

Representações coletivas e crenças semelhantes são encontradas na África equatorial e ocidental. Eu fornecerei somente alguns exemplos delas. Entre os Adio, do Alto Congo, o novo morto faz saber o que ele exige através de um sonho.

Uma satisfação deve ser dada à reclamação do morto logo que o sonhador desperta e todas as atividades param, senão acidentes e erros acontecerão. Todos os objetos e utensílios que se quiser usar podem se quebrar. Se se quiser fabricar cerveja, ela ficará ruim. Se forem cozinhar alimentos, as panelas se quebrarão etc.

Alguns mortos, para se mostrar aos parentes vivos, assumem a forma de uma serpente inofensiva chamada ***rumbo****, visível somente para o parente para o qual o defunto quer se mostrar e essa aparição acontece sempre próximo da tumba.*[125]

No Daomé,

o filho está em constante união de pensamento com seus pais mortos. Todos os dias ele fala com eles e lhes pede proteção. Se lhe acontece alguma infelicidade, rapidamente ele recorre a eles e trata de agradá-los através de oferendas sobre suas tumbas. Eles certamente ouvirão suas súplicas e intervirão por ele junto ao grande mestre comum.[126]

Eis um fato observado na África oriental, numa tribo banta,

que mostra a que ponto os interesses dos vivos estão mesclados com os interesses dos mortos e as repercussões de uns sobre os outros.

> *Se um jovem ainda celibatário é morto longe de sua aldeia, seu* ***muimu****, ou espírito, retornará a ela e lhe falará, servindo-se de uma mulher velha como médium, durante uma dança. Ele dirá: "Eu sou fulano e quero uma mulher". O pai desse jovem tomará, então, suas providências para comprar uma jovem numa outra aldeia, a levará até à sua e ela será considerada como a esposa do defunto... Pouco depois ela se casará com um irmão do morto, mas é preciso que ela continue a morar na aldeia onde ele tinha sua casa. Se acontecer do marido efetivo bater ou maltratar essa mulher e ela for se refugiar na casa de seu pai, o* ***muimu*** *do morto virá atormentar as pessoas da aldeia e eles estarão em desgraça. O espírito provavelmente perguntará __ usando a mesma médium da primeira vez __ porque sua mulher foi maltratada e forçada a se afastar. Então o chefe da família fará negociações para convencer a jovem a retornar; ele temerá a cólera do seu filho que está morto.*[127]

Este, portanto, assiste invisível e presente, a tudo o que se passa entre os vivos. Quando sua mulher é maltratada pelo marido efetivo que lhe foi dado, não é apenas ele que será atacado. As consequências da falta cometida ameaçam recair sobre todo o grupo social e o chefe do grupo se apressa em preveni-las esforçando-se para dar satisfação ao morto. A solidariedade do grupo é tal que seu bem-estar, a cada instante, pode depender da conduta de um de seus membros com relação aos seus mortos.

Acontece às vezes que os desejos de um morto não são razoáveis. Neste caso não se acredita obrigado a atendê-los.

Se um espírito diz: "Eu quero uma roupa." Seus parentes diriam: "Ele tá maluco?" E não lhe darão a roupa. "Porque uma roupa? O que ele faria com ela? Ele já foi enterrado com uma, porque precisa de mais uma?" Mas, se a demanda é minimamente razoável (por exemplo, se um velho caçador pede carne), ela logo será atendida e serão levados em conta rigorosamente os gostos pessoais de cada um... Se um espírito pede uma casa, uma será construída para ele.[128]

§5. Preocupação constante com os mortos entre os Bantos. Suas exigências. As preces dirigidas a eles.

Índice

Além dos novos mortos e dos mortos com uma lembrança bem viva, dos quais se lembra os traços, o caráter, os hábitos, com quem se conversa em sonhos e até mesmo __ como acredita a senhorita Kingsley __ bem despertos, é preciso ainda contar com os mortos mais distantes, aqueles pouco ou nada conhecidos, que morreram há muito tempo, mas que nem por isso possuem uma influência menor sobre sua sorte. O Sr. Meinhof insistiu com razão sobre a transformação progressiva dos mortos em ancestrais.

Depois de certo tempo a alma perde pouco a pouco as características de pessoa e se torna um espírito. Esses espíritos se tornam então objeto de uma real adoração e são representados como favoráveis ou inimigos, de acordo com suas disposições. Essa aglomeração de espíritos fundidos juntos torna-se, aos olhos do nativo da África oriental, um poder terrível que lhe inspira um medo extraordinário. Os Schambalas o chamam de ***muzimu****. Esse* ***muzimu*** *não possui*

uma personalidade como a de uma pessoa; não se trata mais da personalidade de uma pessoa determinada: é a força de onde provêm todos os males e que é preciso absolutamente apaziguar.[129]

Entre os Wachagas, essa distinção é explicitamente formulada. No *kirengo* __ um tipo de catecismo ensinado aos jovens recentemente circuncidados __ existe um capítulo, o oitavo, relativo aos chefes mortos "desconhecidos" e outro, o décimo, relativo aos chefes mortos conhecidos.

Quando ninguém mais conhecer Kizaro, o círculo que leva seu nome será riscado deste capítulo (o décimo) e colocado no capítulo dos chefes desconhecidos. Esse costume está em relação com as ideias religiosas dos Wachagas. As almas dos defuntos, dizem, permanecem no lugar enquanto existirem pessoas que os conheceram e que, por consequência, oferecem sacrifícios aos seus manes; quando os manes não possuem mais amigos na terra que lhes faça sacrifícios, elas (sic) se retiram do lugar e vão habitar um país estrangeiro desconhecido.[130]

Seria difícil exagerar o lugar que esses ancestrais ocupam nas preocupações cotidianas de inúmeras tribos bantas. "Nossos ancestrais nos veem, dizem os nativos. Eles contemplam todas as nossas ações; se somos maus, se não observamos fielmente as tradições que eles nos legaram, eles nos enviam *kombo*. *Kombo* é a fome, é a guerra, é todo flagelo imprevisto".[131]

Nos sentimentos complexos que eles inspiram, o medo predomina. Eles são exigentes. Jamais se pode estar certo de tê-los contentados. Para conseguir que as preces dirigidas a eles sejam

atendidas, elas são apoiadas por generosas oferendas. Tudo se passa como se sua benevolência estivesse à venda.

> *Os **marimo** __ nos diz outro missionário __, estão muito frequentemente irritados com os vivos e enviam doenças às pessoas e aos rebanhos, a seca, a fome e a morte. É preciso então apaziguá-los e conciliar seu favor através de oferendas... Eis a prece que dirigem os Ba-Nkouma a seus **suikwembo** (espíritos ancestrais) quando lhes apresentam uma oferenda: "Ó vós, nossos velhos pais e mães! Porque dizeis que vos privamos de alimento? Eis a carne que desejais! Comei-a com nossos ancestrais que morreram antes ou depois de vós; com aqueles que conhecemos e aqueles que não conhecemos (é a coleção de ancestrais; aglomeração anônima e impessoal que nos fala o Sr. Meinhof). Dai-nos a vida. Dai-nos bens, para nós e nossos filhos; pois vós nos haveis deixado sobre a terra e é evidente que nós também a deixaremos para nossos filhos. Porque estais irritados conosco? Porque desprezais esta aldeia que é vossa? Fostes vós que no-la haveis dado. Afasteis __ nós vos suplicamos __ todos os maus espíritos que fazem sofrer, todas as más secreções e todas as doenças. Eis a oferenda que nós vos trazemos e por meio da qual apresentamos nossa prece.*[132]

O Sr. Junod explicou bem o caráter das relações constantes que existem entre a tribo e seus ancestrais. Elas repousam sobre o princípio *do ut des*[133], acrescido de um sentimento de poder superior entre os ancestrais. Eles podem ser solicitados, suplicados, ganhados, mas não podem jamais ser eficazmente forçados.

Ao se tornarem benevolentes com essa oferenda, os deuses (os ancestrais) concederão a seus descendentes uma colheita abundante

(pois são eles que fazem germinar e crescer os produtos da natureza); eles lhes darão a autorização para cortar as árvores e estas, ao caírem, não esmagarão ninguém... (Do contrário, se elas forem abatidas sem permissão dos deuses, acidentes certamente aconteceram). Esses sacrifícios são, portanto, essencialmente preventivos. Dando de comer aos manes, *cobrindo-os com presentes*, obtêm-se deles que as coisas sigam seu curso naturalmente feliz e que nenhum mal perturbe a prosperidade atual[134]... Há também sacrifícios de expiação para apaziguar a cólera dos manes... sacrifícios com vistas a terminar querelas através da reconciliação etc.

As preces dirigidas aos ancestrais são geralmente recheadas de reprovações. É dado a eles o que eles parecem exigir, mas se faz com que sintam que estão abusando e que, segundo a expressão familiar, não se tem muito dinheiro. Eis, por exemplo, uma prece para uma criança doente:

> *Vós, nossos deuses (ancestrais em geral) e vós, fulano de tal (um morto em particular)! Eis nossa* ***inhamba*** *(oferenda). Abençoem essa criança. Faça-a viver e crescer. Tornai-a rica, para que, quando formos visitá-la, ela possa matar um boi para vós... Vós não servis para nada, deuses! Vós só nos dais aborrecimentos! Nós vos trazemos belas oferendas e vós não nos escutais. Precisamos de tudo! Vós, fulano de tal (chama-se pelo nome do morto a quem deve ser dirigida a oferenda, de acordo com o oráculo dos ossinhos, ou seja, o morto que está irritado e que incitou os outros ancestrais a fazer mal à aldeia e tornar a criança doente) estais cheio de ódio! Vós não nos enriqueceis. Todos aqueles que enriquecem devem isso à ajuda dos seus ancestrais! Agora nós vos trazemos o*

presente que está aqui. Apeleis para vossos ancestrais! Apeleis também para os ancestrais do pai desta criança doente, pois a família de seu pai não roubou sua mãe: as pessoas de seu clã vieram em plena luz do dia (pagaram lealmente o preço da mulher) Venhais, portanto, ao altar! Comai e partilhai nossa carne! (Geralmente esta carne é um simples frango).[135]

O tom desta prece é pouco polido. O Sr. Junod observa que essas preces, em geral, não revelam um sentimento religioso muito profundo e que elas são, em todo caso, absolutamente desprovidas de respeito. Durante o sacrifício,

> *os nativos riem, falam alto, dançam, cantam canções obscenas, até mesmo interrompem a prece com críticas e se xingam uns aos outros por causa de assuntos familiares. O oficiante fica sentado na cadeira designada pelos ossinhos e fala com uma voz monótona, olhando para frente com um ar de perfeita indiferença. Nada em sua atitude exprime medo e nem mesmo respeito. Se os deuses fossem realmente pessoas idosas em carne e osso, ainda em vida, ele não poderia lhes falar com mais sem-cerimônia.*[136]

Mas, se uma infelicidade acontece, se a seca e a fome assolam a região, as súplicas se tornarão ardentes e humildes. A familiaridade com a qual os ancestrais são geralmente tratados provém em parte do comércio contínuo que se mantém com eles. Eles ainda fazem parte do grupo social, cuja prosperidade e até mesmo a vida dependem de sua boa vontade e de que eles mesmos recebam constantemente alimentos e presentes. Neste sentido, são comensais do outro mundo. Mas o outro mundo, para os Bantos, não se

distingue deste aqui. Os vivos apelam para seus mortos, da mesma forma os mortos precisam dos vivos. Em cada consciência individual as representações coletivas tocam a vizinhança desses mortos e seu poder e sua ação sobre o destino de cada um, ou sobre os fenômenos naturais, são tão constantemente invocados e possuem uma importância tão grande que eles fazem mesmo parte de sua vida.

§6. A causalidade, para essa mentalidade, é totalmente mística e imediata. Nem o tempo, nem o espaço são para ela representações homogêneas.

Índice

Onipresença dos espíritos, malefícios e sortilégios sempre ameaçando nas sombras, mortos estreitamente misturados com a vida dos vivos; este conjunto der representações é, para os primitivos, uma fonte inesgotável de emoções e é a ele que sua atividade mental deve suas características essenciais. Ela não é somente mística, ou seja, orientada a cada instante para as forças ocultas. Ela não é somente pré-lógica, ou seja, indiferente, geralmente, à contradição. Há mais: a causalidade que ela imagina é de um tipo diferente daquela que nos é familiar e esta terceira característica é solidária com as duas primeiras.

O laço causal, como o entendemos, une os fenômenos no tempo, de uma maneira necessária e os condiciona de tal forma que eles se dispõem em séries irreversíveis. Por outro lado, as séries de causas e efeitos se prolongam e se entrelaçam ao infinito. Todos os fenômenos do universo __ como diz Kant __ estão numa ação recíproca universal; mas, por mais complexa que seja a rede, a certeza que temos de que esses fenômenos se dispõem sempre, com efeito, em séries causais, se fundamenta para nós na ordem do

mundo e, numa palavra, na experiência.

Para a mentalidade primitiva, isso acontece de outra forma. Tudo __ ou quase tudo __ o que acontece, ela atribui, como acabamos de ver, à influência de forças ocultas ou místicas (feiticeiros, mortos, espíritos etc.). Fazendo isso, ela obedece ao mesmo instinto mental que nós. Mas, em vez de __ como para nós __ a causa e o efeito acontecerem os dois no tempo e quase sempre no espaço, a mentalidade primitiva admite em cada instante que somente um dos dois termos seja percebido; o outro pertence ao conjunto dos seres invisíveis e não-perceptíveis.

É verdade que, aos seus olhos, isto não é menos real, menos imediatamente dado que o outro e esta é mesmo uma das características dessa mentalidade; mas o laço causal entre estes termos heterogêneos vai diferir profundamente da forma como o representamos. Um dos dois termos, a causa, não tem contato visível com os seres e os fatos do mundo percebido pelos sentidos. Ela é extra-espacial e, por consequência, ao menos sob certo aspecto, extra-temporal. Sem dúvida que ela precede também seu efeito e isso será o ressentimento experimentado por um novo morto, por exemplo, que o determinará a infligir tal ou tal sofrimento aos vivos. Mas, no entanto, o fato de que as forças místicas, que são as causas, permaneçam invisíveis e imperceptíveis pelos meios comuns de percepção, impede de situá-las no tempo, bem como no espaço e, geralmente, não permite individualizá-las. Elas flutuam, elas irradiam, por assim dizer, vindas de uma região inacessível. Elas rodeiam por todos os lados as pessoas, que não se espantam por senti-las presentes em vários lugares ao mesmo tempo. O mundo da experiência que se constitui desta maneira para a mentalidade primitiva, pode parecer mais rico do que o nosso, como eu já disse

acima, não somente porque essa experiência compreende elementos que a nossa não comporta, mas também porque sua estrutura é diferente. Esses elementos místicos parecem implicar, para a mentalidade primitiva, como que em uma dimensão suplementar que a nossa ignora. Não uma dimensão do espaço, precisamente, mas sim uma dimensão da experiência em seu conjunto. É essa constituição particular da experiência que faz com que os primitivos considerem como simples e naturais modos de causalidade que são para nós irrepresentáveis.

Para a mentalidade pré-lógica, a ligação causal se apresenta sob duas formas, aliás, semelhantes. Às vezes uma pré-ligação definida é imposta pelas representações coletivas: por exemplo, se tal tabu é violado, tal infelicidade acontecerá ou, inversamente, se tal infelicidade aconteceu foi porque tal tabu foi violado. Ou então o fato é relacionado, de uma maneira geral, a uma causa mística: uma epidemia reina, deve ser a cólera dos ancestrais que a causaram, ou a maldade de um feiticeiro; isso será assegurado pela adivinhação ou causando um sofrimento aos indivíduos suspeitos de feitiçaria. Tanto num caso quanto no outro, a ligação entre a causa e o efeito é imediata. Ela não admite elos intermediários ou, no máximo, se os reconhece, os olha como desprezíveis e não presta nenhuma atenção a eles.

Quando dizemos que um envenenamento causou uma morte, nós imaginamos um grande número de fenômenos que se seguiram à ingestão do veneno, numa ordem determinada. A substância introduzida no corpo terá agido, por exemplo, em tal ou tal tecido, tal ou tal víscera; essa ação terá acontecido sobre os centros nervosos e o aparelho respiratório terá, portanto, sido atingido etc. até que, por fim, o conjunto das funções fisiológicas tenha sido

interrompido. Para a mentalidade primitiva, se o veneno age, é unicamente porque a vítima foi condenada (*doomed*). O laço é estabelecido entre a morte por um lado e a ação fatal do sortilégio, por outro lado. Todos os fenômenos intermediários não têm importância. Eles só acontecem pela vontade e, principalmente, pelo poder do mágico. Se ele quisesse poderiam ser outros. É mesmo um mecanismo que ele desencadeia. A ideia de que esse mecanismo, a partir de um momento dado, se desenrolaria necessariamente, implica na noção clara do determinismo de certos fenômenos. A mentalidade primitiva não possui essa concepção. Ela a substituiu pela representação de instrumentos obedientes e dóceis, como o crocodilo que leva a vítima que lhe foi designada pelo feiticeiro. É certo que o crocodilo a levará. Mas não é porque a pessoa se expõe imprudentemente ao ataque do animal. Pelo contrário; segundo o primitivo, se o crocodilo não servisse de instrumento para o feiticeiro, ele não faria nenhum mal à pessoa.

Da mesma forma, a paralisia, as dores e, enfim, a morte produzida pelo veneno, não são, de maneira alguma, efeitos necessários de sua presença no corpo, mas os meios que a força mística escolheu para matar sua vítima.

Vemos agora a razão profunda que torna a mentalidade primitiva indiferente à busca das causas segundas. Ela está habituada a um tipo de causalidade que lhe esconde, por assim dizer, a rede dessas causas. Enquanto que estas constituem nexos e complexos que se estendem pelo tempo e pelo espaço, as causas místicas para as quais se volta quase sempre a mentalidade primitiva, sendo extra-espaciais e até mesmo, às vezes, extra-temporais, excluem a própria ideia desses nexos e complexos. Sua ação só pode ser imediata. Mesmo se ela acontece à distância (como geralmente acontece com

os enfeitiçamentos) e se seu efeito só deve aparecer depois de certo intervalo, ela não deixa, por isso, de ser representada __ ou, melhor dizendo, sentida __ como se fosse produzida sem intermediário.

A ligação (totalmente mística) __ e, é preciso dizer, na maioria das vezes, a pré-ligação __ une diretamente a força oculta ao efeito produzido, por mais distanciado que ele esteja. A questão do *como* quase que nunca se coloca, portanto, a essa mentalidade. Ao mesmo tempo, o caráter imediato da causalidade mística equivale __ e vai além __ ao que nós chamamos de evidência, seja sensível, seja racional ou intuitiva. É da natureza de uma pré-ligação ser indiscutida e indiscutível. Quando os nativos veem os europeus se recusarem a acreditar neles, eles os olham com piedade, ou então reconhecem que o que vale para eles não vale para os brancos. Conclusão muito justa, mas não no sentido que eles o dizem.

A predominância em sua mente desse tipo de causalidade mística e imediata contribui para dar à sua mentalidade, em seu conjunto, as características que tornam tão difícil para nós penetrá-la completamente. Pois, é de se pensar, que nem o tempo nem o espaço são para eles exatamente o que são para nós. Eu digo nós na vida cotidiana e não no campo da reflexão filosófica ou científica. Podemos imaginar o que seria nossa ideia familiar de tempo, se não estivéssemos habituados a considerar os fenômenos como encadeados uns aos outros pelo laço causal?

Isso acontece porque esses fenômenos se dispõem para nós __ sem que tenhamos que refletir sobre isso __ em séries irreversíveis, com intervalos determinados e mensuráveis; porque os efeitos e as causas nos aparecem como alinhados no espaço ambiente; porque o tempo nos parece também ser um quantum homogêneo, divisível em partes idênticas entre elas e que se sucedem com uma perfeita

regularidade. Mas, para mentes, para quem essas séries regulares de fenômenos no espaço são indiferentes e às quais eles não prestam nenhuma atenção e se dedicam menos ainda a refletir na sucessão irreversível das causas e efeitos, qual é a representação do tempo? Por falta de apoio, ela só pode ser indistinta e mal definida. Ela se aproxima mais de um sentimento subjetivo de duração, não sem alguma analogia com aquela que foi descrita pelo Sr. Bergson. Ela mal é uma representação.

A ideia que temos do tempo nos parece pertencer, por natureza, à mente humana. Mas, isso é uma ilusão. Essa ideia não existe para a mentalidade primitiva, que vê a ligação causal imediata entre o fenômeno dado e a força oculta extra-espacial.

Como o Sr. Hubert mostrou[137], a mentalidade primitiva tem, acima de tudo, um sentimento do tempo, de acordo com suas qualidades, que ela não representa por suas características objetivas. Escreve Bosman:

> *Os negros que vivem mais afastados no país distinguem o tempo de uma maneira agradável; a saber, em tempo feliz e em tempos infeliz. Em alguns lugares há o grande tempo feliz, que dura dezenove dias e o pequeno, (pois é preciso saber também que eles fazem essa diferença) que dura sete dias. Entre esses dois tempos eles contam sete dias infelizes, que são propriamente suas férias, pois eles não fazem nenhuma viagem durante estes dias, não se metem em guerras, não fazem nada de considerável e ficam tranquilamente sem fazer nada.*[138]

Reconhece-se aqui a distinção clássica dos períodos fastos e nefastos. Os períodos e os pontos em destaque do tempo são caracterizados pelas manifestações das forças místicas que

acontecem neles; é a elas __ e quase unicamente a elas __ que a mentalidade primitiva se atém. Alguns observadores destacaram isso em termos expressos.

Assim,

> *o que nós europeus chamamos de passado está ligado ao presente e este, por seu lado, está ligado ao futuro. Mas essas pessoas acreditam numa vida composta de duas existências que nada separa e que mergulham uma na outra, como o humano no espiritual e o espiritual no humano e o tempo, na realidade, não tem para eles as divisões que ele tem para nós. Da mesma forma, ele não tem valor nem objetivo e, por esta razão, é tratado com uma indiferença e um desprezo inteiramente inexplicáveis para o europeu.*[139]

Esta memorável passagem do Major Leonard é obscura, talvez como as próprias representações cuja ideia ele quer transmitir. Mas isso é bem característico das mentes que vivem tanto no mundo das realidades invisíveis quanto naquilo que chamamos de realidade objetiva.

O que acabou de ser dito sobre o tempo se aplica também ao espaço e pelas mesmas razões. O espaço que representamos como perfeitamente homogêneo __ não somente o espaço dos geômetras, mas o espaço implicado em nossas representações correntes __ nos aparece como uma tela de fundo, indiferente aos objetos que se desenham nele. Que os fenômenos aconteçam nesta ou naquela região do espaço, ao norte ou ao sul, no alto ou embaixo, à nossa esquerda ou à nossa direita, isso, aos nossos olhos, não interessa em nada para esses fenômenos em si; isto nos permite simplesmente situá-los e geralmente medi-los. Mas tal representação do espaço só é possível para mentes habituadas a levar em consideração séries de

causas secundárias que, com efeito, não variam, qualquer que seja a região do espaço onde elas aconteçam. Suponhamos mentes orientadas totalmente de outra maneira, preocupadas antes de tudo e quase unicamente com forças ocultas e potências místicas cuja ação se manifesta de uma maneira imediata. Essas mentes não representarão o espaço como um quantum uniforme e indiferente. Pelo contrário, ele lhes aparecerá carregado de qualidades; suas regiões terão virtudes próprias e elas participarão das forças místicas que se revelarem nele. Ele não será apenas representado, mas também sentido e as diferentes direções e situações no espaço se distinguirão qualitativamente umas das outras.

Apesar das aparências, o espaço homogêneo não é, portanto, um dado natural da mente humana, tanto quanto o tempo homogêneo. Sem dúvida que o primitivo se move no espaço como nós; sem dúvida que, para lançar seus projéteis ou para atingir um alvo distante, ele sabe, como nós __ e, às vezes, melhor do que nós __ avaliar rapidamente as distâncias, encontrar um direção etc. Mas, uma coisa é a ação no espaço, outra coisa é a representação desse espaço. Acontece aqui como na causalidade. Os primitivos usam constantemente da ligação efetiva das causas e dos efeitos. Na construção dos utensílios, por exemplo, ou das armadilhas, eles dão prova de uma engenhosidade que implica numa observação muito refinada dessa ligação. Segue-se disto que sua representação da causalidade seja semelhante à nossa? Para chegar a esta conclusão seria preciso admitir que possuir um modo de atividade é possuir ao mesmo tempo a análise dessa atividade e o conhecimento refletido dos processos mentais ou fisiológicos que a acompanham. Postulado que basta que seja formulado para que se veja sua insustentabilidade.

Quando descrevemos a experiência por onde se move a

mentalidade primitiva, como diferente da nossa, trata-se do mundo que constituem suas representações coletivas. Sob o ponto de vista da ação, eles se movem no espaço como nós (e como os animais); eles atingem seus objetivos através de instrumentos cujo uso implica numa ligação efetiva entre as causas e os efeitos e se eles não se conformassem com esta ligação objetiva __ainda, como nós e os animais __ eles logo pereceriam. Mas, justamente o que os torna humanos é que o grupo social não se contenta em agir para viver. Cada indivíduo tem, da realidade onde vive ou age, uma representação estreitamente solidária com a estrutura desse grupo. De fato, as mentes se ligam sobretudo a outras coisas que não sejam as ligações objetivas sobre as quais a atividade prática e a indústria se fundamentam.

É por isso que na mentalidade primitiva __ totalmente mística e pré-lógica __ não apenas os dados, mas os próprios contextos da experiência não coincidem com os nossos. A célebre teoria do Sr. Bergson, que afirma que concebemos o tempo como um quantum homogêneo por causa de uma confusão entre o tempo vivido e o espaço __ que nele é único __ não parece se aplicar à mentalidade primitiva. É somente nas sociedades já desenvolvidas, quando as pré-ligações místicas se enfraquecem e tendem a se dissociar, quando se fortifica o hábito de prestar atenção às ligações das causas segundas com seus efeitos, que o espaço se torna homogêneo nas representações, bem como o tempo. Os contextos de nossa experiência se desenham, assim, pouco a pouco, se consolidam e se fixam. Muito mais tarde, quando a reflexão nos faz compreender com nossa própria mente, somos tentados a acreditar que eles são elementos constitutivos dela; inatos, diziam outrora os filósofos. A observação e a análise das representações coletivas nas sociedades

inferiores estão longe de confirmar esta hipótese.

***

Capítulo III

Os sonhos. Como a mentalidade primitiva recolhe os dados que lhe importam.

Índice

O mundo da experiência, em seu conjunto, não se apresenta à mentalidade primitiva como a nós. Não apenas o contexto difere um pouco __ já que o tempo, o espaço, a causalidade são representados e principalmente sentidos de outra maneira __ mas os dados também são mais complexos e, num certo sentido, mais ricos. Àquilo que lhes fornece __ como a nós __ o mundo visível, o conjunto das realidades perceptíveis aos sentidos, se acrescentam __ ou melhor, se misturam __ para os primitivos, os dados provenientes das forças místicas de toda parte e sempre presentes e que são, ademais, as mais importantes. Como recolhê-las, como provocá-las quando elas tardam a se manifestar, como interpretá-las, como classificá-las? Há um tanto de funções que a mente dos primitivos deverá preencher e cujas representações coletivas nos revelam a extrema complexidade. Vê-se então que o torpor intelectual, a falta de curiosidade, a indiferença constatados por tantos observadores nas sociedades primitivas são quase sempre mais aparentes do que reais. Assim que a ação das potências místicas entra em jogo, essas mentes tão entorpecidas logo despertam. Elas não são mais nem indiferentes nem apáticas; vós as vereis atentas, pacientes e até mesmo engenhosas e sutis.

Sem dúvida que o caminho que elas percorrem não leva, como o nosso, à formação de conceitos e ao conhecimento científico, que tem diante dele um campo ilimitado e pode ir sempre mais além. Muito rapidamente ele atinge seu objetivo ou não leva a nada. Por outro lado, a maior parte das representações coletivas que a ocupam tem um caráter emocional muito marcado e as pré-ligações estabelecidas entre elas são muito frequentemente de natureza pré-lógica e impermeável à experiência.

O que lhe importa perceber antes de tudo é a ação das forças místicas com que os primitivos se sentem rodeados. Essas forças são, por sua própria natureza, invisíveis e não perceptíveis. Elas só se revelam através de manifestações mais ou menos explícitas, mais ou menos significativas, mais ou menos frequentes. É preciso então aprender a discerni-las, a recolhê-las e a compreendê-las. Já __ como vimos acima __ tudo o que parece insólito, fortuito, extraordinário, espantoso e imprevisto é interpretado como uma manifestação das forças ocultas. Mas, há outras coisas, mais diretas e principalmente mais regulares, pelas quais essas forças fazem saber o que vai acontecer e, advertem, por assim dizer, o indivíduo ou o grupo social. Deste gênero são os sonhos e os presságios bons ou maus. Quando essas manifestações não se produzem por elas mesmas, a mentalidade primitiva se empenha em solicitá-las. Ela inventa meios de provocá-las (sonhos provocados, processos adivinhatórios, ordálios etc.). Ela obtém assim, muitos dados que encontram seu lugar no contexto de sua experiência e que contribuem frequentemente para torná-la desconcertante, para nós.

§1. O valor particular do sonho. A experiência da alma durante o sonho. O que é visto no sonho é real, mesmo se o que existe nele está em contradição com os dados

da vigília.

Índice

Para a mentalidade primitiva, como se sabe, o mundo visível e o mundo invisível formam um só. A comunicação entre o que chamamos de realidade sensível e as potências místicas é, portanto, constante. Mas, em nenhuma outra parte talvez ela se efetue de uma maneira mais imediata e mais completa do que nos sonhos, quando a pessoa passa e repassa de um mundo ao outro sem perceber. Esta é, com efeito, a representação ordinária do sonho entre os primitivos. A "alma"[140] deixa momentaneamente seu corpo. Ela vai, às vezes, muito longe e conversa com os espíritos ou os mortos. Ao despertar, ela retoma seu lugar no corpo. Se, no entanto, um malefício ou um acidente qualquer a impede de retornar, a doença e talvez a morte são coisas a temer. Outras vezes, são os espíritos dos mortos, ou outras potências, que vem fazer uma visita à alma enquanto ela dorme.

O sonho fornece assim, aos primitivos, dados que, aos seus olhos, valem tanto, ou mais, do que as percepções adquiridas durante a vigília. Eles não precisam, para aceitar esses dados, da "filosofia natural" que lhes imputa Tylor e sua escola. Eles também não são enganados por uma grosseira ilusão psicológica. Eles sabem muito bem distinguir o sonho das percepções da vigília e que eles só sonham quando dormem. Mas eles não se espantam, de maneira alguma, com o fato de que seus sonhos os colocam em relação direta com as potências que não se deixam nem ver nem tocar. Eles também não se surpreendem por possuírem essa faculdade, tanto quanto de serem dotados de visão ou audição. Sem dúvida que ela não é exercida a vontade nem constantemente, como os sentidos.

Mas não é natural que as potências místicas sejam mestres em concordar ou recusar que se tenha comércio com elas? Aliás, o sonho não é um fato suficientemente raro para contrastar com a experiência ordinária. Em inúmeras sociedades inferiores, onde todo mundo presta a mais alta atenção aos sonhos, as pessoas se interrogam uns aos outros todas as manhãs sobres seus sonhos, os contam e os interpretam; sempre há entre eles alguém que sonhou.

A imagem homérica "o sonho é irmão da morte" vem, sem dúvida, de muito longe. Para os primitivos, ela é literalmente verdadeira. O novo morto, como se sabe, segundo eles, continua a viver, mas em condições novas. Ele não se afasta imediatamente; ele continua nas proximidades e continua a agir sobre o grupo social, que sente sua presença e não pode se descuidar dele. Sua "alma" deixou seu corpo. Mas, este corpo ficou e, enquanto ele não se decompõe inteiramente, as participações entre o novo morto e seu grupo só se rompem parcialmente. Da mesma forma, quando uma pessoa sonha dormindo, sua alma se separou de seu corpo e, até que retorne a ele, ele fica num estado totalmente semelhante ao dos novos mortos. Às vezes, os primitivos exprimem essa ideia em termos impressionantes. Assim, na África ocidental alemã, "sonhar (*drokuku*)" quer dizer "estar semimorto".

> *No sonho, a alma se afasta do corpo e vai para o lugar dos sonhos, onde, num instante, acredita-se ver e possuir os objetos, mas eles não se deixam ser levados... No entanto, esses simulacros são considerados como reais. Por exemplo, se vemos em um sonho alguém que está morto há muito tempo, conversa-se realmente com ele. Em sonho, vê-se objetos reais e eventos que acontecem "de verdade" e a alma, temporariamente liberada do corpo, fala e age como ela faz*

em plena luz do dia quando está no corpo. A única diferença consiste nisto: no sonho ela se move não no mundo visível, mas no mundo invisível.[141]

Não se poderia dizer melhor que os dois mundos fazem parte igualmente de sua experiência.

Os Maoris da Nova Zelândia não concebem o sonho de outra maneira. Escreve Elsdon Best:

> *Essa velha senhora me diz um dia: "Eu acredito, de bom-grado, que as pessoas que morrem velhas reencontram sua juventude no* ***reinga****. Pois eu estive no* ***reinga*** *na última noite (ou seja, ela tinha sonhado) e nele eu vi Kiriwera (uma mulher velha morta recentemente); ela tinha um ar bem jovial e encantador". Quando um nativo diz que ele esteve no* ***reinga****, ele quer dizer que ele teve um sonho. Um velho me contou: "Eu estive no* ***reinga*** *na última noite e nele eu vi meu velho amigo, morto há muito tempo. No seu semblante... eu pude avaliar que fará bom tempo amanhã"*[142].

Colenso já tinha feito a mesma observação: "Eles acreditam na verdade de seus sonhos, dos quais eles têm de muitas espécies, tanto bons quanto maus... Eles estão convencidos de que os sonhos são lembranças do que eles viram no *reinga* (mundo invisível, lar dos mortos), onde a alma fica durante o sono do corpo"[143].

Por fim, para não multiplicar os testemunhos, crenças análogas são encontradas na América do Norte. "Eles se deixam guiar principalmente por seus sonhos, pois eles imaginam que durante a noite, eles estão em comunicação direta com os espíritos que velam por suas ocupações cotidianas"[144]. Os nativos da Nova França, que atribuem tanta importância aos sonhos, não os representam de outra

forma. “Não podendo entender a maneira como a alma opera durante o sono, quando ela lhes mostra objetos distantes e ausentes, eles afirmam que a alma deixa o corpo quando ele está dormindo e que ela vai procurar os objetos dos sonhos nos lugares onde eles os veem e que ela retorna ao seu corpo no fim da noite, quando todos os sonhos se dissipam”[145].

O que é visto em sonho, em princípio, é verdadeiro. Para mentes pouco sensíveis à contradição e que não se incomodam com a presença de um mesmo objeto em vários lugares ao mesmo tempo, que razão se tem para duvidar desses dados da experiência, mais do que os outros? Uma vez admitida a ideia que a mentalidade primitiva faz do sono e do sonho, como nada lhe parece mais natural do que a comunicação entre o mundo visível e o mundo invisível, como ela desconfiaria daquilo que ela vê no sonho e não do que ela vê com os olhos abertos? Ela acreditaria nele muito mais, por causa da origem mística dos dados, que os tornam mais preciosos e mais certeiros. Não há nada com que se possa estar mais certo do que aquilo que é revelado nos sonhos[146]. No Gabão, “um sonho é mais comprobatório do que um testemunho”[147].

Mas, não há sonhos incoerentes, absurdos e manifestamente impossíveis? Na mentalidade primitiva, o princípio da contradição não exerce o mesmo império sobre as ligações das representações, como na nossa mentalidade. Por outro lado, os primitivos não dão crédito a todos os sonhos indistintamente. Alguns sonhos são verídicos e outros não. Assim, os Dieris “distinguem o que veem como uma visão e um simples sonho. Este último é chamado de *apitcha* e é tomado como uma simples imaginação...”[148] Entre os nativos da Nova França, “aqueles que têm o dom de sonhar bem não escutam todos os seus sonhos indiscriminadamente; eles reconhecem

os falsos e os verdadeiros e estes, dizem, são muito raros"[149].

Com esta reserva, o primitivo não duvida da veracidade do sonho. O que o sonho anuncia acontecerá, o que ele mostrou aconteceu. Para citar apenas um ou dois exemplos retirados em sociedades australianas,

> *se uma pessoa sonha que vai encontrar um ninho de cisnes em um certo lugar, ele vai até lá, certo de encontrá-lo. Se ele sonha que vai lhe acontecer um acidente sério, por exemplo, que ele será mortalmente ferido numa batalha e se, em seguida, ele é ferido, ele diz: "Eu sabia que isso aconteceria, eu tinha sonhado." Se ele sabe através de um amigo que este teve um mal sonho a seu respeito, isso o torna miserável e infeliz por muito tempo. Se um cão se agita durante seu sono, é um sinal de que ele está sonhando com uma caça aos cangurus e que ele matará um no dia seguinte; e o dono tem tanta confiança no sonho de seu cão que ele irá com ele à caça no dia seguinte.*[150]

A certeza não é menor se se tratar de um evento passado ou de algo que aconteceu bem longe.

> *Um dia, eu ouvi um choro bem alto nas cabanas. Fui até e encontrei as mulheres em lágrimas, o rosto contorcido e se arrancando os cabelos. Um velho estava sentado no meio delas, com uma expressão de desespero no rosto. Eu perguntei o que tudo isso queria dizer e soube que o velho havia sonhado que alguém em Tipping tinha posto um* ***ngadhungi*** *no fogo para matá-lo (malefício operado por meio de restos de comida)... Vários jovens me disseram que ele morreria realmente, a menos que se fosse a Tipping para interromper*

esse malefício. Eu enviei então pessoas, como eles desejavam. No dia seguinte meus emissários retornaram dizendo que não tinham descoberto nenhum feitiço. Entrou-se em acordo que deve ter sido um mal-entendido e então o velho se restabeleceu.[151]

Fatos semelhantes foram constatados com muita frequência nas sociedades inferiores as mais distantes umas das outras. Em Sumatra, um Battak (região do lago Toba), não podendo explicar como os brancos eram capazes de predizer os eclipses do sol e da lua, entendeu que eles eram revelados nos sonhos[152]. Na Nova Zelândia, um missionário relata, em 1830, "que um homem e uma mulher foram massacrados sob o pretexto de que eles tinham enfeitiçado várias pessoas que tinham morrido ultimamente. Outra mulher sonhou que eles tinham sido a causa dessas mortes e este sonhou bastou aos olhos dos naturais"[153]. Na África equatorial acontece de uma viagem feita em sonho contar como uma viagem real.

Eu retornei até a casa do chefe e fiquei espantado de encontrá-lo sentado fora de sua casa, vestido como um europeu. Ele me explicou que tinha, na noite anterior, sonhado que tinha ido até Portugal, Inglaterra e alguns outros países. Era por isso que ele havia colocado roupas europeias e dito a seus súditos que tinha chegado dos países do homem branco. Todos aqueles que vinham vê-lo __ velhos e jovens __ tinham que apertar-lhe a mão e felicitá-lo pelo seu feliz retorno[154].

No Gabão, um homem __ contra quem um ordálio decidiu e que não concebe que o resultado da prova possa ser falso __ admite

que pode ter cometido o ato em sonho. “Eu ouvi um homem acusado dessa forma responder: ‘Eu quero pagar, porque, em suma, eu bem que posso ter matado fulano, dormindo; mas, em consciência, eu não sei nada sobre isso’”[155].

§2. Um homem é responsável pelo que ele viu ser feito, ou pelo que um outro o viu fazer em sonho. Multipresença da alma.

Índice

Da mesma forma que as coisas vistas em sonho são reais, os atos cometidos em sonho geram a responsabilidade de seus autores e pode-se cobrá-los por isso. Por exemplo, na Nova Guiné,

> *o homem que viu em sonho uma mulher lhe fazer uma declaração de amor, acredita que isso de fato aconteceu e que essa mulher tem realmente uma inclinação por ele... Entre os Kais, se um homem sonha que cometeu uma falta com a mulher de seu amigo, ele é punível. Caso seu sonho seja conhecido é preciso que ele pague uma multa ou, pelo menos, que ele sofra uma reprimenda violentamente.*[156]

Uma pessoa é até mesmo responsável pelo que uma outra a viu fazer em sonho. É de se imaginar que complicações podem nascer disso. Eis algumas das mais curiosas. “Em Muka (Bornéu), eu encontrei Janela... Ele me disse que a razão de sua vinda era que sua filha tinha sofrido uma multa em Luai, porque seu marido tinha sonhado que ela era infiel. Janela tinha multado sua filha”[157].

Também em Bornéu, conta o Sr. Grant:

> *um homem veio oficialmente me pedir proteção. Eis do que se tratava: outro homem da mesma aldeia tinha sonhado*

que ele havia batido em seu sogro com um golpe de lança, que estava doente em sua casa. Convencido da realidade de seu sonho, ele tinha ameaçado o acusado de vingança, se o doente morresse. Era por isso que o acusado pedia proteção, afirmando que não tinha batido no doente e que se sua alma tinha feito isso durante seu sono, ele não sabia de nada e que não era o responsável por isso. Por acaso, era justamente eu quem cuidava do doente[158].

Ressalta-se desta narrativa que o homem acusado não nega absolutamente o ato que lhe é imputado; ele nem mesmo coloca em dúvida a realidade do que seu acusador viu em sonho. Ele concorda que pode ter feito durante o sono aquilo de que é acusado; ele somente rejeita a responsabilidade sobre sua "alma". Acusador e acusado podem ser ambos de boa-fé. Eles admitem como uma coisa evidente que o que aparece em sonho é real, por mais difícil que nos pareça concordar com essa experiência.

Nada é mais instrutivo, sobre este ponto, do que os fatos recolhidos pelo missionário Grubb entre os Lenguas do grande Chaco. Ele diz:

Um nativo sonhou que comia uma ***zala*** *(pássaro aquático) e diz que, ao despertar, tinha ouvido o grito desses pássaros nos pântanos próximos. De manhã, ele informou seus camaradas que seu filho pequeno, que estava com sua mãe em outra aldeia, quase não tinha dormido à noite. (Acredita-se que um homem que tem um filho pequeno não pode comer esse pássaro, porque, se o fizer, a criança não dormirá na noite seguinte). No caso presente, é evidente que o grito desses pássaros durante a noite tinha provocado o sonho deste nativo e, como ele os tinha comido em seu sonho, ele concluiu que*

seu filho tinha sofrido as consequências de sua imprudência.[159]

O nativo não fazia, portanto, nenhuma distinção entre o ato cometido em sonho e o ato cometido em plena luz do dia em estado de vigília: as duas formas de experiência eram equivalentes, aos seus olhos.

Acontece de o primitivo ver em sonho fatos que devem acontecer mais tarde; esses fatos são, ao mesmo tempo, futuros, pois ele os prevê para o futuro, e passados, pois ele os viu em sonho e, como tais, a seus olhos, eles já aconteceram. Há aqui uma impossibilidade para as mentes regidas antes de tudo, como as nossas, pelo princípio da contradição e que têm uma representação clara do tempo como se desenrolando em uma série unilinear de momentos sucessivos. Como um mesmo acontecimento pode ocupar nessa série duas posições diferentes, distanciadas uma da outra e, portanto, pertencendo ao mesmo tempo ao passado e ao futuro? Mas essa impossibilidade não choca a mentalidade pré-lógica. Não que ela acomode confusões as mais grosseiras, como se diz frequentemente; mas o mundo de sua experiência, mais complexo do que o nosso, admite como simultâneo dados que não podem coexistir em nosso tempo e nosso espaço. É somente assim que se pode compreender os fatos deste gênero, relatados pelo Sr. Grubb. Diz ele:

O nativo tem completa fé em seus sonhos e os deixa dirigir suas ações. Um nativo, chamado Poit, tinha ficado seriamente impressionado com um sonho, que ele tinha contado várias semanas antes de tentar me matar. Ele tinha se encontrado comigo em uma clareira na floresta. Eu o havia acusado de ter roubado objetos que me pertenciam e tinha lhe

dado um tiro de fuzil. Ele considerou este sonho como um aviso certo do que aconteceria e, do ponto de vista do nativo, se ele não podia evitar a catástrofe de outra maneira, ele não tinha outro recurso que não fosse me devolver a bala e fazer o possível para me tratar como ele tinha sonhado que eu o havia tratado.[160]

O nativo, ao cometer sua tentativa de assassinato, não se considera como agressor. Ele só fez dar o troco no Sr. Grubb. O que ele viu em sonho é real; portanto, foi o Sr. Grubb que o atacou e o nativo, ao responder, está no caso de legítima defesa. Ele toma a cena que viu no sonho, como passado ou como futuro? Como futuro, evidentemente, pois ele ainda não recebeu o tiro do Sr. Grubb e não foi atingido. Mas, nem por isso, ela não aconteceu e ela justifica sua resposta[161].

O seguinte fato implica numa dificuldade ainda maior, se não se admitir que a experiência desses nativos acontece em contextos menos rígidos do os nossos, de maneiras que ela contém, ao mesmo tempo, dados que, para nós, deveriam necessariamente se excluírem uns aos outros.

Esse homem chegou à minha aldeia, vindo de um lugar distante umas 150 milhas, aproximadamente. Ele me pediu uma indenização por abóboras que eu tinha roubado recentemente de sua horta. Profundamente surpreso, eu lhe disse que estava longe de sua horta há muito tempo e que, desta forma, era impossível que eu tivesse roubado suas abóboras. Eu, inicialmente, achei que fosse uma brincadeira, mas o homem estava muito sério. Ser acusado de roubo por um nativo era uma experiência nova para mim. Com as minhas reprovações, ele respondeu admitindo muito

francamente que eu não havia pegado suas abóboras. Quando ele me disse isso eu entendi menos ainda. Eu teria ficado zangado se não tivesse visto que ele estava perfeitamente convencido do fato e eu me senti, pelo contrário, profundamente interessado. Em seguida, eu descobri que ele havia sonhado que eu estivera uma noite em sua horta e que, escondido por detrás de algumas plantas muito altas, ele me vira cortar e levar três abóboras. Eram elas que ele queria que eu pagasse. Eu lhe disse: "Está certo! Mas você tem que reconhecer agora que eu não as peguei". Ele concordou de novo, mas acrescentou imediatamente: "Se o senhor tivesse estado lá, o senhor as teria pegado". Ele mostrou assim que via o ato de minha alma (que ele supunha ter encontrado em sua horta) como sendo realmente desejado por mim e que eu de fato o teria cometido se tivesse estado lá em carne e osso.[162]

Essa discussão joga um facho de luz sobre as operações mentais do nativo. O Sr. Grubb pensa ter feito com que ele tocasse o dedo na impossibilidade de considerar seu sonho como real e ele explica a obstinação do nativo atribuindo-lhe a crença de que as intenções da alma equivalem aos atos. Mas ele reconhece, ao mesmo tempo, que o nativo persiste em afirmar que ele encontrou essa alma em sua horta. De fato, o nativo não duvida que viu o Sr. Grubb em pessoa. Quando este objeta que, naquele momento, estava a 150 milhas de distância, o nativo se convence. Mas, a incompatibilidade lógica entre as duas afirmações não basta para fazê-lo abandonar aquilo que está fundamentado em seu sonho e ele mantém as duas. Ele mantém principalmente aquilo que repousa sobre o que ele viu com seus olhos, enquanto sonhava. Ele prefere admitir

implicitamente o que os escolásticos chamavam de *multipresença* de um mesmo ser, do que duvidar do que é certo para ele. Esta é uma consequência necessária da natureza de sua experiência, que, diferente das realidades que chamamos objetivas, compreende uma infinidade de outras que pertencem ao mundo invisível. Nem nosso tempo, nem nosso espaço, nem nossos princípios lógicos são aqui suficientes. Esta é uma das razões que fazem considerar essa mentalidade como "pré-lógica".

A multipresença implicitamente admitida pelo nativo do Sr. Grubb não é um caso isolado. Em um grande número de sociedades inferiores, representa-se da mesma maneira uma multipresença do novo morto, que, para a mais profunda perplexidade do observador europeu, habita ao mesmo tempo a tumba onde jaz seu corpo e assombra a casa onde viveu. A contradição não é sentida e, em geral, não é suficiente apontá-la para fazê-la desaparecer.

§3. Confiança atribuída ao sonho entre os Bantos. Conversões decididas pelos sonhos.

Índice

Nas sociedades mais desenvolvidas da África austral, a obsessão pela feitiçaria é contínua. Por outro lado, mantém-se contato constante com os mortos, tanto com aqueles cuja lembrança ainda é viva quanto com a massa amalgamada dos "ancestrais". É, portanto, natural que os sonhos sirvam para esse comércio e que eles sejam úteis também para a descoberta dos feiticeiros. Isso, com efeito, é atestado por inúmeros observadores. O sonho revela as atividades de um inimigo secreto. Entre os Cafres,

> *um pouco antes da morte de Gaika, este chefe enviou um mensageiro até uma velha senhora, que tinha sido uma de*

suas concubinas, mas que vivia agora na missão, para informar que ele tinha sonhado com ela na noite anterior e que ele desejava vê-la em sua aldeia. Ela recusou... No dia seguinte, três chefes vieram procurar o Sr. Chalmers, solicitaram uma audiência particular e o informaram em voz baixa que a mulher que eles tinham vindo recriminar tinha enfeitiçado o chefe através de pelo de cabra, misturado com trapos velhos.[163]

Um homem sonha que sua vida está ameaçada por alguém que ele sempre olhou como um amigo verdadeiro. Ao despertar, ele diz: "Veja que coisa estranha: um homem que jamais se abaixa para qualquer covardia quer me matar. Eu não compreendo isso, mas é certo que isso é verdadeiro, pois os sonhos não mentem jamais".[164]

Callaway relata um incidente muito semelhante, atendo-se muito próximo da linguagem dos nativos:

Ás vezes, uma pessoa age com a intenção secreta de fazer mal a uma outra, sem que ela saiba e sem que até mesmo se suspeite do autor, que é seu amigo. Mas, se ele ouve num sonho uma voz que lhe diz: "Fulano só parece ser seu amigo. Não vês que ele te matará? O que pensas que ele tem na mente quando ele diz tais e tais coisas (alusão a propostas que o outro fez)?" Ele se lembra e chora: "Sim, certamente, fulano me odeia por esta razão". E ele começa a manter distância e a ficar atento. E se seu amigo lhe diz: "Fulano, você está me evitando agora. O que há? Que razão nos separa?" Ele responde com uma desculpa...[165]

Entre sua amizade e seu sonho, o nativo não hesita. Ele fica

surpreso, mas não duvida. O sonho é uma revelação que vem do mundo invisível. Negligenciá-la seria loucura. Os pequenos potentados africanos sempre se aproveitam dessas advertências. “Se Casembe sonha com um homem duas ou três vezes, ele manda matá-lo, porque é um homem que ameaça sua vida com malefícios”[166]. O feiticeiro desmascarado é logo enviado à morte.

De numerosas passagens de Callaway destaca-se que esses sonhos, reveladores de um perigo, provêm dos mortos.

> *Se, em vosso sonho, vós sonhais que um animal vos persegue e quer vos matar, quando despertares, estareis surpresos e vos direis: “Como é possível que eu sonhe com um animal feroz que me persegue?” E se de manhã vós partais para a caça... irás sabendo que estás em perigo, que o* ***itongo*** *colocou o animal diante de vós a fim de que sejais advertido de que se não tomais cuidado, vós morrerás. Se vós partais à caça, prestai atenção. Se possível, não partais...*[167]

E, em outro lugar, ainda mais explicitamente:

> *Os negros afirmam com segurança que os* ***amatongo*** *(plural de* ***itongo****) existem e os assistem. Mas, quando eles dizem que os* ***amatongo*** *os assistem, eles não falam isso porque os adivinhos disseram, mas por causa do testemunho de seus próprios olhos. Por exemplo, quando eles estão dormindo, um homem morto aparece e fala a um deles: “Fulano, seria bom que tal coisa fosse feita na aldeia”. Isso o adverte de que alguma coisa vai acontecer.*[168]

Naturalmente que nem todos os sonhos são igualmente fáceis de interpretar e, desta forma, os Cafres __ bem como todos os povos que regulam seus atos através dos sonhos __ foram levados a

distinguir entre os bons sonhos e os maus sonhos, entre aqueles que são verídicos e aqueles que são mentirosos.

> *As pessoas dizem que os sonhos de verão são verdadeiros, mas eles não dizem que eles são sempre verdadeiros; eles dizem que os sonhos de verão habitualmente não perdem o objetivo. Mas eles dizem que o inverno é mal e produz imaginações confusas, ou seja, muitos sonhos ininteligíveis...*
>
> *Um sonho que dizem enviado pelo* ***itongo*** *é um sonho que vem com uma mensagem dos mortos, que perguntam por que não se faz tal ou tal coisa. Por exemplo, entre os negros, se há uma colheita abundante, às vezes o chefe da aldeia ouve dizer em sonho: "Como é possível, quando vos foi dada tanta comida, que não agradeçam?" E logo assim que ele desperta ele sabe a que alimento o sonho faz alusão... E ele logo ordena ao seu povo que prepare cerveja, pois ele vai oferecer um sacrifício (aos ancestrais).*[169]

Eis, portanto, o típico sonho verídico: é uma reclamação dos mortos, que querem ser pagos por um serviço prestado. Sua intimação parece tão natural quanto a forma sob a qual ela é apresentada. É um incidente da vida de todos os dias, como a lembrança de uma dívida feita por um credor. A única diferença é que o credor se apresenta durante o dia e o *itongo* fala durante a noite, em seu próprio nome ou em nome dos ancestrais e fala por meio do sonho.

Frequentemente, quando todos os esforços dos missionários para convencer um nativo a se converter foram inúteis, um sonho súbito o determina a isso, principalmente se esse sonho reaparece várias vezes. Por exemplo, entre os Bassutos:

O que é então que desempenha o grande papel na conversão do Mossouto? ... O papel predominante pertence ao sonho... Para convencê-lo é preciso alguma coisa de extraordinário, uma intervenção divina (no pensamento) que impressione sua imaginação... Se perguntares a um pagão que ouviu o Evangelho, quando é que ele se converterá, ele vos responderá na forma mais natural do mundo: quando Deus falar comigo.[170]

É muito curioso ver o número de pessoas aqui que atribuem sua conversão a um sonho... A observação seria confirmada pela maior parte, senão pela totalidade de nossos missionários. O sonho desempenha um grande papel na iniciação da vida religiosa dos negros. O Sr. Mondain me narrou recentemente um tipo de visão que provocou a conversão de um feiticeiro malgaxe. Em Lesoto, os fatos deste tipo abundam e centenas de cristãos desse país ouviram o primeiro apelo de sua consciência sob a forma de um sonho.[171]

Auguste, um Motschuane daqui, me contou que há já quatro anos, o Senhor o tinha chamado, para convertê-lo, mas que ele não tinha ouvido sua voz. Eu acreditava que por voz do Senhor ele queria dizer o Evangelho; mas ele queria dizer um sonho, onde ele tinha visto uma luz intensa e ouvido uma voz que dizia: é preciso que tu te convertas! Alguns dias após este relato, o nativo teve um novo sonho e a conversão aconteceu.[172]

Da mesma forma o chefe Sékoate disse para um missionário: "Há muito tempo que eu sonho e que em meu sonho eu vejo

missionários. Que eles venham então e eu os tratarei como eu tratei os Bôeres”[173]. O Sr. Merensky constata, como o Dr. Wangemann, que frequentemente só os sonhos são capazes de vencer as hesitações dos nativos.

> *Geralmente os sonhos eram o meio que forçava a decisão dos pagãos vacilantes... Naqueles que procuram e que balançam, esses sonhos acontecem com tanta regularidade que, um dia, no fim de uma aula, Podumo nos perguntou, em presença dos outros catecúmenos, como ele devia explicar que ainda não tivera sonhos; portanto, ele buscava muito sinceramente e rogava muito. O conteúdo desses sonhos nos parecia geralmente insignificante; mas os nativos tinham um outro sentimento e esses sonhos lhes deixavam geralmente impressões duráveis.*[174]

A reflexão e a inquietude de Podumo são significativas. Se Deus acha sua conversão agradável, como é que Ele não lhe diz nada? E se Ele quisesse dizê-lo, não falaria à Podumo durante seu sono, como fazem os *amatongo*?

Na África equatorial, os sonhos têm um significado bem semelhante. Só para citar um exemplo,

> *os Azandes (do Alto Congo) acreditam que os mortos fazem os vivos conhecerem suas vontades à noite. Os sonhos são para eles a realidade e estão convencidos de que, quando veem um parente defunto em sonho, eles mantêm com seu espírito uma conversa, durante a qual o morto dá seus conselhos, expressa sua satisfação ou seu descontentamento, suas aspirações e seus desejos. Pode acontecer que o finado peça, desta maneira, um escravo para cuidar dele. Consulta-*

*se então o **benget** e se o oráculo prediz infelicidades caso os desejos do morto não sejam satisfeitos, quebra-se os braços e as pernas de um escravo e ele é colocado sobre a tumba do morto, onde morre de dor e fome.*

Caso não seja possível sacrificar um escravo, uma viúva do defunto é imolada da mesma maneira.[175]

§4. Respeito dos nativos da Nova França pelos sonhos. Necessidade de serem obedecidos. O sonho e o totem individual.

Índice

Em nenhum lugar a influência dos sonhos na vida cotidiana das sociedades inferiores foi melhor descrita do que nas *Relations des Jésuites* da Nova França. Não que eles tenham se dado ao trabalho de descrevê-la ou de estudá-la. Se eles falam dela é porque ela se impõe à sua atenção, porque eles a encontram por toda parte, porque os sonhos dos nativos são para o sucesso dos missionários o obstáculo mais difícil ou a ajuda mais preciosa, porque, enfim, os jesuítas não podem admirar suficientemente tudo o que os sonhos proporcionam aos nativos.

O sonho é o oráculo que todos esses povos consultam e escutam; o profeta que lhes prediz as coisas futuras, a Cassandra que os adverte das desgraças que os ameaçam; o médico geral em suas doenças; o Esculápio e o Galeno de todos os países; é o mestre mais absoluto que eles possuem. Se um capitão fala de um lado e um sonha do outro; o capitão pode se rasgar de tanto gritar, o sonho é o primeiro a ser obedecido. Ele é seu Mercúrio nas viagens, seu administrador nas famílias. O sonho geralmente preside seus conselhos. O

trato dos animais, a pesca e a caça, costumeiramente só são realizados sob seu consentimento e quase que apenas para satisfazê-lo. Não há nada tão precioso que eles não se privem de boa vontade em virtude de um sonho qualquer... É, a bem dizer, o principal deus dos Hurons.[176]

Diz outro padre:

Os Iroqueses, propriamente falando, possuem apenas uma divindade, que é o sonho; eles se submetem a ele e seguem suas ordens com a máxima precisão. Os Tsonnontouens são muito mais ligados a ele do que os outros; sua religião sobre este assunto vai até o escrúpulo: o que quer que eles imaginem terem feito em sonho, eles se acreditam absolutamente obrigados a executar mais tarde. As outras nações se contentam em observar os seus sonhos mais memoráveis; mas estes, que vivem mais religiosamente do que seus vizinhos, se achariam culpados de um grande crime, se omitissem um só deles. O povo só pensa nisso; eles não fazem outra coisa; todas as suas cabanas são repletas de seus sonhos.[177]

Não se poderia, me parece, expor em termos mais fortes e mais expressivos a intervenção constante das potências invisíveis na conduta e na vida dos nativos e a preponderância dos elementos místicos da experiência sobre os outros. O sonho é a via por onde esses elementos se manifestam. Essas revelações não são somente aceitas pelos nativos sem mais dificuldade do que os dados sensíveis: elas são mesmo objeto de um respeito religioso. As palavras divindades, deus, oráculo, religião, saem sem parar das penas dos jesuítas quando escrevem sobre os sonhos. Não se trata

apenas de conselhos, indicações, sugestões amigáveis, advertências oficiais recebidas em sonho: quase sempre são ordens. Nada poderia impedir o nativo de obedecê-las. “Se, à noite, sonharam que é preciso matar algum francês, agarram o primeiro que encontram sozinho...”[178]

> *... se nossos sonhos não fossem verdadeiros, bem como os deles e que eles morreriam se não os obedecessem. Desta forma, nossas vidas dependem dos sonhos de um selvagem, pois se eles sonham que é preciso nos matar, infalivelmente eles nos matariam, se pudessem. Disseram-me que, há um tempo atrás, um deles, tendo sonhado que, para ser curado de uma doença que o afligia, ele precisava matar um certo francês, ele mandou chamá-lo...*[179]

Porque é tão imperiosamente necessário que o nativo obedeça ao que o sonho lhe ordenou ou, mais precisamente, que ele execute, uma vez desperto, o que ele viu ser feito em sonho? A questão se colocou mais de uma vez aos padres jesuítas. Eles a respondem sempre da mesma maneira: é para o nativo uma questão de vida ou de morte. Se o que ele viu no sonho não for realizado, o nativo morrerá; não apenas quando o sonho lhe sugeriu alguma ação a ele próprio, mas também se ele foi simplesmente um espectador em seu sonho e se foram outras pessoas que agiram. É preciso então que estas o executem. Por mais bizarra ou custosa que seja a exigência do sonho, eles não têm outro escolha que não seja se submeter a ele.

> *Seria uma crueldade ou uma espécie de assassinato não dar à pessoa o que ela sonhou. Pois esta recusa seria capaz de fazer com que ela morresse; daí o fato de se ver pessoas espoliadas de tudo o que possuem, sem esperança de*

retribuição, pois, o que quer que eles deem, nada lhes será devolvido se eles próprios não sonharem ou se eles não fingirem ter sonhado. Mas, regra geral, eles são muito escrupulosos para usarem de fingimento, que seria causa, em sua opinião, de todo tipo de desgraça. Há, no entanto, quem passe por cima do escrúpulo e enriquece através de uma bela ficção...[180]

Se os nativos tinham mesmo os sentimentos que os padres descrevem, essa fraude devia ser extremamente rara. "É a divindade dos selvagens, pela qual eles não têm menos respeito do que nós temos pelas coisas mais santas. Tudo o que eles sonham deve ser realizado, sob pena de atrair o ódio de todos os parentes do sonhador e de se expor a sentir os efeitos de sua cólera"[181].

Poder-se-ia pensar que essa obrigação tão opressiva de executar o que foi visto em sonho seja uma singularidade própria dos nativos da Nova França. De fato, ela é encontrada em outras sociedades, bem distantes umas das outras e ela deve ter uma razão fundamentada na própria mentalidade dessas sociedades. Os Barotses, da África do Sul, "acreditam nos sonhos; vê-se frequentemente uma mulher ir pedir um punhado de painço, porque ela sonhou que vai ficar doente se uma certa pessoa não lhe der um punhado de grãos"[182].

No Kamtchatka,

se alguém quer obter os favores de uma jovem, basta dizer que sonhou que a teve; ela considera então como um grande pecado recusá-lo, pois isso lhe poderá custar a vida (a vida dela). Alguém precisa de uma ***kuklanda*** *ou de uma* ***barka****, ou de qualquer outro objeto que sua pobreza impede de adquirir; basta dizer: "Eu tive um sonho hoje; eu dormia na*

kuklanda *de fulano ou beltrano". Logo o outro lhe faz uma doação, dizendo: "Toma. Ela não me pertence mais". Ele faz isso porque acredita firmemente que, se não lhe fizer a doação, isso lhe custará a vida.*[183]

Aqui, quem morrerá se o sonho não for "realizado" não é o próprio sonhador como entre os nativos da América do Norte, mas aquele que foi visto pelo sonhador. Mas essa diferença, por mais importante que possas ser sob outros pontos de vista, não impede que, tanto num caso como no outro, a necessidade de "realizar o sonho" apareça com o mesmo caráter imperativo. Alguma coisa parecida é encontrada hoje em dia entre os Curdos da Ásia Menor.

Eles acreditam que, se sua alma é boa, (o que aconteceu quando eles se deitaram após a prece da noite e a ablução recomendada pelo Corão), ela contrai com os anjos do Paraíso uma ligação tão íntima, que ela está numa espécie de beatitude celeste e que assim ela conhece tudo o que lhe é necessário para os sonhos que Alá lhe envia, em sinal de amizade, ou de vingança, quando sua alma está em estado de pecado. Ao despertar, eles não duvidam de que sua alma tenha realmente visto o que se apresentou a ela em sonho. Eles agem consequentemente com uma firma e cega convicção, com uma espécie de fatalidade que faz deles verdadeiros celerados e terríveis flagelos para o país. Se eles viram em sonho alguma coisa que cobiçam e procuram, eles não se tranquilizam enquanto não se tornaram, por bem ou por mal, os donos desse objeto. Se eles sonharam com algum ser animado, com um objeto ou um bem que pertença a outro (a um cristão, principalmente) eles não descansam enquanto não se tornaram seus donos, nem que para isso eles devam

empregar a força das armas, o assassinato ou a pilhagem. Se eles sonharam com algum inimigo ou com um cristão (sempre olhado como hostil à sua religião), eles devem, na primeira oportunidade, matá-lo ou saquear seus bens. Os sonhos se tornam, portanto, para esses fanáticos, quase sempre, o motivo determinante de seus crimes e de suas imposturas.[184]

A diferença de condições sociais entre os Curdos e os ameríndios explica bem como o que é feito entre estes de boa amizade torna-se entre os Curdos uma frequente ocasião de crimes e assassinatos. Mas, sob esta diferença, a analogia das obrigações aparece e ela se torna ainda menos duvidosa quando se destaca a causa que os jesuítas atribuem à essa necessidade. Porque é preciso a qualquer custo que os sonhos sejam "postos em execução"? Porque, como diz Charlevoix, "segundo os Iroqueses, toda doença é um desejo da alma e só se morre porque seu desejo não foi realizado".[185]

Os jesuítas do século XVII se expressaram sobre este ponto com muita precisão.

Porém, eles creem que nossa alma dá a conhecer seus desejos naturais através dos sonhos como pela palavra; de sorte que seus desejos, sendo realizados, ela fica contente, mas se, pelo contrário, não se lhe concede o que ela deseja, ela se indigna; não somente não propiciando ao seu corpo o bem e a felicidade que ela gostaria de lhe propiciar, mas geralmente até mesmo se revoltando contra ele, lhe causando diversas doenças e até mesmo a morte... Por causa dessas opiniões errôneas, a maior parte dos Hurons é muito atenta em registrar seus sonhos e em fornecer à sua alma o que ela mostrou durante o sono.

Da mesma forma,

> *Eles acreditam, como certo e infalível, que, quando eles sonharam com alguma coisa e deixaram de executá-la, sempre acontece uma infelicidade que estava misteriosamente expressa no sonho. Eu percebi mesmo que a maior parte desses bárbaros se jogaria no fogo para obedecer a seus sonhos quando estivessem com saúde; e também, no momento em que eles têm o menor mal, eles acreditam que não há remédio mais soberano para a cura e para lhes salvar a vida do que fazer tudo o que eles sonharam.*[186]

> *A menos, no entanto, que a doença seja devida a um feiticeiro.*[187]

Este último registro do padre jesuíta nos permite pensar que os sonhos que devem ser absolutamente "realizados" eram, em geral, aqueles das doenças ou aqueles que faziam temer uma doença. Os exemplos que nos são relatados são, geralmente, desta ordem.

> *Uma mulher em Onnontaghé sonhou que precisava de um vestido negro para curá-la; mas o massacre cruel de nossos padres, que esses bárbaros tinham cometido bem recentemente, lhe tirava a esperança de poder obtê-lo de nós e eles então recorreram aos holandeses, que lhes venderam bem caro a pobre batina do Pe. Poncet, que um tempo atrás tinha sido roubada pelos Annienhronnons. Essa mulher lhe atribuiu sua cura e quer guardá-la por toda a vida... No último verão, uma mulher, não conseguindo encontrar em Québec um cão francês que ela tinha ido buscar porque um sobrinho seu o tinha visto em sonho, realizou uma segunda viagem de mais de 400 léguas, pela neve, gelo e os caminhos mais rudes, para ir*

procurar esse animal tão desejado no lugar para onde ele foi levado.[188]

Mas acontece também de um sonho ser "posto em execução" sem que se trate de questão de doença. Os próprios jesuítas citam muitos exemplos disso. Eis um deles, bem característico:

> *Há não muito tempo, um homem da vila d'Oiogoen viu uma noite, ao dormir, dez homens que mergulhavam no rio gelado, entrando por um buraco feito no gelo e saindo por outro. Ao despertar, a primeira coisa que ele fez foi preparar um grande festim e convidar para ele dez amigos. Eles vieram todos e eram só alegria e felicidade... A uma certa altura, ele lhes conta seu sonho, que não os surpreende, no entanto, pois, na mesma hora, todos os dez se apresentaram para executá-lo. Vão então ao rio, perfuram o gelo e fazem nele dois buracos distanciados um do outro em quinze passos. Os mergulhadores se despem e o primeiro abre o caminho aos outros, saltando em um dos buracos e saindo muito feliz pelo outro. O segundo faz o mesmo e assim os outros até o décimo, que pagou por todos, pois ele não conseguiu sair e pereceu miseravelmente sob o gelo.*[189]

Foi preciso apenas, para determinar os dez amigos a arriscar desta forma suas vidas, que o sonho expressasse um "desejo da alma", ao qual era impossível não obedecer, sob pena de atrair as maiores infelicidades; mas não é dito que este nativo já estava doente.

A mesma observação vale para os sonhos que interessavam particularmente os missionários. Como os Bantos, que já foram mencionados aqui, os ameríndios só se decidiam pela conversão se

eles tivessem sonhado que o faziam, ou se, pelo menos, um sonho os tivesse levado a isso. “Eu estou totalmente disposto a abraçar a fé e a me fazer cristão, por mais horror que eu tenha disto __ nos disse um desses pobres escravos de Satã __ desde que meu sonho me ordene. Com efeito, nada lhes parece difícil quando é preciso obedecer ao sonho”[190].

Uma última dificuldade se apresenta então, que não parece preocupar os padres jesuítas. O que é exatamente essa alma, que faz saber através dos sonhos o que ela precisa e cujos desejos são ordens que precisam ser executadas a qualquer preço? O termo “alma” é bem vago. Ela pode ter o mesmo sentido na mente dos jesuítas e nas representações coletivas dos nativos? Estes, nos dizem, admitem a existência de pelo menos duas “almas” em cada pessoa. Uma delas se assemelha muito a um princípio vital e seu destino segue o do corpo. A outra habita o corpo durante a vida, mas o deixa no momento da morte. Ela o precede e sobrevive a ele. Entre esta segunda alma, hóspede do corpo, de quem dependem o bem-estar e a própria vida da pessoa durante sua existência atual e seu gênio tutelar, seu anjo-da-guarda, seu *my god* pessoal (expressão de Powel), seu protetor ou seu totem individual, há uma participação que os observadores jamais puderam deixar claro e que, sem dúvida, não ficará. Essa participação não vai, talvez, até à fusão, até à identidade dos dois seres[191]. Mas ela acontece de uma forma tal que o nativo se sente inteiramente na dependência desse *genius*, que em qualquer ocasião pode torná-lo feliz ou infeliz. Não há infelicidade maior do que incorrer em sua desgraça. Se o nativo não lhe der atenção, é certo que morrerá.

Admitamos que o sonho seja a expressão da vontade do *genius*; desta forma, o respeito, o medo, a necessidade de obediência

imediata, dos quais os nativos dão testemunhos tão impressionantes, encontram a explicação mais natural. Executar a ordem do sonho é para eles uma questão de vida ou de morte. Recusar a dar a um deles, ou fazer por ele, o que seu *genius* pede em um sonho que se faça ou que se lhe dê, é cometer um tipo de assassinato.

Todavia, de fato, a terminologia dos padres jesuítas é muito flutuante e acontece, em suas narrativas, de o totem individual do nativo não se distinguir de sua alma. Charlevoix diz expressamente: "Em Acádia não se recusa nada que o doente pede, porque seus desejos, neste estado, são ordens do gênio tutelar"[192].

A doença, em um grande número de casos, é um sinal que mostra ao nativo que seu gênio tutelar está ofendido ou descontente, porque um de seus desejos não foi satisfeito e que ele ameaça abandoná-lo, o que faria com que morresse. Como saber qual é esse desejo ou o que poderia ser feito para apaziguar o *genius*? Só ele pode dizê-lo e ele o faz através de um sonho, que deverá ser estritamente executado. Esta hipótese se impõe ainda mais porque é sempre em uma visão ou num sonho __ seja produzido espontaneamente, seja solicitado ou provocado __ que o nativo percebe pela primeira vez seu gênio protetor. Não há outro meio de conhecê-lo. Ele está, portanto, totalmente disposto a acreditar que os sonhos __ ou pelo menos alguns sonhos __ são comunicações que lhe são feitas pelo seu *genius*. Este será o procedimento comum de suas revelações e sabe-se que as relações do nativo com seu totem individual são constantes. "Ele deve honrá-lo, seguir suas opiniões, merecer seus favores, depositar nele toda sua confiança e temer os efeitos de sua ira se ele negligencia em cumprir o que deve"[193].

Para concluir este ponto eu relatarei um fato observado entre os Chippeways, de desobediência parcial a um sonho, que parece

confirmar plenamente nossa interpretação.

> *Na véspera da tarde da partida da tropa, um dos nativos, cujo* ***totam*** *(totem) era o urso, sonhou que se ele fosse até certo lugar pantanoso, ao pé de uma alta montanha, quase a cinco dias de marcha de minha cabana, ele veria uma grande manada de alces, cervos e outros animais, mas que era preciso que ele fosse acompanhado de pelo menos dez bons caçadores. Ao despertar, ele contou seu sonho aos outros e os pediu que viessem com ele; todos se recusaram alegando que isso os desviaria de seus caminhos e que seu território de caça ficava menos longe. O nativo tinha por seu sonho um respeito supersticioso que a ignorância e a tradição levam a um alto grau entre os selvagens. Considerando-se obrigado a obedecer-lhe, apesar das recusas de seus companheiros, ele partiu sozinho e, chegando próximo ao local indicado, ele viu os animais com que tinha sonhado. Logo ele atirou e matou um urso. Aterrorizado por este resultado e temendo a cólera do mestre da vida que ele acreditava ter mortalmente ofendido, ele caiu por terra e ficou por algum tempo inconsciente. Depois, recobrando os sentidos, ele se levantou e retornava de alguma forma para minha casa quando encontrou no caminho outro urso poderoso, que o derrubou e rasgou-lhe o rosto com suas garras. O nativo, contando essa aventura ao retornar, acrescentou, com a simplicidade de sua natureza, que o urso lhe tinha perguntado o que o tinha levado a matar seu* ***totam****; ao que ele respondeu que não sabia que havia um urso na manada que ele tinha alvejado; que ele estava desolado com essa infelicidade e que esperava que o urso tivesse piedade dele; o urso então o deixou ir, lhe dizendo*

para ser mais atento no futuro e que contasse para todos os nativos o que tinha acontecido a fim de que seus ***totams*** *ficassem em segurança e que o mestre da vida não ficasse irritado com eles. Quando ele entrou em minha casa ele me olhou muito seriamente e pronunciou estas palavras: "Castor (este era o nome índio de Long), minha fé está perdida. Meu* ***totam*** *está enfurecido. Não poderei mais caçar!"*[194]

***

Capítulo IV

Os presságios.

§1. Observações preliminares: 1º) Os presságios e a representação do tempo; 2º) Os presságios e a representação das causas.

Índice

Após os sonhos, que formam para a mentalidade primitiva uma parte das mais importantes de sua experiência, permitindo-lhe a comunicação direta com o mundo do invisível, vêm os presságios, que, também eles, lhes fornecem dados sobre a ação das forças místicas, cuja presença ela se sente por todo lado ao redor de si. Os presságios são também revelações que acontecem espontaneamente. Geralmente o primitivo as interpreta imediatamente sem precisar refletir, por meio de pré-ligações estabelecidas entre suas representações coletivas. Tal pássaro é ouvido à esquerda; tal animal atravessa a estrada durante sua caminhada etc.: o significado feliz ou infeliz do presságio surge ao mesmo tempo em que o fato é

percebido. Então, de acordo com o caso, prossegue-se com mais coragem a empreitada começada ou ela é abandonada. Desta forma, o primitivo se ajusta aos dados da experiência, dentre as quais os presságios estão em primeiro lugar, quase como um médico ajusta suas prescrições de acordo com o que os sintomas lhe mostram o estado do doente.

A observação dos presságios era praticada nas sociedades antigas e particularmente na República Romana onde era uma instituição oficial. A leitura dos autores latinos os tornaram familiares a nós. Erraríamos, no entanto, se admitíssemos apressadamente que o que era verdadeiro nos presságios da antiguidade clássica também é, necessariamente, para os presságios nas sociedades inferiores. Será um bom método estudar primeiramente os presságios dos primitivos, como se não conhecêssemos os presságios dos antigos nem as teorias que eles produziram. Talvez os fatos recolhidos entre os primitivos joguem, pelo contrário, uma nova luz sobre os presságios nas sociedades clássicas e nos faça compreendê-las melhor. Se a comparação não for antecipada ao longo deste estudo, nem por isso ela será menos fecunda.

Deixemos, portanto, de lado, pelo menos provisoriamente, os presságios dos gregos e dos romanos e fiquemos com aqueles observados entre os primitivos. Para compreendê-los bem e entrar na disposição mental que produz a aparição desses presságios, duas observações preliminares são indispensáveis.

1º) Os presságios anunciam, por exemplo, que o empreendimento que vai se iniciar será vitorioso ou fracassado, ou então eles advertem de um perigo mais ou menos iminente do qual não se suspeitava. Neste caso, eles se distinguem de outras

revelações que a mentalidade primitiva percebe constantemente ao redor dela. Tudo o que é insólito, como se sabe, é revelação. Qualquer acidente é revelação, pois nada é fortuito e tudo o que acontece de pouco comum manifesta a ação das forças ocultas. Mas as revelações deste tipo geralmente tratam do passado. Elas mostram, por exemplo, que práticas mágicas foram realizadas contra alguém, que tabus foram violados, que mortos estão descontentes porque seus desejos foram negligenciados etc. Presságios assim são uma espécie de um tipo que conta com muitos outros. São revelações sobre acontecimentos próximos. Como tais, elas têm uma importância capital, pois o futuro está ainda contingente e o conhecimento do passado só tem valor, geralmente, aos olhos dos primitivos, pelo interesse que ele apresenta para o momento atual ou para o futuro.

Mas, sabemos que o tempo não é representado em sua mente exatamente como ele o é na nossa. Eles não veem se estender indefinidamente diante de sua imaginação esse tipo de linha reta, sempre semelhante a ela mesma, sobre a qual se situarão os acontecimentos, onde a previsão pode organizá-los antecipadamente em uma série unilinear e irreversível e onde eles se dispõem necessariamente um após o outro. O tempo não é, para o primitivo __ como ele o é para nós __ um tipo de intuição intelectualizada, uma "ordem de sucessões". Menos ainda é um *quantum* homogêneo. Ele é sentido qualitativamente, antes que representado. Se dois acontecimentos devem se seguir em certo intervalo, o primitivo vê o segundo como futuro em relação ao primeiro, mas sem distinguir nitidamente os termos intermediários que os separam, a menos, o que acontece raramente, que esses termos tenham para ele um interesse excepcional.

Em resumo, um acontecimento próximo, em geral, não está situado nitidamente a tal ou tal distância na linha do tempo futuro; ele é vagamente representado e sentido como próximo.[195]

2º) Essa particularidade mental, nos primitivos, está ligada, como já vimos, à consideração habitual de uma causalidade de tipo mística. Se a linha do tempo não se prolonga indefinidamente para eles como para nós, na direção do futuro; se ela se interrompe, pelo contrário, quase que subitamente, é porque ela não é subentendida pela série causal dos antecedentes e dos consequentes que se encadeiam. A mentalidade primitiva não se preocupa em subir ou descer a série das condições que são __ elas próprias __ condicionadas. Ela parte __ como nós __ em geral, do dado sensível imediato, mas ela logo abandona o que chamamos de realidade objetiva, para procurar descobrir a causa oculta, mística, a potência invisível que se manifestou através de uma mudança no dado sensível. Geralmente, essa potência oculta lhe é designada antecipadamente pelas pré-ligações entre suas representações. Incapacidade de conceber um futuro regularmente ordenado, indiferença pela busca das séries de causas segundas: são apenas dois aspectos de uma mesma disposição mental.

Daí a importância capital e a função própria dos presságios na vida dos primitivos. Para mentes habituadas __ como as nossas __ a conceber uma ordem fixa da natureza, a levá-la em conta e a contar com ela, a fazer depender dela suas esperanças e seus medos, o que podem ser os presságios? Simples sinais que desvelam antecipadamente ao que essa ordem da natureza levará certamente, em virtude do determinismo que rege as séries de causas e efeitos. Supor que esses sinais não se produzem, ou que, se se produzem, ninguém os vê ou os observa, nada mudaria nos acontecimentos:

nem por isso os efeitos não aconteceriam, dadas as causas. Os presságios são, portanto, alguma coisa de exterior às séries de fenômenos naturais. Mas, como essas séries são geralmente muito longas e complicadas e nosso poder de previsão racional é muito pequeno, imaginamos com prazer que uma potência amiga levanta o véu do futuro e nos faz ver repentinamente o termo para onde levará a série. Isso é um tipo de amabilidade que contenta nossa impaciência de saber. Nada nas coisas é modificado por ela.

Mas a mentalidade não é equilibrada desta forma pela concepção de uma ordem fixa do mundo. O tipo de causalidade que ela representa habitualmente é diferente. Por isso, os presságios terão para ela uma importância diferente do que para nós. Manifestações das potências místicas e ocultas __ que são as únicas causas __ elas têm uma parte essencial na produção do que anunciam. Elas não têm a única função de revelar o que acontecerá: o que elas revelam não se produzirá sem elas. Sendo o futuro que os presságios profetizam, sentido como imediato, como já real, eles são sentido como o determinante que se manifesta ao mesmo tempo. Aqui a lei de participação intervém e a análise abstrata desse processo mental só poderia torná-lo totalmente inteligível, desnaturando-o. É melhor deixar os fatos falarem, esclarecendo-os à luz das observações precedentes.

§2. O sistema dos presságios em Bornéu. Eles não anunciam somente os acontecimentos, eles os produzem. O culto aos pássaros-presságios.

Índice

O hábito de observar os presságios e de se conduzir por eles se encontra em muitas sociedades inferiores. Mas em nenhuma parte

ele parece ser desenvolvido mais completamente do que entre os Dayaks e na maior parte dos outros nativos de Bornéu. É lá que encontraremos as condições mais favoráveis para estudá-lo. Os testemunhos com que dispomos são numerosos, geralmente concordantes e, alguns deles, particularmente preciosos, como os do Sr. Perham e o do Dr. Nieuwenhuis.

O Sr. Perham destacou bem a autoridade reconhecida nos presságios pelas tribos nativas e o poder que elas atribuem a eles.

> *Eles acreditam firmemente que esta é a base de todo sucesso. Eles estão cheios de histórias onde são contadas as derrotas, as doenças, as mortes devidas a presságios imprudentemente negligenciados. Pode-se tentar combater esse sistema através de argumentos lógicos, mas eles pensam ter, nas coincidências que eles podem citar, uma prova formal de sua verdade e, a seus olhos, uma coincidência acidental é mais convincente do que o argumento mais rigoroso... todos os casos em que o acontecimento pareceu verificar a predição são cuidadosamente conservados, enquanto que aqueles em que o presságio se mostrou falso são rapidamente esquecidos.*[196]

Essa seleção, que é feita, aliás, inconscientemente e de muito boa-fé, é favorecida pelo fato de que

> *esse sistema ... é muito complicado e muito carregado de detalhes, comporta incertezas sem fim para todos aqueles que não são totalmente mestres dessa ciência e os jovens tem que perguntar constantemente a seus anciões como agir quando se produzem encontros imprevistos de presságios diferentes e aparentemente contraditórios.*[197]

Não seria questão de entrar aqui numa exposição, mesmo que sumária, desse sistema e da casuística que se desenvolveu em torno dele. Talvez bastaria dizer que os presságios, para todas as circunstâncias da vida, individual ou social, são fornecidos por sete pássaros e também por certo número de animais, que são o cervo, o alce, a gazela, o tatu, três espécies de insetos, o lagarto, o morcego, a píton, a cobra e, às vezes, também o rato. Todos esses animais podem fornecer presságios de diversas maneiras e, por consequência, por terem este poder, são chamados de pássaros (*burong*). Obter deles presságios é chamado de *beburong*. Os presságios são extraídos do voo dos pássaros, do grito dos animais, da direção de onde eles vêm ou que eles tomam etc. Certamente que, neste ponto, a semelhança com as práticas romanas é muito impressionante.

Inúmeros testemunhos atestam que, por falta de presságios favoráveis ou em presença de presságios funestos, desiste-se de uma empreitada ou ela é abandonada se já foi iniciada. Por exemplo,

> *os Keniahs de Tanah Putih quiseram aproveitar nossa estadia para construir um barco. Mas, ao entrarem na floresta (para derrubar uma árvore), eles encontraram um* ***hisit*** *(pássaro) que assobiou a sua esquerda e eles deram meia-volta. Meia hora depois eles retornaram à floresta e abateram uma árvore, mas, no momento em que ela caiu, eles perceberam de novo um sinal desfavorável. Eles deixaram lá sua árvore e desistiram do barco.*[198]

Da mesma forma, ao partir para uma viagem, é preciso que os presságios sejam favoráveis; do contrário, eles desistem.

> *Sua atitude me parecia inexplicável; mas logo fui*

informado que não era questão de se por a caminho, já que um de seus pássaros-presságios __ e justamente um ***hisit*** *__ havia sobrevoado a casa e até mesmo tinha entrado nela pelo telhado. Este era o sinal mais funesto para o início de uma viagem. Seria preciso, por consequência, observar primeiro um* ***melo nijaho*** *(tabu geral) de quatro dias e, em seguida, observar novamente os pássaros...*[199]

Quanto mais a empreitada é difícil ou perigosa mais se precisa de presságios favoráveis.

Disseram-me que muitas aldeias queriam tomar parte da viagem __ ao todo, quase 500 homens __ mas era preciso que cada aldeia observasse os pássaros por sua própria conta. Para uma expedição desse tipo, não se acreditava poder se contentar com menos do que 10 presságios favoráveis diferentes. Como a maior parte dos nativos estava sempre mal na série, eles se viam forçados a retornar.[200]

Se a decisão dos presságios é assim soberana, não é somente porque eles são considerados como previsões infalíveis. A razão é mais profunda: o presságio favorável é uma ajuda positiva que não se pode dispensar. Não é unicamente o anúncio, é antes de tudo a garantia do sucesso; garantia indispensável, condição *sine qua non*. Não basta que algum presságio funesto não apareça. É preciso também que os presságios favoráveis se produzam. Em sua ausência, não se fará nada, por mais desastroso que seja se abster. Assim, no momento da semeadura, é absolutamente necessário ter ouvido tal pássaro à direita, ter visto tal outro à esquerda etc. Se fosse apenas o caso de saber se a colheita será boa, poder-se-ia se resignar em trabalhar por falta de opção melhor, na incerteza, principalmente

quando o tempo é curto e a estação da semeadura vai passar logo. No entanto, não se começará nada, enquanto os presságios requeridos não surgirem. É que as manifestações dos pássaros têm para eles uma virtude mística, que assegura a colheita ao mesmo tempo em que a anuncia. Se elas não aconteceram, a colheita também não pode se produzir.

O testemunho do Sr. Perham é aqui formal.

> *Algumas vezes é preciso um mês para obter todas as previsões augurais que devem dar aos nativos a confiança no resultado de seus trabalhos. E mais, quando elas se produzem todas, o áugure que as recolhe tem agora um número de ramos e galhos igual ao número de pássaros que ele ouviu. Ele leva esses ramos e galhos ao terreno que foi escolhido para ser cultivado e os planta no chão. Recita uma curta invocação aos pássaros e à Pulang-gana, corta um pouco de erva ou arbustos com seu* ***parang*** *e retorna. O poder mágico dos pássaros foi assim transferido à terra.*[201]

É por causa desse poder mágico dos pássaros __ que é indispensável para tornar a terra fértil __ que se é obrigado a esperar sua boa-vontade antes de se por a cultivá-la.

O seguinte fato não é menos significativo:

> *Quando se vai fazer uma visita a um doente, deseja-se ver pássaros à direita; este presságio tem mais poder para produzir a saúde. Esta é uma oportunidade também de mencionar uma maneira de comunicar ao objeto a virtude do presságio favorável. Quando um Dayak que se pôs a caminho para ver um amigo doente ouve um pássaro favorável, ele se senta, masca bétel, folha de* ***sirih****, cal, tabaco e* ***gambir****, para*

sua própria satisfação e, em seguida, ele masca um pouco mais e o envolve em uma folha, para levar ao amigo doente. Desde que ele esteja em estado de enguli-lo, isso será de uma grande ajuda para sua cura. Pois esta mistura não contém a voz do pássaro, o elixir da vida que veio do mundo invisível? [202]

O Dayak não leva, portanto, ao doente, somente a segurança de que ele será curado, fornecida pelo presságio favorável. Ele lhe proporciona ao mesmo tempo um socorro poderoso, preciosamente recolhido, que provém do poder místico do pássaro.

*O **burong malam** é um inseto assim chamado porque é ouvido, geralmente, à noite. Ele é particularmente procurado quando se está a caminho de uma guerra, pois ele conduz à segurança e à vitória. Da mesma forma que o **mendak** entre os pássaros, ele é considerado como um gênio sempre favorável. É igualmente precioso para a cultura. Se uma pessoa o ouve um dia sobre uma árvore, em seu campo, no fim da manhã, ele lhe consagra uma oferenda no pé dessa árvore, que passa a ser considerada dali por diante como sagrada. Ela não é abatida como as outras. E essa pessoa é recompensada com uma colheita abundante.*[203]

O inseto, evidentemente, não é tratado aqui como um mensageiro que traz uma boa-nova, mas como uma potência, quase uma divindade, cujo favor durável se quer assegurar. A árvore é poupada porque, em virtude de um tipo de participação, a boa influência do inseto que pousou nela é passada para ela. Ela está impregnada dele e, por sua vez, impregna o campo do Dayak.

Quando eles viajam pelo rio, os Keniahs esperam ver o

isit *(o pássaro caçador de aranhas) voar da esquerda para a direita, quando eles estão sentados de frente para a proa do barco. Quando isso acontece, eles exclamam: "Ô* ***Isit*** *à nossa esquerda! Dê-nos vida longa, ajude-nos em nossa empreitada, ajude-nos a encontrar o que procuramos, enfraqueça nossos inimigos!" De ordinário, eles param suas canoas, encostam na margem, fazem um pequeno fogo e lhe dizem: "Diga a Isit que nos ajude" Cada homem da expedição acende um cigarro, a fim de ter seu pequeno fogo para si e murmura ao menos uma parte das fórmulas habituais.*[204]

Esta invocação é também uma prece e, sem nenhuma dúvida, é ao próprio pássaro que o Keniah se dirige.

Não será surpresa, portanto, ver o Sr. Perham falar de um *culto aos pássaros*.

O objetivo desse culto é o mesmo que o de todos os outros ritos: obter boas colheitas, se livrar de acidentes, de quedas, de doenças, a vitória na guerra, o lucro nas trocas e no comércio, a habilidade com as palavras e a destreza em todas as ocupações dos nativos. Eu digo "culto aos pássaros"; pois, da observação dos presságios ele se ergue até à invocação e à adoração dos pássaros... (segue um longo extrato de um canto religioso dos Dayaks). Vemos aqui os pássaros em companhia dos Dayaks, controlando sua vida e assegurando o resultado de seu trabalho. A invocação e a oferenda têm por objetivo obter o favor dos pássaros. Outra cerimônia, onde o culto desse seres alados ressalta nitidamente é a festa descrita sob o nome de ***mri-burong makai*** *(dar de comer aos pássaros), ou seja, consagrar-lhes uma oferenda. É uma festa secundária em honra de*

Singalang-Burong e de seus enteados, os pássaros-presságios.[205]

Estes não são nossos pássaros comuns. Mesmo se nós os concebermos como pássaros dotados de poderes místicos, a ideia que formamos deles não corresponde, longe disso, com a dos Dayaks. Nós não podemos fazê-lo porque na imagem que representamos as características objetivas sempre vêm em primeiro plano. Nós vemos primeiramente a forma bem característica do corpo desses animais, suas asas, seu bico, seu comportamento, seu voo etc. A isso tudo nós acrescentamos a ideia de suas propriedades místicas. Mas, na mente do Dayak, essas propriedades __ de uma importância, a seus olhos, incomparável __ mascaram todo o resto. No pássaro-presságio ele vê antes de tudo o ser sagrado, a potência mística da qual sua sorte depende. Encontra-se aqui a forma particular de abstração que eu descrevi em outro lugar[206] e que não possuímos analogia em nosso pensamento que é, acima de tudo, conceitual.

Diz o Sr. Perham:

Esses pássaros são formas de vida animal habitadas pelo espírito de certos seres invisíveis do alto e que levam seu nome (traço significativo: o nome não é uma simples designação; a identidade de nome implica numa participação real, numa identidade de essência), de sorte que, quando um Dayak ouve um ***beragaï****, por exemplo, isso na realidade é a voz de Beragaï, o enteado de Singalan-Burong. E mais, ele percebe aí o sinal de assentimento ou o levantar de sobrancelhas do próprio grande espírito que lhe diz não.*[207]

Para mentes como as nossas, ou bem os pássaros são porta-

vozes dos seres invisíveis que expressam suas vontades e dos quais são distintos ou bem eles são os próprios seres invisíveis encarnados e que se tornaram acessíveis aos sentidos humanos. Estas duas concepções incompatíveis não podem ser verdadeiras uma e a outra: é preciso escolher. Mas, o Dayak não vê dificuldade em admitir as duas ao mesmo tempo. Em suas representações elas não se excluem. Há um sentido imediato em certas representações que joga para segundo plano as exigências lógicas. “Ser” significa para ele, nesta circunstância, “participar da mesma essência”. Os pássaros *são* os seres invisíveis do alto, como os Bororo do Brasil *são* araras.

§3. Hipótese dos Senhores Hose e Mac Dougall, pouco fundamentada. Procedimentos para obter os presságios desejados.

Índice

Por conseguinte, é natural que nas representações coletivas dos Dayaks, os pássaros sagrados não apenas anunciam os acontecimentos, mas também os produzem. Enquanto porta-vozes dos seres invisíveis, eles predizem; enquanto são esses seres, propriamente ditos, eles agem. A eles se dirigirão então as invocações e as preces e eles serão objeto de um culto. Esse fato descreve como acabaram vistos pelo Sr. Perham e foram assinalados também pelos senhores Hose e Mac Dougall, em várias tribos de Bornéu. Mas eles o interpretam de outra maneira. Eles não pensam como o Sr. Perham, que os pássaros-presságios possuam realmente, aos olhos dos nativos, o poder místico donde dependem os acontecimentos. A função própria dos pássaros consistiria unicamente em ser os mensageiros dos deuses; foi por um tipo de abuso e de usurpação que um papel mais importante acabou lhes

sendo atribuído.

O hábito de se aproximar dos deuses e de se comunicar com eles por intermédio dos pássaros-preságios parece advir, numa larga medida, do fato de que os próprios deuses só são concebidos vagamente; aqueles que lhes prestam culto não se sentem em relações estreitas e íntimas com eles. Os pássaros-presságios parecem constituir não apenas um meio de comunicação, mas também, por assim dizer, uma tela que esconde das pessoas a visão de seus deuses. Como em muitos casos análogos, os intercessores e os mensageiros, aos cuidados de quem as novas são confiadas, adquirem aos olhos do povo uma importância desmesurada. O deus por detrás do pássaro-presságio arrisca ser perdido de vista __ ou quase __ e o próprio pássaro tende a se tornar objeto de culto, a ser olhado como aquele a quem se dirigem as preces e que dispensa os benefícios e que só faz, na realidade, predizer ou anunciar.[208]

Os senhores Hose e Mac Dougall retomam várias vezes essa ideia. Eles dizem:

> *Parece-nos provável que, neste caso, os Kenyahs levaram mais longe a tendência já destacada entre os Kayans em deixar os pássaros-presságios tomarem em suas cerimônias e em suas preces um lugar tão preponderante que os deuses, dos quais eles são os mensageiros, ficam obscurecidos. Exemplo típico disso é o de Bali Flaki (uma espécie de falcão), que jogou para segundo plano e mais ou menos suplantou um deus da guerra, cujo nome foi até mesmo esquecido por inúmeros Kenyahs, senão por todos.*[209]

A mesma coisa, em outro lugar,

> *mesmo que os Kenyahs se dirijam à Bali Flaki para*

guiá-los e assisti-los em muitos casos e exprimam seu reconhecimento a ele, nós não pensamos que eles o representam como outras tribos tendem a fazê-lo; eles consideram os falcões, antes de tudo, como mensageiros e intermediários entre eles e Bali Penyalong; mensageiros a quem uma parte do poder, mal definida, é delegada. Sem dúvida, um erro vulgar faz com que entre eles, como entre muitos outros crentes, esqueça-se até certo ponto o Ser supremo para dirigir as preces e as ações de graça quase exclusivamente a seus ministros, que, possuindo uma forma concreta, são objeto de representações mais fáceis. Os Kenyahs olham os presságios favoráveis como produzidos para encorajá-los a agir e os desfavoráveis como um conselho amigo para se abster. Um Kenyah muito inteligente nos disse que, segundo ele, os falcões, por força de serem enviados por Bali Penyalong para adverti-los, acabaram por fazer isso eles mesmos e que, às vezes, eles dão aos Kenyah o conselho de agir ou de se abster, por sua própria iniciativa e sem terem sido enviados por ele.[210]

A interpretação que os senhores Hose e Mac Dougall propõem do fato que eles mesmos observaram é uma hipótese sedutora e a analogia que eles invocam pode fazer parecer verossímil. Mais de uma vez aconteceu de uma divindade ter pagado pelo seu distanciamento e ter sido suplantada no culto por simples intermediários, colocados mais próximos dos humanos, mais familiares, mais acessíveis à sua imaginação. Mas devemos concluir dessa observação geral, uma evolução semelhante acontecida entre os nativos de Bornéu? Se os pássaros-mensageiros começaram em Bornéu a deixar de ser simplesmente mensageiros e intermediários,

os senhores Hose e Dougall explicam bem como eles puderam se tornar potências que são invocadas e adoradas por si sós. Mas a questão é precisamente saber se essa transformação aconteceu e se a função dos pássaros-mensageiros algum dia foi compreendida em Bornéu de uma forma diferente como é hoje em dia. Nenhuma testemunha jamais os apresentou explicitamente como simples mensageiros e Hose e Mac Dougall não pretendem fazê-lo. Nada no que relata o Sr. Perham dá a pensar nisso. Nem o Dr. Nieuwenhuis, nem outros observadores os mais dignos de fé dizem tal coisa. A hipótese parece, portanto, no mínimo aventureira. Ela foi sugerida, ao que parece, pela tendência bem conhecida em ver na mentalidade das sociedades inferiores os processos que são observados na nossa.

Enfim, o que também depõe contra a hipótese dos senhores Hose e Mac Dougall, na excelente gramática da língua Dayak devida a Hardeland, veremos que os presságios são considerados como pessoas. “Os Dahiangs __ presságios fornecidos pelos pássaros, serpentes etc. __ são, para os Dayaks, *biti* (personalidades). Eles habitam o mar das nuvens...”[211] Eles se confundem, portanto, com esses “seres invisíveis do alto” que nos fala o Sr. Perham.

Quando se trata de um empreendimento importante, é necessário __ vimos acima __ obter presságios em um número maior, mais consideráveis ainda, provenientes de potências místicas mais elevadas. Se esses presságios não aparecem em número suficiente e na ordem desejada, deve-se então renunciar a esse projeto? Para evitar um extremo tal, os nativos de Bornéu tentam agir sobre essas potências. Os meios que eles utilizam então, são, naturalmente, eles também, de caráter místico.

Geralmente, toda uma série de cerimônias, de ritos, de interdições é indispensável. Por exemplo, entre os Kayans, quando

se trata de escolher o terreno que será cultivado naquele ano,

> *se, durante três dias, não se observou presságios funestos, isto é um encorajamento suficiente para passar à fase seguinte, que consiste em abater as grandes árvores e a engajar aqueles que moram na casa a tomar parte na busca dos presságios que são ainda indispensáveis... Todas as famílias permanecem fechadas na grande varanda, ou em seus pequenos apartamentos particulares e ficam sentadas o dia inteiro, fumando e conversando. Nem uma alma tem autorização de sair, ou, no máximo, ir mais longe do que a beira do rio, exceto dois homens designados pelo nome de* ***Laki-Niho****, cujo dever é procurar um falcão chamado* ***Niho****. No período que esses dois homens estão ocupados com essa busca, ninguém deve chamá-los pelos seus nomes verdadeiros; qualquer violação dessa regra, mesmo que involuntária, é punida com uma multa... Em certas comunidades, é usual que esses homens não retornem à casa durante os três dias que dura a busca pelos presságios. Eles constroem na floresta, perto de uma clareira, uma pequena cabana e fazem saber que ela é* ***permalong*** *(tabu), erguendo perto dela dois galhos, cuja casca eles removem pedaços a intervalos etc.*[212]

A escolha de dois homens especialmente encarregados da busca dos pássaros sagrados, as precauções que eles são objeto, as interdições que eles sofrem, lembram muito as cerimônias usuais na Nova Guiné (Wanigel River)[213] para assegurar o sucesso na caça ao peixe-boi. A analogia dos procedimentos empregados permite concluir os fins perseguidos. Os nativos da Nova Guiné pensam exercer assim, sobre os peixes-bois, uma ação mágica, que os conduzirá, certamente, para suas redes ou os atrairá para perto de

seus barcos, onde serão arpoados. Os Kayans acreditam mesmo exercer sobre os falcões uma ação mística, que os levará a aparecer e fornecer os presságios favoráveis, ou seja, a assistência sem a qual seria inútil tentar cultivar a terra.

Logo que um desses presságios acontece o nativo agradece o pássaro, que passa a ser então, aos seus olhos, não apenas o arauto, mas o autor do benefício anunciado. É um dever de reconhecimento que os nativos nunca negligenciam. "Mal um desses presságios favoráveis é percebido e os caçadores acendem um fogo; esse fogo leva aos pássaros e aos outros animais seus agradecimentos pelo favor recebido"[214].

> *Contornando uma curva do rio, paramos subitamente. As cinco canoas de nossa vanguarda tinha tocado a margem. Numa estreita faixa de areia, uma massa de guerreiros muito agitados se ocupava em acender um fogo e a erguer galhos, dos quais eles retiravam a casca ao longo de todo seu comprimento. Um pássaro de bom augúrio tinha sido visto à direita!... O fogo, mensageiro certo para levar aos pássaros-presságios oniscientes as mensagens dos homens, anunciou aos pássaros que eles lhe eram reconhecidos por seu favor*[215].
>
> *Nesta manhã vimos, sobre um ramo que pendia sobre o rio, um belo pássaro, chamado* ***burong papu*** *pelos nativos... É um dos pássaros cuja aparição é olhada como um presságio favorável pelos Dayaks, sobretudo quando eles partem para uma expedição de caça às cabeças. Mas, é sempre uma felicidade encontrá-los e meus Dayaks me pediram permissão para parar algum tempo em sinal de respeito; ao que, eu consenti de boa-vontade. Eles pararam de remar e permaneceram alguns minutos perfeitamente imóveis e com os*

remos levantados. Eles retomaram em seguida, alegremente, sua tarefa.[216]

O Dr. Neuwenhuis teve oportunidade de observar o mesmo fato. “Eles ouviram bem próximo de nós o chamado do *isit*, à direita. O pássaro lhes previa então uma viagem feliz. Foi preciso que, para obedecer aos costumes, Kwing Iran desembarcasse e fumasse um cigarro”[217]. (O fogo leva ao pássaro as ações de graças do nativo.)

§4. Os presságios são também causas. Como eles acabam por serem apenas sinais.

Índice

Os fatos que acabam de ser reportados e analisados esclarecem bem a natureza dos presságios. Esses sinais dados pelos pássaros ou outros animais não são unicamente indicações, advertências, o anúncio do que virá. Eles são ao mesmo tempo causas. A mentalidade primitiva vê nesses pássaros e nesses animais potências místicas dos quais dependem os acontecimentos que eles prevêem. O poder de produzi-los lhes pertence inteira e propriamente? São eles apenas os veículos? Pode-se considerá-los como agentes de transmissão que possuem uma parte do poder, ao mesmo tempo em que exercem o que representam? São questões que a mentalidade não se coloca desta forma nítida e precisa e às quais, se as colocassem, suas respostas não seriam uniformes. Não há nenhuma razão para pensar que as representações deste gênero sejam necessariamente idênticas em toda parte. De acordo com o grau de desenvolvimento de uma sociedade, de acordo com as noções religiosas que ela tenha recebido de grupos próximos, de sociedades conquistadas ou conquistadoras, a representação de divindades individualizadas será nela mais ou menos predominante e os

pássaros ou animais que fornecem os presságios aparecerão mais ou menos nitidamente como os ministros ou os mensageiros desses deuses. Em Bornéu mesmo, os senhores Hose e Mac Dougall e o Dr. Niewenhuis assinalaram diferenças, com relação a isto, em diversas tribos.

Sem contestar essas variações, que são consequências necessárias da diversidade das estruturas sociais, quanto mais numa dada sociedade inferior se encontre a natureza própria da mentalidade primitiva, mais os presságios nela apresentam nitidamente as características que constatamos acima. O pássaro ou o animal que o fornece não é invocado somente enquanto portador de uma boa-nova; ele é solicitado, adorado, agradecido como o dispensador de graças sem as quais não se pode passar e que é preciso obter dele. Para essa mentalidade, o presságio não é, portanto, um simples sinal, ele é ao mesmo tempo uma causa. Ou, melhor dizendo, nesta circunstância ela não distingue entre sinal e causa. Ela talvez não tenha a noção de um sinal que seja puramente um sinal, já que as realidades do mundo invisível são as menos interessadas em sua representação. Sem dúvida que alguns primitivos sabem muito bem tirar partido dos sinais naturais. Muito frequentemente, quando se trata, por exemplo, de reconhecer no solo os traços, minimamente perceptíveis, de um animal ou de um indivíduo determinado, quando se trata de prognosticar uma mudança no clima etc. eles encantam os europeus com sua sagacidade. Mas, trata-se aqui de ligações que a experiência, a educação, a utilidade cotidiana lhes tornou familiares. Eles aplicam aqui uma memória frequentemente “fenomenal” e uma atenção especialmente poderosa, já que não possui outros objetos. Mas quando se trata de sinais que manifestam a presença de forças

místicas, a orientação de sua mente fica bem diferente. Os sinais assumem uma importância mística. Não é mais possível distinguir "sinal" e "causa". Os presságios são um excelente exemplo disso. Os fatos insólitos que foram estudados acima são outros.

Qual dos dois elementos predomina aos olhos da mentalidade primitiva? O presságio prediz e produz o evento; o pássaro é o arauto e o autor. Mas ele prediz porque o produz? Ou, como se acredita em geral, parece produzi-lo porque o prediz? A ilusão neste caso seria o resultado de uma lei psicológica bem conhecida: quando o mestre está muito longe e inacessível à imaginação, os ministros, que se interpõem e que são vistos, recebem as homenagens que lhe eram inicialmente destinadas. Se tomarmos por base nossa experiência, esta última suposição parecerá a mais natural. Mas ela não parece concordar com a experiência da mentalidade primitiva. Para esta, de fato, predizer não se separa de produzir. Nós temos numerosos testemunhos disso; presságios que foram além de presságios propriamente ditos. Desta forma, entre os nativos da Nova França,

> *sobre o fato de que lhes prevemos os eclipses da lua e do sol, dos quais eles têm muito medo, eles passaram a pensar que nós éramos seus mestres, que sabíamos todas as coisas do futuro e que nós as produzíamos. E, com este intuito, eles nos procuravam para saber seu trigo vingaria e se seus inimigos viriam e em que quantidade.*[218]

> *No Kamtchatka, os nativos agradecem os* ***hoche-queue*** *pela primavera e o verão, porque eles acreditam que são esses pássaros que os trazem com eles.*[219]

Esses *hoche-queue* são também pássaros-presságios e atribui-

se a eles o poder de produzir a primavera que eles anunciam. Todos os fatos deste tipo, que são numerosos, são de uma interpretação fácil, desde que sejam relacionados com o tipo de causalidade que é familiar à mentalidade primitiva. Na falta de uma representação da ligação em série dos antecedentes e dos consequentes, a passagem é imediata da potência mística invisível aos seus efeitos visíveis.

Os nativos não fazem nenhuma ideia das condições astronômicas das quais depende um eclipse da lua ou do sol. Mas eles sabem que os brancos são feiticeiros poderosos, cujo poder não se pode mensurar e, consequentemente, porque seus sortilégios não agiriam sobre a lua e o sol? De fato, os padres predizem exatamente o dia e a hora dos eclipses. Como eles poderiam prevê-los se eles não os produzissem? Para compreender uma previsão que seja simplesmente o conhecimento de um fato futuro, é preciso ter concebido o encadeamento das causas segundas que levarão ao aparecimento desse fato, num tempo e num local determinado. Mas, se esta noção inexiste inteiramente, é muito difícil imaginar que aquele que prediz não seja aquele que produz, exceto no caso em que a potência mística tenha confidenciado suas intenções. Um processo mental análogo fez ser acusada de feitiçaria e ameaçar com a morte, na África do Sul, uma mulher que cuidava muito habilmente e curava uma certa doença. Concluiu-se que era ela que a produzia. Como ela poderia saber afastá-la tão bem se não fosse ela que a atraia? Quando se trata de ação mística, o saber não se separa do poder e é o poder que é a condição do saber.

A hipótese dos senhores Hose e Mac Dougall relatada acima não era, portanto, somente gratuita: ela apresentava as coisas ao inverso de suas relações reais. Não é porque os pássaros sagrados anunciam os acontecimentos que os nativos acabam por acreditar

que eles os produzem; pelo contrário, como o Sr. Perham bem percebeu, os nativos acreditam que os pássaros fazem o sucesso ou o insucesso das empreitadas e, por isso, os presságios são sinais infalíveis do que acontecerá. De sorte que os presságios são, ao mesmo tempo, previsões, promessas e garantias. Pode-se confiar nisso, porque os pássaros ou os animais a que eles são devotos manifestaram para eles, ao mesmo tempo, seu saber profético, sua boa-vontade e seu favor. Nas ações de graça dirigidas a eles, o reconhecimento dos nativos não é somente para os portadores de uma boa nova, mas, primeiro e acima de tudo, aos protetores que asseguram o sucesso.

Assim, para a mentalidade primitiva, o presságio é primeiramente causa, mas, ao mesmo tempo, sinal, porque ele é causa. Na medida em que as características próprias dessa mentalidade se enfraquecem, o tipo místico de causalidade deixa de predominar quase inteiramente, o tempo e o espaço são menos sentidos qualitativamente e mais representados e, enfim, a atenção recai cada vez mais sobre as séries objetivas de causas e efeitos. Por uma consequência inevitável, o presságio, nas representações coletivas, tende a se conformar a essas mudanças. No fim, nem mesmo se compreende mais como ele poderia ser causa.

Entre as duas posições extremas, há muitas outras intermediárias. O presságio perderá pouco a pouco seu poder na medida em que a mente se prender mais à consideração das causas segundas. Ele se restringirá mais à função de um sinal pelo qual se revela, não mais a ação de uma potência mística, mas o acontecimento para onde deve levar uma dada série dessas causas e efeitos. No entanto, um hábito mental dificilmente desaparece total e subitamente diante de um outro que tende a substituí-lo. Pelo

contrário, os dois coexistem por muito tempo, sem que sua incompatibilidade seja sentida. Pode mesmo acontecer de o antigo hábito não ser jamais totalmente apagado pelo novo. Um dos nossos camponeses, por exemplo, sabe bem, em geral, embora superficialmente, de qual conjunto de condições meteorológicas, físicas, químicas etc. depende a abundância maior ou menor de sua colheita. Nem por isso ele acredita menos que isso será devido também e principalmente à boa vontade e ao favor de potências místicas. Sem dúvida que ele não representa mais sua ação como imediata, nem como independente do tempo e do espaço, nem sobretudo como única. Mas ele ainda lhes atribui o poder de conduzir para onde elas querem os encadeamentos das causas segundas.

*

* *

É desta forma que os presságios continuam a possuir um valor, mesmo que não se lhes reconheça mais uma causalidade própria. Eles continuam a ser os sinais do que acontecerá. Se eles não mais os produzem, eles ainda os anunciam e se eles os anunciam, se eles são mensageiros verídicos, eles participam ainda do respeito inspirado pelas potências das quais eles mostram as intenções e as decisões. Neste estágio, a pesquisa e a interpretação dos presságios conservam um caráter religioso. Num período ulterior, esse respeito se tornará superstição. Nosso vizinho que está muito chateado por ter visto uma aranha esta manhã, porque ela é “sinal de azar”, não acredita que ela seja a causa do mal que ela anuncia. Ela quer, no entanto, anunciá-lo. Neste sentimento está um resíduo vivo da antiga representação do presságio, quando ele era ao mesmo tempo um

sinal e uma causa; e “sinal” porque “causa”. Esses tipos de sinais estão quase vazios de sua causalidade. Mas, enquanto eles existirem realmente como sinais, um resto de seu antigo poder místico permanecerá ligado a eles.[220]

***

Capítulo V

Os presságios (Continuação)

§1. Como se evita os presságios desfavoráveis. Procedimentos diversos para impedi-los de se fazerem ver ou ouvir, para transformá-los em presságios favoráveis, para destruir o animal que os traz.

Índice

Quando um primitivo percebe um presságio favorável ele fica cheio de reconhecimento. Ele se sente encorajado a agir, fortificado, certo do sucesso. Ele dá tudo de si e frequentemente ele é vitorioso.

Mas, se ele percebe um presságio funesto, o que fará? Em todas as vezes em que isso for possível, ele se absterá. Ele não entrará em guerra ou, se já estiver a caminho, ele retornará para casa. Ele abandonará o empreendimento começado. Nós vimos o nativo de Bornéu desistir da viagem porque os presságios eram desfavoráveis, deixar a árvore que ele abateu com muito sacrifício para fazer uma canoa etc.

Contudo, a abstenção nem sempre é possível[221]. Se o mau presságio se apresenta quando os viajantes já estão muito longe de casa e quase no lugar de destino? Se já tiverem entrado em contato com o inimigo? Se os campos já foram preparados e a semeadura

feita? Como resolver então? Toda uma casuística teve que se desenvolver para fornecer os meios de contornar essas dificuldades e interpretar num bom sentido os maus presságios ou, pelo menos, neutralizá-los. Foi preciso se formar um método, ou melhor, uma multiplicidade de métodos para combatê-los antes que eles produzam os males que anunciam.

Pode-se primeiramente considerar que a decisão não é sem apelo e prosseguir na busca do presságio favorável, sem se deixar abater pelo fato de que o que apareceu foi o mal. É o procedimento mais simples e um dos mais frequentemente usados. Quando, enfim, o bom presságio aparece, ele anula os precedentes. Age-se logo por medo de que um novo presságio, infeliz desta vez, venha impor novamente o a abstenção. Ou então se controla o presságio funesto pela adivinhação.

> *O pior de todos os presságios consiste em encontrar um animal morto __ de uma espécie qualquer, mas principalmente de uma das espécies que fornecem os presságios __ sobre o terreno cultivado. Esse presságio introduz um veneno mortal na colheita inteira e uma pessoa ou outra da família do proprietário do campo morrerá em um ano. Quando esse presságio apavorante aparece, ele é controlado matando-se um porco e examinando-se o aspecto de seu fígado logo após a morte. Se o presságio é confirmado, é preciso vender todo o arroz que cresceu nesse campo e essa família deverá, se for necessário, comprar outro para seu consumo. Esse arroz pode ser comido por outras pessoas, pois o presságio só afeta aqueles a quem ele é imediatamente dirigido.*[222]

Este último traço deve-se ao fato de que a relação de

causalidade implicada na apreensão do presságio é qualitativamente *sentida* na ligação de seus termos, sem ser ao mesmo tempo representada em sua generalidade. É uma das formas tão variadas por onde se trai o caráter pouco conceitual das representações coletivas dos primitivos. Elas são encontradas em muitas sociedades inferiores. Assim, no Alto Congo,

> *um hipopótamo que abordasse uma aldeia poderia ser presságio de guerra para uma família e nada significar para outra; uma inundação poderia ser sinal de fome e desgraça para uma dada família e não afetar uma outra; uma grande árvore descendo flutuando o rio poderia ser para uma aldeia um presságio de doenças e mortes numerosas, enquanto que em outro lugar não se prestaria nenhuma atenção a isso.*[223]

Acrescenta o Sr. Perham:

> *Há um outro meio de escapar dos efeitos dos presságios menos funestos do que o precedente (as expressões empregadas pelo Sr. Perham implicam formalmente, como se vê, em que os presságios são causas e que se trata de seus efeitos). Há pessoas que, em virtude de uma influência mágica particular, ou por causa de um favor dos espíritos-pássaros, possuem, acredita-se, em seu coração ou em seu corpo, um poder oculto que pode triunfar sobre os maus presságios (**penabar burong**). Comendo um pouquinho que seja dos produtos do campo, essas pessoas têm o poder de evitar o mau presságio. Leva-se a um deles qualquer coisa que tenha crescido nesse campo e que se coma; um grão de trigo nativo, por exemplo, um grão de mostarda, alguns brotos de pepino. Ele o come cru, por uma pequena quantia que é paga a ele e,*

fazendo isso, ele incorpora os presságios funestos, que se tornam inofensivos no interior de seu corpo; ele livra assim os outros do ***pemali,*** *ou tabu que pesava sobre eles.*

Essa operação joga um clarão de luz sobre a natureza do presságio. Se ele fosse simplesmente o anúncio do mal, enviado por uma potência superior, não se dirigiria primeiramente a essa potência, que se tentaria dobrar, ou a seus representantes, se fossem conhecidos? O Dayak não pensa assim. Ele opõe a uma potência mística uma outra potência mística superior. O presságio não é evitado; ele é combatido e destruído.

Mas o procedimento mais correntemente usado, quando as circunstâncias o permitem, consiste em impedir que o presságio funesto se produza. Por exemplo, para não ouvir o grito de um pássaro de mau agouro, far-se-á um escarcéu tal que o grito do pássaro, caso aconteça, não será percebido por ninguém.

"Quando se finca as colunas e se instala o vigamento de uma casa, os nativos batem seus gongos e fazem um ruído ensurdecedor, a fim de que não se ouça nenhum pássaro"[224]. Isso equivale a dizer que se obteve os presságios favoráveis, sem os quais não se arriscaria começar a construção de uma casa. "Assim que estávamos todos sentados, os gongos redobraram e triplicaram sua barulheira, a fim de sufocar todos os ruídos de mau agouro, enquanto os ritos aconteciam"[225]. Sir Spencer Saint-John já tinha observado essa prática:

> *Ouvir o grito de um cervo é sempre um mau agouro e para impedir esse grito de chegar até os ouvidos durante a procissão de um casamento, batem-se gongos e tambores. Se o mau presságio se faz ouvir enquanto os nativos aram seus campos, eles irão para dentro de casa e se absterão de todo*

trabalho durante um dia.[226]

O Sr. Perham vê nas práticas deste gênero uma contradição. Se os Dayaks, ele diz, acreditam que o mau presságio exerce uma ação funesta na cerimônia que acontece, o que é afastado ao se impedir que o mau presságio seja percebido? O ruído de seus gongos e de seus tambores não pode fazer com que o cervo deixe de gritar, o *isit* cantar do lado errado etc. Recusar-se a perceber um fato não o impede de ser real. Mesmo que não percebido ele não deixa de existir e produzir seu efeito usual. Mas, primeiramente, a contradição não incomoda, em geral, a mentalidade primitiva. Sabemos que, sobretudo sob o império de um sentimento um pouco forte, ela se acomoda à contradição muito bem e, na circunstância que nos ocupa, há um interesse capital para o Dayak em evitar o mau presságio. Eles desejam apaixonadamente que ele não apareça.

Em segundo lugar, não é como arauto que o presságio funesto é temido, mas como causa, como força ou, pelo menos, como veículo de uma força. Aliás, em virtude da lei da participação, os primitivos não distinguem nitidamente entre uma força e seu veículo. Se, portanto, eles conseguem impedi-lo de levar a força maligna até seu destino, se eles o interrompem a caminho, no mesmo golpe eles a paralisam e previnem seu efeito. Ela é neutralizada, quando naquela hora em que o homem dotado de poder mágico especial comeu um grão de arroz nascido de um campo ameaçado por um mau presságio. Este procedimento não é, portanto, uma inconsequência e um infantilismo; é uma parada efetiva que afasta o golpe. Os romanos não deixavam de empregá-la também, para grande escândalo dos historiadores da adivinhação.[227]

Para evitar os maus presságios, todos os artifícios são bons. Por exemplo,

> *se o falcão se mostra do lado funesto quando os homens estão remando, quando já estão a alguns dias de casa e perto de outra aldeia, imediatamente eles fazem meia-volta, vão até a margem do rio e acendem um fogo (de agradecimento). Mudando a direção do barco, eles colocam o falcão à direita. Com sua mente assim satisfeita, eles retomam sua viagem como antes.*[228]

Conduta infantil e absurda, se o falcão fosse apenas um portador de má notícia, se ele simplesmente anuncia o que está por vir. O "truque" imaginado pelos Dayaks não mudaria nada. Mas, se o falcão é o veículo de uma força mística, boa ou má de acordo com a região do espaço donde ele provém, não é totalmente absurdo mudar essa direção, se se pode fazê-lo e torná-la favorável em vez de funesta. É, sob o plano das forças místicas, uma operação análoga àquela do mecânico que inverte o vapor para ir no sentido contrário àquele onde se desenvolvia antes. Os agradecimentos dirigidos ao falcão atestam a seriedade e a sinceridade dos Dayaks, que interrompem sua navegação para acender o fogo de ação de graças e que não ousariam brincar com o pássaro sagrado.

Se for preciso a qualquer preço evitar que o mau presságio apareça, tratar-se-á de encontrar um procedimento infalível. Assim,

> *perceber presságios funestos no primeiro dia em que se começam os trabalhos no campo é particularmente infeliz, pois, se for encontrado um na manhã deste dia, não se poderá cultivar arroz por um ano; somente batatas, milho etc. poderão ser plantados. Para evitar isso, a primeira vez que se vai ao campo, escolhe-se a noite para fazer isso.*[229]

É também uma malícia inocente que deve fazer rir?

Certamente que não, na mente dos nativos. É, pelo contrário, um artifício muito sério, capaz de paralisar num golpe certeiro as más influências, para quem a cultura do arroz poderia ser interditada por todo um ano. É colocar, por assim dizer, um temido inimigo em posição inofensiva.

Quando o acontecimento temido chegou e perdura, suplica-se aos pássaros-presságios que o afaste. Tenta-se de diversas maneiras agir sobre eles para que se mostrem mais favoráveis. Se for preciso, eles são ameaçados.

> *Ao fim de cinco dias, durante os quais grandes tempestades não pararam, dia e noite, de fazer crescer a corrente do rio transbordado, suplicou-se aos pássaros-presságios, que são os guias e os protetores desses nativos; alternadamente eles são bajulados e ameaçados. Uma vez até mesmo se tentou, sem sucesso, enganá-los. Toda a tropa desembarcou e, armados com suas lanças e suas facas, eles deram uma grande volta na floresta, para fazer os pássaros acreditarem que as canoas não estavam no caminho de volta, mas que se tratava de uma expedição de caça comum.*
>
> *Um dia, Tama Bulan, que estava em nossa canoa, mostrou o punho a um pássaro pendurado num ramo próximo e o repreendeu por não fazer cessar a chuva. Quando ele viu que nós o observávamos com interesse, ele sorriu embaraçado, me puxou pelo cotovelo e disse com um riso abafado: "O senhor branco não acredita nos pássaros, não é? Ele toma Tama Bulan por um louco"*[230].

Parece difícil, após esta narrativa, sustentar que a função dos pássaros consiste simplesmente em anunciar o que acontecerá. Os nativos agem como se estivessem convencidos de que depende dos

pássaros que a inundação cesse.

Se tal é a natureza original do presságio, se ele é, nas representações coletivas dos primitivos, uma causa atuante tanto quanto uma revelação do futuro, não é de se surpreender encontrar, em quase todas as sociedades inferiores o desejo de eliminar, quando se pode fazê-lo, o animal que traz o mau presságio. Entre os Kayans de Bornéu, "todas as serpentes da espécie *aman* são de mau augúrio; se um Kayan vê, por exemplo, um *batang lima* (*simotes octolineatus*), ele se esforçará para matá-lo. Ele conseguirá? Nada é mais temido. Mas, se ele não conseguir, o azar está próximo!"[231]

A mesma coisa na Nova Zelândia,

> *se um viajante vê um lagarto no caminho a frente dele, ele sabe que esse animal não apareceu por conta própria, mas foi enviado por um inimigo, para ser um presságio funesto (**aitua**) e para causar sua morte. Ele logo mata o réptil e procura uma fêmea para passar por ele no caminho, com o objetivo de afastar o mau presságio.*[232]

As expressões empregadas nesta narrativa são características. O mau presságio é enviado, não apenas para anunciar a morte do nativo que o percebe, mas para "causá-la". Matando o lagarto, apara-se o golpe. No Kamtchatka, Steller apresenta as coisas de uma maneira diferente.

> *Os nativos olham os lagartos como espiões e emissários, que lhes são enviados pelo senhor do reino subterrâneo para procurar as pessoas e lhes anunciar a morte. Assim, eles prestam atenção aos leopardos. Quando eles percebem um, eles saltam sobre ele com sua faca e o cortam em pedaços, para impedi-lo de fazer seu relatório sobre eles. Se o animal*

escapa, eles ficam totalmente desolados e esperam a morte a qualquer momento. E, como ela algumas vezes acontece, com efeito, por causa do golpe desferido em sua imaginação ou por causa de uma simples coincidência, essa crença se vê confirmada.[233]

Pareceria que aqui o lagarto foi um simples mensageiro. Mas então, porque o nativo se acreditaria salvo por ter matado o animal? É preciso então que seu ato se explique como o do Dayak que bate tambor para se impedir de ouvir o pássaro de mau agouro. Como o pássaro, o lagarto não é um simples portador de notícias. Ele é o veículo da força que atua e, destruindo esse veículo, interrompe-se a força. Se o lagarto é morto, ele não pode relatar nada no tocante à sua eventual vítima: ela está livre desde então da força mística da qual o lagarto era o instrumento.

No Alto Congo,

o grito lúgubre da coruja, quando é ouvido à meia-noite numa aldeia, é uma mensagem que significa que a morte está à espreita por entre as cabanas para escolher uma vítima. Todos aqueles que a ouvem apressam-se até a floresta próxima e, com porretes e pedras, caçam o mensageiro de mau agouro.[234]

A interpretação desse fato, que é encontrado também em outros lugares, ressalta do que foi dito antes. A coruja não é somente um mensageiro. Ela causa a morte que seu grito anuncia. Caçando-a, afasta-se então a morte. E mais, inversamente, atraindo-a, atrai-se o mal. Aquele que cometesse um crime de tal natureza, se for descoberto, é severamente punido. Diz o Dr. Wangemann,

Há, na África austral, um pássaro chamado de pássaro

do mel, que, quando encontra mel e não pode consumi-lo todo, eles se põe a gritar até que se preste atenção nele... Se esse pássaro entra numa casa, os Cafres consideram isso como um grande azar para o dono da casa. Um dia, um pássaro do mel entrou voando justamente na casa de Umhala e pousou sobre suas lanças. Foi um terrível sinal de alarme. "Foi Gaséla que fez isso com seus feitiços", gritou Umhala e logo chamou todos os seus homens para começar a guerra. Gaséla, assustado, se refugiou junto aos missionários, que conseguiram consertar a situação.[235]

Umhala se acreditava, segundo toda aparência, "condenado" (*doomed*), por Gaséla. Este, poderia fazê-lo perecer de mil maneiras: "entregá-lo" a um elefante, a um leão, a um crocodilo, infligir-lhe uma doença mortal etc. Ele escolheu um outro instrumento: ele enviou a Umhala um pássaro de mau agouro, que entrou voando em sua casa e pousou sobre suas lanças. Umhala se sentiu perdido. Desta forma, o presságio, ou seja, o pássaro do mel, possui, neste caso, o mesmo poder místico que teria tido o crocodilo ou o leão, a quem a vítima teria sido "entregue".

§2. Os *monstra* e os *portenta*: animais que "transgridem". Crianças que primeiro ganham os dentes superiores ou que apresentam outras anomalias.

Índice

Em quase todas as sociedades inferiores, assinalam-se um tipo particular de presságios que alarmam muito vivamente os primitivos e que os determinam a se oporem pelos meios mais enérgicos ao mal do qual eles se sentem ameaçados com sua aparição. São certos fatos que saem da regra habitual ou certos seres mais ou menos

teratológicos, como os *monstra* ou os *portenta* dos romanos. Em geral, tem-se, para designá-los, uma palavra especial. Por exemplo, na África oriental alemã, "*wuhenu* significa propriamente alguma coisa de bizarro, de estranho, de insólito. É chamado de presságio quando os espíritos que querem produzir um certo efeito ou fazer uma pessoa morrer, enviam seus mensageiros anunciá-lo"[236]. O que fazer quando um presságio deste gênero aparece? O método universalmente empregado é eliminá-lo assim que se puder. Para se garantir contra o que o monstro anuncia, faz-se com que ele desapareça. Processo de um absurdo infantil, se o monstro só faz anunciar o mal.

"Entre os Waschambaas, se uma criança nasce primeiramente pelos pés, ela é morta"[237].

> *Observe se uma cabra come seus excrementos. Este fato extraordinário é causado por um* ***utschai*** *(malefício) e é preciso sacrificar a besta.*
>
> *A mesma coisa quando uma cabra que dá a luz pela primeira vez pari gêmeos. Há feitiçaria aqui e a mãe e os filhotinhos devem ser mortos. Se um cão come seus excrementos ele é morto, porque está enfeitiçado.*[238]

O Sr. Hobbey descreveu, em grandes detalhes, como procedem os Kikuyus da África oriental em inúmeras circunstâncias análogas. Eu citarei somente alguns exemplos.

> *Se uma vaca está próxima de parir e ela enrola sua cauda ao redor de uma árvore, ela está* ***thahu****; é preciso matá-la no campo. Ela é sacrificada pelo seu dono, os anciões recebem a espinha dorsal e os jovens guerreiros o pescoço.*
>
> *Há um pássaro branco chamado* ***nyangi****; se ele é visto*

pousar em uma vaca e ela não é morta imediatamente, seu dono ficará ***thahu*** *e morrerá. É preciso matar a vaca no campo e distribuir a carne fora da aldeia... É preciso também purificar o resto do gado... Se o chifre de uma vaca sai na mão de uma pessoa, o animal está* ***thahu*** *e é morto... Se um touro ou um boi deixa o rebanho enquanto ele pasta, fica sozinho e do lado de fora da aldeia, escavando com seus chifres o monte de lixo, reconhece-se por isso que está* ***thahu*** *e seu dono o mata... Se uma mulher primípara dá a luz gêmeos, estes são* ***thahu*** *e uma mulher velha da aldeia __ geralmente a parteira __ enche suas bocas com ervas até que sufoquem e os joga no mato... Se uma vaca ou uma cabra pari gêmeos, na primeira vez parição, ela também é morta etc.*[239]

O animal que é *thahu* por causa das circunstâncias insólitas de seu nascimento, ou porque se revela *thahu* por causa de um ato extraordinário, insólito e, por consequência, suspeito __ a criança que se apresenta ao nascer numa posição incomum, os nascimentos de gêmeos enfim __ não são somente maus presságios que anunciam uma infelicidade que está por vir. Na mente dos Bantos da África oriental, os seres *thahu* são um perigo para seu dono, para sua família, para a aldeia inteira. Por seu estado ou seus atos, eles traem a presença neles de um princípio malfazejo, de uma força mística cuja ação é mortal se não for colocada em ordem, suprimindo-a para que desapareça. “Se a apresentação é anormal durante o parto, ou nascem gêmeos, é uma grande infelicidade. Esse mal traz consigo um verdadeiro reino do terror; todo mundo foge, pois teme-se, só de ver a parida, o corpo começar a inchar e que se morra por causa disso”.[240]

Mesmas práticas na África oriental inglesa, provenientes das

mesmas crenças. “A criança que nasce com os pés primeiro é sufocada. A razão que os nativos dão para isso é que, se a criança fosse deixada viva, suas colheitas seriam todas perdidas pela seca, seu rebanho morreria e muitos outros males cairiam sobre eles”[241].

Entre os Wawangas, “se uma ave doméstica põe ovos de noite, ela é morta e comida; do contrário, acredita-se que uma das crianças da cabana cairia doente”[242].

Numa ilha de Victoria Nyanza,

> *os gêmeos, logo após seu nascimento são colocados num vaso de argila e expostos num vale... As crianças que ganham primeiro seus incisivos superiores devem ser mortas assim que este fato chega ao conhecimento de todos, pois se acredita que, de outra forma, eles seriam uma causa de infelicidades para a aldeia... Aliás, não se expõe e nem se mata os velhos, os enfermos, os loucos e nem mesmo os criminosos.*[243]

Entre os Hotentotes, na África austral, “se galinhas de põem a cantar como galos, são apanhadas e mortas ou são perseguidas até a morte. Se isso não for feito, seu dono certamente morrerá”[244].

> *Se uma cabra, diz o missionário Mackenzie, sobe no telhado de uma casa, ela é logo morta com um golpe de lança. Ela “falhou”. Ela fez o que uma cabra não deve fazer. Se ela não fosse morta ela enfeitiçaria seu dono. A mesma coisa se uma vaca bate com a cauda durante a noite. É um caso muito grave. É um crime que tem um nome especial. Diz-se que essa vaca cometeu um* ***kiba****; isso implica que ela não é mais uma vaca como as outras. Ela está enfeitiçada e só está esperando uma oportunidade para atrair a doença ou a morte sobre seu dono e os seus. Um homem rico não hesitará em matar esse*

animal imediatamente a golpes de lança. Um mais pobre a levará no dia seguinte de manhã até os missionários ou ao mercado e a oferecerá para venda.[245]

Vemos aqui que não se trata mais de previsão, nem de infelicidade simplesmente anunciada. O animal sacrificado cometeu um ato insólito, poder-se-ia quase dizer culpável e, ao cometê-lo, revelou a existência nele do princípio malfazejo que, por falta de expressão melhor, chamaremos feitiçaria (*witchcraft, Zauber*). Para escapar da influência funesta desse princípio, é preciso matar o animal. Se não, fica-se exposto aos piores perigos.

O Sr. Junod explicou, com sua penetração e sua clareza habituais, a conduta que os Ba-Rongas e seus vizinhos assumem em tais circunstâncias.

A chegada de dois ou três bebês ao mesmo tempo é olhada pelos Ba-Rongas como uma grande infelicidade, como uma mácula, a propósito da qual eles realizam ritos muito particulares... É verdade que os costumes relativos aos gêmeos variam de um clã para outro. Se, em algumas tribos, eles são mortos, em outras, sua vinda é considerada uma felicidade... Mas sempre há uma relação entre o nascimento de gêmeos e a chuva.[246]

Numa obra mais recente, o Sr. Junod escreve:

As crianças anormais, como os gêmeos, as crianças que são mortas antes de terem passado pelo rito ***boha puri*** *__ em alguns clãs __ e as crianças que ganham primeiro seus dentes superiores, têm um caráter malfazejo. Elas são uma infelicidade para toda a região, porque estão em relação com a potência misteriosa do Céu e impedem, assim, a chuva de*

cair. O grande remédio para esse mal, o único meio de contrabalançar sua influência, é enterrar essas crianças num terreno úmido. Se isso não foi feito, é preciso que o chefe dê ordem para exumar esses pequenos cadáveres e enterrá-los perto do rio... [247]

O sinal talvez mais fatal seja aquele que se manifesta no momento da dentição. Livingstone não deixou de fazer essa observação.

*Se uma criança ganha os incisivos de cima antes dos de baixo, ele é morto, porque ele trás o mal. Essa é uma superstição muito difundida. Quando eu estive entre os Makololos, em 1859, uma das mulheres de Sekeletu defendeu que a criança de uma de suas servas foi morta por essa razão. Mas poucas pessoas têm coragem de se opor ao sentimento público como ela o fez. Na região de Casembe, se uma criança é vista rolando de um lado para o outro enquanto dorme, ela é morta. Dizem de todas as crianças que apresentam o que chamam essas taras: "são crianças árabes", porque os árabes não têm esse tipo de superstição e, se há um árabe nas proximidades, eles lhe dão essa criança de presente. Do contrário, ela atrairia o mal (**milando**) para a família.*[248]

Em Likwangwa, uma tumba real rodeada por uma pequena aldeia... eu encontrei uma criança que os incisivos superiores tinham saído antes dos inferiores. Seu pai, desejoso de livrá-la da sorte terrível que espera tais crianças, a tinha escondido durante oito anos. Mas um inimigo denunciou a coisa à Kalonga, pretendendo que essa criança era a causa das doenças e das mortes acontecidas na aldeia... Quando eu

vi o pai, eu lhe disse que nos trouxesse seu filho o mais cedo possível. Ai! Alguns dias mais tarde o pobre pai desolado veio nos anunciar que tinham jogado seu menino no lago, após tê-lo estrangulado.[249]

Outro missionário nos diz:

*Um **kinkula** inspira quase tanto pavor aos negros quanto um **kiva** (espírito de um morto). Chama-se **kinkula** uma criança que ganha primeiro os dentes de cima. É uma criança do mal. Seu destino inevitável, se ela crescesse, seria levar toda sua família à perdição. É por isso que se livra dela sem piedade e imediatamente. Comumente são as mulheres velhas que se encarregam disso... e isso certamente ainda é praticado hoje em dia em segredo.*

*... Em outras tribos __ por exemplo, a leste do lago Nyassa __ teme-se e mata-se os gêmeos, como os **kinkula**.*[250]

O Major Delhaise observou, por diversas vezes, os mesmo fatos entre as populações próximas que habitam o Congo belga e a descrição que ele faz concorda com as precedentes.

*Chama-se **kiliba** (**kiliba-kitabwa**), **kinkula** (**kilemba**) as crianças cujos dentes superiores saem primeiro. São crianças do mal; geralmente são mortas, seja jogando-as na água, seja expondo-as à noite às feras. É a própria mãe que, com vergonha de uma progenitura assim, se encarrega dessa tarefa. Às vezes, ela encarrega disso uma megera qualquer. Às vezes, o amor materno fala mais alto e a criança é poupada. Ela é vendida então como escrava. Ela é a causa de todo mal que acomete a aldeia: ela tem mau olho... O pai de um **kiliba** é ridicularizado a todo instante. Ele é repreendido por ter*

*gerado um **kilibal**.*[251]

Bem perto dali, entre os Wahorohoros,

> *se forem os dentes superiores que aparecem primeiro, à tarde, a mãe leva seu filho à beira do rio e o abandona lá. À noite, ele é levado pelas feras que vem beber água. Se a mãe escondesse seu filho, ele seria expulso, não apenas da aldeia, mas de toda a região e só poderia viver onde a história de seu nascimento (sic) não fosse conhecida. Como entre os Wabembas, esse reprovado é chamado **kiliba**. A superstição atribui ao **kiliba** todos os males que acometem a aldeia. Os nativos dizem que cada vez que um **kiliba** perde um dente, um de seus parentes próximos morre. O pai de um **kiliba** é submetido às reprovações amargas dos membros de sua família, que o insultam porque ele ter trazido um **kiliba** para a família.*[252]

Por fim, entre os Waregas, a criança não é morta, mas é tratada como um pária.

> *Quando os dentes superiores aparecem primeiro, a mãe consternada adverte seu marido. Este chama todo mundo para constatar o fato. É uma infelicidade para a aldeia; a criança é chamada **dino**. Constrói-se imediatamente uma casa isolada para o reprovado; ele não pode mais morar com os outros. Será assim por toda sua vida. Sua alimentação é preparada à parte, ninguém pode comer com ele. Ao crescer, ele se mistura com a sociedade, mas é sempre ridicularizado e insultado. Geralmente essa situação influi em seu caráter e ele se torna sombrio e misantropo. A mulher que consente em viver com ele sofre a mesma sorte. O **dino** não pode tocar nos grãos*

preparados para serem plantados, senão, a colheita estaria perdida. Ele também não pode comer bananas de uma plantação em plena produção, senão, todos os frutos apodreceriam. Resumindo, ele tem mau olho.[253]

§3. Esses porta-infelicidades tratados como os *jettatori* e os feiticeiros. Estreito parentesco entre a anomalia, o mau olho e o princípio maligno alojado no feiticeiro.

Índice

A aproximação da criança anormal com o mau olho é instrutiva. A criança, cujos dentes de cima nasceram primeiro, revelou, através disso, que é, como os *jettatori,* portador de um princípio nocivo, cujos efeitos se fazem sentir sobre aqueles que o rodeiam. Para se proteger contra ele, ele é eliminado ou, em certas tribos, contenta-se em afastá-lo ou isolá-lo. O tratamento a que se submetem essas crianças anormais __ ou julgadas como tais __ parece, aos europeus, uma crueldade terrível, desnaturada. Mas os nativos não compreendem nada desse sentimento de horror. A seus olhos, trata-se de uma medida de segurança pública: se o princípio malfazejo não for neutralizado, a miséria, a doença e a morte vão ser desencadeadas. Não se pode então hesitar. Mas, antes de matar a infeliz criança, ela será dada aos árabes. Basta que o grupo social não tenha mais nenhum contato com ele.

Acontece de nada trair inicialmente a presença desse princípio malfazejo em uma pessoa. Seu nascimento, sua dentição etc. foram normais e só com o tempo que sua verdadeira natureza se revela. Escreve o Sr. Hobley:

> *Entre os Kituis encontram-se pessoas que são congenitamente impuras e porta-infelicidades. Por exemplo,*

se uma dessas pessoas conta pessoas ou animais, ela, só por causa disso, atrairá a má sorte sobre essas pessoas e sobre esse rebanho: a doença e a morte aparecerão. Os Kituis dizem que não tem razão para suspeitar antecipadamente de uma pessoa. Mas, se acontecer uma doença que não se consegue combater, eles saltam sobre um indivíduo, que será o bode expiatório. O acusado é chamado e ordenado a cuspir sobre a pessoa ou sobre o animal doente: acredita-se que sua saliva exorcizará o sortilégio.[254]

É muito difícil, segundo esta descrição, saber se se trata de uma anomalia, de um *jettatore* ou de um feiticeiro. Por um lado, o princípio malfazejo é considerado como congênito: esse caráter é encontrado também nos outros "porta-infelicidades" e nas crianças anormais, "impuras" segundo a expressão impressionante do Sr. Hobley. Mas, por outro lado, no último caso citado, a anomalia não é visível, nada a trai. Ela permanece latente, por assim dizer, até que o mal que grassa ao redor desse indivíduo faz suspeitar que ele traz em si a causa: é precisamente assim que se reconhece os *jettatori*.

Enfim, quando se exige dessas pessoas que elas cuspam sobre o dente, na esperança que ele se cure, segue-se o método geralmente empregado nas sociedades inferiores para salvar a vítima de um malefício, se ainda há tempo para isso. Quando um feiticeiro foi descoberto ou forçado a confessar, ele é levado até o enfeitiçado e forçado a desfazer o que ele fez. A transição é portanto insensível entre a criança e o feiticeiro, da mesma forma que entre o animal *thahu* e o feiticeiro.

Aqui, uma viva luz é jogada ao mesmo tempo sobre o que são os *monstra* e sobre o que é a feitiçaria. Para entender a identidade fundamental que as representações coletivas dos primitivos admitem

imediatamente entre a anomalia e a feitiçaria, devemos modificar profundamente a ideia que temos inicialmente de uma e da outra. Este ponto pode ser considerado como adquirido e nos será muito útil para a inteligência do ordálio.[255]

Fatos semelhantes foram observados também na África ocidental, entre os negros que não são Bantos. Assim, no Alto Níger, "um galo que canta numa hora incomum da noite, introduz a morte na família, a menos que seja morto imediatamente"[256]. Diz o Major Leonard: "Se acontece de, durante o parto, a criança se apresentar pelos pés __ fato que é designado pelo nome de *mkporo-oko* (maus pés ou pés funestos) __ ela é olhada como os gêmeos e a infeliz mãe é tratada da mesma maneira que neste último caso"[257].

No Togo,

> *se uma criança tem os incisivos superiores nascidos antes dos inferiores, isso é um* ***busu****, ou seja, se crescer, ela verá e fará todo tipo de coisas inquietantes (****hexen****, diz o Pe. Wolf, o que significa encantadas). É por isso que as crianças desse tipo eram vendidas ou afogadas. Tratavam-se da mesma maneira as crianças que já vinham ao mundo com os dentes.*[258]

Aqui, a assimilação dessas crianças aos feiticeiros é formal. Sua anomalia revela sua malignidade futura, que desde já reside nelas. No Daomé, purificações eram julgadas suficientes.

> *Cerimônias análogas (àquelas que se celebra para os gêmeos) acontecem para os* ***agosou*** *__ ou seja, para as crianças que, em seu nascimento, se apresentam pelos pés primeiramente __ e também para os* ***ouënsou*** *__ criança cuja cabeça apareceu primeiro, com o rosto olhando o céu.*[259]

Entre os Achantis, a criança suspeita era aquela que apresentava um vício de conformação na mão. "... Se a criança havia nascido de forma feliz, ou seja, sem uma excrescência no dedinho, que seria considerada como um sexto dedo e que o condenaria à morte".[260]

Em Madagascar,

> *neste momento, no mês de janeiro de 1907, pessoas murmuram que, em torno da floresta de Ankéramadinika, nasceu um monstro metade boi metade criança, que se pode esperar todo tipo de calamidades e que não vale mais a pena trabalhar e fazer qualquer esforço.*
>
> *Também no último ano, entre os Baras do Sul, foram enterradas vivas crianças nascidas na quinta-feira.*[261]

Todos estes fatos esclarecem o costume difundido no mundo inteiro e não apenas na África, de se desfazer de crianças que apresentam certas anomalias. Ele sobrevive mesmo em sociedades altamente desenvolvidas. Diz-se em geral que elas querem eliminar todos os indivíduos que não prometem ser sãos e vigorosos como os outros e que só poderiam ter ao redor delas crianças capazes de defender a cidade. Esta explicação pode ter sido dada na Lacedemônia e aceitas pelos espartanos da época histórica. Mas, com certeza, não foram motivos deste gênero que deram nascimento a este costume. Em toda parte onde vemos sacrificar desta forma crianças de tenra idade, ou em seu nascimento, isso não foi por causa de uma tara física que não lhes permitiria se tornarem adultos vigorosos; geralmente, é em razão de uma tara mística que representa um perigo para o grupo social. A criança que foi sufocada ou exposta às bestas-feras porque nasceu primeiro pelos pés, ou porque seus incisivos de cima nasceram antes dos debaixo, poderia

perfeitamente ter se tornado um adulto são e forte. Ela poderia ser uma bela promessa para se tornar um membro vigoroso e robusto do grupo social, isso não a salvaria de uma morte imediata, enquanto que outras crianças, mais fracas, mas isentas de anomalias suspeitas, eram poupadas e continuariam a viver, bem ou mal. Se, entre os adultos de uma sociedade inferior, vê-se poucos __ou nenhum __ indivíduos que apresentem taras físicas (o que nem sempre é o caso), não se pode concluir que eles foram descartados desde seu nascimento. A mortalidade infantil é grande nessas sociedades. Ela deve levar primeiro as crianças menos bem constituídas e as menos capazes de resistir à má higiene e às doenças. Mas essas sociedades só eliminam com um propósito deliberado, por causa de anomalias, as crianças consideradas perigosas em virtude de razões místicas. E, talvez, se soubéssemos exatamente quais crianças eram condenadas em seu nascimento pelos lacedemônios, veríamos que a seleção também era feita na cidade grega de acordo com o mesmo princípio.

As anomalias apresentadas pelas pessoas ou os animais __ pelos *monstra* e os *portenta* __ devem estar ligadas, portanto, de um lado, a fatos insólitos e extraordinários e de outro, a presságios. Como estes, eles não anunciam somente o futuro, o evento futuro; eles o determinam ou, mais exatamente, eles os produzem. Há uma ligação imediata entre a aparição da criança anormal e os males dos quais ela será a causa mais tarde, se ela viver. Pouco importa que esses males devam chegar num tempo mais ou menos distante: sabemos que, para a mentalidade pré-lógica, o mal futuro é sentido ao mesmo tempo como futuro e como já presente na pré-ligação que o liga à aparição da criança anormal. E, como o pássaro-presságio produz, por uma ação mística, os benefícios que se espera de seu canto ou de seu voo favorável, da mesma forma o galo que canta

numa hora imprópria ou a criança que nasce com dentes é um "porta-infelicidade", no sentido pleno do termo. Sua anomalia revelou o princípio malfazejo que se esconde nele. Sua "transgressão" traiu a presença desse princípio, que é uma ameaça perpétua para os seus e para todo o grupo social.

***

Capítulo VI

As práticas adivinhatórias.

As revelações solicitadas quando elas não se produzem espontaneamente.

Índice

Dentre os dados imediatos de sua experiência, os primitivos se atêm principalmente àqueles provenientes do mundo invisível e que lhes revelam as disposições das potências místicas que o povoam. A prosperidade do grupo social, a saúde e a vida de cada um de seus membros dependem a todo instante das boas ou más influências exercidas sobre elas. Enquanto eles não estão certos de que nenhuma dessas forças místicas se opõe eficazmente, eles não podem esperar concluir bem nenhum empreendimento. Daí, uma necessidade imperiosa de saber que elas estão do seu lado e que eles vencerão.

Como se assegurar disso? Sem dúvida que as manifestações das potências místicas são frequentes e o primitivo está inclinado a vê-las em toda parte. Inúmeros fatos habituais e quase todos os fatos insólitos têm para ele o valor de revelações e ele a interpreta imediatamente. No entanto, os sonhos, os presságios e outras

indicações de mesma natureza podem fazer falta no momento em que seriam mais necessários; por exemplo, quando é preciso tomar uma decisão importante ou fazer uma escolha difícil. Como sair deste embaraço? Calcular metodicamente as chances e tentar, através da reflexão, prever o que acontecerá, de acordo com o que será resolvido e a decisão a ser tomada? A mentalidade primitiva age muito pouco através de operações deste gênero. Ela nem mesmo pensa nisso. Se a ideia lhe ocorresse, dificilmente ela a tomaria, pois a julgaria inútil. Aos seus olhos, o acontecimento depende das potências místicas. É, portanto, de acordo com suas disposições que ela se decidirá. Elas são favoráveis? Agir-se-á. São contrárias? Deverá se abster e, se possível, esperar, tentando convencê-las e ganhar sua confiança. Antes de tudo é preciso, então, saber no que se pegar. Se revelações não são produzidas espontaneamente, é preciso solicitá-las.

Sob a pressão de um interesse tão urgente, a mentalidade primitiva se mostrou engenhosa e fecunda. Pode-se designar sob o nome adivinhação __ tomando a palavra no sentido mais amplo __ o conjunto dos processos diretos ou indiretos que ela utiliza para descobrir o que lhe importa fortemente. Estudarei primeiramente a forma de adivinhação que consiste em interrogações, em questões colocadas diretamente às potências do mundo invisível.

§1. Sonhos provocados (Nova França) com vistas a obter um resultado desejado. Conselho, ajuda e decisão solicitados aos sonhos.

Índice

Através do sonho, a pessoa viva se comunica com os mortos e, de um modo geral, com as potências místicas, da forma mais simples

e mais fácil. Durante o sono, seu estado se assemelha muito ao dos mortos. A barreira que a separa deles em estado de vigília é momentaneamente abaixada. Ela os vê, ela os ouve, ela conversa com eles, ela lhes dirigi suas demandas e ela recebe as suas. Mas o sonho não acontece no momento certo, nem cada vez que se precisa dele. O primitivo se esforçará então para provocar os sonhos e ele conseguirá.

Esse processo de adivinhação é tão mais empregado em uma sociedade quanto mais ela atribui importância aos sonhos. Entre os nativos da Nova França, que, segundo a expressão de um padre jesuíta, "faziam do sonho sua divindade", ele era de um uso constante. O jejum era o meio de súplica comum para obter o sonho desejado.

> *Eles jejuam em sua honra (de seus deuses), para saber o futuro de qualquer assunto. Eu vi com compaixão que, tendo algum projeto de guerra ou caça, passam oito dias sem comer nada, com tal obstinação que eles não desistem enquanto não veem em sonho o que eles querem; uma manada de alces ou um bando de iroqueses em fuga ou coisa semelhante. O que não é muito difícil para um cérebro vazio, totalmente esgotado pelo jejum e que não pensa em outra coisa o dia inteiro.*[262]

É somente para saber se eles serão vitoriosos que os nativos prosseguem assim em seu jejum, até que o sonho que eles julgam necessário se produza? Vimos acima o respeito religioso com o qual eles executam tudo o que lhes é ordenado pelo sonho. Sabemos, por outro lado, que aos olhos da mentalidade primitiva, os presságios não somente anunciam, mas eles causam também os acontecimentos. O sonho é um presságio. Aquilo que o Huron se obstina tanto em provocar, antes de partir à caça ou à guerra, é, portanto, outra coisa

além de uma simples revelação do que virá. Ele promete, ele garante o sucesso e a vitória. Se o Huron não consegue perceber em sonho uma manada de alces ou de cervos é porque, apesar de seu jejum, a essência mística desses animais lhe está hostil. Sendo assim, porque caçar? Ele não encontrará nada. Eles ficarão invisíveis, ou, se se deixarem ver, eles não se deixarão atingir. Se, pelo contrário, eles aparecem ao nativo em sonho, isso garante que a essência mística dos animais se deixou curvar e a caça será feliz. Certo desse consentimento, ele se põe a procurar.

A adivinhação assim praticada por esses nativos, sob a forma de sonho provocado, envolve então ao mesmo tempo uma tentativa para saber e um esforço para assegurar o sucesso desejado. Pode-se ver aqui também uma prece, pois esses mesmos nativos pensam que os missionários, quando rezam, buscam precisamente o mesmo fim que eles, quando provocam sonhos. A narrativa seguinte é característica deste ponto.

> *Como nossa pequena tropa esperava que eu terminasse meu ofício, o selvagem que me servia de guia, estando incomodado porque eu permanecia tanto tempo de joelhos num lugar separado do tumulto da cabana, se aproximou de mim e, acreditando que eu tivera alguma revelação ou recebido o dom da profecia, me pediu muito seriamente que eu lhe predissesse o que aconteceria na jornada. Ele me disse: "Você fala com Deus, você ensina o caminho ao sol, você é patriarca, você tem o espírito e é de se acreditar que aquele que tudo fez atendeu sua prece. Diga-me então se mataremos hoje muitos alces e castores para te regalar, após tantas fadigas e misérias que você sofreu até o presente".*
>
> *Eu fiquei muito surpreso com este discurso... (o padre*

responde com um pequeno discurso sobre a Providência).

Preocupado unicamente com o pensamento que ele tinha, de que Deus falava familiarmente aos patriarcas, esse selvagem me demonstrou sua mágoa, particularmente depois que eu lhe disse que não conhecia nenhum lugar onde poderíamos encontrar castores, ursos ou alces e que, enfim, era preciso se contentar inteiramente com os cuidados da Providência. Diz ele: "Eu sou então um pouco mais importante do que os patriarcas, porque Deus me falou durante meu sono e me revelou que, infalivelmente antes do meio-dia, mataremos alces e castores em abundância para nos regalarmos..."[263]

Assim se explica que se faça jejuar até mesmo as crianças, na esperança de obter o sonho desejado.

Para se poupar do trabalho de fazer fogo ou para poupar seus víveres ou para acostumar suas crianças a só comerem à tarde, eles os fazem jejuar como cães, lhes dizendo que eles sonharão com o manitu-esturjão, urso, cervo ou outro bicho qualquer, o que lhes fará arpoar esturjões ou matar ursos. E, se elas não estão em idade de ir caçar nem de arpoar, elas (as mulheres) não as deixam de fazê-las jejuar, fazendo-lhes acreditar que os caçadores e arpoadores serão vitoriosos se elas sonharem. Essas criançinhas têm uma paixão extrema por matar qualquer animal ou arpoar qualquer peixe. Daí advém o fato de que, se um sonhador é vitorioso uma vez, eles colocam toda sua confiança no sonho.[264]

O padre jesuíta nos diz aqui, formalmente, que se trata de ver

no sonho provocado o manitu-esturjão, o urso etc.; ou seja, o que eu chamei de a essência mística da espécie, cuja aprovação é indispensável ao sucesso da caça. Não se trata, portanto, somente de adivinhação, no sentido que a entendemos, mas, ao mesmo tempo, de uma súplica e de uma prece; principalmente se introduzirmos na ideia de prece, como elemento integrante, uma ação exercida sobre a potência a que ela se dirige.[265]

Antes de jogar, recorre-se ao mesmo processo de adivinhação. "Acontece de eles jejuarem vários dias antes do jogo. Na véspera, eles sentam todos em uma cabana e fazem um festim para conhecerem o resultado do jogo... Escolhe-se para manejar o prato alguém que sonhou que eles ganhariam..."[266] Assim, sonha-se para obter o sonho de que se ganhará, como se faz para obter a visão em sonho da caça ou dos inimigos. Ter um sonho deste gênero equivale a possuir um encantamento que assegura o ganho. Da mesma forma, "um bando de jovens com o rosto escurecido (é uma pintura de guerra) entra em nossa cabana ao entardecer e dizem que vieram dormir na capela, a fim de que Deus lhes apareça, lhes falem durante o sono e lhes prometa livrá-los de seus inimigos"[267]. Esses jovens querem obter do Deus dos padres um favor semelhante àquele que se pede a todo momento ao esturjão, urso, cervo etc. O padre não menciona se essa noite de sono na capela foi precedida de cerimônias próprias a atrair os sonhos desejados. Mas, estamos no direito de supor isso, de acordo com o costume geralmente seguido em tais casos.

Para provocar o sonho, os nativos geralmente recorrem ao jejum. "Eles (os Hurons) estimam que o jejum lhes torna a vista maravilhosamente mais penetrante e lhes dá olhos capazes de ver as coisas ausentes e as mais distantes"[268]. Há sonhos que não

significam nada e em virtude dos quais não se arriscará. O sonho que acontece após o jejum tem um valor místico. Ele é necessariamente verídico, ele é __ propriamente falando __ uma visão. Neste estado, o nativo "vê" os seres e os objetos do mundo invisível. Ele ouve esses seres e conversa com eles. O jejum o tornou capaz de receber essas visões. Ele tem uma virtude purificadora. Ele faz passar __ de acordo com a expressão dos senhores Hubert e Mauss __ da região do profano para a do sagrado. Ele exerce mesmo uma ação sobre os seres do mundo invisível.

Trata-se, por exemplo, de obter num sonho provocado o que o nativo da Nova França mais deseja no mundo: a revelação do que será seu gênio tutelar, seu totem individual? Eis como __ dizem os padres __ eles "criam a divindade":

> *Quando uma criança atingiu a idade de dez ou doze anos, seu pai lhe dá em uma aula as instruções necessárias para encontrar o que será doravante seu deus. Primeiramente, ele o faz jejuar durante vários dias, a fim de que, com o cérebro oco, ele possa mais facilmente sonhar durante o sono. Pois é desta forma que esse deus fantástico deve se revelar para ele, de sorte que todo seu esforço e todo seu trabalho estão em ver, ao dormir, alguma coisa extraordinária, que eles considerarão em seguida como uma divindade.*[269]

O sonho tem por função essencial mostrar que uma certa potência mística consentiu em se tornar o totem individual do jovem nativo, como ele devia revelar que o manitu-alce queria que os alces se deixem atingir na caçada. Essa não é, portanto, uma prática exclusivamente adivinhatória. Ela não deve ser separada dos ritos e das cerimônias que a precedem e que são destinadas a assegurar a veracidade e a virtude.

Ainda hoje, entre os nativos da América do Norte que conservaram suas tradições suficientemente puras, encontram-se fatos parecidos àqueles relatados pelos padres jesuítas do século XVII. Eis um deles, coletado entre os Hidatsas:

> *Meu pai tinha por volta dos trinta anos quando, um dia, todos os homens das cinco aldeias partiram para caçar bisão. Nessa caça, os jovens mataram o urso cujas garras o senhor vê aqui. Meu pai pensou então que talvez fosse encontrar seu deus. Ele pediu então aos outros que retirassem a pele do urso sem danificar as patas nem o crânio. Depois, ele retirou suas roupas. Em seguida, ele furou o focinho do urso com sua faca e passou uma corda pelo buraco. Por fim, ele pediu a um homem que furasse a carne de suas costas em dois lugares, passou um bastão por eles e amarrou uma corda nesse bastão de maneira que meu pai podia arrastar a cabeça e a pele do urso... Até a noite, num lugar isolado, meu pai arrastou a pele do urso. À noite, ele retornou ao campo. Alguma coisa resistia, como se a pele do urso estivesse presa em um obstáculo. Ao mesmo tempo, meu pai ouviu um ruído, como aquele que faz um urso vivo: sh, sh, sh, sh. Ele olhou atrás dele e a pele do urso tinha as patas arreganhadas, como se o urso estivesse vivo. Ele voltou então ao acampamento e os outros homens retiraram dele a pele do urso... Naquela mesma noite ele sonhou que o urso lhe ensinava a curar doenças. Para isso, ele só tinha que cantar um canto sagrado que o urso lhe ensinou, pegar um pedaço de pele de bisão e apontar na direção do doente e ele se curaria.*[270]

As torturas que o nativo Hidatsa se inflige voluntariamente, ao arrastar a pele do urso, substitui o jejum; eles possuem uma eficácia

mágica.

Entre os Pés-Pretos, um observador recente descreve fatos semelhantes.

> *Quando um nativo deseja conhecer o curso futuro de sua vida, ou adquirir conhecimentos úteis à tribo (como este que o urso ensinou a Hidatsa), ele vai sozinho até à planície ou a um lugar afastado das Montanhas Rochosas, para jejuar e rezar, às vezes durante vários dias, a fim de obter um sonho ou uma visão. Se ele for digno, uma mensagem lhe chega do sol, por intermédio de algum animal ou ser sobrenatural, que se apieda de seu jejum e esgotamento. A revelação e, ao mesmo tempo, a concessão de um poder (mágico) lhe chegam comumente em um sonho, por intermédio de um dos animais mais poderosos (o bisão, o castor, o lobo ou o urso cinza), ou de forças naturais personificadas, como o Chefe do Trovão, o Mestre do Vento etc.*[271]

Os padres jesuítas já tinham observado muito bem que os animais que se revelam em sonho aos nativos não são considerados por eles como idênticos àqueles que eles encontram na caça. Eles pertencem ao mundo invisível e são dotados de poderes místicos. Isso ressalta das discussões entre os padres e os curandeiros.

> *A providência que tomou o Pe. Mermet foi confrontar em sua presença um dos charlatães que adorava o boi como seu grande manitu (seu gênio tutelar). Após tê-lo levado imperceptivelmente a confessar que não era o boi que ele adorava, mas um manitu de boi que está sob a terra, que anima todos os bois e que devolve a vida a seus doentes, ele lhe pergunta se os outros animais, como o urso, por exemplo,*

que seus camaradas adoravam, não eram igualmente animados por um manitu que está sob a terra. Sem dúvida, respondeu o charlatão. Mas, se é assim, repreende o missionário, os humanos também devem ter um manitu que os anima. Nada de mais certo, diz o charlatão.[272]

Em muitas outras sociedades, recorre-se ao sonho provocado para entrar em relação com gênios tutelares análogos àqueles da América do Norte. Como, por exemplo, os *nyarong y* (espíritos-auxiliares) descritos pelos senhores Hose e Mac Dougall, em Bornéu, entre os Ibans.

Talvez uma pessoa somente em cem seja tão feliz para ter um gênio tutelar, enquanto inúmeros deles o desejariam ardentemente. Muitos jovens vão dormir sobre a tumba de algum personagem notável, ou em um lugar selvagem e desértico e vivem alguns dias em um jejum quase completo, esperando que um gênio tutelar lhe apareça em seus sonhos.[273]

Esses mesmos nativos de Bornéu acreditam que os remédios mais eficientes são revelados nos sonhos. Como o Sr. Perham mostrou, até mesmo o sonho, pela visão que ele trás, já possui uma virtude curativa.

***Nampok** significa dormir no cume de uma montanha com a esperança de encontrar os espíritos benfazejos do mundo invisível... Há um ou dois anos, um Dayak de Rejang, atingido por uma doença, tentou várias montanhas para se curar e, por fim, veio até Lingga, onde Dayaks das proximidades o levaram à montanha de mesmo nome. Ele ofereceu seu sacrifício e se deitou para dormir bem perto*

daqui. Ele viu um ***antu*** *(espírito) e voltou perfeitamente curado.*[274]

Por fim, em inúmeras tribos australianas, onde os nativos atribuem aos sonhos a mais alta importância, os sonhos provocados são, ao mesmo tempo, processos de adivinhação, pedidos de ajuda às potências do mundo invisível e uma garantia de que aquilo que se quis ver no sonho se realizará. É o que relata o Sr. W. E. Roth, um dos melhores observadores que viveram entre os nativos australianos (Queensland setentrional). Ele diz:

> *Em Bloemfield River, os nativos contam uns aos outros o que sonharam e eles mesmos os interpretam ou os discutem com os outros. Pode acontecer de um nativo querer sonhar que seu inimigo morra e chegar a um resultado satisfatório. Os negros de Tully River... podem decidir, ao dormir, sonhar que um certo inimigo está morto e ele morrerá. Se suas mulheres sonham que crianças estão com elas, elas podem trazê-las ao mundo. Se algum crime foi cometido, o culpado, como em muitos outros distritos, pode ser descoberto em um sonho.*[275]

Essa prática só é compreensível se, na mente dos nativos, o sonho que eles solicitam tem por ele mesmo uma ação mística real. O sono os faz entrar no mundo invisível e o sonho que eles obtêm atesta que as potências desse mundo lhes são favoráveis e lhes concedem o que eles pedem.

Assim se estabelecem durante o sono participações dificilmente inteligíveis por nós e que o Sr. Roth forneceu exemplos em uma observação característica:

> *Em Tully River, todas as vezes que um homem (ou uma*

mulher)... vai dormir __ ou de manhã, quando ele se levanta __ ele pronuncia, numa voz mais ou menos baixa, o nome do animal ou da planta etc. que é o seu, ou que pertence à fração do grupo da qual ele faz parte ... Se ele tem um som particular, um grito ou um apelo ligado a esse nome, ele pode reproduzi-lo. O fim buscado com essa prática __ que os velhos ensinam aos jovens logo que eles os julgam em idade de aprender essas coisas __ é obter o local e a felicidade na caça e ser eficientemente advertido de todo perigo, que, de outra forma, poderia vir desse animal etc. que eles trazem o nome. Se um homem, que tem o nome de um peixe, o invoca regularmente desta forma, vai demorar muito para chegar o dia em que ele será tomado pela fome. Se um indivíduo negligencia na invocação do trovão, da chuva etc., dos quais ele trás o nome, ele perderá o poder de provocá-los. As serpentes, os jacarés, com a condição de serem assim invocados regularmente, não atacarão jamais seus homônimos sem aviso. Se o nativo foi negligente, ele só pode contar com ele mesmo se for mordido... Se os homens invocam outros animais ou objetos que não sejam seus homônimos, isso não terá consequências nem boas nem más... Em Proserpine River, os nativos, antes de dormir, invocam pelo nome um ou outro dos animais, das plantas ou dos objetos ligados à fração do grupo a qual eles pertencem... Eu perguntei a razão disso. Responderam-me que, invocados desta forma, eles advertem os nativos durante o sono, da chegado de outros animais.[276]

São, portanto, sonhos provocados como presságios que perderam ao longo do tempo sua significação primeira de causas místicas, para só guardar um valor de sinal e de predição. Antes de

solicitar aos sonhos, espontâneos ou provocados, a revelação simplesmente do futuro, procurou-se obter através deles a proteção dos poderes do mundo invisível e o sucesso nos empreendimentos. Hoje em dia, sob a atenção que, em muitas sociedades, ainda se dá aos sonhos __ bem como aos presságios __ sobrevive uma lembrança mais ou menos atenuada do valor místico mais profundo que se lhes atribuía primitivamente.

O sonho foi inicialmente, quase em toda parte, um guia sempre seguido, um conselheiro infalível e frequentemente mesmo __ como na Nova França __ um mestre cujas ordens não se discute. O que há de mais natural do que tentar fazer esse conselheiro falar, consultar esse mestre, solicitar suas opiniões nas conjunturas difíceis? Eis um exemplo típico, numa narrativa do missionário Macdonald:

> *O chefe se despede. Nós o pressionamos para enviar seu filho à escola e ele nos responde: "Eu sonharei." Ele nos explica que os chefes Magololos são muito frequentemente guiados pelos sonhos. Nós trocamos algumas ideias sobre este assunto e, no momento de deixá-lo, lhe demos um presente, para incentivá-lo a ter um sonho favorável.*[277]

Sente-se, na ironia do missionário, que ele toma as palavras do chefe como um erro. Como este não tem nenhum desejo de confiar seu filho à escola da missão e não ousa dizer não francamente, ele parece fugir do assunto prometendo "sonhar" com isso. É difícil saber se o desejo de ganhar tempo não toma parte, por um lado, na resposta que ele dá. Mas é pelo menos muito provável que a resposta exprima com sinceridade o estado de espírito do chefe. Se ele concorda com a solicitação dos missionários, se ele lhes confia seu filho, ele se arrisca a alguma coisa que jamais foi feita, ele rompe com a tradição, ele vai sem dúvida irritar os ancestrais. Sabe-se lá

quais serão as consequências de sua cólera? Antes de se expor a isso ele quer, portanto, conversar com eles e lhes perguntar sua opinião. Ele saberá se eles consentem ou se opõem a que seu filho frequente a escola dos brancos.

Existe um meio melhor do que o sonho para conhecer seu sentimento? Um europeu teria dito: "Eu pensarei." O chefe Magololo responde: "Eu pensarei." Um reflete nas consequências prováveis de sua decisão. O outro consulta em sonhos seus ancestrais que, mesmo mortos, ainda fazem parte do grupo social, que têm em suas mãos seus destinos e que não se pode, de forma alguma, descontentar.

§2. Interrogação direta aos mortos sob diversas formas (Austrália, Nova Guiné, África ocidental).

Índice

Mesmo solicitado e provocado, o sonho pode não vir. A mentalidade primitiva terá então que recorrer a outros processos de comunicação com as potências do mundo invisível. O mais simples e mais eficaz deles é a interrogação direta, em todas as vezes em que isso for possível. Usa-se com os mortos cujas participações com o grupo social dos vivos não estão totalmente rompidas e, em particular, com os novos mortos. Estes, em geral, não estão afastados. A presença do corpo, seja na casa mortuária, seja nos arredores, seja na tumba fresca, equivale à do próprio defunto. Se, então, interessa saber alguma coisa dele, pergunta-se a ele. Sem dúvida que ele não fala mais. Mas ele ainda ouve e haverá muitos meios de recolher sua resposta.

O interrogatório pode acontecer mesmo antes que a morte __ como nós a entendemos __ seja completa, ou seja, no intervalo em

que “a alma”, hóspede do corpo, já o deixou, enquanto que o moribundo ainda não deixou de respirar, nem seu coração de bater. Aos olhos dos primitivos, esse moribundo está, como se sabe, já morto e assim se explicam tantos enterros precipitados de infelizes ainda vivos.

> *Quando um doente está a ponto de morrer, toda sua família se reúne e não é permitido fazer fogo na casa, por medo de espantar o* ***tabaran*** *(espírito). Os nativos acreditam que o doente está* ***ongi*** *(possuído por um* ***tabaran****) e eles lhe fazem todo tipo de perguntas. As respostas são comunicadas pela voz do moribundo, mas é o* ***tabaran*** *que fala e não ele. Perguntam a ele: “Quem é você? Quem te enfeitiçou? Responda rápido ou vamos te queimar”.*[278]

Esta observação é confusa. Ressalta dela, no entanto, que a família do moribundo (que já está morto, segundo ela) lhe coloca questões às quais o *tabaran* deve responder. Na província de Vitória (Austrália), os parentes observam as pernas do moribundo; seus movimentos revelam a direção de onde o crime veio e servem de guia para levar ao lugar onde se dará a vingança.[279] No entanto, nesse momento, as pessoas presentes estão, em geral, exclusivamente preocupadas com os ritos a observar no momento da morte. Longe de ousar reter o defunto, elas experimentam geralmente um sentimento intenso de medo e não há nada que elas desejassem mais do que se livrar de sua presença. Elas evitam então, interrogá-lo. Elas o farão mais tarde, quando as primeiras horas, muito críticas, tiverem passado.

Nas sociedades primitivas, onde a morte nunca __ ou quase nunca __ natural, a família do defunto tem necessidade de saber quem é o autor do malefício que o vitimou. Ninguém sabe isso

melhor do que a própria vítima, nada revelará isso com mais precisão. Ao lhe colocar a questão, os vivos atingem dois objetivos ao mesmo tempo. Eles desmascaram o feiticeiro, cuja atividade assassina é uma ameaça perpétua para o grupo social e, no mesmo golpe, eles mostram ao novo morto que não esqueceram a necessidade de vingá-lo.
Eles se previnem assim contra a cólera que ele não deixaria de fazê-los sentir, por mínimo que seja que ele se acredite negligenciado.

Entre os Narrinyeris,

> *na primeira noite após a morte de uma pessoa, seu parente mais próximo dorme junto à cabeça do morto, a fim de ser levado a sonhar com o feiticeiro que causou sua morte... No dia seguinte, o corpo é colocado sobre os ombros de alguns homens, num tipo de caixão chamado* ***ngaratta****. Os amigos do defunto fazem então um círculo ao redor dele e diferentes nomes são pronunciados para ver se eles produzem algum efeito sobre o cadáver. No fim, o parente mais próximo pronuncia o nome da pessoa com que ele sonhou. Então o cadáver, dizem, comunica aos seus carregadores um impulso que eles dizem que não podem resistir e eles avançam rumo ao parente próximo. Esse impulso é o sinal que prova que o nome pronunciado é aquele que eles procuravam.*[280]

O mesmo interrogatório ao morto, de uma forma ainda mais direta, acontece na Nova Bretanha.

> *Na noite seguinte ao falecimento, o costume é que as pessoas próximas ao morto se reúnam fora de sua casa. Um "doutor" (****tena agagara****) chama em voz alta o espírito do morto e lhe pergunta o nome da pessoa que o enfeitiçou. Se*

*ele não responde, o **tena agagara** pronuncia o nome de uma pessoa sobre quem recaem suspeitas e todo o círculo fica atento. Se nenhuma resposta vem, um outro nome é pronunciado e assim sucessivamente até que, enfim, um som __ como se alguém batesse o dedo numa tábua ou numa esteira __ se faz ouvir, seja na casa, seja sobre umas conchas que o **tena agagara** carrega nas mãos, no momento do chamado de um certo nome. É a prova decisiva de que ele é o culpado.*[281]

O cadáver pode assim, ele mesmo, denunciar o autor de sua morte, enquanto se prepara os funerais.

A pessoa que costura os orifícios do corpo para fechá-lo corre um perigo, se não estiver munido de um fio forte. Se ele vier a se romper, atribui-se isso à ira do morto, que, acredita-se, faz conhecer desta forma que foi esta pessoa que o enfeitiçou... Se a agulha não estiver suficientemente afiada para entrar facilmente na pele, o mais leve movimento, causado pela ponta rombuda ao entrar na pele, é interpretada como um gesto espontâneo do cadáver e pensa-se que ele indica que a pessoa que o está costurando é a culpada.[282]

No momento em que o corpo desce à cova, entre os Dieris, de acordo com a direção na qual ele cai de cima da cabeça dos dois homens que o carregavam, tira-se uma indicação sobre o lugar onde vive a pessoa que causou sua morte.[283]

Na tribo Wurunjerri,

quando não se tinha um curandeiro para dizer quem matou o defunto, o costume era, ao cavar a cova, limpar

cuidadosamente o fundo e procurar na superfície assim limpa um pequeno buraco. Enfiando nele uma varinha, sentia-se, pela inclinação que ela tomava, a direção na qual era preciso procurar o culpado.[284]

Neste caso, como no precedente, a indicação recolhida é evidentemente a resposta do morto à interrogação dos vivos. Eles estão em busca de um sinal revelador e, quando esse sinal surge, foi o morto que falou. Também entre os nativos observados por Dawson:

> *Quando a tribo culpada não é descoberta de outra forma, resolve-se a questão após o cadáver ter sido colocado numa árvore e observando o caminho que toma o primeiro verme que cai do corpo e que começa a rastejar no chão muito bem varrido abaixo dele. Quando o corpo foi enterrado, a superfície da tumba é varrida de maneira a se tornar perfeitamente lisa. Então, a primeira formiga que a atravessa indica a direção da tribo que causou a morte.*[285]

Essa formiga é a própria alma do novo morto, ou ela é simplesmente enviada ou dirigida por ele? É difícil dizê-lo. É sempre um motivo de grande embaraço o emprego da palavra "alma" para expressar as representações coletivas dos primitivos. Ademais, para o objeto que nos ocupa, não é necessário escolher entre essas hipóteses. Basta saber que, na mente dos nativos, a formiga desempenha o mesmo ofício que o verme. Este, não há dúvida, participa estreitamente do corpo de onde caiu. A direção que ele toma responde à questão que os vivos colocaram ao novo morto.

Às vezes, espera-se essa resposta durante meses.

> *Transporta-se o corpo de campo em campo, durante um*

*longo período, que pode durar meses, até que o morto revele ao seu irmão, ou ao seu tio etc., quem o "condenou" (**doomed**) e fez com que morresse. Se ele continua calado, seus parentes descobrirão eles mesmos. Eles se servirão para isso de um cordão feito com cabelos retirados do cadáver. Ao mesmo que eles esticam e rolam esse cordão sobre sua coxa, eles pronunciam em voz alta os nomes das pessoas que eles desconfiam. O nome pronunciado no momento em que o cordão se rompe é o do culpado.*[286]

O procedimento assim empregado equivale a um interrogatório ao defunto. Sabe-se que, para a mentalidade primitiva, os cabelos e os pelos, bem como a saliva, as aparas de unhas, os excrementos, os restos de alimentos etc., fazem parte integrante da pessoa. O cordão feito com os cabelos do morto "participa", portanto, dele, exatamente como o verme saído de seu cadáver. Numa tribo vizinha (Brisbane District), é aos ossos[287] do defunto; em Moreton Bay e em seu interior, é à sua pele[288] que se pede a revelação. No cabo Bedford, ela é obtida de uma maneira um pouco diferente. Num dado momento dos funerais, "o irmão do morto prende solidamente o cadáver num tipo de cocho, o coloca sobre a cabeça e se põe de pé. Ele começa então a correr o mais rápido que ele pode, levado pelo espírito do morto e, no lugar onde a vítima foi condenada, o cocho cai no chão.[289]

As tribos da Austrália ocidental foram menos estudadas do que as precedentes. No entanto, observou-se nelas fatos muito semelhantes àqueles que citamos. Por exemplo, entre os Watchandies,

o chão, a alguma distância da tumba é limpa de ramos, pedras, erva etc. Em seguida, ele é limpo com cuidado, a fim

de tornar a superfície perfeitamente regular e lisa. Ele é examinado então a cada manhã, para ver se um ser vivo passou por ali. Com o tempo, é certo de se descobrir o traço de algum animal (mesmo o de um pequeno inseto como o escaravelho são considerados como suficientes para o caso) e a direção tomada por ele indica a região da tribo à qual o feiticeiro pertence.[290]

Segundo o bispo Salvado,

> *Se não for descoberta nenhuma família ou algum indivíduo que o defunto tenha ofendido, então eles pegam e jogam no ar um punhado de poeira, ou observam a direção da fumaça e, de acordo com a direção que o vento leva uma ou outra, eles correm para vingar a morte de seu parente ou amigo... Da mesma forma, se, ao cavarem a sepultura, um pouco de terra cai de um dos lados, é deste lado que vem a* ***boglia*** *(feitiçaria).*[291]

Esta última observação é provavelmente incompleta. Não é, sem dúvida, uma poeira ou uma fumaça qualquer que propicia aos nativos a indicação que eles procuram. Essa poeira, essa fumaça devem, de alguma maneira "participar" da pessoa do morto e é ele que, por seu intermédio, responde à questão colocada.[292]

Na maior parte das sociedades inferiores, onde o deve de vingar a morte de uma pessoa é imperioso, vê-se a família do defunto se dirigir a ele, como na Austrália, para descobrir o culpado e empregar procedimentos semelhantes ou análogos, para obter sua resposta. Poder-se-ia citar uma multidão de fatos; eu relatarei somente alguns exemplares, tomados alguns em sociedades próximas da Austrália e outros em sociedades africanas.

Na Nova Mecklembourg, “se alguém vem a falecer e se suspeita de que ele foi vítima de um malefício, os nativos invocam o espírito do morto, para que ele lhes mostre o assassino”[293]. Um dos métodos empregados é o seguinte:

> *Através da divisória de esteira, introduz-se na casa do morto, que está vazia, a extremidade de uma vara de bambu, à qual está preso um osso de porco. O grupo de homens convocados para esse serviço mantém essa vara de bambu nas mãos, sem fechá-la. Chama-se então os nomes de todos os nativos, um após o outro. Enquanto o nome do assassino não é pronunciado, a vara de bambu vai e vêm várias vezes. Ao nome do culpado ela é atraída para o interior da casa e a sacudida é tão violenta que os homens não podem segurar o bambu.*[294]

Foi o espírito do morto que se apoderou dela e que deu, assim, a indicação desejada.

Os nativos da Nova Guiné alemã não são menos preocupados em satisfazer seus mortos vingando-se do culpado.

> *Para descobri-lo, o próprio espírito do morto vem em ajuda aos seus. Há um grande número de processos diferentes. O primeiro consiste em empregar um artifício para levar o espírito do morto a dar a seus amigos o nome do feiticeiro... Ou então, o espírito mostra a seus parentes o caminho que leva até à aldeia do feiticeiro... Ou ainda, suspende-se um tambor numa vara, sobre a tumba e o morto se serve disso para, à noite, bater o tambor na aldeia do feiticeiro, revelando assim o lugar.*[295]

Na África ocidental, o morto é às vezes interrogado

diretamente. Assim, na Costa da Guiné,

> *Alguns homens colocam o morto sobre os ombros em presença do sacerdote e lhe perguntam: "Você não está morto por causa de tal ou tal acidente?" Se foi isso que aconteceu, esses homens são forçados, não sei por qual virtude oculta, a fazer com o cadáver alguma inclinação da cabeça para aquele que interroga e é como se ele dissesse sim. Se não foi assim, eles permanecem imóveis.*[296]

No Togo,

> *amarra-se um bastão na mão do cadáver e os sacerdotes e sacerdotisas fazem com ele duas vezes a volta de todas as ruas da cidade. Aquele que o cadáver designa, ao que se pretende, é suspeito de ter-lhe causado a morte e deve sofrer o ordálio do veneno.*[297]

Outras tribos do Togo empregam um método um pouco diferente.

> *Elas recorreram ao meio "mais preciso": elas se dirigiram ao próprio morto. Com este fim, pouco tempo após o falecimento, parentes do morto, em número de cinco a dez que pertencem ao mesmo totem que ele, se reúnem. Aqueles que interrogam pegam um bastão com 1,20 m de comprimento, mais ou menos e se afastam com o bastão. Um deles se põe de joelhos e lhe colocam o bastão sobre a cabeça, com uma ponta à frente e a outra atrás. Depois, ele se levanta. A partir desse momento, ele não é mais um homem comum; dizem que ele se tornou o homem morto. Um velho, dentre os interrogadores, coloca então a esse "morto" as questões necessárias. Este, responde sim inclinando a cabeça e a parte*

de cima do corpo e não, inclinando a cabeça para trás. Dizem então para que ele se afaste.[298]

Por fim, em Serra Leoa,

> *quando alguém morre... antes que o corpo seja levado para o enterro, ele é colocado habitualmente sobre um tipo de cocho feito de pedaços de madeira dispostas como uma balança, com dois pedaços planos de madeira onde colocam a cabeça e os pés. Coloca-se esse cocho sobre a cabeça de dois homens e um terceiro, de pé diante do corpo e tendo na mão uma espécie de planta chamada* ***cattop*** *tem a função de interrogar o defunto sobre a causa de sua morte. Ele dá, inicialmente, um passo ou dois rumo ao cadáver, agita a planta acima dele e recua em seguida. Ele faz então um certo número de perguntas. Quando o cadáver empurra aqueles que o carregam rumo ao homem que carrega a planta, a resposta é sim. Quando ele lhes imprime um tipo de rotação no mesmo lugar, ela é não.*[299]

O morto sofre assim um interrogatório em regra.

§3. Adivinhação através do crânio e os ossos dos mortos (Melanésia). Consulta aos mortos por adivinhação antes de arriscar uma empreitada (África equatorial).

Índice

Um grande número de sociedades inferiores teme o contato com os mortos. Eles são considerados como perigosos e, por assim dizer, contagiosos: teme-se que eles carreguem outros membros do grupo social ao qual são ligados. Mesmo lhes prestando os deveres de obrigação e até mesmo chorando por eles sinceramente, deseja-se

distância deles, ou seja, romper o mais rápido e o mais completamente possível as participações que persistem entre eles e os vivos, ao menos no primeiro período que se segue à morte. A realização dos ritos funerários assegura a decomposição normal do cadáver. Quando esta está terminada, o morto é definitivamente separado do grupo dos vivos pela cerimônia dos segundos funerais, cuja existência se constata tão frequentemente, ou pelo menos seus vestígios. Robert Hertz a trouxe muito bem à luz e analisou toda essa ordem de fatos.[300]

Outros primitivos, pelo contrário, mantém um comércio constante com seus mortos, mesmo hoje em dia. Sem dúvida que, encontra-se neles uma grande parte das representações coletivas e sentimentos complexos que geralmente foram muito bem descritos. Mas eles acreditam precisar de seus mortos e pensam poder assegurar sua benevolência, pois estes, por sua vez, não podem passar sem os vivos. Estabelece-se assim, entre estes e os mortos __ devidamente estabelecidos em seu novo estado, mas ainda membros do grupo social __ uma troca de bons ofícios, fundamentada no princípio do *do ut des*.

Os vivos, nessas sociedades, praticarão então a adivinhação através dos mortos. Mas ela não consistirá somente em saber deles o que não se poderia saber de outra forma; será solicitado deles, ao mesmo tempo, um conselho, uma direção, um favor, um apoio. Tentar-se-á consultá-los em sonho e, na falta do sonho, usar-se-ão outros processos. Diz o Sr. Perham:

> *Um dia, eu assistia a morte de um velho, quando uma mulher entrou no quarto e lhe perguntou __ mesmo com ele sem consciência*[301] *__ se ele aceitava um anel de cobre. Ela gritava ao lhe oferecer: "Olhe, vovô! Tome este anel e no*

outro mundo, lembre-se que eu sou muito pobre. Envia-me algum encanto para o arroz e que eu tenha melhores colheitas...”

Um Dayak de meu conhecimento tinha construído um tipo de monumento bonito em cima da tumba de sua mãe; de um modelo pouco comum. Logo após ele caiu doente, por consequência, disseram alguns, desse trabalho sagrado. Ele foi dormir sobre a tumba de sua mãe, convencido de que ela viria ajudá-lo. Mas nada veio; nem visão, nem voz, nem remédio (revelado por sua mãe). Sua espera foi totalmente inútil. Ele me disse: “Eu fiz para minha mãe um belo lugar de repouso e agora que eu estou doente e que lhe pedi ajuda, ela não me dá nenhuma atenção. Eu acho que ela é muito ingrata”.

Essa crença numa troca de bons ofícios entre os mortos e os vivos aparece também nos casos em que os restos mortais são conservados com respeito pelos vivos. Em cada ocasião festiva, são levados a eles oferendas em comida ou de outro tipo e espera-se em troca que esses mortos honrados sejam ativos benfeitores de seus descendentes.[302]

O costume tão difundido de carregar para todo lado, com cuidado, os ossos e, em particular, o crânio ou o maxilar inferior dos novos mortos, não tem, sem dúvida, em todo lugar, a mesma origem. Em certos casos, ele satisfaz uma necessidade de sentir a presença real desses membros ausentes do grupo social, a fim de poder lhes pedir conselhos e assistência. Por exemplo, nas ilhas ocidentais do Estreito de Torres,

todas as vezes em que os nativos estavam em um embaraço, eles pegavam o crânio de um parente, colocavam

nele uma pintura fresca, cobriam-no com folhas perfumadas, depois falavam com ele e lhe pediam conselhos. Ao dormir, eles colocavam o crânio sobre sua esteira, perto da cabeça e, se eles tinham um sonho, pensavam que foi o espírito do parente morto que conversou com eles e que lhes aconselhou o que era preciso fazer. Dadas essas crenças, não é de se espantar que eles tenham o hábito de conservar os crânios de seus parentes mortos.[303]

Certos nativos da Nova Guiné holandesa (Doreh) conservam também os crânios, que ornamentam, decoram e denominam *korwahs*. O espírito do morto supostamente reside nele e

um papuano não negligenciará jamais, numa ocasião importante, de consultar a alma do morto no ***korwar****. Ele se senta diante dele, expõe-lhe seu projeto e pede-lhe seu apoio. Se, neste tempo, um sinal particular se produz __ se, por exemplo, o* ***korwar****, sob a ação de uma causa exterior, faz um movimento __ o papuano o toma por uma resposta afirmativa e leva tranquilamente seu projeto à execução. Concebe-se então que os* ***korwars*** *sejam consultados continuamente e até mesmo para os objetivos mais insignificantes. Por exemplo, um papuano, um dia, estava com a mão inchada, sem saber o porquê disso. O que há de mais natural do que consultar o* ***korwar****? Este pareceu lhe responder com um sinal desfavorável, que indicava claramente o desprazer da alma do morto, sem que o nativo pudesse compreender como ele tinha provocado isso. Ele fez então seu exame de consciência... e, subitamente, ele se lembrou de que tinha abandonado a viúva de seu irmão e logo correu para reparar essa falta. Nova consulta ao* ***korwar****. Desta vez, um sinal favorável e ele ficou*

plenamente convencido de que a alma do morto não queria mais nada.[304]

Dessas consultas à adivinhação, a passagem é fácil. O crânio do ancestral não é mais interrogado, a bem dizer, pessoalmente, mas ele conserva seu poder místico, que faz dele um instrumento próprio ao que chamamos de adivinhação. Para que ele possa ser empregado dessa forma, certas condições são exigidas.

> *Um crânio decorado na forma desejada e empregado como se deve, torna-se um* ***zogo*** *adivinhatório muito eficaz e serve, principalmente, para descobrir um ladrão, um objeto roubado ou a pessoa que, com seus malefícios, infligiu uma doença a outra. Mas, a consulta só pode ser feita por* ***bezambs****, ou membros do clã do tubarão, que sejam, ao mesmo tempo, membros da confraria Malu. Todos os que vão participar desse evento se reúnem à tardinha na casa* ***zogo*** *e um dos homens* ***zogo*** *pega a máscara necessária e a coloca, recitando algumas fórmulas. Ao sair da casa, esse homem carrega o crânio diante dele e todos marcham com um passo especial até que eles ouçam uma espécie de gafanhoto chamada* ***kitolo****. Eles se precipitam então na direção de onde veio o som. É um* ***kitolo*** *determinado que guia os homens, acreditam, rumo à casa do culpado. Se eles perdem o caminho certo, esse* ***kitolo*** *os espera e não deixa de chamá-los, até que eles se reencontram. Finalmente, ele os leva até uma casa que é, sem nenhuma dúvida possível, a casa do malfeitor.*[305]

O sucesso da operação, como se viu, depende do emprego do crânio e este emprego é reservado aos homens de um certo clã, membros de uma certa confraria. O crânio não é um instrumento que

qualquer um possa usar. Por outro lado, a presença nele de um morto poderoso não é, talvez, objeto de uma representação explícita, mas ela é também vivamente sentida.

Em sociedades um pouco mais elevadas, a consulta aos mortos __ que acontece, geralmente, por meio dos sonhos __ toma outras formas e é dirigida diretamente ao morto que se quer ver interessado por um empreendimento, sem que sua presença necessite ser materialmente realizada por seu corpo ou seu crânio. Levar-se-á ao morto uma oferenda, invocando-o e se lhe falará como se ele estivesse presente. Fatos deste tipo são cotidianos. Os terceiros que são testemunhas deles não prestam nenhuma atenção a eles, acostumados que estão em também utilizar esses métodos em ocasiões semelhantes. A intervenção dos seres invisíveis em seus assuntos lhes parece a coisa mais natural do mundo.

Nos Camarões,

> *no escuro da noite, Jaunde se ergue de sua cama. Ele viu em sonho um dos seus que está morto, que lhe fez comunicações importantes e que entrou em seguida no reino dos ancestrais. Mas a linguagem do tambor atinge até mesmo o* ***totolan*** *(reino dos mortos). Ele pega seu tambor ou vai até o grande tambor da aldeia e se põe a "conversar" com o morto. Os outros dormem tranquilamente, quando perceberam que a comunicação não interessa aos vivos.*[306]

Todo mundo, portanto, vê como indispensável, se se empreende alguma coisa, estar certo primeiramente de que os mortos influentes do grupo social lhe são favoráveis.

> *Quando um homem tem a intenção de partir numa expedição, ele vai se encontrar com o chefe de sua aldeia e lhe*

diz isso. O chefe apresenta uma oferenda ao espírito de seu predecessor. Essa oferenda consiste em um pouco de farinha, que ele despeja cuidadosamente na cabeceira de sua cama, ou também ele pode ir até à varanda da casa de seu irmão morto. Ao despejar a oferenda, ele recita estas palavras: "Meu filho veio e ele parte em viagem. Clareie seus olhos, vele por ele durante sua viagem, proteja este jovem, que ele possa retornar com a cabeça intacta! Eu te rogo, eu te peço, que ele empreenda esta viagem e que tudo corra bem!"

Se a farinha, ao se depositar, não toma a forma de um cone com uma ponta fina, é um mau presságio e a partida é adiada. Recorre-se então ao oráculo, ao adivinho, que explica porque o presságio foi ruim. Provavelmente será dito a esse homem para recomeçar a prova. Se desta vez o cone se forma como deve, então é evidente que o deu (o morto) queria simplesmente que o homem esperasse um dia ou dois antes de partir e, sem dúvida, ele tinha uma boa razão para isso. Mas se o cone ainda recusa a se formar, recorre-se novamente ao oráculo. Este se põe em obras e acha que um parente morto é a causa dessa obstrução etc.[307]

Nem tudo está bem quando o cone da farinha se formou com uma bela ponta. Esse primeiro sinal não basta. O chefe recobre então o cone da farinha com um pote e o deixa assim a noite toda. Durante seu sono ele pode ter um sonho a respeito da viagem e isso decidirá a conduta a seguir. Em caso contrário, ele vai ver sua oferenda, de manhã bem cedo; se o cone se esparramou para um lado, se ela não tem mais sua ponta, o presságio é desfavorável. Joga-se a farinha no mato. O espírito do morto se opôs à viagem e não há mais

dúvida disso. Chama-se então o oráculo. Mas se a farinha conservou sua forma, o presságio é feliz. A divindade aceitou o presente e aceitou o pedido. O chefe da aldeia diz ao homem para partir com toda confiança.[308]

Em lugar da farinha, diz o Sr. Macdonald um pouco mais a frente, pode-se usar a cerveja, ao mesmo tempo como oferenda e como oráculo. “Se, ao ser derramada no chão, ela forma apenas uma mancha, como em um chão arenoso, é que o deus a aceitou; se ela se espalha, pelo contrário, no chão (sem ser absorvida em um só lugar) o presságio é desfavorável”[309]. Ocorre de a oferenda feita mostrar ao mesmo tempo a resposta do chefe morto ao que lhe foi perguntado.

Neste caso particular, o nativo que quer partir não consulta um de seus próprios ascendentes. Ele vai comunicar seu projeto ao chefe da aldeia e este se dirige a um seu próprio predecessor que está morto. Isso não acontece somente porque o chefe morto é um protetor poderoso que o viajante pode precisar. Em virtude da estreita solidariedade do grupo social, nada do arrisca um de seus membros é indiferente aos outros. Pode acontecer, àquele que parte, esta ou aquela aventura, que acarretará para sua família, para seu clã, para sua tribo, as responsabilidades mais pesadas e o grupo não terá o direito de se omitir. Não é, portanto, permitido a um indivíduo se afastar sem informar o chefe, ou melhor, sem que o chefe esteja certo de que o viajante pode se por a caminho sem inconveniente.

Como se assegurar disso? Por uma operação que designaremos igualmente sob o nome de oferenda, de consulta, ou de adivinhação. É uma oferenda, pois o chefe apresenta um alimento a uma potência do mundo invisível, a um morto (que o missionário chama de deus). É também uma consulta; o morto é rogado a dizer se ele aprova o empreendimento projetado. Por fim, ele não deixa de ser um

procedimento adivinhatório, pois, de acordo com a forma que toma o cone de farinha, se ele é truncado ou não, saber-se-á se a viagem será feliz ou não, se se partirá ou não. É preciso acrescentar que se trata de uma prece, no sentido habitual da palavra quando se trata dos primitivos, ou seja, um pedido de proteção e de assistência, remunerada com uma oferenda, com o sentimento mais ou menos obscuro de uma ação exercida sobre a potência a quem se roga.

Em outros lugares __ por exemplo, entre os Kavirondos da África oriental inglesa __ a oferenda é apresentada inicialmente e a operação adivinhatória acontece em seguida, ou a operação acontece sobre a própria oferenda.

> *Outro remédio contra a doença consiste em prender vivo um pequeno animal chamado **ifukho**. O doente e sua família se reúnem diante da porta da cabana. A pessoa que prendeu a toupeira a pega por uma pata e o doente, primeiramente, depois essa pessoa, depois os outros cospem nela, cada um por sua vez, dizendo: "Ó ancestrais, ajudai-nos e façais com que esta toupeira afaste a doença. Nós, nós temos um carneiro para vos dar, mas aceiteis esta toupeira, que é como um carneiro do mato. (Os Kavirondos chamam o **ifukho** de carneiro selvagem, mesmo que esse animal não se pareça em nada com um carneiro). A toupeira é então colocada viva em um buraco e um pote invertido colocado sobre ela. Se ela cavar um caminho sob a terra numa direção que a afasta da cabana, o doente se curará; se for numa direção contrária, o doente morrerá; os ancestrais ficaram surdos à prece.*[310]

Esta última palavra é significativa. O que se pede aos ancestrais não é somente mostrar o "acontecimento" que advirá de um negócio, é conceder e garantir seu sucesso.

***

Capítulo VII

As práticas adivinhatórias (continuação).

§1. Adivinhação pelas entranhas e pelo fígado dos animais. Práticas em uso em Ruanda. Os ossinhos na África austral.

Índice

Comunicar-se diretamente com as potências do mundo invisível nem sempre é possível. Está em poder do primitivo colocar-se nas condições as mais favoráveis a esse comércio e solicitar o sonho ou a visão através das práticas e os ritos apropriados. Mas não é totalmente certo que, após isso, ele vá obter um sonho, por exemplo, e nem, se ele sonhar, que esse sonho seja justamente aquele que ele desejava. Quanto ao interrogatório ou à conversa direta, ele supõe necessariamente que as potências invisíveis em jogo sejam representadas como pessoas. Mas, em um grande número de casos, as potências ocultas das quais o primitivo se sente rodeado e que é preciso conhecer as disposições, não podem ser invocadas nem interrogadas. Ele terá então que recorrer a outros processos.

Uma dessas formas de adivinhação que nos são melhor conhecidas consiste em examinar as entranhas e em particular o fígado das vítimas.

Em Bornéu, na maior parte das ocasiões importantes,

os Dayaks recorrem à adivinhação por meio do fígado

de um porco. Precisa-se de alguma coisa extraordinária? Pede-se ao porco. Teme-se que o inimigo esteja nas proximidades, ou a má sorte, ou a doença? Pergunta-se ao porco se isso realmente vai acontecer. Eles dizem ao porco para não induzi-los ao erro e levar ao Ser supremo sua mensagem. Pode-se até mesmo dizer ao porco que ele não será morto e comido; mas, assim que se acaba de falar, ele é morto, por medo de que a mensagem seja mudada pelo porco se ele souber que vai morrer.[311]

O esquema da operação, muito simples, se mostra então claramente. Trata-se de consultar o que o Sr. Haddon chama aqui de Ser supremo, entendendo por isso aquilo que chamo sob o nome mais vago de "potências místicas ou ocultas", colocando-lhe uma questão determinada. O porco sacrificado tem por função lhe levar essa mensagem. Como não se comunica diretamente com essas potências, a vítima é um intermediário obrigatório. O porco recebe a questão, ele a transmite e a resposta está escrita em seu fígado. O Sr. Haddon descreve em detalhes como procedem os Dayaks.

Um porco vivo é levado até à varanda, com as patas amarradas. Aban Abit pegou um tição aceso e queimou ligeiramente o porco. Ao mesmo tempo ele rogava ao Ser supremo e pedia ao porco que levasse a mensagem a Deus, que foi solicitado a mostrar sua vontade através do fígado do porco. Quando Aban Abit acabou de sapecar o porco, ele fixou seus dedos da mão direita sobre o flanco do porco, de maneira a permanecer em contato com o animal durante todo o tempo em que falava e, ao mesmo tempo, ele batia suavemente com seus dedos no flanco do porco, para que ele prestasse atenção ao que ele dizia. Ao terminar, ele enfiou

uma lança no pescoço do porco e, assim que ele parou de gritar, seu flanco foi aberto. O fígado foi rápida e habilidosamente extraído e colocado em um prato. Os anciões se reuniram ao redor e discutiram o augúrio. A dimensão e as características de cada lobo do fígado; o aspecto da vesícula biliar; a quantidade de gordura e de tendões são examinados com o maior cuidado e cada detalhe tem seu significado.[312]

A operação, como se vê, é totalmente análoga àquela que foi descrita acima, onde o nativo da África oriental inglesa pede, ao chefe morto, conselho e proteção e lê sua resposta na forma que toma um cone de farinha. Este cone é substituído aqui pelo fígado do porco. Mas o cuidado que se toma a fim de que a má vontade do porco não falseie a pergunta ou a resposta, a precaução de manter sua atenção desperta durante a prece e de pedir ao "Deus" que mostre sua vontade por intermédio do fígado do animal, não deixam nenhuma dúvida sobre a natureza da operação. Ela é um presságio provocado. Ela pede, ao mesmo tempo, uma revelação e que essa revelação seja favorável. Longe de ser um processo mecânico, ela compreende ao mesmo tempo uma questão e uma prece dirigidas às potências das quais o acontecimento depende.

Se a resposta não é aquela que se esperava, coloca-se a questão novamente e repete-se a prece. Da mesma forma, com um presságio funesto chamas-se um novo presságio. Também em Bornéu,

as sacerdotisas cortaram o pescoço do pintinho e logo procuraram os presságios. Em seguida, o galo foi sacrificado e destinado à alimentação dos deuses e dos homens. Se os presságios fornecidos pelo primeiro pintinho são desfavoráveis, mata-se outros até que os presságios se tornarem positivos.[313]

Nas sociedades polinésias, mais desenvolvidas do que as de Bornéu, as práticas adivinhatórias eram, propriamente falando, indispensáveis. O sucesso dos empreendimentos dependia exclusivamente das potências do mundo invisível. Quando suas disposições não eram reveladas por outros meios, era preciso, de total necessidade, se assegurar delas antes de arriscar qualquer coisa e tratar de se conciliar com elas. Só para citar um exemplo desses fatos bem conhecidos: no Taiti

> *atribuía-se sempre a mais alta importância à vontade dos deuses. Se eles fossem favoráveis, a vitória era certa; mas, se eles fossem desfavoráveis, a derrota, senão a morte, era certa. Para conhecer sua decisão final, empregava-se a adivinhação ou a magia e, nessas ocasiões, os taitianos afirmavam sempre que eles seguiam sempre com inteira confiança os avisos vindos do alto... Augurava-se geralmente o sucesso ou o fracasso de uma expedição de acordo com as contrações musculares do coração, ou de acordo com o fígado do animal sacrificado, os movimentos involuntários da vítima humana se contorcendo nos estertores da agonia ou de acordo com o aspecto da vítima degolada, após ela ter sido colocada sobre um altar.*[314]

Aqui também, a adivinhão consiste ao mesmo tempo em provocar uma revelação e em solicitar um apoio. A vítima transmite a questão e traz a resposta.

O Pe. Alexis Arnoux deu, em **Anthropos,** uma descrição detalhada das práticas divinatórias em uso em Ruanda (África oriental alemã). Ela nos permite compreender bem as representações coletivas implicadas nelas. Por exemplo, a vítima cujas entranhas

são lidas não serve somente de intermediária; ela desempenha ao mesmo tempo o papel de causa e esta é uma confirmação preciosa da interpretação que demos dos presságios fornecidos pelos pássaros[315]. Diz o Pe. Arnoux:

> *Há que se notar as palavras dirigidas, num certo número de casos, ao objeto que fornecerá os presságios. Como a leitura dessas "preces" ensina, supõe-se que o touro, o carneiro etc. podem, ao seu critério, modificar seu interior, ou sua condição de existência, de acordo com a demanda do adivinho. Estão convencidos, portanto, de que* ***Imana*** *(Deus) permite essa transformação como bem lhe parecer. Estão convencidos igualmente de que essa vítima que se imola é capaz de produzir, como causa realmente eficiente, a felicidade do indivíduo, o que indicaria em qual sentido é preciso entender as apelações feitas.* ***Ub Imana, ub Imana*** *(Tu és Deus. Sois, portanto, o Deus que cura).*[316]

Imana representa o que eu chamo de potências ocultas. Em seguida, dirige-se uma prece especial ao animal que vai ser sacrificado e de quem depende, ao menos em parte, que a resposta solicitada seja favorável.

> *O adivinho toma então na mão direita um pintinho. Ele coloca um pouco de água na boca e depois ele passa esta água diretamente para o bico do pintinho. Esta água misturada com saliva é precisamente o* ***imbuto*** *(na maior parte dos modos de adivinhação é um requisito que o objeto inanimado que fornecerá a resposta seja posto em contato com a saliva do cliente). Depois, para assegurar a sorte favorável, ele fala muito suavemente na orelha direita do*

pintinho, para que, se for preciso, antes que a dissecação seja empreendida, ele modifique suas entranhas e as torne "brancas",ou seja, de bom augúrio .[317]

O Pe. Arnoux fornece então o texto da prece, que é muito longa e que especifica o aspecto que as entranhas devem apresentar para satisfazer o consultante. Para a adivinhação através das entranhas de um carneiro, o procedimento é o mesmo[318]. Quando se pratica a adivinhação especial para o rei, através do sacrifício de um touro, este

> *de pé, é aconselhado por um* ***mukongori*** *(adivinho de um tipo especial), que fala suavemente em sua orelha, enquanto outros* ***bakongori*** *acariciam o animal para torná-lo mais atento e um outro o segura pelos chifres. É dirigida a ele uma longa prece, onde se insiste no aspecto que as entranhas devem apresentar: com a vesícula do fel à direita etc. Depois que se fala assim na orelha do touro, ordena-se: "Deitem a vítima. Matem-na!"*[319]

Se a adivinhação é praticada através dos ossículos, atribui-se a estes precisamente o mesmo papel ativo que as vítimas. Eles não somente anunciam o resultado, eles o causam também. "No fim da terceira fase, o feiticeiro, dispersando os ossículos (*nzuri*) diz: 'Elas escutam bem. Elas respondem como homens...'" etc. e o Pe. Arnous explica, numa nota: "Os *nzuzi* escutam bem e respondem bem. Elas escutam nossas interrogações e pelo que posso julgar por minha ciência (é o adivinho que fala), elas respondem justamente. Elas são dóceis como homens". O papel do adivinho é, portanto, de interpretar, através de seus conhecimentos, a disposição relativa aos *nzuzi*.[320]

Mesmo quando são bolinhas de manteiga que servem para a adivinhação, uma prece análoga lhes é dirigida. O feiticeiro, pegando na mão quatro bolinhas de manteiga da véspera ou, no máximo, da antevéspera, lhes dirige a curta exortação seguinte:

> *Escute, manteiga! Tu, tu és bela. Branqueada, sejas bem branca, torne-se absolutamente branca (ou seja, de bom augúrio)... Eu te afasto das formigas. Tu me afastarás do inimigo... etc.*

O Pe. Arnoux acrescenta, numa nota: "Supõe-se sempre que a manteiga escute as súplicas dos clientes e se modifique como deve"[321].

Se a prática divinatória deu um resultado favorável, o objeto que "forneceu os presságios" serve para fabricar amuletos considerados como particularmente eficazes; nova prova da causalidade ativa que se atribui a ele. Admite-se que ele conserve sua influência favorável e procura-se atrair para si o benefício. Diz o Pe. Arnoux:

> *Retiram-se amuletos da manteiga que se declarou favorável... As pequenas bolinhas de gordura de um animal, que deu uma resposta favorável, são colocadas sob a orelha... ou num pequeno vaso. Elas assegurarão a paz ao lar que possuir esses tesouros. Fazem-se também amuletos para quando se vai sacrificar aos espíritos (dos mortos)... Do pintinho que deu uma resposta favorável, tiram-se amuletos muito estimados... retira-se amuletos dos carneiros favoráveis (são fabricados, em particular, com os ossos de suas patas). Todos esses amuletos são levados suspensos pelo pescoço.*[322]

Se foi um touro que foi sacrificado para a adivinhação especial

do rei,

> *retira-se de um lado ao outro todos os ossos, com exceção dos ossos das patas, que servirão em parte para a confecção de amuletos... Às vezes, até mesmo se queima a pele do touro, mas geralmente ela é trabalhada pelos curtidores e colocada no leito real, ou usada para a confecção dos tambores da capital, ou dada a uma das mulheres de honra, a quem se deve conceder uma alta recompensa; qualquer que seja o uso que se faça dele, é de regra que se conservem os pedaços, seja de uma pele de tambor, seja de uma vestimenta feminina, que se tirou de um touro favorável. Estes são os melhores amuletos conhecidos.*[323]

Todas essas práticas nos ajudam a compreender como a mentalidade primitiva representa a ação causal implicada, segunda ela, na adivinhação. Ela não vê nenhuma dificuldade em que o pintinho, o carneiro, o touro, a própria manteiga e os ossinhos mudem espontaneamente a disposição de suas partes. Como isso acontece? Como isso é possível ou concebível? Ela não se coloca essas questões. Ela não precisa encontrar ou imaginar uma resposta para elas. O determinismo dos fenômenos físicos ou fisiológicos lhe é totalmente desconhecido e ela é indiferente à ligação dos antecedentes e das consequências na série das causas segundas. Aos seus olhos __ a menos que se choque com outra força mística __ a causa mística dispõe soberanamente do que chamamos os fatos. Ela pode transformá-los, se ela quiser, para satisfazer o desejo daquele que a interroga.

*

* *

Na África austral, entre os Bantos,

> *os ossinhos desempenham um papel imenso. Quando se trata de tomar uma decisão importante, não se ousará resolver nada sem ter consultado os ossinhos mágicos que revelarão com precisão o caminho a seguir. Os chefes recorrem a eles em todas as calamidades. Se falta chuva, se alguma desgraça ameaça, se chegam estranhos à região, se é o caso de fazer uma expedição guerreira, eles apelam para seu jogador de ossinhos, que está ali, de prontidão e que é, no fundo, seu principal conselheiro.*[324]

Os missionários alemães prestam o mesmo testemunho. Diz Merensky:

> *Os ossinhos são indispensáveis ao feiticeiro Bassuto... Frequentemente, quando chefes parecem mudar de opinião ou de conduta subitamente, sem motivo aparente, ou quando, em tempos de guerra, eles arriscam alguma coisa que não pode dar certo, ou quando deixam escapar sem aproveitar uma oportunidade de arruinar o inimigo, pode-se explicar tudo isso por sua dependência desse oráculo. Quando se trata de saber se um chefe acolherá um missionário ou o expulsará, se ele permitirá um viajante atravessar seu território, ou se ele o fará dar meia-volta, esses ossinhos desempenham ainda um grande papel.*[325]

Os particulares recorrem a ele como os chefes. “Uma pessoa que deseja empreender uma viagem, quer receber orientações em caso de doença, está atormentado pelo desejo de conhecer a causa da morte de um dos seus, imediatamente ela vai tirar a sorte”[326].

O Sr. Junod claramente expôs os princípios e as regras dessa

arte divinatória, que permite dar resposta às questões mais diversas e que lhe parece muito sedutora.

> *O adivinho ou o consultante, pega seus 25 ou 30 ossinhos em suas duas mãos, os mistura bem, esfrega uns contra os outros e, num gesto brusco, os joga diante de si. Cada um deles possui seu significado fundamental, mas, de acordo com a maneira com que eles se espalham no chão, esse significado se modificará ou se enriquecerá. É preciso, com efeito, considerar: o* ***lado*** *sobre o qual caem os tornozelos, a direção rumo à qual eles olham, depois a* ***posição*** *que eles tomam uns em relação aos outros.*[327]

Dá para perceber a imensidão de combinações possíveis, quando se leva em conta todos esses elementos.

> *Por outro lado, se não for obtida a resposta desejada na primeira jogada, recomeça-se até que ela venha. Pode haver uma "correspondência" entre a maneira com que esses ossinhos caem e o caso que motivou a consulta. Por exemplo, se for o caso de uma pessoa doente e o tornozelo, que representa essa pessoa, caiu na posição negativa. Então, a "palavra" foi dita. Se não se vê uma correspondência completa, jogam-se os ossinhos novamente uma vez, duas, dez vezes. Se eles não querem falar na cabana, o adivinho de deslocará para a praça, ou para o mato, ou para detrás da cabana, até que uma resposta clara seja obtida.*[328]

Essa insistência se explicaria mal, se não estivesse em jogo a necessidade de saber o que acontecerá. Mas, os ossinhos não revelam somente o futuro.

> *É através dos ossinhos que os Tongas acreditam*

conhecer o que seus deuses pensam e querem (deuses significa aqui ancestrais). É da mais alta importância saber o que os deuses pensam e fazem, já que a própria existência da aldeia, do clã e a prosperidade de cada membro do clã dependem deles. Eles são os senhores de tudo: da terra, dos campos, das árvores, da chuva, das pessoas, das crianças e até mesmo dos ***baloyi*** *(feiticeiros). Eles possuem um império absoluto sobre todos esses objetos e todas essas pessoas. Os deuses podem proporcionar felicidade, podem proporcionar infelicidade e acumular calamidades sem fim sobre seus descendentes (esta última palavra prova bem que se trata de ancestrais): seca, doença, esterilidade etc.*[329]

Desta forma, o recurso incessante aos ossinhos se compreende sem dificuldades. A consulta equivale a um sonho, onde os ancestrais mostrariam seus sentimentos e sua vontade. Esse processo de adivinhação é mais cômodo do que os sonhos. Têm-se sempre os ossinhos à mão e, se não se sabe interrogá-los, não é preciso ir longe para encontrar um adivinho experiente para fazê-lo. Se, portanto, uma dificuldade incomoda o nativo, não é preciso dizer, como o chefe do missionário Macdonald, "Eu sonharei". Ele buscará um jogador de ossinhos e saberá através deles o que os ancestrais aconselham.

As revelações fornecidas pelos ossinhos e pelas práticas divinatórias em geral, propiciam assim aos primitivos a única extensão de sua experiência que eles estão em condições de apreciar ou mesmo de conceber. Ela é necessária, pois, sem ela, geralmente eles não saberiam o que fazer. Ela é suficiente, pois ela lhes revela com certeza o que as potências invisíveis resolveram, ou o que elas querem que se faça. Os ossinhos "falam"; só é preciso coletar o que

eles dizem. É a isto que os nativos se ocupam continuamente. Diz o Sr. Junod:

> *Essas práticas matam **in ovo** toda tentativa séria de usar a razão ou a experiência na vida prática. Os doutores nativos poderiam chegar a um conhecimento útil e benéfico das propriedades medicinais das plantas, se eles as tivessem estudado convenientemente. Mas, para que serve o sacrifício de estudar, quando basta jogar os ossinhos para saber instantaneamente qual raiz é preciso usar para curar a doença?*[330]

Os nativos sabem bem, por experiência, as propriedades de tais e tais plantas. Mas esse conhecimento não lhes dá a ideia de pesquisar quais podem ser as propriedades de uma outra planta que lhes é familiar. Pois elas nunca lhes aparecem como suficientemente constantes para que os efeitos produzidos não dependam muito mais das potências invisíveis do que dessas propriedades em si. É, portanto, sempre aos ossinhos que é preciso retornar. São eles que dão as informações mais precisas.

Diz um missionário no Transvaal:

> *Um dia, eu encontrei numa aldeia, alguns homens ocupados em jogar os ossinhos sobre uma esteira estendida no chão. Eu comentei com eles que isso era um jogo de azar e que seria melhor que eles parassem com aquele costume. Um deles me respondeu: "Mas é o nosso livro; nós não temos outro. Você lê todos os dias em seu livro porque você acredita nele. Nós fazemos a mesma coisa. Nós temos fé em nosso livro".*[331]

A réplica é impressionante. Ela lembra a expressão do jesuíta

da Nova França dizendo que os sonhos são a Bíblia dos nativos. Para a mentalidade primitiva não há acaso. O que chamamos de fortuito é, pelo contrário, aos seus olhos, carregado de um significado místico. Jogar os ossinhos não poderia ser, portanto, uma ocupação censurável, fútil ou mesmo indiferente: nenhuma outra poderia empregar melhor o tempo dos nativos, nem merecer mais seriamente sua atenção. O missionário poderia fazer melhor ao conversar com Deus? Deus lhe fala na Bíblia. (Um livro tem, para o nativo, um caráter mágico muito pronunciado). Eh, bem! Os ancestrais "falam" aos nativos através dos ossinhos. Ou, melhor, a Bíblia fala e os ossinhos falam. Consultá-los não é, portanto, uma arte absurda ou se divertir como crianças; é ter a sabedoria de nada arriscar sem o aval dos ancestrais.

§2. A adivinhação por alternativa (Nova Guiné alemã). Sentido místico da operação. Os eventos futuros sentidos como presentes.

Índice

Nem sempre é tão fácil quanto na África do Sul discernir a quem as questões se dirigem e qual ajuda é invocada. No entanto, o sentido das práticas divinatórias permanece o mesmo e aquelas cuja interpretação não é duvidosa permitem explicar aquelas que permaneceriam enigmáticas se não se visse a transição de uma para outra.

Consideremos, por exemplo, os processos de adivinhação que são de uso cotidiano entre os Papuas da Nova Guiné alemã.

> *Antes de entrar em território inimigo, o Kai consulta a sorte. Ele recorre a ela igualmente quando ele fareja um perigo qualquer. De acordo com o resultado da consulta, ele*

se vê confirmado em seu medo, ou tranquilizado. Quando os Kais querem saber se estão ameaçados de um ataque imprevisto, um homem pega uma certa raiz, pronuncia sobre ela uma fórmula mágica e a dobra. Se ela se quebra, não há um perigo próximo. Se ela permanece inteira, é preciso ficar alerta.

Cozinham-se frutos do campo em um pote sobre o qual se pronunciam fórmulas mágicas: o lado onde a água começa a se erguer ao ferver é aquele de onde o perigo ameaça.

Ou então, antes de entrar em campanha, empilham-se todas as armas que serão empregadas, sobre um estrado erguido rapidamente e coloca-se no alto uma concha de guerra com um amuleto de guerra. Em seguida, sacode-se o estrado pelo tempo necessário para que a concha caia no chão. Se ela cair no lado da direção da aldeia do inimigo, é um sinal favorável à vitória da campanha que se empreenderá.

Antes que os guerreiros se ponham em marcha, eles arrancam do chão um arbusto, juntando suas forças. Se eles conseguirem erguer do solo o arbusto com suas raízes intactas, seu ataque será vitorioso.

Um procedimento divinatório que se emprega nas circunstâncias mais diversas é o seguinte: um bastão, ao qual é amarrado um punhado de ervas, é seguro por dois homens, que lhe fazem um movimento violento de vai e vem. Se a erva se solta, a sorte será favorável; se ela resiste, é mau sinal.

Para saber se um doente pode esperar a cura ou não... pronuncia-se uma fórmula mágica sobre uma tira de casca de árvore e passa-se essa casca sobre as costas do doente. Se ela

tem dificuldade para deslizar, como se estivesse colada ao corpo, é preciso esperar o pior etc.[332]

Numa tribo vizinha, os Jabims,

> *antes de empreender uma expedição, tenta-se primeiro ter uma certeza sobre sua vitória através de um oráculo. Pronuncia-se uma fórmula mágica sobre uma certa cebola e ela é colocada em um pote cheio de água com folhas de árvore, sobre um fogo. Os homens ficam ao redor para observarem quando a água subirá. Antes que ela ferva, faz-se, em vermelho, um traço em diagonal sobre a abertura do pote. Uma metade é designada como pertencendo ao inimigo e a outra como pertencente à própria tribo. O conteúdo do pote começa a escumar e, logo, a ferver. Se for o seu lado que se ergue escumando, enquanto que no lado do inimigo o líquido transborda subitamente, de sorte que o seu lado, de uma certa maneira, recobre o do inimigo, o presságio é feliz. Se for o inverso, ou se o conteúdo do pote transborda igualmente dos dois lados, fica-se em casa.*[333]

Paralelamente, na mesma região da Nova Guiné alemã, entre os Bukauas,

> *antes de partir, o corpo expedicionário faz uma tentativa para saber se vale a pena arriscar o ataque. No meio da praça da aldeia, coloca-se no fogo um pote cheio de plantas de espécies azedas e amargas. Quando a água começa a ferver, o bando de guerreiros se enfileira de um lado e espera que a espuma do pote transborde. Se ela transborda do seu lado, é um sinal de o inimigo está em guarda e desiste-se da expedição... Em caso contrário, os guerreiros bebem desse*

líquido, que deve lhes infundir coragem.[334]

Os missionários notaram também um grande número de outras práticas divinatórias. Todas possuem um caráter mágico. Qualquer que seja o ser o o objeto utilizado, começa-se sempre por pronunciar sobre ele uma fórmula mágica. É uma condição preliminar sem a qual a operação não daria nenhum resultado válido. A primeira operação consiste então em se por em contato com o mundo das forças invisíveis, de onde depende o sucesso da operação divinatória, bem como da empreitada que está em vista; o nativo não distingue uma da outra. Entra-se assim na região do "sagrado". Pode-se então, mas somente então, colocar a questão que preocupa e esperar uma resposta.

Em segundo lugar, a resposta se dá, em geral, pelo sim ou pelo não, pela escolha entre duas alternativas. Ou a raiz mergulhada se quebrará ou permanecerá intacta; ou a água que borbulha transbordará de um lado ou do outro; ou o punhado de erva cairá ou ele ficará preso ao bastão etc. Os procedimentos deste tipo oferecem a vantagem de afastar qualquer equívoco. É certo que a potência invisível interrogada responderá e que sua resposta será nítida, pois ela está amarrada, por assim dizer, entre duas posições, cuja escolha será necessariamente uma ou outra. Não se deveria temer ofendê-la, constrangendo-a desta forma? Nem os nativos da Nova Guiné nem os outros primitivos parecem experimentar esse escrúpulo. Geralmente as potências com quem se trata, não têm uma personalidade definida nas representações coletivas. Têm-se a ideia e o sentimento vivos misturados, de um poder, sem conceber precisamente onde ele reside. Por outro lado, mesmo quando se trata de pessoas propriamente ditas __ dos mortos, por exemplo (com os quais os Papuas da Nova Guiné se sentem em relações constantes,

sem que, no entanto, os missionários nos digam que as questões colocadas nas práticas divinatórias se dirigem a eles) __ o rito mágico que abriu a operação tornou legítimo e inofensivo o comércio com essas potências temíveis. Ele fez mais: ele, sem dúvida, exerceu sobre elas uma ação tal que elas não podem se livrar do interrogatório e que o resultado que se produz é mesmo sua resposta.

A descrição, mesmo a mais completa possível, dos processos de adivinhação, não desvela todo seu sentido. Ela deixa, necessariamente, nas sombras, elementos essenciais provenientes da estrutura própria da mentalidade primitiva. Lá, onde só vemos relações simbólicas, ela sente uma participação íntima. Isso não pode ser traduzido em nosso pensamento, nem em nossas línguas, que são muito mais conceituais do que as dos primitivos. O termo que exprimiria da forma menos ruim, nesta ocasião, seria "identidade de essência momentânea". Por exemplo, um processo muito comum em várias tribos da Nova Guiné alemã consiste em observar de que lado transborda primeiro a água que se põe a ferver em um pote, onde se encontram algumas ervas mágicas. É muito pouco dizer que o lado direito do pote "representa" o inimigo e o esquerdo, os nativos que fazem a prova. De uma maneira que não se pode objetivar para o entendimento, nem exprimir na linguagem, mas que não é menos real, os Papuas se identificam e identificam o inimigo, cada um com *seu* lado. Este lado, diz o missionário, lhes "pertence" (*gehörig*), ou seja, ele é deles, como suas mãos, seus membros, sua cabeça, seu nome lhes "pertencem". Não é somente deles, ele é eles mesmos. Enquanto a experiência se desenrola e eles a seguem avidamente com os olhos, com paixão, geralmente com angústia, eles se sentem pessoalmente em jogo. Trata-se de uma

coisa totalmente diferente de uma representação simbólica que figura antecipadamente o que acontecerá. São os próprios guerreiros que estão em presença do inimigo. É sua própria vitória ou derrota que eles estão atualmente testemunhando.

Essa participação se tornará menos surpreendente e menos obscura, se a relacionarmos com as características próprias da mentalidade primitiva indicadas acima: a forma particular de sua experiência e sobretudo sua representação do tempo e da causalidade. Lembremos que, por falta de conceber os eventos como encadeados por um determinismo que liga rigorosamente os antecedentes aos consequentes e como se desenrolam numa sucessão irreversível, os primitivos não veem, como nós, o tempo se estender indefinidamente diante deles, comparáveis a uma linha reta. Eles não podem, portanto, situar com precisão os acontecimentos futuros sobre essa linha do tempo; eles os sentem simplesmente como futuros, sem vê-los arrumados numa ordem imóvel e separados por intervalos que só podem ser percorridos um após o outro. A representação do futuro permanece, portanto, vaga. Por outro lado, as potências místicas que intervêm continuamente no mundo visível __ elas mesmas, invisíveis __ sempre exercem sua ação de uma maneira imediata. Elas são as únicas e verdadeiras causas; as que são percebidas no mundo visível são apenas instrumentos ou ocasiões. Por consequência, assim que os primitivos representam um ato dessas potências místicas, ele é, aos seus olhos, desde já, real, mesmo que ele só deva se manifestar mais tarde. Acontecimentos podem então ser, ao mesmo tempo, futuros e atuais. Essa simultaneidade não é formulada, pela mentalidade primitiva, nestes termos precisos. Ela é simplesmente sentida. Quando o primitivo, que observa com uma emoção levada ao paroxismo, os movimentos

da água borbulhando e que a vê transbordar do seu lado, ele assiste ao mesmo tempo à sua própria vitória. Esta é, desde já, real, mesmo que ela só deva acontecer quando ele se encontrar com o inimigo. Ele não está apenas certo da vitória: ele já venceu.[335]

Neste caso ainda, por consequência, a adivinhação implica numa prece, no sentido que os primitivos oram, ou seja, numa invocação às potências invisíveis, que deve ter sobre elas uma ação eficaz. Sem dúvida que a adivinhação informa primeiramente sobre as chances de sucesso. Se, por exemplo, a água transborda do lado que "pertence" ao inimigo, eles sabem que neste momento as potências invisíveis lhe são favoráveis. Talvez seus feiticeiros possuam encantamentos mais poderosos, conheçam sortilégios mais eficazes do que os seus? Em todo caso, é preciso parar, adiar o ataque, tentar novos sortilégios, recomeçar as provas divinatórias e não se arriscar antes que a resposta seja como se espera. Quando ela finalmente o é, o resultado feliz da prova não somente adverte que se pode agir doravante, como uma nova posição do cata-vento mostra que o vento mudou e que se pode agora içar vela. É isto, sem dúvida, mas é ao mesmo tempo muito mais; é uma promessa de sucesso que já é realidade. Eis o que faz o valor incomparável da adivinhação aos olhos do primitivo. Na prova que prediz o sucesso, ele se vê atualmente vitorioso. A qualquer preço, ele precisa obter essa visão. Que ele a receba em um sonho ou que ele a obtenha através de uma prova divinatória, pouco importa. Nos dois casos ela tem o mesmo valor para ele e ela responde da mesma forma ao seu desejo ardente, não somente de saber se ele vencerá, mas de vencer.

Processos semelhantes são observados em sociedades de nível mais elevado do que as tribos da Nova Guiné e o sentido místico não desapareceu totalmente nelas. Assim, o Major Ellis escreve, com

relação aos negros da costa ocidental da África:

> *Todos parecem acreditar firmemente na adivinhação como um meio de induzir o curso dos acontecimentos que estão por vir. Sem raciocinar, para se dar conta do como, eles pensam que os acontecimentos futuros são, de alguma forma, figurados antecipadamente através dela.*[336]

Estas expressões são memoráveis. O observador parece ter visto bem que o fato futuro anunciado é sentido imediatamente como real, porque a prova já é, para os interessados, o próprio fato em si.

A prova seguinte, praticada pelos Bangala do Alto Congo, deve ser, sem dúvida, interpretada da mesma forma.

> *Pega-se uma caçarola cheia d'água pegada no pântano ou na floresta e nela se coloca um remédio. Coloca-se então esta caçarola no fogo, do qual somente os operadores podem se aproximar. Depois de um determinado tempo, diz-se ao* ***likato****: "****Eles*** *nos matarão na batalha?" Se a água se põe a ferver e chega até à borda da caçarola, haverá, com efeito, mortos do lado daqueles que consultam e então eles desistem da guerra. Se a água não sobe, eles perguntam: "Mataremos na batalha?" Se a água sobe então, haverá inimigos mortos e a guerra segue seu curso. Se a água não se põe a ferver, isso significa que não se matará inimigos; por consequência, não se combaterá. A prova é recomeçada várias vezes; de outro modo, ela não seria satisfatória.*[337]

*

* *

Entre os Zulus, certas práticas divinatórias lembram muito o

que vimos entre os Papuas da Nova Guiné. Diz Callaway:

> *O costume é agitar um remédio em um pote d'água. Escolhem-se dois remédios: um representa o chefe, o outro o inimigo. Esses remédios são colocados em recipientes diferentes. Se aquele que representa o inimigo se põe subitamente a ferver, enquanto aquele que representa o chefe não o faz, os Cafres olham isso como um sinal de que o inimigo ficará por cima, se eles atacarem agora e não se permite que o exército vá à batalha. Recomeça-se a prova muitas vezes, às vezes por meses, ou mesmo anos e só se permite ao exército ir à batalha quando o presságio mudou, quando o vaso do chefe ferve e o do inimigo não.*[338]

Como na Nova Guiné, o consultante se identifica com o instrumento que o representa e o futuro é sentido como já real. No momento mesmo em que a vitória é prometida, ela é adquirida. A batalha está ganha, é coisa certa e quando, algumas semanas ou alguns meses mais tarde, ela acontecer de fato, isso será apenas, por assim dizer, uma formalidade. Callaway diz isso em seus próprios termos:

> *Eis como um chefe age com seu vaso divinatório. Em geral, ele expõe antecipadamente o que vai fazer antes que isso seja feito, dizendo: "Tal coisa acontecerá e vós fareis isso e isso". Assim é quando um exército entra em campanha; os homens esperam que uma palavra venha do chefe para lhes dar coragem, a fim de que eles saibam que espécie de gente eles vão enfrentar (se eles são para se temer ou não)... o chefe lhes diz comumente: "Vós não vereis nenhum exército. Eu vos digo: eu já matei tal e tal... Vós só tereis que capturar o*

rebanho. Não há mais homens: não passam de mulheres". A palavra do chefe dá confiança a seus soldados. Eles dizem: "É um simples passeio: nosso chefe já viu, em seu vaso divinatório, tudo o que acontecerá"[339].

Que haja na linguagem desse chefe e de seus guerreiros alguma fanfarronada, é permitido pensar. Mas há certamente outra coisa. A prova está em que jamais se põe em campanha antes que o sinal favorável tenha aparecido. Ele pode se fazer esperar por muito tempo. Mas, assim que ele aparece, tudo está ganho. O inimigo não será vencido; ele está vencido. O chefe já matou tal ou tal chefe inimigo. O golpe de lança que jogará por terra o adversário só fará consumar o evento que, desde o presente, é real. A linguagem que Callaway coloca na boca do chefe Zulu exprime exatamente o que a adivinhação significa para ele e para seu povo.

§3. Adivinhação para descobrir o autor de um roubo, através de seu nome e por uma direção no espaço. Participação do grupo social com a terra. Outras formas de adivinhação. A clarividência.

Índice

A adivinhação "por alternativa" toma formas variadas. O objetivo geralmente é o mesmo: satisfazer a necessidade de direção e de segurança, direcionada, através de questões e preces, às potências do mundo invisível. Assim, na Ilha de Mangai, na Polinésia,

*na manhã do dia fatal, o chefe escolhe duas belas conchas de **ariri**; uma para ele, a outra para seu adversário Koteateoru. Instruções secretas foram dadas às suas forças para que se escondessem em um certo lugar. Os caminhos estreitos nos pântanos profundos foram interceptados. Feito*

isso, o chefe voltou a ver suas conchas: para sua grande alegria, a que representava seus inimigos estava virada de cabeça para baixo. Isso foi para ele um presságio certo de sua derrota.[340]

Também na Nova Zelândia,

para prever o resultado de uma campanha, um jovem toma algumas varinhas em um número igual ao das tribos beligerantes. Ele aplaina um pedaço de chão e planta as varinhas, como pinos de boliche, sobre duas linhas paralelas, representando os dois exércitos em presença. Ele se afasta um pouco e aguarda o efeito que produzirá o vento. Se as varinhas que representam o inimigo caem para trás, o inimigo será derrubado; se caem para frente, ele será vencedor; se caem obliquamente, a vitória será incerta.[341]

Às vezes, a questão é colocada diretamente, em termos expressos. Na Ilha de Motu, no momento do combate,

*o chefe agarra seu dedo do meio (**natugu**) e diz, segurando-o com a outra mão: "**Natugu**, **natugu**, podemos partir ou devemos ficar?" Ele tira o dedo e, se ele produz um estalido, ele fica em casa ou bate em retirada. Em caso contrário, ele avança.*[342]

Fatos deste tipo, em todas as latitudes, são extremamente numerosos.

A adivinhação recai sobre eventos futuros de todo tipo: se um doente se curará, de qual sexo será uma criança que vai nascer, se a colheita será boa, se a chuva virá etc. Mas, frequentemente, ela serve também para descobrir simplesmente alguma coisa escondida, ou obter uma informação importante sobre um fato já passado. Por

exemplo: desejar saber se um viajante que não dá notícias há muito tempo está com boa saúde, ou saber se um objeto sumido foi perdido ou roubado, quem cometeu um ato que afetou todo o grupo social, de qual lado se deve procurar um animal que se afastou do rebanho etc. No entanto, é de se destacar, que os processos empregados nestes casos e numa infinidade de outros análogos, não diferem essencialmente daqueles que servem para conhecer e assegurar um certo resultado futuro.

Essa semelhança se explica primeiramente pelo que foi dito da representação do tempo própria da mentalidade primitiva, quando ela percebe presságios ou quando ela os provoca e quando ela interroga as potências místicas das quais depende o futuro. A ação dessas potências lhe parece imediata, no sentido pleno dessa palavra. Ela se exerce sem intermediários e, por consequência, imediatamente e o evento futuro que será produzido por ela já é sentido como presente. Desta forma, os mesmo processos de adivinhação podem servir, quer se trate do sucesso da campanha próxima, ou de encontrar um cavalo que desapareceu na última noite. Por outro lado, em casos de eventos futuros, as práticas divinatórias implicam num pedido de ajuda e de apoio e são como uma prece dirigida às potências invisíveis. Estes elementos da adivinhação estão ainda presentes quando ela recai sobre fatos passados ou objetos escondidos. Apenas, em vez de rogar para que uma coisa aconteça, ou seja, para que as potências invisíveis a realizem, o primitivo lhes pede para mostrar o objeto perdido ou o fato que ele não testemunhou, mas que pode ser mostrado imediatamente por essa potência. Pouco importa então que o evento pertença ao futuro ou ao passado. Para a mentalidade primitiva, parece que o campo de ação das potências místicas constitui como

que uma categoria do real que domina o tempo e o espaço, onde os fatos se arranjam necessariamente para nós. É neste sentido que sua experiência é mais ampla, senão mais rica, do que a nossa. Ela contém mais ao mesmo tempo. Ela possui contornos menos rígidos, o que lhe permite alojar, na mesma realidade, o visível e o invisível, o que nós chamamos o natural e o sobrenatural, enfim, este mundo e o outro. Daí, as características comuns a toda adivinhação. Mesmo quando não se trata do futuro, seus processos não se atêm somente a conhecer o que é presentemente ignorado, eles se esforçam ao mesmo tempo em obter a ajuda das potências que podem levantar o véu.

Alguns exemplos trarão melhor isso à luz. Na Nova Guiné alemã,

> *a ajuda de um feiticeiro é de uma importância particular quando se trata de descobrir um ladrão. Se um roubo aconteceu sem que se possa nomear um culpado, procura-se quem possui o encanto capaz de revelá-lo. Este feiticeiro pega seu machado e bate num cipó, pronunciando um nome a cada golpe. Se o machado atinge o cipó, o nome é o de um inocente; se ele erra, a pessoa chamada justamente neste momento é a culpada. Ou então, ele pega um ramo com folhas, pronuncia sobre ele fórmulas mágicas e bate com este ramo em seu braço esquerdo. Se uma folha cai, a pessoa chamada ao mesmo tempo não é a culpada; mas, se todas as folhas, apesar do golpe, continuam ligadas ao ramo, a pessoa chamada neste momento é o ladrão.*[343]

Bem perto de lá, entre os Kais,

> *quando aconteceu um roubo, para encontrar o autor, o*

nativo consulta a sorte. Os processos são extremamente variados. Por exemplo, amarra-se na ponta de uma corda um coco cheio de água e produz-se um movimento de rotação, ao mesmo tempo em que se pronuncia os nomes de todos os habitantes da aldeia. O culpado é aquele cujo nome foi pronunciado quando a água saiu do coco. Ou então, espeta-se um bastão no chão e coloca-se uma vasilha por cima. Chamam-se os nomes dos moradores da aldeia. Enquanto o nome do culpado não é pronunciado, a vasilha balança e ameaça cair; ao nome do ladrão, ela atinge o equilíbrio e fica imóvel.[344]

Entre os Bukauas, vizinhos dos Kais,

para descobrir um ladrão, os nativos pegam uma panela, cujo fundo é riscado de vermelho. Uma varinha é fincada no chão, no meio da praça da aldeia e a superfície superior dessa varinha também é riscada de vermelho e perfeitamente alisada. Um morador da aldeia tenta manter a panela sobre esta superfície e, ao mesmo tempo, chama um por um os nomes de todos os outros. Os nativos, que estão irritados por causa desse roubo, estão sentados em volta e vigiam a operação. A panela ameaça continuamente cair. Assim que o nome do culpado é pronunciado, ela para e permanece imóvel. Imediatamente examina-se a rede do suspeito e vasculha-se sua casa de alto a baixo. Esteja lá o objeto ou não, a suspeita permanece ligada a ele e a vergonha é terrível. Essa pessoa é obrigada a deixar a aldeia, senão para sempre, pelo menos por um bom tempo, até que o assunto caia no esquecimento.[345]

Onde nós faríamos uma investigação, o papuano "consulta a sorte". Mas, sabe-se que, para ele, "sorte" não quer dizer "acaso". Pelo contrário, é um apelo às potências místicas e o caráter mágico da operação garante sua infalibilidade. Ela sempre começa com ritos que colocam o feiticeiro, os assistentes e tudo o que vai ser feito, em contato com o mundo invisível. Tudo é assim transportado para a região do sagrado e, por consequência, a revelação que for obtida será necessariamente verídica. Pouco importa se a experiência a confirme ou não. Se analisarmos as representações coletivas que estão em jogo aqui, veremos que os métodos empregados decorrem naturalmente da mentalidade dos nativos e que eles só podem ter delas uma confiança inabalável.

Porque eles são tomados por uma cólera assim contra o ladrão desconhecido e são tão desejosos de descobri-lo? Eles agem em nome de uma justiça social que exige que a violação de um direito seja seguida de uma sanção? Eles obedecem a um sentimento imperioso que reclama o respeito pela propriedade privada? Mas, nas sociedades do tipo da dos Papuas, a propriedade, como se sabe, difere do que ela é nas nossas. O número de objetos que podem ser possuídos, por sua vez, pelas diversas pessoas é extremamente pequeno. No interior do grupo social, não há compra e venda, nem vida propriamente econômica. Abstraído o que é propriedade comum __ os territórios de caça, por exemplo __ cada indivíduo possui muito poucos objetos que são seus. Mas eles lhes "pertencem" num sentido místico e mais profundo do que aquele que atribuímos à palavra. Eles participam, mais ou menos, de sua essência. Eles lhes pertencem como sua cabeça e seus membros, como sua mulher e suas crianças, como as aparas de suas unhas, seus cabelos, seus pelos, sua gordura, seus excrementos. A tanga com que

ele se cobre está impregnada de seu suor e, por consequência, faz parte dele mesmo[346]. Da mesma forma, a lança que ele usa na caça, a rede que ele emprega na pesca: quem as toca, toca nele mesmo. Quem tenciona pegá-los, é suspeito das intenções mais sinistras. Quem se apodera deles, doravante tem o poder de lhe fazer todo o mal possível e tem sua vida nas mãos. Em que mãos vão cair essas verdadeiras partes de sua pessoa? Quem sabe se o ladrão __ ou um cúmplice __ já não o "condenou"?

Um ladrão, nessas sociedades, não é, portanto, simplesmente um membro "indesejado" do grupo, uma pessoa geralmente preguiçosa, sem escrúpulo e que quer obter sem trabalho o produto do trabalho dos outros. Ele pode ser também__ e principalmente __ um feiticeiro da pior espécie, um assassino virtual. Por outro lado, para se apoderar dos objetos que ele fará, talvez, um uso tão temido, ele já deve ter feito uso de processos mágicos. Ele se torna invisível, ele penetra nas cabanas enquanto as pessoas dormem, ele usa sobre elas de violência que eles nem tem consciência etc. É, portanto, absolutamente indispensável descobrir esse perigoso malfeitor. Mas, só se terá sucesso se, às forças místicas que ele tem a seu serviço, forem opostas outras, mas fortes, que superem as suas.

Os nativos não pensam, portanto, numa investigação à maneira da justiça europeia. Eles estão a quilômetros de distância disto. Se lhes forem proposta uma investigação deste tipo eles não veriam nenhuma utilidade nela. O que importa para eles é ter uma influência mística sobre o ladrão desconhecido. Porém, essa influência, se ele é membro de seu grupo, lhes é possível obter. Eles podem empregar poderosos meios mágicos para tentar descobrir seu nome. Conseguido isso; está feito; ele não escapará. Pois o nome, para os primitivos, não serve apenas para designar os indivíduos. Ele é parte

integrante da pessoa; ele participa dela. Se dispomos dele, somos os senhores da pessoa também. Entregar o nome de uma pessoa é entregar ela própria. Daí os processos para descobrir o ladrão. Enquanto a operação mágica se desenrola __ por exemplo, a oscilação de um vaso cheio de um líquido, sobre o qual se pronunciou uma fórmula mágica __ uma pessoa qualificada para essa função chama sucessivamente os nomes de todos os membros do grupo. Fazendo isso, ela os coloca em contato com a potência mística em ação, sem que eles possam evitar isso. No momento em que o nome do culpado é pronunciado, o contato torna-se revelador: o vaso deixa de oscilar e fica imóvel. O ladrão é descoberto. Nunca os nativos duvidam do resultado e eles não precisam de nenhuma outra prova para corroborá-lo.

Processos muito semelhantes são observados um pouco por toda parte: na Austrália, na África austral, equatorial, ocidental etc. Eles são, por assim dizer, impostos pela própria oriental da mentalidade primitiva. A coincidência de um certo nome com o transbordamento esperado __ que é devido, eles pensam, à intervenção das potências ocultas __ equivale a uma revelação provocada em sonho ou como a adivinhação por alternativa, cujos exemplos vimos acima. Sob a diversidade dos métodos, a operação permanece idêntica em seu fundo.

Frequentemente também, em vez de revelar o nome de um culpado, a adivinhação mostra em que direção deve-se buscá-lo, de que lado é preciso ir para encontrar o objeto perdido etc. Assim, em Queensland setentrional,

> *um curandeiro pode encontrar com certeza de qual direção veio o* ***ti*** *(agente do malefício). Ele vai até o mato e joga no ar bolinhas que têm o aspecto de carvão de madeira,*

rumo aos quatro pontos cardeais. Elas ficarão no ar, exceto aquelas que estão na direção procurada e que cairão no chão. Disseram-me que o curandeiro havia extraído essas bolinhas, por sucção, do corpo de um doente numa ocasião anterior.[347]

Na África do Sul,

os Cafres se servem do louva-deus para a adivinhação. Se o gado escapou, se eles precisam de um doutor etc. Eles prendem um desses insetos sobre uma folha de grama e o colocam não importa onde. O inseto procura uma saída e a direção indicada então por sua cabeça é aquela onde se encontrará o gado, o doutor que se precisa etc.[348]

A mesma coisa entre seus vizinhos, os Hotentotes. Entre eles, uma caixa é o instrumento de adivinhação. Mergulha-se uma mecha de fios em gordura e se acende a ponta, que emerge de uma caixa fechada. Ela é segurada então contra o vento. A direção na qual parte a fumaça indica ao Hotentote preocupado onde ele deve buscar seu gado que escapou ou um companheiro de viagem que ele perdeu[349]. Nestes fatos, tão comuns que é inútil continuar relatando, tudo se passa como se as direções possíveis fossem enumeradas sucessivamente __ como os nomes __ a toda hora. Mais precisamente, com a chamada dos nomes, já havia __ pelo menos na origem __ uma razão mística. Não seria o mesmo com a busca das direções?

Aos olhos do primitivo, nada é fortuito. Se, portanto, o louva-deus, ou a fumaça tomam tal direção e não qualquer outra, esse tipo de escolha é uma revelação, ou seja, é a resposta à questão colocada, desde que ela tenha sido colocada nos termos mágicos que convém. Por outro lado, se o nome de uma pessoa dá informações sobre ela

__ já que é parte integrante de sua pessoa __ a região do espaço onde a pessoa nasceu e mora, onde vive um grupo social, não podem desempenhar o mesmo papel, não lhe "pertence" da mesma maneira, através de uma participação íntima? Não há entre o grupo social, os indivíduos que o compõem e uma certa região do espaço, um laço místico que, como seus nomes, pode revelá-los?[350] Para os primitivos, a representação do espaço, como a do tempo, se ele tiver uma, é sobretudo qualitativa. As regiões do espaço não são concebidas, nem propriamente representadas, mas, principalmente, sentidas em conjuntos complexos, onde cada um deles é inseparável daquilo que o ocupa. Cada um deles participa dos animais reais ou míticos que ali vivem, das plantas que ali crescem, das tribos que ali habitam, dos ventos e das tempestades que acontecem ali etc. A representação de um espaço homogêneo, com a qual estamos acostumados, não nos dá toda a ideia disso. O seguinte fato, recolhido na Austrália ocidental, tornará sensível essa diferença.

Uma expedição, composta de europeus e nativos, está atormentada pela sede. Ela examina pontos d'água para ver se estão secos. Os nativos cavam uma espécie de chaminé na areia e enfiam um bastão até o fundo, para tentar atingir um veio d'água subterrânea. No primeiro buraco não encontram nada. No segundo, a extremidade do bastão retornou úmido. Os nativos redobram os esforços e logo atingem uma areia suficientemente molhada para aderir à mão quando ela é fechada.

> *Daí em diante, não era mais preciso cavar um poço largo; bastava um buraco bem mais estreito no fundo do poço já formado. Mas aí se apresentou uma dificuldade à mente dos nativos; uma dificuldade que não entendemos completamente. Para eles, colocava-se a seguinte questão: em que ponto do*

poço devíamos cavar agora para estarmos certos de encontrar água? Enquanto que, para nós, menos influenciados do que eles pela imaginação, esse ponto parecia totalmente indiferente; poder-se-ia, evidentemente, obter água cavando não importa em que ponto da superfície do fundo do poço, pois ela estava igualmente úmida em todos os lugares. Mas o negro não confia jamais no acaso. Ele precisa de uma razão, boa ou má, para guiá-lo em todas as suas ações. Por consequência, eles logo submeteram este ponto espinhoso a uma grande discussão. Um deles propôs cavar no lado oeste do poço: como o mar ficava deste lado, era provável que se encontraria água ali. Mas esta proposta plausível foi imediatamente rejeitada com desprezo e zombaram do seu autor. Sem dúvida que se encontraria água nesta direção; mas, vindo do mar, ela seria salgada e, por isso, não potável. Uma outra proposta então foi cavar na parte leste do poço, porque os Angaardies, que moravam desse lado, tinham muita ***boolia*** *(força mágica), eles sabiam fazer chover quando queriam e, por consequência, nunca tinham falta de água. Esta proposta acalorou o debate e os nativos estavam dispostos a dar prosseguimento a ela, quando um velho expressou um temor: e se esses temíveis Angaardies ficassem irritados ao verem que se apoderavam de seus direitos e, por vingança, direcionassem seus poderes mágicos contra os Watchandies? Depois disso, a ideia foi logo abandonada. Um sábio propôs o noroeste, porque a chuva sempre chegava deste lado e esta sugestão teria sido aceita, se um outro nativo não tivesse proposto o sul, alegando que os brancos tinham vindo desta direção e deviam ter encontrado muita água*

durante sua viagem; portanto, era neste lado que se devia encontrar água. Esta consideração __ lisonjeira para nós __ venceu.[351]

A mentalidade primitiva atribui, portanto, um alto valor a relações que nós nem levamos em conta e que, por um tipo de participação, ligam seres e objetos à direção ou à região do espaço onde eles se encontram, seja habitualmente, seja ocasionalmente. É no leste que se encontrará água, porque no leste habitam os Angaardies, grandes mágicos e hábeis fazedores de chuva; mas, por sua vez, os Angaardies participarão da qualidade de tudo o que reside a leste. Da mesma forma, encontrar-se-á água no sul, porque os brancos, que dispõem de um grande poder mágico, vieram do sul, existindo assim uma participação entre a região sul e os brancos e ela é representada, tanto por uma qualidade própria aos brancos e que se estende à região sul, quanto por uma qualidade da região sul, que pertencerá aos brancos. Essas relações, mesmo que familiares à mentalidade primitiva, não se tornam para ela objeto de reflexão. Ela não as expressa jamais de uma maneira geral ou abstrata. Ela mais sente do que pensa nelas. Precisamente porque ela as apreende como imediata, por um tipo de intuição, ela se regula por elas, sem precisar tomar consciência delas. Ela se move, assim, num espaço qualitativamente determinado e mais rico em propriedades do o nosso, pois, se ela ignora suas propriedades geométricas, ele é povoado, em contrapartida, por qualidades imediatamente perceptíveis, compartilhadas com quem o ocupa.

Oldfield diz também, “Toda pessoa da tribo (Watchandie) deve visitar, três vezes por ano, o lugar onde nasceu. Para que fim particular, eu não pude saber”[352]. Os senhores Spencer e Gillen relatam costumes semelhantes entre os nativos da Austrália central.

Sabe-se também que, quando várias tribos se encontram num lugar, cada uma delas se aloja no lugar que lhe determinam suas relações místicas com uma região determinada do espaço. O fato foi observado em outros lugares além da Austrália, onde ele é muito nítido. Diz N. W. Thomas:

> *Eu sempre fico impressionado com a exatidão do lugar que toma cada tribo num acampamento conjunto: justo na direção em que se encontra sua região, de acordo com a bússola (eles têm um conhecimento perfeito dela. Eu cheguei à conclusão de que essa regra não tem exceção e, de acordo com ela, quando os negros chegavam, eu podia ter uma ideia de qual direção eles vieram.*[353]

O Sr. A. R. Brown, que estudou recentemente três tribos da Austrália ocidental, descreveu claramente a participação que Oldfield tinha observado meio século antes, na mesma região.

> *Nos primeiros dias do estabelecimento dos brancos no território dessa tribo e de seus vizinhos, os colonizadores empregavam os nativos como pastores. Disseram-me que, regra geral, lhes era impossível, no início, convencer um nativo a levar as ovelhas para pastarem fora de seu próprio território (o território de seu grupo social).*
>
> *Uma pessoa não pode absolutamente deixar seu grupo social para se naturalizar ou adotar um outro. Da mesma forma que a região lhe pertence, ele pertence à região. Se ele a deixa, ele se torna um estrangeiro, seja hóspede ou inimigo, das pessoas na região onde se encontrava... Hoje em dia, o país pertence aos brancos e é preciso que os nativos vivam onde podem. Mas, mesmo agora, a ligação de uma pessoa à*

região de seu grupo local não desapareceu ainda. Nativos geralmente expressam o desejo de morrer e de serem enterrados no território de caça que lhes pertence por herança.[354]

Assim, para esses australianos, na representação do grupo social entram não somente os vivos e os mortos, mas também, como elemento integrante, o solo habitado por eles, a região do espaço onde os ancestrais viveram, onde eles vivem ainda como vivem os mortos, esperando nos centros totêmicos descritos pelos senhores Spencer e Gillen a oportunidade de renascer sob a forma de um membro atual do grupo. Essa ligação íntima dos vivos, dos mortos e do solo foi muito bem compreendida por um missionário da Nova Guiné inglesa.

Invoca-se os mortos para obter uma boa caça e uma boa pesca, lá onde eles caçaram e pescaram. E parece que esta é a razão principal que leva os Kunis a guardar religiosamente os nomes de seus ancestrais. Quando, em meu trabalho genealógico, um nativo não consegue me fornecer o nome de seu avô ou de seu bisavô, os assistentes logo lhe fazem esta observação: "Mas então, como você faz para caçar?"[355]

A participação entre o grupo social e sua região não abrange somente o solo e a caça que se encontra nela; todas as potências místicas, os espíritos, as forças mais ou menos nitidamente imaginadas que lá residem têm a mesma relação íntima com o grupo. Cada um de seus membros sente que elas são para ele o que ele é para elas. Lá, ele sabe quais perigos místicos o ameaçam e com quais apoios místicos ele pode contar. Fora dessa região, não há mais apoio para ele. Perigos desconhecidos e um tanto quanto

aterrorizantes o rodeiam por todos os lados. Não é mais o *seu* ar que ele respira, a *sua* água que ele bebe, os *seus* frutos que ele colhe e que come, não são mais as *suas* montanhas que o rodeiam, os *seus* caminhos que ele percorre; tudo lhe é hostil, porque as participações que ele estava habituado a sentir lhes fazem falta. Daí, sua extrema repugnância em deixar seu território, mesmo momentaneamente. Diz o missionário Newton:

> *Talvez, o pouco gosto que os nativos demonstram em se deslocar para um outro distrito, para ali receber um tratamento médico, seja devido ao seu medo dos espíritos malfazejos de um outro lugar, que podem se opor especialmente à chegada de estrangeiros e mais vale suportar os males que se tem. Parece, de fato, que o único bem que os espíritos fazem aos habitantes de um lugar seja espantar os estrangeiros que poderiam se introduzir ali e isso pode explicar também a repugnância que os nativos tinham outrora em viajar para longe de casa. Foi o instinto conservador desses nativos, seu medo dos estrangeiros, que lhes fez atribuir os mesmos sentimentos aos espíritos, ou foi esse medo que lhes inspirou esse instinto conservador? O que é causa, o que é efeito? Eis o gênero de enigmas em presença dos quais nos encontramos, quando entramos em contato com povos nativos, que nenhum branco pode compreender a mente e as maneiras de pensar.*[356]

Não distante dali, na Nova Guiné alemã, há dois anos, vi chegar à casa do missionário Hanke, em Bongu, um homem que vinha de Bilibili, em nome das pessoas de sua aldeia, que estavam refugiadas em Rai. Ele lhe perguntou se ele negociaria para que o governo lhes permitisse retornar a Bilibili. Ele contou, em apoio ao

seu pedido, que:

> *Os espíritos de nossos ancestrais vieram nos encontrar em Rai. Eles estavam muito enfurecidos, rugiam e diziam: "Como vocês puderam deixar deserto o lugar onde todos os espíritos estão? Quem agora vai tomar conta de nós?" E, então __ o homem continuou __ os espíritos cuspiram com desprezo nos potes novos que ainda não estavam totalmente acabados e esses potes foram todos quebrados. Assim, vivemos agora como estrangeiros entre as pessoas de Rai. Nós não temos os nossos campos e, o que é pior, não podemos mais fabricar potes. Deixe-nos então retornar para nosso antigo território, a fim de que os espíritos deixem de estar zangados conosco.*[357]

É, portanto, difícil para os primitivos viverem fora do território que faz parte, por assim dizer, de seu grupo social. Ele nem mesmo consegue combater fora dali. Assim, na Nova Zelândia,

> *Qualquer que seja a coragem que uma tribo possa possuir quando ela está em seu próprio território, ela desaparece quando a tribo o deixa e eles não hesitam, absolutamente, em confessar isso... eles temem surpresas e ataques de todos os lados...*[358]

O fato é geral e as observações semelhantes muito numerosas.

Em virtude da mesma participação, o homem que se afastou para sempre do solo onde vive seu grupo social deixa de fazer parte dele. Ele está morto para o grupo social; mais morto do que se tivesse simplesmente acabado de morrer e recebido as honras fúnebres costumeiras. É o caso dos prisioneiros de guerra que foram poupados e adotados pela tribo que os capturou. Da mesma forma, o

exílio perpétuo equivale à morte. Em Vura (Ilhas Salomão),

> *um cristão, num movimento de fúria, golpeou sua mulher tão brutalmente que lhe quebrou a mandíbula. Ela morreu em poucas horas. Essa mulher, segundo testemunhos dos seus, o tinha exasperado e lançado contra ele, continuamente, acusações injustificadas. Eles não quiseram, segundo o antigo costume, vingar-se dele e matá-lo, mas os chefes intervieram. Ele foi julgado e condenado à deportação perpétua. Essa sentença satisfez completamente a opinião pública. As pessoas consideraram que "ele estaria morto para elas".*[359]

Por fim, eis um rito simbólico africano que deixa transparecer a relação entre o solo e o grupo que vive nele.

> *Quando um Ronga chega de Kimberley com a mulher com quem se casou, eles trazem consigo uma pequena quantidade de terra retirada do lugar que eles deixaram e a mulher deve comê-la um pouco a cada dia, com sua sopa, para se acostumar com sua nova residência. Essa terra faz a transição entre os dois domicílios.*[360]

Tudo isso explica que, em certos casos, a adivinhação se serve da direção no espaço, como ela faz com o nome de uma pessoa. A direção onde a pessoa se encontra e a região do espaço onde ela mora são "suas", no sentido pleno da palavra, como seus membros e sua mente, pois, segundo a expressão impressionante do Sr. Brown, ele pertence ao seu lugar como seu lugar lhe pertence. Por isso, uma pessoa pode ser denunciada pela direção do espaço em que ela se encontra, bem como pelas pegadas deixadas no chão, onde se reconhece seu pé. Esta é uma qualidade característica de sua pessoa

ou, pelo menos, de seu grupo.

Com o tempo, esse processo pode perder seu sentido original, tornar-se mecânico e acabar por ser empregado mesmo em ocasiões que não têm nada em comum com seu significado primitivo. Quando o Hotentote, para encontrar seu gado que escapou durante a noite, se guia pela direção do louva-deus, pode-se pensar que isto é uma forma de adivinhação bem semelhante aos processos por coincidência e por alternativa que foram estudados acima. Mas estes também tiveram, inicialmente, um sentido místico. E talvez subsista, na mente do Hotentote, algum sentimento obscuro da participação que vimos tão vivo nas representações coletivas dos Australianos.

*

* *

Se o estudo precedente teve por objetivo percorrer o conjunto dos processos divinatórios em uso nas sociedades inferiores, ele ficou bem incompleto. Os que foram objeto de estudo aqui representam apenas uma pequena parte deles. Mas eu só me propus analisar o que as práticas divinatórias __ ou que são designadas por esta palavra __ significam aos olhos dos primitivos, o que eles esperam delas e como as mesmas representações coletivas os levaram aos processos mais diversos. Bastariam, para isso, exemplos tomados das sociedades menos elevadas que nos são conhecidas.

Muitos processos de adivinhação mencionados por mim são empregados nelas. Poder-se-ia analisá-los segundo os mesmos princípios. Os primitivos, por exemplo, sabem utilizar, para comunicar-se com o mundo invisível, as propriedades especiais dos médiuns e colocá-los em “estado segundo”. Eles não ignoram quase nada dos fenômenos familiares aos espíritos de todos os países e de

todos os tempos. Os **Phantoms of the living**, de Myers, não lhes ofereceriam nada de novo. O comércio com os espíritos, em particular com os dos mortos, faz parte de sua experiência cotidiana. Mesmo que os temendo, às vezes, eles se arriscam frequentemente a procurá-los, com as precauções necessárias. Eles sabem discernir dentre eles os "sujeitos" mais sensíveis que os outros à influência das potências invisíveis e mais capazes de receber as revelações do lado de lá. Esses sujeitos tornam-se adivinhos, videntes, feiticeiros no bom sentido da palavra. É a eles que se dirige quando se precisa de uma revelação particular. Entre os Esquimós, as operações divinatórias são reservadas ao curandeiro, ao *angekok*. Para realizar isso, ele próprio se coloca em estado de sono hipnótico ou transe, catalepsia ou êxtase, ou seja, ele se transporta para as regiões das potências invisíveis e entra em comunicação com elas. Ele vê e ouve os mortos, ele atravessa num instante, sem ser visto, as maiores distâncias, através dos ares etc. É uma experiência análoga a de um sonho provocado, ou seja, a uma visão privilegiada e infalível.

Os primitivos também conhecem a adivinhação, muito semelhante à precedente, que se opera por meio de um cristal, de um espelho (quando se tem um), de uma superfície líquida etc. Para pegar apenas um exemplo em mil: na Groenlândia, segundo Crantz,

> *eles pretendem descobrir se um homem que não retornou do mar, como se esperava, está morto ou vivo. Com um bastão, eles erguem a cabeça do parente mais próximo do ausente acima de um balde cheio de água e, neste espelho, eles percebem o homem caído em seu caiaque no fundo da água, ou então, sentado corretamente em sua embarcação e em vias de remar.*[361]

Os doutores e os feiticeiros são dotados, em geral, de uma

"clarividência" particular. O que permanece invisível aos outros, seus olhos percebem. Desta forma, eles são "mais do que homens" durante sua vida e geralmente após sua morte. Eles possuem, às vezes, o poder de discernir culpados apenas pelo seu aspecto e se tem total confiança em suas afirmações. Assim, diz o Sr. Dixon:

> *é interessante destacar que os xamãs, como acreditam os Shastas, têm o poder de dizer imediatamente se uma pessoa cometeu uma má ação, de qualquer natureza que ela seja. Eles podem fazer isso porque, quando olham alguém que roubou ou cometeu algum outro malfeito, essa pessoa aparece ao xamã, segundo sua própria expressão, "coberta de escuridão".*[362]

A característica própria dessa clarividência __ que desempenha um papel em um grande número de práticas divinatórias __ é ser imediata e intuitiva. É preciso que a resposta à questão colocada se revele ao adivinho ou ao xamã, num ato único e indivisível de visão simples. Callaway insistiu sensatamente neste ponto.

> *Quando um objeto precioso está perdido, ele é procurado imediatamente. Se não se consegue encontrá-lo, todos começam a praticar a adivinhação interior, tentando sentir onde está o objeto. Pois se não se pode vê-lo, sente-se interiormente como uma direção que lhe diz que, indo até tal lugar, o objeto está lá, ele será encontrado... Por fim, ele o vê, ele se vê aproximando. Antes de deixar o lugar onde está neste momento, ele o vê de uma maneira completamente nítida e, então, ele não dúvida mais... Essa visão é tão clara que é como se não fosse uma visão interior, mas como se ele visse*

realmente o próprio objeto e o lugar onde ele está. Ele se levanta então prontamente e vai até esse lugar. Se é um lugar escondido, ele corre, como se houvesse alguma coisa que o impulsionasse a ir mais rápido do que o vento. Se ele empregou uma verdadeira adivinhação interior, ele vê realmente o objeto. Mas, se ele procedeu por simples raciocínio, refletindo para não ir aqui, nem lá e que, por consequência, o objeto só pode estar em outro lugar, em geral, ele erra o alvo.[363]

Essa descrição é bem instrutiva. Ela toca em um ponto __ por ocasião de uma prática familiar à mentalidade primitiva __ que é sua desconfiança com relação à operações discursivas e de raciocínio e sua preferência por uma apreensão intuitiva imediata. As operações discursivas não lhe parecem somente penosas e enfadonhas. Ela tem uma razão mais decisiva para evitá-las: ela não acredita nelas. Quando a ocasião se apresenta a ela para empregá-las __ o que é raro, pois geralmente ela nem mesmo pensa nelas __ ela as descarta, como sendo de natureza a obscurecer ou a impedir a visão que, somente ela, faz sentir a presença do objeto procurado.

Entre um raciocínio __ por mais evidente e simples que ele nos pareça __ e essa visão imediata, a mentalidade primitiva não hesita. Esta é uma das razões que a fazem recorrer, a todo instante, a práticas divinatórias tão variadas. Para essa mentalidade, voltada para o mundo invisível e totalmente preocupada com participações místicas, a adivinhação __ entendida ao mesmo tempo, ou segundo o caso, como uma visão, como um presságio solicitado, como uma prece, como uma revelação no tocante às disposições das potências invisíveis e, por fim, como uma posse atual de um futuro já presente __ responde às curiosidades da mente e às necessidades de ação

muito melhor do que qualquer raciocínio poderia fazê-lo.

***

Capítulo VIII

Os ordálios.

§1. Confiança inabalável dos primitivos nos ordálios. Ele é um reagente místico.

Índice

A história da Idade Média nos tornou familiares as provas, aparentadas com a adivinhação, que se chamam julgamentos de Deus, ou ordálios. A antiguidade grega, como muito bem mostrou o Sr. Glotz, já os conhecia[364]. Nós os encontramos também em inúmeras sociedades inferiores. No entanto, será prudente não admitir antecipadamente a identidade dos fatos em sociedades bem diferentes umas das outras. Eu não vou tomar como certo que os ordálios dos primitivos constituem um procedimento judicial especial que deixa aos deuses a faculdade de salvar um condenado, talvez inocente (Antiguidade grega0, ou que remete a Deus a decisão de um processo (Idade Média). Deixando de lado toda definição pré-estabelecida, eu me limitarei inicialmente à análise dos fatos e os tomarei, preferencialmente, das sociedades africanas, onde os ordálios possuem um lugar considerável, sem me impedir, no entanto, de retirar de outros lugares termos de comparação.

Um primeiro traço se impôs em toda parte à atenção dos observadores: é a total confiança, invencível, poder-se-ia dizer inabalável, que os primitivos têm nos ordálios. Os missionários

italianos no Congo, no século XVII, já haviam insistido neste ponto.

> *Eu fiquei realmente estupefato e não podia me convencer de que pessoas, por mais grosseira que fosse sua ignorância, pudessem ter tanta fé em fraudes tão evidentes e não admitir pelo menos algumas das numerosas razões que os missionários lhes faziam valer a cada dia sobre este assunto... Mas, em vez de se render, eles levantam os ombros e respondem: é impossível que nossas provas nos enganem; isso não pode, isso não pode!*[365]

A mesma fé robusta é atestada hoje em dia pelos exploradores e os missionários. "O nativo acredita com toda sua força na eficácia do ordálio. Constantemente, pelas acusações mais insignificantes, meus carregadores se oferecem para se submeterem ao ordálio do veneno"[366].

Diz o Sr. Macdonald:

> *Todos os nativos acreditam que o **mvai** (veneno da prova) é infalível, enquanto que sabem muito bem que o testemunho de seus compatriotas não é... Estamos aqui em presença da fé mais enraizada que existe nessas tribos. Se eles acreditam em alguma coisa, é no ordálio. Um dia, eu perguntei à Kumpana, de Cherasulo: "O que você faria se uma pessoa roubasse marfim, se submetesse à prova do **mvai**, o vomitasse e você a encontrasse em vias de vender o marfim roubado?" Respondeu-me Kumpana: "Se a pessoa tivesse roubado o marfim, ela não vomitaria o **mvai**; o **mvai** a mataria." Eu, frequentemente, fiz suposições deste tipo para os nativos. Embora eu dissimulasse cuidadosamente minha petição de princípio, eles sempre observavam que eu supunha*

casos que jamais poderiam acontecer.[367]

Os negros estão sempre prontos para tomar o veneno e é raro que o acusado se esquive, pela fuga, da obrigação de se submeter à prova. Conscientes de sua inocência, a prova do veneno não lhes inspira nenhum medo.[368]

Os negros acreditam firmemente que aquele se acha inocente pode beber o ***mbambu*** *com toda tranquilidade; ele não morrerá. Por exemplo, num dia em que nós tínhamos feito uma excursão, sumiu um machado de nosso acampamento. Acreditamos inicialmente que ele tinha sido roubado por um dos numerosos nativos que víamos de cócoras no chão em nossas proximidades. Imediatamente, antes mesmo que a acusação tivesse sido formulada, todos se declararam prontos a beber o* ***mbambu****, a fim de provar sua inocência. Bem entendido que nós não consentimos e, após uma busca mais cuidadosa, o machado perdido foi encontrado.*[369]

Entre os Bassutos,

ontem de manhã, uma mulher de uma aldeia vizinha veio me anunciar que ela ia passar pela prova da água fervente, por feitiçaria. Ela tinha como vizinha uma mulher vil que não parava de acusá-la de feitiçaria e transformara sua vida num inferno há meses. Levada ao limite, ela se ofereceu para se submeter à prova da água (enfiar as mãos na água fervente). Minha vizinha não estava, de forma alguma, assustada com a perspectiva da prova a que iria se submeter. Não se sentindo uma feiticeira, ela estava certa de que não se queimaria.[370]

Na África oriental, não é de outro jeito. Escreve o missionário Schumann:

O Konde está totalmente convencido da infalibilidade desse ordálio. Eles têm respeito por aquele que bebeu o veneno e eles o honram. Todo mundo bebe a taça de ***muavi****, pequenos e grandes, homens e mulheres, com a única exceção dos chefes, que, se for necessário, a substituem por outras. (Não, sem dúvida, porque temem o resultado da prova, mas por causa do caráter sagrado de sua pessoa).*

Diz o mesmo Merensky:

O Konde está sempre disposto a se submeter a um ordálio. Beber o ***muavi*** *é uma prova de tão grande valor neste país que todo mundo tem sempre estas palavras na boca: "Eu quero beber o* ***muavi****". (Para provar que tem razão). Mesmo os jovens usam essa linguagem. Bebe-se o muavi, não somente para decidir a inocência ou a culpa, mas também porque é um meio simples de lançar a luz a uma contenda de direito complicada. Para que se fatigar com investigações penosas, quando é fácil decidir fazendo com que o copo de* ***muavi*** *pronuncie a sentença![371]*

No entanto, não é por preguiça, como se verá a toda hora, que os nativos recorrem ao ordálio, mesmo quando não se trata de um crime.

Na África ocidental, Winterbottom conta a história de uma jovem que, acusada de feitiçaria e sabendo o que a esperava se ela negasse, toma a sábia decisão de confessar. Ela não é vendida imediatamente como escrava porque estava grávida e conseguiu se refugiar entre os brancos.

Sua ignorância, no entanto, é tal e eles estão tão longe de suspeitar de fraude e vilania, que essa mulher, mesmo

convencida de sua inocência, se limitou a dizer que os "grigris eram maus" e que ela desejava somente ter uma oportunidade de beber "a água vermelha", certa que estava de que essa beberagem mostraria sua inocência.[372]

E, no baixo Níger, "a crença é de que só os inocentes escapam e que só os culpados morrem"[373]. Daí, os ordálios em massa e as vítimas, às vezes, às centenas, por ocasião da morte de um chefe, por exemplo, ou mesmo, por medida de precaução, por ocasião de seu advento.

De onde vem essa fé universal tão firme, que escandaliza o europeu? Como o negro, geralmente tão prudente e até mesmo tão sutil, quando se trata de defender seus interesses, é tão cego quando sua vida é posta em perigo com o ordálio? Como não vê que, aceitando essas provas, ele fica de pés e mãos atados ao "doutor" que prepara a taça envenenada, ao chefe do qual o doutor é o instrumento, ou aos seus próprios inimigos que o subornam? Quando se mostra a ele esse perigo tão evidente, ele levanta os ombros ou fica indignado. Quando se insiste no absurdo desse procedimento, ele se faz de surdo. Nenhum argumento o atinge.

Em vez de declarar essa obstinação absurda e inconcebível, reportemo-nos a outros comportamentos da mentalidade primitiva, onde se afirma uma fé de mesmo gênero. Talvez então ela nos pareça menos estranha. Lembremo-nos, por exemplo, do negro do Congo que sustentava à Bentley que os crocodilos são inofensivos e que eles jamais atacam as pessoas, no momento exato em que eram encontrados dois anéis femininos no estômago de um desses animais; ou então o Ronga que consulta os ossinhos para saber qual remédio deverá ser dado a um doente. Partir da hipótese de que esses nativos raciocinam como nós, eu quero dizer, representam como nós

a ligação das causas e dos efeitos, é desistir antecipadamente de compreendê-los. O que eles pensam e o que eles fazem, só pode então nos parecer ridículo e pueril. Mas se, em vez de supor neles nossos próprios hábitos mentais, tentarmos nos curvar à sua atitude mental, indiferente às ligações causais mais simples e unicamente preocupada com forças místicas e invisíveis, veremos que sua maneira de pensar e de agir é sua consequência natural e mesmo necessária.

O europeu não pode evitar levar em conta, antes de tudo, os efeitos fisiológicos do veneno. Por consequência, os resultados da prova variarão para ele em função da violência e da quantidade da droga introduzida no organismo. Suficientemente forte, a dose terá sempre razão, seja quem a engula culpado ou inocente; insignificante, ela não fará nenhum mal ao pior celerado. O branco acha extraordinário que o nativo feche seus olhos a truísmos tão simples.

Mas o ponto de vista de onde os negros julgam é bem diferente. A ideia do que nós chamamos veneno não é nitidamente definida em sua mente. Sem dúvida que eles sabem que certas decocções podem matar quem as bebe. No entanto, eles ignoram o mecanismo do envenenamento e eles não procuram conhecê-lo; eles nem mesmo suspeitam que ele exista. Segundo eles, se essas decocções podem ser mortais é porque elas são o veículo de forças místicas, como os remédios que eles empregam nas doenças e que toda eficácia é explicada desta forma. Escreve o Sr. Nassau: “Suas drogas produzem seus efeitos, não como as nossas, por causa de certas propriedades químicas, mas pela presença de um espírito que elas são o veículo favorito”. E a Srta. Kingsley diz, por seu lado: “Em toda ação que se exerce, um espírito age sobre um espírito;

portanto, o espírito do remédio age sobre o espírito da doença". É precisamente a mesma coisa para o veneno da prova. Os negros não concebem nele as propriedades positivas; eles só pensam em sua virtude mística e imediata. "Eles não o consideram um veneno, porque eles não pensam que ele seja mortal se a pessoa que o bebe for inocente"[374], diz muito bem Winterbottom. É um tipo de *reagente* místico e, como tal, infalível. O nativo é tão convencido disso que geralmente ele não toma nenhuma precaução antes de se submeter à prova. Ele não usará o direito que ele tem de supervisionar a preparação do veneno. Ele não examinará a dose, para ver se ela não é excessiva, se o líquido está bem dissolvido etc. Para que, se a beberagem não age materialmente, por assim dizer, mas espiritualmente? Que se engula um pouco mais ou um pouco menos, não importa. Não é disso que depende o resultado da prova. "O acusado, dizem, tem voz no que tange à escolha de quem prepara o veneno, mas a fé é tal no ordálio, que os nativos olham como um detalhe sem importância que o veneno seja preparado por este ou aquele"[375].

§2. Ordálios como processos de adivinhação que servem para resolver litígios.

Índice

Até aqui o ordálio parece ser um processo mágico destinado a mostrar, sem nenhuma dúvida possível, se um acusado é inocente ou culpado. O uso que se faz dele desta forma, constante em muitas sociedades, impressionou a imaginação da maior parte dos observadores. É a ele que eles mencionam quase exclusivamente, não sem expressar ao mesmo tempo sua surpresa e indignação. Mas o ordálio é empregado também em outras circunstâncias onde ele

não tem mais nada em comum com um processo judiciário.

Diz Bentley:

> *Não é raro que os nativos recorram ao ordálio do veneno para decidir outras matérias. Uma jovem, que vive agora bem perto de nossa estação de Wathen, tinha bebido o* ***nkasa****, há alguns anos, durante uma doença de seu tio, a fim de descobrir se ele ficaria curado ou não. Ela não tinha mais do que doze anos naquela época*[376].

Na mesma região, o ordálio da água fervente servia também para obter um prognóstico médio.

> *O doutor leva ao fogo uma panela cheia d'água e outros ingredientes e, quando ela ferve, ele mergulha nela sua mão nua e a retira intacta, para mostrar que este é um privilégio reservado ao seu ministério. Em seguida ele murmura em cima dessa água seu maldito exorcismo e, como se pretendesse ser obedecido, lhe dá a ordem para dizer se o doente vai morrer ou não. Então, mergulhando de novo a mão na água fervente, se ele a retira queimada é um presságio de morte certa; se a retira intacta, é certo que o doente se curará.*[377]

Nestes dois casos, o ordálio não é uma forma de adivinhação bem semelhante àquelas que vimos no capítulo precedente e não deve ser interpretada no mesmo sentido?

A prova do *muavi* também pode servir, como as práticas divinatórias, para sair de um embaraço numa dificuldade súbita. Um homem, como jamais se viu __ um branco __ aparece. Quem sabe do que ele é capaz, quais poderes mágicos ele possui e quais calamidades ele pode trazer? Pode-se deixá-lo colocar os pés no

chão da região?

> *Lukengo tinha reunido um grande conselho de família e, em seguida, com a assistência de um grande número de pessoas, ele tinha ordenado fazer com que um galo bebesse o veneno* ***ipomme****: se o galo vomitasse o veneno, isso seria uma prova de que eu vinha como amigo; mas se o galo morresse, seria preciso me tratar como um inimigo.*[378]

Diz o rei Lewanika ao missionário Coillard:

> *Quando você veio pela primeira vez, há dez anos, os Barotsis, desconfiados de suas intenções, correram para consultar os ossinhos e administrar o* ***muali*** *(um violento veneno) a algumas galinhas. Umas morreram, outras não. Daí a mensagem ambígua que te foram transmitidas. Eles não ousavam impedir francamente sua entrada na região e, no entanto, eles tinham medo de te receber. Assim, eles se esforçaram, por todo tipo de artifícios, em te barrar o caminho e em te desencorajar. O casaco que você me enviou naquela época, bem como os outros presentes que vieram depois, eu jamais vi. Eles os declararam enfeitiçados e os interceptaram no caminho.*[379]

Podemos comparar estes fatos com um outro bem semelhante, observado na Índia entre os Miris.

> *Com a chegada do primeiro oficial inglês que jamais se viu nessas montanhas, os áugures, em cada aldeia, mataram aves, com vistas a saber, de acordo com o aspecto de suas entranhas, se essa visita lhes pressagiava felicidade ou infelicidade.*[380]

Em que este caso difere dos precedentes, se não é pela materialidade dos processos empregados? E se as práticas divinatórias têm por objetivo, como vimos, receber conselhos das potências invisíveis e lhes pedir ajuda e proteção, tentando ver na prova presente o sucesso futuro, já realizado, não se pode entender da mesma maneira o ordálio que desempenha o mesmo papel?

Da mesma forma, sabemos que os Dayaks de Bornéu jamais começariam a limpar um terreno, se a escolha do lugar não fosse aprovada pelos presságios favoráveis. Mas, entre os Wakondes, "quando um homem quer construir uma casa em algum lugar, ele recorre ao oráculo. Ele faz um galo e um cão beberem o *mwai*. Se o animal vomita a beberagem, o lugar é considerado propício e o homem se põe à obra com confiança"[381]. O missionário Schumann se serve aqui da palavra oráculo para designar um ordálio, que é, com efeito, evidentemente, um presságio provocado.

Eis aqui também, com relação a este assunto, uma observação característica recolhida na Índia, entre os Khonds:

> *O juramento (ordálio) da galinha. Este é um pequeno juramento para ver se é preciso fazer um maior. Deseja-se forçar uma pessoa, por exemplo, a fazer o juramento do tigre ou do ferro. O que fará essa pessoa? Ela pegará uma galinha e mergulhará três vezes suas patas na água fervente, dizendo: "Bura de cima, Bura de baixo, você criou a terra, você fez 'as folhas', as árvores, as vacas etc. Hoje eu faço um juramento: se eu for culpado, que as pernas desta galinha sejam queimadas!" Se elas forem queimadas, ele se acreditará culpado e devolverá o objeto contestado. Se não, ele fará o grande juramento do tigre.*[382]

Assim, antes de se submeter a um ordálio que pode ser mortal

(passar a noite fora da aldeia, exposto ao ataque do tigre), o nativo pratica ele mesmo um outro, do qual ele faz depender sua decisão. Este é, sem nenhuma dúvida, uma simples prática divinatória, por alternativa. Mas, o "grande juramento" não é, aos seus olhos, exatamente de mesma natureza que o "pequeno juramento", de um perigo semelhante? Do contrário, como o nativo poderia, sem hesitar, prejulgar de acordo com o pequeno como será o resultado do grande?

Para concluir este ponto, lemos no dicionário da língua do Congo, composto por Bentley, que o ordálio (por veneno, pelo calor, pela pérola introduzida no canto do olho etc.) se chama *nkasa* e que a consulta da sorte, por um processo qualquer, também se designa pela palavra *nkasa*, incluído aí o nome dos instrumentos empregados nessa consulta. *Nkasa za nianga* é consultar a sorte por meio da erva *nianga*[383]. A mesma palavra serve, portanto, para exprimir a ideia da adivinhação e a do ordálio. Entre as duas, o nativo do Congo não faz distinção; pelo menos quanto à essência da operação. A materialidade dos processos pode diferir __ ela já é bem variada no que diz respeito ao que se chama propriamente de adivinhação __ mas o fim buscado permanece o mesmo. No entanto, seria pouco exato dizer que a adivinhação é um gênero do qual o ordálio é uma espécie. Este modo de classificação convém mal às formas de atividade da mentalidade primitiva, que é pouco conceitual. A adivinhação e o ordálio pertencem ambos a um mesmo tipo de pensamento e de ação, em que esta mentalidade se põe em contato com as potências invisíveis, das quais ela solicita ao mesmo tempo a decisão e o apoio.

Sendo assim, o ordálio servirá para resolver os litígios os mais variados. Por exemplo, em Bornéu, entre os Dayaks,

dois jovens eram rivais e disputavam a mão de uma jovem. Eles se lançaram um desafio. O vencedor seria aquele que permanecesse mais tempo sob a água. Este tipo singular de duelo não é exclusivo dos Kantu Dayaks; ele é praticado também entre os Batong Lupar, os Seribas e em outras tribos de Sarawak... Ao primeiro sinal de asfixia fornecido por um dos rivais, as pessoas que estão por perto os retiram da água. Em geral, nenhum dos dois gostaria de voltar, por vontade própria, à superfície da água e eles preferem se afogar a se confessarem derrotados. É ponto de honra para eles não serem derrotados numa prova deste gênero.

Recorre-se a ele em muitas circunstâncias e, em geral, quando não há outro meio de resolver o conflito.

Geralmente, antes dessa prova, tenta-se resolver a questão através de uma briga de galos. Se não houver um resultado satisfatório, recorre-se então à prova mais grave do mergulho.[384]

Este último ordálio serve, portanto, de qualquer forma, de segunda instância, sendo a decisão inicial solicitada a uma briga de galos. No entanto, este combate tem por objetivo mostrar de qual lado estão as potências invisíveis. O galo vencedor só vence pelo consentimento e o apoio dessas potências invisíveis e, em virtude de uma participação constante, cada um dos adversários é identificado com seu galo. A prova é, portanto, totalmente comparável à adivinhação por alternativa; o ordálio do mergulho, ao qual se recorreu, é do mesmo tipo.

Eis um outro,

que resolve pacificamente muitas disputas. Fazem-se

duas pequenas velas de cera, de igual comprimento e grossura. Acende-se as duas ao mesmo tempo e considera-se uma como o reclamante e a outro o defensor. Aquele cuja vela se extingue primeiro está errado e, pelo que eu pude ver, ele sempre aceita a sentença sem murmurar. Sir Spencer Saint-John cita também esta forma de ordálio.[385]

Não se pode deixar de pensar em Brid'oison que, em Rabelais, julga os processos com o jogo dos dados. Mas seu método estaria longe de parecer ridículo aos primitivos. Aos seus olhos, pelo contrário, é o mais natural, o mais simples e também o mais preciso. A operação mágica através da qual "consulta-se a sorte", qualquer que seja o instrumento __ vela, dados, ossinhos, galos etc. __ equivale à visão que se obtém num sonho ou à resposta dada pelos ancestrais quando são invocados. Ela mostra, enfim, em caso de luta entre duas pessoas, qual triunfa e qual sucumbe. Chalmers diz expressamente que a sentença é sempre aceita sem dificuldade. O perdedor se curva. Ele não protesta em nome de seu bom direito. Recusar se render a seu resultado equivaleria a se declarar em revolta contra as potências invisíveis que se pronunciaram através dela. O nativo não discute e evita polemizar; isso só poderia atrair para ele mais infelicidade. Para termos uma ideia desse estado de espírito que nos parece tão estranho, observemos que ele não é muito diferente do estado de espírito dos jogadores. Também eles solicitam o veredito dos dados ou das cartas. Se o jogo foi leal, o perdedor pode ficar aflito, abatido, furioso; ele não protesta, no entanto, contra sua decisão. A única maneira que ele entende de reverter a questão é recomeçar a partida __ se for possível __ e tentar mais uma vez a sorte. Da mesma forma, em certos casos, apela-se de um primeiro ordálio com um segundo.

Em caso de contestação por dívidas ou outros litígios de menor importância, emprega-se frequentemente em Bornéu (Sarawak) um dos seguintes ordálios:

1º) Duas moedas de mesmo valor e cobertas com cera __ sendo que uma foi limpa e polida __ são colocadas em um vaso cheio d'água e cinzas. Então as duas partes retiram, cada uma, do vaso, uma das moedas e a levam aos ***mandirs*** *(juízes). Estes declaram que aquele que disse a verdade foi quem tirou a moeda brilhante;*

2º) As duas partes são mergulhadas na água e ali mantidas por um bambu colocado horizontalmente sobre suas cabeças. Aquele que sair primeiro da água é considerado culpado;

3º) As duas partes são colocadas em estrados a uma distância de uns quatorze metros frente ao outro; esses estrados são feitos de tábuas e chegam à altura do busto. Depois é dado, a cada um, um bambu pontudo do comprimento de uma lança, que eles devem jogar sobre seu adversário a um sinal dado. Aquele que for ferido é considerado como culpado;

4º) A uma distância de uns quatro metros um do outro, dois caminhos paralelos são traçados, com uma distância de uns cento e quarenta metros. No final desses caminhos, no meio do espaço que os separa, espeta-se uma lança verticalmente no chão. A um sinal dado, as duas partes começam a correr. Aquele que chega primeiro ao fim e toca a lança é visto como o inocente;

5º) São escolhidas duas galinhas, de mesmo tamanho e de mesma cor. Cada uma delas representa uma das partes.

Elas são colocadas de maneira que seus pescoços fiquem paralelos e que a cabeça de uma toque o ombro da outra. Depois corta-se as duas cabeças num só golpe. Aquele cuja galinha morreu primeiro perdeu a causa... etc.[386]

Seria fácil prolongar a lista desses ordálios, mas estes já bastam, sem dúvida, para mostrar a diversidade aparente e a identidade fundamental. Trata-se sempre de mostrar quem é "culpado" e quem é "inocente", termos equivalentes a "perdedores" e "ganhadores". Qualquer que seja a prova, seu caráter místico garante sua infalibilidade, pois, como as práticas divinatórias, ela revela a decisão das potências invisíveis. Por exemplo, se um dos dois adversários ganha a corrida, não é porque ele é mais ágil que o outro e corre melhor do que ele; é porque as potências que lhe são favoráveis levam vantagem sobre aquelas que protegem seu adversário. Aqui também, se relacionarmos os efeitos com suas causas, que chamamos de "naturais", nós nos afastamos do caminho que segue a mentalidade primitiva e então ela nos parecerá absurda. Mas, pelo contrário, ela é consequente com ela mesma, pois, sem dar atenção às causas segundas, ela só leva em consideração, exclusivamente, as forças místicas. O ordálio, como a adivinhação, tem por objetivo provocar uma manifestação dessas forças.

Encontrar-se-á, portanto, em inúmeras sociedades inferiores, provas semelhantes àquelas observadas em Bornéu. No Congo, por exemplo,

> *se duas pessoas estão em litígio, obstinadas cada uma em sua pretensão, sem que se possa esclarecer as coisas, o juiz as cita a comparecer à sua presença. Ao chegarem, ele coloca em cada uma de suas cabeças uma carapaça de tartaruga, esfregada com alguns pós e manda que as duas*

abaixem a cabeça ao mesmo tempo. Aquela que deixa primeiro cair, por infelicidade, a carapaça, é tratada como grande mentirosa.[387]

§3. Ordálios por procuração. Os casos onde eles são admitidos ou recusados. Ação mística do ordálio sobre o princípio maligno alojado no feiticeiro, às vezes, sem seu conhecimento. Busca deste princípio através da autópsia.

Índice

Se nos detivéssemos agora aos ordálios empregados em matéria criminal, veríamos que eles são tão semelhantes aos outros que não saberíamos interpretá-los diferentemente. De resto, a própria noção de assuntos criminais permanece vaga. Sem dúvida que essas sociedades conhecem também as contestações que chamaríamos de direito civil. Estas são resolvidas, em geral, através do discurso, onde cada um dos próprios interessados defende e sustenta sua causa abundantemente, apresenta testemunhas etc. e o julgamento é presidido pelo chefe, geralmente assistido pelos anciões. Mas acontece de esses processos acabarem levando, eles também, por serem intrincados demais, a um ordálio e quase sempre as partes podem exigi-lo. A confusão constante que eu assinalei em todo momento entre "culpado" e "perdedor", mostra bem que distinções jurídicas totalmente elementares aos nossos olhos permanecem estranhas à mentalidade primitiva.

Quando uma pessoa é acusada de algum crime e as acusações não são muito claras, o acusado é obrigado a se purgar pelo juramento (ou seja, por um ordálio). O que é feito de cinco maneiras diferentes, sendo as quatro primeiras em assuntos civis e de pouca consequência e a última em assuntos

criminais, como o crime de traição ou atentado à vida do rei e outros crimes dessa natureza. Somente às pessoas de consideração é permitido fazer este último juramento e assim mesmo é preciso para isso o consentimento do rei.

1º) Conduz-se o acusado até o sacerdote, que pega uma pena de galinha e, após tê-la engordurado, perfura a língua do acusado. Se a pena fura facilmente, é uma marca de inocência e o buraco que a pena fez se cura e se fecha sem dor. Mas, se o acusado é um criminoso, a pena não consegue passar e imediatamente ele é condenado.

2º) O sacerdote pega um punhado de terra, no qual faz entrar sete ou nove penas de galinha, que o acusado é obrigado a tirar uma após outra. Se elas saem facilmente, isso é marca de inocência. Mas, se elas custam a sair, isso é uma prova de que ele é um criminoso.

3º) Introduz-se nos olhos do acusado o suco de algumas ervas. Se isso não lhe faz mal, ele é inocente. Mas, se isso torna seus olhos vermelhos e inflamados, ele é obrigado a pagar a multa a qual é condenado.

4º) O sacerdote pega um bracelete incandescente de cobre e esfrega três vezes a língua do acusado. Avalia-se em seguida se isso lhe fez mal ou não, para condená-lo ou para absolvê-lo.

Eu testemunhei estas quatro provas enquanto lá estive e todos aqueles submetidos a elas foram declarados culpados... A última e quinta prova, eu não pude assistir, pois dificilmente é visto um caso em vinte anos e, assim, eu só sei por ouvir dizer.[388]

Nestes ordálios, como nos precedentes, reconhece-se

imediatamente a típica prática divinatória por alternativa. Após ter realizado os ritos de passagem que abrem o acesso à região das forças místicas, o "sacerdote" coloca a questão da sorte, que o evento dará sua resposta através de um sim ou um não. Mas estes ordálios diferem daqueles que foram citados a todo momento, já que todos (com exceção do segundo) são exercidos sobre a própria pessoa do acusado. É a reação que ele apresentar __ se fica ferido ou não, se a ferida se curará rápido ou não etc. __ que revelará se ele é inocente ou culpado. Não é indiferente que o ordálio recaia desta forma sobre o próprio acusado, pois vemos que, em alguns casos, ele pode acontecer por procuração; é permitido então, ao acusado, ser substituído e se fazer representar. Em outros casos, pelo contrário, essa faculdade lhe é proibida e é preciso que ele sofra a prova pessoalmente. Quais são esses casos? O exame desta questão permitirá talvez destrinchar um pouco mais a natureza desses ordálios.

Diz Macdonald:

> *Para delitos sem gravidade, o veneno pode ser tomado por procuração. Ele pode ser administrado a um cão, a uma ave ou a algum animal que representará o acusado. Neste caso, o animal é ligado por uma corda ao criminoso.*[389] *(Sem dúvida, a fim de realizar fisicamente a participação entre eles)*

Entre os Wagogos, "em casos pouco graves, a prova do *muavi* podia ser feita, não sobre o próprio acusado, mas sobre uma galinha que ele era obrigado a segurar"[390].

No Alto Níger,

> *o assassinato e o roubo são punidos com a morte; o adultério, com uma pesada multa, o confisco ou a escravidão;*

a prova do veneno é imposta às pessoas acusadas de mentira ou de calúnia. Não é raro, no entanto, que a beberagem envenenada seja tomada por substitutos e podem ser utilizadas pessoas que conhecem um antídoto e, por consequência, absorvem a poção com impunidade. Autoriza-se até mesmo a substituição por cães; mas, se eles morrem, seu dono é considerado culpado e deve pagar uma pesada multa.[391]

Entre os Bangalas (Alto Congo), três jovens, acusados de roubo, repelem, indignados, esta acusação.

Corta-se três bananeiras jovens __ cada uma representando um jovem __ e espreme-se suco de ***mokungu*** *no centro de cada toco de bananeira que ficou na terra. Em geral, quando uma bananeira foi cortada assim, ela recomeça a brotar em algumas horas e a produzir uma nova planta, a partir de seu centro. Se, então, um dos três brotos não começar a brotar no dia seguinte de manhã, o jovem que ele representa é o culpado. Se dois deles ou se todos os três não rebrotam, eles são considerados culpados... O suco do* ***mokungu*** *destrói os olhos e é por piedade que os olhos da bananeira substituem os olhos dos jovens.*[392]

Em casos de roubo, entre os negros Songos, institui-se uma prova pelo veneno, que é administrado, geralmente, à crianças ou à cães. As partes em conflito (o reclamante e o defensor, com seus amigos) comparecem e um "doutor" imparcial dará uma dose igual de ***m'bambu*** *a cada um de seus representantes. Os interessados se separam em dois campos e os "combatentes" avançam para o meio, um de frente para o outro. A beberagem lhes é apresentada e eles*

são forçados a bebê-la; com o uso da força se for preciso. Então os dois campos se põem a gritar, em coro: "É o meu cão que vive; o seu morreu!" Ou então: "Sua criança morreu! A minha está viva!" Esse espetáculo, que faz uma tremenda algazarra, dura até que o veneno comece a agir. Caso ele não produza efeito, renova-se a dose uma ou duas vezes. O primeiro que vomita o veneno ganha. Se um dos combatentes cai antes, tomado por convulsões, ele perdeu. Quase nunca fica um cadáver no chão, pois a dose do veneno é bem fraca.[393]

Muitos exemplos semelhantes poderiam ser citados, nas mesmas sociedades africanas e em outros lugares. Salvo exceções (principalmente quando se trata de chefes), a substituição só é autorizada para delitos sem gravidade __ roubos insignificantes, difamação etc. __ ou então a título de prova preliminar, para saber se é o caso de se utilizar o procedimento mortal. Assim, entre os Barotsis,

Eis como um feiticeiro é descoberto. Há três semanas, um homem morreu numa aldeia. Porém, para eles, uma pessoa não pode jamais morrer, a menos que a matem ou a enfeiticem. Diz o irmão do morto: "Eu vou saber quem matou meu irmão. Deve ser meu irmão mais velho". Ele pega quatro ou cinco galinhas, dá veneno para elas e diz: "Se vocês morrerem, galinhas, foi meu irmão mais velho que matou meu segundo irmão. Se o veneno não fizer nenhum mal para vocês, meu irmão é inocente e foi meu outro irmão que o matou..." Naturalmente que todas as galinhas morreram e o acusado foi levado diante dos chefes.[394]

Os chefes devem submeter o acusado a um ordálio, para o qual não lhe será permitido um substituto.

No entanto, a prova divinatória que é o ordálio, recaia ela sobre o próprio acusado ou então sobre um escravo, uma criança, um cão ou um galo que o represente, ela tem o mesmo valor, em virtude da participação estabelecida entre ele e seu substituto. É preciso então, nos casos em que a autorização seja recusada, que o ordálio, além de sua função divinatória, tenha também um outro objetivo que só possa ser atingido se ele for exercido sobre a própria pessoa do acusado.

De fato, aqueles para quem a prova por procuração não é admitida, quase exclusivamente, são os acusados suspeitos de feitiçaria. É preciso que eles próprios sofram o ordálio. No entanto, neste caso, segundo numerosos e formais testemunhos, ele não tem unicamente por objetivo revelar se o acusado é culpado ou não. Ele tem também outra função, não menos importante do que a primeira: ele deve combater e destruir o princípio malfazejo que está alojado no feiticeiro e que é a verdadeira causa de todos os seus crimes. É por isso que, mesmo quando o feiticeiro é desmascarado, neutralizado, condenado, mesmo quando ele confessou, nem por isso é menos necessário que o ordálio aconteça. Se fosse apenas o caso de obter uma certeza, se a operação fosse puramente divinatória, ela seria dali em diante sem razão. No entanto, ela é vista ainda como indispensável; não basta, portanto, se livrar do feiticeiro. É importante também, senão mais ainda, atingir e aniquilar o princípio nocivo do qual ele é o instrumento. A Srta. Kingsley percebeu claramente essa necessidade. Escreve ela:

> *A lei quer que essas provas aconteçam sempre antes da execução. Há, implicado aqui, um fato curioso. A saber: eu*

noto que o ordálio é considerado como tendo o poder de domar e de destruir os maus espíritos invocados pelo feiticeiro e sua obra mortal. Seres humanos podem __ e somente eles __ colocar a mão no pescoço do feiticeiro e fazê-lo perecer de uma maneira exemplar. Mas, para se livrar do espírito que habita o feiticeiro, uma ajuda espiritual é necessária. De outra forma, ele fugiria e continuaria seus malfeitos após a morte de seu mestre.[395]

Esta ajuda espiritual é o ordálio que proporciona. Ele possui uma virtude mística que age sobre o princípio malfazejo alojado no feiticeiro e o neutraliza. O Sr. Nassau, que viveu por muito tempo na região do Congo estudada pela Srta. Kingsley, descreve seu papel: "A própria decocção é considerada como tendo quase a faculdade de perceber... a faculdade de perseguir, nos diferentes órgãos do corpo, como faria um agente de polícia, o espírito feiticeiro que lá espreita, descobri-lo e destruí-lo". Já os missionários italianos do século XVII tinham observado que tudo se passa como se o veneno fosse encarregado de uma missão que lhe é confiada expressamente.

O sacerdote ordena a essa beberagem (como se ele tivesse uma autoridade sobre-humana), se o acusado for uma pessoa de bem, que não pare em seu estômago e saia dele imediatamente, sem lhe fazer nenhum mal. Mas, se ele for culpado, que lhe cause a morte que ele merece.[396]

A presença desse princípio malfazejo em qualquer pessoa é uma ameaça terrível e contínua para os seus e também para o grupo social do qual ele faz parte. Assim que uma pessoa é suspeita de alojá-lo em si, seja ela quem for, seja o que for que a tenha levado a isso, é preciso que ela beba o veneno. É uma questão de saúde

pública. Isso não pode ser adiado. Daí, às vezes, situações trágicas.

> *Um chefe tinha perdido uma de suas mulheres. Algum tempo depois, o filho de uma outra mulher, ao sair no meio da noite, foi atacado por um leopardo que lhe mordeu o pé, na porta de casa, no momento em que ele voltava correndo. A criança foi gravemente ferida e sua mãe levou Matope (o chefe) a recorrer aos métodos empregados comumente para descobrir a feitiçaria. O resultado foi que a própria mãe de Matope foi declarada a feiticeira! Nós ficamos muito chateados por causa dessa pobre mulher. Ela vivia numa outra aldeia, separada da aldeia de seu filho por um curso d'água... Ela amava rir e brincar, mas essa sentença fez dela objeto de medo e de aversão. Todos os nativos fugiam dela e sua vida virou um tormento. Nós fizemos por ela tudo o que estava em nosso poder. Nós lhe demos presentes, nós a convidamos a nos visitar e lhe advertimos para não beber a taça envenenada. Nós fizemos o chefe de sua aldeia prometer que ela não se apresentaria. Nós obtivemos assim um adiamento, que aproveitamos para conversar sobre este caso com Kapéni, o chefe da região, que era seu irmão e que prometeu usar de toda sua influência em seu favor. Seu filho era um caçador habitualmente muito eficiente. Neste período de espera lhe foi impossível ir caçar. Sua superstição foi mais forte. Ao mesmo tempo, a mãe estava desejosa de romper o encanto que paralisava seu filho. Ela estava muito certa de ser inocente! Ela bebeu o veneno e morreu. E, por mais cara que sua liberdade tenha sido comprada, o caçador pôde agora voltar a perseguir a caça.*[397]

Onde está a plausibilidade __ perguntaríamos __ da mãe desse

chefe desejar a morte de sua nora e “entregar” o próprio neto a um leopardo? Mas o nativo não representa as probabilidades como nós. Segundo ele, a dupla infelicidade que se abate sobre o chefe em tão curto intervalo não pode ser fortuita. Já a morte da jovem é suspeita. O leopardo que atacou a criança não é, certamente, um animal comum; é um animal que está sob as ordens de um feiticeiro, ou está animado por seu espírito, ou é um leopardo-feiticeiro, quer dizer, está unido ao feiticeiro por uma participação íntima que não permite mais distinguir um do outro. Exigindo que se procure o feiticeiro, a mãe da criança ferida só faz expressar o sentimento geral. Uma prova foi realizada e ela indicou a própria mãe do chefe. A acusação não parece tão inverossímil quanto pensaríamos. Nessas sociedades, as suspeitas recaem geralmente sobre as pessoas ou parentes próximos daquele que foi enfeitiçado. (Foi o que aconteceu com o caso citado pelo missionário Jalla, que relatamos a pouco, onde um irmão da vítima foi o acusado). Mesmo improvável, a acusação encontraria quem acreditasse nela. Pois o ordálio é infalível e, por outro lado, a presença do princípio malfazejo pode ser ignorada até mesmo por aquele onde ele habita. A partir deste momento, o infeliz torna-se um tipo de pestilento. Afasta-se dele com o maior pavor, como se ele espalhasse uma doença contagiosa. Seu filho não ousa mais ir à caça, por medo de se tornar um maldito __ por causa de sua mãe __ bem como sua mulher e seu filho. É preciso então que o ordálio seja praticado e, apesar dos esforços do missionário, ele acontece. Se a acusada tivesse saído ilesa dele, procurar-se-ia o feiticeiro em outro lugar. Ela sucumbe. Foi, ao mesmo tempo, a prova de que as suspeitas tinham fundamento e o fim da ansiedade em que vivia a aldeia. O ordálio descobriu e destruiu o princípio malfazejo. Ele matou a mulher no mesmo golpe, mas poderia ser de

outra forma?

Concebe-se, no entanto, que poderia haver meios de atingir esse princípio e torná-lo inofensivo, sem fazer perecer ao mesmo tempo aquele que o aloja, principalmente quando ele é seu portador involuntário e mesmo inconsciente. O Sr. Weeks encontrou esta ideia entre os Bangala. Eles admitem que a presença do princípio malfazejo numa pessoa não a torna necessariamente culpada. Faz-se então com que ela sofra o ordálio, mas de maneira a se livrar do princípio poupando a vida da pessoa.

> *Quem se beneficia com a morte de um pai ou de um filho? O filho ou um outro irmão. Por consequência, quando o pai está doente, as suspeitas recaem sobre o filho e, após ter usado todos os meios para se livrar da doença, o pai, como último recurso, submeterá seu filho ao ordálio, com uma dose muito pequena para matá-lo. Se o filho vomita o veneno, ele é inocente; a prova é precisa e não lhe fez mal algum. Se ele não vomita, se ele se torna abobado e estúpido é porque ele é simplesmente o médium utilizado pelas potências ocultas para agir sobre seu pai. A dose de veneno purgará seu organismo dessas potências e, como elas não poderão mais se servir dele como médium, seu pai se restabelecerá. Toma-se o maior cuidado com o jovem, até que os efeitos do ordálio tenham desaparecido e então ele é advertido para não mais deixar seu corpo ser usado para tais fins. Ele é libertado e seus camaradas, na aldeia, o olham com tanta curiosidade quanto, entre nós, olhamos para um escolar que saiu do hospital após ter uma perna quebrada. A desculpa do jovem __ e todos a aceitam __ é que ele estava possuído pelo princípio malfazejo (**witchcraft**), sem saber.*[398]

O Sr. Weeks chega até a escrever: “Nenhuma infâmia recai sobre a pessoa que é considerada culpada, pois pode-se possuir o princípio malfazejo sem ter consciência disso”[399].

É difícil, no entanto, que o horror inspirado por esse princípio não atinja aquele que o hospeda. No caso, muito raro, em que a infâmia propriamente dita não atinja esse infeliz, nem por isso ele não se torna um objeto de medo e, quase necessariamente, de ódio. Mesmo poupando o jovem, como na observação precedente, lhe é dada uma séria advertência que soa muito como uma ameaça. Caso seu pai recaia doente e os remédios não surtam efeito, o filho será novamente submetido ao ordálio e desta vez a dose de veneno será decisiva.

Os Bangala acreditam também que o princípio malfazejo, expulso de uma pessoa, pode entrar em outra, pela vontade da primeira e sob a ação do ordálio. O seguinte fato é testemunha disso, como diz ainda o reverendo Weeks:

> *Eu conheci o caso de um garoto mal-criado e bochechudo que um dia levou um bofete do tio. A criança se voltou e falou: “Eu vou te enfeitiçar”. Pouco tempo depois o tio caiu doente e, apesar dos remédios e do* ***nganga*** *(doutor), ele não melhorava. Por fim, ele submeteu o jovem ao ordálio do veneno. Este não vomitou e foi declarado culpado de ter enfeitiçado seu tio, que lhe infligiu um sério corretivo (a dose tinha sido muito fraca para colocar a criança em perigo). Por outro lado, ele exigiu do pai da criança indenizações no montante de duzentas barras de cobre, para pagar o* ***nganga*** *que tinha administrado o veneno e para ensinar à criança a deixar as pessoas sossegadas. Este tio se casou com uma nova mulher e ela tinha um irmão menor que frequentava minha*

*escola. Um dia, este tio veio me pedir esse jovem para lhe administrar o ordálio. Eu me recusei a entregar a criança para tal fim e acrescentei: "Aliás, ele não é da sua família". (Eu não sabia do casamento recente.) "É sim. Eu me casei com a irmã dele e ele está querendo me enfeitiçar por intermédio da irmã dele, que é minha mulher", replicou o homem. "Meu sobrinho, que bebeu o veneno há algum tempo, diz que ele passou o princípio malfazejo para meu cunhado". Ressalta daí, que um mau garoto pode dizer que transmitiu sua feitiçaria (**witchcraft**) a outro garoto e lhe causar assim os mais graves aborrecimentos.*[400]

Numa região próxima, habitada pelos Balobos, assegura-se, através de uma autópsia, da presença do princípio malfazejo no corpo do feiticeiro. Diz o missionário Grenfell:

*Nós conhecíamos muito bem o home que viria a ser morto pelo crime de feitiçaria... Os seus gritaram muito alto após sua morte, porque o acusador não conseguiu encontrar o princípio malfazejo (**witch**), um tipo de excrescência muito comum no intestino e que é considerado um sinal infalível. Desta vez aqui, não se pôde encontrar o menor traço dela e o pobre homem foi inocentado do crime de feitiçaria.*[401]

Bentley viu, ele próprio, nativos em vias de dissecar um cadáver, para procurar nele o órgão que, segundo eles, prova que, quando vivo, o homem era um feiticeiro.[402] Essa prática é muito difundida. A Srta. Kingsley também a tinha observado.

Em muitos distritos da costa sudoeste e do médio Congo, é costume, quando uma pessoa morre de uma maneira que não se explica, ou seja, sem efusão de sangue, que se faça a

autópsia do cadáver. Às vezes ela revela o caminho que o princípio malfazejo seguiu através de sua vítima. Em geral, segundo o que me foi relatado, ele devora os pulmões. Em outros casos, a autópsia revela o próprio princípio malfazejo e demonstra que o defunto mantinha nele este princípio, enfim, que ele era um feiticeiro.[403]

Sem dúvida que não se trata aqui de autópsias após o ordálio. Mas a morte se produziu, no entanto, em condições suspeitas e a autópsia revela, nos últimos casos mencionados, precisamente o que procuravam os nativos observados por Bentley. Da mesma forma, diz Tessmann,

> *os Pangwes só podem conceber um princípio sob a forma de um corpo e até mesmo de uma pessoa; o princípio malfazejo que eles chamam de* ***ewu*** *tem a forma de um animal. Daí, para eles, um meio "científico" de provar se alguém foi ou não um feiticeiro é verificar se o* ***ewu*** *está lá, no primeiro caso, ou não, no segundo caso. Eles obtêm essa prova através de uma autópsia em regra.*[404]

Entre os Bangala, (os mesmos, perto dos quais viveu o Rev. Weeks),

> *a palavra* ***ikoundou*** *é difícil de traduzir. É um tipo de poder oculto que dispõe um indivíduo, mas, fato curioso, é possível encontrar o traço material dele com a morte de seu possuidor. Não tendo jamais assistido a este tipo de operação, eu interroguei os nativos sobre a natureza material do* ***ikoundou****. Pareceu-me que este deve ser representado pelos cálculos vesicais, renais ou biliares.*[405]

Por fim, entre os Azandes, no Congo belga, o Sr. Hutereau

encontrou o que se poderia chamar de teoria do princípio malfazejo e do sinal físico que o representa, o que é difícil de ser distinguido claramente.

> *É **elamango** todo nativo que possui o **mango**. Dá-se este último nome a toda deformação de um órgão. A deformação do estômago é bem particularmente considerada como um sinal da existência do **mango**. Assim, os nativos chamam **mango** o barrete, o folhoso e o coalho do estômago dos ruminantes. Geralmente, afirmam eles, o **mango** é encontrado perto do estômago, no início do intestino. É uma excrescência carnosa que alguns possuem duas.*
>
> *O **mango** dá ao seu possuidor o poder de produzir sortilégios. Também o **elamango** é considerado um ser malfazejo. Ele possui, segundo os Azandes, um poder sobrenatural. Ele tem o poder de jogar feitiços, de matar, de provocar acidentes... Os possuidores do mango veem claro nas noites mais escuras e têm o poder de entrar nas casas sem fazer ruído, para mergulhar os ocupantes no mais profundo sono... Eles têm igualmente o poder de suspender seus malefícios e de curar assim as pessoas que eles desejam ver morrer. Para obrigá-los a usar deste poder, ameaça-se os **elamango** de executá-los assim que sua vítima, doente, morra.*[406]

Enfim, são feiticeiros. Os poderes enumerados são precisamente aqueles que as representações coletivas dos nativos atribuem a estes malfeitores.

> *Todo nativo suspeito de ser **elamango** deve se submeter à prova do **benget**. O **benget** é um veneno da raiz de uma*

árvore venenosa... A solução obtida serve para compor um veneno que é administrado a galinhas ou a pessoas. É o oráculo, a prova, sem a qual o chefe jamais empreenderá qualquer coisa em seu nome pessoal, para sua família ou para seu povo. Pode-se dizer que, entre os Azandes, o ***benget*** *resolve todos os assuntos públicos e privados: declaração de guerra, direção das expedições, conclusão da paz, instalação das aldeias e das plantações, relações entre aldeias, viagens, deslocamentos; ele é consultado igualmente para os casamentos, para os nascimentos, para as mortes, para a venda e a compra de escravos, para a pesca e para a caça etc. O* ***benget*** *resolve todas as dificuldades e todos se submetem ao acaso de suas decisões, convencidos da infalibilidade do oráculo em qualquer matéria.*

O *benget* saberá então descobrir o *mango* invisível e presente no corpo do *elamango* e terá também o poder de controlá-lo. O Sr. Hutereau acrescenta: "A prova a que se submetem as galinhas é avaliada como suficiente para a maioria dos casos; mas, quando um nativo é acusado de ser *elamango*, ele próprio deve beber o veneno para mostrar sua inocência". Testa-se primeiramente a eficácia do veneno em uma galinha ou em um cão; o animal deve sucumbir. Em seguida o acusado bebe a dose requerida e geralmente o acusador, para provar sua absoluta certeza na veracidade do que diz, faz o mesmo. Aquele dos dois que morre é o culpado do fato do qual é acusado. Se for o acusador, ele é acusado de calúnia.

Se o nativo suspeito de ser *elamango* se recusa a se submeter à prova do *benget*, é porque ele se reconhece culpado. Toda a aldeia o estimulará a tomar o veneno, lembrando-lhe da infalibilidade do oráculo. Geralmente são os acusados que se propõem a se submeter

à prova, se seu acusador, apesar de seus protestos, não reconhece imediatamente seu erro.

> *Para as acusações de **mango**, não basta que o acusado morra após ter tomado o veneno; é preciso que a autópsia revele a presença do **mango** no corpo do defunto. Se o **mango** não é encontrado, o acusador tem que pagar aos parentes de sua vítima uma indenização de uma mulher e mais uma quantidade de lanças.*[407]

O acusador, parece, poderia se defender invocando o fato de que o acusado foi morto pelo veneno. Se o *benget* é infalível, como um inocente pôde sucumbir? Ele só pode ser um falso inocente; a ausência do *mango* _ que se explica, sem dúvida, por uma razão que não se conhece __ não poderia fazer duvidar do *benget*. No entanto, o acusador não se defende desta forma e ele reconhece que errou. Daí que a morte do acusado não basta para demonstrar plenamente sua culpabilidade e os Azandes não representam a feitiçaria sem a presença do *mango* no corpo. O *mango* não é somente o sinal, mas a realidade e a essência[408].

Enfim, entre os Azandes, o ordálio, em certos casos, pode acontecer por procuração, mas somente para a substituição do pai pelo filho ou da mãe pela filha e precisamente porque a prova tem por objetivo, antes de tudo, atingir o princípio malfazejo e não matar a pessoa que o carrega.

> *Um nativo acusado de possuir o **mango** não é obrigado a se submeter ele mesmo à prova do **benget**. Ele pode se fazer substituir por seu filho, como uma mãe pode se fazer substituir por sua filha, porque o mango é hereditário por sexo, ou seja, de pai para filho e de mãe para filha. Acontece também de*

*nativos acusados de serem **elamango** não esperarem o momento de sofrer a prova; sob o império da cólera, eles matam um de seus filhos para provar, com a autópsia dele, sua inocência.*[409]

Bem perto dali, entre os Ababuas, "o *elimba* dos Ababuas corresponde exatamente ao *mango* dos Azandes"[410]. Mesmas acusações, mesmas provas, mesma verificação pela autópsia, mesma herança.

*Se a autópsia não revela a presença do **elimba** no corpo do acusado morto pelo ordálio, os amigos deste pegam em armas e o acusador é morto pelos parentes da vítima. Mas, às vezes, o acusador salva sua vida, pagando a indenização exigida pelo seu assassinato e outra pela falsa acusação de **elimba**.*

Os Abatuas vão, aliás, mais longe do que seus vizinhos. Entre eles, "o ventre de todo morto é aberto, com vistas a provar a todos que ele não possui o *elimba* e, eventualmente, que sua descendência ou sua ascendência também não o possui"[411]. Essa precaução deveria tornar inútil certo número de ordálios, pelo menos no caso em que a autópsia dá um resultado negativo. Mas ela provoca novos ordálios e, talvez mesmo, em maior número do que se o *elimba* é descoberto no corpo do defunto.

Em Camarões, o Sr. Mansfeld foi testemunha de ordálios análogos. Ele diz expressamente que eles têm por objetivos, ao mesmo tempo, matar o feiticeiro e neutralizar o princípio malfazejo que o faz agir. Entre esses nativos, este princípio malfazejo não é uma excrescência no estômago ou no intestino; é um pássaro.

O veneno, extraído da fava do Calabar, serve para a

prova que é, sem dúvida nenhuma, a mais perigosa. Ela é empregada quando alguém é suspeito pela opinião pública de possuir em seu corpo o "mau espírito" sob a forma de um pássaro e, por este meio, de ter matado seu próximo ou de ter a intenção de matá-lo. Este pássaro é a coruja, que se aloja, parece, na região do coração e que tem o poder de deixar o corpo durante a noite e ir sugar o sangue de uma pessoa. Se então, Odjonk é acusado de alojar em seu coração o espírito feiticeiro __ ou seja, neste caso, o pássaro maligno __ e suspeito de ser o autor da morte de Ajok, ele deverá, diante de toda a aldeia reunida, beber o extrato da fava do Calabar. Se ele o vomita, ele é inocente. Se ele não vomita, ele morre sob a ação do veneno, que mata no mesmo golpe o pássaro maligno e quem o possui.[412]

§4. Relações da feitiçaria com o canibalismo. A feitiçaria e o mau-olhado.

Índice

Do conjunto destes fatos é permitido concluir que o ordálio pelo veneno, usado nos processos de feitiçaria tão frequentes em inúmeras sociedades africanas, é uma operação mística, análoga à adivinhação, que tem por objetivo ao mesmo tempo descobrir o feiticeiro, matá-lo e destruir o princípio malfazejo alojado nele. Ele não tem, portanto, nada em comum com um "julgamento de Deus". O Sr. Meinhof destacou isto: "Em nenhum lugar, que eu saiba, o africano atribui diretamente a Deus o efeito do ordálio. Ele atribui às forças mágicas o encanto que é empregado, ao qual o culpado sucumbe, enquanto o inocente fica ileso". E ele acrescenta em uma nota: "Sem dúvida que o ordálio, como qualquer coisa, é, em última

análise, um dom de Deus. Mas ele age por si só (*selbständig*), de maneira independente, como um 'remédio', sem que se tenha que pensar numa intervenção de Deus"[413]. Se for permitido, eu acrescentaria, falar de Deus neste sentido, quando se trata das tribos do Alto Congo, ou mesmo da maior parte da África equatorial e austral.

Assim elucidada, a noção desse ordálio esclarece, por sua vez, a noção de feitiçaria, que toma um lugar considerável nas representações coletivas dessas tribos. Ela nos mostra de onde provém a malignidade desses feiticeiros, que inspiram tanto medo e horror. A violência desses sentimentos é tal, como se sabe, que à menor suspeita de feitiçaria, os laços de afeição mais estreitos, entre amigos íntimos, entre cônjuges, entre irmãos, entre pais e filhos, se rompem imediata e totalmente. Às vezes, o indivíduo suspeito será imediatamente exterminado pelos seus próximos, sem julgamento e até mesmo sem ordálio. Os fatos deste tipo, relatados pelos missionários, são quase inacreditáveis. Só para citar um deles,

> *um homem e sua mulher, que moravam nas proximidades do Monte Coke (região dos Cafres), foram assassinados de propósito, a sangue-frio, pelo seu próprio irmão, sob a acusação de feitiçaria. De manhãzinha, uma das vítimas foi chamada para fora de casa pelo seu irmão, que esperava sua saída em companhia de cinco outros Cafres. No momento em que ela atravessou a porta, jogaram uma correia ao redor de seu pescoço, a puxaram e a mataram a porretadas. A pequena tropa foi então para o jardim do defunto, onde estava sua mulher, que foi submetida ao mesmo tratamento. A casa foi queimada, o único filho das vítimas levado e o rebanho conduzido ao curral do assassino.*[414]

Geralmente, antes de morrer, os pretensos feiticeiros são interrogados e torturados para que confessem. Como explicar o paroxismo do ódio que leva um irmão ou um amigo a tais atos e que são aprovados pelo grupo social? Porque o pavor causado pelo "feiticeiro" é, por assim dizer, sem limites?

Diz o bom observador Macdonald: "A palavra feiticeiro implica em duas ideias. A pessoa designada por esta palavra: 1º) tem o poder ou o saber necessário para praticar as artes ocultas; 2º) é dada ao canibalismo. O segundo sentido é o que predomina... Os feiticeiros matam suas vítimas para comê-la"[415]. O Sr. Junod diz a mesma coisa:

> *A feitiçaria é um dos maiores crimes que uma pessoa pode cometer. Ela equivale ao assassinato. Ela é até mesmo pior do que o assassinato, pois uma vaga ideia de antropofagia é acrescentada à simples acusação de assassinato... Um feiticeiro mata seres humanos para devorar suas carnes.*[416]

A antropologia tratada aqui é, portanto, de alguma forma, mística. As vítimas são devoradas por ele sem que elas o saibam. Elas não lhe servem de alimento depois de mortas; elas morrem, pelo contrário, porque o feiticeiro já as "comeu". O Sr. Junod expõe essa crença nos seguintes termos:

> *O feiticeiro entra na aldeia, tenta penetrar na cabana pela porta e a encontra fechada... ele voa até o teto da cabana e desce de lá até seu inimigo, que dorme tranquilamente em sua esteira. Ele procede então com seu malefício e o pobre homem enfeitiçado (**bewitched**) está condenado a morrer. "Resta dele somente a sombra".*

Eles dizem também que:

> *Somente o cadáver ficou. Seu verdadeiro eu "foi roubado e comido". Ele foi "erguido" (como uma folha levada pelo vento). No dia seguinte de manhã, ele se levantará e, alguns dias depois, ele morrerá. Mas, o que morrerá é apenas sua sombra; ele mesmo, já foi morto naquela terrível noite. Ele já foi comido... Aqui encontramos a ideia da dualidade da pessoa humana. Como é possível que uma pessoa que ainda tem dias ou meses de vida seja considerada como inteiramente comida, eu não pretendo explicar. Esta é, em todo caso, a ideia dos nativos. Um de meus informantes tentou resolver a dificuldade dizendo que o que o feiticeiro pega para comer é o interior do corpo, as vísceras; a carcaça exterior sobrevive sozinha e a pessoa não tardará a morrer. A maior parte dos nativos, quando você lhes explica o absurdo de sua ideia, se põe a rir e é tudo.*[417]

Isso está longe de ser absurdo para eles. Eles ignoram o papel fisiológico dos órgãos internos; eles não dão nenhuma atenção a isso. Aos seus olhos, a vida, como a morte, depende antes de tudo de condições místicas. E não sabemos que, em suas representações coletivas, os mortos vivem? O que há então de impossível em que pessoas que já estão, em grande parte, mortas, sob a ação mágica do feiticeiro canibal, guardem a aparência exterior de vivos por algum tempo ainda?

Mas há algo que, talvez, apavore ainda mais os nativos. Esses feiticeiros, contra os quais é tão difícil se defender e que são, no testemunho do Sr. Junod, "numerosos em toda tribo", que podem cometer crimes durante longos anos sem serem descobertos, podem também ignorar que o são. Eles agem então como instrumentos

inconscientes do princípio que habita neles. De fato,

> *eles levam uma existência dupla: uma, de dia, quando são pessoas como as outras e a outra, de noite, quando executam sua tarefa de feiticeiros. Eles sabem de dia o que fizeram à noite? É difícil responder a esta questão, pois não parece que a mente dos nativos possua uma ideia clara sobre este ponto. No entanto, a ideia tradicional, verdadeira, é que o feiticeiro "não sabe o que ele fez"; ele nem mesmo sabe que é feiticeiro, enquanto não foi descoberto como tal... Ele é, portanto, inconsciente. Uma vez de volta à sua vida habitual de cada dia, sua atividade noturna não lhe é conhecida. Por exemplo, meus informantes me asseguram que, quando ela age como feiticeira, uma pessoa pode ter enviado um crocodilo matar uma outra pessoa e que ela será o primeira a manifestar sua simpatia ao pobre ferido e a deplorar esse triste incidente. E quando o adivinho a designar como a causadora dessa morte com sua feitiçaria, da qual ela era perfeitamente ignorante, ela ficará tomada pelo espanto. No entanto, parece que os feiticeiros que exerceram suas horríveis práticas durante muito tempo estejam a par do que fazem e até mesmo se orgulhem disso, mais ou menos conscientes de sua vida, em parte, dupla. Há quem vá mais longe e renunciam a seus malfeitos e se tornam mágicos (no bom sentido da palavra), aproveitando-se do saber que adquiriram, para desfazer os malefícios dos outros feiticeiros*[418].

Ideias bem semelhantes estão difundidas, como vimos acima, na África equatorial. Assim,

Os Bushongos compartilham a crença __ que reina em alto grau na África __ de que os indivíduos podem se tornar possuídos, mesmo sem o saber, por um espírito maligno e causar, assim, a morte de outras pessoas. As pessoas que morrem sem causa aparente sucumbem, acreditam, por causa dessa maligna influência, que parece, sob muitos aspectos, corresponder ao mau-olhado. As pessoas acusadas de possessão são submetidas a uma prova do veneno.[419]

A inconsciência de seus atos só faz, aliás, tornar os feiticeiros mais maléficos ainda. Os senhores Torday e Joyce os comparam a todo momento aos *jettatori*. O Sr. Junod, várias vezes, diz também: "os *balogi*, ou as pessoas que têm o mau-olhado". Com efeito, o princípio maligno que se aloja neles __ e que é constatado frequente e materialmente na autópsia __ age precisamente como o mau-olhado. Ele espalha o mal ao redor dele no grupo social. Geralmente, as primeiras vítimas são os parentes mais próximos do feiticeiro, aqueles que deveriam lhe ser os mais caros e os mais sagrados.

Podemos então __ se quisermos __ continuar a usar, nesses casos, as palavras "acusação" e "julgamento", em que os "acusados" saem "inocentes" ou "culpados", mas com a condição de lhes dar um sentido bem diferente do que aquele que elas possuem na Europa. Não existe aqui a menor questão de justiça e o ordálio não tem, de forma alguma, por objetivo descobrir se uma pena foi meritória ou não. O que preocupa os nativos é de outra ordem. Eles são assombrados, eles são terrificados pela ideia de que entre eles vivem indivíduos, em aparência semelhantes aos outros, que possuem os poderes mágicos mais temíveis e que os usam para cometer os piores crimes, sem que sejam vistos, sem que se possa prendê-los por causa desse fato, sem que eles próprios, às vezes, o saibam. Contra esse

flagelo, o ordálio é a única defesa eficaz.

Por consequência, em vez de comparar os "feiticeiros" das sociedades inferiores aos criminosos processados por nossa justiça penal, convém colocá-los numa categoria bem diferente, com os *jettatori*. Eles estão também muito próximos dos seres anormais, dos quais o grupo social se desfaz logo que sua anomalia aparece, porque eles carregam o mal. Por exemplo, crianças cuja apresentação foi insólita desde o parto, ou que já nasceram com dentes, ou que os incisivos de cima nasceram primeiro etc. Como os feiticeiros, a presença neles de um princípio malfazejo os tornam funestos ao grupo social; como os feiticeiros, eles devem ser eliminados, ou, pelo menos, neutralizados. É verdade que esses *monstra* só serão malfazejos mais tarde, enquanto que o princípio maligno que se aloja no feiticeiro já pode ter causado muitos desastres. Mas a mentalidade primitiva é pouco sensível a essa diferença. Ela representa facilmente o futuro como já presente, sobretudo se ele lhe aparece como certo e se ele provoca uma forte emoção. No entanto, ela não tem a menor dúvida sobre a influência maligna que emanará dessas crianças anormais. Elas são, desde o presente, feiticeiros "virtuais". Os nativos o dizem em seus próprios termos[420] e esta é a razão que eles dão para tratá-los como o fazem.

Sem dúvida que os feiticeiros não são todos, longe disso, anormais de nascença, que passarem despercebidos e que cresceram sem que se tenha percebido sua natureza. Uma pessoa que não tenha nascido assim pode ter se voltado para esse estado diabólico e se tornado tão temido quanto seu mestre. Em certas regiões da África ocidental, em particular no Gabão, existem sociedades secretas cujos membros praticam o assassinato e o canibalismo e que são então, neste sentido, sociedades de feiticeiros, que se recrutam entre os

adultos. Por outro lado, em algumas tribos, os nativos sustentam que a feitiçaria é geralmente congênita e hereditária.

No entanto, enquanto algumas más-formações, de significado sinistro, são visíveis desde o nascimento ou durante a infância, outras permanecem escondidas e nada permite descobri-las durante a vida daquele que a porta. Uma mãe __ mesmo se tivesse a coragem __ não poderia dissimular para as pessoas à sua volta, que os incisivos superiores de seu bebê nasceram primeiro. Mas, como saber, sem abrir o ventre de uma pessoa, se a excrescência fatal se encontra em seu intestino? É aqui que intervém eficazmente o ordálio. Se alguém é suspeito de feitiçaria o veneno da prova decidirá. Ele tem a dupla virtude de revelar a presença do princípio maligno e de combatê-lo; ele tem a força de controlá-lo e de destruí-lo. Se o "acusado" sucumbe, todo mundo respira aliviado. Estancaram-se as devastações do flagelo. Se ele sobreviveu em outros, como é provável, livrar-se-á dele à menor suspeita e pelo mesmo meio.

§5. Os ordálios na Austrália não têm por objetivo descobrir um culpado; eles são ritos ou cerimônias de satisfação ou de apaziguamento. Fatos análogos na África equatorial e oriental.

Índice

O Sr. Man escreve, com relação aos nativos das ilhas Andaman:

> *Eles estão num estado muito primitivo para possuir qualquer forma de discernimento, ou mesmo para ter fé na eficácia dum ordálio para descobrir um culpado; parece que nenhuma prática deste tipo existe entre eles.*

De fato, nas sociedades menos elevadas que conhecemos __ na Nova Guiné, na Austrália, na América do Sul __ pouco se observou, até o presente, ordálios semelhantes àqueles que foram estudados há pouco. Este tipo de prova parece ser desenvolvido principalmente em grupos sociais que atingiram uma certa forma de organização política: entre os Bantos, por exemplo, entre os negros da África ocidental, entre os Malaios etc.

Como o ordálio é um tipo de adivinhação, outras práticas divinatórias podem ter tomado seu lugar. Foi o que aconteceu entre os australianos, entre os nativos da Nova Guiné alemã etc. que não admitem, como os negros do Congo, a morte "natural" e que também são desejosos de descobrir o feiticeiro que ocasionou a morte, "condenou" (*doomed*) um dos seus. Tivemos oportunidade de examinar acima os processos de adivinhação muito variados que eles usam em tal circunstância. Mas o ordálio serve também para outros fins; exercer, por exemplo, uma ação mística sobre um princípio malfazejo que é preciso combater. Esta necessidade existe também, sem dúvida, nas sociedades totalmente inferiores. Não existe nelas nada que possa satisfazer esta necessidade?

Com relação aos nativos da Austrália meridional, Taplin escreve: "Um culpado, na tribo dos Tatiaras, deve servir de alvo para todos que quiserem jogar sua lança sobre ele e, se ele escapa, está espiado seu crime". Taplin acrescenta, numa nota:

> *Isso é um verdadeiro ordálio. Segundo a ideia dos nativos, uma pessoa pode ser ajudada por espíritos superiores que o fazem desviar das lanças. Ou então, se ele for culpado, ele pode ser impedido de se desviar delas, pelo poder de algum espírito invisível que age sobre ele.*[421]

Taplin tinha razão em pensar que na mente dos nativos, isso é

um ordálio, mas, talvez não devamos entender como ele. Ele vê aqui um tipo de "julgamento de Deus", do mesmo tipo daqueles da Grécia antiga, ou da Idade Média europeia. Sem dúvida que, no pensamento dos Tatiaras, somente a ajuda das potências invisíveis permite à pessoa que sofre a prova evitar as lanças que são jogadas sobre ela. Se essas potências lhe forem desfavoráveis, toda sua destreza não o ajudaria a se salvar. Mas, não é exato dizer que a prova tenha por objetivo demonstrar a inocência ou a culpabilidade da pessoa que é submetida a ela, pois esta prova é praticada em inúmeros casos em que essa culpabilidade não é a questão. Geralmente, o autor de um assassinato ou de um rapto, por exemplo, é conhecido. Ele não nega seu ato e os seus não têm nenhuma contestação sobre este ponto com os parentes da vítima. A prova nem mesmo é exigida. É por isso que ela é outra coisa e não um "julgamento" destinado a estabelecer a inocência ou a culpa.

De fato, nos documentos relativos às tribos australianas que eu pude consultar, eu não encontrei o ordálio instituído para este fim. Encontra-se, pelo contrário, muitos semelhantes àqueles que Taplin menciona entre os Tatiaras, onde são sempre os culpados conhecidos e confessos que tem que sofrê-los. Diz Dawson: "Se o assassino se salvou e se os parentes da vítima o conhecem, eles lhe informam que ele deve comparecer, a fim de sofrer o ordálio das lanças, na primeira grande reunião das tribos"[422]. Um pouco adiante, ele dá a descrição deste ordálio.

> *Quando um homem foi acusado de um crime, ele vem à reunião armado com duas lanças de guerra, um escudo leve e plano e um bumerangue. Se ele for declarado culpado de uma falta privada, ele é pintado de branco e __ acompanhado de seu irmão ou de um parente próximo homem, que o assiste na*

qualidade de auxiliar, com um escudo pesado, um tacape e um bumerangue __ colocado de frente da pessoa lesada e de seus amigos, que são, às vezes, em número de vinte guerreiros. Estes se enfileiram a uma distância de uns cinquenta metros e jogam, cada um deles, sobre o acusado, quatro ou cinco lanças e dois bumerangues, todos ao mesmo tempo, "como uma chuva". Se ele consegue apará-los, seu ajudante lhe passa seu escudo pesado e ele é atacado em combate individual por seus inimigos, que lhe dão, cada um, um golpe de tacape. Como é preciso que o sangue jorre para que a parte lesada fique satisfeita, a prova termina assim que o homem é atingido. Então, seu ferimento é tratado, todos apertam as mãos e são bons amigos. Se a pessoa acusada se recusa a comparecer e a sofrer a prova, ela é considerada fora-da-lei e pode-se matá-la. Seu irmão ou seu parente mais próximo homem é tido como responsável e deve sofrer o ordálio em seu lugar. Se for descoberto que o homem era inocente, seus próximos têm o direito de aplicar represálias sobre a família do acusador, na primeira oportunidade.[423]

Dawson diz expressamente que o ordálio acontece após a culpa ter sido estabelecida; ela não poderia, portanto, ter como objetivo, prová-la. Ela é, no entanto, indispensável e a tal ponto que, na ausência do culpado, ela é aplicada a um outro membro de seu grupo social; de preferência, seu irmão. É preciso notar, enfim, que, assim que a prova termina, os adversários que ela pôs em presença e os amigos das duas partes, se reconciliam e são animados pelos melhores sentimentos, uns em relação aos outros. As mesmas particularidades foram destacadas por outros observadores. Assim, W. M. Thomas escreve:

> *Há, no caráter nativo um traço muito amável: é que não fica animosidade em seu coração e eles não se furtam a um castigo. Ao fim de um combate ou castigo (trata-se, evidentemente, de um ordálio, tal como Dawson presenciou), pode-se ver aqueles que infligiram os ferimentos ocupados agora em tratá-los e propiciando aos feridos todos os cuidados que seu estado exige.*[424]

O ordálio mesmo é descrito por Thomas em termos muito semelhantes aos de Dawson:

> *A punição por um assassinato consiste em que todos os membros da tribo joguem uma lança e um* ***wonguin*** *sobre o assassino. Se ele se livra sem um ferimento grave, o parente homem mais próximo da vítima pode __ com seu tacape ou* ***leonile*** *__ bater na cabeça do assassino (mas não em outro lugar), até que se canse. Neste castigo o assassino não tem o direito de lançar nenhuma arma; ele pode somente aparar as lanças etc., com seu escudo. Eu soube de um caso em que uma centena de lanças foram jogadas sobre um homem e ele as aparou todas.*[425]

W. M. Thomas fala de "castigo" e "punição"; a prova não tem, de forma alguma, por objetivo, verificar se o homem é culpado ou não. Como os outros observadores, ele insiste no fato de que o que mais importa não é o resultado da prova, é a prova em si mesma. Se o assassino consegue ou não aparar todas as lanças, este ponto é secundário. O essencial é que ele foi submetido ao ordálio, segundo as regras. Isto não é, portanto, o que nós chamaríamos, propriamente falando, de um castigo.

Na mesma região, alguns casos de adultério são seguidos de

um ordálio semelhante aos precedentes.

> *Se a mulher abandona seu marido para seguir um rival preferido, cabe à sua família punir o casal culpado. A mulher, comumente, é golpeada com lanças por seu pai ou seu irmão e se o castigo não tem consequências fatais, ela é devolvida ao seu marido legítimo. O homem deve sofrer a prova de um certo número de lanças jogadas sobre ele, que fica somente com um pequeno escudo para se proteger. Ou, então, ele deve aceitar o combate individual com um parente da mulher ou com um membro da tribo escolhido para este fim.*[426]

O Sr. Howitt também diz:

> *Em casos de sequestro de uma mulher casada, o costume era, entre os Wollarois, que o sedutor enfrente um determinado número de parentes da mulher, armados de lanças, enquanto ele mesmo só fica com uma lança para aparar seus golpes.*[427]

Em Queensland, o Sr. W. E. Roth observou a mesma prática e ele a descreveu com sua precisão habitual.

> *O nativo declarado culpado pode __ ao preço de um prodigioso esforço físico e mental e com a ajuda de seus dois auxiliares __ conseguir escapar, sem ferimento grave, com trinta ou quarenta lanças atiradas sobre ele enquanto estiver exposto, ou seja, durante uma boa hora ou mais. Se ele chega sem dano ao final do ordálio __ o que depende em grande parte de sua conduta anterior e da influência de amigos poderosos __ seus acusadores, finalmente acorrerão, se jogarão sobre seu pescoço, derramarão abundantes lágrimas e farão as pazes com ele. Eles procurarão então um outro*

culpado e isso será geralmente na tribo mais fraca das proximidades e o escolhido será o membro dessa tribo mais desprovido de amigos. Nesse distrito, é preciso, após a morte de qualquer pessoa ilustre, que alguém seja morto.[428]

De acordo com os termos do Dr. Roth, trata-se aqui de um ordálio, mas ressalta também desses termos que ele não tem por objetivo estabelecer a culpabilidade de uma certa pessoa. Ele é destinado a satisfazer um morto, cuja cólera seria temível e que não pode ser decepcionado de forma alguma. Ele exige uma vida e se o ordálio não resultar em morte, vai-se procurar em outro lugar uma vítima que não custe muito caro.

As mesmas cerimônias foram observadas pelo Bispo Salvado, nas tribos da Austrália ocidental:

Se as partes combinam que o delinquente seja punido, então o chefe da família ultrajada o condena a uma pena proporcional ao delito e que, algumas vezes, consiste em atravessar-lhe a coxa com o ***ghici****. Ele é colocado à distância, como um alvo e o ofendido lança sobre ele tantos* ***ghicis*** *quanto ele tenha à disposição. Tanto melhor para o alvo se ele for suficientemente hábil para evitar todos os golpes. Esgotados os* ***ghicis****, a vingança está feita e não se fala mais nisso. A paz é restabelecida.*[429]

À vezes, a prova é um combate, onde acusadores e acusados são acompanhados por seus parentes e amigos, mas a luta é interrompida ao primeiro sangue derramado. É sobretudo quando várias tribos estão interessadas no assunto que as coisas se passam desta forma.

As mulheres começam a trocar insultos e excitam os

homens a um tal ponto que, alucinados, cantando com frenesi, eles se lançam em bandos irregulares, fazendo mil contorções, correndo de um lado para o outro, segurando suas barbas entre os dentes, o ***ghici*** *em punho, lançando-se uns contra os outros e se afastando, sempre gritando e pulando, até que um* ***ghici*** *lançado dá início a uma apavorante mistura. As armas voam dos dois lados. As mulheres, no entanto, correndo e berrando, encorajam os homens e os proveem com armas, recolhendo aquelas que foram lançadas pelos "adversários". No meio desse tumulto, assim que um deles cai por terra, ferido ou morto, o combate cessa imediatamente. Os rancores terminam e todos se apressam a levar socorro ao ferido.*[430]

Este furioso combate não passa, na realidade, de um ordálio. O último ato dele é uma prova disto. Se fosse preciso outra, bastaria lembrar que os australianos, como quase todos os primitivos, não conhecem as batalhas em fileiras e evitam sempre a luta a descoberto. A guerra verdadeira só é feita por surpresas e emboscadas, geralmente por ataques ao nascer do dia, contra um inimigo desavisado. A "mistura apavorante" que o Bispo Salvado testemunhou era uma cerimônia ritual, julgada como indispensável pelas duas tribos que ali desempenhavam seu papel.

Um dos primeiros e melhores observadores que descreveram as tribos australianas do sul __ Grey __ também diz:

Qualquer outro crime além do incesto pode ser pago com o comparecimento e submissão do culpado ao seguinte ordálio: todas as pessoas que se consideram lesadas por ele poderão jogar lanças sobre ele ou então ele se deixará ser perfurado por golpes de lanças em certas partes do corpo, como a coxa, a panturrilha ou debaixo do braço. O lugar que

será atravessado pela lança é fixado para cada um dos crimes comuns. Às vezes um nativo que incorreu nessa pena estende friamente sua perna para que ela seja penetrada pela lança... Se o culpado foi ferido na medida julgada necessária pelo seu crime, sua culpabilidade é apagada. Ou se nenhuma das lanças jogadas sobre ele não o feriu (pois cada um dos atacantes tem direito a um número determinado de projéteis), ele é igualmente perdoado.[431]

Grey usa a palavra certa: esse ordálio tem o valor de uma "composição" (*compound for*). Isso não é, propriamente falando, um castigo, mesmo que, geralmente, aquele que o sofre seja punido dessa forma pelo seu crime. Isso é essencialmente um rito, uma operação mística, destinada a prevenir ou interromper as consequências funestas que a falta cometida (assassinato, adultério etc.) não deixaria de acarretar para o grupo social. É um remédio místico para um mal místico. É uma expiação, no sentido pleno e etimológico da palavra. Eylman, após ter descrito em detalhes um ordálio bem semelhante, que testemunhou, num caso de adultério, acrescentou: "O australiano do sul não conhece o duelo que serviria para obter o julgamento de uma potência superior em um processo"[432]. Seus ordálios não são julgamentos de Deus.

O sentido do ordálio australiano, sendo ele __ segundo a expressão de Grey __ uma "composição", fica claro através das representações coletivas implicadas na própria composição, por exemplo, em algumas sociedades africanas. A composição oferecida e aceita não é somente o preço do sangue; ela tem um efeito místico que não é menos importante. Escreve o Sr. Moffat:

Mesmo que eles (os Bechuanas) sejam vingativos ao extremo, se o autor de um delito apazigua, com um presente, a

parte lesada, confessando ao mesmo tempo seu erro, ou, de acordo com o costume, mostrando-se arrependido, a mais perfeita harmonia e cordialidade se estabelece em seguida[433].

Entre os A-Kambas, da África oriental inglesa, o Sr. Hobbey descreveu bem o efeito místico da cerimônia que restabelece a paz entre duas famílias, após a satisfação dada pelo assassino aos parentes da vítima.

> *Até que essa cerimônia tenha sido realizada conforme os costumes, nenhum membro da família do homem que foi morto pode comer no mesmo prato ou beber da mesma cerveja que um homem da família do assassino. Acredita-se, em Oukamba, que, até que o assunto tenha sido devidamente acertado de acordo com a lei, os membros da família do assassino serão continuamente envolvidos em querelas, onde acabarão provavelmente por matar seus vizinhos e, por seu lado, os membros da família da vítima serão envolvidos em querelas onde terão muitas chances de serem mortos como seu parente. Se tentarmos olhar as coisas sob o ponto de vista dos nativos, eis o que parece ser seu pensamento: ele gira ao redor de um espírito malfazejo, um* ***muimu****, o espírito de um ancestral; este espírito entra em um homem e a consequência é que, na primeira querela que este homem tiver com um vizinho, ele o mata. Este espírito pode continuar a possuir a mesma pessoa ou pode passar para uma outra da mesma família e o mesmo resultado acontecerá. Da mesma forma, o* ***muimu*** *da primeira vítima age sobre os* ***aiimu*** *(os espíritos) de todos os membros vivos de sua família e os assusta. Eles sabem que o espírito assassino gira ao redor deles e que os membros de sua família estão mais propensos a serem mortos se se expuserem a uma*

rixa. De sorte que as duas famílias se apressam em fazer cessar esse estado de coisas, apaziguar o espírito malfazejo e fazer com que ele volte ao sossego.[434]

Esta visão das representações coletivas dos A-Kambas é instrutiva. Quando um deles mata um outro numa querela, o autor do assassinato não é a verdadeira causa: ele é apenas o instrumento de um espírito malfazejo pelo qual ele se encontra atualmente possuído. Nada está mais conforme com a orientação constante da mentalidade primitiva que, num dado efeito do mundo visível, logo remonta a uma causa mística do mundo invisível. O que fazer então quando uma pessoa matou outra que não é de sua família? Aplicar-lhe uma pena? De fato, ela deverá pagar uma compensação, ela será talvez arruinada ou vendida como escrava. Mas este castigo não será suficiente para dar tranquilidade para as duas famílias, se a "compensação" não tiver, ao mesmo tempo, a virtude de apaziguar o espírito do ancestral irritado que causou o assassinato e que erra pelo grupo, para grande pavor de todos os interessados. Pois ele fará com que sejam cometidos outros assassinatos, infalivelmente, se os ritos necessários não intervierem para acalmá-lo e afastá-lo. Diz ainda o Sr. Hobley:

Quando um homicídio acontece, o pagamento de uma vaca, de um touro ou de uma cabra, tem a importância de um rito. Ele é chamado de ***etumo*** *e é indispensável para proteger as famílias do assassino e da vítima contra o poder do espírito inspirador do assassinato, que espreita irritado. Mesmo no caso em que o assassinato foi acidental, é necessário que o* ***etumo*** *(pagamento e rito) seja observado, porque há, certamente, uma influência perniciosa no ar, senão o acidente jamais teria acontecido. (Com efeito, como se sabe, para a*

mentalidade primitiva, não há acidente).

No entanto, quando um homem de um clã matou outro em combate entre tribos, o costume exige que o irmão do morto faça uma emboscada e mate um homem do clã do assassino. Essas duas mortes se anulam e não é o caso de uma compensação. Mas, considera-se como essencial que o ***etumo*** *seja pago e os ritos observados.*[435]

Assim, a satisfação dada ao morto, mesmo que completa, não basta. Só se sente seguro quando uma ação mística foi praticada para apaziguar o espírito, cuja cólera foi revelada pela desgraça que aconteceu. Da mesma forma, a arma que matou continua assassina.

Em muitas tribos, ela é purificada, de uma forma ou de outra. Entre os Akikuyus, ela é cegada e eu creio que uma prática deste gênero é quase universal nas tribos africanas. Pratica-se essas cerimônias porque se tem a ideia de que a arma trás com ela o mal ou a fatalidade.

Também é assim entre os Akambas. Segundo eles, a arma que serviu uma vez para um assassinato continua a ser o instrumento de novas mortes, mas não há cerimônia, nem encanto, nem magia que possa eliminar essa virtude funesta; ela continuará indefinidamente a matar pela mão de seu dono, seja o que quer que se faça. Pois não há meio de se livrar dessa maldição. O Mkamba recorre então a um artifício: ele colocará a arma em uma trilha ou em um lugar onde um passante possa vê-la. Quando ela for levada, a influência funesta da arma recairá sobre seu novo dono e o primeiro dono está livre.

Esta crença, me parece, apresenta um interesse particular, porque exprime a ideia que se tem sobre o

assassinato. Vimos a que ponto o ***etumo*** *é necessário para seu autor: ele livra a família da vítima da maldição, bem como a do assassino. Mas, sobre este sempre pesa a fatalidade de sua arma; fatalidade que nem o tempo, nem nenhum artifício podem apagar.*[436]

As sociedades australianas conhecem poucos bens transmissíveis e não possuem nenhuma medida estabelecida para o valor dos raros objetos que podem ser trocados. Nelas não haveria, portanto, a questão da composição, no sentido comum da palavra. O ordálio que estudamos, também acontece lá. Mas, como a composição entre os A-Kambas, ele não tem como único objetivo dar uma satisfação à parte lesada, ao marido ultrajado ou à família cujo membro foi morto. O assassinato e o adultério têm uma ação mística sobre o grupo social inteiro. Eles revelam uma influência prejudicial e que é uma ameaça para eles. É preciso combatê-la e destruí-la. É para isso que serve o *etumo* dos A-Kambas e é também um aspecto essencial do ordálio australiano. Ele tem assim, por função, ao menos em parte, exercer sobre certas potências do mundo invisível uma ação de defesa necessária ao grupo social. Por este caráter, ele se aproxima dos ordálios africanos contra a feitiçaria. Pode-se dizer, portanto, com Taplin e os outros observadores, mas por razões diferentes das suas, que é, efetivamente, um ordálio.

***

Capítulo IX

Interpretação mística dos acidentes e dos infortúnios.

§1. Infortúnios consecutivos à uma violação de tabu.

Necessidade de uma expiação.

Índice

Se um indivíduo, uma família ou um grupo social é atingido por um infortúnio ou sofre uma série de desventura e derrotas, jamais a causa disso será atribuída ao acaso. Em inúmeras sociedades africanas __ como vimos __ a suspeita de feitiçaria logo surgirá e o mesmo acontece em muitas sociedades australianas, como os Papuas etc. Em outros lugares __ como, por exemplo, entre os Esquimós e na maior parte das sociedades das regiões setentrionais da América __ pensar-se-á imediatamente numa violação de uma prescrição sagrada, ou de tabu. Neste último caso, como no outro, a mentalidade primitiva passa imediatamente do fato que a impressionou à uma causa mística, que nos parece imaginária, mas que, a bem dizer, faz parte de sua experiência, tal como ela é constituída pelo conjunto das representações coletivas do grupo social.

Desta forma, na costa da Colúmbia Britânica,

> *na estação comercial de Tschilkut, o missionário tinha conseguido dos nativos, no outono de 1881, que o corpo de uma criança fosse enterrado (em vez de ser queimado, segundo o costume). Mas, no inverno que se seguiu, particularmente em fevereiro e em março, o mau tempo reinou sem interrupção. A violência do vento e as tempestades de neve tornaram a pesca e a caça muito difíceis, deixando as pessoas numa situação muito difícil. Todos pensaram então que esse tempo desfavorável tinha como causa a não-cremação da criança e se apressaram para reparar o mais rapidamente possível a falta cometida.*[437]

Este não é um fato isolado. Em um número muito grande de circunstâncias os Tlinkits concluem a mesma coisa.

> *Todo desrespeito aos costumes recebidos, toda coisa extraordinária (vê-se a extrema generalidade desta representação) é designada pelo nome de* ***chlakass*** *e considerada como a causa universal de tudo o que acontece de desagradável: mau tempo, doença, derrota na guerra, insucesso na caça etc. Desta forma, o mau tempo não advirá somente do fato de que um cadáver não foi queimado, mas também porque se negligenciou isolar uma jovem durante seu período de crescimento. Outras causas de mau tempo: uma jovem penteou os cabelos fora de casa; o missionário colocou suas botas de neve antes de sair; as crianças da escola, de brincadeira, imitaram o grito do ganso selvagem; nós mesmos termos lavado na água do mar a pele de uma cabra da montanha; termos, em outra ocasião, arrastado um ouriço morto na neve. Esta ação __ arrastar um animal morto __ numa outra caçada, um de nossos companheiros nativos se recusou energicamente a fazer, dizendo que isso faria levantar um vento violento. Ele preferia muito mais colocar o animal nas costas, por mais pesado que ele fosse e levá-lo até o acampamento.*[438]

Todas as vezes que se desobedecer assim um costume tradicional, em particular se se trata de uma interdição, causar-se-á um problema ou um acidente. Geralmente uma determinada infração corresponde a um determinado infortúnio. Por exemplo: os Esquimós conhecem “interdições alternantes”.

> *Eles não podem ir caçar a morsa enquanto não*

acabaram o trabalho de confecção da vestimentas em ***tukoo*** *e, por outro lado, uma vez a caçada iniciada, ninguém tem o direito de trabalhar nas peles das renas. Um dia __ em março __ pedi a Tookoolito e à mulher de Koodloo que me fizessem um saco de dormir em pele de rena. Não houve jeito de convencê-los a fazer isso, porque se estava na estação da morsa.*[439]

As duas morreriam __ diziam __ e não pegariam mais morsas. Na costa do Alasca,

onde a regra da exogamia totêmica não era mais rigorosamente observada e onde é permitido agora casar com uma mulher de seu próprio clã, os anciãos atribuem a essa promiscuidade a grande mortalidade que atingiu a tribo dos Kenayers.[440]

Fatos semelhantes ainda são recolhidos hoje, nas mesmas regiões. Eis um característico:

Há muito tempo, a caça rende pouco; os animais se escondem de nossos olhos. Kridtlarssuark evocou os espíritos para saber deles a causa que impedia conseguir qualquer coisa com a caça. Após a sessão ele informou que sua nora tinha feito um aborto e que tinha escondido isso, para escapar da penitência (as mulheres são submetidas neste caso a um grande número de interdições). Ele ordenou então a seu filho que punisse a culpada, trancando-a numa cabana de neve, após ter lhe retirado suas forrações. Ela morreria ali, de frio e de fome. Somente com esta condição os animais consentiriam em se deixar prender de novo pelos humanos. Logo construiu-se uma cabana de neve e se trancou nela Ivalork. Eis como

Kridtlarssuark tratou sua nora, que ele amava tanto e ele o fez para impedir que inocentes não tivessem que pagar por sua falta.[441]

Na Groenlândia oriental,

> *se uma tenda, na primavera, não é recoberta com peles novas, não é permitido introduzir nela focas de crista ou focas da Groenlândia sem ter esperado alguns dias. No começo da primavera, um homem recebe uma parte de uma foca de crista e a leva para sua tenda para retalhá-la e retirar seus tendões. A cobertura da tenda estava em bom estado, mas ela tinha sido usada no outono precedente. Ele passou a achar que depois disso as focas de crista se tornaram muito raras e os outros Esquimós olhavam atravessado para esse homem, "porque sua conduta tinha irritado as focas e as tinha feito deixar a costa"*[442].

Diz o Sr. Boas,

> *Um dia, uma grande baleia que tínhamos arpoado afundou sob um bloco de gelo e, após termos liberado uns oitocentos metros de linha, fomos obrigados a desistir e a baleia foi perdida. Naquela mesma noite, de volta à terra, meus nativos quiseram ir até a tenda de uma mulher que tinha a fama de ser uma hábil* ***angarok****. Essa mulher, após ter se colocado em estado de transe, disse que eu tinha ofendido a deusa do mar, ao cortar a carne de caribu e quebrar seus ossos sobre o gelo do mar.*[443]

Entre os Esquimós situados muito mais ao norte e visitados por Rasmussen, quando se viola uma proibição logo se espera uma infelicidade. Por exemplo, as pessoas que estão em luto devem se

abster de um grande número de ações.

> *Um dia, como era preciso buscar gelo para derreter, nosso companheiro groenlandês, Jörgen Brönlund, sem nosso conhecimento, ordenou a um rapaz que tinha perdido seus pais recentemente, que fizesse isso. Ele poderia muito bem, uma vez só, desobedecer as interdições, pensou Jörgen. E assim Agpalinguark (este era o nome do rapaz), foi buscar o gelo. Mas ele foi visto por duas senhoras idosas, a quem essa violação pareceu muito inquietante. Alguma coisa iria acontecer, por certo! E, com efeito, dois dias após, uma tempestade de sudoeste explodiu. As ondas eram tão grandes, que as vagas quebraram até bem longe na terra e destruíram todas as casas da aldeia. Um dos chefes veio então nos encontrar e nos pediu que não mais provocássemos, no futuro, tais violações de costumes. "Nós observamos regras prescritas, a fim de que o mundo se mantenha, pois não é permitido que as potências sejam ofendidas... Nesta região, as pessoas fazem penitência (quando uma infração foi cometida) porque os mortos são... de uma potência sem limites"*[444].

Estas expressões são características. Se as compararmos com aquelas que Rasmussen e o Sr. Junod relataram há instantes, elas esclarecem um dos aspectos sob os quais a natureza se apresenta aos olhos dos primitivos. Em virtude das participações místicas entre o grupo social (composto de vivos e mortos), o solo que ele ocupa, os seres (visíveis e míticos) que ali vivem e que ali viveram, o que nós chamamos de ordem da natureza só sobrevive se as condições habituais são mantidas e, em muitas sociedades, se a ação pessoal do chefe é exercida como deve ser. O respeito pelas interdições ou tabus é uma dessas condições essenciais. Uma das funções do chefe

é impedir primeiramente que elas sejam violadas e, caso sejam, fazer a expiação através de cerimônias apropriadas. Como o "curandeiro" explicou ao Sr. Junod: um aborto secreto, que permite à mulher e seu marido se esquivarem dos tabus expiatórios, coloca todo o grupo social em perigo de morte. A chuva "não pode mais" cair. As colheitas serão queimadas, o rebanho perecerá de sede, a tribo será reduzida ao desespero. A mulher é "muito culpada" e nada deverá livrá-la do castigo, já que só ele restabelecerá as condições normais e salvará assim a tribo. Quando a solidariedade social é tal que um membro do grupo pode colocar os outros na impossibilidade de viver, provocando uma desordem na natureza, nenhum crime poderia ser mais grave do que as interdições, que rompem as participações das quais depende o bem-estar de todos.

§2. Pré-ligações entre as violações e suas consequências. Estas revelam faltas cometidas involuntariamente. A intenção não é um elemento necessário à falta.

Índice

Poderíamos acreditar que as infrações se classifiquem por ordem de importância, de acordo com as consequências recaindo mais ou menos localizadamente, ou seja, que nas representações coletivas de um grupo social, poder-se-ia discernir porque a violação de tal costume repercutiria sobre todo o grupo e uma outra, pelo contrário, só afeta o indivíduo que a cometeu, ou os seus. De fato, nós jamais encontramos pré-ligações da forma seguinte: "Se tal infração é cometida, tal consequência __ mais ou menos extensa, segundo o caso _ se seguirá"; ou "se tal fato se produzir, se tal infortúnio acontecer, foi porque tal infração foi cometida"; ou ainda,

de uma maneira menos precisamente determinada, “foi porque uma infração deve ter acontecido” (sem que se saiba também qual foi ela). Como a dissimulação de um aborto levaria ao desaparecimento da chuva? Por mais arbitrárias que as ligações deste tipo nos pareçam, elas são tão familiares à mentalidade primitiva que elas lhe parecem naturais. O nativo observa as prescrições tradicionais como ele obedece às regras, frequentemente complicadas, da língua que ele fala: sem dificuldade e sem reflexão. Eles não imaginam que elas possam ser de outra forma. Ele jamais se perguntará, portanto, porque tal infração tem por efeito arruinar o grupo inteiro, enquanto que outras só têm consequências para seu autor, ou para uma parte do grupo. Se ele for interrogado sobre este ponto ele dirá que seus ancestrais sempre acreditaram nisso e ele ficará espantado, não por este fato, mas pela pergunta.

Podemos distinguir, no entanto, duas formas principais apresentadas por esta relação em uma dada sociedade. Às vezes, uma consequência determinada é ligada a uma infração determinada e se infere imediatamente uma da outra. Que a consequência recaia a uma ou a várias pessoas, ou mesmo ao grupo inteiro, pouco importa. O Sr. Hobley citou um número muito grande de relações deste tipo em **Nouvelles recherches sur les coutumes des Akamba et des Akikuyu**. Eis um exemplo característico observado pelo Sr. Junod:

> *Entre os Ba-Thongas, se uma mulher está grávida de um outro homem que não seu marido, o parto será difícil. Pareceria que não há relação entre estes dois fatos; mas, para os Thongas, um parto demorado e difícil prova que a criança não é legítima. Essa convicção é tão forte que, quando uma mulher sabe que a criança não é filha de seu marido, mas de seu amante, ela confessa isso em segredo para a parteira*

principal, porque é "proibido" trazer ao mundo uma "criança de adultério" escondendo o fato. Esse silêncio causaria à mãe enormes sofrimentos.[445]

É por isso que, quando o parto demora muito, a parteira começa a ter dúvidas sobre a legitimidade da criança. Da mesma forma, entre os Waschambaas, outros Bantos, "quando as dores do parto se prolongam, vê-se nisso uma prova de que a mulher teve relações com vários homens"[446]. Esta é uma crença muito difundida. Ou então, em Uganda, "as mulheres, durante a gravidez, não devem comer sal. Se elas o fazem, acredita-se que isso causará a morte da criança. Quando então uma criança nasce e cai doente, o marido confronta sua mulher, dizendo a ela: "Esta criança morre de uma doença, porque você comeu sal"[447].

As pré-ligações deste tipo são extremamente numerosas e variadas, de acordo com as sociedades onde são observadas. Às vezes, elas são tão fortes que os autores da infração se desesperam para escapar das consequências que ainda não aconteceram e se antecipam a elas. Eis um caso impressionante, recolhido na Ilha de Nias. É um nativo convertido ao cristianismo que fala.

Eu era o filho mais velho dos meus pais e eu tinha uma irmãzinha. Um dia, o sacerdote (o curandeiro) veio em nossa casa. Ele olhou meu pai, depois jogou um olhar furtivo sobre minha irmã e disse: "Você sabe bem que é preciso que sua filha morra?" "Por quê?" Perguntou meu pai. O sacerdote respondeu: "Antes que ela nascesse, você abateu porcos, você matou uma serpente, você carregou fardos; é por isso que agora sua filha deve morrer. Porque você reluta em que ela morra? Tudo o que você fará não servirá para nada. É preciso que ela morra". Desolado, meu pai foi procurar minha mãe e

lhe contou o que o sacerdote lhe havia dito. Os dois ficaram completamente arrasados; mas, o que deveriam fazer? Por fim, meu pai disse à minha mãe: "Matemos esta criança. Ela não precisa mais comer nosso arroz". E, como eu era um garoto forte, eu fui procurar um saco, cobri minha irmãzinha e a levei para a floresta...[448]

Não vem aos pais a ideia de que a criança possa ser salva. A violação do pai de certos tabus relativos à gravidez torna necessária a morte da criança. A linguagem do "sacerdote" nos parece impiedosa. Mas, talvez, se a infração não fosse expiada pela morte da criança, o grupo social inteiro não teria que sofrer as consequências?

Outras vezes, a pré-ligação é estabelecida simplesmente entre a infração e um infortúnio que a seguirá com certeza, mas sem que seja determinada antecipadamente. Ela implica unicamente na certeza de que o costume ou o tabu não é violado sem que "alguma coisa" aconteça. Ela é um sentimento muito vivo do castigo que exigirão as potências invisíveis, ofendidas pela infração. A mentalidade primitiva não acredita menos firmemente nessa consequência inevitável, do que nós na constância das leis naturais. Em que consistirá a sanção? Só o evento dirá, a menos, no entanto, que, logo que a infração é conhecida, proceda-se a purificações e a cerimônias expiatórias, que dão satisfação às potências irritadas ou, de uma maneira geral, que tenham a virtude de prevenir o infortúnio.

Geralmente, quando a pré-ligação é assim determinada, é a aparição da consequência que faz remontar à causa. "Alguma coisa" aconteceu __ um mau tempo persistente, ou a pesca está infrutífera etc. __ então uma infração foi cometida. Mas, contra que prescrição ou qual costume? É certo mesmo que o infortúnio provém de uma

violação de costume ou de tabu? Uma morte súbita, o insucesso na caça etc. podem ser também devidos a outras causas; aos malefícios de um feiticeiro ou ao descontentamento de um ancestral poderoso, por exemplo. Como descobrir aquele que realmente agiu? Para se assegurar disso, a mentalidade primitiva não conhece outro método, aliás infalível: interrogar as potências invisíveis que forem necessárias __ mais que nunca nas circunstâncias difíceis __ conhecer suas disposições e torná-las favoráveis.

Se, portanto, o acidente não é por ele mesmo uma revelação suficientemente precisa __ ou seja, quando não se sabe antecipadamente que, acontecendo tal acidente, tal infração deve ter sido cometida __ recorrer-se-á, de acordo com o caso, aos sonhos, aos ordálios, à conjuração dos espíritos, enfim, a uma forma de adivinhação e serão tomadas as providências de acordo com o que se descobrir desta forma.

> *Alguém sofreu um infortúnio, caiu doente, não encontra mais animais para se alimentar? Logo lhe vem o pensamento de que ele cometeu um pecado. Ele vai procurar o adivinho (xamã), que executa suas operações até que elas lhe revelem a causa. Então, ele faz o que for precisa para expiar sua falta.*[449]

Ele talha uma pequena figura de homem, em madeira e vai suspendê-la numa árvore na floresta.

> *O nativo acredita que a má-sorte ou o infortúnio __ por exemplo, um acidente, uma doença, uma morte __ lhe são infligidos pelas potências malignas para puni-lo por ter violado as prescrições dos "curandeiros". É impossível para os povos cristãos compreenderem ou apreciarem a força da*

influência que a crença nos "curandeiros" exerce há séculos no caráter do nativo e sobre sua vida social. "Potência sobrenatural" é provavelmente o que melhor responde ao "curandeiro" no uso corrente dos nativos.[450]

Essa crença é encontrada em um grande número de sociedades. Para só citar um outro caso, entre os Fâns do Congo francês,

> *cada vez que nosso negro experimenta um acidente, um infortúnio, uma infelicidade, uma calamidade, até mesmo um simples insucesso, ele atribuirá isso ao seu totem ofendido por algum* ***nsem*** *ou mancha ritual, pela violação de um* ***eki*** *etc. Dai a necessidade de apaziguá-lo. Quanto maior o infortúnio, maior deve ter sido a causa ou a falta e mais ela deverá ser, mesmo que involuntária, expiada por um sacrifício bem grande.*[451]

A pessoa atingida por um infortúnio ou que sofreu uma derrota se perguntará então, quase sempre, se isso não foi ocasionado por um inimigo: "O que eu fiz? Do que eu sou culpado? Que prescrição eu infringi?" Sua consciência, ou um exame atento, lhe mostrará qual ou tal obrigação ele negligenciou e ele reparará sua falta. Acontece mesmo de uma pessoa, sabendo que cometeu uma infração e testemunha de um infortúnio que se estende a todo o grupo social, se atribui a responsabilidade e resolve se confessar, a fim de que a expiação apazigue as potências irritadas. O missionário Wangemann relata um escrúpulo deste gênero em um indivíduo (Koranna) convertido ao cristianismo.

> *Com a chegada da seca e da fome, Richard Miles experimentou tais reprovações de sua consciência, olhando*

essa seca como um castigo que ele havia cometido. Uma noite, ele se levantou de seu leito com sua mulher, se pôs de joelhos e suplicou ao Senhor que não castigasse a missão inteira por causa de seu pecado. Nessa mesma noite a chuva caiu. Na manhã seguinte, Richard Miles foi até a casa do missionário para confessar um adultério do qual era culpado.[452]

Uma necessidade de expiação bem semelhante aparecerá na consciência de um pagão, quando o infortúnio lhe sugerirá que os seus sofram o castigo infligido pelas potências invisíveis por ele ter violado um tabu.

Uma canoa, com meia dúzia de pessoas a bordo, ia de Aitutaki até Manuae (Hervey's Island) a uma distância de uns oitenta quilômetros, para procurar lá plumas de papagaio vermelho. Atingido seu objetivo... eles retomaram o mar para voltar para casa, mas foram afastados de sua rota por violentos ventos contrários. Depois de alguns dias, os víveres e a água começaram a faltar e a ameaça de uma morte miserável pesou sobre eles. Routu, que comandava a canoa, diz a seus companheiros: "Eu vejo porque estamos caçados desta forma, no Oceano, por ventos desfavoráveis. Nós pescamos levando as plumas do papagaio vermelho, que são sagradas. Os deuses estão em cólera e exigem um custoso sacrifício. Joguem-me ao mar e vocês chegarão ao porto, sãos e salvos. Assim foi feito.[453]

Que a infração seja involuntária, que seu autor nem mesmo tenha percebido que a cometeu; o que importa? A ofensa não foi menor e as consequências não parecem ser menos necessárias. São essas próprias consequências que alertam para ela. A adivinhação

mostra então, ao mesmo tempo, a falta e o meio de apagá-la, se for possível.

No Daomé,

> *o banho do feiticeiro, seguido de sua visita ao mercado, constitui uma verdadeira cerimônia de purificação para ele e para o povo. Purificação unicamente religiosa, pois ela só diz respeito às faltas cometidas voluntária ou involuntariamente contra os fetiches e seu culto. É mesmo de se destacar que os nativos jamais nos citaram faltas involuntárias. Podemos, sem saber, ter comido um alimento proibido em sua família, ou ter comprado no mercado bolos de farinha cozidos em utensílios ou envolvidos em folhas que não se deve usar. Pode acontecer também, a um príncipe ter tomado seu banho habitual quando não deveria fazê-lo ou um de seus irmãos mortos não ter recebido uma sepultura. Em tudo isso, só se é culpado por ignorância, mas a ignorância não é devida a um gênio maligno misturado aos daomeanos para estimular contra eles a fúria de seus próprios fetiches?*[454]

As observações deste gênero são inumeráveis nos dois hemisférios. Para citar somente mais uma,

> *quando uma pessoa cai doente (na Nova Zelândia) e não consegue se lembrar de ter violado nenhuma prescrição de tabu, ela tenta descobrir quem a atirou nesta má situação, pois acontece muito frequentemente que se faça uma pessoa desobedecer a uma prescrição, sem que ela saiba, na intenção expressa de fazer com que ela caia na cólera de seu* ***Atua****. Isto é fruto de uma arte secreta chamada* ***makutu****. Muito frequentemente acontece de um inocente ser sacrificado pela*

fúria da família de um doente, porque ela está convencida de ele foi o causador da doença, através desse meio ilícito.[455]

Aos nossos olhos, se acontece de uma pessoa infringir uma regra sem saber e, principalmente, sem poder sabê-lo, esta ignorância inevitável equivale quase sempre a uma desculpa. A regra não foi realmente violada, pois não dependia da pessoa respeitá-la ou não. Bem diferente é a atitude da mentalidade primitiva em presença do mesmo fato. Primeiramente, a infração à regra engendra suas consequências independentemente das intenções do agente e de uma maneira, por assim dizer, automática. A chuva não pode mais cair, uma tempestade se forma, a caça desaparece, não porque uma mulher grávida quis se livrar de seu fardo, mas porque o aborto aconteceu e a mulher não observou os tabus necessários. Pouco importa que seu ato tenha sido intencional ou não. Se o aborto foi acidental, as coisas se passam exatamente da mesma maneira. E tem mais. A ausência de intenção naquele que se torna o culpado de uma infração, constitui, ademais, uma circunstância agravante e não uma desculpa. Com efeito, nada acontece por acaso. Como foi que aconteceu, então, que essa pessoa tenha sido levada a cometer sua falta sem saber e sem querer? É preciso que ela já seja vítima de uma potência oculta ou objeto de uma cólera que é preciso apaziguar ou oculte __ hipótese ainda mais grave __ nela mesma, inconscientemente, algum princípio malfazejo. Em vez então de se sentir segura, pelo fato de que não podia perceber sua falta no momento que a cometeu e que era, portanto, inevitável, sua inquietude fica redobrada. É indispensável agora procurar (em geral por meio da adivinhação) de onde veio quem a colocou nessa situação tão perigosa.

Mesmo quando se trata simplesmente do que nós chamamos

um “crime passional”, que não é estritamente involuntário nem ignorado por aquele que o comete, a mentalidade primitiva o interpreta de uma maneira que nos desconcerta. Os motivos do crime saltam aos olhos: a pessoa cedeu à fome, à cólera, ao ciúme, ao amor etc. Os nativos veem isso. Eles são, geralmente, excelentes observadores da natureza humana, como provam seus contos e provérbios. Quando se trata de pessoas que eles conhecem bem, os motivos determinantes das ações não lhes escapam. Mas esses motivos são causas segundas e, aos seus olhos, essas causas não são jamais a verdadeira explicação de nada. A árvore que cai sobre o passante o esmaga e o mata; mas sua queda não é, segundo eles, a causa verdadeira de sua morte. A árvore o esmagou porque um feiticeiro o havia “condenado” (*doomed*). Ela foi apenas o instrumento e, por assim dizer, a executora do malefício. Da mesma forma, uma pessoa que assassina um rival obedece à sua paixão, mas essa não é a verdadeira causa de seu ato. Esta deve ser procurada em outro lugar. De onde veio essa paixão que o inflamou e que o fez ceder a ela? Uma outra pessoa, numa rixa, mata um de seus vizinhos. Ela o matou num momento de cólera. Mas, quem fez nascer a querela que o assassino entrou? Quem fez com que sua lança estivesse em sua mão justo naquele momento?

A verdadeira causa pertence, então, sempre ao mundo invisível. Se ela veio de fora, a pessoa é, ao mesmo tempo, culpada e vítima (as duas noções não se distinguem, para a mentalidade primitiva, como se distingue para nós). Se ela consiste em um princípio que habita na pessoa, esta pessoa é um porta-infortúnio, um feiticeiro e a acusação fatal não tardará a ser feita.

§3. A “má-morte”, revelação da cólera das potências invisíveis. Exemplos de pessoas atingidas pelo raio.

As mesmas representações coletivas e as mesmas pré-ligações permitem explicar fatos que parecem, inicialmente, mais misteriosos do que os precedentes. Em inúmeras sociedades, aqueles que deixaram de viver de uma certa maneira __ geralmente por morte violenta __ são objeto de um tratamento particular. Não se lhes presta as mesmas honras que aos outros. Livra-se do cadáver rapidamente e o novo morto parece excluído do grupo social, ao qual ele deveria ainda pertencer, sob a forma que comporta sua nova condição. Age-se com relação a ele como se age com relação àqueles que são para o grupo uma mácula e um perigo. Ele é rejeitado como se faz com as crianças anormais, com aqueles que trazem em si, inconscientemente, um princípio malfazejo, com os feiticeiros etc. Isso acontece porque ele teve uma "má morte", ou seja, uma morte não natural (nenhuma, ou quase nenhuma é natural, no sentido que damos a esta palavra), uma morte que é reveladora da intervenção das potências invisíveis. Ele foi golpeado por elas e, sob pena de compartilhar sua morte, é preciso se livrar dele e romper toda participação entre ele e o grupo social.

Em Bornéu, por exemplo,

> *de um culto aos ancestrais, que repouse somente sobre o medo, não se vê nenhum traço nessas tribos. Mas os nativos têm medo dos cemitérios e dos cadáveres daqueles que tiveram uma morte súbita que os assustou: daqueles que pereceram por suicídio, acidente, morte violenta, das mulheres que morreram no parto. Eles explicam essas mortes como um castigo infligido pelos espíritos, por uma falta cometida por aquele que pereceu. Nenhum culto é prestado a*

eles; esses cadáveres são simplesmente enterrados de uma maneira particular.[456]

*Aqueles que violam as regras (**adat**) divinas ou humanas caem no infortúnio ou na doença; se os espíritos ficam muito irritados, eles fazem com que os culpados sejam mortos em combate ou por acidente ou por suicídio; se forem mulheres, que elas morram no parto. Todos aqueles que pereceram desta forma tiveram uma "má morte". Não é dada a eles nenhuma sepultura honrosa.*[457]

As circunstâncias de sua morte revelam o que o Dr. Nieuwenhuis chama de sua culpabilidade e, em todo caso, a cólera das potências invisíveis contra eles. E estes os perseguem de lá do túmulo.

*Todos aqueles que morrem de uma morte que não seja por doença, perdem o privilégio de uma sepultura honrosa e, de acordo com a crença dos vivos, eles não desfrutam da vida futura no **Apu Kesio**. As almas das pessoas assassinadas, mortas por acidente ou suicídio, caídas nos campos de batalha, das mulheres mortas no parto, das crianças natimortas, chegam por dois caminhos diferentes a dois lugares diferentes, onde devem viver doravante com outros infelizes que tiveram a mesma sorte. Os cadáveres dessas pobres pessoas inspiram aos Kayans um horror particular. Por isso, eles são enrolados simplesmente em uma esteira e enterrados.*[458]

Esses sentimentos com relação à "má morte" não são encontrados somente em Bornéu. Eles são frequentes nas sociedades inferiores. Em Buin (Bouganville),

quando uma pessoa foi morta ao cair de uma árvore, pensa-se que ele foi morto por Oromrui (é o espírito mais temido). Na quase ilha da Gazela, é proibido enterrar uma pessoa que morreu assim e deixa-se o corpo no lugar onde ele caiu. Em Buin, ele é levado à fogueira na mesma postura em que foi encontrado.[459]

Como entre os Kayans de Bornéu, "aqueles que morrem de uma morte violenta, em Bouganville, são postos à parte na ordem do mundo. Este tipo de morte (morte no campo de batalha ou por acidente) passa por ignominiosa no mais alto grau".[460]

Na Austrália, diz Dawson,

há mortes que não são vingadas; são as mortes causadas por uma epidemia... as mortes naturais de meninos antes que eles tenham barba, ou de meninas antes da puberdade, ou daqueles que perdem a vida após um acidente: por afogamento, caindo de uma árvore, pela picada de uma serpente etc.[461]

Em outros termos, a má morte os priva das honras fúnebres. Na Nova Guiné alemã,

as almas daqueles que pereceram de morte violenta, por assassinato ou por acidente, permanecem nas proximidades do lugar de seu infortúnio, sobre grandes árvores e inquietam de lá os vivos. Veja, acrescenta o missionário, que confusão existe nas ideias morais dos nativos: não é o assassinato de uma pessoa que produz uma mácula, é a alma de sua vítima. Eu falo apenas das pessoas de Bongu. Segundo eles, a vítima, ou seja, sua alma, não é admitida na aldeia dos mortos. Essas almas são excluídas do repouso, vivem sobre certas árvores e

se alimentam dos piores frutos, aqueles que nem os porcos querem.[462]

Os Bassutos, na África do Sul, consideram que aqueles que morreram de fome ou são atingidos por um raio tiveram uma "má morte" e eles os tratam de forma distinta. "Não se dá sepultura às vítimas de fome"[463]. E o Sr. Casalis diz ainda, em outro lugar:

> *É penoso para mim ter que publicar o fato aflitivo de que os Bassutos não enterram jamais as pessoas mortas pela fome. É uma consequência de seu sistema religioso. Todo sepultamento, devendo ser feito com sacrifícios aos* ***barimo*** *(ancestrais), o sepultamento não lhes parece possível quando o indivíduo morto não deixou nenhum animal ou algum amigo que cuide em fornecê-lo para a cerimônia.*
>
> *Assim, em tempos de fome e de escassez completa, vemos frequentemente crianças levando o cadáver de seu pai para uma ravina, para abandoná-lo lá.*[464]

Ao motivo indicado por Casalis, acrescentam-se, certamente, outros. Se, não contentes em privar esses mortos das cerimônias e dos sacrifícios habituais, os Bassutos se recusam até mesmo enterrá-los, é porque o horror inspirado pela "má morte" é muito grande. Não se ousa nem mesmo tocar os cadáveres e, por outro lado, se eles fossem confiados à terra, irritar-se-ia os membros do grupo social cuja influência se faz sentir sobre ela e que a tornam fecunda ou estéril (os ancestrais). É melhor romper toda relação com eles. É por isso que eles são abandonados na ravina.

O tratamento é o mesmo para as vítimas do raio. Não excluí-los do grupo social o mais rapidamente possível é se expor a ser atingido também. Uma pessoa foi atingida pelo raio.

Onde ela está? Está lá embaixo, no lugar onde caiu. Uma pessoa assim não se leva para a aldeia. Eu desço até a grande estrada. Numa baixada, homens estão agrupados. Dois deles cavam um buraco... Monstram-me uma coberta velha, encharcada de chuva e suja de lama. Levantam um canto. É Tsai, ainda morno e que vai ser enterrado num instante, sem que sua avó o tenha visto, sem que seu pai e sua mãe, que estão a duas horas daqui, tenham sido avisados e tenham podido vê-lo pela última vez.

__ Porque enterrá-lo assim, tão rapidamente, antes mesmo que tenha esfriado e sem chamar seus parentes?

__ Um homem assim não se leva para a aldeia.

__ Por quê?

__ Porque o raio retornaria e mataria outras pessoas da aldeia.[465]

Esse pavor vai tão longe que os Bassutos não se expõem nem mesmo a socorrer as pessoas atingidas pelo raio. “Essa pobre gente acredita que se aproximar do lugar onde o raio caiu, sem ter feito previamente as purificações de costume, é se expor a atrair sobre seus lares um infortúnio semelhante.[466] Em 1912, o raio pôs fogo numa casa onde seis crianças e dois jovens estavam fechados.

Eles não conseguiram abrir a porta e chamaram por socorro. Seus gritos de dor foram ouvidos muito longe e durante um longo tempo. Mas ninguém ousou ir socorrê-los! Essas pobres crianças sabiam que seus pais estavam lá, a alguns passos... O teto da casa caiu subitamente. Ouviram-se mais alguns gritos dos infelizes e foi tudo. Ninguém ousou se aproximar das casas incendiadas... As pessoas, mesmo os parentes, não ousaram ir até o cemitério.[467]

Entre os Béchuanas, uma árvore atingida pelo raio sucumbe, ela também, pela "má morte" e é destruída.

> *Quando um raio atinge uma árvore nas proximidades de uma aldeia ou em seus jardins, o chefe dessa aldeia leva sua gente a extirpá-la pelo ferro e pelo fogo. Não é um trabalhinho fazer desaparecer o tronco e os ramos de uma mimosa antiga que estendeu raízes desde os tempos do dilúvio e é quase tão dura quanto o mármore, mas se coloca tanto zelo e perseverança nisso que no fim não resta mais nenhum vestígio dela.*[468]

Para que os negros se imponham uma tão rude tarefa, é preciso que as razões disso sejam muito imperiosas.

Na África ocidental, encontramos práticas semelhantes, inspiradas pelas mesmas crenças. No Daomé, "a morte de um canoeiro que se afoga ao atravessar a barra é considerada como um castigo infligido por Hou (entidade da volta da barra). Assim, o corpo da vítima é enterrado na areia do rio e alguns, dizem, jogado no mar."[469]

Entre os Mossis,

> *os suicidas são enterrados como os cães entre nós __ pois aqui todos os cães são comidos __ e os leprosos: de noite e sem cerimônias. A morte por acidente __ seja ocasionada por uma queda, por uma picada de serpente ou por qualquer outra causa __ é atribuída a um gênio do mal, que não se pode irritar prestando honras fúnebres à sua vítima. Do contrário, ele voltará a matar outro membro da família. Por isso, aqueles que morrem por acidente são enterrados sem cerimônias, sem a presença dos coveiros e não se raspa suas*

cabeças, pois Deus os chamou com seus cabelos, dizem os Mossis. Cava-se a sepultura, eles são enterrados e está feito.[470]

Entre os Waniaturus, "se uma pessoa foi morta pelo raio, dizem que foi seu castigo, porque ele era feiticeiro"[471].

Por fim, entre os Fâns do Congo francês, R. P. Trilles levantou com muito cuidado as representações coletivas e os costumes relativos à "má morte".

De nenhuma forma se admite que uma pessoa foi atingida por acidente por um raio. Em nenhum caso __ e lá, menos ainda do que em outros lugares __ o acidente é considerado como tal... A violação de um ***eki*** *é quase sempre a causa do infortúnio, no dizer dos nativos. Antes então que o corpo da pessoa atingida possa ser enterrado ou servir de fetiche, é preciso primeiramente que o feiticeiro busque as causas dessa morte e declare qual* ***eki*** *foi violado e porque essa pessoa foi atingida. Feita esta primeira constatação, duas sanções se impõem: uma para o indivíduo e outra para a tribo, o clã e, particularmente a família do morto... A família pagará, inteira e igualmente solidária, representada por seu chefe. A tribo pagará igualmente, inteira e igualmente solidária, representada pelo chefe da tribo.*

Uma segunda sanção se impõe contra o morto. Por ele ter violado um ***eki****, ele deve ser punido. O espírito já havia aplicado a sanção mais forte que pode ser infligida a um ser vivo: o crime só podia ser punido com a morte. A tribo, por sua vez, solidariamente responsável, infligirá a mais forte punição que se possa infligir ao morto: a privação dos sacrifícios funerários, primeiramente e a privação das honras*

póstumas, em seguida. Nenhuma dança, nenhum canto haverá para essa pessoa, salvo as lamentações fúnebres das mulheres no interior da casa. Seu cadáver será levado para a floresta, sem nenhuma cerimônia funerária especial com respeito a ele e será enterrado sob um formigueiro, para que as formigas destruam suas carnes o mais rapidamente possível... Seu crânio não será também conservado com os dos seus ascendentes e sua lembrança, por conseguinte, perecerá pouco a pouco. Todos aqueles que morrem por acidente e que não se pode encontrar seus crânios sofrem ordinariamente a mesma sorte.[472]

Resumindo, a "má morte", quando atinge uma pessoa, obriga, no mesmo golpe, seu grupo social a excomungá-la. Para não atrair sobre si a cólera das potências invisíveis que ela foi alvo, apressa-se a se afastar dela. Daí, a supressão das cerimônias funerárias que regem habitualmente as relações do novo morto com seu grupo e, sem dúvida também, o costume dos Fâns, que o enterram sob um formigueiro. Quanto mais rápido as carnes forem retiradas dos ossos, mais rápido também o defunto entrará em sua condição definitiva.[473]

§4. Os infelizes em perigo de morte são abandonados e, se se salvam, são excomungados. Razões místicas desse abandono.

Índice

Sendo assim, quais sentimentos haverá com relação àqueles que estão próximos da "má morte", que já quase sucumbiram, mas que, por um golpe de sorte ou um supremo esforço, parecem escapar dela e salvar sua vida? Virão em seu socorro, lhe estenderão a mão,

farão o impossível para livrá-lo da morte que já quase o levou? Um sentimento irresistível de humana simpatia, parece, deveria acontecer aqui. Um sentimento irresistível de medo e de horror leva o primitivo, quase sempre, a fazer precisamente o contrário.

Assim, no Kamtchatka,

> *outrora, se alguém caía na água acidentalmente, seria, segundo os nativos, um grande pecado (**sünde**) tirá-lo de lá. Pois ele estava destinado a se afogar e seria um erro, em seu pensamento, livrá-lo dessa morte. Por causa disso, nenhum nativo permitiria mais que ele entrasse em sua casa, ninguém mais falaria com ele ou lhe mais qualquer comida, ele não poderia mais encontrar uma mulher; ele seria considerado realmente como morto. Ele precisaria procurar a sorte longe dali ou, se ficasse na região, morreria de fome. Se uma pessoa caísse na água na presença de outras, elas não lhe deixariam mais sair dela e, pelo contrário, empregariam a força para afogá-la e para assegurar sua morte.*[474]

Pode-se imaginar uma conduta mais desumana e mais atroz? No entanto, um minuto antes que o infeliz estivesse em perigo de morte, seus companheiros estavam prontos a tudo compartilhar com ele __ suas provisões, munições, abrigo etc. __ prontos a defendê-lo se fosse preciso, a vingá-lo se um membro de um grupo inimigo lhe fizesse um mal, a cumprir, enfim, com relação a ele, como em relação a qualquer outro, as obrigações múltiplas que a estreita solidariedade dessas sociedades impõe. Ele cai na água por acidente e vai se afogar; imediatamente ele se torna um objeto de medo e de repulsa. Não apenas não se apressa a socorrê-lo, como também, se houver oportunidade dele se salvar, ele é impedido. Se ele reaparece na superfície, ele é reafundado na água. Se acontecer, apesar de

tudo, dele se salvar, o grupo social não quer admitir que ele tenha escapado. Não o reconhecem mais. É um membro excomungado. Os sentimentos que ele inspira e o tratamento que lhe dão lembram os excomungados da Idade Média.

O que acontece é que os casos deste gênero são rigorosamente comparáveis à "má morte". O que apavora a mentalidade primitiva neste caso, não é a morte em si, nem as circunstâncias materiais que a acompanham: é a revelação da ação das potências invisíveis e da falta que essa ação faz espiar. Portanto, quando uma pessoa está em vias de perecer acidentalmente, essa revelação é tão nítida e tão decisiva que é como se ela já estivesse morta. Ela foi "condenada". Pouco importa que a execução não tenha acontecido. Ajudá-la a escapar seria se tornar cúmplice de sua falta e atrair sobre si o mesmo infortúnio. O primitivo não ousará fazer isso. Lembremos das infelizes crianças que foram queimadas na casa incendiada pelo raio: os pais, que estavam a dois passos dali, não tiveram a audácia de intervir. Da parte do condenado, querer se livrar da morte é exacerbar a cólera das potências invisíveis, que vai recair, talvez, sobre os seus. É preciso, portanto, que ele morra. O acidente __ que não era acidente, já que nada é fortuito __ equivale a um tipo de ordálio espontâneo. Da mesma forma que o ordálio, em inúmeras sociedades africanas, revela o princípio malfazejo que habita em tal pessoa, aqui o acidente trai a falta que fez a pessoa ser condenada pelas potências invisíveis. Nos dois casos, essa revelação terrível determina, instantaneamente, a mesma repulsa sentimental. Em um segundo, a pessoa que era um companheiro, um amigo, um parente, torna-se um estranho, um inimigo, um objeto de horror e de ódio.

A observação de Steller não é isolada. Outros assinalaram o mesmo fato. Nansen, por exemplo, diz:

Eles (os Esquimós) se recusam a prestar socorro a alguém que é vítima de um acidente no mar, se ele parece já estar próximo da morte, porque temem que talvez ele já esteja morto quando o tocarem.[475]

Nansen explica sua desumanidade pelo medo que eles têm, em geral, de entrar em contato com cadáveres. Esta interpretação pode parecer verossímil, porque está mais próxima de nossa maneira de pensar e de sentir. Ela não é, no entanto, exata e eu mantenho simplesmente o fato, que confirma o de Steller. A mesma coisa escreveu G. Holm, com relação aos groenlandeses da costa oriental.

Eles têm tanto medo do contato com um cadáver que, se um acidente acontece, não haveria a questão de tocar ou socorrer a vítima, desde o momento em que eles julgam que não há mais esperança. Suiarkak emborcou um dia, no começo de abril, no momento em que ia desembarcar na borda de um gelo. Ele conseguiu sair de seu caiaque, mas escorregou logo em seguida. Seu pai e vários outros que se encontravam na borda do gelo quando o acidente aconteceu e que tinham corrido para seu caiaque para lhe prestar assistência, nem mesmo tentaram socorrê-lo quando ele escorregou, mesmo que pudessem vê-lo facilmente e ter-lhe estendido um remo.[476]

Os próprios detalhes desta observação provam bem que o que paralisa o pai da vítima e os outros espectadores desse afogamento não é o medo de tocar um cadáver, mas a revelação mística constituída pelo próprio acidente. Pois bastaria estender um remo ao homem que está na água. Ele seria salvo e não se teria, portanto, um cadáver. Mas como se opor à pena infligida pelas potências

invisíveis?

Diz também Holm: “Quando um homem que viajava num trenó caiu num buraco, na mesma passagem e nós o ajudamos a sair da água, fomos recebidos pelos seus como se tivéssemos feito algo heroico”. Heroísmo possível, apesar de tudo, para os brancos, que não dependem das mesmas potências invisíveis que os Esquimós. Para estes, a sentença é sem apelo. Mesmo para salvar seu filho, um pai não ousaria jamais enfrentar a condenação que o acidente revela e comprometer assim a segurança e talvez a existência de todo o grupo social.

Fatos muito semelhantes a estes foram relatados pelos primeiros observadores das sociedades da África austral. Por exemplo, entre os Cafres, pelo que conta Van der Kemp,

> *Um moribundo é, às vezes, abandonado totalmente e se acontece dele reaparecer, é preciso expô-lo uma segunda vez. Como causa de uma conduta tão cruel, eles alegam uma crença supersticiosa, segundo a qual uma doença ou outro infortúnio multiplica suas vítimas, se não se livrarem daquele que foi atingido. Pelo mesmo motivo, eles jamais socorrem alguém que se afoga, ou que se encontra em outro perigo de morte. E mais, se eles ouvem gritos de socorro, eles saem de lá o mais rápido que podem, ou mesmo jogam pedra em quem grita para acabar com ele. Até mesmo as mulheres em trabalho de parto não devem gritar, sob pena de ver todo mundo fugir e ficar sem ajuda, abandonada por todos.*[477]

Esta última característica foi também observada numa região completamente diferente, entre os Tlinkits da Colúmbia Britânica, se bem que o explorador a interprete num sentido um pouco diferente.

Eu ouvi, do alto da colina próxima de nossa casa, gemidos de dor em várias direções. Eu perguntei o motivo disso aos Tlinkit e eles me responderam que havia na floresta várias mulheres em trabalho de parto... Eles acrescentaram, como desculpa, que ninguém podia lhes prestar socorro, porque elas eram "impuras" neste estado. Assim abandonadas pelos seus, elas ficavam deitadas lá, em pleno inverno, no frio, sob a chuva, sem que seus gritos lamentáveis tocassem a piedade de um só coração.[478]

Por fim, nas Ilhas Salomão, "se um tubarão sagrado tentou pegar uma pessoa que, finalmente, conseguiu escapar de sua bocarra, os nativos ficam tão assustados que eles a jogarão ao mar para que ela seja devorada"[479]. Para explicar seu terror não é preciso supor que o tubarão seja "sagrado". Basta que a pessoa em perigo de morte seja para eles, como para os Esquimós e os Cafres, irrevogavelmente condenada pelas potências invisíveis.

§5. Os náufragos nas Ilhas Fiji *devem* ser mortos e comidos. O *taua* e o *muru* dos neozelandeses. A desgraça mística do prisioneiro. *Res est sacra miser*[480].

Índice

Dentre os "acidentes" ou "infortúnios" que, ao atingirem uma pessoa, interditam ao mesmo tempo quem lhe presta socorro e até mesmo ordenam que ela seja eliminada é preciso colocar em primeiro lugar __ em algumas sociedades, como as das Ilhas Fiji, por exemplo __ o naufrágio no mar. A regra era que os "resgatados" fossem mortos e comidos.

Aqueles que escapam a um naufrágio são supostamente

seres salvos para serem comidos e é muito raro que lhes seja permitido continuar a viver. Recentemente, em Wakaya, quatorze ou dezesseis pessoas, cuja canoa havia se perdido no mar, foram assados e comidos.[481]

Um chefe e sua gente pescavam em um recife da costa, quando uma canoa naufragou bem perto deles.

Vamos então ter alguma coisa de bom para comer, disseram os pescadores, se aproximando dos destroços. Vocês não tocarão em uma só dessas pessoas, disse o chefe (que era convertido); eu quero que eles vivam. Oh não! Responderam eles. É preciso que eles morram! Eles naufragaram.[482]

Uma canoa que pertencia a Ovalau partiu para Gau e naufragou no caminho. A tripulação se agarrou ao casco e foi levada pela corrente até à ilha onde queriam chegar. Eles chegaram lá sãos e salvos. Mas, para sua infelicidade, eles tinham, segundo a expressão nativa, "água salgada no rosto". Eles tocaram terra num lugar onde teriam sido bem-vindos se este triste acidente não lhes tivesse acontecido durante a travessia. Assim que eles atingiram a praia, eles foram abatidos, assados e comidos.[483]

Os missionários testemunhas de um costume tão cruel e, aparentemente, tão inexplicável, não deixaram de procurar as razões e a origem dele. Diz o Sr. Waterhouse:

O assassinato de náufragos é um costume reconhecido e não provém simplesmente da crueldade dos nativos. Ele é mais um produto da educação. Assim que se percebe pessoas que "nadam para a vida", prepara-se logo o forno onde serão assados. De acordo com minhas pesquisas, as vítimas desse

costume bárbaro são habitualmente nativos das Ilhas Fiji. É somente a seus infortúnios que esse cruel castigo está ligado. Considera-se os fijianos que naufragaram como abandonados pelos deuses. Massacrá-los é visto como agradável a essas divindades e até mesmo necessário... Pelo contrário, estrangeiros poderão ser socorridos. Há nas Ilhas Fiji descendentes de nativos das Ilhas Tonga que tinham naufragados.[484]

O Pe. Joseph Chevron escreveu, por seu lado:

Eu soube, de pessoas bem informadas, que aos seus olhos isso é mais do que um direito, é um dever religioso comer os infelizes náufragos que a tempestade joga na praia, seja ele seu pai ou sua mãe. Quando eles podem, eles nem mesmo esperam que o navio tenha afundado para cumprir com esse monstruoso dever para os europeus.[485]

O fijiano caído no mar não ignora a sorte que o espera se ele atinge a praia a nado. O Pastor Lyth conta a história de um náufrago que, alcançando a praia, encontrou um meio de se esconder.

Ele acabou por ser descoberto por um nativo. Ele foi até ele e insistiu resolutamente que o seguisse até à vila, mesmo que o outro preferisse muito mais ficar na estrada até que o chefe fosse informado de sua chegada... Quando eles chegaram à vila, as pessoas se reuniram prontamente ao redor de sua vítima... Eles tocaram seus olhos e disseram: "Sim. É água salgada". Ou seja: "Você caiu no mar. É preciso que o matemos"[486].

O assassinato dos náufragos era, portanto, como os missionários bem viram, uma obrigação religiosa a qual ninguém

ousaria desobedecer. Em virtude do mesmo princípio, os objetos que se encontravam na canoa perdida no mar não poderiam mais pertencer ao náufrago, se extraordinariamente ele sobrevivesse.

> *Um sacerdote de Lomaloma pôs-se em viagem em companhia de algumas canoas cristãs e naufragou. Todos aqueles que estavam a bordo se salvaram no flutuador do barco, que havia se desligado. Os cristãos souberam do sinistro, desceram até à praia e viram que a canoa do sacerdote tinha sido trazida até ali pela corrente. Eles retiraram as esteiras e os outros objetos que encontraram e os devolveram ao seu proprietário. Mas este se recusou, por algum tempo, recebê-los, alegando que era muito contrário ao costume de Fiji.*[487]

Talvez ele estivesse feliz pelo caso ter acontecido entre cristãos e de não ter expiado seu naufrágio com a morte. Em todo caso, retomando os objetos perdidos com a canoa, ele temia agravar sua falta e atrair sobre si uma nova calamidade.

Costumes semelhantes, como se sabe, são encontrados em muitos insulares e populações marítimas. Sir Spencer Saint-John diz: "Um costume muito selvagem existe nessa costa (de Bornéu). Os navios que naufragam e suas tripulações pertencem ao chefe do distrito onde o infortúnio os atingiu"[488]. O caráter místico do costume é sobretudo marcado na Nova Zelândia.

> *Um destroço qualquer ou até mesmo uma canoa e os bens de amigos ou de parentes que naufragaram ao largo de uma aldeia e que atingiram a praia, tornam-se propriedade das pessoas dessa aldeia, mesmo nos casos em que a tripulação da canoa consegue chegar inteira à terra, sã e*

salva. Mesmo nos casos em que chegaram a essa aldeia por um convite formal de seus habitantes, talvez para ali tomar parte em cerimônias de luto! Mas, o que é mais extraordinário de tudo é que esses infelizes seriam os primeiros a se sentir afrontados diante de qualquer afrouxamento dessa estranha lei; indo até à vingança com armas na mão![489]

Colenso não deixa de se espantar com esse costume que, diz ele retomando uma fórmula célebre, não está conforme nem com a razão nem com a humanidade. Mas, à luz dos fatos precedentes, ele se torna inteligível. O acidente revelou que os náufragos são vítimas da cólera das potências invisíveis, que lhes fazem expiar, sem dúvida, uma falta. O dever não é livrá-los disso; isso seria perigoso, ao mesmo tempo para os temerários que se arriscassem a isso e para os próprios náufragos, que continuariam assim sob a ameaça de um infortúnio, talvez mais grave, suspensa sobre suas cabeças, pois aquele que os atingiu foi interrompido e impedido. Portanto, é preciso que eles sejam espoliados de seus bens. Qualquer intervenção de ajuda lhes é funesta, mesmo que bem intencionada e eles a repelirão, se for necessário, com o uso da força. A única intervenção aceitável é aquela que assegure a execução da sentença que foi proferida contra eles, como quando os Esquimós afundam na água os infelizes meio afogados que procuram se salvar.

Lembremos daquele nativo da Nova França, que se viu em um sonho caído em poder de uma tribo inimiga e que, no dia seguinte de manhã, suplicou a seus amigos que o atassem ao poste e lhe fizessem sofrer as torturas que se aflige aos prisioneiros. Seus amigos não hesitem em lhe prestar esse favor e ele teve tantas queimaduras que precisou seis meses para se curar. Mas ele tinha se visto, em sonho, atingido por um infortúnio e como o sonho é verídico, ele se

considerou como condenado pelas potências invisíveis e seus amigos o ajudaram a sofrer esta condenação. Pois bem! Naufragar, como ser feito prisioneiro pelo inimigo, é uma revelação da cólera das potências invisíveis. Desde então, o dever e o interesse do náufrago querem que ele seja espoliado de seus bens. É uma obrigação de seus amigos ajudá-lo. Sua conduta, apesar das aparências, está "conforme com a razão e a humanidade".

Além do mais, esse costume não se impõe somente em caso de naufrágio. Todo acidente grave __ e a morte, em particular __ pode dar lugar a ele. Por exemplo, entre os Maoris, da Nova Zelândia,

> *quando morria um chefe, um **taua** (um bando de saqueadores) chegava e espoliava a família de tudo o que ela possuía em víveres e outros bens móveis, arrancando as colheitas da terra, se apoderando dos porcos domésticos e os matando com golpes de lança, devorando-os no lugar ou levando-os. Se, porventura, a família não fosse assim espoliada, ela não deixava de se ressentir profundamente por causa disso, tanto por causa da humilhação (ou seja, pelo fato de que não se preocuparam com ela) tanto por causa da violação do tabu, que se negligenciou observar. Da mesma forma, em caso de uma violação qualquer do tabu, de um erro ou de uma falta, real ou suposta, era certo ver chegar o **taua** e sua visita era geralmente amigável. O bando era formado rapidamente com os parentes mais próximos e os vizinhos do culpado. Pois, como era preciso que ele fosse multado e espoliado, era melhor que isso fosse feito por eles do que por outros. Desta maneira, seus bens não passariam inteiramente para estranhos.*[490]

Esta observação é particularmente preciosa. Ela não confirma

somente a precedente; ela mostra seu sentido. Não ressalta, dos termos empregados por Colenso, que o *taua* é considerado como igualmente necessário, que a família que o sofre foi atingida por um infortúnio ou por uma morte ou que ela tenha violado um tabu? A razão do costume é idêntica nos dois casos, porque os dois implicam nas mesmas representações coletivas. O infortúnio é a revelação de uma falta; ele equivale a uma falta e deve ser expiado como ela.

Nos primeiros tempos da colonização, o costume do *taua* foi aplicado aos brancos como aos nativos e, naturalmente, eles não entenderam nada. Escreveu Earle, em 1827:

> *Esse sinistro (um incêndio) nos fez conhecer outro de seus costumes bárbaros: todas as vezes que um infortúnio acontece a uma comunidade ou a um indivíduo, todos, incluídos os amigos de sua própria tribo, caem sobre ele e o espoliam de tudo o que lhe resta. Como um peixe infeliz que, assim que o arpão o atingiu, é rodeado e devorado pelos outros, da mesma forma, na Nova Zelândia, quando um chefe é morto, seus amigos pilham os bens de sua viúva e de seus filhos que, por sua vez, maltratam e massacram seus próprios escravos. De forma que, um único infortúnio é a origem de múltiplas crueldades. Durante o incêndio, nossos aliados nativos se mostraram os mais ativos e os mais hábeis dos ladrões e, no entanto, até aquele dia, nós nunca tínhamos perdido um só objeto, mesmo com tudo o que possuíamos ao seu alcance.*[491]

É muito claro que não se trata aqui de um roubo, da mesma forma que, quando se espolia totalmente os náufragos não se trata de pilhagem. Os neozelandeses se encarregam de um dever sagrado com relação aos seus aliados e, se faltassem a isso, acreditariam

merecer suas reprovações ou mesmo pior. O sinistro revelou que os europeus estão na situação perigosa de pessoas atingidas por potências invisíveis por causa de uma violação de tabu. Para tirá-los dessa situação é preciso que a condenação seja executada até o fim e seus amigos não poderiam se omitir em espoliá-los.

O Sr. Elsdon Best pôde também testemunhar fatos semelhantes. Diz ele:

> *O velho costume do **muru** desapareceu rapidamente. Mas, outrora, ele era observado com rigor. Ele acontecia de diversas maneiras. Por exemplo, se alguém era vítima de um acidente ou de um infortúnio, formava-se uma tropa de membros de sua tribo que se punha a espoliá-lo e aos seus, de todos os seus bens mobiliários. Isso era praticado também por ocasião da morte de alguém e sua família perdia, assim, todos os seus víveres etc. A tropa espoliadora se apoderava dos bens e os levava e fazia isso de uma forma muito brutal.*[492]

> *Nessa aldeia florestal nós tivemos a oportunidade de assistir ao velho costume chamado **muru** ou **kai taonga**. Ele consistia em tomar à força ou em exigir uma indenização por um infortúnio ou uma perda experimentada pela pessoa de quem se exigia isso. Uma jovem dessa aldeia tinha sido vítima de agressão poucos dias antes e nossos companheiros exigiram uma indenização. Que pessoas sejam consideradas como obrigadas a pagar porque tiveram o privilégio de serem atingidas por um infortúnio; eis um problema muito difícil de resolver para um europeu, mesmo que ele pareça muito simples aos olhos de um Maori.*[493]

Ele não é, no entanto, insolúvel. O *muru* do Sr. Elsdon Best

não é, evidentemente, outra coisa que não o *taua* descrito por Earle e por Colenso em termos muito mais nítidos, porque no seu tempo o costume ainda estava em pleno vigor. Ele é tão pouco misterioso que Colenso viu muito bem seu sentido e o aproximou, com justa razão, das sanções ligadas à violação de um tabu.

Cair nas mãos do inimigo e ser feito prisioneiro é uma infelicidade comparável, em seus efeitos, a naufragar, a ser atingido por um raio etc. Este fato revela __ como os precedentes __ a cólera das potências invisíveis, sem dúvida irritadas por uma falta da vítima. Ele inspira, a seu respeito, os mesmos sentimentos. Assim, na Nova Zelândia,

> *um escravo, se fosse hábil, ativo, engenhoso e zeloso no serviço aos seus novos donos, estava certo de crescer e adquirir influência. Mas, por mais alta que fosse sua posição em sua própria tribo, jamais ele poderia reconquistar a menor autoridade nela, se lhe fosse possível retornar... Isso não é difícil de compreender se pensarmos que, na opinião de sua tribo, se ele caiu na escravidão, isso foi por causa da cólera dos* ***atua*** *(espíritos). Ao se tornar escravo, ele perdeu seu* ***tapu*** *(sua dignidade mística). Ter piedade dele, devolvendo-lhe sua posição, seria se expor à ação dos* ***atua****, o que os Maoris temem acima de tudo.*[494]

Earle já havia dito: "Se um escravo consegue retornar à sua região, ele é tratado nela com desprezo"[495]. A mesma coisa na América do Norte,

> *se alguém de uma nação, mesmo um guerreiro, é feito prisioneiro e adotado como escravo, se ele consegue escapar e retornar aos seus, estes não o receberão e não o reconhecerão*

mais como um dos seus.[496]

> *Se homens da tribo são feitos prisioneiros e transformados em escravos (Shimshians da Colúmbia Britânica), que eles jamais retornem, porque perderam a confiança da nação. Por outro lado, os nativos jamais usarão da influência que eles possam ter em uma tribo vizinha para libertar seus parentes prisioneiros.*[497]

Vemos aqui facilmente a razão disso. Foi o que Colenso percebeu muito bem entre os neozelandeses e que se impõe em toda parte à mentalidade primitiva.

Aos seus olhos, o infortúnio desqualifica. Aquele que foi atingido por ele é, no mesmo golpe, desvalorizado moralmente. Objeto da cólera das potências invisíveis, ele se torna um perigo para os seus e para o grupo social. Afasta-se dele. Assim, os missionários tinham, inicialmente, sido bem acolhidos em Tanna (Novas Hébridas). Mas vários infortúnios os atingiram.

> *Os nativos tiveram piedade deles durante sua doença, mas se mostraram totalmente arredios, dali por diante, para escutar seus ensinamentos ou ter qualquer relação com a nova religião. Eles atribuíam o fato de que os professores tinham ficado doentes e dois deles terem morrido, à cólera de Alema, seu deus principal e concluíram que seu deus devia ser mais poderoso do que o dos professores. Por consequência, estes foram inteiramente abandonados durante vários meses e se viram em grandes problemas.*[498]

Res est sacra miser. Esta fórmula exprime exatamente o que o primitivo imagina e sente diante de um infortúnio, com a condição que se dê à palavra *sacra* seu sentido pleno. Não “digno de respeito

e cuidados", mas "colocado num estado especial que proíbe que se aproxime dele e que se o toque". O missionário Casalis encontrou termos felizes para expressar esta ideia. Diz ele:

> *Na linguagem dos naturais,* ***felicidade*** *e* ***pureza*** *são sinônimas. Quando um Bassuto diz que seu coração está* ***negro*** *ou* ***sujo****, isso pode igualmente significar que seu coração está* ***impuro*** *ou* ***aflito*** *e quando ele diz que seu coração está* ***branco*** *ou* ***limpo****, só uma explicação pode mostrar se se trata de inocência ou de alegria. Nossos primeiros convertidos não entendiam que não é, de forma alguma, profanação, se aproximar da mesa sagrada quando eles estavam aflitos... É o sofrimento e são os acidentes de toda espécie aos quais a humanidade está sujeita que se considera como uma* ***mácula*** *e que levam este nome.*[499]

§6. Indiferença aparente pelos doentes cujo estado é grave. Não se ousa alimentá-los nem cuidar deles. Eles são objeto da cólera das potências invisíveis (Taiti). Crenças e práticas dos neozelandeses a este respeito.

Índice

Quase em toda parte nas sociedades primitivas, a doença, quando é grave e prolongada, assume o aspecto de uma mácula ou de uma condenação. Aquele que é atingido por ela é, portanto, olhado como *res sacra*. Deixa-se de cuidar dele, ele é tratado com uma indiferença que nos parece desumana (e que é, na realidade, pavor) e, por fim, ele é abandonado. Essa conduta com relação aos doentes geralmente intrigou os observadores. O Pe. Gumilla, por exemplo, exprime seu embaraço nos seguintes termos:

> *Eu jamais pude saber como, na cabeça dos nativos (e eu*

falo aqui de todas as nações com as quais me relaciono), entram em acordo e se conciliam, de um lado o grande amor que os pais demonstram pelos filhos, a afeição forte ou fraca que os esposos têm um pelo outro e, por outro lado, a indiferença que vai até o abandono completo, pelas mesmas pessoas, quando elas estão doentes. E mais: como conciliar essa indiferença, tão bárbara e tão desumana que, quando se testemunha isso, custa-se a acreditar, com as lágrimas, os lamentos e as demonstrações de dor tão vivas que eles expressam nos enterros e nas cerimônias fúnebres?

Isso vai tão longe que, até mesmo quando o doente ou o moribundo é o dono da casa e o pai de uma família importante, que depende dele inteiramente, ninguém se ocupa com ele. Se ele come ou não, bebe ou não, ninguém se preocupa. A atitude desses pagãos dá a entender, ou que eles são insensíveis, ou que eles desejam a morte do doente. No entanto, é claro que nem uma coisa nem outra são verdadeiras. Quando chega a hora da refeição, eles colocam, diante da rede onde o doente está deitado, os mesmos alimentos que eles dão aos outros. Se ele come, está bom. Se ele não come, está bom também. Jamais, durante toda a doença, o doente ouve uma palavra de conforto, nem vê alguém que o encoraje a engolir um bocado... É de se acreditar que eu exagero; mas, quaisquer que sejam as palavras que eu empregue, nenhuma descreverá a seca ingratidão desse ambiente impiedoso.[500]

No entanto, o próprio Pe. Gumilla reconhece que essa insensibilidade é apenas aparente. Se, portanto, os nativos, a partir de um certo momento, não dão mais nenhuma atenção aos seus

doentes, é porque esses cuidados lhes parecem dali por diante inúteis, ou porque uma preocupação mais forte do que sua simpatia se opõe a que eles o façam. É, com efeito, o que acontece, em um grande número de tribos. No Paraguai,

> *que o doente pertença à classe mais baixa ou que ele seja cacique ou capitão, respeitado e temido, o médico não tem mais o que fazer e os outros não cuidam mais dele. Se o doente dorme ou não, se ele come ou não, pouco importa. Levam-lhe um pouco do que os outros comem. Se ele o afasta, por falta de apetite, se ele diz "Não tenho fome", não se insiste... O máximo que faz a compaixão natural das pessoas da casa é afastar as moscas que pousam no rosto do doente. Se ele reclama, pronunciando a interjeição comum Ai!, respondem-lhe com alguma palavra afetuosa...* [501]

De acordo com este testemunho, a falta de cuidados é completa, como entre os nativos do Orinoco, mas isto não provém da indiferença, pois a afeição do grupo pelo doente aparece um pouco. Spix e Martius notaram simplesmente que não se alimenta os doentes. "O meio mais enérgico que se emprega em inúmeras doenças é a dieta absoluta; eles a levam ao grau mais extremo, geralmente com vantagem nas doenças agudas, mas, com efeito contrário, nas doenças crônicas.[502] Mas, numa outra obra, Von Martius, após ter falado da "natureza diabólica" da doença, segundo os nativos, assinala sua atitude com relação aos doentes e indica suas razões.

> *Quando a causa da doença não é totalmente evidente, aquele que é atingido por ela é considerado dali por diante como um outro ser, que não tem mais com sua família as*

mesmas relações de antes; ele é um possuído, que caiu em poder das potências inimigas. Ele sofre de um mal que somente sua força pode salvá-lo, com a ajuda talvez de algumas forças naturais. Seu contato tem qualquer coisa de inquietante e de perigoso. Desta forma, ele é abandonado o mais possível a ele mesmo, ou se afasta dele com pavor.[503]

Um observador recente, o Sr. Grubb, também foi testemunha dessa indiferença aparente e desse abandono entre os Lenguas do Grande Chaco.

Por mais tempo que se tenha que esperar a cura, o mágico e os amigos do doente lhe prestam a maior bondade e fazem por ele tudo o que podem. Eu presenciei inúmeros casos em que seus cuidados eram tão atentos e tão ternos quanto possível, na medida em que seus conhecimentos limitados o permitiam. Mas, uma vez toda esperança perdida, o próprio doente, o mágico e os próximos desistem de lutar. O doente é considerado quase como morto de fato e quase não se dá mais atenção a ele. Quando a morte é eminente, o moribundo é levado da aldeia e deitado ao ar livre, com uma esteira jogada sobre ele, mesmo que ele não tenha de forma alguma perdido a consciência. Nesse momento não se preocupa mais com nada que o incomode. O tórrido sol do meio-dia pode cair de cheio sobre ele... a chuva tropical o inundar, ou, talvez, o vento frio do sul o congelar... Bem perto dele são feitos os preparativos com vistas a uma partida rápida (para seu enterro). Nem uma palavra de ternura, nem uma mão amigo sobre a sua... Geralmente a sede o tortura, mas ninguém atende suas necessidades. E, no entanto, a morte de seu amigo lhes causa tristeza. Ele lhes fará falta, eles chorarão sua

perda. Mas sua cruel crença sufoca todos os sentimentos naturais.[504]

A crença cruel a qual faz alusão o Sr. Grubb consiste em pensar que os infortúnios mais apavorantes acontecerão, se um morto ficar sem ser enterrado antes que o sol se ponha. Sua presença no meio deles durante a noite inspira um terror louco. Eles têm, portanto, sempre pressa em acabar com isso. Geralmente, um moribundo, segundo eles, já está morto. (Para muitos primitivos, a vida cessou antes que a respiração se interrompa completamente e que o coração deixe de bater). Nesse momento, os Lenguas só pensam em se livrar do morto e seu pavor não dá lugar a nenhum outro sentimento. Mas, no período, geralmente longo, que decorre entre o dia em que toda esperança se foi e a agonia, se o doente é abandonado, se isso parece indiferença às suas necessidades e aos seus sofrimentos, é, evidentemente, outra "crença cruel" que está em causa. Não se ousa aproximar dele, por mais piedade que se tenha para com ele, porque ele representa um grande perigo, porque, como o homem que caiu no Kamtchatka, como a mulher que vai morrer com as dores do parto entre o Tlinki, como o homem atingido pelo raio na África do Sul, como os náufragos das Ilhas Fiji, ele é, dali por diante, *res sacra*. Em todos estes casos, a aparente insensibilidade do grupo se explica pelas mesmas razões.

Que a doença grave, incurável, seja também uma das formas de "acidente", de "infortúnio" que revela a cólera das potências invisíveis contra aquele que foi atingido, entre certos nativos da América do Sul, é permitido concluir da conduta que eles manifestam com relação aos seus doentes. Mas, para outras sociedades, mais avançadas e onde as potências invisíveis possuem um aspecto mais ou menos antropomórfico __ para certas sociedades

polinésias, por exemplo __ os testemunhos acima são formais. Aqui apresentarei alguns, escolhidos entre os mais característicos.

Diz Ellis,

> *Assim que um indivíduo é acometido por uma doença ele era considerado como maldito pelos deuses. Pensava-se que, seja por ter cometido um crime ou pela influência de um inimigo, ele havia se tornado objeto de sua cólera, sendo a doença a consequência disso. Essas ideias sobre a origem da doença tinham uma tendência a sufocar todo sentimento de simpatia e de compaixão e a afastar todo mundo desses atos de bondade que são tão preciosos para os desafortunados e que trazem um abrandamento aos seus sofrimentos. A atenção dos pais e dos amigos do doente era voltado para os deuses. Faziam-se os maiores esforços para apaziguar sua cólera através de oferendas e, para estancar sua cólera, faziam-se preces e encantações. Os remédios simples que lhe eram administrados eram vistos mais como o veículo ou o intermediário pelo qual o deus agiria, do que possuindo em si algum poder para estancar o progresso da doença. Se as preces, as oferendas e os remédios fossem inúteis, pensava-se que os deuses estavam implacáveis e que o doente estava condenado (**doomed**) a morrer. Supunha-se então que ele havia cometido algum crime atroz.*[505]

E, em outro lugar:

> *Acreditava-se que toda doença era o efeito de uma força sobrenatural imediata. Eram os deuses que a infligiam, por alguma violação de tabu que os doentes eram culpados ou por causa de oferendas feitas por um inimigo para causar sua*

perdição. Daí, provavelmente, resultava em grande parte o abandono de seus doentes e a maneira cruel como que eles eram tratados... Eles bem que admitiam possuir venenos que, misturados com os alimentos, produziam convulsões e a morte, mas estes efeitos advinham mais, segundo eles, da cólera da divindade, que agia por intermédio dessas substâncias, do que da substância propriamente. Aqueles que morriam por terem comido peixes venenosos, morriam por causa da ação das divindades que, pensavam, haviam entrado nos peixes ou os tinham tornado venenosos... Aqueles que eram mortos em batalha também eram considerados como mortos pela ação das divindades, que, segundo os nativos, haviam realmente entrado nas armas de seus inimigos. Por causa disso, aqueles que morriam subitamente eram, diziam, levados pelos deuses.[506]

Esta linguagem é de uma nitidez perfeita. Se não se faz nada pelos doentes é porque acham que os cuidados não terão a menor utilidade. O doente foi atingido pelos “deuses” e a única maneira de salvá-lo seria obter desses deuses o apaziguamento e sua graça. Se fosse tentado combater o mal diretamente __ se bem que os nativos não saberiam fazer isso, dadas suas ideias sobre a saúde e a doença __ contrariando as vontades dos deuses, isso os exasperaria e agravaria ainda mais o estado do doente e atrairia a cólera divina sobre novas vítimas. Preces, oferendas, súplicas, encantações, sacrifícios; não há outra terapia possível em tais casos. Por outro lado, a cólera dos deuses é atribuída, seja à ação de um inimigo que os engajou à sua causa, seja a uma transgressão. A gravidade do crime faz a da doença. Se esta é mortal, é preciso então acreditar que o crime era irremissível. Neste último caso, o medo sufoca

amplamente a piedade.

Uma quantidade grande confirma os de Ellis. Assim, nas Ilhas Wallis,

> *esses povos pensam que toda doença advém dos deuses irritados. Logo, se apressam a dobrá-los através de oferendas de* ***cava****. Para isso, eles levam seus doentes até algum chefe, como se sua autoridade tornasse sua intercessão mais agradável á divindade.*[507]

Em Futuna,

> *nossos insulares só veem nas doenças e nas enfermidades um efeito da ação celeste. Assim que alguém cai doente, eles correm até a casa da divindade que quer comê-lo. Leva-se à essas casas, frutas, tecidos e, algumas vezes, os objetos mais preciosos, a fim de apaziguar o mau gênio através de oferendas.*[508]

Em Samoa, pelo contrário, Turner louva muito a humanidade dos nativos.

> *O tratamento aos doentes era como hoje em dia, invariavelmente humano como se podia esperar. Jamais lhes eram negados o alimento que desejavam, se estivesse em poder dos seus provê-lo. Se a doença se agravasse, enviavam-se mensagens para os amigos distantes, a tempo para que eles pudessem vir dar adeus aquele que iria desaparecer.*[509]

Se fosse assim, os nativos de Samoa constituiriam, sem nenhuma dúvida, uma exceção. Os missionários e os viajantes atestam, quase sempre, o contrário. Na Ilha Savage, por exemplo,

> *a maneira de tratar os doentes era muito cruel. Eles*

eram levados até à mata, colocados numa tenda improvisada e abandonados ali, para se restabelecerem ou morrerem. Seus parentes lhes levavam do que comer, mas ninguém permanecia junto a eles. Esse costume provinha do horror extremo que a doença lhes inspirava.[510]

Foi talvez entre os Maoris da Nova Zelândia que se viu melhor como o abandono do doente e a insensibilidade aparente dos seus, nasciam da representação mística da doença. Diz o Pe. Servant:

Para as doenças internas não se conheciam remédios. Quem fosse atingido por elas caía desesperado por terra e ia consultar um sacerdote maori, para saber se podia contar com alguma chance de saúde... Se os augúrios eram desfavoráveis, o sacerdote declarava que o doente ia morrer. Daí em diante recusava-se a ele qualquer alimento, sua família o abandonava e ele era deixado nas garras da divindade que, acreditavam, devorava suas carnes e suas entranhas. Desta forma, o presságio do sacerdote supersticioso não deixava nunca de acontecer, pois o doente morria sempre, se não fosse pela doença, pelo menos de fome.[511]

Jamais se ousava dar-lhe alimento porque o *atua* (a divindade) havia se instalado em seu estômago e, por causa disso, o estômago e o próprio paciente haviam se tornado *tapu* (tabus).

A mulher mais jovem de Tipi, o principal chefe do lugar, sua favorita, caiu doente hoje. Conforme o costume dos nativos em tal caso, ela foi transportada de sua casa para uma casa descoberta nas proximidades e ela se tornou ***tapu****, de sorte que não devia mais comer...*[512]

A descrição mais precisa desses costumes é, talvez, a de J. L.

Nicholas.

> *Assim que uma pessoa atingiu uma certa fase de sua doença, considerava-se que o infeliz havia sido objeto da cólera do* ***Etua*** *(espírito). Incapazes de dar conta do mal e muito menos de remediá-lo, os nativos só podiam ver nisso um castigo sobrenatural, infligido por uma justiça distributiva, à qual seria ímpio se opor através de expedientes humanos. Por isso, de um pobre infeliz que, se recebesse alguns cuidados simples, poderia voltar logo à saúde, ele passa a ser um condenado por essa horrível superstição a perecer no meio dos seus, sem que nenhum esforço seja feito para curá-lo.*[513]

Enquanto se tratar apenas de uma indisposição mais ou menos anódina, é lícito aliviar o paciente por todos os meios que se dispõe e de ajudá-lo a se restabelecer. Mas, se o mal dura e se agrava, a cólera das potências invisíveis não pode ser desconsiderada e o doente se torna *tapu*. Nicholas assistiu ao longo suplício de um chefe neozelandês que levou semanas para morrer.

> *Eles exigiram que nenhum socorro humano lhe fosse fornecido pelo tempo que ele continuasse a viver. Sua razão para colocar o pobre homem sob essa horrível interdição era que eles acreditavam agora que o* ***Etua*** *estava totalmente resoluto em fazê-lo morrer e que, com esse objetivo, ele estava definitivamente estabelecido em seu estômago, de onde nenhuma força mortal deveria se arriscar a afastá-lo. O* ***Etua*** *não deixaria mais o lugar e ficaria lá, agravando as torturas do paciente até o momento em que ele julgasse conveniente para por fim à sua existência... Os parentes mais próximos de Duaterra, mesmo demonstrando os mesmos sinais de*

sofrimento profundo e da maior amargura, não estavam menos de acordo com o resto de sua casa em privá-lo dali por diante de qualquer socorro... e o abandonaram totalmente às vontades do ***Etua****, só se preocupando com os preparativos para o enterro.*[514]

O viajante pede notícias do doente. Respondem-lhe que

o ***Etua*** *está agora em vias de devorar os intestinos do chefe e que este morrerá assim que o* ***Etua*** *tiver terminado. Esta convicção, mais do que o mal em si, apressa o fim dos doentes na Nova Zelândia. Logo que os sintomas começam a parecer perigosos, pensa-se que um remédio, qualquer que seja, seria ímpio. E, por mais aflitos que eles estejam pela perda de um de seus parentes, eles não ousarão jamais a murmurar contra o abutre místico que o fez perecer, corroendo-o.*[515]

Um missionário católico diz a mesma coisa:

Parece certo que um doente não pode escapar do mal que o atingiu? Seus parentes lhe recusam, às vezes, qualquer tipo de alimento. Após terem razoavelmente arranjado seu leito, eles se retiram e o abandonam, sob o pretexto de que ***seu deus o come****. Esta maneira de falar é tão familiar aos oceânicos que os ouvimos dizer, por qualquer coisa: "Fulano morreu na guerra. Beltrano* ***foi comido pelo deus****", ou seja, morreu por causa de uma doença. Apesar desta aparente dureza de seu coração com relação aos enfermos, não acredite que nossos insulares sejam insensíveis à perda de seus próximos e de seus amigos. O antigo costume de pranteá-los, arranhando os membros e o rosto, está longe de estar*

abandonado.[516]

Porque o *Etua* (espírito, deus) decidiu que um infeliz morreria desta forma? As razões dessa "condenação", nós já vimos, podem ser diversas: em primeiro lugar se coloca a violação de um tabu. Eis uma observação, recolhida também na Nova Zelândia, que mostra nitidamente a pré-ligação entre essa violação e uma doença mortal.

> *Rangitatau, jovem filha de Rotorua, que tinha vivido algum tempo na missão de Otawhao, se casou e teve uma filha. Uma noite em que ela estava de visita na casa de Taramatakitaki, um grande chefe, ela teve frio e pegou emprestado um casaco para se cobrir. Os insetos a atormentaram tão forte durante a noite que, segundo o hábito dos nativos, ela os pegou e os comeu. No dia seguinte, seu bebê caiu doente. Ela atribuiu isto ao fato de ter comido os insetos sagrados que se encontravam no casaco do chefe, o que era* ***tapu****. Os* ***atuas*** *estavam ofendidos e eles a puniam tornando sua filha doente. O estado do bebê se agravou e a mãe a estrangulou, convencida de que ela estava enfeitiçada (****bewitched****).*[517]

O ato nos parece, inicialmente, inacreditável. Mas a mãe sabia que sua criança estava perdida. Na medida em que a doença fosse progredindo, a cólera dos *atuas* se revelaria implacável. De que adiantaria e como lutar? Seria até mesmo permitido alimentar a pequena vítima? É de se lembrar a confissão daquele nativo de Nias, que matou sua irmãzinha, sob ordem de seus pais desesperados, porque o "sacerdote" lhes afirmou que ela não poderia viver, por causa de uma violação de tabu cometida por seu pai antes do nascimento da criança.

Enquanto a doença não assumiu um caráter mortal, espera-se que as potências invisíveis não se mostrem inexoráveis e faz-se de tudo para dobrá-las. Da mesma forma que uma família europeia gastará até seu último centavo por um doente, com remédios, cirurgiões e farmacêuticos, os primitivos se desfarão de tudo o que possuem para consultar adivinhos e fazer oferendas e sacrifícios.

Nas Ilhas Fiji,

> *Ao verem seu pai ou sua mãe em perigo de morte, eles não hesitam em cortar a primeira falange do dedo anular, para apaziguar a ação de suas divindades e se a saúde não retorna ao doente após essa primeira oferenda, eles se mutilam de novo, cortando em cada crise uma falange a mais, amputando sucessivamente todos os seus dedos e até mesmo o punho, convencidos de que, com este último golpe, a vingança dos deuses será satisfeita e a cura infalível... Quase todos os selvagens que eu vi em Viti Levou estavam privados de um ou dois dedos.*[518]

Na África do Sul, as mesmas representações coletivas levam à mesma forma de agir.

> *Quando os nativos (Bassutos) estão seriamente doentes, nós os encontramos deitados sob o sol, mal cobertos com um velho cobertor furado, privados de qualquer cuidado inteligente e afetuoso. Seus mais próximos parentes parecem ter medo deles, ou então eu suspeito que a preguiça os faz temer a fatiga que causa o doente dos quais eles se mantém à distância.*[519]

A verdade é que, como acontece em outras sociedades primitivas, eles têm medo do contato com os doentes, que eles

julgam “condenados”. O Sr. Casalis viu bem que esses doentes são incluídos pelos Bassutos na vasta categoria das *res sacræ*.

> *A morte e tudo o que a precede ou a segue imediatamente é, aos olhos desses povos, a maior de todas as máculas. Desta forma, os doentes, as pessoas que os tocaram, sepultaram um cadáver ou lhe cavaram uma sepultura, os mais próximos do morto, os assassinos, os guerreiros que, em combate, mataram seus adversários, são considerados impuros. São tratados também desta forma os animais apreendidos do inimigo, a aldeia onde grassa uma epidemia, as povoações em guerra ou tomadas por uma adversidade, o trigo atacado pela praga ou devastado pelos gafanhotos e as casas dos indivíduos atingidos pelo raio.*[520]

Esta última enumeração compreende alvos da cólera das potências invisíveis; as doenças que parecem não ter cura são similares a eles.

As pessoas atingidas de cegueira não são abandonadas, em geral, mas, como o infortúnio desqualifica, elas caem muito baixo. Entre os Béchuanas, seja ela até mesmo um dos principais chefes, quando uma pessoa tem a infelicidade de ser atingida pela cegueira, ela não é mais considerada, por assim dizer, um ser vivo. Diz-se dela: *oshule*, está morta.

> *No entanto, eles cuidam de seus cegos, ou seja, lhes dão de comer e de beber, mas não lhes prestam mais os respeitos e a honra que lhes prestavam antes. Um Mochuana me disse há pouco: “Entre nós, se alguém se torna um cego, nós o mandamos se sentar com as mulheres e ele não entra mais nos conselhos dos homens. No entanto, nós não lhe recusamos*

comida. Nisto nós somos melhores do que os Korannas que, quando mudam de lugar, nunca levam os cegos, que são deixados num cercado com um pote de leite, que mal dá para uma ou duas refeições".[521]

Os feridos são tratados como os doentes e pelas mesmas razões místicas. Em particular, os nativos feridos por animais ferozes (que não são, nesses casos, animais comuns, mas instrumentos, seja de um feiticeiro, seja da cólera das potências invisíveis) inspiram medo e se afasta deles.

Em todos os Béchuanas que eu visitei, prevalece o costume de afastar das vilas e aldeias as pessoas que foram feridas. Dois jovens que haviam sido feridos por flechas envenenadas dos Bosquímanos, foram assim afastados de Kuruman. Eu fui vê-los... e eu me perguntei sobre a razão que os levava a agir assim, mas não consegui saber, senão que era o costume. Esse costume desumano expunha a um grande perigo o ferido, geralmente sem condições de se defender, pois, se não fosse bem guardada durante a noite, sua desconfortável cabaninha, ou melhor, seu simples abrigo contra o sol e o vento, poderia ser atacado por uma hiena ou um leão. Pouco antes de minha chegada, uma desgraça deste tipo havia acontecido entre os Barolongs. O filho de um dos principais chefes, um belo jovem, tinha sido ferido por um búfalo. Segundo o costume, ele foi colocado fora da aldeia, na espera de que fosse curado. Todo dia lhe levavam comida e uma pessoa se encarregava de lhe acender o fogo à noite. Um dia, o fogo se apagou e o homem, sem defesa, apesar de seus gritos terríveis, foi levado por um leão e devorado. Pensar-se-ia que talvez este costume tenha se originado na ideia de

evitar as doenças contagiosas, como a lepra. Mas, o único indivíduo que eu vi atacado por esta doença não foi isolado.[522]

Seria possível pensar que este chefe expôs seu filho, de coração leve, a um perigo tal? Porque se deveria se conformar com esse costume? Moffat indicou __ talvez sem o saber __ a solução desta dificuldade, ao falar de contágio. Trata-se mesmo, com efeito, para os Béchuanas, de evitar um; mas é um contágio místico. O acidente é uma revelação. Se o filho do chefe foi ferido pelo búfalo, é porque ele foi "condenado" (*doomed*), seja por um feiticeiro, seja pelas potências invisíveis; por exemplo, pelos ancestrais ofendidos. Talvez __ mesmo que Moffat não o tenha dito e, provavelmente, não o tenha sabido __ eles tenham recorrido à adivinhação para escolher entre as diferentes hipóteses e tenham sabido que o ferido havia atraído para ele a cólera das potências invisíveis através da violação de um tabu, ou por alguma outra desobediência aos costumes. Neste caso, não apenas ele foi atingido, mas ele se tornou *res sacra* e, como tal, carrega o mal. É preciso, portanto, isolá-lo, até que sua cura prove que essa cólera foi apaziguada.

Paralelamente, entre os Cafres,

um lobo entrou numa cabana e levou uma linda menininha que dormia bem debaixo da porta. Os gritos da criança atraíram os homens e o lobo foi obrigado a largar sua presa. No entanto, a bochecha da criança tinha sido horrivelmente dilacerada pelos dentes do animal e pensou-se que era preciso abandoná-la, de acordo com o costume, como tendo poucas chances de sobreviver.[523]

Em Madagascar, entre os Sakalaves,

se o acidente acontece (se uma pessoa é ferida por um

*crocodilo), ela é presa e acusada; certamente ela cometeu algum crime contra os ancestrais ou desdenhou de um **fady** (tabu). É uma triste coisa ser mordido por um crocodilo. Eu vi dois exemplos destes até o presente... O infeliz ferido arrisca morrer no lugar, pois é considerado como um maldito. Ele deve mesmo se esconder, não se mantém relações com ele e, uma vez curado, ele não deverá falar de seu acidente. Ele foi marcado pelos espíritos e lhe custaria caro lembrá-los disso.*[524]

Por causa do seu ferimento ele foi excomungado, como o homem que caiu na água no Kamtchatka. Da mesma forma também, na Guiné francesa, diz o Sr. Madrolle:

*quando, por acaso, um leopardo ou um crocodilo mata alguém numa aldeia, essa aldeia deve ser completamente evacuada e destruída e uma grande multa é aplicada aos membros da família da vítima (lembramos aqui o **taua** e o **muru**, na Nova Zelândia), pois, dizem os chefes, "é preciso que sua família seja muito bandida e tenha cometido muitos crimes para que Deus envie leopardos e crocodilos para punir vocês".*[525]

Um viajante do século XVII, numa observação confusa, deixa, no entanto, transparecer ao mesmo tempo o medo que os feridos e os doentes graves inspiram nos nativos da costa ocidental da África e a afeição que eles sentem por eles.

Eles não têm nenhuma amizade uns pelos outros, fornecendo, se muito, água para os feridos, que deixam morrer de fome como cães, geralmente abandonados, mesmo que sejam suas mulheres ou filhos. Vimos um doente, em

Fredericksbourg, abandonado por todo mundo e os Mores ficaram admirados por termos ousado nos aproximar dele. Nosso cirurgião o curou; seu mal era uma opressão estomacal. Retornando à terra, nós o vimos beber com os outros, que lhe faziam mil carícias e, oito horas antes, sua mulher e seus filhos o tinham abandonado, porque eles não sabiam qual era seu mal.[526]

Tudo depende, com efeito, do aspecto que assume a doença e os sentimentos mudam com o prognóstico. Se, contra qualquer expectativa, o doente se restabelece, ele não é mais um "condenado" do qual é preciso fugir e abandonar aos seus sofrimentos: ele é um amigo que se encontra com muita alegria e que se acolhe sem medo de ofender as potências invisíveis. Daí, tantas práticas adivinhatórias, em todas as sociedades, assim que o estado de um doente parece grave, a fim de saber se ele pode se curar. Geralmente, a adivinhação é ao mesmo tempo uma prece e o que é predito como certo aparece para a mentalidade primitiva como já atual.

Se, portanto, a resposta obtida pelo adivinho é nitidamente desfavorável, tudo está acabado. A prece não foi atendida, o doente morrerá, sua morte já é real e ele é abandonado.

Diz o Sr. Rowley:

Eu vi um dia (na África equatorial inglesa) uma mulher que velava seu filho doente. Nenhuma mãe teria podido demonstrar maior ternura. Dois homens chegaram a essa aldeia para passar ali a noite. Um deles era um curandeiro. Logo a mãe apelou para seus conhecimentos. Ele olhou a criança e jogou seus dados muito seriamente para saber o que se podia esperar para ela. A mãe esperou o resultado com uma dolorosa impaciência. Não foi o que ela esperava. Ela

suplicou ao homem que refizesse o experimento, prometendo-lhe uma bela recompensa se o os presságios fossem favoráveis. O homem se rendeu à sua súplica e, novamente, a pobre mulher só viu para seu filho a morte. No entanto, ela não havia perdido toda esperança, redobrou seu pedido para obter uma jogada favorável dos dados e prometeu uma recompensa suplementar: todos os seus bens, tudo o que ela possuía. Mas o resultado foi ainda o mesmo: a morte. Desesperada então, ela caiu por terra. Seu filho morreria, toda esperança estava perdida. A partir deste momento, ele já estava morto para ela e uma pequena lamentação fúnebre saiu de seus lábios.

Eu tentei dar algum encorajamento a esta mulher, dizendo-lhe que o curandeiro não entendia de nada e que seu filho poderia viver se ela continuasse cuidando dele. Mas minhas palavras foram inúteis. Sua fé no experimento adivinhatório era cega.

Eu estava de passagem e deixei a aldeia logo depois. A criança deve ter sido levada para fora da aldeia, onde sua mãe desesperada deve tê-la deixado lá, onde ela seria morta, aparentemente abandonada. E, no entanto, esta mãe amava seu filho e deve ter sentido e chorado sua perda como fazem todas as mães da Inglaterra.[527]

Como ela poderia escutar o missionário que a aconselhava a cuidar de seu filho? Para ela, a única questão era saber se seu bebê estava "condenado" e se a condenação era sem apelo. Por três vezes a resposta à sua prece foi negativa. Desde então, seu filho estava morto para ela. Ela não o estrangulou, como a jovem Maori que soube que sua filha estava "condenada" pelos *Etua*; mas ela começa

as lamentações por sua morte, deixa que o levem para fora da aldeia e que seja exposto na mata. Se a salvação do grupo social exige isso, como ela encontraria coragem ou somente a ideia para se opor? Dadas as representações coletivas dominantes, ela não poderia agir de outra forma.

***

Capítulo X

Interpretação mística das causas do sucesso.

§1. Sem encantamentos ou "poções mágicas" nada pode prosperar. A magia agrária. Jogos e recitações de lendas num certo momento do ano; sua ação mística.

Índice

Entre a atividade dos brancos e a sua própria, entre os objetos que eles próprios fabricam e aqueles que os brancos trazem, os primitivos traçam certamente uma linha de demarcação. Tudo o que vem dos brancos participa de sua natureza misteriosa e extra-humana e se encontra, por consequência, suficientemente explicado *ipso facto*[528]. Não precisamos examinar, por exemplo, como as armas de fogo são feitas, pois se sabe antecipadamente porque elas têm efeitos tão poderosos. Quando se trata, pelo contrário, de suas próprias criações, de seus aparelhos de caça e de pesca, de suas armas, os primitivos não ignoram como eles adaptam os meios aos fins a que eles se propõem e eles têm uma consciência clara de sua técnica, geralmente memorável. Um verdadeiro conhecimento, às vezes secreto, a transmite de geração para geração. O estudo paciente e detalhado dessas técnicas, em uma certa área geográfica,

ocupa neste momento um grande número de etnógrafos, particularmente na América do Norte. Ele trará uma contribuição preciosa ao conhecimento da mentalidade primitiva.

Desde o presente, os fatos conhecidos permitem dizer que, aos olhos dos primitivos, o papel da técnica continua, no entanto, subordinado. O mais importante não é que os instrumentos sejam bem feitos, mas que eles sejam de boa sorte. O mecanismo das causas segundas jamais possui, por si só, uma eficácia suficiente; o resultado desejado depende, antes de tudo, da ajuda das potências invisíveis. Nenhuma atividade humana, seja ela dos primitivos ou dos brancos, prospera sem seu apoio. Segundo a expressão de um observador americano, "o sucesso jamais é obtido por meios naturais". O primitivo que realiza uma feliz expedição de caça ou que faz uma colheita abundante ou que vence o inimigo na guerra, deve, acima de tudo, este resultado favorável, como o europeu em tal caso, não à excelência de seus instrumentos ou de suas armas, nem à sua engenhosidade ou a seus esforços, mas à ajuda indispensável das potências invisíveis. Sem dúvida que ele tem mais de uma razão para acreditar que os brancos são poderosos mágicos. Mas ele não seria tão rapidamente convencido disso se ele não representasse a atividade do branco segundo a sua própria.

Ele mesmo não empreende nada se não possuir uma "poção mágica" que lhe garanta o sucesso. Desta forma, na Nova França,

> *a maior oposição que vemos neste lugar ao espírito da fé, é que seus remédios contra as doenças, suas maiores recreações quando estão saudáveis, suas pescarias, suas caçadas e seu comércio, quase tudo é envolvido por cerimônias diabólicas.*[529]

Ou seja, destinadas a obter a ajuda das potências invisíveis. Os

missionários italianos no Congo diziam a mesma coisa no século XVII:

> *Além das cerimônias já descritas, cada negro inventa outras, de acordo com o que diz seu capricho, para todas as circunstâncias domésticas e ele as observa rigorosamente, por causa da apreensão invencível que ele tem de não conseguir nada sem isso. Como se essas cerimônias fossem as causas efetivas do resultado que ele busca.*[530]

Estas últimas palavras são impressionantes. Não se poderia exprimir melhor as representações coletivas desses negros, orientadas de maneira diferente das nossas, colocando no mundo invisível toda causalidade real.

Os missionários alemães na Nova Guiné testemunham os mesmos fatos e possuem a mesma linguagem. Dizem eles:

> *Nada é empreendido sem que se coloque em ação os encantamentos (**Zauber**). Encantamentos para a caça, a guerra, os pássaros, os peixes, os porcos, as trocas, os campos, o trovão, os relâmpagos, a chuva, os tremores de terra, as mulheres, a dança, os remédios, o diagnóstico, encantos para combater os encantos etc.*[531]

A lista seria sem fim. Eu só citarei alguns, a título de ilustração.

> *Os cães dedicados à caça ao javali são estimulados através de fórmulas mágicas pronunciadas sobre eles e somente sobre eles, através dos mais diversos procedimentos. Recita-se sobre uma certa cebola a seguinte fórmula: "Uma águia do mar segurava com suas garras um peixe. O vento do leste uivava e o mar estava revolto, mas a águia mantinha*

firme seu peixe e não o largava". Parte-se então a cebola com os dentes e sopra-se o suco ardido nas narinas desses cães. O efeito deve ser que o cão não largará mais o javali que tiver capturado.[532]

Da mesma forma,

> *se quisermos capturar animais em armadilhas é preciso que fórmulas mágicas sejam pronunciadas sobre elas. A tal ponto que as pessoas do norte de Sattelberg, até poucos anos, não cavavam armadilhas para capturar javalis, pelo único motivo de que não sabiam as fórmulas! Sem elas __ no entendimento dos papuas isso é mesmo evidente __ não se pode pensar em capturar algo. Pronunciam-se as fórmulas sobre as armadilhas com o maior cuidado, fazem-se fumigações com uma madeira mágica em brasas e espalha-se sobre ela um pó mágico (flor de enxofre). Por fim, coloca-se sobre a armadilha assim preparada uma "pedra de sepultura", cuja "alma" tem o poder de atrair a caça. Dali por diante, esta não deixará de aparecer.*[533]

O comércio dos porcos é muito importante e cada nativo trata de fazer o melhor negócio no mercado. O vendedor emprega um encantamento a fim de obter o mais alto preço possível e o comprador faz o mesmo para impressionar com os objetos que oferece e adquirir o porco mais gordo possível.

> *Algumas pedras devem assegurar o sucesso nessas trocas; elas são chamadas* ***parnaga****... Essas* ***parnagas*** *possuem o princípio da alma dos porcos. Preservando essas pedras das influências nocivas, através de um líquido, preserva-se o porco na mesma ação...*

Trata-se de levar vantagem sobre os rivais na dança?

> *Não é raro que os papuas realizem longas viagens para irem aprender danças em uma tribo renomada nesta arte... Por outro lado, nas danças cerimoniais, empregam-se todos os encantamentos possíveis a fim de tornar as pernas ágeis.*[534]

Para o trabalho no campo, a intervenção das potências invisíveis não é menos indispensável.

> *Quando o Bakaua cultiva sua terra, há muitas coisas que ele deve fazer e muitas outras que ele não deve fazer, se quiser assegurar o sucesso de seus esforços. Por todos os lados perigos o ameaçam, vindos de potências misteriosas com as quais ele deve se por em boas relações, para que elas lhe permaneçam favoráveis... Enquanto ele está ocupado em plantar, invocam-se os mortos pelos seus nomes e roga-se a eles a proteção deste campo, a fim de que suas crianças e os vivos de hoje em dia tenham do que comer, possam prosperar etc. Depois, o dono do campo enterra nele suas pedras mágicas. Estas, que ele herdou de seus ancestrais, são imitações de tubérculos de inhame... Após a colheita, as pedras são desenterradas e levadas para um novo campo.*[535]

A tribo dos Jabims, vizinha dos Bakauas, não procede diferente.

> *Para o trabalho nos campos, os nativos se acreditam extraordinariamente dependentes dos espíritos dos mortos (**balum**). Nada é feito sem os cuidados mais minuciosos e as precauções mais inquietantes... Antes de enterrar os primeiros inhames no campo que acabou de ser queimado e limpo, invoca-se primeiramente os mortos... Em seguida, enquanto se*

planta, invocam-se os espíritos. Para torná-los favoráveis, levam-se também objetos preciosos (presas de javali e dentes de cães) a fim de que eles se ornamentem com as almas desses objetos... Mais tarde, faz-se soar o ***bull-roarer***[536] *no campo, chamando os nomes dos ancestrais e acredita-se obter assim que o crescimento dos frutos do campo seja particularmente belo.*[537]

Um pouco mais tarde,

entre as primícias e o começo da colheita, acontecem as danças, que duram em geral toda a noite. Elas estão, em sua maior parte, na relação mais estreita com a colheita. Elas devem ter o efeito de fazer com que a vegetação se torne mais intensa.[538]

Estas formas de magia agrária são bem conhecidas e muito comuns. Eis algumas outras, que mostram a que diversidade de condições místicas uma boa colheita está subordinada.

Na opinião dos nativos, para a prosperidade da vegetação nos campos, uma grande importância é devida a certos jogos que, por causa disso, só podem ser jogados no período que segue a semeadura. Desta forma, o jogo do balanço, que se pratica por meio de um junco fixado num ramo de árvore, possui, pensa-se, uma boa influência sobre os inhames recém plantados. Neste momento, jovens e velhos, homens e mulheres, sobem nos balanços. Enquanto eles vão e vem, cantam-se canções do jogo de balanço. Geralmente, estas só contêm os nomes dos inhames plantados e um alegre apelo do plantador, repetido com diversas variantes: "Eu encontrei um belo fruto!..." Através deste apelo pelo nome,

deseja-se fazer sair da terra os brotos do inhame... Para que a folhagem do inhame brote luxuriante, verde e se desenvolva bem, os Kai jogam o jogo da serra (com cordas). Jogando o ***sabot****, com as enormes glandes da região ou também com uma espécie de figo selvagem, acredita-se acelerar o crescimento do inhame recém plantado, (este, via girar sobre si mesmo e abrir). Também só se deve praticar este jogo no tempo da semeadura. Também para isso se deve perfurar as folhas de inhame com os lados das folhas de sagu usadas como se fossem lanças em miniatura... O traço mais marcante ainda do que essa limitação de certos jogos ao período do trabalho no campo é que os Kai só permitem contar as "histórias dos tempos antigos" e as lendas populares, no período em que os grãos que acabaram de ser plantados germinam e brotam.*[539]

E o missionário acrescenta, um pouco mais além,

Para a palavra final das lendas dos Kais, compreende-se que elas são contadas exclusivamente para um fim bem determinado: a saber, para fazer adiantar o desenvolvimento dos inhames plantados no campo. Relembrando a memória dos seres primitivos, aos quais se relacionam a origem dos frutos do campo, acredita-se influenciar favoravelmente o crescimento. Uma vez a semeadura terminada e, principalmente, quando as jovens plantas começam a brotar, deixa-se de contar as lendas.[540]

Sem dúvida que esses Papuas sabem dar às plantas que cultivam os cuidados necessários. Eles distinguem muito bem as diferentes espécies, raças e variedades, dando a cada uma um nome. Mas fazer com que os inhames amadureçam é uma empreitada cujo

sucesso depende primeiramente e sobretudo de causas místicas. Desde o momento em que os Papuas escolhem um terreno para limpar tocando fogo nele, até o momento em que eles retiram sua colheita, se eles puderam defendê-la até o fim dos javalis, dos pássaros e outras pragas, eles tiveram que preparar, favorecer, apressar o crescimento dos vegetais, através de uma infinidade de práticas mágicas. Os jogos, por exemplo, são uma ocupação séria e sagrada, obrigatória durante um tempo e proibida totalmente em outro momento. Da mesma forma, a recitação das lendas não é somente a diversão dos velhos, mas ela assegurará a presença dos "seres primitivos" aos quais se deve os inhames e ela tornará sua influência mais direta e mais eficaz.

Entre os Papuas de Kiwai (Nova Guiné inglesa, embocadura do Fly River), diverte-se simplesmente com o jogo da serra, que todo mundo conhece. Mas,

> *em certas circunstâncias, dedica-se a ele um interesse particular. Ele é jogado geralmente quando os talos dos inhames recém plantados começam a apontar para fora da terra. Enterram-se então varas no solo, para servir de suporte às gavinhas que se enrolam ao redor delas e os primeiro talos são ligados aos suportes por meio de fios que serviram para o jogo da serra. Basta, no entanto, suspender as pontas desses fios à extremidade superior dos suportes e, até mesmo existem pessoas que se contentam em jogar algumas pontas desses fios sobre o solo em suas plantações. Em todos os casos, objetiva-se "ajudar" os talos dos inhames a brotar bem e a se enrolar como ele precisa. Vários outros jogos da gente de Kiwai se relacionam com seu trabalho agrícola e com outras ocupações.*[541]

O jogo da serra, que é extremamente difundido, tem geralmente a mesma virtude mágica que na Nova Guiné. Assim, só para citar alguns exemplos, na quase ilha da Gazela (Nova Pomerânia) ele é jogado sobretudo no momento em que brotam os frutos da árvore de fruta-pão[542]. Entre os Dayaks de Bornéu,

> *a tais festas pertencem tais jogos. Assim, a festa da semeadura comporta diversões diferentes da pequena ou da grande festa da colheita, do começo da colheita ou do novo ano. Na festa da semeadura joga-se o* ***sabot*** *e colocam-se máscaras. Quando começa a colheita do arroz, bombardeia-se mutuamente com sarabatanas etc. É de se destacar que os atos realizados pelos sacerdotes nas cerimônias servem simplesmente de diversão para os outros membros da tribo.*[543]

São jogos, mas cujo significado continua vivo e presente, sem dúvida, na consciência de todos. Entre os Kayans,

> *os homens se divertem muito frequentemente jogando pião. Os piões são ovais, achatados, lisos e pesam de dois a três quilos. Cada um tenta, sucessivamente, caçar o pião de seu predecessor com o seu, de tal maneira que este continue a girar até que ele seja caçado pelo pião do seguinte... De sorte que, cada novo trabalho no arrozal se inicia com cerimônias religiosas e culinárias, durante as quais tabus de algumas noites e jogos determinados eram sempre prescritos à comunidade, como também lutas, concursos de salto em altura e distância, corridas etc.*[544]

Na América do Sul,

> *o que mais me surpreendeu com relação ao jogo chamado* ***chuke*** *(um tipo de jogo de tabuleiro), foi que __ pelo*

menos entre os Chorotis do Grande Chaco __ ele só é jogado num certo momento do ano, no mês de março, quando a estação das chuvas acaba no Chaco e o inverno começa. Então se começa. Em todas as aldeias talham-se os dados para o ***chuke*** *e ele é jogado durante horas, às vezes de manhã até tarde da noite. Isso já me pareceu indicar que representações místicas estavam ligadas a esse jogo. Por outro lado, ele é jogado com uma pressa quase febril e os resultados de cada jogada eram sempre anunciados em alta voz, de maneira a ser ouvido de longe. Os Chorotis me declararam expressamente que eles só jogam o* ***chuke*** *no começo do inverno, quando a algaroba e os outros frutos comestíveis começam a faltar. É, para os nativos do Chaco, o início de um período em que eles têm que travar um duro combate pela existência. O jogo deve ter então como efeito "aumentar o número de frutos e melhorar o bem-estar dos nativos em geral". Esse resultado é obtido pelo fato de que sempre há um ou vários jogadores que ganham, o que, de uma maneira mística, beneficia todos.*[545]

Uma influência semelhante exercida pela recitação dos contos foi bem explicada pelo Sr. Perham. Diz ele:

Na vida dos Dayaks, o sentimento do invisível está sempre presente e ativo. Os espíritos e os demônios lhes parecem tão reais quanto suas próprias pessoas. Na festa das cabeças é Singalang Burong que é invocado. Podemos chamá-lo de o Marte da mitologia dos Dayaks marítimos e sua casa fica distante, bem além dos céus. Mas a invocação não é feita pelo oficiante sob a forma de uma prece dirigida diretamente a esse ser poderoso. Ela toma a forma de uma história, que

conta como um herói mítico, Kling ou Klieng, celebrou uma festa das cabeças e para ela chamou Singalong Burong. Este Kling, sobre quem se contam muitas fábulas, é um espírito que vive, acreditam, em algum lugar nas proximidades dos humanos e que pode lhes fazer o bem. Assim, portanto, o oficiante (ou, os oficiantes) Dayaks, cantando seu ***mengap*** *(narrativa) enquanto vai de um lado para o outro da varanda da casa, descreve a festa celebrada por Kling e como Singalang Burong foi para ela convidado e veio. Em seu pensamento, os Dayaks se identificam com Kling e, por causa disso, o sentido da cerimônia é que a recitação da história é uma invocação a Singalang Burong. Supõe-se que ele venha, não somente à casa de Kling (como diz o conto), mas à própria casa Dayak onde a festa é celebrada naquele momento. Ele é recebido com uma cerimônia especial e lhe são oferecidos comida e um sacrifício.*[546]

Pela virtude mística do conto recitado, o Dayak *é* o herói, anfitrião da divindade e, por consequência, a própria divindade desceu entre os Dayaks, que a recebem realmente. A recitação é muito mais eficaz do que poderia ser uma invocação ou mesmo uma prece. Ela produz uma participação, onde, de acordo com a expressão do Sr. Perham, o contador e o herói se identificam. O Sr. Perham explica muito justamente o fato, pelo caráter místico da mentalidade dos Dayaks. Ela não é diferente da mentalidade dos Papuas da Nova Guiné. Quando eles rememoram os feitos de seus heróis, numa certa época do ano, para apressar o crescimento do inhame, eles sentem __ também eles __ a presença real daqueles cuja lenda eles contam e eles se identificam com eles.

Na parte central das Célebes,

é quase que somente na época da colheita de arroz, ou seja, geralmente nos meses de agosto e outubro, que se recitam os contos. Geralmente observa-se esta regra. Narrar os contos fora desse período é considerado como uma violação que pode fazer malograr a colheita, de ordinário já tão magra. Nesses contos (chamados de ***contos dos ancestrais****), os ancestrais continuam vivos, mesmo que só em espíritos... É nessa época do ano, mais do que em qualquer outra, que se presta homenagem aos ancestrais, seja fazendo-lhes oferendas, seja cantando seus feitos.*[547]

Embora o observador não o diga, não é temerário pensar que os To Radja, como os Papuas, atribuem uma virtude mística à recitação desses contos.

§2. O trabalho nas hortas e nos campos é reservado principalmente às mulheres. Princípio da fecundidade e participação.

Índice

Na América do Sul, nas sociedades bantas e nas da África ocidental, na maior parte da ilhas da Oceania e também em outros lugares, assinalou-se uma divisão muito desigual do trabalho entre os gêneros. Quase em todo lugar os trabalhos nas hortas, nas plantações e nos campos, em sua grande parte, é designado às mulheres, sem prejuízo das tarefas que elas têm em todos os lugares (cuidado das crianças, preparação dos alimentos etc.). Nos lugares onde os homens não são inteiramente isentos do trabalho nos campos, elas participam deles, em geral, em certas operações preliminares ou finais. É a eles, por exemplo, que pertence a tarefa de abater as árvores no terreno que vai ser cultivado, remover os

tocos e limpar a área. Mas os trabalhos agrícolas propriamente ditos só serão executados pelas mulheres.

Viu-se aí um abuso da força e um caso particular da regra __ mais do que contestável __ segundo a qual, a condição da mulher seria tão mais miserável quanto as sociedades são mais baixas, ou mesmo uma consequência necessária do fato de que os homens estão geralmente ocupados em outro lugar, com a guerra, a caça, as viagens, as conversações etc. Essas diversas explicações não são, talvez, totalmente inexatas. A verdade razão do fato está em outro lugar. Além do fato de que o homem tem geralmente ocupações tão penosas quanto os trabalhos nos campos, ele não saberia, ou não quereria, mudar nada de uma divisão do trabalho cuja origem é mística. Se as mulheres são encarregadas, quase exclusivamente, de tudo o que toca à cultura das plantas e das árvores, é porque elas representam, no grupo social, o princípio da fecundidade. Para que os campos e as árvores cultivadas produzam, é preciso que entre eles e os membros do grupo social que cuidam deles se estabeleça uma participação. É preciso que a fecundidade passe para eles e, por consequência, que esses membros do grupo social tragam em si mesmos o princípio. Os homens poderiam, nos campos, empregar tanto ou mais esforço do que as mulheres, revolver o terreno com mais força, semear e repicar com tanto ou mais cuidado, mas, seria trabalho perdido! A terra só produziria a contragosto e magramente. Os bananais, os palmeirais, permaneceriam quase estéreis. Somente o trabalho das mulheres torna fecundos os campos e as hortas, pois é ao seu gênero que se deve essa virtude. Sendo esta a razão dessa divisão do trabalho, seu caráter místico a torna intangível. Mesmo supondo que os homens quisessem reivindicar essa dura tarefa, eles não poderiam realizá-la com sucesso. As próprias mulheres, aliás,

por medo da fome, não consentiriam em renunciar a ela.

Esta não é simplesmente uma hipótese verossímil. Muito frequentemente os observadores, assinalando esse fato, indicaram ao mesmo tempo a razão dada pelos nativos, sem tirar eles mesmos nenhuma conclusão. Em Bornéu,

> *as mulheres desempenham o papel principal nos ritos e nos trabalhos efetivos da cultura do **padi** (arroz). Os homens só tomam parte nela para retirar os tocos do terreno e prestar ajuda em algumas das últimas fases do trabalho. São as mulheres que tratam e guardam as sementes e são as guardiãs de quase todo o saber relacionado a este trabalho. Parece que se sente existir uma afinidade natural entre elas e o grão fecundado, que é chamado de "gravidez". Às vezes as mulheres vão dormir nos campos de **padi** enquanto ele brota, provavelmente para aumentar sua própria fecundidade ou a do **padi**, mas elas são muito misteriosas sobre este ponto.*[548]

Na Nova Caledônia, "dentes de mulheres velhas são levados às plantações de inhames, como encantamentos para obter uma boa colheita e seus crânios são também colocados na ponta de varas, para o mesmo fim"[549].

Nas sociedades bantas, acontece frequentemente de um homem repudiar uma mulher porque ela é estéril e se temer que a plantação cultivada por ela também fique assim.

No Togo,

> *uma mulher grávida carrega habitualmente na cabeça uma pequena sacola... nela estão pedacinhos de inhame, de **cassade**, de milho, de **pisang** etc. e também uma pequena lasca de pedra que serve às mulheres para moer o milho...*

Todas estas coisas estão ali para lembrar que, da mesma forma que a mulher gera seu fruto, o seu trabalho no campo também produzirá o seu. No Togo, é, com efeito, a mulher que se incumbe da parte principal do trabalho na cultura das plantações.[550]

Na América do Sul, os testemunhos são formais. O Pe. Gumilla nos conta uma discussão que ele teve a este respeito com seus nativos.

Semear, cultivar, colher, armazenar os frutos, tudo é atividade para as pobres mulheres. Meus irmãos, eu disse aos homens, porque vocês não ajudam suas pobres mulheres no trabalho da semeadura, que estão esgotadas, ao sol, a trabalhar, com suas crianças em seus seios? Não veem que elas podem cair doentes e suas crianças também? Vão então ajudá-las! Eles me responderam: "Você, padre, não entende nada dessas coisas e é isso que te aflige. Aprenda então que as mulheres sabem criar, nós não. Se elas semeiam, o pé de milho produz duas ou três espigas, o pé de mandioca dá dois ou três cestos de raízes e assim tudo se multiplica. Por quê? Porque as mulheres sabem criar e sabem mandar os grãos que elas plantam que se criem. Que elas façam então a semeadura, pois nós não sabemos tanto quanto elas.[551]

Sob as expressões tomadas de empréstimo dos nativos pelo padre, a ideia da participação entre a mulher e o grão aparece claramente.

Um observador bem recente, o Dr. R. Karsten, estudou crenças semelhantes entre os Jibaros. Diz ele:

As plantas fêmeas devem ser cultivadas pelas mulheres e

as plantas machos, pelos homens. Para todo tipo de cultura, no entanto, os trabalhos mais rudes, ou seja, abater as árvores, destocar o terreno, quando se começa uma nova plantação na floresta, são sempre feitos pelos homens. Por outro lado, no entanto, mesmo que a bananeira seja plantada sempre pelos homens, as mulheres participam mais tarde dos cuidados necessárias a esta plantação e cantam encantações para favorecer seu crescimento. Da mesma forma que a divindade Terra dos Jibaros é vista como uma mulher, admite-se também que as mulheres exerçam uma influência especial, misteriosa, sobre o progresso das colheitas... Todas as práticas agrárias dos Jibaros têm por princípio a divindade própria das mulheres: a grande "Mãe-Terra" Mungüi. Foi ela quem ensinou às mulheres, com todos os trabalhos domésticos, o trabalho dos campos...[552]

E mais além,

Supõe-se que exista uma ligação íntima entre a mulher e os produtos do campo que ela cultiva, exatamente como se acredita que ela exerça uma influência especial sobre os animais domésticos que ela cuida. Isto é sobretudo verdadeiro para a mulher casada. Quando um Jibaro se casa e tem que criar uma nova família, fazer novas plantações, criar animais domésticos, porcos, aves e cães de caça, sua primeira tarefa consiste em celebrar uma festa especial para sua jovem mulher. Esta festa terá como efeito lhe conferir, de uma maneira especial, o poder e as faculdades necessárias para os trabalhos que serão sua incumbência. Esta festa __ a mais importante dos Jibaros, após a festa das cabeças __ é chamada de "festa do 'tabaco' das mulheres". Se ignorarmos

o sentido geral desta festa, é impossível compreender as ideias que os Jibaros atribuem ao trabalho no campo.[553]

Numa nova plantação de mandioca, o trabalho grosso é feito pelos homens, que abatem as árvores, destocam e limpam o terreno escolhido. Em seguida começa o trabalho das mulheres, que terminam de preparar a terra para a plantação.[554]

O Sr. Nordenskiöld, é verdade, observou no Chaco um costume contrário entre os Ashluslays e os Chorotis. Ele diz:

São apenas os homens que cultivam os campos. As semeaduras e as colheitas são feitas conjuntamente pelos homens e as mulheres. Por outro lado, são sempre as mulheres e as crianças que transportam as colheitas, se não forem colocadas nas costas dos cavalos e dos burros.[555]

Mas, além da observação ser sumária, ela deixa, no entanto, uma parte às mulheres, especialmente as semeaduras e, enfim, como a exceção foi bem estabelecida e até mesmo constatada em outras tribos também, a conclusão que se tira dos fatos citados acima não seria invalidada. Continua verdadeiro que, em um grande número de sociedades inferiores, as representações coletivas ligam, de uma maneira mística, a fertilidade dos campos à fecundidade das mulheres. Por isso, a própria cultura realizada pelas mulheres tem o sentido de uma participação. Não se pode dizer somente que o trabalho da terra é acompanhado por operações mágicas; o próprio trabalho é uma operação mágica, pelo fato de que são as mulheres que o realizam.

§3. Virtude mística da pessoa do chefe.

Para que a colheita seja abundante, a influência mística das mulheres não é a única que deve agir. É preciso contar também, como já vimos, com a influência dos ancestrais, que são buscados de todas as maneiras para que se tornem favoráveis (preces, invocações, oferendas, sacrifícios, jejuns, danças, recitação de lendas). É preciso ainda, em inúmeras sociedades, a influência pessoal do chefe. Trata-se de um tipo de ação presencial, comparável àquela do metal na catálise. O chefe é o intermediário obrigatório entre o grupo social e as potências do mundo invisível, das quais depende a fertilidade do solo e dos vegetais. Caso ele não cumpra este ofício, essas potências __ dentre as quais é preciso elencar os ancestrais __ se tornam hostis ou simplesmente indiferentes e a tribo está ameaçada de morrer de fome.

Por isso se explica __ ao menos, em parte __ a repugnância quase intransponível de alguns chefes em se converter.

> *Mafa (chefe Mossouto) estava sobretudo impedido por suas atribuições de chefe. A este título se ligam, nessas regiões, funções públicas de uma natureza geralmente pouco conforme com os princípios e regras da palavra de Deus. Aqui, onde a maioria ainda é pagã, se declarar cristão, para um chefe, é, de alguma forma, abdicar.*[556]

Disse um chefe das Ilhas Wallis:

> *Espere minha morte e você poderá trabalhar sem obstáculo para a conversão da ilha. Aliás, são nossos deuses que fazem crescer a* ***kawa****, o coqueiro, a bananeira etc., pois estes produtos não existem na terra dos brancos. Eu temo então, que, abjurando o culto deles, eu traga a fome para a*

região.[557]

Disse ao missionário, o Rei de Uvéa, no mesmo arquipélago: "Vosso Deus pôde fazer as árvores de vosso país, mas não foi ele quem fez a *kawa*!" E, não somente o rei limitava o poder de Deus, como também, da diversidade das plantas ele concluía a pluralidade dos deuses. Cada planta, segundo ele, tinha seu criador especial, o qual nada podia sobre as outras plantas[558]. A mentalidade primitiva, como se sabe, é muito concreta e muito pouco conceitual. Nada lhe é mais estranho do que a ideia de um Deus único e universal. Ele procede por participações e por exclusões. Os nativos das Ilhas Wallis têm sua terra, que faz parte, de alguma maneira, de seu grupo social, com os vegetais que crescem ali, com os animais que vivem ali, os ancestrais e as potências invisíveis das quais depende a prosperidade do grupo. A sociedade dos brancos, que eles representam de acordo com o mesmo modelo, não tem nada em comum com a sua. Portanto, nem os chefes dos brancos, nem as potências invisíveis que eles chamam de Deus, podem fazer qualquer coisa para a prosperidade das plantas das Ilhas Wallis. Somente o chefe nativo tem competência para provê-la, enquanto vivo e depois de morto.

Em Kiriwina, no arquipélago das Ilhas Trobriand,

> *nosso grande chefe Bulitara me perguntou um dia se eu possuía esses poderes ocultos. Quando eu lhe disse que eu não pretendia tê-los, ele me perguntou: "Quem é então que faz o vento, a colheita e a chuva em vosso país?" Eu respondi: "É Deus". Ele disse: "Ah! É isso! Deus desempenha esse ofício para vosso povo, como eu faço para o meu. Deus e eu somos iguais". Ele pronunciou estas palavras tranquilamente, com a cara de uma pessoa que acabou de dar uma explicação muito*

satisfatória.[559]

Diz Brown, um pouco mais além:

> *Um chefe soberano exercia sempre, segundo os nativos, as funções sacerdotais, ou seja, ele se dizia em comunicação constante com os* ***tabarans*** *(espíritos) e, através de sua influência, ele tinha o poder de produzir a chuva ou o sol, os ventos favoráveis ou contrários, a saúde ou a doença, o sucesso ou o desastre na guerra e, geralmente, de prover as graças ou os flagelos, para os quais se solicitava um pagamento adequado...*[560]

Enfim, ele participa diretamente do mundo invisível. Este privilégio inestimável explica a autoridade incontestada que ele goza, o respeito religioso prestado a ele, os poderes sobre-humanos que se reconhece nele e que ele próprio se atribui. Como Sir James Frazer bem demonstrou, ele é um tipo de "deus vivo".

Geralmente esse *mana* pessoal do chefe se comunica a tudo o que está em contato com ele e, para assegurar a boa influência que emana dele, pedir-se-á a ele, por assim dizer, que a materialize, de tal sorte que se possa levá-la. O Rajá Brooke, que gozava de um prestígio sem igual entre os Dayaks, contou ele mesmo as solicitações que recebia.

> *Quando eu me sento na esteira, eles avançam um por um e prendem sininhos em meu braço. Eles me trazem um coco e me pedem que cuspa dentro dele. Eles me apresentam uma galinha branca. Eu me levanto e a seguro, dizendo: "Que os Dayaks possam ser felizes, que suas colheitas possam ser abundantes, os frutos de suas árvores amadureçam na estação, que lhes nasçam filhos homens, que o arroz possa ser*

armazenado em suas casas etc." Quando esta prece acaba, a dança começa... Eles lavam minhas mãos e meus pés. Depois, com esta água eles regam suas casas e suas hortas. Em seguida, eles enterram em seus campos o ouro em pó e o pano branco que o acompanha e que foram trazidos por mim.[561]

Uma testemunha contemporânea nos relata as mesmas práticas e nos diz por que os Dayaks a valorizavam tanto.

Quando o Sr. Brooke visita suas casas, eles lhe trazem um pouco do arroz que pretendem semear na estação seguinte. Eles também lhe dão os colares das mulheres, que foram embebidos em uma mistura preparada previamente. Ele os sacode em cima de vasinhos onde estão as sementes e pensa-se que com esta operação ele as torna muito fecundas. (É interessante ver aqui a influência mística das mulheres se juntar à influência do grande chefe).

Outras tribos, muito afastadas para serem visitadas por ele, enviam mensageiros que lhe pedem um pedacinho de pano branco e um pouco de ouro ou prata, que eles enterram no chão de seus campos, para obterem o mesmo resultado.

Quando ele entra em uma aldeia, as mulheres lhe lavam os pés, primeiramente com água, depois no leite de um coco fresco e, por fim, de novo na água. E todo este líquido que entrou em contato com sua pessoa é conservado para ser repartido entre as plantações; acredita-se que ele assegurará uma colheita abundante.

Eu fiz um dia a observação que a colheita de arroz da tribo Samban estava magra. O chefe logo me respondeu que isso não podia ser diferente, pois o rajá não os visitava mais e ele me pediu que intercedesse junto ao Sr. Brooke, para que

ele viesse vê-los, o que eliminaria as causas que arruinavam suas colheitas.[562]

Em Sumatra, perto do lago Toba,

os ventos recebem o nome da região do céu de onde eles vem ou então eles são chamados de acordo com o nome do chefe dessa região, o que prova que o Battak não vê somente em seu chefe o mestre absoluto das coisas e das pessoas; o chefe é, de alguma forma, divino, ou, pelo menos, um representante da divindade. As pessoas não podiam compreender que afirmávamos não ter nenhum poder sobre o vento.[563]

Nas sociedades da África do Sul, representações coletivas do mesmo gênero levam a costumes semelhantes.

Se, por exemplo, o rei (dos Matébélés) __ que é olhado como o senhor dos céus e da terra __ não fizer cair, na forma regular como se deseja, o benefício de uma chuva fertilizante, logo acontece um motim. Isso acontece por que, dizem, o rei tem o coração "irritado" ou "doente", ou então, "negro" (usam de forma indiferente um ou outro destes termos)[564]*; ele só fornecerá a chuva quando outros sentimentos mais agradáveis substituírem estes...*

A primeira coisa a fazer é descobrir a causa disso. Quase sempre a causa é que, em alguma aldeia ou algum distrito, foi cometido um delito qualquer, ou seja, um ato que desagradou o rei. Então acontece a expiação, ou seja, na maioria dos casos, o massacre dos chefes, a destruição da aldeia ou das aldeias, a captura ou a distribuição das mulheres e das crianças... É preciso que a mágoa do rei seja

apaziguada e só há este meio de por um termo ao flagelo da seca.[565]

Ressalta desta observação que a ação benfazeja do chefe sobre o meio ambiente (no caso presente, sobre a chuva), não parece depender essencialmente de sua vontade, mas do estado de seu "coração". Este pode estar "negro", porque à sua volta ou longe dali, um tabu importante foi violado, sem que ele nem mesmo o saiba, o que ofende as potências invisíveis. Trata-se, portanto, de uma influência mística que emana do chefe, de um *mana* pessoal que irradia ao redor dele e que provém de sua participação no mundo invisível.

§4. Condições místicas do sucesso na guerra. Ataques de surpresa ao alvorecer. Porque eles jamais são levados a fundo.

Índice

Em vez de uma forma de atividade pacífica como a agricultura, consideremos a guerra; ocupação frequente para muitas sociedades inferiores. A mentalidade primitiva interpreta os fatos nela da mesma maneira e ela faz seu sucesso depender de participações semelhantes.

Eles (os nativos da Nova França) parecem reconhecer o destino na guerra. Eles não atribuem a vitória à força ou à coragem de seus soldados, nem à boa conduta de seus comandantes, mas ao destino ou a manitu, que permite uma nação ser comida por outra, quando ele assim o quiser. É por isso que eles jejuam e esperam que manitu lhes fale de noite e lhes diga: "Eu te dou seus inimigos para serem comidos. Vá

buscá-los!”[566]

Entre os Creeks,

> *as expedições, ao deixarem a aldeia, tinham sempre à frente um homem de coragem física comprovada e de grande habilidade... Um outro, chamado* ***hobáya*** *(profeta) acompanhava essas incursões. Era um homem versado nos cantos e nas cerimônias, através dos quais se podia enfraquecer o inimigo e cegar os olhos de seus guerreiros. Ele sabia também predizer os acontecimentos e determinar se um ataque ou uma expedição de caça seriam vitoriosos ou não.*[567]

A seguinte narrativa mostra a confiança cega desses mesmos nativos nas potências invisíveis que devem conduzi-los à vitória.

> *Os Creeks pensavam desferir um golpe mortal nos Pés Pretos e, com este objetivo, eles tinham reunido todas as suas forças disponíveis, que chegavam a mais de oitocentos homens.*
>
> *Antes de saírem em busca do inimigo, recorreram a todo tipo de artifício e de feitiçaria, a fim de assegurar o sucesso da expedição. Foi decidido que uma jovem seria colocada, com os olhos vendados, à frente do exército e que ela serviria de guia para os combatentes. Em caso de vitória, a heroína estava destinada a ser a esposa do mais valente guerreiro... Feito isso, eles se põem em marcha cheios de confiança e muita presunção, seguindo sua guia através das colinas e dos vales, das ravinas e dos pântanos. Um dia, ela se dirigia rumo ao norte. No dia seguinte, rumo ao sul ou o oeste. Mas essa divergência de direção pouco importava, pois o manitu da guerra a estava conduzindo e os Creeks arrogantes*

continuavam cada dia a marchar sobre as pegadas da índia cega...

Diz Charlevoix (no Canadá):

Aquele que deve comandar não pensa, de maneira alguma, em conduzir soldados, se ele não tiver jejuado vários dias, durante os quais ele é pintado de preto, quase não conversa com ninguém, invoca dia e noite seu espírito tutelar e observa com cuidado os sonhos...

Em seguida, esquenta-se água, limpa-se o chefe e seus cabelos são pintados, engraxados e penteados. Pintam-se diferentes cores no seu rosto e ele é vestido com sua mais bela roupa. Assim arrumado, ele canta com uma voz baixa sua canção de morte. Seus soldados, ou seja, todos aqueles que se ofereceram para acompanhá-lo (pois não se obriga ninguém), entoam em seguida, um após o outro, sua canção de guerra __ pois cada um tem a sua, a qual a ninguém mais é permitido cantar __ há também manifestações de cada família... depois, discute-se... Os cantos são seguidos de danças... movimentos muito vivos, figurativos e representativos das operações de uma campanha e sempre cadenciados. O festim termina a cerimônia.[568]

Todos esses preparativos, que continuam nos dias seguintes até a partida dos guerreiros, são de ordem mística e têm por objetivo assegurar-lhes o apoio das potências invisíveis. Uma vez em campanha, a mesma preocupação persiste.

Eles tiram presságios de tudo e os cantadores, a quem cabe explicá-los, avançam ou retardam as marchas, como lhes apetecem... Acampa-se bem antes do por do sol e, comumente,

deixa-se diante do acampamento um grande espaço ao redor de uma paliçada, ou então de uma espécie de treliça sobre a qual são colocados os manitus, voltados para o lado que se quer ir. Eles são invocados durante uma hora e isso é feito também todas as manhãs, antes de levantar acampamento. Após isso, acredita-se não tem mais nada a temer e supõe-se que os espíritos se encarregam sozinhos da sentinela e todo o exército dorme tranquilamente sob sua guarda... Em terras inimigas não se deve jamais fazer fogo. Nada de gritos, nada de caçada. Só se pode mesmo falar através de sinais.[569]

Os nativos da América do Norte praticavam a linguagem dos sinais.

Na África austral, entre os Cafres, a estrutura social e as condições econômicas diferiam daquelas dos Iroqueses e dos Hurons. No entanto, levando em conta essas diferenças, vemos que a guerra é concebida por eles de maneira semelhante.

Um chefe dos Zulus, antes de combater com outro chefe, exercita sua magia sobre ele. Providencia-se alguma coisa que lhe pertença e o primeiro chefe se lava com ***intelezi*** *(água da infusão de diversos tipos de plantas), a fim de levar vantagem quando a batalha começar. E, na verdade, o outro já foi vencido muito tempo antes, pelo fato de que um objeto seu foi apoderado e enfeitiçado. E, se os animais do inimigo fugiram, leva-se ao chefe seus excrementos e a terra onde estão impressas suas pegadas a fim de que ele possa agitá-los como uma batedeira e se sentar em cima deles. Então os guerreiros dizem: "O chefe agora sentou sobre eles. Ele já os comeu. Nós os encontraremos." E quando eles os encontram, dizem: "O doutor do chefe é realmente um doutor!"*[570]

Reconhece-se aqui a disposição da mentalidade primitiva em olhar como real e já presente um evento futuro, do qual ela está certa por razões místicas. Pois as operações mágicas infalíveis foram realizadas, o inimigo já está derrotado e seu rebanho já foi capturado. A vitória não foi somente preparada e pré-configurada: ela já foi, ao pé da letra, ganha. A sorte da guerra não será traçada no campo de batalha onde os guerreiros se encontrarão. A decisão já aconteceu na região do invisível. Assim se explicam as "estranhas consagrações do rebanho", que fala Lichtenstein, praticadas pelos sacerdotes quando uma guerra está em perspectiva. "Elas têm por objetivo proteger esses animais __ cuja posse é, geralmente, a única causa de guerra __ contra o perigo de ser levado à força pelo inimigo"[571]. O chefe opõe antecipadamente sua magia à magia presumida do adversário:

> *Sekukuni pôs seus feiticeiros em movimento. Mapoch fez o mesmo com os seus. Cada um deles tentou quebrar a força de seu inimigo através de meios sobrenaturais. Para grande horror dos Matébélés, encontrou-se na entrada da aldeia um cesto com uma enorme cabeça de rinoceronte que os olhava com ar ameaçador. Foi preciso que os feiticeiros colocassem este hóspede amedrontador fora de condições de arruiná-los... Observa-se em muitas tribos africanas uma prática mágica realmente horrível, pela qual se acredita poder aniquilar o poder do inimigo: esfola-se um prisioneiro e usa-se a pele, após ter sido curtida, para consagrações fortificantes.*[572]

Entre os Barotses, o Sr. Coillard observou um fato singularmente semelhante a este que acabamos de ver entre os Creeks: a direção da marcha confiada a uma jovem que se supõe

inspirada pelas potências invisíveis.

> *A jovem... não é a vivandeira do regimento, ela é sua profetisa. Escolhida pelos ossinhos divinatórios, ela é a intérprete dos deuses. Nada é feito sem ela. É ela que dá o sinal de partida e de alto. Ela leva o chifre que contém as poções mágicas de guerra e os encantamentos. Ela está sempre à frente da vanguarda e não é permitido a ninguém, mesmo no descanso, passar diante dela. Se ela se cansa ou cai doente, os jovens devem carregá-la. Ao chegar diante do inimigo, é ela que dará o primeiro tiro de fuzil e durante todo o tempo que durar a batalha não lhe será permitido dormir, se sentar, comer ou beber... Na volta, em recompensa por seus serviços, a jovem profetisa se tornará uma das* ***maori****, uma das mulheres do rei.*

No Congo, os adivinhos desempenham o mesmo papel na guerra, como na América do Norte e na África austral.

> *Eles são os árbitros das resoluções, sobretudo quando a incerteza do resultado faz hesitar. Eles abençoam, eles amaldiçoam, eles chamam desastres sobre o inimigo e, sabendo que entre eles há outros feiticeiros, seus rivais, eles se esforçam para matá-los por meio de encantações... Eles se vangloriam de saber, por uma revelação especial, as vitórias e as derrotas, de penetrar o fundo dos corações e de possuir um conhecimento perfeito do que se passa no outro mundo.*[573]

> *A aproximação de uma guerra entre duas aldeias é o sinal de uma grande atividade entre os curandeiros. É preciso que seu conhecimento do futuro lhes faça descobrir como acabará a luta que vai acontecer. É preciso preparar os*

encantamentos para proteger os guerreiros contra as armas de fogo, as lanças, as flechas etc.[574]

Aos olhos dos Bangala, os galões dos oficiais brancos têm precisamente o objetivo de impedir aqueles que os usam de serem feridos; eles são também encantamentos.[575]

A própria coragem não se explica sem uma razão mágica. "Como é possível que o branco não tenha medo, fraco como ele é e longe de ter a força para lutar conosco? É preciso que ele tenha um encantamento que o torne invulnerável"[576]. A conversa seguinte ressalta bem o que os nativos têm na mente em tais casos.

Eles pensavam que nós tínhamos uma poção mágica que nos tornava invisíveis, senão invulneráveis. Eis a prova. Algum tempo após nossa chegada à região, eu estava sentado perto de Mankokwe. O Sr. Dickinson, nosso médico, me acompanhava. O chefe tornou-se repentinamente muito afetuoso. Ele me passou o braço ao redor do pescoço e eu compreendi que ele ia me pedir alguma coisa. Por fim, ele me perguntou:

"__ Este é seu curandeiro?

__ Sim.

__ Diga-lhe que me dê sua poção mágica de guerra."

Eu ri amavelmente e lhe disse que nós não tínhamos uma poção mágica deste tipo. Ele não acreditou e replicou:

"__ Isso não é verdade. Vocês têm uma. É certo que vocês têm uma e você não quer me dar. Eu te peço; diga a ele para fazer isso."

Eu repliquei:

"__ Eu digo a verdade. Nós ingleses não temos outra poção mágica que não seja um coração bravo."

Ele se recusou a acreditar em mim e acrescentou:

"__ Não. Isso não é verdade. Isso não é possível. Eu também, meu coração é bravo, mas onde está a vantagem de ter um coração bravo? Um coração bravo sozinho não serve para nada. Os Manganjas têm o coração bravo e seu território foi invadido pelos Ajawas. Os Manganjas avançam para combater o inimigo, mas assim que eles veem o inimigo eles fogem. Por quê? Não é por falta de ter um coração bravo. É porque os Ajawas têm uma poção mágica de guerra mais forte do que a deles. E, pois bem! Vocês têm uma poção mágica de guerra mais poderosa do que a dos Ajawas (os ingleses os tinham derrotado) e tão forte que, se um único inglês marchasse contra todos os Ajawas juntos, ele faria com que fugissem. Eu vos peço, dai-me sua poção mágica de guerra".[577]

Aos olhos deste chefe, só há uma única explicação possível para a vitória dos ingleses. Qualquer outra o faz incrédulo. Sua bravura não dá conta de sua superioridade. Nem mesmo seus canhões ou sua experiência militar fariam isso. A guerra é uma luta de feiticeiros contra feiticeiros, de encantamentos contra encantamentos. A vitória será daquele que possui a poção mágica de guerra mais forte. O evento provou que eram os ingleses que a possuíam. O Sr. Rowley nega. Mas é negar a evidência. É, aliás, natural que os ingleses não queiram compartilhar com ninguém essa admirável poção mágica. O chefe nativo vê essa recusa sem surpresa.

Segue-se destas concepções, que são encontradas quase por toda parte, que uma guerra bem preparada é virtualmente uma guerra ganha. O vencedor (é preciso chamá-lo assim, pois a vitória já lhe

pertence) não deve encontrar resistência. As armas do inimigo falharão, seus olhos ficarão cegos, seus membros se recusaram a agir, seu rebanho será capturado etc. Em geral o ataque acontece ao alvorecer, de surpresa. É a forma comum de combate nas sociedades inferiores; as exceções são em um número muito pequeno. Os primitivos ignoram a batalha em formação. A ideia lhes parece ridícula.

> *Eu me lembro que um dos chefes me perguntou como fazíamos a guerra e me lembro de sua expressão de espanto, quando eu lhe descrevi os homens colocados em fileiras, uns de frente aos outros se atirando com tiros de fuzil. Ele me perguntou, com curiosidade, se eles ficavam fora de alcance e, com minha resposta negativa, ele gritou: "Então vocês são uns tremendos imbecis!" Depois ele quis saber onde ficava o chefe. Eu respondi: "Bem! Ele fica na retaguarda e envia os homens para o combate". Foi então uma explosão de risos.*[578]

Seu método é bem diferente.

> *Os Béchuanas, por exemplo, se aproximam suavemente da aldeia que eles querem atacar, a rodeiam completamente e, por volta das duas horas da manhã, quando o sono é mais profundo, eles avançam precipitadamente, urrando assustadoramente, massacrando tudo o que encontram e estabelecendo uma vitória fácil sobre os infelizes que despertam de sobressalto, gelados de frio, que não têm outra alternativa que não seja se deixar queimar em suas cabanas ou vir oferecer a garganta à faca.*[579]

Geralmente, os assaltantes esperam o fim da noite. Entre os Bangalas,

quando o galo canta, entre cinco ou cinco horas e meia da manhã, o ataque começa. As massas se precipitam pelos quarteirões do inimigo adormecido, cada casa é cercada por dez a trinta guerreiros e sua única porta é emboscada. A fuzilaria explode, o fogo é colocado nas cabanas. Os infelizes assaltados se precipitam para fora de suas casas, onde a morte os espera. Só se poupa as mulheres, que são levadas capturadas.[580]

Em outros lugares, os guerreiros serão menos numerosos, serão armados não com fuzis, mas com flechas ou lanças, massacrarão as mulheres em vez de levá-las como escravas. Mas a hora e as disposições de ataque não variam muito, seja em Bornéu, na Polinésia, na América do Norte, do Sul etc.

Sem dúvida que os primitivos se dão conta que este gênero de ataque é o mais certeiro e que o inimigo, surpreendido desta forma durante o sono, só pode opor uma fraca resistência. No entanto, este cálculo utilitário não é, talvez, a única razão de um costume tão difundido, nem mesmo a principal. O ataque deve acontecer de surpresa e não pode, portanto, acontecer de dia. As pessoas não estariam no interior de suas casas e nem, talvez, da aldeia. Elas teriam tempo para correr às armas e seria difícil, senão impossível, cercá-las. Mas o ataque não pode acontecer em plena noite. Os nativos não gostam de ficar do lado de fora, na escuridão, nem mesmo nas noites de lua. Eles têm pavor dos maus encontros, dos espíritos errantes e, em particular, dos espíritos dos mortos. Resta então a alvorada, o amanhecer.

O Kai (Nova Guiné alemã) realiza sempre suas expedições guerreiras de madrugada. De sorte que ele tem um longo dia diante dele para realizar sua vingança e para voltar

para casa antes de cair a noite. Na escuridão, ele teme os espíritos daqueles que eles mataram. Durante o dia, estes não são perigosos.[581]

Da mesma forma, bem longe de lá, no Chaco central, a mesma razão é invocada.

A guerra consiste em surpresas. Mas, como se tem muito medo dos espíritos malfazejos, jamais os ataques acontecem de noite. Eles são feitos sempre um pouco antes do nascer do sol.

Mesmo se os nativos se encontrem nas proximidades do inimigo, eles esperarão esta hora.[582]

Nas regiões equatoriais e sob os trópicos, como o crepúsculo é extremamente curto, os assaltantes só dispõem de muito pouco tempo. O ataque deve ser fulgurante.

Poder-se-ia acreditar que ele é sempre vitorioso, pois não se trata, na realidade, de um combate, mas de um massacre de pessoas surpreendidas em seu sono. Às vezes, no entanto, ele falha. Diz ainda o Sr. Coquilhat: "Acontece de a tribo atacada acordar a tempo e conseguir infligir uma vergonhosa derrota à assaltante". Um nativo talvez não estivesse dormindo e ele pôde dar o alarme. Por outro lado __ e neste ponto os testemunhos são concordantes e formais __ apesar da vantagem que a surpresa assegura ao ataque, ele jamais é levado a fundo. Se ele não é vitorioso logo de início e completamente, se os assaltantes sofrem a menor perda, eles não insistem e batem logo em retirada. O Sr. Neuhauss viu bem a razão disso. "A consciência de não ter chance para eles, destrói toda sua audácia. Sua poção mágica não funcionou e todos os seus esforços seriam inúteis"[583].

No momento em que eles se precipitam sobre a aldeia adormecida, eles estão certos da vitória. Não somente porque o inimigo está sem defesa e não pode sair das cabanas sem ser golpeado, mas também __ e sobretudo __ porque suas "poções mágicas" estão funcionando. O inimigo está em seu poder, ele lhe foi "entregue' (*doomed*), como o homem enfeitiçado está "entregue" ao tigre ou ao crocodilo. Ele está sem condições de se defender. Geralmente o evento confirma essa expectativa e o massacre é terminado sem obstáculo. Mas, se acontece uma resistência imprevista, se vários assaltantes, ou até mesmo um único deles, é morto ou gravemente ferido, logo o assalto cessa e se bate em retirada. Pois se tem a prova de que as "poções mágicas" não agiram como se esperava. Talvez elas tenham sido paralisadas por outras mais fortes que o inimigo colocou em jogo? Insistir seria loucura.

O Dr. Nieuwenhuis assinalou este detalhe em Bornéu:

> *Muito característico também é o fato de que, nos combates travados por essas tribos, basta a morte ou o ferimento grave de um único homem, para colocar em fuga toda a tribo. É visto aqui, com efeito, sem sombra de dúvida, um sinal da cólera dos espíritos e isso prova, ao mesmo tempo, a forte impressão que um fato assim produz sobre todos eles.*[584]

Mas essa forte impressão provém principalmente do medo que as potências invisíveis lhes sejam hostis. Assim que um sinal desse desfavor aparece, o primitivo se inclina diante da decisão, como ele aceita sem jamais murmurar a decisão de um ordálio. Nas Ilhas Fiji,

> *assim que um mau golpe falhou, o nativo abandonará a ideia de recomeçá-lo. Ele põe fogo numa casa, mas as chamas*

são sufocadas a tempo: o incendiário aceita sua derrota e não renovará sua tentativa. Um assassinato é impedido: aqueles que gostariam de cometê-lo consideram que ele foi decretado assim. Um infeliz é feito prisioneiro: ele não procura se salvar; tudo o que ele deseja é um pronto fim para seus sofrimentos.[585]

Desta forma, esses mesmos fijianos se preocupam em assegurar sua salvação, caso a batalha não lhes dê imediatamente a vantagem. Diz ainda Waterhouse:

Em suas preparações de ataque, uma característica bem impressionante é o cuidado que eles dão às disposições previstas em caso de derrota. Eles levam às vezes vários dias para preparar os ***orna*** *(trilhas para se salvar em caso de derrota), enquanto que o ataque só durará poucas horas.*[586]

Aos fijianos não faltava coragem. Mas eles não poderiam ir contra a decisão das potências invisíveis e eles achavam sábio prever o caso em que ela estaria contra eles.

Da mesma forma, na África equatorial,

quando dois chefes vão à guerra, a vitória não depende somente de sua força e de sua coragem, como pensaríamos, mas também das "poções mágicas". Se, do lado do chefe mais poderoso, alguns homens caem, logo se bate em retirada. Esse exército reconhece que suas "poções mágicas" não foram eficientes. Nada pode convencê-los a recomeçar o combate.[587]

Por fim, a mesma convicção faz os Creeks agirem da mesma forma. Os mesmos que seguem com tanta confiança uma jovem que eles nomearam sua guia na campanha. Eles acabam por encontrar algum inimigo e o massacram. Diz o Pe. De Smet:

Esse primeiro enfrentamento jogou os vencedores na consternação, pois eles também tiveram sete homens mortos e quinze feridos. Eles desvendaram os olhos da jovem heroína e os manitus que eles acreditavam tão propícios, eram agora considerados como desfavoráveis aos seus projetos guerreiros e os combatentes se dispersaram rapidamente, pegando os caminhos mais curtos para retornarem para suas casas.[588]

§5. Preparações mágicas das armas. As flechas envenenadas. Ao que é atribuída a eficácia dos instrumentos, aparelhos e ferramentas. A experiência revela se eles são abençoados ou amaldiçoados. Objetos dotados de propriedades extraordinárias.

Índice

As armas utilizadas na guerra são fabricadas com todo o cuidado que os nativos são capazes. Elas demonstram geralmente uma grande engenhosidade que os faz temíveis e mortais. Mas sua eficácia não se deve somente __ nem principalmente __ às suas qualidades visíveis e materiais. Ela depende essencialmente da virtude mística que lhe for conferida por "poções mágicas" ou por operações mágicas. Desta forma, as armas dos guerreiros são sagradas. Geralmente, ninguém ousa tocar nela além dele. Elas são cercadas, em tempos de paz, de mil cuidados, para concentrar e manter nelas a influência mágica que lhes assegurará a vitória.

Assim, na Nova Pomerânia (perto da Ilha da Gazela),

antigamente, se conservavam todos os tacapes na casa da ***malira****. Era uma cabana construída expressamente para guardar nela as "poções mágicas" e todos os objetos relacionados a elas... Em tempos de guerra retiravam-se esses*

tacapes, após a recitação sobre eles, na cabana, das fórmulas mágicas usuais. Previamente eles tinham sido esfregados com a ***malira*** *(uma folha de árvore dotada de propriedades mágicas) corresponde a cada um deles... cada tipo de tacape tinha sua* ***malira*** *especial... Todas essas operações mágicas tinham por objetivo tornar mortais os tacapes, de tal maneira que um só golpe dele bastava para jogar o inimigo por terra. Diziam que essas operações, bem como os tacapes, tinham vindo de muito longe.*[589]

Bem perto dali, em Buin (Ilha Bougainville), usam-se processos semelhantes.

A fim de que as lanças atinjam infalivelmente seu alvo, elas são consagradas __ especialmente durante uma certa dança em honra aos mortos __ batendo-as contra o solo, o que lhe quebra a ponta. Ou então, elas podem também ser consagradas atirando-as sobre um alvo colocado no cadáver de um homem que morreu de morte violenta (por exemplo, por ocasião da construção da casa de um chefe). Recolhe-se em seguida as lanças que atingiram o alvo, afia-se a ponta de novo e elas são munidas com ganchos.[590]

Os nativos não se contentam, no entanto, em submeter suas armas a um tratamento mágico; eles querem também identificar aquelas em que o efeito desejado foi produzido e eles só utilizam estas. Antes de serem utilizadas, elas devem passar por uma prova. Fazemos o mesmo com nossos canhões. Mas o ensaio, entre os melanésios, é místico, como a própria eficácia das armas testadas.

Codrington explicou bem que suas flechas são envenenadas, mas não no sentido que os europeus dizem.

O que os melanésios querem e é o que eles obtêm __ pelo menos eles se convencem disso __ é uma flecha que terá, para ferir, um poder sobrenatural (mana), ao mesmo tempo, por causa do material com que ela é feita e por causa das propriedades adicionadas a ela através dos encantamentos e preparações mágicas... A ponta é de osso humano, fazendo com que ela tenha, por conseguinte, mana. Ela foi fixada à flecha com poderosas "poções mágicas"; outro mana. Ela foi revestida com um material quente e ardente __ já que se quer que a ferida queime __ preparado e empregado com "poções mágicas". Estas são as flechas que nós __ e não eles __ chamamos de envenenadas. Quando a flecha fere um inimigo, emprega-se, para favorecer e prolongar sua ação fatal, a mesma magia que serviu para dar à arma seu poder sobrenatural...

Para combater esta ação, os parentes do ferido,

se a flecha, ou uma parte da flecha, foi guardada ou extraída do ferimento, ela é colocada num lugar úmido ou envolvida em folhas frescas. Desta forma, a inflamação será leve e passará rápido... Por outro lado, o homem que lançou esta flecha e seus amigos beberão líquidos quentes e ardentes e mascarão folhas cujo suco é irritante. Serão queimadas ervas azedas ou amargas, a fim de produzir uma fumaça irritante... o arco será colocado perto do fogo para tornar ardente o ferimento produzido por ele, ou então __ como na Ilha do Leproso __ ele será colocado numa caverna assombrada por um fantasma. Sua corda será mantida tensionada e será retirada de tempos em tempos, para produzir no ferido uma tensão dos nervos e os espasmos do

tétano.[591]

Tudo se passa, portanto, na região do místico. Amigos e inimigos do ferido igualmente transitam por lá. O que chamamos de efeito físico é, aos olhos dos melanésios, um efeito mágico. Para melhor dizer: nós distinguimos os dois, eles não o fazem. Em nossa visão, se a flecha está envenenada é porque ela foi revestida com produtos tóxicos. Para os nativos, ela está carregada apenas de mana, cujo poder é tal, que ele continua a agir mesmo distante do ferido.

Não insistirei nesses costumes quase universalmente difundidos. Só se tem confiança nas armas que passaram por uma preparação mágica. Por exemplo, na África do Sul, entre os Makololos, usa-se uma "poção do fuzil", na falta da qual, segundo uma crença extremamente comum, ninguém consegue atirar direito[592].

O que é verdadeiro nas armas empregadas na guerra não o é menos naquelas usadas na caça e na pesca e, de uma maneira geral, nas ferramentas e nos instrumentos. Sua eficácia depende antes de tudo do seu mana e geralmente é somente o resultado que mostra se tal ou tal instrumento o possui suficiente ou excepcionalmente. Assim,

> *a mentalidade Déné vê mistério em toda parte. Sem ter relação com seu valor intrínseco ou com sua estrutura particular, o nativo atribui instintivamente qualidades mais ou menos explicáveis a um instrumento, a uma arma de fogo, a um utensílio de pesca que foi abençoado, talvez ao acaso.* ***Post hoc ergo propter hoc***[593]*, parece ser o princípio de todas as avaliações. Uma velha rede, por exemplo, que, por um golpe de sorte, foi jogada sobre um cardume, será infinitamente mais apreciada, mesmo em frangalhos, do que uma rede nova*

que atingiu uma única vez, provavelmente, um mal lugar.[594]

Esta última observação do Pe. Morice é muito justa. Não seria preciso, no entanto, dizer que o Déné pensa de acordo com o princípio *post hoc ergo propter hoc*. Para o nativo, não há acaso. Se uma velha rede bem gasta propicia uma pesca abundante, é porque os peixes querem de livre vontade entrar nela. Se eles obedeceram assim à influência que os atraiu para ela, foi porque ela possuía uma virtude misteriosa intensa, a qual eles não podiam se livrar. Portanto, as outras redes serão abandonadas, mesmo se estiverem em bom estado, se eles pegaram poucos peixes com elas, enquanto a outra tem o poder comprovado. Hearne já havia dito, com relação aos nativos da mesma região: "Eles frequentemente vendem redes novas, que foram à água não mais do que uma vez, porque eles não tiveram sucesso com elas"[595]. Esses utensílios, mesmo que bem feitos e novos, para que guardá-los, se lhes falta o essencial: a virtude mágica que age sobre os peixes?

Da mesma forma, em Bornéu, entre os Kayans, as armas de caça serão apreciadas segundo a felicidade nos golpes.

> *Um caçador que, com uma só bala matou um javali ou um cervo, extrairá a bala a fim de refundir novamente o chumbo e misturá-lo na fabricação de uma nova provisão de balas ou de lingotes, convencido de que a bala vitoriosa contaminará a massa inteira do metal e comunicará ao todo alguma coisa do que fez seu sucesso. Uma prática semelhante se aplica aos grãos que servem de sementes.*[596]

Inversamente,

> *se uma casa foi em parte destruída pelo fogo, nada do que restou é usado na construção de uma nova. Sente-se, de*

uma maneira indefinível, que o uso de materiais retirados desta casa que queimou exporia à mesma sorte a construção nova, como se esses materiais a infectassem com o mal que está ligado à ela.

Em Samoa,

a qualidade de abençoado ou de amaldiçoado era constantemente atribuída aos objetos. Considerava-se que os anzóis, por exemplo, tinham ou não tinham chance. Algumas canoas e alguns barcos funcionavam muito melhor do que outros para atrair tubarões e outros peixes. As armas também eram julgadas corajosas ou covardes.[597]

Nas sociedades primitivas africanas, características de mesmo gênero abundam. Eis aqui alguns exemplos:

Os Bosquímanos desdenham da flecha que errou o alvo, mesmo que seja uma única vez. Pelo contrário, aquela que atingiu seu alvo dobra de valor aos seus olhos. Por causa disso, qualquer que seja o tempo e o trabalho que lhes custe, eles preferem fabricar novas, a consertar ou empregar novamente aquelas que eles usaram sem sucesso.[598]

Acontece de uma arma, comumente abençoada, não atingir a caça? É porque um encanto mais poderoso que o seu está agindo sobre ela para paralisá-la. O insucesso não pode ter outra causa.

Em geral, após um dia passado na caça aos búfalos ou hipopótamos, eu volto com pelo menos um destes animais. Aconteceu de dois dias seguidos eu não ter conseguido abater nada, mesmo tendo visto uma quantidade grande desses animais... Os homens que me acompanhavam ficaram

totalmente desencorajados por esta falta de sucesso. Convencidos de que isso era devido à intervenção de um espírito que tinha enfeitiçado meu fuzil, eles me pediram, com insistência, permissão para expulsar esse malfeitor intempestivo. "Dê-nos o seu fuzil e faremos esse ***maloki*** *partir", me disseram. Como eu perguntei sobre o processo que eles pretendiam empregar, eles me responderam: "Vamos simplesmente colocar o cano do fuzil no fogo até que ele fique vermelho e expulse assim esse espírito do mal".*[599]

Em Loango,

os nativos se arriscam às vezes à pesca, mesmo quando a barra está perigosa, se a empreitada promete ser rica. Nesse caso, os ***baganga*** *(feiticeiros) se apressam em dispor na praia bastões, panos, faixas de tecido, pacotes de roupas etc. formando uma cadeia bizarra. São encantamentos destinados a favorecer a captura de peixe e impedir que as linhas se rompam, que os barcos afundem e que os pescadores pereçam. Como isso é armado para esta ocasião, terminada a pesca, habitualmente isso é deixado na beira do mar à mercê das ondas e do vento. Mas se, apesar das circunstâncias pouco favoráveis, faz-se contudo uma excelente pesca, sem que aconteça nenhum infortúnio, então esses fetiches de ocasião adquirem um valor muito maior, pelo fato de que foram particularmente felizes. Eles são levados e arrumados com cuidado para servir numa outra ocasião.*[600]

Para a mentalidade primitiva, com efeito, toda experiência que saia um pouco do comum, para o bem ou para o mal, equivale a uma revelação, semelhante àquelas obtidas pela adivinhação ou pelos

presságios. É preciso, portanto, levá-la mesmo em conta e se ajustar de acordo com o que se aprendeu sobre as disposições das potências invisíveis. No caso presente, é precioso saber que, sob a proteção desses encantamentos, se pescará sem perigo, mesmo quando a barra está ruim.

Podemos aproximar desses fatos as reflexões penetrantes de Thalbitzer com relação a certos amuletos usados pelos Esquimós.

> *O amuleto não representa somente o animal que ele imita ou a pessoa que o fez. O amuleto é vivo, porque, enquanto ele era feito, recitava-se uma fórmula mágica ou um encantamento, onde qualidades dominantes desse animal ou de uma parte de seu corpo eram invocadas. Importa, evidentemente, muito pouco, que seja o próprio animal ou sua reprodução que serve de amuleto, ele tem o mesmo poder nos dois casos.*
>
> *Mas há uma nuance de diferença na maneira com que são concebidos os amuletos transmitidos por herança. Eles consistem em instrumentos fora de uso; geralmente fragmentos deles. Aqui, não são as qualidades originais do objeto que são importantes, como no caso dos amuletos em forma de animais; são suas qualidades adquiridas __ por exemplo, a eficácia na caça __ que favoreceram a arma, uma vez que seu primeiro dono tenha se servido dela. Este agora é o poder principal do amuleto.*[601]

Isto não é mais, propriamente falando, um amuleto, mas um portador de boa sorte.

Enfim, as propriedades materiais e visíveis de um instrumento ou de um utensílio são secundárias em relação às suas qualidades invisíveis e místicas, que somente o uso expõe. A ajuda mais

preciosa poderá advir de um objeto qualquer, cuja relação com o fim buscado não foi percebida, até que a experiência revelou que ele possuía esse privilégio. Desta forma, entre os Maidus, da América do Norte,

> *quando se encontra uma pedra ou um objeto com formato bizarro ou de cor estranha, ele é recolhido e seu poder testado. Se a pessoa que o encontrou e que o carrega consigo tem boa sorte em alguma coisa __ por exemplo, na caça ou na pesca __ essa pedra ou esse objeto será cuidadosamente guardado por ela, como um encantamento para ser vitoriosa doravante nessa ocupação.*[602]

Este encantamento, como se vê, se parece muito com o que os jogadores chamam de "fetiche". Quando o Maidu partir para a caça, esta pedra não lhe será menos indispensável do que suas armas.

Às vezes, o objeto extraordinário encontrado coloca a serviço de seus possuidores uma preciosa influência sobre certos seres e se tem, por consequência, um grande interesse em assegurar sua propriedade. Eis um fato bem característico disto, relatado pelo Padre De Smet:

> *Eles (os Coeurs-d'Alènes) me contaram que o primeiro homem branco que eles viram usava uma camisa toda pintada de preto e branco, que lhes pareceu semelhante à varíola. Esse homem usava também uma capa branca. Os Coeurs-d'Alènes pensaram que a camisa suja era o próprio grande manitu que comanda essa terrível doença chamada varíola e que a cobertura branca era o grande manitu da neve e que, se eles pudessem tomar posse dessas divindades e lhes prestar as honras divinas, sua nação estaria para sempre isenta desse*

flagelo mortal e suas caçadas de inverno seriam favorecidas pela grande quantidade de neve que cairia. Eles lhe ofereceram então, em troca desses dois objetos, vários de seus melhores cavalos. A troca foi aceita apressadamente pelo homem branco. A camisa manchada e a capa branca foram, desde então e por vários anos, objetos de profunda veneração. Nas grandes solenidades, os dois manitus eram carregados em procissão sobre uma plataforma bem elevada, habitualmente consagrada à realização de seus ritos supersticiosos. Eles eram estendidos então respeitosamente sobre a relva e lhes eram oferecidos o grande cachimbo de ervas, com toda a veneração característica dos nativos, quando então eles eram apresentados ao sol, ao fogo, à terra e à água. Toda a trupe de menestréis ou de curandeiros entoava então cânticos em sua honra...[603]

Para compreender bem o poder que os Coeurs-d'Alènes atribuem a estes dois objetos e a veneração que eles lhes prestam, é preciso levar em conta que o homem de quem eles os compraram era o primeiro homem que eles jamais tinham visto. Sem nenhuma dúvida, ele lhes pareceu um ser extraordinário, pelo menos como um mágico muito poderoso e, por consequência, os objetos estranhos que ele carregava deviam ser impregnados de virtudes maravilhosas, exercer uma influência decisiva sobre a varíola e sobre a neve, a quem eles se assemelhavam e, enfim, trazer felicidade aos Coeurs-d'Alènes, se estes se tornassem seus possuidores.

§6. O poder eficaz do desejo. O pensamento tem os mesmos efeitos que a ação. A ganância age como o *mau-olhado*.

Sem continuar na interpretação das causas de sucesso, o estudo da orientação mística da mentalidade primitiva me levaria a um último ponto, que confirma as conclusões tiradas dos precedentes. Quaisquer que sejam os instrumentos, armas, ferramentas, processos empregados, os primitivos __ como vimos __ jamais pensam que o sucesso seja certo, nem mesmo possível, se ele só contar com eles mesmos, sem que a ajuda das potências invisíveis esteja assegurada. Os meios materiais, mesmo que indispensáveis, desempenham apenas um papel subordinado. Na guerra, como na paz, é certamente com esta convicção que os primitivos regulam sua conduta. Em certos casos, que eu vou rapidamente indicar, eles levam isso, por assim dizer, ao limite. Os meios materiais não são mais necessários. Sem empregar qualquer instrumento de sorte, pela única virtude mística de seu desejo, o primitivo pode atingir o fim a que ele se propõe.

Em Queensland setentrional (Tully River),

> *se um negro desejar ardentemente que um certo fruto amadureça, ele encarregará uma das grandes espécies de aranha para fazer isso e o resultado virá. Os nativos da costa, em particular, acreditam firmemente neste meio de satisfazer seus desejos.*[604]

> *Se os membros de uma tribo querem fazer mal a uma pessoa de outra tribo, eles deixam seu acampamento e escolhem um lugar arenoso e afastado. Eles cavam então um buraco na areia, no fundo do qual eles modelam grosseiramente uma figura humana. Depois eles concentram seu pensamento naquele que eles desejam arruinar e realizam*

encantações; o mal está feito. O objeto de seu ódio vai sentir uma febre violenta e provavelmente morrerá no intervalo de um ou dois dias.[605]

Este é um caso grosseiro de encantamento. A pessoa "condenada" está sem dúvida representada pela figura humana rudimentar, mas nenhuma ação mística, nenhuma violência efetiva foi exercida sobre este símbolo. O pensamento fixado sobre a vítima e dirigido contra ela basta. A própria força inerente ao desejo deve matá-la. Quando o desejo é expresso, o efeito é às vezes considerado como fatal.

Um certo colono branco, que um nativo importunava muito, lhe disse, nos termos mais enérgicos que ele pode empregar, que ele queria vê-lo morto e que ele estava convencido de que isso aconteceria antes de um ano. O nativo fingiu só rir. No entanto, retornando por volta de um ano após, o estrangeiro soube que o nativo tinha ficado tão atormentado que acabou morrendo.[606]

Evidentemente que este nativo se acreditava "condenado" (*doomed*). O desejo expresso pelo branco equivalia, aos seus olhos, a um enfeitiçamento e as mesmas consequências fatais deveriam se seguir.

A mesma crença foi constatada por Campbell na África austral.

Pelangye, por ocasião da morte de seu pai, herdou todo seu rebanho, que era muito numeroso. Quando o irmão de Mateebe foi assassinado pelos Bosquímanos, Mateebe acusou Pelangye de ter desejado que este assassinato acontecesse e, com este pretexto, ele se apoderou de todo seu rebanho e

ordenou que fossem queimadas todas as suas casas... O fato é que, por causa dos olhos de Pelangye, que eram singulares, grandes e redondos, Mateebe acreditou, ou pareceu acreditar, que ele possuía o poder de um feiticeiro e que ele o havia usado para mandar os Bosquímanos assassinarem seu irmão.[607]

Nesta observação, reconhecemos sem dificuldade a semelhança, assinalada acima[608], do mau-olhado e do princípio maligno alojado no feiticeiro e vemos também este ser acusado de ter usado seu poder simplesmente desejando que alguma coisa acontecesse. A mesma ideia está difundida na região do Congo e na África ocidental.

Os Waregas procuram o sobrenatural em tudo. Eles acreditam que todo mundo tem o poder de jogar um sortilégio, de fazer realizar um desejo. Eles não detalham como isso pode ser feito, mas eles atribuem a essa crença uma ideia de enfeitiçamento.[609]

Em outros termos, eles acreditam que não importa quem pode encantar, ou seja, enfeitiçar, pela virtude do desejo.

No Níger,

Ontem aconteceu uma procissão das mulheres do filho do rei, recentemente falecido. Elas desceram até o rio para fazerem suas abluções... Elas foram obrigadas a tomar o veneno da prova, sob a suspeita de que elas tinham desejado a morte de seu marido... Dessas pobres infelizes, em número de sessenta, trinta e uma morreram. As outras, que vomitaram logo o veneno, escaparam.[610]

Em Calabar,

eu me aproximei do lugar de onde vinham os gritos, que estava a cerca de uns vinte metros do mar e vi uma mulher ligada a um pedaço de madeira, com os braços e as pernas amarradas, esperando a hora da maré para ser jogada na água e se tornar presa dos tubarões. Eu me informei... e soube que era uma das mulheres de um chefe que havia morrido alguns dias antes e que o irmão do defunto a tinha designado para ser vítima desta forma, porque ela havia desejado a morte de seu marido.[611]

Estes fatos ficam ininteligíveis, se ignoramos as representações coletivas que determinam esses primitivos a agirem desta forma. Em primeiro lugar, o desejo que está em questão não é, necessariamente, um desejo consciente, definido e formulado. Uma mulher, num gesto de mau-humor ou impaciência, num acesso de ciúme, pode ter desejado a morte do defunto, sem admitir para si mesma e sem se dar conta disso. Ela pode negar, na melhor boa-fé do mundo e o veneno, ao matá-la, fornecerá a prova do contrário. Se o desejo existiu, mesmo que só por um instante, seu efeito fatal pode ter se produzido, sobretudo no caso em que a mulher escondia nela o princípio maligno que faz os feiticeiros. É o que é assegurado pela prova do veneno. Mas a presença desse princípio não é necessária, já que o desejo por ele mesmo já pode matar, como o enfeitiçamento. Os nativos dessa parte da África estão convencidos disso e isso dá origem a complicações que o Dr. Pechuël-Loesche nos dá uma ideia.

Não podemos colocar em dúvida que há efetivamente pessoas que se acreditam feiticeiras no pior sentido da palavra e que confessam isso publicamente. Um sentimento de ódio com relação a alguém não basta para arruiná-lo, para

matá-lo? A má vontade tem o mesmo efeito que a má ação. Ela age como os raios do sol aquecem... como os ventos refrescam... como o veneno das plantas e a peçonha dos animais. Essa concepção dá ao acaso uma força muito grande. Maus pensamentos podem ser seguidos de um aparente sucesso. Eles têm então, por consequência, uma má consciência. Aquele que os teve se acusa, ou, pelo menos, se comporta de tal maneira que desperta a suspeita nos outros e os encoraja a acusá-lo, ainda mais que os nativos são muito perspicazes para tudo o que toca as relações pessoais.[612]

Se o desejo de ver alguém morrer equivale assim, com toda a força da expressão, a matá-lo, é porque __ como o mal-olhado, como o princípio maligno alojado nos seres anormais e nos feiticeiros __ somente sua virtude mística basta para atingir seu objetivo.

Na Nova França,

eles (os nativos) imaginam que aquele que deseja ou aspira a morte de alguém, particularmente se ele é feiticeiro, obtém geralmente o resultado de seu desejo, mas também o feiticeiro que teve o desejo morre após a pessoa.[613]

Entre os Ten'as,

os desejos do xamã __ quando são produzidos com uma tensão particularmente enérgica da vontade __ têm total eficácia; bem entendido que sob a intervenção de seu espírito protetor. Podemos ver um exemplo deste tipo na versão Ten'a do dilúvio, onde, para fazer reaparecer a terra, o corvo empregou tanta energia que perdeu a consciência.[614]

Entre os Shastras,

em alguns casos de assassinatos, os parentes e os amigos do assassinado rogavam que o assassino morresse ou fosse vítima de algum acidente. Se isso acontecesse, com efeito, a ele ou a alguém de sua família (que era, comumente, incluída nas preces), considerava-se que foram eles a causa do acidente ou da morte. Os parentes do assassinado tinham que pagar o preço do sangue, exatamente como se eles tivessem matado ou ferido o assassino por violência corporal.[615]

O Sr. Sapir nos diz, por outro lado:

Um xamã poderoso podia também atingir sua vítima simplesmente lhe "desejando" o mal, ou o "envenenando" através do pensamento, de acordo com a expressão do nativo que me disse isto. Este método é geralmente empregado por personagens mitológicos __ o Coiote, por exemplo __ e há na linguagem deles um verbo especial para expressar esta operação... Acontecia muito frequentemente, quando alguém se sentia doente, que um certo xamã fosse acusado por outro de ser o autor do fato. Nessas ocasiões, o xamã incriminado era constrangido a curar o doente, sob pena de ser executado.[616]

Este último detalhe é uma nova prova de que o desejo de arruinar é assemelhado a um enfeitiçamento. Quase por toda parte, com efeito, o feiticeiro considerado o responsável por ter tornado alguém doente é obrigado a desfazer ele mesmo o efeito do sortilégio que ele jogou; este é um procedimento invariável. Seu castigo não tarda. Se ele se recusa a desenfeitiçar a vítima, ele é torturado e morto. Muito frequentemente também, a pessoa acusada

desse crime, mesmo se sabe ser inocente, não tem outra chance de salvação que não seja confessar e fazer parecer que desenfeitiçou sua pretensa vítima.

Numa história contada por um nativo Hidatsa aparece um "curandeiro" que viveu com os ursos. Eles o instruíram e ele recebeu deles seu poder mágico.

> *Ele prestava assistência à sua tribo de mil maneiras. Quando os nativos tinham fome, ele pensava: "É preciso que búfalos venham para perto da aldeia". E, quando ele pensava assim, acontecia".*[617]

Na Colúmbia Britânica,

> *se um nativo está irritado com um outro, o meio mais eficaz de lhe mostrar sua cólera, se não for matando-o, é dizer: "Você vai morrer logo!" Geralmente, a pessoa assim designada para a morte sente um terror tão grande que a previsão se concretiza. Quando isso acontece, seus parentes dizem que eles não têm nenhuma dúvida sobre a causa de sua morte e, por consequência, (se eles têm condições de enfrentar a luta que se seguirá), na primeira oportunidade eles atiram naquele que, em sua cólera, predisse a morte.*[618]

Bem recentemente ainda, o Sr. Preuss observou fatos semelhantes entre os nativos com os quais viveu:

> *Atribui-se aos mortos e aos pensamentos um poder totalmente extraordinário... Qualquer fato não é relacionado somente com a atividade exterior, mas é considerado como um resultado da reflexão. Em comparação com a qual, o fato em si da ação é totalmente insignificante e, num certo sentido, não se distingue da reflexão... As palavras não são vistas somente*

como um meio de expressão, mas como um meio de agir sobre as divindades, ou seja, sobre a natureza, bem como os gritos e a música... O que as palavras significam já é realizado só pelo fato de pronunciá-las, supondo-se, bem entendido, a força mágica necessária na pessoa que fala... Podemos ver, em diversos exemplos, que, quando a pessoa age, os pensamentos estão no primeiro lugar como meio de ação e que eles podem até mesmo produzir seu efeito sem a ajuda das palavras nem dos atos materiais.[619]

O que o Sr. Preuss chama reflexão (*Nachdenken*) ou pensamento (*Gedanke*), não é, sem dúvida, diferente do que os observadores ingleses e americanos designam pelo termo desejo (*wish*). Não se trata, entre os primitivos, de concepções teóricas, mas sim estados psicológicos complexos onde geralmente o elemento afetivo predomina.

Na América do Sul, entre os Lenguas do Grande Chaco,

quando uma pessoa exprime seu desejo de chuva ou de um vento fresco do sul, seus vizinhos não compartilham este desejo com ele, protestam energicamente e lhe suplicam para não persistir neste desejo. Eles sempre pensaram que eu tinha um poder especial de agir sobre o vento sul e que ao assobiar eu podia produzi-lo à vontade. Isso provinha, provavelmente, do fato de que os europeus recebem com prazer esse vento que os alivia do calor escaldante.[620]

Pode ser, mas é preciso também levar em conta a virtude própria do desejo, sobretudo quando se trata de um feiticeiro tão poderoso quanto o Sr. Grubb era, aos olhos dos Lenguas.

Entre os Araucanos,

o concerto de lamentações das mulheres ao redor do morto, não é simplesmente um costume fúnebre, mas uma série de maldições contra o assassino, de uma eficácia mágica em certas ocasiões. Na falta de outra forma mais positiva, a vingança é efetuada deste jeito.[621]

Por fim, na Índia, entre os Todas,

dois homens me disseram que um feiticeiro, simplesmente pensando num efeito que ele desejava obter, podia produzi-lo realmente, sem precisar empregar nenhuma fórmula mágica, nem realizar nenhum rito especial.[622]

Essa crença tão comum contribui para explicar, sejam outras crenças derivadas delas, sejam costumes relacionados a elas. Por exemplo, em muitos lugares __ África do Sul, Índia e outros __ quando a chuva por fim cai, após uma longa estiagem, é proibido, mesmo se ela é leve ou parece querer cessar, ir trabalhar no campo. “Se choveu à noite e até de manhã, ninguém cultiva os campos no dia seguinte, para não perturbar e interromper a chuva”[623]. Com efeito, o homem ou a mulher que trabalhasse em seu campo não poderia se impedir de desejar que ela cessasse e este desejo agiria sobre ela.

Na Índia do norte,

quando se precisa de chuva, se alguém sai de sua casa com a cabeça descoberta enquanto chove, fazem com que ele retorne imediatamente, ou então lhe dizem que coloque seu chapéu ou seu turbante, pois um homem com a cabeça descoberta está sujeito a desejar involuntariamente que a chuva cesse e assim fazer um mal ao seu próximo.[624]

Acontece de se atribuir este mesmo poder aos desejos dos

animais. Na península de Málaca,

> *pensa-se que ter gatos trás felicidade, porque esses animais desejam ter uma almofada bem macia para se deitar e desejam assim, indiretamente, a prosperidade de seu dono... Mas ter cães trás infelicidade... o cão deseja a morte de seu dono, pois abate-se animais nas cerimônias fúnebres e os cães têm assim ossos.*[625]

Desejos involuntários, mas que nem por isso produzem menos efeitos.

Compreende-se melhor assim, de acordo com esta crença, o tipo particular de terror que inspira o feiticeiro em certos grupos sociais, na exasperação que se traduz nas torturas afligidas a eles e na instantaneidade do ataque quando se decide se desfazer dele, geralmente após longo tempo de hesitação. Ele pode fazer tanto mal e de uma forma tão fácil! Para ele basta __ mais do que qualquer outro __ pensar com intensidade, querer energicamente que alguma coisa aconteça e seu desejo se realiza fatalmente. Ele pode, portanto, quando bem o quiser, sem fazer nada que chame a atenção, sem mexer um dedinho, atrair para seu vizinho a ruína, a doença e a morte. Com relação a uma pessoa dessas, tão temível, só há duas condutas possíveis: se assegurar de sua boa vontade ou exterminá-lo. Daí, por um lado, os privilégios que ele goza, as vantagens de todo tipo que ele consegue e que os outros não ousam lhe recusar ou lhe contestar. Daí também seu fim, na maioria das vezes, trágico.

Essa faculdade de arruinar somente pela força do pensamento está ligada muito intimamente ao que se chama comumente de mau-olhado ou *jettatura*. O Sr. Hobley forneceu a razão disso.

> *Aqui e ali, em todo o país, há __ pensa-se __ algumas*

pessoas que são dotadas dessa qualidade, tanto mulheres quanto homens e que nasceram com ela. Pouco a pouco, virá à mente das pessoas que fulano ou beltrano possui esse poder, porque se ouviu que essa pessoa elogiou o animal de um vizinho e logo depois este animal caiu doente... Parece, portanto, que a ideia não se relaciona a um olhar maléfico, mas a um pensamento invejoso... O proprietário do animal mandará buscar a pessoa que teve o mau-olhado e insistirá para que ela retire o mal. Para isto, este umedece seu dedo com saliva e toca o animal no focinho e em outras partes de seu corpo com seu dedo molhado. Acredita-se que o enfeitiçamento é neutralizado desta forma.[626]

O proprietário do animal doente pensa, portanto, que ele é vítima de um malefício e que o autor é uma pessoa que, ao olhá-lo e elogiá-lo, desejava-o. Este desejo, expresso ou não, age sobre ele. Há somente um remédio e precisamente aquele que é sempre empregado nos casos de feitiçaria. É preciso que o próprio autor do malefício o destrua. A pessoa cujo desejo arruína é vista como uma feiticeira.

Nesse momento percebemos uma pequena tropa de belos animais. Como os olhávamos atentamente, alguém estendeu o dedo em sua direção. Aba Ganda disse: "Tome cuidado para não fazer isso diante dos Gallas. Não olhe muito para seus animais e principalmente evite fazer um elogio a eles. Os Gallas são muito ciumentos com seus animais. Se um estranho os admira, eles atribuem isso à inveja e logo sua cólera se inflama. Não preste atenção ao seu rebanho e se falar com eles, faça sempre observações as mais desfavoráveis possíveis.[627]

Na Arábia Pétrea,

> *quando alguém olha um animal com inveja, porque bem que gostaria de possuí-lo, as pessoa do lugar pensam que sua alma entra em relação com o animal e que este perecerá, se seu dono o mantiver. Da mesma forma, se alguém deseja uma mulher, uma criança, uma roupa, sua alma lhes faz mal e eles padecem com isso. Se o autor do mal for conhecido, rouba-se um pedaço de sua roupa e ele é usado para fumigações sobre a pessoa doente. Isso funciona geralmente, mas não sempre. Se o autor não for conhecido, é preciso ir procurar um "vidente", que encontrará por quem o animal de fulano ou o próprio fulano foi posto neste estado.*[628]

A cobiça é, portanto, por ela mesma, não um simples sentimento ou desejo, mas um ato positivo, efetivo, da alma daquele que deseja sobre o objeto cobiçado. De acordo com a expressão do Sr. Preuss, o pensamento, neste caso, tem o mesmo efeito que a ação. O missionário Casalis também já tinha observado isso. Diz ele:

> *A cobiça tem sua designação própria. Esses povos reconhecem nela um poder temível e parecem ter construído um axioma que diz ser impossível impor um silêncio aos desejos desregrados do coração. Eu me lembro que, pouco tempo após minha chegada a Lessoto, um chefe, tentando enumerar os dez mandamentos, só podia encontrar nove. Nós lhe relembramos o décimo: "Não cobiçarás". Ele disse: "Este não é um mandamento a parte. Eu já o mencionei, ao dizer: 'Não roubarás, não cometerás adultério'". Desta forma, a consciência de um pagão lhe revelou o que Jesus Cristo foi obrigado a explicar aos depositários da lei.*[629]

Esta observação não deixa mais dúvida. Nas representações coletivas dos Bassutos, cobiçar é um ato de mesma natureza que roubar (o adultério, entre os Bassutos, tem principalmente o caráter de um atentado à propriedade). O que chamamos de uma disposição moral é, para eles, a colocação em ação de uma força mística que se exerce sobre o objeto cobiçado e para seu prejuízo. Casalis e o Sr. Musil atribuem essa força à "alma". Palavra cômoda, mas que corresponde mal ao que os primitivos têm em mente. A estreita afinidade que eles estabelecem entre o desejo, a cobiça, o mau-olhado e o princípio maligno que constitui a feitiçaria, faria pensar que não se trata aqui da "alma" tal como nós a entendemos. Talvez seja preciso ver aqui, acima de tudo, uma manifestação do mana que emana, que irradia de todo objeto, de todo ser vivo, de toda pessoa humana e que é particularmente forte e temível quando essas pessoas são chefes, ancestrais, feiticeiros etc. Para algumas destas pessoas, este mana participa do princípio chamado "alma"; para outras, ele é uma coisa bem diferente.

Seja o que for, está pelo menos estabelecido que, segundo as representações coletivas dos primitivos, o desejo tem, por ele mesmo, a virtude mística de agir sobre seu objeto, sem fórmula mágica e sem ritos. Não há nada estranho aqui, para esta mentalidade, habituada a tratar as causas segundas e os instrumentos de toda natureza, como negligenciáveis e a só prestar atenção nas causas invisíveis; as únicas eficientes, aos seus olhos.

***

Capítulo XI

Interpretação mística da aparição dos brancos e do que

eles trazem.

§1. Reação dos primitivos ao primeiro contato com os brancos. Eles representam o mundo como fechado. Os brancos são espíritos ou fantasmas. Pavor causado pela sua aparição. Os primeiros missionários tomados como feiticeiros.

Índice

Com a aparição dos brancos entre os primitivos, que nunca os tinham visto e que, às vezes, nem mesmo suspeitavam de sua existência, as primeiras relações estabelecidas entre eles são acontecimentos de natureza __ me parece __ a nos esclarecer características importantes da mentalidade própria das sociedades inferiores. Como elas reagem ao primeiro contato com os brancos e com tudo de extraordinário que eles trazem com eles? Se tivermos sobre esse encontro informações precisas e detalhadas, isso seria como um tipo de experimentação natural, onde a mentalidade primitiva, colocada totalmente em circunstâncias imprevistas, se vê jogada para fora de seus hábitos e de suas tradições.

Infelizmente, as testemunhas desses fatos tão interessantes para a ciência antropológica __ os exploradores, os missionários e os naturalistas __ nem sempre estão preocupadas em observá-los com todas as precauções necessárias. Surpreendidos pelo que eles veem, incapazes de estudar pessoas cuja língua eles ignoram e que são muito desconfiadas e temerosas, eles só recolhem aquilo que lhes parece mais curioso, estranho, inverossímil, na aparência exterior dos “selvagens” e em seus modos de agir, ou até mesmo se limitam a contar como foram estabelecidas suas relações com eles, se foram amigáveis ou hostis. Por outro lado, por razões mais do que evidentes, é extremamente raro que tenhamos um testemunho dos

próprios primitivos sobre a impressão produzida pela primeira experiência que eles tiveram com os brancos.

O choque deve ter sido ainda mais violento pelo fato de que, em geral, eles viviam em mundo fechado, cujos muros eles não imaginavam que pudessem ser rompidos. A cosmografia dos primitivos __ pelo tanto que nós a conhecemos __ era muito uniforme antes da chegada dos brancos. A dos Dayaks, de Bornéu, pode nos dar uma ideia disso.

> *Eles pensam que a terra é uma superfície plana e o céu um domo, um tipo de cúpula de vidro que cobre a terra e entra em contato com ela no horizonte. Eles acreditam, por conseguinte, que andando sempre reto, sempre na mesma direção, chega-se enfim, literalmente, a tocar o céu com sua mão. Por consequência, como eles sabem que os europeus vêm de muito longe através do mar, eles chegam naturalmente à conclusão de que estamos mais pertos do céu do que eles. Parece-lhes, portanto, impossível que eu não tenha ido até à lua e eles querem saber se em meu país nós temos uma ou várias luas e também se nós só temos um sol. Era muito divertido ver os sinais de incredulidade que minhas respostas negativas provocavam em meus ouvintes... Foi uma verdadeira decepção para eles me ouvirem assegurar que na Europa o céu estava na mesma distância da Terra que em Bornéu.*[630]

Da mesma forma, os polinésios,

> *imaginavam que o mar que rodeia suas ilhas era um plano horizontal e que no horizonte visível, ou a alguma distância de lá, o céu (**rai**) se juntava ao oceano, reunindo*

assim como sob uma abóbada ou sob um cone oco as ilhas de sua proximidade imediata. Eles conheciam outras ilhas, como Nuuhiva ou as Marquesas, Vaihi ou Sanduíche, Tongatabou ou Ilha dos Amigos. Estes nomes são encontrados em suas tradições e em seus cantos. Mais tarde, também, eles tinham ouvido falar de ***Beritani*** *(Bretanha) e de* ***Paniola*** *(Espanha). Mas eles pensavam que cada um desses lugares tinha sua atmosfera própria e estava envolvido da mesma maneira que eles imaginavam suas ilhas rodeadas pelo céu. Por isso, eles falavam dos estrangeiros como pessoas que vieram "de trás do céu", ou do outro lado do que eles consideravam o céu de sua parte do mundo.*[631]

Também nas Ilhas Mortlock,

> *os nativos desenharam com giz verdadeiros mapas do arquipélago inteiro das Carolinas e também das ilhas próximas, as Marianas... Um deles conta todo tipo de coisas sobre as ilhas Palaos, situadas a oeste das Carolinas e parece que, em sua geografia, essas ilhas eram consideradas como* ***ultima Thule****. Para a pergunta: que terra ainda existe depois de Palaos? Ele responde traçando uma linha a oeste dessas ilhas e nos explica, da maneira mais clara, que lá, além das ilhas Palaos, a abóbada celeste já está muito próxima da terra para que se possa navegar; no máximo seria possível rastejar no chão ou mergulhar na água.*[632]

Nas ilhas Gambier, "nos fizeram muitas perguntas sobre nosso país e, como dissemos que ele estava muito longe, nos perguntaram se nossa terra tocava o céu"[633].

Em Samoa, "os nativos antigamente pensavam que o céu

terminava no horizonte. Daí o nome que eles dão ainda hoje aos brancos: *pâpâlangi*, ou seja, 'furadores do céu'"[634]. Entre os melanésios das ilhas Loyalty, "para a mente de um habitante de Lifu, o horizonte era um objeto tangível, a alguma distância. Muitos nativos pensavam que se eles pudessem atingi-lo, seria possível subir até o céu"[635].

Essa representação não é específica das sociedades do Pacífico Sul. Nós a encontramos também na África austral.

> *O céu é para eles (os Thongas) uma imensa abóbada sólida que repousa sobre a terra. O ponto onde o céu toca a terra se chama* ***bugimamusi****, curiosa palavra da classe* ***buma****, que significa o lugar onde as mulheres podem apoiar seus pilões contra a abóbada (porque em qualquer outro lugar elas só podem apoiá-los contra uma parede ou uma árvore).*[636]

Na América do Norte,

> *de acordo com a crença dos nativos, a terra é um disco circular, habitualmente rodeado de água por todos os lados e o céu, um hemisfério côncavo sólido que se encontra no horizonte com a terra. Nos mitos dos Cherokees e outros nativos, continuamente o céu se levanta e abaixa sobre a terra, como a lâmina de cima em uma tesoura.*[637]

O sol, que vive no exterior desse hemisfério, desliza de manhã, no momento em que se produz uma fenda momentânea entre a terra e a borda do céu e ele sai à oeste, de noite da mesma maneira[638].

Nesse mundo fechado desta forma por todos os lados, onde cada tribo só conhece ela mesma e suas vizinhas, principalmente quando se trata de insulares, que efeito produzirá a aparição de seres nunca vistos, parecidos com humanos mas, no entanto, diferentes

deles na cor, nas armas, na linguagem e por tantas outras singularidades? Os nativos ficarão apreensivos e aterrorizados, muito mais do que espantados, propriamente falando. Que existem tais seres, suas lendas e mitos os preparou para admiti-los. O mundo invisível, que é apenas um com o mundo visível, é povoado de seres mais ou menos nitidamente definidos, mais ou menos parecidos com os humanos e, em particular pelos mortos e os ancestrais, que são também humanos, mas numa condição diferente. O que é inédito é esses seres, que pertencem ao mundo invisível, se mostrarem em plena luz do dia, chegando em objetos desconhecidos, desembarcando, falando etc. Tudo o que eles fazem, tudo o que eles trazem causa um tipo de horror religioso, que os viajantes frequentemente descreveram.

Eu acho melhor relatar aqui a narrativa de um velho nativo da Colúmbia Britânica, um pouco longa, mas que dá a impressão viva desse primeiro contato.

> *Uma grande canoa nativa estava ocupada, em um estreito, com a pesca do halibute. Um nevoeiro espesso os envolvia. De repente, eles ouviram um ruído como se um grande animal abrisse passagem na água. Imediatamente eles pensaram que um monstro saído do abismo os estava perseguindo. Rapidamente eles levantaram suas linhas, pegaram seus remos e a toda velocidade eles se dirigiram para a praia. O ruído na água se aproximava sempre. A cada minuto eles ser engolidos pela goela do animal imenso. Eles chegaram, no entanto, à praia, saltaram e se viraram então, com a garganta apertada de medo, para verem a aproximação do monstro. Logo um barco, tripulado por homens de aspecto estranho, emergiu do nevoeiro. Um pouco aliviados de seu*

*terror, os nativos permaneceram, no entanto, imóveis, congelados pelo espanto. Um deles trazia sobre os ombros o que parecia ser um bastão. No mesmo instante, ele o apontou para um pássaro que passava voando. Uma detonação violenta explodiu e o pássaro caiu abatido no chão. Os nativos "morreram". Quando eles retornaram à vida, eles se perguntaram sobre o estado um do outro, para saber se alguém havia morrido e o que cada um havia sentido. Os brancos fizeram sinal então para que fosse aceso um fogo. Imediatamente os nativos se recobraram e esfregaram dois pedaços de madeira, um contra o outro. Os estrangeiros se puseram a rir e um deles, pegando um punhado de ervas secas, fez saltar uma faísca em um pouco de pó colocado debaixo delas. Imediatamente se produziu uma nova detonação e uma chama brilhou. Os nativos "morreram". Após isso, os recém-chegados quiseram cozinhar peixe. Os nativos colocaram então água e peixe em um de seus cestos quadrados de madeira e colocaram pedra sobre o fogo, para jogá-las, quando estivessem quentes, no recipiente e cozinhar assim o peixe. Este processo não satisfez os brancos. Um deles foi buscar no barco uma caçarola de estanho e colocou nela a água e o peixe e, coisa estranha de se dizer, a colocou sobre o fogo. Os nativos olharam com espanto. Mas a caçarola não se consumiu e a água não se escoou para o fogo. Então, mais uma vez os nativos "morreram". Após terem comido o peixe, os estranhos colocaram uma caçarola de arroz sobre o fogo. Os nativos se olharam e disseram bem baixinho: "**Akshahn**! **Akshahn**!" (Vermes! Vermes!). Quando o arroz ficou cozido, um pouco de melaço foi misturado a ele. Os nativos*

arregalaram os olhos e disseram: "Gordura de 'pessoas mortas'!" Então os brancos lhes ofereceram o arroz com melaço, mas os nativos só recuaram com nojo. Vendo isso, os brancos, para provarem sua boa-fé, se sentaram e comeram eles mesmos. Este espetáculo espantou os nativos e, de novo, todos "morreram". Os brancos realizaram ainda outros prodígios e a cada vez os nativos sentiam se apoderar deles o profundo estupor que eles chamavam "morte". Depois foi então a hora dos nativos fazerem os estranhos brancos "morrerem". Eles pintaram o rosto e pentearam a cabeleira. Um ***nok-nok*** *(espírito fazedor de prodígios) se apoderou deles. Eles avançaram lentamente, se sentaram solenemente diante dos brancos e, depois, em um golpe, levantaram a cabeça e os olharam fixamente. Seus olhos, contornados de vermelho, produziram o efeito esperado. Os brancos "morreram".*[639]

O amor-próprio dos nativos estava salvo e as "mortes" sucessivas produzidas pelas armas, utensílios e alimentos dos brancos, duraram pouco. Todas essas experiências novas, todos esses seres e esses objetos espantosos se classificam quase imediatamente em sua mente, a quem a representação de potências ocultas é familiar. O fuzil, cuja detonação mata o pássaro, a caçarola que fica no fogo sem se queimar etc. são muitos prodígios incríveis, mas cuja explicação não se precisa procurar, pois aqueles que os realizam vieram do mundo dessas potências ou estão intimamente ligados a elas. Os nativos assistem a um sonho com os olhos abertos. Mas eles sabem que o que eles veem em sonho é pelo menos tão real quanto a percepção no estado de vigília.

Os Esquimós da costa leste da Groenlândia não ignoravam que

existiam os brancos, mas eles jamais os tinham visto. Diz o Sr. Holm, em 1884:

> *Nosso primeiro encontro com a gente de Angmagsalik, foi extremamente curioso. Eles pensavam que nós éramos seres sobrenaturais, semelhantes aos "habitantes do interior" e aos "homens-cães", seres imaginários que são temas de suas lendas.*[640]

Estes tinham ouvido falar dos europeus. Mas, no Pacífico, por exemplo, a surpresa foi completa. Quase em toda parte onde os brancos desembarcaram, eles foram tidos como fantasmas. Nas ilhas Wallis,

> *vários naturais se lembram ainda desse acontecimento e um velho, que geralmente eu gostava de interrogar, conta que, quando o navio europeu apareceu, ninguém duvidava que fosse a terra dos deuses deslizando sobre as ondas. O povo havia confirmado este pensamento por causa da visão dos mastros, que ele tomava como coqueiros.*[641]

Geralmente os missionários traduzem por "deuses" o termo que significa os mortos ou os ancestrais.

Na Nova Caledônia, "eles pensam que os brancos são os espíritos dos mortos e trazem doenças e eles dão esta razão para explicar que eles querem matá-los"[642]. Nas ilhas Gambier, "nos perguntaram se éramos os filhos dos homens e o velho, antes de esperar nossa resposta, acrescentou: 'Vocês são deuses?'"[643] (ou seja, mortos).

No mesmo arquipélago, escreve outro missionário:

> *a primeira aparição dos europeus produziu nos nativos um estranho espanto, ao qual logo se sucederam o medo e o*

terror. Inicialmente, quando a distância os impedia de distinguir aqueles que estavam no navio estranho, nossos bons selvagens, em sua simplicidade, tomavam as embarcações que se destacavam como cascas de coco flutuando no mar. Mas, quando as chalupas, ao se aproximarem, pareceram cheias de seres incomuns, de cuja existência eles nem mesmo suspeitavam, então a consternação foi total. As vestimentas que cobriam os europeus lhes fizeram acreditar, durante algum tempo, que esses novos hóspedes eram um povo tatuado. Aqueles cujas roupas os cobriam mais completamente eram considerados ***marapés*** *(homens tatuados até no rosto e dos quais nossos insulares têm um grande pavor). Por fim, eles se convenceram que eles eram deuses malfazejos, que vinham para pegá-los...*[644]

Na Austrália, essa crença é encontrada em muitas tribos, bem afastadas umas das outras. "Os nativos me deram o nome de um chefe que havia tombado numa batalha e afirmaram que eu havia retornado para eles na forma de um branco"[645].

*Na ilha Darnley, nas ilhas do Príncipe de Gales, no Cabo York, a palavra empregada para designar um branco quer dizer fantasma (****ghost****). Geralmente, quando as crianças atormentavam Gi'om (uma mulher branca que viveu vários anos com os nativos), uma pessoa de idade os repreendia lhes dizendo para deixá-la sossegada e afirmando: "A pobre, ela não é nada, ela não passa de um fantasma". A gente do Cabo York ia mais além. Eles reconheceram em alguns de nossos oficiais e tripulantes, alguns de seus parentes mortos, por causa de uma semelhança que eles acreditavam ver e, por consequência, sob os nomes de Tamu, Tarka etc., estes foram*

considerados como pertencentes à família e colocados em posse dos direitos que lhes tocava o título.

Eu não vou insistir nesses fatos bem conhecidos.

Não é somente a cor dos europeus que se presta para a ideia de que eles são fantasmas. Nas ilhas Andaman, antes de conhecerem os brancos, o que é relativamente recente,

> *os nativos não tinham a menor ideia da corte da Birmânia, que lhes é vizinha e, muito menos, do resto do mundo... Os raros navegadores, que se arriscavam de tempos em tempos até suas praias, eram considerados como ancestrais, aos quais, por graça especial, era permitido o retorno à terra... Em apoio a isto, podemos lembrar o nome que os nativos ainda hoje dão aos hindus; eles os chamam de "espíritos dos mortos, fantasmas".*[646]

No entanto, esses habitantes da Índia são pessoas de cor.

No Congo, quando os brancos chegavam a uma região onde ainda não tinham sido vistos,

> *as pessoas temiam que sua presença parasse a chuva e trouxesse a seca. Quando cruzavam com nativos na estrada, os brancos os ouviam gritar: "Ai, minha mãe! Não teremos mais chuva!" Os missionários eram obrigados a lhes dizer continuamente que a chuva estava nas mãos de Deus e não nas suas.*[647]

De uma maneira geral, a presença dos brancos causava ansiedade. Temia-se, quase que em todo lugar, que sua presença só trouxesse, como consequência, catástrofes e mortes. Nos países vizinhos, as pessoas que os conheciam, sacudiam a cabeça e afirmavam que a população de San Salvador iria morrer muito

rapidamente. Não haveria mais chuva e a peste e os flagelos de todo tipo certamente sobreviriam. “Todo mundo estava em alerta, perturbado e inquieto, mesmo em San Salvador”[648].

Em muitos lugares, na mesma região, os brancos foram considerados inicialmente como negros ressuscitados.

> *Na primeira parte de minha estadia em Lukolela, eu frequentemente ouvi ser pronunciada a palavra **barimu**, quando se referiam a mim. Eu descobri mais tarde que ela queria dizer “fantasma”. Pensava-se que eu havia sido anteriormente um africano, que havia morrido e retornado à terra com uma pele branca.*[649]

> *A nosso convite, o chefe se sentou junto a nós e trocou um aperto de mãos conosco, examinando com curiosidade a mão que ele iria apertar. “Vocês não são humanos. Vocês são espíritos”, ele disse. Replicamos que éramos humanos de verdade, dotados de calor natural, que tínhamos o hábito de comer e de dormir como os outros mortais e, de fato, acabáramos de aceitar uma cabra para nosso jantar, de nosso amigo, que estava ali, junto a ele. Os espíritos comiam e dormiam? Mas ele repetiu: “Vocês não são humanos. Vocês são espíritos”. Eu lhe mostrei minha mulher e meu bebê no navio. Os espíritos tinham mulher e bebê? Esta ideia o fez rir e, depois, em dúvida, disse: “Porque não?” O chefe continuou: “Não. Vocês são espíritos. Vocês não são bons. Porque vocês sempre nos trazem males? Nossa gente morre, nossas plantações não produzem como deveriam, nossas cabras e nossas aves perecem, as doenças e as desgraças chegam. São vocês que causam isso. Porque vocês fazem isso? Porque não nos deixam em paz?”*[650]

Fantasmas ou espíritos, os brancos pertencem ao mundo das potências invisíveis, ou, pelo menos, estão em relação muito estreita com ele. Somente a sua aparição, como acabamos de ver, já pode ser um presságio e, por consequência, uma causa de desgraças. Portanto, quando acidentes e principalmente mortes súbitas ou epidemias acontecem pouco após sua chegada, os nativos os culpam. Muito frequentemente __ na Oceania, por exemplo __ os missionários tiveram que sofrer com essa coincidência. De fato, o primeiro contato com os europeus era quase sempre fatal para os nativos e a experiência confirmava singularmente seus medos. Escreve Williams:

> *A maior parte das doenças que devastaram as ilhas, durante minha estadia, foi levada para lá pelos navios... As primeiras relações entre os europeus e os nativos são invariavelmente seguidas, a meu ver, da aparição da febre, da disenteria ou de qualquer outra doença que leva muita gente. Na ilha de Rapa, quase a metade da população foi varrida.*[651]

> *Em Tanna (Novas Hébridas), os sacerdotes queriam nos matar, porque, por certo, nossa presença faria piorar sua tosse... Todos acreditavam firmemente que, desde que eles tinham as visitas dos brancos, nos últimos anos, as epidemias de gripe se tornaram mais frequentes e mais mortais. Essa impressão não é exclusiva dos Tanna; ela é universal, se eu não me engano, de um lado ao outro do Pacífico.*[652]

O medo das doenças (ou seja, da ação mística funesta que é exercida através da doença) era tão grande entre os nativos que, se um deles deixasse a ilha e retornasse a ela após uma ausência, ele era considerado como tão perigoso quanto um estrangeiro. Murray viu

isso ao desembarcar um deles na Savage Island, que tinha passado um tempo em Samoa. No primeiro dia, uma massa armada se juntou, com a intenção de matá-lo. A canoa que os samoanos tinham lhe dado, sua mala e seus objetos pessoais, quiseram devolver ao barco imediatamente após seu desembarque, sob o pretexto de que a madeira estrangeira trazia doença. Ele discutiu com eles, pediu que eles examinassem a madeira, dizendo que ela era a mesma que havia na Savage Island. Quanto a ele próprio, ele lhes disse: “Vocês sabem que eu sou daqui. Eu não sou um deus (ou seja, um morto ou um fantasma). Eu sou igualzinho a vocês e eu não tenho nenhum poder sobre a doença...” A noite chegou e ele não soube onde descansar sua cabeça. As pessoas, temendo uma mácula, tinham medo de deixá-lo dormir em suas casas.[653]

> *Durante muitos anos ainda, após eles terem começado a se arriscar nos navios europeus, eles não usavam imediatamente os objetos que os navios tinham trazido. Eles primeiro os suspendiam na floresta durante várias semanas, em quarentena.*[654]

A disenteria, que produziu suas devastações em 1842 no arquipélago (das Novas Hébridas), foi terrível em Eromanga. Os nativos a atribuíam a alguns machados deixados em terra por um barco que veio pegar madeira de sândalo e eles os jogaram no mar. Estima-se que um terço da população morreu naquela época[655].

Desta forma, não apenas os próprios brancos, mas tudo o que vinha deles ou com eles, tudo o que havia sido tocado por eles, pode trazer a infecção e a morte. Não pelas razões positivas do contágio que nos são familiares __ dessas razões os primitivos não têm a menor suspeita __ mas porque os brancos, voluntariamente ou não, exercem uma influência nefasta, já que eles têm parentesco com o

mundo invisível.

Diz o Sr. Grubb, que foi o primeiro branco a viver entre os Lenguas do Grande Chaco:

> *Atribuíram-me os poderes mais prodigiosos. Eu era capaz de hipnotizar as pessoas e os animais, de suspender à vontade o vento do sul e as tempestades, de afastar as doenças se eu quisesse... Eu tinha o poder do mau-olhado, o conhecimento do futuro, eu podia descobrir todos os segredos e conhecer os deslocamentos das pessoas nas diferentes partes da região... afastar a caça do lugar que eu quisesse e conversar com os mortos.*[656]

Em resumo, reputavam o Sr. Grubb como um feiticeiro, com a circunstância agravante de que, vindo de muito longe, seus malefícios eram, por isso, muito mais perigosos.

Muito tempo após o desaparecimento da surpresa do primeiro momento, após o nativo ter visto os brancos viverem em suas proximidades, comerem, beberem, dormirem e morrerem como ele, ele ainda guarda a impressão de que os europeus gozam de um poder misterioso indefinido. Na África austral, os primeiros missionários foram invariavelmente tidos como feiticeiros.

> *Os missionários que chegam até eles (os Cafres Xosas) até o presente, não podem evitar ser considerados como feiticeiros e é principalmente por esta razão que o próprio Van der Kemp deve que deixar sua região. Com efeito, uma vez que uma grande seca reinava no lugar, a própria rainha lhe enviou um mensageiro para intimá-lo a fazer chover... Se, ao fim de três dias, a chuva não tivesse chegado, ele seria tratado como inimigo e traidor... Por ventura, a chuva caiu no*

prazo fixado e Van der Kemp foi salvo dessa vez. Mas, como insistiam em exigir-lhe de novo o mesmo serviço e como, por duas vezes seguidas, suas preces foram infrutíferas, ele precisou, para sua segurança pessoal, deixar a região.[657]

A mesma coisa entre os Zulus, vizinhos dos Xosas,

> *antes, quando o objetivo e o caráter do missionário não estavam tão bem compreendido quanto hoje em dia, as pessoas vinham conversar com ele para que ele providenciasse um aguaceiro em caso de necessidade. Ainda hoje, eles geralmente parecem pensar que ele tem uma espécie de comando mágico das nuvens... Por outro lado, como o missionário tinha naturalmente o hábito de colocar roupas escuras e pesadas no momento em que ventos violentos e chuvosos começavam a soprar, muitos nativos concluíram disso uma ligação misteriosa entre o casaco negro e a chuva abundante.*[658]

Moselekatze não deixou de perguntar à Moffat se ele "sabia fazer chover"[659].

Entre os Béchuanas, durante uma longa seca, os missionários são acusados várias vezes de ser seu causador.

> *Algumas semanas após meu retorno de uma viagem a Griquatown fizemos uma bela descoberta: a chuva tinha sido impedida por um saco de sal que eu tinha trazido no meu carro... Com o decorrer do tempo, o povo se irritou e explodiu em maldições contra meu confrade Hamilton e contra mim mesmo, que éramos a causa de todos os seus infortúnios. Nosso sino, diziam, ao soar para os ofícios, provocava medo nas nuvens. Nossas preces também tinham sua parte nas*

reprovações. Disse-me, furioso, o chefe: "Não é verdade que vocês ajoelham em suas casas e que, ao rezar, falam com alguma coisa de mal sob a terra?..." Por fim, o fazedor de chuva, não sabendo mais o que fazer, acusa formalmente os missionários. "Não veem que, quando as nuvens chegam, Hamilton e Moffat as olham?" Todos entraram em acordo, de bom grado. Ele acrescentou então que nossos rostos brancos assustavam as nuvens e que, enquanto estivéssemos na região, não se podia esperar chuva.[660]

Os mesmos fatos foram observados em outros lugares: em Sumatra, Bornéu, na América do Sul etc. Em toda parte os primeiros missionários foram tomados como poderosos feiticeiros, não propriamente por suas qualidades de missionários, que não era de forma alguma compreendida, mas simplesmente porque eram brancos e dotados, como tais, de poderes mágicos temíveis.

Quando começamos a falar em deslocar a missão, por causa da falta d'água, Fakee nos disse: "Porque vocês não fazem chover? Eu sei bem que sua missão está num lugar seco. Eu os coloquei aí, expressamente, pensando que vocês proveriam a chuva para vocês mesmos e que nós nos beneficiaríamos com ela ao mesmo tempo". Teria sido inútil discutir. Ele acrescentou: "Porque me falam de Deus? Vocês mesmos são Deus. Dai-nos a chuva".[661]

A mesma questão será encaminhada a outro branco que residirá em sua região. Assim, entre os Bangala, um administrador europeu se vê solicitado por eles.

Na véspera, uma delegação me havia pedido uma audiência, com o objetivo de obter, com minha poderosa

magia, o fim das chuvas. Minha confissão de impotência não foi levada a sério e eu me fiz de professor de meteorologia, vulgarmente falando.[662]

§2. As armas de fogo: é a detonação que mata. O primitivo atira inicialmente sem mirar.

Índice

Se os brancos são feiticeiros e dispõem à vontade das forças do mundo invisível, suas armas e seus instrumentos devem possuir também propriedades mágicas. Em vez de observar neles a estrutura e o mecanismo, é através dessas propriedades que se explicará seus efeitos. Temos aqui a oportunidade, muito rara, de ver a mentalidade primitiva em presença de objetos inteiramente novos para ela. Podemos perceber, por assim dizer, ao vivo, a atitude que ela assume imediatamente. É o caso, por exemplo, do efeito das armas de fogo?

Os mais razoáveis dos Dayaks têm delas uma ideia supersticiosa. Cada pessoa, no momento em que ouve a detonação, imagina que a bala vem direto para ela. Ela foge então e não se acreditará segura enquanto ouvir o ruído da pólvora. Desta forma, se uma pessoa ouvir um tiro de canhão a sete quilômetros e meio de distância continuará a correr a toda velocidade, com o mesmo terror que tinha no primeiro momento. Eles não fazem a menor ideia do alcance de um fuzil. Eu, muitas vezes, saí com Selgie e outros chefes e atirei em macacos, pássaros etc. Eu os chateava ao recusar fazer fogo sobre grandes pássaros que estavam à distância de um quilômetro e meio ou mais. Eles tomavam sempre essa recusa como má vontade de minha parte. Por outro lado, quando se atira, eles não podem acreditar que o tiro tenha falhado,

mesmo que eles vejam o pássaro voando. Eles pensam que o chumbo continua a persegui-lo e que o pássaro vai acabar caindo (por causa do poder mágico da arma).[663]

Assim, esses Dayaks, quando veem europeus usando seus fuzis, não pensam em observar o que se passa, com efeito, nem sob quais condições. Em suas mentes, o efeito mortal das balas é devido exclusivamente ao poder místico que os brancos incorporaram às suas armas. O projétil deve, portanto, sempre atingir o alvo, a qualquer distância onde ele se encontre. Se ele falha, foi porque o europeu não quis atingi-lo, ou porque uma influência mais poderosa interveio. O nativo não analisa. Ele não pensa no que ele vê, pois não é o caso de pensar. Nenhum problema novo se coloca em sua mente; não há, portanto, explicação a buscar. "Meus Kayans tinham grande confiança em meu fuzil. Eles acreditavam que a bala, uma vez atirada, segue a pessoa visada até atingi-la e matá-la"[664], diz o mesmo Beccari.

Diz Anderson, falando de um chefe Ovambo:

> *Esse selvagem não acreditava apenas que os fuzis dos brancos eram invencíveis; ele tinha também a ideia de que, sem fazer uso de nenhuma arma, somente ao olhar uma pessoa, um branco podia causar sua morte. "Senão, como foi que Nongoro foi morto simplesmente pela detonação das armas de fogo?" dizia ele. Os Ovambos parecem nunca ter entendido o efeito terrível dessas armas, antes da derrota desastrosa que Green e seus companheiros lhes infligiram. O fato de que eles não tinham medo delas antes disso se explica sem dúvida, em grande parte, porque, no momento em que o tiro partia, eles só viam a chama e não o projétil. Eles diziam: "Quando lançamos um* ***assegai*** *ou uma flecha, nós a vemos*

atravessar o ar, mas, com os fuzis de vocês, não se vê nada, só uma chama inofensiva"[665].

Passando de um extremo ao outro, após um supremo desprezo pelas armas de fogo, eles conceberam uma ideia muito exagerada. Como os Dayaks e os Kayans, eles acreditam, sem dúvida, que o projétil persegue a vítima que foge e também é a detonação que mata. Uma reflexão dos nativos das ilhas da Rainha Charlotte (Colúmbia britânica) é característica disso.

> *O que mais intrigava os nativos, é que eles não podiam compreender como, humanamente, o mesmo canhão podia disparar "dois tiros de uma vez", entendendo por isso a detonação na partida do tiro e a explosão do obus na terra alguns instantes depois.*[666]

Há, nessa dupla ação __ a detonação na partida, que mata e a explosão, que mata igualmente __ uma operação mágica que maravilha os nativos.

Por fim, acontecia frequentemente que os primeiros a fazer uso do fuzil não pensavam em mirar, o que entra muito bem em acordo com a ideia que eles tinham sobre as armas de fogo.

> *Bem formado e treinado, o policial papua pode se tornar um bom atirador, já que ele tem naturalmente a visão bem aguçada... Mas é muito difícil ensiná-lo a atirar. Um impulso natural o leva a apontar seu fuzil rumo ao alvo e a fazer fogo sem ter a menor ideia de mirar...*[667]

> *O Papua, em geral, é muito ardente ao fazer fogo. No entanto, mesmo havendo entre eles bons atiradores, a maior parte parece ficar totalmente satisfeita com o ruído da descarga e não em atingir o alvo.*[668]

Foi um verdadeiro milagre (num combate entre os Battaks, em Sumatra) que não tenha havido nem mortos nem feridos! Uma felicidade também que os Battaks não saibam mirar! Para atingir o alvo eles debitam inteiramente à vontade de ***Debatta*** *(uma potência superior). Se alguém é atingido, foi porque __ na opinião de todos __ ele dirigiu o* ***tiro***.[669]

No que eles representam a eficácia das armas de origem europeia precisamente como a de suas próprias. Em Ruanda,

os nativos não hesitam em dizer que as flechas, lanças, espadas, possuem apenas as virtudes que elas recebem dos ***bazimu*** *(ancestrais, potências do mundo invisível) e que estes mesmos* ***baizimu*** *podem tornar inofensivas as armas mais bem feitas.*[670]

Por mais temíveis que pareçam ser as armas dos brancos, pode-se combater seus efeitos e mesmo aniquilá-los, com a condição de que se contraponham às suas virtudes mágicas, virtudes mágicas superiores. O Cafre, cegamente confiante no poder mágico do feiticeiro de sua tribo, que sabe torná-lo invulnerável, se exporá sem medo às balas e aos obuses. Mesmo a experiência mais cruel não o desiludirá. A única conclusão que ele tirará é que a magia do branco, também desta vez, levou vantagem sobre a do feiticeiro negro. Mas no dia em que ele encontrar o encantamento que assegura a vitória, os fuzis e os canhões dos brancos serão reduzidos, por sua vez, à impotência. Diz o Sr. Junod:

Após uma certa operação mágica, cada guerreiro estava plenamente convencido de que era invulnerável, que as balas se desviariam para passar ao lado de seu corpo, ou mesmo, se

elas o tocassem, que elas se amassariam e cairiam no chão sem lhe fazer mal.[671]

§3. Os livros e a escrita. Os livros são instrumentos de adivinhação. Ensinar a ler equivale a converter. A escrita é um processo mágico.

Índice

Os livros e a escrita não são, para os primitivos, um motivo de menos espanto do que as armas. Mas eles também não se embaraçam em explicá-los. Imediatamente eles os veem como instrumentos de adivinhação. Diz Moffat, falando de alguns Bechuanas: "Meus livros os intrigavam e eles me perguntaram se eles eram meus *bola* (dados que servem para adivinhação)"[672]. Livingstone diz a mesma coisa: "A ideia que lhes vem à mente é de que nossos livros são instrumentos de adivinhação"[673]. É de se lembrar a resposta de um nativo do Transvaal a um missionário que lhe reprovava a consulta aos ossinhos: "É o nosso livro. Você lê sua Bíblia todos os dias e você acredita nela. Nós lemos a nossa"[674]. Como os ossinhos, o livro lhe prediz o futuro, revela o que está oculto, é um guia e um conselheiro; enfim, é uma potência mística. "A única diferença entre seu *lequalo* e o nosso é que o nosso é uma massa confusa de pequenos sinais negros sobre papel, enquanto que o seu é certamente muito mais razoável, pois ele consiste em coisas sólidas"[675], pensam os Barotses.

Diz ainda Livingstone:

> *Para todos os nativos que não o adquiriram, o conhecimento das letras é um mistério insondável. Não há nada parecido nos limites de sua observação e nós não temos comparação, exceto os quadros, para ajudá-los a*

compreender os sinais das palavras. Parece-lhes sobrenatural que vejamos num livro coisas que aconteceram à distância, ou no passado. Nenhuma explicação lhes dá uma ideia disso enquanto eles não aprendem a ler.[676]

Sekhome... me perguntou um dia se o Sr. Price estava retornando à missão. Eu lhe respondi que eu não sabia. "Ah! Pergunte aos seus livros. Eles lhe dirão". Ele replicou.

Entre os Matebeles, quando eu retornei à região, quase todos aqueles com os quais eu me relacionei olhavam os livros como "objetos sagrados", ou "objetos divinatórios", na religião dos brancos. "Aprender os livros" era considerado, por consequência, como uma iniciação formal à prática do culto dos brancos. Esta tarefa ocupava, em sua mente, o lugar que tinha, na realidade, o batismo. Não lhes entrava na mente que uma pessoa pudesse aprender a ler e, no entanto, permanecer pagã.[677]

Este último detalhe joga uma luz viva sobre o que a leitura representa aos olhos da mentalidade primitiva. É uma operação mágica que deve propiciar, com certeza, aos brancos, tudo o que os negros demandam aos sonhos, às visões e aos ossinhos. Nós dizemos: aquele que se converte ao cristianismo aprende a ler (a fim de poder seguir o culto e adquirir conhecimento dos livros santos). O nativo diz, ao contrário: aquele que aprende a ler se converte. Com efeito, abandonando os ossinhos pelos livros, ele deixa de se dirigir às potências invisíveis e aos ancestrais, que ele consultava e aos quais rogava até o presente. Mas ele conta que a leitura lhe fornecerá uma revelação do mesmo gênero, proveniente de potências superiores e, por consequência, mais certeiras e com uma proteção mais eficaz.

Ele aprendeu a ler na convicção de que essa ciência maravilhosa era uma panaceia a todos os males, o caminho para todas as felicidades mas, num belo dia, após um acidente, ele se pôs a duvidar da eficácia da ciência e ele jogou o alfabeto no cesto.[678]

Aprender a ler é, portanto, para ele, mudar de religião.

Como os caracteres impressos podem desvelar tantas coisas àquele que lê? A mentalidade primitiva não procura explicar isso, da mesma forma que ela não se pergunta como o fuzil leva a morte à distância. Os livros são um espelho.

Quando os Cafres Xosas viram, pela primeira vez, europeus que liam, eles chamaram o livro ***nadi****, acrescentando* ***ot' heeta*** *(para falar): "espelho das palavras". Desde então, para designar um espelho, eles dizem:* ***nadi ok' hangeela*** *"****espelho*** *para olhar".*[679]

Da mesma forma, no Congo,

minha leitura num livro os intrigava muito. Eles o consideravam como um instrumento mágico com o qual eu podia ver longe no futuro e eles até mesmo me pediam para olhar em meu ***talla-talla*** *(espelho), para lhes dizer se uma criança doença ia ficar boa".*

Mas, em geral, os primitivos dizem que o livro "fala".

Um Béchuana perguntou um dia o que eram estes objetos quadrados sobre a mesa. Responderam-lhe que eram livros e que estes livros davam notícias. Ele logo aproximou sua orelha do livro mas não ouviu nenhum som e disse: "Este livro não me diz nada". Ele o pegou, o sacudiu e o colocou de

volta, dizendo: "Talvez ele esteja dormindo".

Outra vez, um nativo me trouxe um pacote enviado por minha mulher. Eu peguei uma carta que estava neste pacote e a li bem alto para um chefe que estava comigo e que sabia o que era a escrita. Então o mensageiro que havia me trazido o pacote me disse com um ar assustado: "Eu não trarei mais cartas! Se esta tivesse falado comigo durante o caminho eu teria levado um baita susto!"

Outro mensageiro só quis se encarregar de uma carta após tê-la perfurado com sua lança, a fim de que ela não pudesse falar durante o caminho.[680]

Ultimamente, nossos jovens anunciam o Evangelho na aldeia. Um deles, com o Evangelho na mão, disse que só fazia repetir o que o Livro de Deus lhe havia dito. Sechachi pegou o livro, o levou à sua orelha e gritou: "É mentira. Eu escuto bem e o livro não me diz nada". Uma explosão de risos e zombarias se seguiu então.[681]

Sendo a leitura uma operação mágica simples, que consiste em ver ou ouvir, deve ser possível, não aprender, mas adquiri-la e não através de uma sucessão de esforços penosos, mas num só golpe.

Eles (os Béchuanas) pensaram que seria realmente uma boa coisa poder ler livros como eu e, supondo existir uma "via régia" para aprender, eles imaginaram, com toda simplicidade, que essa arte podia ser adquirida num só golpe, somente pela atividade da mente, ou por um encantamento secreto que, segundo eles, eu podia possuir. Eu havia administrado medicamentos a alguns doentes e um deles, cujo estado era grave, havia se recuperado muito bem de um

sangramento no braço. Como os curandeiros entre os Béchuanas acrescentam comumente, à prática dos remédios, alguns encantamentos, os nativos pensaram muito naturalmente que eu podia possuir um encantamento que faria entrar em suas cabeças o poder de ler.[682]

Também entre os Achantis,

Opoku nos disse, entre outras coisas: "Dai-me então o seu remédio, para que eu possa esfregá-lo em meus olhos, a fim de que eu possa ler o que está impresso. Nós lhe respondemos que ele estava velho, mas que o ensinaríamos a seus filhos. Ele se pôs então a rir e foi-se embora.[683]

No entanto, na falta de uma poção mágica que lhes propicie instantaneamente a faculdade de ler, os negros se decidem a aprender pelo método usual, sem acreditar muito nele.

Essa boa gente havia se colocado inicialmente em ação com uma extrema repugnância, protestando que era ridículo esperar que um negro um dia fosse capaz de "fazer falar o papel". Mas nossa insistência prevaleceu e estávamos decididos a tentar. Pequenos progressos se manifestaram, apesar de todas as previsões e, a cada reunião nova, as chances de sucesso pareciam ir crescendo. Por fim, o grande problema foi resolvido: dez a doze de nossos alunos descobriram um belo dia que eles podiam, sem ajuda, encontrar o sentido de várias frases, sobre as quais eles ainda não estavam treinados. Este fato teve um impacto imenso. Os adivinhos da região declararam que nós devíamos ter "transformado o coração" de seus compatriotas por meio de um filtro todo poderoso.[684]

Este último detalhe é significativo. Para os "adivinhos" Bassutos, os nativos que aprenderam a ler são convertidos, ou seja, abandonaram o que se pode chamar o culto aos ancestrais. No entanto, jamais os poderosos feiticeiros que são os missionários teriam conseguido essa conversão se eles não tivessem empregado meios mágicos.

> *A ideia de que meios exteriores e materiais podem agir sobre a alma e mudar suas disposições está tão enraizada neles que as primeiras conversões ao cristianismo que eles testemunharam foram todas atribuídas à operação de algum específico misterioso que os missionários teriam feito seus frequentadores tomarem, sem a consciência deles.*[685]

Em virtude de uma crença análoga,

> *Fakee (um chefe Cafre) quer ouvir nada quando se fala de ensinar seus filhos a lerem. É desagradável para ele saber que é possível transcrever no papel o som de seu nome, provavelmente sob a influência de um medo supersticioso de que esteja em nosso poder enfeitiçá-lo desta forma.*[686]

Entre os Bangalas do Alto Congo:

> *Que gritos e discussões para o pagamento! Eu tinha, no início, tomado nota dos nomes dos contratados. Eles ficaram muito espantados ao me ouvirem repeti-los algumas horas mais tarde. Foi a primeira vez que eles compreenderam nitidamente o objetivo da escrita, mesmo que eu lhes dito várias vezes: é a guardiã das palavras. Eles continuaram, no entanto, a lhe atribuir virtudes extraordinárias, como minha comunicação instantânea a distâncias enormes com N'sassi (capitão Hanssens) e Boula Matari (Stanley), a produção de*

tecidos etc.[687]

Mesmo quando o nativo parece ter compreendido o que é a escrita, mesmo quando ele consegue ler e escrever, ele não perde jamais completamente o sentimento de que há aí uma força mística acontecendo. O Dr. Pechuël-Loesche faz uma observação sobre isso em Loango.

> *O respeito subsiste, enquanto que o espanto produzido por esse prodígio se enfraquece, porque alguns conseguem ler e escrever... A impressão é cômica, quando se vê o negro polvilhar com areia ou poeira o que ele acabou de escrever com o lápis. Mas isso não é somente uma imitação risível dos brancos. Isso tem um sentido mais profundo: a terra fortifica, santifica.*[688]

Quanto à utilidade positiva da leitura e da escrita, ela só é apreciada depois de um longo tempo.

> *Quando o chefe Moshesh deseja enviar suas ordens a súditos distantes, ele chama um de seus mensageiros especialistas e lhe diz, nos mínimos detalhes, tudo o que ele quer que eles saibam. Este conserva admiravelmente bem em sua memória todas as palavras de seu mestre e as repete exatamente. A experiência provou que, para eles, essa maneira de comunicar é melhor do que as cartas, porque num escrito se resume um longo discurso em poucas palavras, enquanto que o Mossouto, para bem compreender o que se quer lhe dizer, precisa ouvir uma exposição longa e detalhada.*[689]

As observações precedentes são quase todas retiradas das sociedades bantas. Alguns exemplos bastarão, sem dúvida, para

mostrar que em toda parte a mentalidade primitiva representa a leitura e a escrita quase como na África. Assim, na Austrália ocidental, diz o Bispo Salvado:

> *eu fui levado naturalmente a falar da espécie de veneração que os selvagens têm pelos livros e os papéis escritos, que eles chamam de papéis falantes. Eles lhes atribuem um poder mágico para revelar as coisas ocultas e eles estão tão convencidos disso que, quando querem se justificar de uma coisa que lhes é imputada, eles dizem: "Veja o livro ou o papel que fala e então 'você saberá que eu tenho razão'".*[690]

Na Austrália do norte,

> *os nativos estenderam o caráter sagrado de seus próprios mensageiros àqueles que trazem as cartas dos brancos. Uma carta é sempre transportada em um bastão partido e de maneira que ele seja visto sem dificuldade. Este bastão tem a virtude de um passaporte inviolável. Eles consideram uma carta como um ser misterioso que possui a propriedade de ver. Um nativo havia subtraído um pouco de tabaco de um pacote que ele transportava. Ele se voltou furiosamente contra a carta, que tinha, segundo ele, denunciado ao homem branco o que ele havia feito, mesmo ele estando escondido em um tronco de árvore enquanto cometia o roubo, para evitar ser visto.*[691]

Na Ilha de Páscoa,

> *um dia, conta um missionário, enquanto eu dava minha aula, percebi um navio. Esperando que ele, talvez, atracasse na praia, entrei em minha casa para escrever algumas linhas.*

Meus alunos me examinavam atentamente de longe. Eles pensavam que eu fosse dotado da faculdade de falar com os ausentes e que eu fazia uso dela. Assim que eu retornei, eles me perguntaram qual havia sido minha conversa com o navio.[692]

Esses pequenos polinésios aprendiam, eles mesmos, a escrever. Isso não os impedia de acreditar que seu mestre, o branco, tinha o poder de se comunicar à distância, através de sinais que ele traçava no papel, com pessoas que ele não via e ouvir suas respostas. Em Rarotonga, os nativos, quando viam o missionário ler, diziam que ele e seu deus estavam conversando. "Eles acreditam que o papel com alguma coisa escrita fala e eles ficam admirados por não ouvirem nada"[693]. Na Nova Caledônia, escreve o Pastor Leenhardt: "nós já mencionamos várias vezes que 'receber o Evangelho' se traduz na língua caledoniana por aprender a escrever"[694]. Na escola de Nias, "como havíamos conseguido alguns cocos, repousávamos à sombra da casa e um homem gritou: "Não deixe as crianças se aproximarem! Esses estrangeiros têm livros!" O infeliz nos tomava por feiticeiros[695]. Em Bornéu, Kayans "pediram ao Dr. Nieuwenhuis que protegesse sua cabana, suspendendo alguns pedaços de jornal, que sempre causaram uma impressão muito profunda sobre os habitantes do centro da ilha, por causa dos caracteres misteriosos... A ideia dos Kayans era que, se as pessoas podem ler é porque as letras impressas lhes sopram alguma coisa na orelha e explica seu respeito por tudo o que está impresso e escrito[696]. Por fim, para não prolongar muito esta enumeração, os Bannars do Laos possuem precisamente a mesma ideia sobre a escrita.

Eles dizem ao missionário: "Como você o ouve? Se não compreendemos um único som de sua voz". Depois eles nos

interrogam sobre o futuro, convencidos de que nada é desconhecido a quem possui o conhecimento do ***laboor*** *(papel)... Alguns se informam sobre o resultado de uma guerra; outros gostariam de saber se lhes restava ainda muito tempo de vida. Nós poderíamos ganhar a vida tirando a sorte, mas fizemos por bem responder a todos que o papel não podia mostrar coisas deste gênero e ouvíamos os questionadores se dizerem uns aos outros enquanto se retiravam: "Eles bem que sabem, mas não querem falar".*[697]

§4. As "poções mágicas" dos brancos. Eles fabricam os tecidos no fundo da água. Efeito produzido nos primitivos pela visão de um relógio, de uma bússola, de um aparelho fotográfico. Sua primeira experiência com a água fervente, com o ferro etc. Causa mística da superioridade dos brancos.

Índice

Como as armas de fogo, a escrita e os livros, os outros objetos trazidos pelos europeus e os produtos de sua indústria, por mais surpreendentes que eles sejam, encontram, no entanto, uma explicação pronta antecipadamente na mentalidade primitiva. Os brancos são grandes feiticeiros; qual é o espanto, se eles obtêm o resultado que eles querem? Estes, aos olhos dos nativos, não dependem do que chamaríamos suas condições necessárias e suficientes, ou, no mínimo, eles só dependem delas muito secundariamente. Sua verdadeira causa eficiente é sempre o poder mágico dos brancos. Mesmo quando não se compreende totalmente do que se trata, interpreta-se neste sentido. Assim,

os Esquimós Angmagsaliks atribuem um poder

sobrenatural às nossas medidas antropológicas, mesmo que eu não tenha feito nada para dar oportunidade para tal crença. Os que mais davam valor a essa superstição eram os idosos ou os que sofriam de alguma doença. Um homem gritou, quando eu acabei de medi-lo: "Bem! Espero que agora a mão melhore!" Ele tinha a mão roída há muito tempo e sentia dores nas articulações.[698]

Mesma explicação, com mais forte razão, quando se trata de resultados que os próprios nativos gostariam de obter.

As cabras da missão prosperavam muito bem e o Sr. Buchanan foi cercado de solicitações. Os chefes das proximidades queriam de qualquer maneira ter a "poção mágica" que fazia as cabras multiplicarem.[699]

Não muito longe dali, numa outra região da África equatorial,

pediram-me mais de uma vez uma poção mágica para dar ânimo aos cães. Era fácil ver que os cães europeus eram mais fortes e uivavam melhor do que os miseráveis mastins que circulam pelas aldeias nativas.

Os nativos não percebem que os cães europeus são melhor nutridos, ou, pelo menos, se o veem, como é possível, eles não pensam em ligar este fato, como causa, ao vigor dos cães, como efeito. Eles antecipadamente estão convencidos de que o bom estado dos cães provém de uma "poção mágica" que os brancos possuem. Diz ainda o mesmo missionário:

Em Teso, eles também acreditavam que éramos providos de uma poção mágica para branquear os bebês. Descobrimos isso um dia em que a mulher de um chefe expressou a mais

viva surpresa ao ver que nosso filhinho já tinha a pele branca com tão pouca idade (ele tinha seis meses). Ela sempre tinha pensado que os europeus nasciam negros como todas as crianças que ela havia visto e se tornavam brancos mais tarde, através do emprego constante de uma poderosa poção mágica.[700]

Isso não é uma bizarrice individual. No Togo, "quando nasce uma criança europeia, é inconcebível para muita gente que ela não seja um africano, já que nasceu na região. Admite-se, antecipadamente, que a influência do país seja mais forte do que a da herança"[701]. Entre os Bassutos, "eu trouxe à capital o primeiro branquinho nascido no país... As mães se apressaram a trazer seus próprios filhos para compará-los ao nosso e nos perguntar por qual processo mantínhamos a saúde que ele parecia gozar"[702]. Processo quer dizer "poção mágica". Trata-se, sem nenhuma dúvida, de um encanto ou de um meio mágico. Em geral, nas sociedades totalmente inferiores, da mesma forma que os brancos não são iguais uns aos outros, não se sabe muito o que pensar de seus filhos e, nem mesmo se espera que eles os tenham. Na ilha de Nias, "eles pensavam até então que as crianças de um senhor (*tuan*) branco não podia morrer... Sua ideia era que as crianças do *tuan* deviam escapar da morte, já que ele tinha em casa tantas 'poções mágicas'". Na Nova Guiné alemã,

nenhuma outra coisa que os nativos passaram a conhecer até o presente, através de seu intercâmbio com os europeus, lhe causou tanto espanto quanto as criancinhas brancas. A razão disso talvez seja que o Papua acreditou durante muito tempo que os estrangeiros brancos não eram humanos de verdade, mas uma espécie de espíritos que, sem

serem nascidos, haviam caído do céu atrás do horizonte, ou haviam saído da terra.[703]

De acordo com os Bangalas do Alto Congo, os brancos saem da água e é de lá que eles trazem seus produtos.

Nativos sustentam que eu tiro os búzios, as pérolas e os ***mitakou*** *do seio da terra. Outros dizem que essas belas mercadorias vêm do fundo da água. O branco é para eles o homem aquático e eu mesmo durmo debaixo do rio. Mas todos estão de acordo em reconhecer em mim um parentesco com Ibanza, uma divindade ou um diabo, do qual eles falam frequentemente. Quanto mais eu nego essa filiação sobrenatural, mais eles acreditam nela.*[704]

É fácil reconhecer aqui o traço de uma crença extremamente difundida em toda África banta e mesmo além dela: os europeus vinham do fundo da água.

Quando o ***land-drost***[705] *perguntou à Gika (um chefe Cafre) porque sua gente havia massacrado os brancos... ele respondeu que era porque os brancos não tinham nada que fazer ali e deveriam ficar no país deles, ou seja, no mar. Pois os Cafres pensavam que os brancos haviam saído do fundo do mar, porque eles tinham visto primeiro o alto do grande mastro e depois o resto, gradualmente... o que os fez pensar que os brancos eram habitantes da água.*[706]

Ele (um chefe Barotse) muitas vezes me perguntou como, vindos do norte, tínhamos aparecido do sul e de que maneira nós viajávamos. Os tecidos são para eles um grande motivo de espanto. Eles não admitem que eles sejam obra de mãos humanas. Eles dizem: "Não! Os tecidos vieram do fundo da

água e as pessoas que viajam com navios vão até lá buscá-los". Tudo o que é extraordinário aos seus olhos é feito pelos homens da água. Eu creio que, em suas mentes, são espécies de feiticeiros ou de divindades que habitam o fundo das águas.[707]

Diz, por outro lado, o Sr. Junod: "Parece que, antigamente, os Tongas acreditavam que todos os brancos __ e não somente os portugueses __ habitavam as águas"[708].

É talvez no Congo que encontramos essa crença mais desenvolvida.

Perto da costa, as pessoas pensam que os mortos são comprados pelos brancos e que os espíritos trabalham para os brancos sob o mar. Lá eles estão produzindo os tecidos e fabricando os objetos que os brancos trocam pelos produtos nativos...[709] *Matiko e vários outros acompanhavam um missionário à Banana. Ao chegarem lá, eles se dedicaram a uma medrosa busca de seus parentes mortos, acreditando encontrar alguns deles entre a população do lugar. No seu retorno à San Salvador, as pessoas chegaram até eles para perguntar sobre seus parentes mortos e eles ficaram decepcionados ao saberem que não foram vistos em Banana. E isso em San Salvador, quatrocentos anos após os primeiros brancos terem chegado para viver lá! Os nativos acreditam também que as conservas de carne são feitas com carne humana. Eles sempre tinham ouvido falar que os brancos compravam os espíritos das pessoas e agora que eles tinham visto as caixas de conservas, não havia mistério para eles; eles sabem o que os brancos fazem com esses espíritos. A casa dos brancos é, sem nenhuma dúvida, no fundo do mar, pois,*

da costa se vê os barcos surgirem lentamente ao largo; em primeiro lugar surgem os mastros, depois o casco.[710]

Imagina-se facilmente o que objetos como a bússola, a luneta de aproximação, os binóculos, os espelhos etc. puderam causar de surpresa e de medo aos primitivos, quando eles os viram pela primeira vez. Invariavelmente, eles logo concluíram, sem pesquisar muito, que os brancos eram poderosos feiticeiros. Os objetos mais comuns se prestam à mesma interpretação. Diz o Sr. Macdonald,

O sabão é uma grande novidade para os nativos. A sensação particular que dá o contato dos tecidos ensaboados lhes diverte muito. Eles acreditam que o sabão é uma "poção mágica" para os tecidos e eles se fiam sobretudo em sua virtude mágica, em vez de esfregar os tecidos.[711]

Os remédios, como se sabe __ tanto dos doutores nativos e, muito mais ainda, dos brancos __ não agem por suas propriedades naturais, mas por uma influência mística. No pensamento dos nativos, as conversões obtidas pelos missionários são devidas a uma ação do mesmo gênero. Diz Moffat:

Muitos deles, alarmados pelos progressos que fazia "a poção mágica da palavra de Deus", segundo sua expressão, lamentavam muito a nova ordem de coisas que começava e alguns estavam tão resolutamente opostos à nova doutrina, que se moveram e se estabeleceram à distância, fora do alcance da atmosfera cristã... Houve quem se perguntasse, com inquietude, se a água do rio que passava diante de nossas casas, não recebia uma infusão que os transformaria, eles também, quando a bebessem.[712]

O seguinte fato mostra bem como os nativos representam as

operações mágicas que podem produzir a conversão.

> *Em 1856, um jovem estava sendo instruído, com vistas ao batismo... Sua família estava apavorada e acreditava que ia perdê-lo. Sob o pretexto de que seu pai estava doente e desejava vê-lo, eles o atraíram para longe da missão, para sua terra natal e tentaram inicialmente, com todas as representações e as preces imagináveis, retorná-lo ao paganismo. Como sua ausência se prolongava, moradores da missão foram procurá-lo. Responderam-lhes que ele estava morto e enterrado. De fato, tinham-no amarrado e escondido. Em seguida, fizeram com que ele tomasse uma poção para curar sua abominável "doença da crença" e lavaram suas roupas e camisa, para eliminar também tudo o que pudesse ser alojamento do veneno da fé.*[713]

Na África oriental,

> *os Balubas... logo chamavam de sortilégios (**zaubermittel**) todos os objetos que eles jamais viram e que temiam que só lhes trouxessem infortúnios... Eu era tido por eles, com todos os objetos que eu possuía, como o feiticeiro mais temível e minha presença não podia significar nada de bom para sua região. Quando eu tirava um relógio ou uma bússola, era um alarme geral.*[714]

Com efeito, esses objetos desconhecidos devem ter propriedades extraordinariamente nocivas e se deveria rapidamente colocar-se ao abrigo deles. Quase em todo lugar, em particular a câmera fotográfica parecia especialmente perigosa.

Diz o Sr. Junod:

> *Os nativos têm uma repulsa instintiva quando se quer*

fotografá-los. Eles dizem: "Esses brancos querem nos roubar e nos levar para longe, para lugares que não conhecemos, onde ficaremos privados de uma parte de nós mesmos". Quando mostramos a eles a lanterna mágica, ouvimos pessoas lamentando pelos personagens representados nas imagens e dizendo: "Aí está o que eles fazem com a gente, quando deixamos que nos fotografem!" Antes que a guerra de 1894 explodisse, eu ia mostrar a lanterna mágica nas aldeias pagãs distantes. As pessoas me acusaram de ter causado essa infelicidade, fazendo ressuscitar pessoas mortas há muito tempo.[715]

Mesmo quando os nativos estão em contato com os brancos há muito tempo, basta uma ligeira mudança no que eles veem habitualmente para produzir vivos alarmes no meio deles. Por exemplo, um navio a vapor de quatro mastros apareceu em Ambriz.

Nunca antes alguém havia visto uma coisa assim: um barco com quatro mastros! E, sem gastar tempo se informando, todos os negros fugiram de Ambriz. Mesma cena quando o navio a vapor reapareceu, vindo de Loanda. Foi só após numerosas viagens que os nativos deixaram de ter medo. A única razão que eles davam era que eles jamais tinham visto um deles antes e que, por consequência, isso devia ser um sinal de que os brancos iam fazer alguma coisa com eles, os negros, que eles não podiam compreender.[716]

As observações deste tipo são inumeráveis. Vou relatar simplesmente algumas, feitas em sociedades inferiores do Pacífico Sul, que mostram bem como o sentimento de medo diante de um objeto desconhecido é tão predominante que qualquer coisa nova é

inicialmente excluída. Por exemplo, entre os Narrinyeris,

> *eu me lembro bem a primeira vez que mulheres nativas ouviram soar nosso pêndulo. Elas escutaram com surpresa e depois perguntaram rapidamente em voz baixa: "O que ele diz?" E se precipitaram para fora da casa, aterrorizadas, sem esperar a resposta.*[717]

Antes da chegada dos europeus, os Australianos jamais tinham visto água fervente.

> *Quando Pamphlet chegou até eles, eles não tinham ideia de que a água pudesse se tornar tão quente e nem vê-la se solidificar. Quando ele a aqueceu, em um vaso de estanho que ele tinha salvado do naufrágio, toda a tribo se agrupou ao redor dos náufragos e olhou o vaso, até o momento em que a água começou a borbulhar. Imediatamente eles se puseram de pé, gritando e urrando. Impossível convencê-los a retornar, exceto quando eles o viram esvaziar e limpar o vaso. Então eles se arriscaram a retornar lentamente e cobriram com areia, cuidadosamente, o lugar onde a água havia sido jogada. Durante toda a permanência de nossos compatriotas no meio deles, eles não conseguiram se acostumar com a ebulição da água.*[718]

A primeira experiência com o ferro, do qual os nativos se tornaram em seguida tão ávidos, parece muito com a da água borbulhante. Diz o Sr. Macgillivray:

> *Eu recolhia palavras de um nativo muito inteligente __ do qual eu assegurava a atenção oferecendo-lhe de tempos em tempos um presentinho __ quando eu lhe apontei com o dedo um tipo de pá de bambu que estava na canoa, para lhe*

perguntar o nome. Para minha grande surpresa, esse homem... pegando um pedaço de madeira, me mostrou que essa pá servia, na realidade, de faca. Para não ficar atrás dele, eu peguei uma faca comum e me pus a cortar vigorosamente, a fim de lhe mostrar a superioridade de nossas facas sobre a sua. Imediatamente ele se pôs a dar sinais de terror, falou com seus companheiros com emoção, atraiu sua atenção para mim imitando os movimentos que eu fizera para cortar a madeira. Após o que, sua canoa deixou nosso navio. Ele se recusou a aceitar a faca __ como eu soube mais tarde que os nativos haviam feito com todos os utensílios em ferro que lhes foram oferecidos __ e todos os meus esforços para trazê-lo de volta foram inúteis.[719]

Em Ualan, nas ilhas Carolinas, para os nativos já acostumados aos brancos, um canivete é objeto de uma admiração sem limites. Vários querem possuí-lo.

Eu não queria demonstrar falta de complacência, mesmo que fosse temeroso que eles pudessem utilizá-lo sozinhos, de maneira adequada. Um deles, com efeito, havia cortado o dedo. O ferimento era insignificante, mas, no entanto, toda a companhia manifestou um terror extremo. O ferido caiu num abatimento tão profundo, que permaneceu sentado, imóvel, com os olhos fechados, como uma pessoa que espera uma morte imediata.[720]

Von Kittliz teve grande dificuldade para tranquilizá-los, mostrando-lhes em si mesmo cicatrizes de cortes. Este incidente prova bem que os nativos não olham o canivete com os mesmos olhos que os europeus. Para eles, esse pedaço de ferro tão fino era

dotado de um poder oculto extraordinário e, por consequência, o menor ferimento feito por ele arriscava ser mortal.

Da mesma forma,

> *o que os nativos mais admiravam era a caixinha onde se encontravam __ segundo o que lhes haviam dito os nativos de Port Moresby __ objetos que mostravam os caminhos, que indicavam o vento, as altitudes e o tempo. Eu abri a caixa e lhes mostrei o barômetro, o termômetro, a bússola e tentei lhes explicar seus usos. "Fecha! Fecha rápido! Suma com tudo isso! Rápido! Rápido! Ou todos nós vamos ficar doentes!"*[721]

Em resumo, qualquer que seja a forma de atividade dos brancos que se imponha à atenção dos nativos, quando o hábito ainda não os familiarizou com ela, eles imediatamente a interpretam, sem hesitar nem refletir, de uma maneira sempre igual. O doutor que trata deles, o explorador ou o comerciante que atravessa sua região, o missionário que se estabelece nela e lhes explica o Evangelho, se eles são vitoriosos em seus empreendimentos, eles sempre atribuem isso ao seu poder mágico, do qual as "poções mágicas" são o veículo. Também, é de acordo com o próprio sucesso que o valor dessas "poções mágicas" é estimado e é deste valor que depende, por sua vez, o prestígio dos brancos.

Parece, portanto, pouco exato dizer, como se faz frequentemente, que os primitivos só temem e respeitam a força. Pelo contrário, o que os europeus designam por esta palavra, eles nem mesmo concebem e, por consequência, eles parecem indiferentes a ela. Se eles cedem à força bruta, é sem tê-la compreendido. O que lhes inspira medo e respeito é a força mística, ou seja, as potências invisíveis, das quais os brancos sabem

assegurar a ajuda e que só elas tornam eficazes e irresistíveis seus instrumentos e suas armas.

***

Capítulo XII

O misoneísmo nas sociedades inferiores. Consequências do contato prolongado com os brancos.

Índice

Após ter tentado analisar a mentalidade primitiva, pelo menos nas características essenciais de sua estrutura e de seu mecanismo, seria de grande interesse examinar como ela evolui e segundo quais leis. Por infelicidade, os elementos necessários para um trabalho deste gênero ainda nos fazem falta. Com raras exceções, as sociedades inferiores não possuem história. Seus mitos, aliás, muito instrutivos, não têm lugar nelas. O pouco que sabemos de suas instituições e de suas línguas nos permitiria hipóteses arbitrárias.

Desde já, no entanto, é possível formular uma observação geral, fundamentada nos testemunhos de um grande número de observadores. As sociedades primitivas, em geral, se mostram hostis a tudo o que vem de fora, a menos, no entanto, que se trate de tribos vizinhas, semelhantes a elas mesmas, com o mesmo sangue, os mesmos costumes e até mesmo as mesmas instituições e com quem elas vivam em bons termos. Do estrangeiro propriamente dito, elas não absorvem e nem aceitam nada. É preciso que as mudanças, mesmo se são incontestáveis progressos, lhes sejam impostas. Se elas ficam livres para aceitá-las ou rejeitá-las, sua escolha não deixa dúvida. Elas formam como que sistemas fechados onde tudo o que

entra arrisca deslanchar um processo de decomposição. São como organismos capazes de viver por muito tempo, contanto que o meio exterior varie pouco, mas que, se elementos novos irrompem neles, degeneram rapidamente e morrem.

Sob o ponto de vista fisiológico, sabe-se que o contato com os brancos, em quase todas as regiões (América do Norte, do Sul, Polinésia, Melanésia etc.), foi fatal às sociedades nativas. A maior parte delas, dizimadas por doenças que os recém chegados trouxeram, desapareceu. Muitas daqueles que resistem, acabam por se extinguir. Sob o ponto de vista social, fenômenos precisamente análogos são produzidos. As instituições dos primitivos, como suas línguas, se decompõem rapidamente, assim que eles sofrem a presença e a ação dos brancos.

Que as sociedades primitivas sejam incapazes de suportar esse choque, poderíamos prever de acordo com sua estrutura, que as tornam tão diferentes daquelas onde vivemos e tão vulneráveis. Os ancestrais __ recentes e longínquos __ os espíritos e as potências invisíveis de todo tipo, as espécies que povoam o ar, as águas e o solo, a própria terra e até mesmo os rochedos e os acidentes geográficos, tudo o que se encontra nos limites da localidade ocupada pelo grupo social lhe “pertence”, como se sabe, no sentido místico da palavra. Reciprocamente, ele é ligado, por uma rede complexa de participações, à própria localidade e às potências invisíveis que ali residem e ali fazem sentir sua ação. Desta forma, as relações que nos parecem as mais naturais e as mais inofensivas entre sociedades humanas, arriscam expor o grupo a perigos mal definidos e especialmente temidos. O mais ligeiro contato com desconhecidos, o simples fato de receber deles alimentos ou utensílios pode levar à catástrofes. Quem sabe como tal ou tal

potência oculta poderá ser afetada e o que resultará disso? Daí, entre os primitivos, sinais de medo e de desconfiança, que os brancos interpretarão geralmente como hostilidade, depois do sangue derramado, das represálias e, às vezes, do extermínio do grupo. Se, pelo contrário, relações são estabelecidas, se um comércio acontece entre os brancos e os nativos e, sobretudo, se inúmeros deles vão viver e trabalhar com os brancos, após um "engajamento" mais ou menos voluntário, as consequências, geralmente, não são menos lamentáveis. Em muito pouco tempo, o nativo, bruscamente exposto à influências novas, começa a desprezar e esquecer suas tradições. Sua moralidade própria tende a desaparecer. Ele se põe a falar num tipo de sabir[722] ou de *pidgin-english*[723]. A consciência social do grupo se enfraquece e também sua vontade de viver.

No entanto, enquanto ela subsistir, enquanto o grupo social se sentir uma força viva e não abandonar a luta, ele repele, como por um tipo de instinto, os elementos novos que o estrangeiro lhe traz. É por isso, como veremos, que convém compreender o que se chama comumente de misoneísmo das sociedades primitivas. Deixadas a elas mesmas, elas são de disposição conservadora, mas não é certo que elas sejam mais hostis do que as outras a algumas inovações. Suas instituições variam, mesmo que lentamente e parece que elas aceitam mudanças, quando elas são propostas por autoridades que elas respeitam e sob uma forma que não lhes provoque nenhuma inquietude. Os Srs. Spencer e Gillen dizem isso formalmente, com relação aos Aruntas[724]. Em qualquer outro caso, uma desconfiança teimosa, insuperável, se revela e persiste.

§1. Desconfiança dos primitivos com relação aos alimentos oferecidos pelos estrangeiros.

Índice

Em primeiro lugar, quase nunca os primitivos aceitarão de imediato, alimentos desconhecidos ou mesmo conhecidos, oferecidos por estrangeiros. O fato foi constatado inúmeras vezes. Por exemplo, na Nova Guiné inglesa, onde os administradores tinham negócios com nativos que ainda não tinham visto europeus,

> *as numerosas tribos de nativos que encontramos durante nossa exploração, expressaram uma inteira confiança em nós, depois que estabelecemos relações amigáveis com eles e eles vinham frequentemente ao nosso acampamento, se sentando à noite em nosso fogo e trazendo suas mulheres e seus filhos durante o dia para ver os "rostos pálidos". Mas todos, sem exceção, recusaram degustar os alimentos que nós lhes oferecíamos, mesmo que consentissem em aceitá-los. Eles os envolviam em folhas, sem dúvida como curiosidades.*[725]

Diz um outro administrador: "Os nativos de Arabi River são agora nossos amigos. O gerente da loja lhes deu presentes. Ele lhes deu também alimentos, mas eles não quiseram tocar neles"[726].

Basta mesmo, para que essa repugnância se manifeste, que os alimentos não sejam preparados da maneira habitual.

> *Os nativos da tribo Managulasi não conhecem o uso de potes de barro e preparam todo seu alimento sobre pedras. De fato, eles recusam comer os alimentos preparados de outra maneira. Eu vi dois nativos de um distrito vizinho quase morrerem de fome, porque eles não tinham as pedras indispensáveis para cozinhar seu alimento.*[727]

Nas lendas recolhidas entre os Papuas de Kiwai (Nova Guiné)

pelo Sr. Landtmar, vemos expresso, sob diversas formas, o medo inspirado aos nativos pelos alimentos que eles não conhecem. “Sépuse deixou uma banana madura bem perto de Sido. Este, após tê-la comido, caiu “morto” (ou seja, inconsciente), não estando habituado a este tipo de alimento”[728].

> *Bidja foi o primeiro a pegar o peixe. Até então a gente de Mawata se contentava em coletar mexilhões. Eles chamavam os peixes de* ***ebihare*** *(seres misteriosos) e se descartavam deles. Bidja, que foi instruído em sonho por um espírito, pescou uma arraia, a cozinhou e a comeu, para grande espanto de seus companheiros. Contrariamente ao que esperavam, no dia seguinte eles não viram Bidja passar mal por ter comido o* ***ebihare****... Desde esse dia, as pessoas deixaram seu trabalho nas hortas e foram pescar.*[729]

Em outro lugar, um personagem mítico vê um coco pela primeira vez.

> *Ele tirou um, o abriu e, para experimentar, deu um pedaço da polpa para um cão que ele não gostava muito, já que não era um dos melhores. Mas os cães se jogaram todos em bando sobre aquele que tinha recebido o pedaço de coco, lhe arrancaram e o devoraram. Eles lamberam os lábios e demonstraram, com seus uivos, que queriam mais. O homem esperou algum tempo e, como nada acontecia, disse: “Oh! É bom para comer”. E ele próprio experimentou etc.*[730]

Ele pensou que os cães seriam vítimas de sua imprudência.

Essa desconfiança e essas precauções se explicam por muitas razões e sobretudo pelas duas seguintes. Tudo o que é desconhecido é suspeito. Quem sabe qual potência suspeita se disfarça talvez em

alimentos de aparência inofensiva e que são oferecidos aos nativos? Em presença de um fruto que ele não conhece, num lugar inexplorado, o branco se absterá até que ele saiba que esse fruto não é venenoso. Da mesma forma, um alimento novo dará medo ao primitivo, que ele seja o veículo de um malefício mortal e nada poderá convencê-lo a degustá-lo. Em segundo lugar, comer não é para ele somente a satisfação de uma necessidade elementar. É um ato cujo significado e consequências místicas podem ser de uma importância capital. A substância do alimento se incorpora à substância da pessoa que o consome. A participação é tão íntima que as duas substâncias formam uma só. O que o primitivo come faz parte de seu eu. Em um grande número de sociedades inferiores, todo mundo, como se sabe, recolhe cuidadosamente os menores restos de sua refeição e os leva para jogá-los na água, ou queimá-los, ou destruí-los de alguma outra maneira. Se esses restos caem em poder de um inimigo, este se tornaria então o senhor da vida do imprudente. Por uma razão mais forte ainda, ele evitará introduzir em si e assimilar uma substância desconhecida que pode ser mortal. Só se comerá, portanto, os alimentos cuja experiência passada garante a inocuidade e cujo efeito benéfico se explica pelas relações místicas estabelecidas entre o grupo social e algumas espécies animais e vegetais. Geralmente, cerimônias especiais, em certas épocas do ano, exprimem dramaticamente, rejuvenescem e fortificam essas relações, das quais depende a própria vida do grupo social.

Uma crença relatada pelo Sr. Spencer mostra bem quais podem ser, segundo os nativos, as consequências da introdução de um alimento novo em seu regime alimentar.

A existência de mestiços em várias tribos da Austrália

do norte foi inicialmente universalmente explicada por suas mães da seguinte maneira: "Eu comi muita farinha do homem branco". A diferença essencial, aos seus olhos, entre sua vida antes que elas tivessem entrado em contato com os brancos e após, não eram as relações sexuais que elas haviam tido com eles, mas o fato de que elas tinham comido a farinha branca, o que, naturalmente, tinha afetado a cor de sua progenitura.[731]

Da mesma forma, se a cozinha dos brancos inspira nos primitivos uma repugnância insuperável, é também por causa das influências malignas que podem emanar de seus utensílios. Aos olhos dos Maoris da Nova Zelândia, não havia sujeira pior do que aquelas que vinham dos instrumentos de cozinha. Entre os Tarahumares do México, "alguns deles, após terem comido em meus pratos e em meus copos, iam até o rio lavar a boca e as mãos com cuidado, para se livrarem de qualquer mau princípio que pudesse haver nos utensílios do homem branco"[732].

Pelas mesmas razões, suspeitas parecidas se estendem a todos os objetos nos quais se pode temer uma influência maligna de mesmo gênero, porque eles vieram de uma origem incerta. Assim, foram vistos insulares das Novas Hébridas recusarem receber objetos trazidos por aqueles dos seus que viveram entre os brancos. Eles os colocam em observação, ou, para melhor dizer, em quarentena. Na África do Sul, uma vez familiarizados com os missionários, os Béchuanas lhes confessaram que os presentes enviados por eles ao rei do país, desde sua primeira aparição na região, não foram enviados a ele; eles temiam que eles trouxessem algum infortúnio para o rei. Os fatos deste gênero são inumeráveis. Sem insistir muito nisso, eu destacarei somente que eles seriam mal definidos pela palavra "misoneísmo". Não é unicamente, nem

propriamente, pela qualidade de novos que os alimentos e os objetos desconhecidos são rejeitados; é também e principalmente pela qualidade de veículos possíveis de influências funestas.

§2. Repugnância em abandonar os antigos costumes pelos novos. Medo de ofender os ancestrais e os espíritos ao aceitar uma mudança. O inovador é suspeito de feitiçaria. O conformismo obrigatório. Impossibilidade quase completa da conversão individual ao cristianismo.

Índice

Se for o caso de abandonar um costume tradicional ou adotar deliberadamente uma prática até então desconhecida, a resistência é tão viva quanto teimosa. Os observadores e principalmente os missionários viram bem a razão disso. Diz o Sr. Newton:

O natural da Nova Guiné é intensamente conservador; ele faz o que seu pai, seu avô e seu bisavô fizeram. O que era bom o suficiente para eles é bom também para ele, como diz o homem de Wadau que fabricava uma embarcação e que rejeitou com desprezo o conselho de colocar nela uma larga e confortável plataforma no centro, como faz a gente de Boiani, invés dos dois miseráveis banquinhos nas extremidades, como constroem em Wadau. “Não! Isso não é nosso costume”, respondeu ele, “A gente de Boiani poderia ver nisso uma invasão em seu direito de invenção”[733].

O mesmo missionário conta que os nativos, numa certa grande festa, imolavam porcos da maneira mais lenta e mais cruel e foi imposto a eles que matassem as vítimas dali em diante de forma mais rápida e mais humana. A festa recomeçou e, no início da manhã, começa-se a matar os porcos. Perto do fim, alguns velhos se sentiram inquietos com essa temerosa violação do costume. Uma

delegação veio dizer aos missionários que era preciso, de forma absoluta, que pelo menos um porco fosse morto da maneira antiga dos nativos, a fim de que as mangueiras pudessem ouvir os gritos do animal, caso contrário, elas não dariam mais frutos[734].

Na Nova Guiné alemã,

> *os negros deixam a carapaça da tartaruga queimar com o resto. É o costume. Eles não mudam. Muitas vezes nós lhes dissemos que essa carapaça tem um grande valor, que eles poderiam conseguir com elas muito dinheiro etc. Até agora nós pregamos no deserto. Para nos consolar, eles sempre nos prometem mudar o método "na próxima vez" e, na vez seguinte, eles fazem exatamente como antes. Eles não têm coragem de abandonar os velhos costumes... é a energia que lhes falta.*[735]

Na Nova Pomerânia,

> *quando um barco está em movimento, o flutuador fica à esquerda. Se as ondas vêm deste lado, ele serve eficazmente para quebrá-las. Como esses barcos são iguais da popa à proa, pensar-se-ia que, quando as ondas vêm pela direita, os nativos façam com que o flutuador também fique deste lado. De forma alguma. O Canaque tem um horror tal por qualquer inovação que ele insiste em navegar com o flutuador à esquerda, mesmo quando as ondas vêm pela direita enche d'água a embarcação. Quando eu discutia com eles este assunto, os nativos sempre concordavam que uma mudança de seu costume só teria vantagens e eu sempre me perguntei se era por obstinação que eles continuavam ligados a ele ou se era falta de poder de decisão, já que, mesmo sabendo o que*

era melhor, eram incapazes de adotá-lo.[736]

Em resumo, como dizem os missionários de Nias, "os nativos não conhecem e não querem conhecer outra coisa além do que eles já têm e estão muito satisfeitos com isso. Eles não querem melhorar nada"[737]. Isto é fato e as razões disso são percebidas quase idênticas em toda parte. Ao abandonar ou modificar os modos de fazer tradicionais, adotando novos procedimentos, o nativo se exporia, por uma vantagem, mesmo correta, mas, em todo caso, não indispensável, a incalculáveis perigos e, em particular, à cólera dos ancestrais, estes membros tão poderosos do grupo social. Esse medo é abertamente expresso pelos nativos da ilha Kiwai (Nova Guiné).

> *Meus amigos vieram me descrever algumas cerimônias que eles realizam a fim de fazer prosperar as colheitas e eles estavam realmente cheios de inquietude: seria sábio adotar a nova religião? Eles se davam conta muito bem de que ela exigiria que eles abandonassem esses ritos. Mas então, se eles não fizessem mais o que seus pais faziam, como o inhame e o sagu poderiam germinar? Para o* ***tamale*** *(o branco, o missionário) é fácil: tudo o que ele come ele encontra nas caixas que lhes são enviadas de Thursday Island. Mas.. e nós?* [738]

Na África austral, um europeu quer tentar tornar sedentários os Bosquímanos.

> *Ele se esforçou para convencê-los a comprar cabras com penas de avestruz ou com peles de animais que eles matassem na caça. Esta proposta os fez rir até às lágrimas. Eles lhe perguntaram se seus ancestrais nunca tinham criado animais domésticos e eles lhe fizeram compreender que*

estavam resolutos, senão em criar, pelo menos em comer tudo da mesma forma como seus ancestrais sempre fizeram.[739]

Uma sugestão semelhante, feita por um missionário alemão, foi recebida exatamente da mesma forma. Diz ele: "Eu os exortei a limpar as hortas e plantar trigo. Eu me ofereci para lhes dar as sementes. Mas eles explodiram de rir e me responderam que, se eles fizessem isso, eles morreriam"[740].

Entre os Bantos, cujas sociedades apresentam uma organização já bem complexa, o espírito conservador não é menos forte. Era inútil, por exemplo, tentar desviar os Cafres de seus horríveis processos contra os feiticeiros. É o costume. Contra estas palavras mágicas, todos os argumentos são inúteis. "O que diriam os espíritos de nossos ancestrais, se rompêssemos com nossos costumes? Sua cólera, para nos punir, tornaria estéreis nossas mulheres e nossos campos e o homem branco acabaria de 'comer' nossa terra"[741].

Diz o Rev. Philip:

Antigamente era contra o costume, entre os Béchuanas, desobedecer aos costumes de seus ancestrais. Quando eram pressionados a plantar trigo, ou outra coisa, eles sempre respondiam que seus ancestrais eram mais sábios do que eles e eles estavam contentes de fazer como eles tinham feito. Eles olhavam qualquer inovação como um insulto à memória de seus ancestrais.[742]

Os primeiros missionários franceses nessa região prestaram o mesmo testemunho. Diz Casalis: "De acordo com as noções dos naturais, não se pode provocar mais diretamente a cólera das gerações divinizadas, do que se afastando dos preceitos e dos

exemplos que elas deixaram”[743].

> *Pergunte aos Bassutos o porquê desses costumes e eles serão incapazes de responder. Eles não refletem. Eles não têm teorias nem doutrinas. Para eles, a única coisa que importa é a realização de certos atos tradicionais e o contato com o passado e os mortos.*[744]

A regra suprema é, portanto, fazer o que os ancestrais fizeram e não fazer o que eles não fizeram. Os mais antigos observadores citaram numerosos exemplos disso. Diz Campbell: “Os Matchappees são muito apaixonados por batatas, mas jamais se conseguiu que eles as plantassem, porque elas não se parecem com nada do que seus ancestrais lhes transmitiram”[745].

Um contemporâneo de Campbell escreve, com relação à mesma tribo:

> *Sua horticultura não compreende o tabaco e é uma circunstância bem surpreendente se pensarmos a que ponto eles levaram sua paixão pelo fumo e que nações situadas ao lado da sua __ como os Hotentotes, em Klaarwater __ cultivam essa planta com sucesso. Eles, portanto, a viram e a conheciam bem. Mas isso é uma nova prova da força do costume e da lentidão com a qual os não-civilizados aceitam o progresso, quando ele contradiz seus hábitos tradicionais ou seus preconceitos. Pois, quando se pergunta a eles porque eles próprios não cultivam o tabaco, invés de mendigar para cada estrangeiro que passa por ali, eles respondem que não sabem a razão, mas que devia ser porque eles nunca tiveram o costume de fazê-lo. No entanto, eles reconhecem que a cultura dessa planta e de vários outros vegetais úteis, que eu lhes*

indiquei, seria desejável e esta confissão prova que eles não estavam absolutamente contrários a fazer a tentativa.[746]

Pode ser, mas este último ponto é duvidoso. O consentimento dos nativos significa sobretudo, ao que parece, que eles tendem a não contradizer o branco. Na realidade, eles não prejulgam nada do que farão.

Diz o Sr. Junod:

> *Os chefes mortos são os deuses da nação. O que eles fizeram é o que deve ser feito ainda, a maneira como eles viveram é a norma suprema, as tradições que os ancestrais legaram aos seus sucessores constituem o que há de mais claro na religião e na moral desses povos. O costume, transmitido desde os tempos pré-históricos, é a lei. Ninguém pensa em transgredi-lo. Fazer de forma diferente dos outros é proibido. Isso seria um atentado à autoridade divina dos ancestrais, um sacrilégio. Esse princípio é mantido de forma tão firme quanto a tribo é mais pura de elementos estranhos e menos submetida às influências exteriores.*[747]

Esse caráter de inviolabilidade se estende a todos os costumes. Por exemplo: à divisão do trabalho entre os gêneros, que, aliás, às vezes repousa sobre razões místicas essenciais[748]. Entre os Béchuanas, Moffat viu um dia a mulher de um grande personagem que, ajudada por algumas outras, construía uma casa e que se preparava para subir no telhado com a ajuda de um galho de árvore. Ele comentou que as mulheres deviam passar a seus maridos essa parte do trabalho. Houve uma explosão de risos geral.

> *Mahuto, a rainha e vários homens se aproximaram para perguntar o que tinha provocado alegria em todo mundo. As*

mulheres repetiram a estranha proposta e, aos seus olhos, cômica, que eu tinha feito, o que provocou uma nova explosão de risos. Mahuto, mulher inteligente e sensata, disse que minha ideia era boa, embora impraticável e que ela pensava frequentemente que nossos costumes eram melhores do que os deles.[749]

Reflexão polida, talvez sincera. Mas jamais essa rainha mudaria deliberadamente um costume respeitado desde tempos imemoriais. Como conhece bem o missionário __ e que fala a língua da região __ os nativos não dissimulam diante dele o que pensam. Mandar os homens fazerem um trabalho de mulheres! Esta ideia barroca só podia vir de um branco.

As regras assim impostas pela tradição formam uma rede muito complicada. Todo mundo acha, portanto, natural se conformar à ela, a todo instante e em todos os pontos. Escreve Mauch:

A superstição intervém muito profundamente na vida e na conduta dos Makololos e os atos mais insignificantes são regulados por ela. Por exemplo, a maneira de colocar a madeira no fogo, a maneira de se sentar na cabana, de segurar o pincel ou a colher, de satisfazer suas necessidades naturais etc. Para que o fole de um ferreiro tenha força, é preciso que ele seja feito da pele de uma cabra esfolada viva. Para que seu forno trabalhe bem é preciso que à argila seja misturada uma certa poção, que durante a forja seja feita uma oferenda de mingau e de cerveja etc.[750]

Até mesmo quando já está estabelecida, uma inovação permanece precária por muito tempo. É um fato bem conhecido que o antigo costume está sempre pronto para retomar seu posto (por

razões místicas) e que, em circunstâncias específicas, ele retorna mesmo, com efeito. Eu relatarei apenas um exemplo.

> *Entre os Bushongos, o tecido de ráfia, introduzido há mais de trezentos anos, é, ainda em nossos dias, considerado uma inovação. Em todas as cerimônias, os altos dignitários se vestem com tecidos de cascas de árvores, as vestes de seus ancestrais. Ou ainda, quando uma mulher está de luto, ela reveste uma roupa com cascas de árvores e deixa de comer mandioca, o que também é uma introdução relativamente moderna; é como se, obedecendo aos antigos costumes, ela apaziguasse a potência que causa sua dor.*[751]

Por maior que seja a força do costume, por mais instintivo __ por assim dizer __ que seja o respeito que ele inspira, espíritos engenhosos e inventivos, nessas sociedades como nas nossas, são sensíveis à atração da novidade. O que acontecerá se uma pessoa resolve modificar um processo estabelecido? A menos que ele se cerque de uma extrema prudência e que tenha a precaução de assegurar o consentimento __ eu diria, a quase cumplicidade __ de pessoas influentes do grupo, as consequências podem ser terríveis para ele. Na maior parte das sociedades primitivas __ em particular naquelas da África austral ou equatorial, que acabamos de mencionar __ ele arrisca sua vida. Diz o Irmão Aegidius Müller: "Toda a vida do nativo é uma cadeia de costumes que ele precisa obedecer. Se ele se afasta dela, ele cai na suspeita de feitiçaria"[752]. Os exemplos abundam; mostrarei somente alguns. Na região do Congo, "os homens mais capazes de progresso são sempre os primeiros a ser exterminados. Quando começou o comércio da borracha, os primeiros nativos que a venderam foram mortos como feiticeiros. É assim para qualquer inovação"[753].

Não fazer como os outros, fazer melhor e, sobretudo, fazer alguma coisa que nunca foi feita antes: não há nada mais perigoso do que isso.

> *Há uns vinte e cinco anos, eu conheci um ferreiro que, com o ferro de um aro de tonel, soube fabricar uma boa imitação de uma faca europeia. Quando o rei soube disso, ele achou que o ferreiro era muito hábil e o ameaçou de uma acusação de feitiçaria, se ele fizesse isso novamente... O nativo tem o sentimento profundamente enraizado nele de que tudo o que sai do comum é devido à bruxaria e ele o trata como tal. Há alguns anos, eu conheci uma curandeira nativa que tratava com sucesso algumas doenças da região. Ela ficou rica e então os nativos a acusaram de provocar a doença nas pessoas através de feitiços, a fim de cuidar delas por dinheiro, pois, como é que ela conseguia curar tão facilmente, se não fosse ela que havia provocado a doença? Ela foi obrigada a abandonar sua profissão, para não ser morta como feiticeira... A introdução de um novo artigo de comércio sempre valeu a acusação de feitiçaria àquele que a promoveu. Conta-se também que o homem que inventou o processo para produzir vinho de palma foi acusado de feitiçaria e que pagou sua descoberta com a vida.*[754]

Porque, em todos esses casos e numa infinidade de outros semelhantes, a acusação de bruxaria logo se apresenta à mente dos nativos? Isso provém, sem nenhuma dúvida, da atitude constante da mentalidade primitiva que, do que ela percebe ou constata, ressalta imediatamente uma causa mística, sem dar a menor atenção ao que chamamos de série das causas e dos efeitos objetivos e visíveis. O ferreiro congolês, que com um pedaço de ferro proveniente de um

aro de tonel consegue fabricar uma faca à europeia é admirado por nós pelo seu espírito de iniciativa, destreza e perseverança de artesão que, só tendo à sua disposição materiais tão pobres e ferramentas tão grosseiras, soube tirar um partido disso. A mentalidade primitiva é insensível a esses méritos. Ela nem mesmo os percebe. O que a impressiona e ao que ela se prende unicamente, é a novidade inquietante do resultado obtido. Como uma faca parecida com a dos brancos poderia ter saído da forja, se o ferreiro não tivesse uma força mágica a seu serviço? Ele é, portanto, suspeito. Quem, como ele, obtiver um sucesso ao qual ninguém ainda pensou, se exporá à mesma acusação. Pouco importa que ele não faça mistério das operações que ele imaginou e realizou. No pensamento dos nativos, não é a elas que ele deve o sucesso, mas a uma potência oculta que, somente ela, pode assegurar a eficácia. Assim surge a questão temida: como ele teve essa potência oculta à sua disposição? Ele não é um feiticeiro?

Em virtude dessa mesma disposição,

> *ninguém pode ser mais rico do que seu vizinho e ele só pode adquirir sua riqueza através dos meios comuns e usuais, portanto, através do comércio dos produtos naturais da região e de suas plantações. Se um nativo, após uma ausência suficientemente longa, retorna à sua aldeia com uma quantidade de tecidos, miçangas etc., que ultrapassa a média, ele logo é acusado de feitiçaria, seus bens são distribuídos entre todos os outros e geralmente ele é condenado a uma multa.*[755]

Ser bem sucedido, obter um resultado extraordinariamente feliz, equivale, para a mentalidade primitiva, a escapar sozinho de uma infelicidade que se abate sobre todos os outros, o que, segundo

ela, é sempre devido à feitiçaria, pois não há acaso. Vimos acima alguns exemplos disso[756] e agora apresentarei alguns outros. Um Cafre que __ o único em sua tropa __ se curou da varíola, foi morto durante a noite pelos outros membros de sua tribo. Para justificar este assassinato, eles alegaram que foi ele que, com a feitiçaria, havia atraído o infortúnio para a aldeia[757].

> *Durante uma epidemia que grassou aqui (nas ilhas Fiji) há alguns meses, como fomos os únicos livres da doença, nossos insulares pensaram que nós é que éramos a causa do flagelo e inventaram uma história sobre isso. Eu tinha, eles disseram, uma caixa misteriosa e, quando eu a abria, as febres se espalhavam pela região.*[758]

Assim, mesmo quando o nativo conhece o meio de evitar um infortúnio que se aproxima, ele preferirá sofrer com os outros a escapar dele sozinho e não tentará evitá-lo. Entre os Waschambaas,

> *um nativo sabe bem que ele poderia afastar a nuvem de gafanhotos através de gritos e batendo tambor, ou pela fumaça de um fogo que ele acendesse rápido. Mas ele não recorrerá a estes meios, pois se seu campo fosse poupado, seus vizinhos menos felizes logo o acusariam de feitiçaria. O fato de que sua plantação foi a única que não sofreu é a prova disso. E mais, eles o acusariam de ter enviado os gafanhotos sobre os campos de seus vizinhos. É por isso que, para se defender das pragas, só são empregados procedimentos mágicos.*[759]

Porque os gafanhotos vieram devorar as colheitas dos Waschambaas? Certamente que uma influência mágica os atraiu. O culpado será revelado pelo fato de que seu campo foi o único

poupado. Aos olhos da mentalidade primitiva, essa prova é mesmo evidente.

É igualmente suspeita a pessoa que se torna muito velha e que sobrevive sozinha à sua geração. Como ela conseguiu prolongar assim seus dias, enquanto todos os seus contemporâneos morreram? Se alguma infelicidade acontece, as suspeitas logo recairão sobre ela. Conta Bentley:

> *Kiala, o chefe da aldeia, tinha parentes em Mpete, a duas horas de distância e um deles morreu. A acusação de ter provocado sua morte por feitiçaria recaiu sobre um velho de Mpete. Kiala e os seus insistiram que ele bebesse o* ***nkasa****. Nenhum adivinho o havia denunciado e ele não foi alvo de uma operação de acusação. Mas esse velho tinha sobrevivido a todos aqueles de sua geração e as pessoas diziam que ele tinha sobrevivido porque ele tinha causado a morte de todos os outros. Como ele era feiticeiro, naturalmente ele sobreviveu! Nós advertimos Kiala e, por medo do governo, ele não ousou deixar as coisas seguirem seu curso habitual. Ele resolveu então provocar a morte desse velho, sem assumir a responsabilidade de matá-lo. Numa noite de lua, ele chegou à Mpete com uma pequena tropa, retiraram o velho de sua casa e o amarraram. Cavaram um buraco diante da casa, colocaram nele o velho e o enterraram vivo. Se ele morresse, seria assunto dele, ninguém o teria matado.*[760]

O "misoneísmo" constatado nessas sociedades é, portanto, uma consequência imediata do conformismo que, por razões concernentes à mentalidade primitiva, é estritamente obrigatório para seus membros. Singularizar-se, de qualquer maneira que seja, é expor-se. Entre alguns Bantos, por exemplo,

o filho não deve aspirar a nada de melhor do que seu pai teve antes dele. Se uma pessoa tem a audácia de melhorar a construção de sua casa, fazer uma entrada maior do que a usual, usar uma roupa mais bonita do que a dos outros, ou diferente, ela logo é condenada a uma multa e se torna, ao mesmo tempo, objeto de escárnios tão mordazes que é preciso que ela seja realmente uma pessoa muito corajosa para enfrentar isso uma segunda vez.[761]

Entre os Cafres,

os ritos e as cerimônias não são coisas indiferentes, que cada um pode observar ou negligenciar como bem lhe parecer. É sobre eles que repousa a confiança do Cafre e, segundo ele, sua vida e seu bem-estar dependem de sua observância regular. Se ele, portanto, os desprezasse e os negligenciasse, ele seria desconsiderado. Sua família e seus amigos o manteriam à distância, como uma pessoa suspeita, que certamente se dedica à arte da feitiçaria. Se não fosse isso, ele seria culpado de um crime tão detestável? Se alguma infelicidade se abate sobre a aldeia e se um sacerdote for consultado para descobrir o feiticeiro culpado, todas as chances são de que o sacerdote o designe como suspeito de ter causado o infortúnio e que ele sofra o suplício dos feiticeiros. Uma outra razão que contribui para impedir os Cafres de deixarem de realizar seus ritos e cerimônias é o medo supersticioso que eles próprios têm de atrair sobre si a cólera dos ancestrais, se eles o fizessem e de se expor assim aos males sobrenaturais.[762]

Esse conformismo tirânico não pesa sobre o indivíduo o tanto

que se poderia acreditar. Eles estão acostumados com ele desde a infância e não imaginam, em geral, que as coisas possam ser diferentes. Sobretudo as relações do indivíduo com o grupo social (família, clã, tribo), o tornam fácil de ser suportado. Enfim, o indivíduo, nessas sociedades, está muito menos desligado de seu grupo do que nas nossas. A solidariedade é nelas, talvez, mais estreita e, certamente, menos complexa. Mas nessas sociedades, ela possui um caráter mais orgânico e mais vital. Nelas, o indivíduo é mais __ no sentido próprio da palavra __ um membro de um corpo. Por exemplo, a vingança será igualmente satisfeita, seja o próprio assassino ou outro indivíduo de seu grupo que é morto por um parente da vítima. Todos os membros de uma família são responsáveis pela dívida de um deles etc.

> *Em geral, entre os Bassutos, os atos importantes da vida não são abandonados ao capricho de um indivíduo, mas são regulados e dirigidos pela família inteira. O indivíduo, no fundo, jamais é o elemento principal; ele deve aceitar __ mais ou menos, segundo o caso __ a tutela de sua família, de seu clã ou de sua tribo. O indivíduo não é nada por ele mesmo; ele não passa de uma parte da comunidade familial ou nacional.*[763]

Aí está a origem de um dos mal-entendidos mais frequentes e mais duráveis, entre os missionários e os nativos. Os missionários querem salvar as almas. Eles concentram todos os seus esforços para convencer cada uma das suas ovelhas, homem ou mulher, da necessidade de abandonar as práticas pagãs e se converter à verdadeira fé. Mas os nativos, em geral, não fazem nenhuma ideia de sua salvação individual. Eles pensam mesmo __ como os missionários __ que a morte é apenas a passagem para um outro

modo de existência. Mas eles não concebem a ideia de que eles possam se salvar ou se danar, cada um por sua própria conta pessoal. O sentimento profundo e constante que eles têm de sua solidariedade para com seu grupo e para com seus chefes __ quando sua sociedade comporta isso __ os impede de compreender o que o missionário deseja tanto para eles e até mesmo aonde ele quer chegar. A distância é aqui muito grande entre a mentalidade primitiva e o fim que lhe propõem perseguir. Como o nativo representaria seu destino individual no outro mundo como dependente unicamente de sua fé e de seus atos __ sem falar da graça divina __ quando ele jamais pensou numa independência tal de sua pessoa na sociedade onde ele vive?

Por consequência, as conversões ao cristianismo, quando elas acontecem, são sempre coletivas, sobretudo onde a autoridade de um chefe já está estabelecida e onde se personifica nele a realidade coletiva do grupo.

> *A necessidade de dependência é neles (os Bassutos), uma segunda natureza e se pode dizer que já ao nascerem eles já trazem a marca da coleira. Sua ligação ao seu chefe é qualquer coisa de instintivo, como a ligação das abelhas com sua rainha. Jamais lhes viria à mente que eles poderiam se entender e se juntar para romper o jugo; no máximo, se ele é muito penoso, eles tentam se livrar individualmente, mudando de senhores.*[764]

Suponhamos que esses senhores, como quase sempre acontece, continuem surdos às censuras dos missionários:

> *Se voltarmos agora nossos olhares para o lado dos súditos, abandonando esses chefetes petrificados por um*

orgulho ridículo, o que nos dirão? "Somos apenas os cães de nossos senhores, crianças sem inteligência. Como receberíamos as coisas que nossos senhores rejeitam?"[765]

Da mesma forma, entre os Barotses:

Tudo deve vir da cabeça da nação. "Se Lewanika nos ordena aprender, aprendemos; se ele rejeita seu ensino, quem então ousaria agir de forma diferente dele?" A nação tem apenas uma alma, uma só vontade. É a aniquilação dos indivíduos, a centralização levada ao seu último limite ou, dito de outra forma, a morte de todos em proveito de um só.[766]

Se o chefe não vai à igreja, ela fica vazia. "O que observamos em Seshaké é que a aldeia estava lotada de gente, mas, na ausência dos chefes, ninguém assistia aos nossos serviços"[767].

Mais de uma vez o missionário reconhece, com compaixão, que a conversão individual é, por assim dizer, impossível ao nativo; é pedir demais a ele.

Receber o Evangelho, para o pobre Mossouto, é recusar participar das cerimônias vistas como necessárias à prosperidade pública e comandadas pelo chefe. É recusar pegar em armas contra as populações vizinhas. Enfim, é renunciar ao título de Mossouto e se expor, por isso, a ver serem levadas as poucas vacas que ele possui e que são o único meio de subsistência de um pai e de seus filhos.[768]

Não são apenas as consequências materiais da ruptura de um laço social, cujo caráter mal imaginamos. Segundo as expressões de R. P. Trilles,

em toda a concepção banta do sistema mundial, o

indivíduo não é nada e a coletividade organizada, pelo contrário, é o ser propriamente dito, a única que tem uma existência verdadeira. Um é o ser, o outro é o acidente; o primeiro permanece, o segundo passa.[769]

Fatos semelhantes são encontrados constantemente em outros lugares além dos Bantos. Para citar apenas um exemplo: em Nias, os missionários alemães constataram e descreveram várias vezes a impossibilidade de se obter conversões individuais.

Ninguém quer tomar a resolução por sua própria conta; o conselho dos anciões deve decidir, em caso de mudança de religião, pois entre nossos nativos de Nias, a religião também é assunto de Estado. Ou todo mundo, ou ninguém... O estreito laço social dispensa o indivíduo de toda responsabilidade, mas lhe retira, no mesmo golpe, a liberdade de sua decisão pessoal. Dessa solidariedade social tão estreita e do pouco valor da personalidade individual que é sua consequência, nascem situações tais, que é preciso muito tempo e experiência para apreciá-las como convém.[770]

§3. Os julgamentos de valor sempre particulares e concretos, para a mentalidade primitiva, pouco conceitual.

Índice

Às razões já expostas, positivas e místicas, que prendem as sociedades inferiores a seus costumes e as tornam hostis às inovações, se acrescenta uma última, que não é menos importante. A mentalidade primitiva, intensamente mística, é pouco conceitual. Ela sente muito vivamente, mas analisa pouco e não abstrai também. Por

consequência, quando ela forma julgamentos de valor, ou expressa suas preferências, seus ódios, seus sentimentos em geral e suas paixões, é preciso que ela represente ao mesmo tempo, de uma maneira concreta, o que é o objeto. Em outros termos, não é que ela não construa conceitos gerais abstratos; ela não formula julgamentos de valor gerais fundamentados na comparação positiva de objetos, em aparência, muito diferentes. Julgamentos deste gênero implicariam em operações intelectuais muito simples e familiares para nós, mas que a mentalidade primitiva não tem nem o gosto nem o hábito. Ela os evita, por assim dizer, instintivamente.

Por outro lado, ela não aprecia o valor de um processo, de um método, de um engenho, de um utensílio, enfim, de um meio qualquer de agir e de atingir um resultado, como nós temos o costume de fazer, ou seja, observando o resultado do método, do engenho etc. e o comparando objetivamente com outros, abstração feita de qualquer outra consideração. Ela sabe ver, sem dúvida, a maior ou menor eficácia dos métodos e dos instrumentos que ela emprega. Mas ela não faz dele o objeto exclusivo de um exame especial: ela não o julga a parte. Ela sempre faz entrar em linha de conta os elementos místicos de onde depende o sucesso de um empreendimento ou de uma ação, quaisquer que eles sejam. Por consequência, seus julgamentos de valor permanecerão concretos e relativamente particulares e geralmente os observadores europeus ficarão desconcertados com isso. Eles não compreenderão como os nativos, tendo dois modelos de um mesmo objeto __ um, nativo, grosseiro e incômodo e o outro, europeu, aperfeiçoado e mais manejável __ podem continuar, como acontece frequentemente, pelo menos nos primeiros tempos, a preferir o seu.

Essas casas (a dos missionários), dizem os nativos, são

excelentes, mas porque eles, os fijianos, não poderiam viver em casas iguais àquelas onde seus pais viveram? A mesma coisa para os barcos. Nossos navios estão aqui e são muito melhores do que suas embarcações. No entanto, eles só ficam contentes com os que eles têm. A mesma coisa para as roupas, para a carne etc. Eles dão seu assentimento, mas não fazem nenhum esforço para o progresso. Eles elogiam nossos métodos, que são superiores, mas continuam a praticar os seus.[771]

O assentimento dos fijianos é pura polidez. É raro que o primitivo não procure agradar seu interlocutor dizendo o mesmo que ele. Quanto ao resto, sua atitude se explica pela natureza de seus julgamentos de valor. As casas e as embarcações dos europeus são boas para os europeus; as casas e as embarcações dos fijianos são para os fijianos. Pouco importa saber quais construções em si sejam mais agradáveis para habitar, ou quais embarcações se comportam melhor no mar. Esta questão não surge na mente dos nativos. Se seus barcos lhes permitem ir de uma ilha à outra e até mesmo fazer travessias muito longas, não é somente, nem principalmente, em virtude de suas qualidades náuticas, é, acima de tudo, porque as potências ocultas, favoráveis aos fijianos e dóceis às preces de seus chefes, dão a esses barcos o poder de atravessar as distâncias, afastando as tempestades e os ventos contrários, se opondo vitoriosamente a outras potências ocultas inimigas etc. Enfim, o uso bem sucedido dessas canoas exige um conjunto complexo de participações definidas entre o grupo fijiano e as potências invisíveis das quais ele depende. Quem não vê que é exatamente o mesmo para os navios dos brancos? O emprego dessas magníficas embarcações deve, ele também, ser subordinado ao conjunto da vida mística do

grupo social ao qual elas pertencem e tudo leva a pensar que os europeus estão em relação com potências ocultas extraordinárias. Estes são estrangeiros, portanto, provavelmente hostis aos fijianos. Que uso eles poderiam fazer, portanto, de tais barcos? Quem sabe se essas potências, irritadas por serem usurpadas de "suas" embarcações, não os fariam perecer? A mais simples prudência exige, portanto, continuar fiel, neste ponto como nos outros, aos usos tradicionais. Se, por hipótese, os fijianos se tornassem brancos, ou seja, se seu grupo social fosse formado como o dos brancos, se seus ancestrais respectivos se misturassem, se suas potências protetoras se confraternizassem, então, mas somente então, os fijianos poderiam sem perigo e com vantagem, aceitar e adotar os engenhos e a maneira de viver dos brancos. Até lá, eles só podem continuar ligados às suas próprias práticas, as únicas que lhes garantem a segurança. Quando eles concordam com os europeus que suas práticas são melhores, eles subentendem: "melhores para vocês!" "Melhores em si" não tem sentido em sua linguagem.

Esses mesmos fijianos, "se eles tomam remédios ingleses quando estão doentes, abjuram geralmente o paganismo, convencidos de que sua conversão é necessária para assegurar o efeito dos medicamentos"[772]. Vemos como eles raciocinam. A ideia de um efeito fisiológico dos remédios lhes é totalmente desconhecida. Eles só concebem a ação mística. Sob este ponto de vista, os medicamentos dos cristãos não poderiam ser bons em si, ou universalmente; eles são bons para os cristãos. Sejamos portanto cristãos e então esses poderosos remédios conseguirão nos curar, como se fôssemos ingleses. Diz ainda o Rev. Waterhouse:

> *Uma das mulheres do rei Tanoo tinha abraçado o cristianismo "para assegurar o efeito da medicina inglesa".*

Assim que ela se curou, Thakombau a forçou a retornar ao paganismo. "Você só se tornou cristã para salvar sua cabeça quando meu pai morreu", observou o chefe, constrangendo-a a se tornar uma renegada.[773]

Em outras sociedades primitivas, sejam elas inferiores ou superiores àquela onde estavam os fijianos há um século, encontraríamos a mesma especialização dos julgamentos de valor, a mesma dificuldade, para não dizer impossibilidade, em imaginar que o que é bom para os brancos pode ser, da mesma forma, útil e bom para os nativos, que eles podem ser curados pelos mesmos remédios, empregar os mesmos métodos, ter a mesma cultura e a mesma religião, encontrar o mesmo destino na outra vida. "Você tem razão", respondem os papuas ao missionário. "Mas, este é o nosso costume desde sempre. Para nós, o *rotoi* (o espírito, a divindade) deu *l'Ai*; para vocês, a palavra de Jeová e de Jesus. Somos negros e vocês são brancos", acrescentam eles. Eis as respostas ouvidas constantemente[774].

Na Nova Guiné inglesa,

> *eu ouvi falar de um caso em que a filha de um instrutor nativo da missão morreu. Seu pai acusou o feiticeiro do lugar de ter causado sua morte. Censuraram-no por sua crença no* ***pouri-pouri*** *(feitiçaria). Ele replicou: "Você é um branco e não entende a 'medicina' da Nova Guiné. Eu, eu sou um homem da Nova Guiné e eu a entendo".*[775]

Ele podia ter se convertido, em aparência, à religião dos brancos, mas sua solidariedade para com seu grupo social continuava a ser mais forte.

Na ilha de Nias,

o nativo é ligado aos seus costumes imemoriais com uma teimosia extraordinária e ele não quer nenhum progresso, mesmo exterior, mesmo que as coisas novas que ele vê e que ele ouve lhe pareçam superiores e melhores. Esta é também a razão pela qual as escolas não prosperam totalmente aqui. Aos olhos da gente de Nias, saber ler e escrever e, em geral, qualquer conhecimento intelectual é tão supérfluo e inútil quanto qualquer coisa no mundo.[776]

Em outros termos, isso pode ser bom para o branco, pois isso faz parte do conjunto de sua atividade e ele tem, por assim dizer, a garantia disso em sua experiência passada. O nativo de Nias não pode dizer o mesmo e se ele adotasse os novos hábitos, ele sem dúvida se arrependeria.

Os Jibaros do Equador fumam tabaco por prazer, mas eles aprenderam isso com os brancos.

Que seja assim pode-se concluir do fato de que eles usam para fumar somente o tabaco que recebem dos brancos e nunca o seu próprio. O tabaco cultivado pelos próprios Jibaros serve exclusivamente para suas cerimônias. Pelo contrário, o tabaco dos brancos jamais é usado nas cerimônias dos Jibaros. Eles parecem não ter muita confiança nele para isso.[777]

§4. Como ela se adapta aos novos processos ou instrumentos, quando ela os adota.

Índice

Com o contato prolongado com os brancos, as ideias e os sentimentos dos nativos com relação aos brancos e o que eles

trazem, não tardam por se modificar. A mudança acontece de diversas maneiras, variando se os brancos são mais ou menos numerosos, se ocupam o país ou se limitam a visitá-los, se recrutam ou não nativos para o trabalho, se procedem com mais ou menos brutalidade etc. Muito frequentemente a sociedade nativa não consegue sobreviver a essa crise; as doenças e a desmoralização trazidas pelos brancos fazem com que ela desapareça em pouco tempo. Quando uma adaptação acontece, observa-se que ela começa lentamente, para acelerar em seguida. No que se pode chamar de um primeiro período, não são os nativos que se adaptam à maneira de viver europeia, mas é mais à sua própria cultura que eles adaptam o que absorvem dos brancos. Diz Eylmann:

> *É surpreendente ver como os nativos foram tão pouco influenciados pelas relações com os brancos, no que diz respeito às suas armas. Pelo que eu pude avaliar, eles conservaram em toda parte as formas tradicionais dessas armas e, até mesmo no que diz respeito ao material com que elas são feitas, reina um conservadorismo muito forte. As tribos situadas entre o lago Eyre e Tennant's Creek fabricam ainda hoje todas as suas armas com madeira e pedras, como no tempo em que eles eram os senhores incontestes de sua região. Os nativos mais ao norte de Tennant's Creek empregam, no entanto, o ferro e o vidro para as pontas de suas grandes lanças.*[778]

O Sr. Steensby, durante uma estadia entre os Esquimós "polares", prestou uma atenção particular à questão de saber como o grupo social, que mal começava a estabelecer relações continuadas com os brancos, recebia o "progresso" que eles lhes traziam, sob o ponto de vista técnico. As conclusões a que ele chegou são

interessantes. Diz ele:

> *Não se pode acreditar que todas as ferramentas dos europeus, sem exceção, foram bem-vindas aos olhos dos Esquimós polares. Eles deram provas de um discernimento memorável para escolher os tipos e as formas que melhor convinham às suas necessidades. O instrumento europeu mais útil que um Esquimó polar possa conseguir é ainda ... uma lima.*
>
> *Vemos muito claramente que os Esquimós polares escolheram ferramentas que para eles significam uma diminuição do esforço em seus antigos métodos de trabalho, de tal sorte que eles não sejam obrigados a modificá-los ao empregar as novas ferramentas. Desta forma, os Esquimós polares são sempre, numa certa medida, uma população da idade da pedra, que utiliza a ajuda fornecida pelos métodos mecânicos modernos sem adotar a mentalidade que os acompanha. Para eles, o ferro é um material da mesma natureza que o osso e eles trabalham o ferro exatamente da mesma maneira que o osso, com uma lima. Eu encontrei um exemplo disso em uma ponta de arpão fabricada pelo esquimó polar Manigssok: ela tinha sido feita com uma lima, com uma habilidade surpreendente, partindo de um pedaço maciço de ferro.*[779]

Enquanto as instituições essenciais do grupo sobrevivem, a mentalidade permanece também a mesma, por maiores que sejam as mudanças exteriores na maneira de viver. Os missionários mais perspicazes frequentemente observaram isso. Convertidos, os nativos não são mais capazes de compreender nitidamente a ideia de salvação individual. Seu sentimento de solidariedade orgânica para

com seu grupo e seu chefe não dá lugar a uma consciência mais nítida de sua personalidade; o missionário simplesmente se tornou para ele o que antes era o chefe.

> *Quando, após ter falado do dilúvio de fogo previsto por São Pedro, eu apelei ao meu auditório e gritei: "Para onde fugireis então da cólera de Deus?" "Para você,* ***moruti*** *(missionário), nosso pai!" Responderam várias vozes ao mesmo tempo.*[780]

Assegurar ao grupo as boas graças de Deus e propiciar os benefícios, por consequência, a cada um dos membros, é assunto do missionário, como antes da conversão pertencia ao chefe da tribo lhe garantir o apoio dos ancestrais e dos espíritos, através das cerimônias e dos sacrifícios tradicionais. O nativo encontra um jeito de manter seu respeito inviolável pelo costume no próprio momento em que ele venha a mudar. Ele se comporta com relação ao novo da mesma maneira como fazia com o antigo.

> *Nossos cristãos nativos são muito conservadores. O costume que, no domínio civil, é uma lei aceita por todos, torna-se, na Igreja, a lei de Deus. Mudar qualquer coisa é ir contra a vontade de Deus.*[781]

A diferença entre a mentalidade primitiva __ mística e pré-lógica __ e a maneira de pensar dos brancos é tão profunda que a passagem brusca de uma para a outra é inconcebível. A transição lenta, que transformaria progressivamente a primeira na segunda, seria de um interesse incomparável para a ciência do ser humano, se ela pudesse ser observada. Infelizmente, as circunstâncias ainda não permitiram isso e é de se temer que também não o sejam no futuro. As raras sociedades primitivas que ainda sobrevivem terão, sem

dúvida, a sorte daquelas que já se extinguiram. É necessário recolher, com o máximo de cuidado possível, tudo o que pudermos ainda aprender sobre a maneira como essa mentalidade reage no momento em que seu ritmo tradicional é bruscamente perturbado pela introdução de elementos novos.

***

Capítulo XIII

Os primitivos e os médicos europeus.

§1. Ingratidão aparente dos primitivos pelos cuidados dos médicos brancos. Eles querem ser pagos por tê-los aceitado.

Índice

Em quase todo lugar, uma das primeiras relações que se estabelecem entre os nativos e o europeu é aquela dos doentes com um médico. É raro que o explorador, o naturalista, o missionário, até mesmo o administrador não tenha que desempenhar as funções de médico. Como seus cuidados são aceitos e entendidos? Sobre este ponto temos testemunhos muito numerosos e concordantes. Talvez, ao examiná-los de perto, encontremos uma confirmação da análise da mentalidade primitiva que foi tentada acima.

Diz Bentley:

> *Passamos, todas as manhãs, três horas a tratar de úlceras volumosas e infectadas que, sob a influência estimulante e feliz de nossas loções, retomam rapidamente um aspecto satisfatório. Pensar-se-ia que a cura dessas úlceras*

__ que datam de cinco anos ou mais __ em poucas semanas, arrancaria das testemunhas algum sinal de surpresa ou de admiração. Pensar-se-ia também que esses cuidados médicos, dispensados com tanta bondade e perseverança e aos quais se acrescentam, geralmente, alojamento e comida, que esses esforços constantes para ganhar a confiança e a fidelidade, que tudo isso, enfim, inspiraria um pouco de reconhecimento. Mas nenhum sinal de surpresa nem de gratidão se manifesta, mesmo que o caráter das pessoas esteja longe de ser frio. Começa-se a se perguntar muito seriamente se o reconhecimento é um instinto natural nesse povo; exceto em muito raras ocasiões.[782]

No caso seguinte, o desapontamento do missionário é ainda mais vivo.

Um dia ou dois após nossa chegada a Vana, encontramos um dos nativos muito doente, com uma pneumonia. Comber cuidou dele e o manteve vivo com caldo de galinha; gastou muito tempo e esforço para cuidar dele, pois sua casa era próxima de nosso acampamento. Quando estávamos próximos de partir, ele estava restabelecido. Para nossa grande surpresa, ele veio nos pedir um presente e, quando nos recusamos a dar, ele ficou tão espantado e chocado, quanto nós estávamos com seu pedido. Nós o fizemos entender que era ele que devia nos trazer um presente e nos demonstrar algum reconhecimento. "Como! Como!" Respondeu ele. "Vocês, brancos, não têm vergonha? Eu tomei seus remédios, comi sua sopa, fiz tudo o que vocês me pediram e agora me recusam um belo tecido para eu me vestir? Vocês não têm vergonha!" Apesar de seus protestos, ele não obteve

mais nada de nós.[783]

Poder-se-ia pensar que os missionários lidaram aqui com um mal agradecido; mas outros fatos muito semelhantes não são raros.

> *Nlemwo (um nativo que acompanhava Bentley) nos conta que um dia eles chegaram a uma aldeia onde havia uma pessoa muito doente. O doutor deu um remédio a esse homem. Na volta, passando por esse lugar, ele perguntou a esse doente se ele estava melhor. O homem respondeu que ele estava totalmente bem e pediu ao doutor para ser pago, por ter bebido seu remédio.*[784]

Diz ainda Bentley:

> *Toda a região ficou admirada com a rápida cura do chefe e não se fala de outra coisa. Eu fiquei mais conhecido como o branco que curou Don Daniel do que sob meu nome de "Bentele". Eu fui vê-lo e ele não estava com uma disposição muito reconhecida, diante do fato de que eu o havia curado. "Você conta histórias! Foi preciso que eu comesse galinha, que eu sou bem alimentado! Que gente esquisita vocês são, vocês brancos! E porque não me deram um presente quando foram embora? Que gente avarenta vocês são!"*[785]

Seria esta uma singularidade característica dos nativos da região do Congo? Longe disso; nós vamos encontrá-la em outras regiões da África e até mesmo em outras partes do mundo. Por exemplo, Mackenzie havia cuidado e curado um nativo, cujo rosto, lacerado por um tigre, tinha uma ferida horrorosa. O nativo lhe fez uma visita. Ele veio, pensou Mackenzie, para mostrar que sua ferida estava fechada e para expressar, pelo menos, a obrigação que ele

tinha com relação a mim. O visitante se sentou e contou toda a história de seu ferimento, desde o começo, sem omitir um só dos diversos medicamentos que lhe foram dados etc. Ele terminou dizendo:

> *Minha boca não está exatamente no lugar onde ela estava antes... mas a ferida está inteiramente curada... Todo mundo disse que eu não voltaria; suas ervas me salvaram. Você é agora meu branco. Por favor, dê-me uma faca". Eu não acreditei no que ouvi. "O que você disse?" "Eu não tenho faca. Dê-me uma, por favor. Veja você! Agora você é meu branco e é a você que eu virei sempre pedir!" Acrescentou ele, enquanto eu procurava encontrar o que lhe responder. Isso me pareceu uma inversão de papéis extraordinária e comecei a pensar que a boca não era a única coisa atravessada nesse homem. Eu insinuei suavemente que ele poderia pelo menos me reembolsar pelos meus remédios.*
>
> *Ele me interrompeu. "Ei! Não é isso o que eu estou fazendo? Eu não disse que você agora é meu branco? Eu não estou lhe pedindo justamente uma faca? Eu desisti, considerando esse homem como um caso muito estranho de confusão nas ideias.*[786]

Acontece de o europeu constatar alguns sinais de reconhecimento, mas ele sempre observa que é uma exceção. "No dia 30, eu recebi um presente. Foi a primeira demonstração de gratidão que me foi oferecida pelos meus cuidados médicos (após anos de prática). O reconhecimento é uma flor rara"[787].

> *Na maioria das vezes, após terem recebido cuidados, eles se vão sem nem mesmo dizer obrigado, se eu não o exigir.*

Uma única vez eu recebi um prato de comida, em sinal de reconhecimento e isso de uma mulher, bem entendido. Em troca, não é raro que um paciente reclame um presente; sintoma curioso de uma amizade nascente.[788]

Diz outro missionário da mesma região:

Um pouco mais e eu estaria tão acostumado com a mendicância que reina aqui, que eu acharia normal, não apenas que não me agradeçam, mas que também peçam um pedaço de tecido ou outro presente, após terem recebido meus cuidados. Eu consigo __ mas não sem esforço __ que os pacientes pelo menos me saúdem ao chegar e ao partir. Muitos parecem exigir um remédio como uma dívida. Há exceções, felizmente e, aqui e ali, uma demonstração de reconhecimento me conforta. Ainda ontem, uma mocinha curada trouxe... ao nosso bebê, uma soberba espiga de milho, após ter me agradecido muito.[789]

Na Nova Guiné, as coisas se passam precisamente da mesma forma. Diz M. Newton:

No início, um homem que tivesse úlceras pavorosas na perna lhe pediria um pagamento para que você pudesse tratá-la. Pode parecer bizarro que seja o paciente que reclame honorários ao médico...[790]

Cada uma de nossas missões poderia contar histórias de doentes que foram tratados, devolvidos curados e que então perguntaram o que os missionários lhes dariam (em forma de um presente de tabaco) por terem tomado todos os remédios dos brancos e por terem vindo de tão longe, numa viagem de muitos dias, até à missão.[791]

Em Sumatra, os missionários alemães tiveram experiências muito parecidas.

> *Os Battaks recebem os cuidados médicos... sem deixar transparecer o mínimo sinal de reconhecimento ou de agradecimento. O missionário Max Bruch relata um exemplo realmente clássico. Sua mulher havia socorrido uma mulher Battak em grande perigo e havia lhe salvado a vida. As pessoas se recusaram a levar a mulher do missionário até sua casa e, quando por fim concordaram, pediram tabaco ao Sr. Bruch, porque eles estavam muito cansados.*[792]

Dizem os mesmos missionários:

> *Muitos são reconhecidos pelos cuidados médicos. Mas outros são tão ingênuos a ponto de pensar que devem receber algum presente, porque fizeram ao missionário o favor de se deixarem tratar por ele.*[793]

> *Eu tive em tratamento um jovem que ficou gravemente ferido ao abater uma árvore... Quando ele ficou em condições de montar a cavalo, eu o fiz voltar à missão para trocar os curativos. "Você retornará depois de amanhã", eu lhe disse. Mas ele respondeu que preferia que eu fosse até a casa dele. "Você tem mais tempo do que eu." Ele replicou, ingenuamente: "Mas, pense* ***tuan*** *(senhor), que eu não tenho cavalo para nada!" A corrida havia lhe custado* ***quinhentos*** *(alguns centavos). "E para que você, que não é pobre, economize* ***quinhentos****, é preciso que eu continue a volta à sua casa...!" Eu fiquei mortificado ao ver que meus serviços tinham um preço tão baixo e que esse jovem não tinha por ele nenhuma consideração.*[794]

Em Bornéu,

passando por essa aldeia (no rio Limgang), eu havia dado um pouco de sulfato de zinco a um homem que estava mal dos olhos. O remédio agiu, sem dúvida e, em sinal de reconhecimento, o homem me trouxe um pote de áraque e insistiu que eu bebesse... Eu cito este fato, uma vez que, qualquer que seja a gratidão de seu coração por um favor recebido, os nativos pouco o demonstram. Eu não vi seis exemplos disso em toda minha temporada no Oriente.[795]

O Sr. Williams escreve, por seu lado:

Uma experiência de quatro anos entre os nativos de Somosomo (Ilhas Fiji) me ensinou que se um deles, doente, recebe de mim um medicamento, ele me considera como obrigado a lhe dar alimento. O fato de receber esse alimento constitui para ele o direito de me exigir roupas. Obtidas estas, ele se acredita desde então autorizado a me pedir tudo o que ele quiser e me injuriar se eu não concordar com suas exigências descabidas. Eu tratei o velho rei de Somosomo, Tuitkatau II, de um perigoso caso de doença que os doutores nativos não conseguiam aliviar. Durante os dois ou três dias que ele recebeu meus cuidados, ele recebeu de mim chá e araruta e, quando ele se restabeleceu, sua filha veio até mim para me dizer que ele não conseguia comer bem e que a tinha enviado para me pedir uma panela de ferro para fazer sua comida!

Mais um exemplo. O capitão de um barco de pesca resolveu cuidar de um nativo cuja mão tinha sido dilacerada por um mosquete que tinha explodido. O armeiro de bordo fez

a amputação e o homem foi mantido no barco durante quase dois meses. Quando ele ficou curado, ele disse ao capitão que retornaria à terra, mas que ele precisava lhe dar um fuzil, para pagá-lo por ter ficado à bordo por tanto tempo. Naturalmente, seu pedido foi rejeitado. Após ter sido lembrado da bondade que ele havia recebido e a qual ele devia provavelmente a vida, enviaram à terra esse indivíduo pouco razoável. Ele demonstrou seu sentimento botando fogo nas secadoras do capitão, que perdeu, por causa disso, peixes no valor de trezentos dólares.

§2. A ação dos remédios deve ser imediata e a cura instantânea, ou pelo menos rápida. Aversão pela estadia nos hospital ou entre os brancos.

Índice

Nos casos que acabamos de citar e cuja lista poderia ser alongada indefinidamente, a conduta dos nativos que receberam os cuidados dos europeus parece absurda e mesmo inexplicável. Estes, de acordo com seu temperamento, sentem, mais ou menos, surpresa, cólera, desencorajamento ou indignação divertida. Uns não levam a mal, outros levantam os ombros. Nenhum, ao que parece, se pergunta se há aí um problema psicológico a resolver e se o mal-entendido entre o doutor branco e seu cliente não provirá de uma incompreensão mútua. O doutor tem uma certa ideia da doença e da terapêutica. Esta ideia lhe parece tão natural que ele a supõe também presente no nativo. De fato, este tem uma ideia bem diferente. Se o médico branco tivesse o cuidado de examinar de perto de qual maneira o nativo interpreta os cuidados que ele recebe, ele se espantaria menos de vê-los tão mal compreendidos, tão pouco

apreciados e até mesmo de ouvir o pedido de uma indenização.

Em primeiro lugar, aos olhos da mentalidade primitiva, curar uma doença, como se sabe, é vencer o encanto que a causou através de um encanto mais forte.

> *Mesmo nos casos mais simples, os* ***lingaka*** *(doutores nativos) imprimem nas mentes a crença de que, mesmo administrando medicamentos, são eles e não os medicamentos que são a causa da cura. Eles agem magicamente sobre a doença através do poder que eles possuem e não a curam pelo simples efeito das drogas.*[796]

É essencialmente __ segundo a expressão da senhorita Kingsley __a ação de um espírito sobre um espírito. Se os nativos atribuem alguma virtude mágica aos remédios em si, ela se deve unicamente ao fato de que são os veículos do poder mágico.

Como então eles teriam uma ideia diferente dos remédios que os europeus lhes prescrevem? A doença é proveniente da presença de uma potência nociva no corpo e a cura acontece quando o "doutor" conseguiu expulsá-la dele. Quando o médico branco cuida de uma úlcera, por exemplo, está claro, aos seus olhos, que seu doente percebe a relação, mais do que evidente, que existe entre o tratamento, os remédios etc. de um lado e, do outro, a ferida a ser limpa, contida e cicatrizada. Porém, de fato, esta relação escapa à mentalidade primitiva, pelo menos antes que ela tenha sido modificada através do contado prolongado com os brancos.

Indiferente à ligação das causas segundas e de seus efeitos __ mesmo quando bastaria um mínimo esforço para descobri-la __ ela não a vê, ou pelo menos não se atenta a isso. Sua atenção está totalmente voltada para outra coisa. Para ela, as causas segundas não são realmente causas. No máximo, são instrumentos, que poderiam

ser outros.

Por consequência, os nativos consentirão em se submeter a um tratamento longo e prolongado, mas eles não se perguntarão por que se exige que eles o sigam. Eles não compreenderão nada dele e, frequentemente, por causa de sua negligência em se conformar com as prescrições mais indispensáveis, eles deixarão seus médicos desesperados. Aos seus olhos, elas são sem importância e a cura aconteceria, mesmo sem elas, instantaneamente. Em geral, eles tomam de boa vontade os medicamentos europeus, quando eles confiam naquele que lhes oferece, porque isso os diverte e porque eles os supõem carregados de propriedades místicas benéficas. Mas isso não quer dizer que eles compreendem sua necessidade e nem mesmo sua utilidade. Escreve um missionário:

> *O que é um pouco desencorajador é a impossibilidade de obter dos doentes a obediência a um tratamento regular e de longa duração, seja médico, seja cirúrgico. Vários operados desapareceram, assim, no dia seguinte mesmo da operação, para só retornarem quatro ou seis dias mais tarde, sem o curativo e com a ferida descoberta. Felizmente, sua constituição robusta permite curas que não se obteria jamais na Europa.*[797]

> *Eu estanquei a hemorragia (lesão da carótida) e insisti para que se levasse o paciente à missão, mas seus parentes não consentiram. Eu cuidei dele nos dias seguintes. A inflamação e o inchaço diminuíram a ponto de permitir que ele conversasse e comesse, sem muito esforço. Mas, um dia não resolveram retirar o curativo? (Os zambezianos acreditam que nossos remédios devem agir como encantamentos, instantaneamente). Quando eu cheguei, o*

homem exangue estava prestes a expirar.[798]

Diz o Sr. Germond: "Os nativos engolirão tudo o que se quiser, mas o efeito de um remédio deve ser imediato. Fale com eles de regime, tratamento, medidas higiênicas; eles não o escutarão"[799].

Escreveu Moffat:

> *Os Béchuanas amam apaixonadamente os medicamentos... Pouco lhes importa se uma poção seja nauseabunda ao extremo. Mesmo após terem tomado aça fétida eles lamberão os lábios. Um dia, eu mandei dizer a um doente, que estava a alguma distância, que viesse buscar seu medicamento. Sua mulher veio. Após ter preparado uma poção amarga, eu entreguei a ela, recomendando a ela que mandasse seu marido tomá-la em duas vezes: ao pôr-do-sol e à meia-noite. Ela se esticou e me perguntou imediatamente se ele podia tomá-la toda de uma vez, porque ela temia que à meia-noite os dois estivessem dormindo. Eu consenti... e ela engoliu toda a poção! "Mas ela não é para você!", eu gritei. Ela lambeu os lábios com toda calma e me perguntou se, porque ela a havia bebido, o seu marido não se curaria.*[800]

As histórias deste tipo, por mais incrível que pareçam, estão longe de serem raras.

> *O doutor... teve muita dificuldade para mantê-los tranquilos até que as úlceras ficassem curadas. Um médico que ama sua profissão não é facilmente encorajado por sua clientela negra. Eles engolirão tudo o que se quiser das "balinhas" (que é o nome que dão às pílulas); mas eles não darão nenhuma atenção ao resto que lhes for prescrito. Uma jovem nativa deixou cair no chão um revólver. O tiro partiu, a*

bala lhe atravessou a perna e foi se alojar na coxa, no lado oposto. Por felicidade, o Dr. Laws, de Livingstonia, estava por ali. Ele tratou do ferimento e disse à ferida que ela não podia se mover. Nós todos acreditávamos que ela estaria morta com o tiro. Avalie a surpresa do doutor quando, ao retornar à noite, ele a encontrou na porta![801]

Em Ovamboland,

frequentemente chegam pessoas de longe para procurar remédios na casa do missionário. Ele lhes pergunta: "Do que se queixa o doente?" Regularmente eles respondem: "Eu não sei de nada. Só me mandaram buscar um remédio". Os nativos parecem pensar que os missionários possuem um tipo de panaceia, que serve em todos os casos.[802]

Entre os Fâns,

um dos grandes motivos de espanto dos doentes é verem que o médico branco simplesmente administra o remédio, sem empregar nem cantos, nem exorcismos, nem conjurações de nenhum tipo. "Não é de espantar que este remédio não funcione. O médico não diz nada, nem antes, nem depois", disse-me um dia um bravo homem negro, que compreendia um pouco de francês. "Ou então, se ele só diz uma coisa: 'Engula, negro sujo!' Então, você compreende, isso não produz efeito.", acrescentou ele.

Nós conhecíamos e tínhamos como amigo um bravo médico que sempre dava suas consultas e operava seus doentes cantando algum refrão alegre. "Isso os diverte", ele dizia. Os negros tinham uma grande confiança nele. "Este, pelo menos, não é como os outros! Ele canta como nossos

feiticeiros!", me disse um dia um deles. Se o médico soubesse a causa de sua popularidade, de que ele tanto se orgulhava e atribuía à sua ciência![803]

Em outras sociedades inferiores, bem longe das precedentes, compreende-se melhor no que consiste o tratamento médico ou cirúrgico dos europeus. Se se submetem a ele, é por diversas razões que os médicos não suspeitam. Para que serve realmente os remédios empregados, o nativo não faz a menor ideia e nem se preocupa com isso. Nas ilhas dos Amigos,

um homem veio ver o Sr. Thomas e pedir para consertar um par de óculos, que lhe tinha sido fornecido algum tempo antes pela loja da missão. Ele não funcionava, ele disse, mas, no entanto, ele tinha o maior cuidado com ele. Ele o tinha coberto inteiramente com óleo de coco.[804]

Sem dúvida, isso era um sinal de respeito e de homenagem.

No rio Mimika (Nova Guiné holandesa), os nativos... frequentemente se cortavam muito profundamente com nossos machados e facas, antes de terem aprendido a usá-los, ao cortar e suas feridas se curavam com uma rapidez impressionante... O único inconveniente vinha do fato de que eles teimavam em retirar os curativos para fazer ornamentos pessoais com eles.[805]

O Sr. Chignell diz a mesma coisa, com relação aos Papuas:

É difícil e, às vezes, totalmente impossível, se fazer compreender por essa gente. Um homem veio nos ver, com uma úlcera grave. Você o trata, coloca nele uma bandagem e lhe diz para retornar no dia seguinte sem falta. Ele esquece

*completamente ou então reaparece depois de uma semana e dirá a você que acha que o **fio** não fez muito bem... Talvez os papuas pensem que o remédio seja um tipo de encantamento e que deveria agir instantaneamente.*[806]

Esta é, certamente, sua ideia e outros observadores afirmam isto sem hesitar. “Os pobres pacientes ficavam muito espantados e decepcionados, porque o Sr. Patteson não os curava milagrosamente”[807]. Em Bornéu (Kwala Kapuas) “é preciso que os remédios aliviem imediatamente os doentes. Se isso acontecer, tudo vai bem e se agradece ao Senhor. Se o sucesso não é imediato, começa-se a duvidar da bondade de Deus”[808].

Em Sumatra, entre os Battaks,

mal o missionário Scherey tinha aberto sua caixinha e todo mundo se dizia doente e queria seu remédio. Um tossia, outro tinha febre, um terceiro se queixava de dores nos membros etc. Cada um recebia seu medicamento e saía satisfeito. Mas eles ficavam muito surpresos se a doença não desaparecesse no local.[809]

Por fim, para não prolongar esta enumeração de fatos, o Sr. Norenskiöld fez uma observação muito semelhante no Grande Chaco, na América do Sul.

Eu mesmo tive algumas oportunidades, durante minha estadia entre os nativos, de exercer a profissão de médico. É impossível obrigar um nativo a se cuidar durante muito tempo. Eles devem ser curados imediatamente, sem que eles tenham que usar remédios. A morfina, a cocaína e o ópio são os únicos remédios que eles apreciam.[810]

Quando Bentley esperava ver seus congoleses se maravilharem

porque ele havia curado, em cinco semanas, úlceras inveteradas, ele se enganou totalmente. Se ele os tivesse curado em cinco minutos, os nativos também não teriam se surpreendido. O desaparecimento da úlcera é por causa da ação de um encanto; porque ele não acontece num piscar de olhos, se o encanto é tão poderoso? O branco é um grande mágico. Se ele quisesse, o nativo estaria livre do mal em um instante. Para que esses medicamentos tão numerosos, essas prescrições, essas precauções, o regime e o resto?

Assim se explica, em grande parte, a repugnância dos nativos em se deixar transportar para a casa dos brancos para serem tratados e a dificuldade de retê-los em um hospital, quando se conseguiu convencê-los a entrar em um. Eles não compreendem que para tratá-los é preciso tempo. Eles não se dão conta, de maneira alguma, da utilidade do que lhes é prescrito, por outro lado, eles têm medo e desconfiança. O Dr. Bellamy descreveu bem, com relação a isto, os sentimentos dos Papuas da Nova Guiné inglesa. “Eles não se prontificam voluntariamente para serem tratados e, até o presente, eles não conseguiram entender que o hospital é feito para o seu bem...[811]”

Nas Ilhas Trobriand,

> *diante da perspectiva de um tratamento sistemático, que afaste um homem ou uma mulher de sua aldeia, de suas hortas, de todos os seus, isto está muito distante de ser agradável para ele. Por outro lado, os doutores nativos das Trobriands, os* ***tomegani****, trataram casos semelhantes e as pessoas continuaram a morrer. Como lhes parecem os remédios dos brancos que curam uma doença dos Papuas? Eis como eles raciocinam. A história dos seis primeiros meses do hospital é a história de uma luta desigual contra o*

preconceito nativo, a superstição nativa, a estupidez nativa... Sua falta de fé nos remédios ***guhanuma*** *(europeu) era mesmo uma circunstância desfavorável. Muitos dos primeiros casos tratados eram os piores que se pudesse encontrar (doenças venéreas inveteradas). Os doentes estavam dispostos a permitir uma tentativa de três dias, não mais. Se eles não melhorassem ao final deste tempo, porque continuar? Suas hortas, sua pesca, suas embarcações os chamavam. E assim, durante a noite, eles escapavam do hospital; isoladamente ou dois a dois.*[812]

Com o tempo, a situação melhorou e os nativos conseguiram apreciar os serviços que o hospital lhes prestava.

Na África austral, foi preciso vencer os mesmos desafios.

Um velho, chefe de várias aldeias, com cegueira, ouviu falar de mim e acreditou, de acordo com o que lhe haviam contado, que eu poderia lhe restabelecer a vista... Ele consentiu em ser operado... Mas, como eu coloquei como condição para a realização de seu desejo, que ele passasse alguns dias em Thabu Bossiou, numa casa cristã qualquer, tudo mudou de aspecto. Ele tentou me explicar... "Eu tenho medo de ficar com os brancos. Eu tenho medo de que eles joguem algum feitiço em mim". Ele desistiu de ser operado.[813]

Eles têm os médicos deles, os *ngaké*... que acham que as drogas devem curar os negros, como nossos remédios são bons para os brancos. Isso não é característico de Zambèze, mas talvez os zambezianos sejam ainda mais rebeldes do que outras tribos a uma medicação científica.

O Dr. Prosch escreveu também:

Eles têm, em todo caso, um medo instintivo das amputações... A hospitalização é muito desgostosa para nossos negros. Uma alimentação abundante assegurada, uma habitação própria, os cuidados mais completos não são vantagens suficientes para contrabalançar a desconfiança com que ainda somos objetos pela maior parte de todos aqueles que não nos conhecem de perto... Pois eles não conseguem se afastar do conforto pagão, se eu posso chamar assim a sujeira habitual que é o ambiente de nossa pobre gente. Não fazíamos ideia do quanto nossas maneiras incomodam nossos nativos. Eu poderia citar casos em que doentes gravemente atingidos, aos quais eu tinha concedido todo tipo de conforto, que eu havia recebido os parentes com pratos de coalhada, escaparam clandestinamente para se esconder e fugir da caridade cristã.[814]

Assim, mesmo uma longa familiaridade com os europeus dificilmente reconcilia nativos já avançados, como os Bassutos, com a medicina e os hospitais dos brancos.

O governo do Lessoto colocou médicos nas aldeias administrativas, estabelecendo a regra de que toda consulta ou qualquer remédio seria pago por cinquenta centavos. Isso, para permitir que mesmo os mais pobres negros pudessem se beneficiar dos bons ofícios desses doutores. E ele construiu dois hospitais... Eis como os Bassutos reagiram: "Os remédios dos médicos do governo não valem nada; são só água. Pois, por cinquenta centavos, o que eles poderiam dar, senão água? Podemos ir a um médico branco uma ou duas vezes, mas não três, pois na terceira ele dirá que está desperdiçando seus remédios e ele vai te preparar uma

garrafa com veneno dentro, para se livrar de você. No hospital, vão pegar suas roupas e você não as verá mais. Vão te deixar sem comida e quando alguém morre, eles levam o cadáver para uma casa especial, para cortá-lo em pedaços. E vai por aí".[815]

Segundo o Sr. Diéterlen, essa má vontade provinha do fato de que

> *os negros pensam que os brancos lhes querem mal, ou não lhes querem bem. Eles não acreditam no seu desinteresse. Eles são desconfiados, têm medo de serem enganados, espoliados, lesados, levados a infortúnios. Esses sentimentos lhes são naturais, inatos. Eles são irresistíveis, impossíveis de ser erradicados...*[816]

Pode ser e é uma experiência amarga expressa pela boca do missionário entristecido, mas não desencorajado. No entanto, como se viu acima, a repugnância dos nativos em entrar e permanecer no hospital não se deve somente a uma desconfiança geral e incurável, mas também ao fato de que eles não compreendem nada dos cuidados que recebem, sobretudo quando são necessários dias, semanas, às vezes mesmo, meses, para obter um resultado, que, segundo eles, deveria ser imediato. É precisamente essa longa permanência que desperta suas maiores suspeitas. Quais podem ser as intenções do médico branco, grande mágico, para retê-los assim? O que vai fazer com eles?

Os termos do mal-entendido que assinalamos entre o doente nativo e seu doutor europeu são, portanto, muito precisos. Quanto mais o médico erra com seu cliente, quanto mais o tratamento é difícil e complicado, sobretudo se ele precisa hospitalar o doente,

alimentá-lo, cuidar dele, fazer com que ele siga um regime, mais ele acredita ter adquirido direitos ao seu reconhecimento e mais ele espera pelo menos agradecimentos. No entanto, o nativo o agradeceria, sem dúvida, se tivesse sido curado em um instante, se, como ele esperava, os medicamentos tivessem produzido efeito como o sacudir de uma varinha mágica. Mas, todas as vezes em que o médico se vangloria, ele, pelo contrário, indispõe e inquieta seu doente. Quanto mais os dias passam, as drogas seguem as drogas, os curativos seguem os curativos e o paciente segue, mais ou menos em boas graças tudo isso, mais ele julga que é o branco é que deve ficar agradecido e que é ele, paciente, que tem direito a agradecimentos. Na medida em que o tratamento se prolonga, o médico fica cada vez mais obrigado ao paciente que se presta a isso. Foi o que bem viu o Reverendo Padre Trilles, na passagem que vamos citar, quando escreveu:

> *Muitas vezes os europeus ficam espantados e indignados ao verem os nativos que foram muito bem cuidados por eles, longe de serem reconhecidos, lhes pedirem, pelo contrário, um pagamento. Doente e médico têm razão, cada um à sua maneira. O médico, com nossas ideias europeias e cristãs, se indigna com razão ao ver sua devoção, quase sempre desinteressada, assim ignorada. O doente igualmente tem razão, já que acredita ter sido, na circunstância, um simples objeto de experiência.*[817]

§3. Ingratidão semelhante por outros favores prestados pelos brancos. Pedidos de indenização aparentemente inexplicáveis. Porque os primitivos se acreditam no direito de exigi-las.

Índice

Resta, parece, a explicar, a obstinação com a qual o nativo, por ter sido tratado pelo médico europeu, lhe pede um presente, anunciando mesmo sua intenção de vir pedir outros, indefinidamente. Se ele recebe uma recusa, ele se torna grosseiro, injuria e, quando é ousado, se vinga. Ele tem a atitude e expressa a surpresa e a indignação de um homem que se frustra com o que lhe é devido. A sinceridade e a violência desses sentimentos não são para se colocar em dúvida.

Para se compreender a origem disso, é preciso observar que isso não acontece somente quando um nativo recebeu, por mais ou menos tempo, os cuidados médicos de um europeu. Nós os vemos acontecer por ocasião de outros favores prestados; em particular, quando um branco salvou a vida de um nativo que ia ser vítima de um acidente. Eis aqui alguns exemplos:

> *Uma canoa emborca (no Congo) no turbilhão, ao largo de Underhill Point. Dois homens afogaram, mas a canoa que Crudgington logo enviou em socorro dos náufragos consegue salvar um terceiro e o conduz vivo até à praia. No dia seguinte, antes de partir, este homem pediu a Crudgington "uma roupa". Diante da recusa do missionário, ele se pôs a expressar sua indignação contra a avareza do branco e se tornou muito insolente. Diante disso, Crudgington o trancou na loja e só consentiu em soltá-lo contra o pagamento de duas cabras: uma pelo homem que tinha tirado da água e outra pelo próprio Crudgington, porque tinha sido a sua canoa que tinha servido para o salvamento. As cabras foram pagas e ele esperou que a lição não tivesse sido inútil.*[818]

Nada é menos certo e nem Crudgington nem Bentley parece terem se dado conta do que se passou na mente do nativo. Eis um

outro fato bem semelhante, relatado também por Bentley:

> *O chefe supremo na localidade de Ndandanga, era um certo Tawanlongo. Um chefe secundário, chamado Matuza Mbongo, tinha crescido recentemente em influência. Sua mulher morreu no parto e correu o boato de que antes de morrer ela tinha visto Tawanlongo em sonho. Matuza viu nisto a oportunidade de fazer desaparecer o último obstáculo que o separava do posto supremo. Tawanlongo não era amado... Como gostariam de ver o velho chefe beber o veneno da prova (**nkasa**), cambalear, cair e ser jogado no fogo, era mesmo necessário apelar para um adivinho, pois a mulher não tinha visto o chefe em seu sonho? Que prova poderia ser mais clara do que isto? Tawanlongo era um feiticeiro.*
>
> *Os missionários interpelaram e conseguiram que o ordálio não acontecesse. No entanto, os nativos não obedeceram a palavra ao pé da letra e fizeram seu chefe beber o **nkasa**. Mas a infusão foi tão fraca que ele vomitou e assim sua inocência foi estabelecida. O chefe me enviou uma mensagem muito reconhecida, onde declarava que ele devia sua vida semente a mim... Muitos outros fizeram a mesma reflexão. No entanto, alguns dias depois, ele veio me ver com as mãos vazias e me disse que esperava que eu demonstrasse minha satisfação de vê-lo livre do perigo, "vestindo-o". Eu lhe dei dois metros de tecido, uma faca, um chapéu e ainda alguns objetos pequenos, embora eu não visse muito bem a necessidade de lhe dar o que quer que seja. Em vez de me agradecer por esta nova bondade, ele se pôs a me injuriar, porque eu não lhe dava um presente muito considerável. Ele me disse que eu era de uma avareza vergonhosa e partiu*

furioso comigo.[819]

A mesma coisa, no Gabão: "Você salvou a vida de um indivíduo; espere logo receber sua visita. Você ficou em obrigação com ele e só vai se livrar dele a força de presentes e agrados"[820].

Com relação a outros favores prestados a eles, os nativos manifestam exigências semelhantes, em particular pela educação e os cuidados prestados a seus filhos. "Nós educamos suas crianças, lhes damos comida, roupas, alojamento e todos os cuidados intelectuais e morais. Pois bem! Eles colocam na cabeça que devemos lhes oferecer um pagamento a cada criança e seus parentes"[821].

O Padre Bulléon diz, por seu lado:

> *As crianças estão completamente ao encargo da missão. Elas são alimentadas, vestidas, educadas e aprendem uma profissão sem nenhum custo. Feliz quando os parentes não vêm pedir presentes e te fazer pagar pela felicidade de sustentar seus filhos! E é de se destacar que só são recebidos filhos de homens livre e que a maior parte é mesmo de filhos de reis ou de chefes de aldeia.*[822]

Entre os Béchuanas,

> *os pais deixaram de encorajar as crianças a virem para a escola, preferindo, sem dúvida, enviá-los aos campos, limpar o trigo ou pastorear o rebanho. Quando lhes perguntamos por que deixaram de nos enviar as crianças, eles nos dizem que não os pagamos ou que os pagamos muito pouco.*[823]

Da mesma forma, no Taiti, "alguns dos alunos pareciam pensar que eles prestavam um favor aos missionários ao virem

aprender e que eles tinham direito de serem pagos por este motivo”[824].

Um último fato significativo. O capitão Lyon conta a história de uma velha esquimó que ele encontrou na estrada, abandonada, quase congelada, quase moribunda. Escreve ele:

> *Eu nunca me esquecerei do estado miserável e do aspecto sórdido dessa mulher. Eu não posso descrever a surpresa que experimentei quando, vendo as cobertas e as peles com as quais ia ser envolvida para ser levada a bordo de meu navio para ser cuidada, ela se voltou para mim e me perguntou se eu iria pagá-la pelo seu sofrimento!*[825]

Todos estes fatos implicam na mesma incompreensão mútua que assinalamos e analisamos acima. O branco acha irracional, extravagante, inexplicável, a exigência do nativo. Este reclama uma indenização que lhe seria devida por terem lhe salvado a vida, ou porque se sustentou seus filhos! Do seu lado, o nativo fica indignado pela pequenez, pela mesquinharia, pela avareza vergonhosa do branco, que é tão rico e que não se envergonha de frustrar a pobre gente que vem até ele! Talvez a causa do mal-entendido apareça aqui, se, também aqui, em vez de admitir sem exame que os nativos interpretam e sentem como os europeus o que se passou, faça-se um esforço para ver as coisas de seu ponto de vista e para compreender a sua maneira de julgar.

O missionário Crudgington salvou um negro congolês que ia se afogar. Ele espera agradecimentos e até mesmo receber manifestação de reconhecimento. Ele atribui ao nativo os sentimentos que ele experimentaria se estivesse em seu lugar e que lhe parecem simplesmente humanos. De fato, o negro, por seu lado, acredita firmemente que o Sr. Crudgington, ao salvá-lo, assumiu

uma obrigação para com ele. Nós não vemos, numa primeira visão, qual pode ser ela. Do ponto de vista da mentalidade branca, que é positiva, a questão é bem simples. O congolês deve sua vida ao Sr. Crudgington, que não lhe deve nada. Se há uma obrigação, esta é, portanto, por parte do congolês, se é que é necessário dizê-lo. O negro não nega o fato. Mas sua mente é orientada de tal maneira que os elementos místicos, aconteça o que acontecer, têm muito mais importância aos seus olhos do que a própria materialidade dos acontecimentos. Não existe acaso. O que chamamos acidente é uma revelação, uma manifestação das potências invisíveis. Como foi que a canoa ficou presa no turbilhão? Foi porque um feiticeiro os tinha "condenado", ele e seus dois companheiros? Ou foi a cólera de algum ancestral negligenciado? Ele será suspeito por ter sobrevivido sozinho, enquanto os dois outros se afogaram? Ele não será acusado de tê-los "entregado"? Isso parece inevitável. E como é que a canoa dos brancos estava pronta, no momento certo, para salvá-lo? Com que direito eles intervieram? Ao fazê-lo, eles assumiram uma responsabilidade, cujas consequências serão sentidas certamente, por parte das potências invisíveis e também de seu próprio grupo social. O mínimo que se espera é que eles o indenizem.

O capitão Lyon não acredita em seus ouvidos, quando a velha, morrendo de frio e de fome, que é recolhida em seu barco para ser tratada, lhe pergunta quanto ela receberá por isso! Do ponto de vista da mentalidade branca, essa mulher devia sua vida ao capitão, que não lhe devia nada; nenhuma discussão parece possível sobre este ponto. Mas, aos olhos dessa mulher, é um assunto muito grave, ser envolvida nas peles e nas cobertas desses estrangeiros, que não têm nada em comum com seu grupo social, se deixar transportar até seu navio, comer seus alimentos, tocar o que lhes pertence. O europeu só

vê o fato objetivo: ela será aquecida, reconfortada, alimentada, ela terá a vida salva. Ela, pelo contrário, se pergunta primeiro quais influências mágicas serão exercidas sobre ela por todos esses objetos desconhecidos. Quais consequências místicas não trará para ela sua estadia no navio, a quais perigos ela vai ser exposta? Eles são tão temíveis que ela não pode nem mesmo imaginá-los. Pelo menos, se ela se deixa conduzir, que ela seja indenizada por sua complacência!

Talvez a dificuldade não esteja ainda inteiramente resolvida. Resta ainda que, por um lado, quaisquer que sejam os perigos místicos da intervenção do branco, o nativo lhe deve, no entanto, a vida, que ele reconhece e que isso parece constituir uma obrigação. E, por outro lado, é preciso explicar a cólera, às vezes mesmo, a indignação e a fúria que manifestam os nativos conta quem salvou sua vida ou lhe prestou um favor muito grande, quando eles veem que não vão lhe dar tudo o que eles pedem nessa ocasião. O homem amputado que foi tratado durante dois meses a bordo de um navio que pesca pepinos do mar, exige um fuzil, não o obtém e se vinga botando fogo nas secadoras do capitão. O negro salvo por Crudgington, ao não receber o que pede, o injuria e acaba preso. Na maior parte dos casos deste gênero, os brancos destacam que não apenas o nativo não demonstra nenhum reconhecimento, mas que, quando não se concorda com seus pedidos "irracionais", se tornam insolentes e, às vezes, ameaçadores. A que pressão interior irresistível ele obedece, para enfrentar assim o europeu? Só compreenderemos isso, se descermos até às camadas mais profundas de suas representações coletivas e de seus sentimentos, sob o risco de alterá-los imediatamente ao descrevê-los em termos explícitos, enquanto que ele próprio os vivencia e os traduz em atos, sem jamais tê-los definido em seu pensamento, nem tê-los expressados em

conceitos.

A mentalidade primitiva, como se sabe, não representa a vida, nem a morte, nem a personalidade dos indivíduos, como nós o fazemos. Viver, para um dado indivíduo, é estar engajado atualmente numa rede complexa de participações místicas com os outros membros, vivos ou mortos, de seu grupo social, com os grupos animais e vegetais nascidos no mesmo solo, com a própria terra, com as potências ocultas protetoras desse conjunto e dos conjuntos mais particulares aos quais ele pertence mais especialmente. No momento em que ele vai morrer de fome, ou de frio, ou de doença, ou se afogar, pode ser que a intervenção do branco lhe salve a vida no sentido europeu e completamente objetivo da palavra e isso é tudo o que vemos. O que nos escapa é que, ao mesmo tempo, isso lhe compromete a vida, no sentido nativo e místico da palavra. Quem sabe se, com efeito, isso não irrita, primeiramente, as potências ocultas das quais provém o "acidente" e, principalmente, se isso não afasta dele estas potências, cuja proteção constante o garante contra os perigos que o ameaçam de todos os lados e contra a multidão indefinida de espíritos malfazejos! Os brancos são poderosos feiticeiros. Deles próprios e de tudo o que está ligado a eles emanam influências místicas de uma força irresistível. O nativo que as sofre, se encontra, por causa disso, separado das potências sem as quais ele não pode viver. É, portanto, de se temer que, dali em diante, as participações indispensáveis para ele estejam enfraquecidas e talvez rompidas.

Qual será então, a situação desse nativo, se, por um lado, por ter sofrido o tratamento médico dos brancos, por ter se hospedado na casa de um deles, ou num hospital, ou em um de seus navios, ou por ter sido "salvo" de um acidente por eles, ele perdeu o bem querer das

potências invisíveis sem as quais ele não é nada e se, por outro lado, o branco que é a causa desse afastamento se desinteressa dele? Ele está ameaçado de um isolamento insuportável e, para ele, pior do que a morte. É como se o branco, após tê-lo irremediavelmente comprometido, após ter posto em perigo o que se poderia chamar de seu status místico pessoal, o abandonasse. Ao se ocupar com ele, alojando-o, alimentando-o, hospedando-o, ou salvando-o, o branco assumiu um encargo. Ele assumiu uma responsabilidade, ele se comprometeu. Ele sabia, sem dúvida, o que fazia. "Você é, daqui para frente, meu branco", disse a Mackenzie o homem que ele tratou por causa de uma horrível ferida na face. "É a você que eu sempre virei pedir". Ou seja, "Você é, no futuro, meu socorro, meu apoio e eu tenho o direito de contar com você para compensar o que sua intervenção me custou frente às potências místicas com quem vive meu grupo social e com quem eu vivia antes". Como o Sr. Elsdon Best observou bem, o nativo, privado da atmosfera mística que lhe é indispensável, trata de encontrar o equivalente dela ao lado dos europeus[826]. É preciso então que estes, que intervieram por sua própria iniciativa, tão profundamente em sua vida, lhes deem tudo o que ele pede. É preciso também que, no futuro, sua generosidade seja inesgotável. Se ele se esquiva, se ele recusa, isso é mais do que avareza. É como se recusar a cumprir um compromisso sagrado, é uma traição, quase um assassinato. O nativo que se acreditar vítima disso irá, se tiver audácia para tal, aos piores extremos.

Sendo assim, o nativo, nessa circunstância, não se sente de maneira alguma, obrigado para com o branco. Ele sente, pelo contrário, um sentimento agudo da responsabilidade que este assumiu com relação a ele. Ele não é, portanto, nem "ingrato", nem "irracional", como parece ser, infalivelmente, aos olhos daquele que

cuidou dele ou o salvou e que tem consciência de ter lhe prestado um grande favor, geralmente com um inteiro desinteresse e por pura humanidade. Resta desejar que essa humanidade não se limite a tratar de suas úlceras e que ela se esforce para penetrar, por simpatia, até nos recantos obscuros dessas consciências que não sabem se expressar.

***

Capítulo XIV

Conclusão.

§1. A mentalidade primitiva é essencialmente mística. Dificuldade de compreendê-la e de expressá-la em nossas línguas conceituais.

Índice

Da precedente análise dos fatos e que poderia facilmente ser confirmada por muitas outras, ressalta, mais uma vez, que a mentalidade primitiva é essencialmente mística. Esta característica fundamental impregna toda sua maneira de pensar, de sentir e de agir. Daí nasce uma extrema dificuldade de compreendê-la e de segui-la em sua maneira de agir. A partir das impressões sensíveis, que são semelhantes para os primitivos e para nós, ela faz uma curva brusca e segue caminhos que nós não tomamos. Somos rapidamente desviados. Se procuramos adivinhar porque os primitivos fazem ou não fazem tal coisa, a que preocupações eles obedecem em um dado caso, as razões que os compelem a respeitar um costume, nós temos as maiores chances de nos enganarmos. Nós encontraremos uma "explicação" que será mais ou menos verossímil, mas falsa nove em

cada dez vezes.

Os ordálios africanos são um exemplo disso. Interpretá-los como tendo por objetivo descobrir um culpado, é ver nele um tipo de procedimento judiciário, por analogia com os julgamentos de Deus da Idade Média e mesmo com os ordálios da Grécia antiga, que estão, no entanto, menos distanciados. Isso significa se condenar a não compreender nada deles e a se extasiar, como os missionários da África ocidental ou austral fizeram durante séculos, com o absurdo insondável dos pobre negros. Mas, se entrarmos na maneira de pensar e de sentir dos nativos, se remontarmos as representações coletivas e os sentimentos de onde seus atos decorrem, sua conduta não tem mais nada de absurda. Ela é, pelo contrário, sua consequência legítima. Do seu ponto de vista, o ordálio é um tipo de reagente, o único capaz de revelar um poder maligno que se encarnou em um ou vários membros do grupo social. Somente esta prova tem a virtude mística necessária para destruir esse poder, ou, pelo menos, para neutralizá-lo. Sob pena de ver os infortúnios se multiplicarem, os nativos não podem, portanto, renunciar a ele de forma alguma e as críticas dos brancos lhes parecem tão fora de propósito quanto sua própria maneira de agir parece irracional aos brancos, enquanto estes não descobriram suas razões.

Menos trágico, mas não menos característico, é o mal-entendido que analisamos, a respeito dos cuidados médicos que os primitivos recebem dos europeus. Para dissipá-lo, é preciso ter em mente a ideia que os nativos fazem da doença e da cura, dos remédios e do regime que os "doutores brancos" lhes prescrevem, das consequências às quais se expõem ao se submeterem a eles etc. É preciso ter encontrado, na raiz dessas representações tão diferentes das nossas, a concepção totalmente mística da participação e da

causalidade, que está no fundo da mentalidade primitiva.

Se os mal-entendidos deste tipo, que aconteceram frequentemente, tivessem sido relevados com cuidado pelos primeiros brancos que viveram em contato com os nativos, encontraríamos neles preciosos dados para o estudo que tentamos aqui. Mas isso pouco foi feito e as oportunidades se perderam irremediavelmente. Os europeus que primeiro estiveram em relações continuadas com sociedades primitivas tinham outras preocupações a observar além de como os nativos pensavam e sentiam e de relatar exatamente o que teriam recolhido e mesmo se tivessem se imposto essa tarefa longa, delicada e complicada, a maior parte deles não poderia tê-la desempenhado bem. O sucesso, com efeito, em tal matéria, exige um conhecimento preciso da língua dos nativos. Não basta tê-lo adquirido suficientemente para se fazer entender sem dificuldade nas transações correntes com eles, para lhes comunicar desejos ou ordens, ou para receber deles informações úteis no tocante à vida de todos os dias. É preciso muito mais do que isso. Essas línguas primitivas são geralmente de uma complexidade gramatical e de uma riqueza de vocabulário surpreendente e de um tipo muito diferente do indo-europeu ou do semítico aos quais somos acostumados. Para perceber as nuances das representações dos nativos, às vezes, desconcertantes para nós, para compreender como elas se ligam umas às outras nos mitos, nos contos, nos ritos, seria, portanto, indispensável ter se tornado mestre do espírito e dos detalhes da língua. Em quantos casos essa condição foi preenchida, se não foi em muito poucos casos?

Diz um administrador inglês, com relação aos Papuas da Nova Guiné, que nunca tinham visto antes um europeu: “A maior dificuldade é fazê-los compreender o sentido exato do que lhes é dito

e de compreender o sentido exato do que eles dizem". As duas mentalidades que se encontram são tão estranhas uma à outra, seus hábitos tão divergentes, seus meios de expressão tão diferentes! O europeu pratica a abstração quase sem pensar nisso e as operações lógicas simples lhes tão fáceis, por causa de sua língua, que elas não lhe custam nenhum esforço. Entre os primitivos, o pensamento e a linguagem são de caráter quase exclusivamente concreto. Diz um bom observador:

> *O método de raciocinar dos Esquimós nos dá a impressão de ser muito superficial, porque eles não estão acostumados a seguir, por pouco que seja, o que chamamos de uma sequência definida de raciocínios e em se ligar a um objeto único. Em outros termos, seu pensamento não se eleva à abstrações ou fórmulas lógicas; ele se atém a imagens observadas e a situações que se sucedem de acordo com leis que nós dificilmente seguimos.*[827]

Enfim, nossa mentalidade é principalmente "conceitual" e a outra pouco o é. É, portanto, extremamente difícil, senão impossível, para um europeu, mesmo se ele se aplica a isso, mesmo se ele possui a língua dos nativos, pensar como eles, mesmo parecendo falar como eles.

Quando os observadores anotaram as instituições, os costumes, as crenças que eles tinham sob os olhos, eles se serviram __ poderia ser de outra maneira? __ dos conceitos que lhes pareciam corresponder à realidade que eles tinham que expressar. Mas, precisamente porque eram conceitos, rodeados da atmosfera lógica própria à mentalidade europeia, a expressão deformava o que ela pretendia dizer. Tradução equivalia a traição. Os exemplos se apresentam em massa. Para designar o ser, ou melhor, os seres

invisíveis que constituem, com seu corpo, a personalidade do primitivo, quase todos os observadores empregaram a palavra "alma". Sabe-se das confusões e dos erros que produziram esse uso de um conceito que os primitivos não possuem. Toda uma teoria __ outrora muito favorável e que possui, ainda hoje, inúmeros partidários __ repousa sobre o postulado implícito de que um conceito de "alma" ou "espírito" semelhante ao nosso, existe entre os primitivos. É a mesma coisa para as expressões "família", "casamento", "propriedade" etc. Os observadores tiveram que se servir deles para descrever instituições que apresentavam analogias __ impressionantes, parecia __ com as nossas. No entanto, aqui também, um estudo atento mostra que as representações coletivas dos primitivos não entram sem se falsear no quadro de nossos conceitos.

Vamos nos ater a um exemplo simples, que não exige muita análise. Os observadores chamam correntemente pelo nome de "moeda" as conchas que os nativos utilizam para suas trocas, em certas regiões, na Melanésia, entre outras. Recentemente, o Sr. Richard Thurnwald mostrou que esse *muschelgeld* (numerário em conchas), não corresponde exatamente ao que nós designamos por "moeda". Para nós, trata-se de um intermediário (metal ou papel, pouco importa aqui), que torna possível trocar não importa o que, por não importa o que. É um instrumento universal de troca. Mas os melanésios não têm exatamente um conceito geral deste tipo. Suas representações são mais concretas. Os nativos das Ilhas Salomão, como seus vizinhos, empregam conchas para suas compras, mas sempre com uma especificação bem definida. Escreve Thurnwald:

> *Essa moeda serve essencialmente para dois fins principais: 1º) Conseguir uma mulher (através do*

casamento); 2º)Adquirir aliados para fazer a guerra e pagar a compensação devida pelos mortos, sejam estes mortos por simples assassinato ou em um combate.

Compreendemos, aqui, que a "moeda" não serve, propriamente falando, para fins econômicos, mas está destinada ao cumprimento de certas funções sociais. Os fins atribuídos aqui à moeda nos fazem assim compreender porque é antes de tudo o chefe que deve se preocupar em aumentar e conservar um tesouro em moeda de conchas. Ele guarda seus "fundos" em construções especiais... e eles lhe servem, por exemplo, para emprestar para pessoas que queiram comprar uma mulher... A moeda de conchas fina serve também "para o adorno"... Ao lado desta moeda, os braceletes gozam igualmente de um papel importante em Buin como sinal de valor. Eles os trazem de Choiseul... Outro representante de valor é o porco, que serve para diversos pagamentos, sobretudo para as numerosas refeições festivas às quais estão obrigados em diferentes circunstâncias.[828]

Quanto às transações comerciais propriamente ditas, não parece que uma moeda qualquer, nem mesmo a moeda de conchas, seja nelas empregada. Procede-se por via da troca, mas essas trocas são especializadas e, por isso mesmo, reguladas. Diz o Sr. Thurnwald:

Em particular, na troca de mercadoria contra mercadoria, objetos determinados só podem ser trocados por objetos determinados. Por exemplo: uma lança por um bracelete, frutas por tabaco, porcos por facas. Troca-se, de bom grado, coisas que são próprias para serem consumadas uma pela outra. Assim, inhame ou coco por tabaco, armas por

ornamentos (lanças por braceletes ou pérolas por vidro) etc.[829]

Não vamos seguir adiante com a interessante descrição que dá o Sr. Thurnwald da vida econômica dos nativos da Ilhas Salomão. O que citamos basta para mostrar que nosso conceito de "moeda" não convém perfeitamente para "moeda de conchas" que eles utilizam. Se, no entanto, tivermos que dizer que eles possuem uma tal "moeda", isso é apenas uma ideia vaga e inexata. Mas, um estudo atento e minucioso dos fins especiais aos quais serve a moeda de conchas, nos leva a um conhecimento mais profundo de certas instituições e ao mesmo tempo ele nos permite compreender melhor a mentalidade desses nativos, que não procedem através de conceitos gerais abstratos e que, na falta do que chamamos de "moeda", organizam trocas de objetos determinados por objetos determinados.

Um trabalho crítico semelhante poderia ser aplicado aos outros conceitos abstratos que os observadores das sociedades primitivas utilizaram para expressar as representações coletivas dos primitivos e descrever suas instituições.

Assim, por um tipo de necessidade inerente à natureza das coisas, ou seja, à profunda diferença das mentalidades e das línguas, a maior parte dos documentos que a ciência dispõe para o estudo da mentalidade primitiva só pode ser utilizada com grandes precauções e após ter sido submetida a uma crítica aprofundada. Com toda boa fé, os primeiros observadores __ religiosos ou laicos __ deformaram e falsearam quase sempre as instituições e as crenças que eles relatavam, pelo único fato de que, sem perceberem, eles se utilizavam de conceitos que lhes eram familiares. Os que vieram depois deles procedem da mesma forma, com a circunstância agravante de que as instituições e as crenças dos primitivos já foram

contaminadas pelo contato com os brancos e que sua mentalidade, como sua língua, estão ameaçadas de uma decomposição mais ou menos rápida. Por outro lado, onde buscar os dados indispensáveis sobre essa mentalidade, se não for nos escritos daqueles que viram de perto os primitivos, que viveram perto deles e com eles, que assistiram à rotina diária de sua vida, bem como as cerimônias de seu culto, se eles possuem um organizado? A ciência não possui outros documentos à sua disposição. Sua imperfeição inevitável, o muito e o muito pouco do que eles dizem, quase que bastaria para explicar a lentidão de seus progressos e o caráter geralmente precário dos resultados obtidos até aqui.

No entanto, essa dificuldade não é irremediável. Ela é encontrada, mais ou menos grave, em todas as ciências cujos materiais consistem em testemunhos e as regras __ hoje em dia, bem estabelecidas __ da crítica, externa e interna, se aplicam aos documentos etnográficos com a mesma eficácia que aos outros. Por outro lado, na medida em que a análise da mentalidade primitiva faz progressos e que ela chega a resultados que se pode considerar como consolidados, o pesquisador dispõe de critérios mais numerosos e mais precisos para controlar o valor dos testemunhos, antigos ou recentes. Ele sabe discernir melhor o que rejeitar e o que deve manter de cada um deles. Por fim, um conhecimento satisfatório das características essenciais da mentalidade dos primitivos dá acesso a um estudo mais aprofundado e mais rigoroso de suas instituições. Essa primeira etapa, uma vez superada, torna as seguintes, se não fáceis de percorrer, pelo menos mais fáceis de abordar.

§2. Como o primitivo representa a causalidade; por exemplo: a causa da gravidez e da concepção.

Índice

A mentalidade primitiva, como a nossa, se inquieta com as causas do que acontece. Mas ela não as procura na mesma direção. Ela vive em um mundo onde inumeráveis potências ocultas, presentes em toda parte, estão sempre agindo ou prestes a agir. Como vimos na primeira parte deste livro, qualquer fato um pouco singular é logo tomado como uma manifestação de uma ou várias delas. A chuva chega num momento em que os campos mais precisavam de água? É porque os ancestrais e os espíritos do lugar estão satisfeitos e demonstram assim seu bem-querer. Se a seca persistente queima as colheitas e faz perecer o rebanho, será que um tabu foi violado? Ou então um ancestral se julga ofendido e é preciso apaziguar sua cólera. Do mesmo modo, nunca uma empreitada será bem sucedida sem a ajuda das potências invisíveis. Não se partirá para a pesca ou a caça, não se porá em campanha, não se começará a cultivar um campo ou a construir uma casa, se os presságios favoráveis não apareceram, se os protetores místicos do grupo social não prometeram formalmente sua ajuda, se os próprios animais que se quer capturar não deram seu consentimento, se os utensílios não foram consagrados e revestidos com virtudes mágicas etc. Enfim, o mundo visível e o mundo invisível formam um só e os acontecimentos do mundo visível dependem a cada instante das potências do outro. Daí, o lugar que ocupam na vida dos primitivos, os sonhos, os presságios, a adivinhação sob mil formas diversas, os sacrifícios, as encantações, as cerimônias rituais, a magia. Daí, o hábito de negligenciar o que chamamos de causas segundas e de prestar total atenção à causa mística, a única realmente eficiente. Uma pessoa sucumbe por uma doença orgânica, pela picada de uma serpente, é esmagada pela queda de uma árvore, devorada por um

tigre ou um crocodilo; para a mentalidade primitiva, não foi a doença, ou a serpente ou a árvore, ou o tigre ou o crocodilo que a matou. Se ela pereceu, foi sem dúvida porque um feiticeiro a tinha "condenado" (*doomed*) e "entregue". A árvore e o animal homicida não passam de instrumentos. Se não fosse um deles, o outro teria executado o ofício. Eles eram, como se diz, intercambiáveis, de acordo com a vontade da potência invisível que os empregou.

Para mentes orientadas desta forma, não há fato puramente físico. Nenhuma questão relativa aos fenômenos da natureza se coloca, portanto, para eles, como para nós. Quando queremos explicar um destes, procuramos na própria série dos fenômenos, as condições necessárias e suficientes. Se conseguimos determiná-las, nós não perguntamos mais. O conhecimento da lei nos satisfaz. A atitude do primitivo é bem diferente. Ele pode ter observado os antecedentes constantes do fato que o interessa e, para agir, ele leva na mais alta conta essas observações. Mas a causa real, ele a procurará sempre no mundo das potências invisíveis, do lado de lá do que chamamos de natureza, na "metafísica", no sentido literal da palavra. Em resumo: nossos problemas não são os seus e os seus nos são estranhos. É por isso que, se perguntar qual solução ele dá a um dos nossos, imaginá-la e pretender extrair disso consequências que explicariam tal ou tal instituição primitiva é se envolver num impasse.

Desta forma, Sir James Frazer acreditou poder apoiar uma teoria do totemismo sobre a ignorância onde estariam os primitivos sobre o processo da concepção. Longas discussões se seguiram então sobre a questão de saber como eles representam a função de reprodução no ser humano e qual ideia eles possuem da gravidez nas sociedades mais baixas. Mas, talvez não fosse inútil examinar

primeiramente uma questão preliminar: o problema da concepção é posta pela mentalidade primitiva, em termos que permitam a essas discussões serem decisivas?

Orientada como ela é, podemos afirmar, sem medo de errar, que se sua atenção é voltada para o fato da concepção, não é para suas condições fisiológicas que ela recairá. Que ela as conheça ou que ela as ignore, mais ou menos, não importa muito, pois, em todos os casos, ela os negligencia e procura a causa em outro lugar, no mundo das forças místicas. Para que isso fosse de outra maneira, seria preciso que este fato, apenas ele entre todos os outros que a natureza lhe apresenta, fosse considerado por ela sob um ponto de vista diferente dos outros. Seria preciso que, neste caso, por uma exceção única, ela tivesse uma atitude incomum e se preocupasse imediatamente com a busca das causas segundas. Nada nos leva a pensar nisso. Se, aos olhos dos primitivos, a morte nunca é "natural", vai daí que o nascimento também não é e pelas mesmas razões.

De fato, mesmo antes do relacionamento com os brancos, os primitivos __ os da Austrália, por exemplo __ já tinham observado alguma coisa das condições fisiológicas da concepção e, em particular, do papel do ato sexual. Mas, neste caso, como nos outros, o que chamamos de causa segunda, os antecedentes necessários e suficientes, segundo nosso ponto de vista, continuam aos seus olhos completamente secundários; a verdadeira causa é de essência mística. Mesmo quando eles observaram que uma criança só vem ao mundo se houve uma fecundação, eles não tiram daí a conclusão que nos parece natural. Eles persistirão em pensar que se uma mulher está grávida, é porque um "espírito" __ em geral o de um ancestral que esperava ser encarnado e que se encontra atualmente na reserva

para nascer __ entrou nela, o que implica, bem entendido, que ela pertence ao clã, sub-clã e totem que convém a este espírito. Entre os Aruntas, as mulheres que têm medo de uma gravidez, se elas são obrigadas a passar pelo lugar onde estão esses espíritos candidatos à vida terrestre, elas o fazem com toda pressa e tomam todas as precauções possíveis para impedir que um deles entre nelas[830]. Mas os senhores Spencer e Gillen não dizem que elas se abstêm de todas as relações sexuais. Estas, só seriam seguidas de uma concepção se o "espírito" entrasse na mulher.

Em San Cristoval, nas Ilhas Salomão, a causa fisiológica da concepção é conhecida? É o que se pergunta o Sr. Fox. Ele responde:

> *Atualmente, provavelmente sim. Se perguntarmos aos nativos porque eles têm o costume de enterrar viva a primeira criança do casamento, quase sempre eles respondem que é porque, realmente, ela não é do marido, mas de outro homem. Mas há, certamente, inúmeros fatos em favor de outra hipótese. Dizem que o embrião foi colocado nas entranhas da mulher por um* ***adaro*** *chamado* ***Hau-di-Ewavi****, que vive numa montanha em Guadalcanal (Marau Sound, em Guadalcanal é o lugar para onde vão os espíritos dos mortos após o falecimento), ou por Kauraha, um espírito serpente.*[831]

As duas hipóteses não são excludentes. Os insulares de San Cristoval podem ter aprendido com os brancos, ou observado eles mesmos, a relação estreita do ato sexual com a concepção. Nem por isso eles consideram menos que a causa real seja mística, o ato de um espírito que decidiu entrar em uma certa mulher.

Num grande número de sociedades primitivas, em particular entre muitos Bantos, a esterilidade da esposa é uma verdadeira

calamidade e ela é suficiente para destruir o casamento. Em virtude de uma participação bem conhecida, que já assinalamos acima, a plantação de um homem que tem uma mulher infecunda é ameaçada de nada produzir e é preciso então que ele se divorcie. A esterilidade é sempre considerada como relacionada à mulher. No entanto, esses nativos não ignoram o papel fisiológico do ato sexual. Mas como eles não fazem realmente depender dele a gravidez, eles não imaginam que a falta de concepção possa estar relacionada ao homem na fecundação. Isso provém, certamente, de uma causa mística, ou seja, do fato de que nenhum espírito-criança consentiu em reencarnar entrando nessa mulher. Esta, cuja esterilidade desespera, só acredita poder curá-la suplicando aos ancestrais e às potências invisíveis, para que eles se tornem favoráveis a ela e ela multiplica oferendas e sacrifícios.

Esta atitude da mentalidade primitiva torna difícil saber exatamente como uma dada tribo representa o que chamamos de condições fisiológicas da concepção. Como ela não para para pensar nisso, porque isso não é o que importa para ela, ela pode não ter uma ideia clara sobre isso e não saber exatamente o que ela pensa do assunto, pois sua atenção não se fixou nisso. Alguns grupos sociais poderão ter, sobre este ponto, tradições um pouco mais precisas do que seus vizinhos, sem que se possa inferir qualquer coisa dessa diferença. Os testemunhos dos observadores poderão ser discordantes e, no entanto, verídicos. Pela mesma razão, essa mentalidade, que se mostra geralmente, como se sabe, indiferente à contradição, admitirá, ao mesmo tempo, que o ato sexual é a condição ordinária da concepção e que a concepção acontece sem o ato sexual. A *Lucina sine concubitu*[832] pode ser excepcional; ela não tem nada de extraordinário em si. Se um espírito entra numa mulher,

durante um sonho, por exemplo, esta deve ter concebido e a criança nascerá. Os contos, as lendas, os mitos, estão cheios de fatos deste tipo, sem que a mentalidade primitiva encontre neles o menor motivo de surpresa. Não se pode concluir daí que ela ignore o papel do ato sexual, mas mesmo que ela o ignore ou que tenha dele um conhecimento mais ou menos vago[833], ela não pensa que seja dele que a concepção dependa realmente.

§3. Habilidade prática dos primitivos em certos casos. Sua engenhosidade e sua destreza. Como elas se explicam sem apelar para operações propriamente intelectuais.

Índice

Em presença dos fenômenos da natureza, a mentalidade primitiva não se coloca, portanto, as mesmas questões que a nossa, ou ela nem mesmo se coloca nenhuma. Diz um explorador, falando dos Sakais de Sumatra: “Essas tribos selvagens precisam somente de uma causalidade extremamente fraca... Elas só reagem às impressões mais fortes e às mais imediatas...”[834]. “Necessidade de causalidade” significa aqui “interesse despertado” pelos fatos que acontecem ao redor deles. Essa aparência de apatia e de torpor intelectual foi frequentemente observada nas sociedades mais baixas, em particular em certas tribos da América do Sul. Se quisermos evitar esse erro, precisamos primeiramente não procurar nessas sociedades, sejam elas totalmente inferiores ou de um grau mais elevado, uma “necessidade de causalidade” do mesmo tipo que a nossa. Como ressalta dos fatos e das instituições analisadas na presente obra, elas têm a sua, que lhes é própria e que escapa facilmente aos observadores mais apressados ou desprevenidos. Essa mentalidade,

essencialmente mística e pré-lógica, volta-se para outros objetos e por outros caminhos, diferentes de nossas mentes. Basta ver a importância que assume aos seus olhos a adivinhação e a magia. Para segui-la em seus modos de agir, para compreender seus princípios, é preciso, por assim dizer, violentar nossos hábitos mentais e nos curvarmos aos seus. É um esforço quase impossível de ser empreendido e na falta do qual, no entanto, essa mentalidade arrisca nos continuar ininteligível.

Além da tendência quase irreprimível que nos leva, apesar de nós, a concebê-la como sendo igual à nossa, outro fato contribui para nos dissimular suas características próprias. Na prática, os primitivos têm que perseguir, para viver, fins que nós mal compreendemos e vemos que, para atingi-los, eles agem quase como nós faríamos em seu lugar. Como, nessas circunstâncias, eles agem como nós, somos logo tentados a concluir, sem nos informarmos mais detalhadamente, que suas operações mentais são, em geral, semelhantes às nossas. Somente uma observação e uma análise mais atentas nos fazem perceber as diferenças.

Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures tentou mostrar como a mentalidade primitiva, geralmente indiferente à contradição, é, no entanto, muito capaz de evitá-la, desde que as necessidades da ação o exijam[835]. Da mesma forma, primitivos que não demonstram nenhum interesse aparente às ligações causais mais evidentes, sabem muito bem utilizá-las para se prover do que lhes é indispensável; por exemplo, o alimento ou tal ou tal engenho. De fato, quase não existem sociedades tão baixas em que não se encontre alguma invenção, algum processo industrial ou artístico, alguma fabricação para se admirar: pirogas, cerâmica, cestaria, tecidos, ornamentos etc. As mesmas pessoas que, quase desprovidas

de tudo, parecem estar situadas abaixo da escala, obterão, na produção de um certo objeto, resultados de uma delicadeza e de uma precisão surpreendentes. O australiano saberá talhar o bumerangue. O bosquímano e o papua se revelarão artistas em seus desenhos. O melanésio encontrará para suas armadilhas de peixes as disposições as mais engenhosas etc.

Os trabalhos em curso sobre a tecnologia dos primitivos nos ajudarão, sem dúvida, eficazmente, para determinar os estágios do desenvolvimento de sua mentalidade. Desde já e mesmo que o mecanismo da invenção, pouco conhecido por nossas sociedades, o seja ainda menos por aquelas, é permitido formular uma observação geral. O valor excepcional de certas obras ou de certos processos dos primitivos __ que contrasta tão forte com a grosseria e o caráter rudimentar do resto de sua cultura __ não é fruto da reflexão nem do raciocínio. Se fosse assim, não se constataria tais disparates e essa ferramenta universal lhes teria prestado o mesmo serviço mais de uma vez. É um tipo de intuição que conduz sua mão, guiada ela mesma por uma observação aguda de objetos que apresentam para eles um interesse particular. Isso basta para ir longe. O agenciamento delicado de um conjunto de meios apropriados ao fim perseguido não implica necessariamente numa atividade refletida de entendimento, nem na posse de um saber capaz de analisar, generalizar e de se adaptar aos casos imprevistos. Isso pode ser simplesmente uma habilidade prática, formada e desenvolvida pelo exercício, conservada por ele e muito comparável a de um jogador de bilhar, que, sem saber um nada de geometria nem de mecânica, sem precisar refletir, adquiriu a intuição rápida e precisa do movimento a executar, para uma posição dada das bolas.

Poder-se-ia, da mesma maneira, dar conta da sutileza e da

sagacidade que muitos primitivos apresentam em diversas circunstâncias. Por exemplo, no dizer de Von Martius, nativos das tribos mais baixas do Brasil sabem distinguir todas as raças e até mesmo as variedades de palmeiras e eles têm um nome para cada uma delas. Australianos reconhecem o traço individual das pegadas de cada um dos membros de seu grupo etc. Na ordem moral, vangloria-se frequentemente da eloquência natural aos nativos de um grande número de sociedades, a riqueza de argumentos que eles empregam em seus discursos e a habilidade de ataque e de defesa em suas contestações. Seus contos, seus provérbios, demonstram frequentemente uma observação fina e maliciosa. Seus mitos são de uma imaginação fértil e às vezes poética. Tudo isso foi assinalado por observadores que não estavam certamente prevenidos em favor dos "selvagens".

Quando nós os vemos assim, como nós __ algumas vezes, melhor do que nós __ fisionomistas, moralistas, psicólogos (no sentido prático destas palavras), nós custamos a acreditar que eles possam ser, sob outros pontos de vista, enigmas quase indecifráveis e que profundas diferenças separam nossa mentalidade da sua. Retenhamos, no entanto, que os pontos de semelhança sustentam sempre os modos de atividade mental em que os primitivos, como nós mesmos, procedem por intuição direta, apreensão imediata, interpretação rápida e quase instantânea do que é percebido. Por exemplo, se for o caso de ler no rosto de uma pessoa sentimentos que talvez ela não confesse a si mesma, de encontrar as palavras que fazem vibrar a corda que se quer tocar, de perceber o ridículo de um ato ou de uma situação etc. Eles são guiados aqui por uma espécie de faro ou de tato. A experiência o desenvolve e afina e ele pode se tornar infalível, sem ter nada em comum com operações intelectuais

propriamente ditas. Assim que estas entram em jogo, as diferenças entre as duas mentalidades explodem, de uma maneira tão impressionante que se é tentado a exagerá-las, por sua vez. Desconcertado, o observador que ontem avaliava a inteligência do primitivo virtualmente como igual a de qualquer outra pessoa, a tachará hoje de incrivelmente estúpido, vendo nele uma incapacidade do raciocínio mais simples.

A chave do enigma está no caráter místico e pré-lógico da mentalidade primitiva. Em presença das representações coletivas onde ela se expressa, das pré-ligações que as encadeiam, das instituições onde elas se objetivam, nosso pensamento conceitual e lógico se sente pouco à vontade, como que diante de uma estrutura que lhe é estranha e até mesmo hostil. De fato, o mundo onde se move a mentalidade primitiva só coincide parcialmente com o nosso. A rede das causas segundas, que, para nós, se estende ao infinito, nele permanece nas sombras e despercebido, enquanto que poderes ocultos, ações místicas, participações de todo tipo, nele se misturam aos dados imediatos da percepção, para constituir um conjunto onde o real e o além se confundem. Neste sentido, esse mundo é mais complexo do que o nosso universo. Por outro lado, ele é finito e fechado. Nas representações da maior parte dos primitivos, a abóbada celeste repousa como uma campânula sobre a superfície plana da terra ou do oceano. O mundo termina assim no círculo do horizonte. O espaço nele é mais sentido do que percebido. Suas direções são cheias de qualidades e cada uma de suas regiões, como vimos[836], participa de tudo o que se encontra nele habitualmente. A representação do tempo, sobretudo qualitativa, permanece vaga. Quase todas as línguas primitivas são tão pobres em recursos para expressar as relações de tempo quanto ricas para expressar as

relações espaciais. Geralmente, o evento futuro, se é considerado como certo e se provoca uma emoção forte, é sentido como já presente.

Nesse mundo fechado, que tem assim seu espaço, sua causalidade, seu tempo, por pouco diferentes das nossas que sejam, as sociedades se sentem solidárias com relação aos outros seres ou conjuntos de seres, visíveis e invisíveis, que o habitam com elas. Cada grupo social, de acordo com o fato de que é errante ou sedentário, ocupa um território mais ou menos extenso, cujos limites são, em geral, nitidamente fixados por ele e seus vizinhos. Ele não é somente o dono, com o direito exclusivo de nele caçar, ou de nele colher os frutos. O solo lhe "pertence", no sentido místico da palavra. Uma ligação mística liga seus vivos e seus mortos às potências ocultas de todo tipo que povoam essa terra, que lhe permite viver nela e que não tolerariam, sem dúvida, a presença de nenhuma outro. Da mesma forma que, em virtude de uma participação íntima, o que esteve em contato imediato e constante com uma pessoa __ suas roupas ou ornamentos, suas armas, seu rebanho __ *é* essa própria pessoa e, por causa disso, quando ela morre, geralmente nada disso pode pertencer a nenhuma outra pessoa e a acompanham em sua nova condição, da mesma forma, a porção de terra onde vive um grupo humano *é* esse próprio grupo e ele não poderia viver em outro lugar e qualquer outro grupo que quisesse se apoderar dele e se estabelecer ali, se exporia aos piores perigos. Assim, vemos entre tribos vizinhas conflitos e guerras por causa de incursões, invasões e violações de territórios, mas não conquistas propriamente ditas. Destruir-se-á um grupo inimigo, mas não se anexará sua terra. Para que, se será encontrada a hostilidade temida dos espíritos de todo tipo e das espécies animais e vegetais

que são seus donos e que vingariam sem dúvida os derrotados? Não se poderia viver ali e é certo que se morreria ali. Talvez fosse preciso ver nessas relações de participação essencial e local entre um grupo ou um subgrupo humano e tal ou tal espécie viva, uma das razões principais do que se chama de parentesco totêmico.

No meio desse cruzamento de participações e de exclusões místicas, as representações que o indivíduo tem dele mesmo, seja vivo, seja morto e do grupo ao qual ele "pertence", só de longe se parecem com ideias e conceitos. Elas são sentidas e vividas, muito mais do que pensadas. Nem seu conteúdo, nem suas ligações são submetidos rigorosamente à lei da contradição. Por conseguinte, nem o eu individual, nem o grupo social, nem o meio ambiente, visível e invisível, estão ainda "definidos" nessas representações coletivas, como parecem estar, assim que nosso pensamento conceitual tenta compreendê-lo. A despeito das precauções mais atentas, este não pode assimilá-los a seus "objetos" comuns. Ele os espolia assim, do que eles têm de mais elementarmente concreto, emocional e vital. É isso que torna tão difícil e quase sempre incerta, a inteligência das instituições onde está expressa a mentalidade, mais mística do que lógica, das sociedades primitivas.

FIM

***

ÍNDICE

A mentalidade primitiva
Preâmbulo
Introdução
§1. Aversão da mentalidade primitiva pelas operações discursivas do pensamento. Suas ideias restritas a um pequeno número de objetos. Ausência de reflexão.
§2. Não é nem incapacidade nata nem falta de aptidões naturais. Hipótese de trabalho tirada das Fonctions Mentales.
Capítulo I
Indiferença da mentalidade primitiva pelas causas segundas.
§1. A mentalidade primitiva atribui tudo o que acontece à potências místicas e ocultas.
§2. A doença e a morte quase nunca são “naturais”. Exemplos registrados na Austrália, na África austral, equatorial, ocidental e oriental.
§3. Não existe acidente: um infortúnio jamais é fortuito.
§4. Como essa mentalidade explica os malfeitos dos crocodilos-feiticeiros.
§5. Como ela interpreta tudo o que é insólito.
Capítulo II
As potências místicas e invisíveis.
§1. Características próprias do mundo em que se move a mentalidade primitiva. Sua experiência imediata mais rica __ num certo sentido __ do que a nossa. O mundo visível e o outro mundo formam um só.
§2. O papel atribuído aos malefícios dos feiticeiros, aos espíritos e às almas dos mortos.
§3. O novo-morto temível para os vivos.
§4. Ritos, cerimônias, expedições de vingança para satisfação. Os Amatongo dos Zulus. Troca de bons ofícios entre os vivos e os

mortos.
§5. Preocupação constante com os mortos entre os Bantos. Suas exigências. As preces dirigidas a eles.
§6. A causalidade, para essa mentalidade, é totalmente mística e imediata. Nem o tempo, nem o espaço são para ela representações homogêneas.
Capítulo III
Os sonhos. Como a mentalidade primitiva recolhe os dados que lhe importam.
§1. O valor particular do sonho. A experiência da alma durante o sonho. O que é visto no sonho é real, mesmo se o que existe nele está em contradição com os dados da vigília.
§2. Um homem é responsável pelo que ele viu ser feito, ou pelo que um outro o viu fazer em sonho. Multipresença da alma.
§3. Confiança atribuída ao sonho entre os Bantos. Conversões decididas pelos sonhos.
§4. Respeito dos nativos da Nova França pelos sonhos. Necessidade de serem obedecidos. O sonho e o totem individual.
Capítulo IV
Os presságios.
§1. Observações preliminares: 1º) Os presságios e a representação do tempo; 2º) Os presságios e a representação das causas.
§2. O sistema dos presságios em Bornéu. Eles não anunciam somente os acontecimentos, eles os produzem. O culto aos pássaros-presságios.
§3. Hipótese dos Senhores Hose e Mac Dougall, pouco fundamentada. Procedimentos para obter os presságios desejados.
§4. Os presságios são também causas. Como eles acabam por serem apenas sinais.
Capítulo V
Os presságios (Continuação)

§1. Como se evita os presságios desfavoráveis. Procedimentos diversos para impedi-los de se fazerem ver ou ouvir, para transformá-los em presságios favoráveis, para destruir o animal que os traz.
§2. Os *monstra* e os *portenta*: animais que “transgridem”. Crianças que primeiro ganham os dentes superiores ou que apresentam outras anomalias.
§3. Esses porta-infelicidades tratados como os *jettatori* e os feiticeiros. Estreito parentesco entre a anomalia, o mau olho e o princípio maligno alojado no feiticeiro.

Capítulo VI

As práticas adivinhatórias.

As revelações solicitadas quando elas não se produzem espontaneamente.
§1. Sonhos provocados (Nova França) com vistas a obter um resultado desejado. Conselho, ajuda e decisão solicitados aos sonhos.
§2. Interrogação direta aos mortos sob diversas formas (Austrália, Nova Guiné, África ocidental).
§3. Adivinhação através do crânio e os ossos dos mortos (Melanésia). Consulta aos mortos por adivinhação antes de arriscar uma empreitada (África equatorial).

Capítulo VII

As práticas adivinhatórias (continuação).

§1. Adivinhação pelas entranhas e pelo fígado dos animais. Práticas em uso em Ruanda. Os ossinhos na África austral.
§2. A adivinhação por alternativa (Nova Guiné alemã). Sentido místico da operação. Os eventos futuros sentidos como presentes.
§3. Adivinhação para descobrir o autor de um roubo, através de seu nome e por uma direção no espaço. Participação do grupo social com a terra. Outras formas de adivinhação. A clarividência.

Capítulo VIII

Os ordálios.

§1. Confiança inabalável dos primitivos nos ordálios. Ele é um reagente místico.

§2. Ordálios como processos de adivinhação que servem para resolver litígios.

§3. Ordálios por procuração. Os casos onde eles são admitidos ou recusados. Ação mística do ordálio sobre o princípio maligno alojado no feiticeiro, às vezes, sem seu conhecimento. Busca deste princípio através da autópsia.

§4. Relações da feitiçaria com o canibalismo. A feitiçaria e o mau-olhado.

§5. Os ordálios na Austrália não têm por objetivo descobrir um culpado; eles são ritos ou cerimônias de satisfação ou de apaziguamento. Fatos análogos na África equatorial e oriental.

Capítulo IX

Interpretação mística dos acidentes e dos infortúnios.

§1. Infortúnios consecutivos à uma violação de tabu. Necessidade de uma expiação.

§2. Pré-ligações entre as violações e suas consequências. Estas revelam faltas cometidas involuntariamente. A intenção não é um elemento necessário à falta.

§3. A “má-morte”, revelação da cólera das potências invisíveis. Exemplos de pessoas atingidas pelo raio.

§4. Os infelizes em perigo de morte são abandonados e, se se salvam, são excomungados. Razões místicas desse abandono.

§5. Os náufragos nas Ilhas Fiji *devem* ser mortos e comidos. O *taua* e o *muru* dos neozelandeses. A desgraça mística do prisioneiro. *Res est sacra miser*.

§6. Indiferença aparente pelos doentes cujo estado é grave. Não se ousa alimentá-los nem cuidar deles. Eles são objeto da cólera das potências invisíveis (Taiti). Crenças e práticas dos neozelandeses a este respeito.

Capítulo X

Interpretação mística das causas do sucesso.

§1. Sem encantamentos ou “poções mágicas” nada pode prosperar. A magia agrária. Jogos e recitações de lendas num certo momento do ano; sua ação mística.

§2. O trabalho nas hortas e nos campos é reservado principalmente às mulheres. Princípio da fecundidade e participação.

§3. Virtude mística da pessoa do chefe.

§4. Condições místicas do sucesso na guerra. Ataques de surpresa ao alvorecer. Porque eles jamais são levados a fundo.

§5. Preparações mágicas das armas. As flechas envenenadas. Ao que é atribuída a eficácia dos instrumentos, aparelhos e ferramentas. A experiência revela se eles são abençoados ou amaldiçoados. Objetos dotados de propriedades extraordinárias.

§6. O poder eficaz do desejo. O pensamento tem os mesmos efeitos que a ação. A ganância age como o *mau-olhado*.

Capítulo XI

Interpretação mística da aparição dos brancos e do que eles trazem.

§1. Reação dos primitivos ao primeiro contato com os brancos. Eles representam o mundo como fechado. Os brancos são espíritos ou fantasmas. Pavor causado pela sua aparição. Os primeiros missionários tomados como feiticeiros.

§2. As armas de fogo: é a detonação que mata. O primitivo atira inicialmente sem mirar.

§3. Os livros e a escrita. Os livros são instrumentos de adivinhação. Ensinar a ler equivale a converter. A escrita é um processo mágico.

§4. As “poções mágicas” dos brancos. Eles fabricam os tecidos no fundo da água. Efeito produzido nos primitivos pela visão de um relógio, de uma bússola, de um aparelho fotográfico. Sua primeira experiência com a água fervente, com o ferro etc. Causa mística da superioridade dos brancos.

Capítulo XII

O misoneísmo nas sociedades inferiores. Consequências do contato prolongado com os brancos.

§1. Desconfiança dos primitivos com relação aos alimentos oferecidos pelos estrangeiros.

§2. Repugnância em abandonar os antigos costumes pelos novos. Medo de ofender os ancestrais e os espíritos ao aceitar uma mudança. O inovador é suspeito de feitiçaria. O conformismo obrigatório. Impossibilidade quase completa da conversão individual ao cristianismo.

§3. Os julgamentos de valor sempre particulares e concretos, para a mentalidade primitiva, pouco conceitual.

§4. Como ela se adapta aos novos processos ou instrumentos, quando ela os adota.

Capítulo XIII

Os primitivos e os médicos europeus.

§1. Ingratidão aparente dos primitivos pelos cuidados dos médicos brancos. Eles querem ser pagos por tê-los aceitado.

§2. A ação dos remédios deve ser imediata e a cura instantânea, ou pelo menos rápida. Aversão pela estadia nos hospital ou entre os brancos.

§3. Ingratidão semelhante por outros favores prestados pelos brancos. Pedidos de indenização aparentemente inexplicáveis. Porque os primitivos se acreditam no direito de exigi-las.

Capítulo XIV

Conclusão.

§1. A mentalidade primitiva é essencialmente mística. Dificuldade de compreendê-la e de expressá-la em nossas línguas conceituais.

§2. Como o primitivo representa a causalidade; por exemplo: a causa da gravidez e da concepção.

§3. Habilidade prática dos primitivos em certos casos. Sua engenhosidade e sua destreza. Como elas se explicam sem apelar

para operações propriamente intelectuais.

ÍNDICE

Notas

[←1]

Algumas partes deste livro foram objetos de aulas dadas no Lowell Institute, em Boston, em novembro-dezembro de 1919.

[←2]

Relations des Jésuités. Ed. Thwaites, t. LVII, p. 126, 1672-1673.

[←3]

CRANTZ, D. *The History of Greenland*. I, p. 135. 1767.

[←4]

RASMUSSEN, Kn. *Neue Menschen*. Pp. 140-141.

[←5]

SCHRUMPF. *Missions Évangéliques*. XXIII, p. 82, 1848.

[←6]

ARBOUSSET. *Ibidem*, XIV, p. 57, 1839.

[←7]

FRÉDOUX. *Ibidem*, XXVII, p. 250, 1852.

[←8]

BURCHELL, W. J. *Travels into interior of southern Africa*. II, p. 295. A mesma coisa: “Mal começava a lhe colocar as questões sobre sua língua e ele perdia a paciência, se queixava de dor de cabeça e mostrava que era impossível prolongar tal esforço”. SPIX und MARTIUS. *Reise in Brasilien*. I, p. 384.

[←9]

Ibidem. II, pp. 54-55.

[←10]

MOFFAT, R. *Missionary labors and scenes in South* Africa. P. 237, 1842.

[←11]

Bertchte der rheinischen Missiongesellschaft. 1865, p. 363.

[←12]

MOFFAT, R. *Ibidem*, p. 124.

[←13]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, p. 152.

[←14]

Missions évangéliques. LXXVI, 1, pp. 402-403, 1901. Cf. BÉGUIN. *ibidem* LXXVI, p. 346, 1897

[←15]

Berichte der rheinischen missiongesellschaft. P. 230, 1880. (Schöder, Missionär. *Reise nach dem Ngami-See*)

[←16]

MANGIN, Pe. Eugène P. B. Les mossi in *Anthropos*, X-XI, p. 325.

[←17]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. I, p. 256.

[←18]

WOLLASTON, A. R. *Pygmies and Papuans*. P. 164. Cf. RAWLING, C. G. *The land of the New-Guinea pygmies*. Pp. 166-167.

[←19]

PARKINSON, R. *Dreissig Jahre in der Südsee*. P. 567.

[←20]

"Podeis sempre estar certo de que um nativo da Nova Guiné tira rapidamente conclusões do que ele vê e nada do que pouco lhe interessa pessoalmente... Fica-se estranhamente surpreso com o que eles sabem". NEWTON, H. *In far New-Guinea*. P. 202.

[←21]

NASSAU, R. H. *Fetishism in West Africa*. P. 277.

[←22]

PHILIP, Rev. John. *Researches in South Africa*. II, pp. 116-117.

[←23]

THURNWALD, R. *Im Bismarck Archipel und auf den Salomo Inseln. Zeistschrift für Ethnologie*. XLII, p. 145.

[←24]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. II, p. 247.

[←25]

MARSDEN. Missionary register, agosto de 1817 in DUMONT D'URVILLE. *Voyage de l'Astrolabe*. III, p. 234.

[←26]

JAMIELSON, Hugh. *Letters from Victorian pioneers*. P. 271.

[←27]

ROTH, Dr. W. E. Superstition, magic and medicine in *North Queensland Ethnography*. Bulletin 5, nº 121, p. 30.

[←28]

Ibidem. Nº 138.

[←29]

Ibidem. Nº 147.

[←30]

Ibidem. Nº 113-115.

[←31]

SPENCER e GILLEN. *The native tribes of Central* Australia. P. 530.

[←32]

HOWITT, A. W. *The native tribes of South Australia Aborigines*. P. 49.

[←33]

MEYER, A. Encounter Bay Tribe in WOODS. *The native races of South Australia*. P. 199.

[←34]

TAPLIN, G. *Manners, customs etc. of the South Australia Aborigines*. P. 49.

[←35]

CHALMERS, Rev. J. *Pioneering in New Guinea*. Pp. 329-330.

[←36]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu-Guinea*. III, p. 140, Ibidem. III, p. 466 e seq.

[←37]

LATCHAM, R. E. Ethnology of the Araucanos in *Journal of the Anthropological Institute of Great Britain* (doravante J.A.I.), XXXIX, p. 364.

[←38]

GRUBB, W. B. *An unknown people in an unknown land*. P. 141.

[←39]

DOBRIZHOFFER, M. *An account of the Abipones*. II, pp. 83-84.

[←40]

MACKENZIE, J. *Ten years north of Orange River*. Pp. 390-391, 1871.

[←41]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. 1, p. 263.

[←42]

DAPPER, O. *Description de l'Afrique*. P. 325, 1686.

[←43]

WINTERBOTTOM, Th. *An account of the native Africans in the neighborhood of Sierra-Leone*. I, pp. 235-236.

[←44]

WIDENMANN, A. Die Kilimandscharo-Bevölkerung, in *Petermann's Mittteilungen, Erganzungsheft*. 129, p. 40, 1889.

[←45]

Cf. *Les fonctions mentales dans les sociétés primitives*. Pp. 314-328.

[←46]

ROTH, W. E. *North Queensland Ethnography*. Bulletin 4, nº 16.

[←47]

CHIGNELL, A. K. *An outpost in Papua*. Pp. 343-345.

[←48]

BROMILOW, Rev. in BROWN, G. *Melanesians and Polynesians*. P. 235.

[←49]

NASSAU, R. H. *Fetishism in West Africa*. P. 86.

[←50]

WARD, W. H. *Five years with the Congo cannibals*. P. 43.

[←51]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. I, p. 411.

[←52]

MACDONALD, Rev. J. *Africana*. I, pp. 172-173.

[←53]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 242, 1895.

[←54]

Ibidem. P. 213, 1896.

[←55]

Missions évangéliques. LXXXIII, I, p. 311.

[←56]

LÉONARD, Major J. A. *The lover Niger and its tribes.* P. 485, 1906.

[←57]

MONTEIRO, J. J. *Angola and the river Congo.* I, pp. 65-66, 1875.

[←58]

V. *infra*, cap. VIII.

[←59]

HAWKER, G. *The life of George Grenfell*. P. 58. Mesma reação em Nias, onde foram responsabilizados por um acidente, os missionários, cujo barco foi o responsável. Aos olhos dos nativos as vítimas tinham sido "entregues" e era necessário dar uma satisfação. Dois deles haviam se afogado na noite, ao retornarem após uma visita ao Denninger (o barco dos missionários). "Inicialmente pareceu que as pessoas tinham tomado a coisa tranquilamente, mas eles retornaram em seguida com exigências inaceitáveis. Eles pediram que lhes fossem entregues o comandante e o cozinheiro do barco, para vingar neles a morte dos dois afogados e eles já tinham ameaçado com represálias os irmãos em Telok Dalam, caso os dois marinheiros não lhes fossem entregues". *Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft*. P. 153, 1885.

[←60]

FÜLLEBORN, Fr. *Das deutsche Njassa und Ruwumagebiet in Deutsch Ost Africa*. IX, p. 185 e p. 541.

[←61]

MONTEIRO, J. J. *Angola and the river Congo*. II, p. 123.

[←62]

BOSMAN, W. *Voyage de Guinée.* 14ª carta, pp. 250-251.

[←63]

HAGEN, G. Von. *Die Bana, Bässler-Archiv*. II, p. 93, 1911.

[←64]

WINTERBOTTOM, Th. *An account of the native Africans in the neighborhood of Sierra Leone*. I, p. 256, 1803.

[←65]

BENTLEY, H. M. *The life and labors of a Congo pioneer*. P. 34.

[←66]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. I, pp. 275-276. Cf. *Ibidem.* I, p. 317.

[←67]

MATTHEWS, John. *Voyage à la rivière de Sierra Leone.* (1785-7), p. 49 da tradução francesa.

[←68]

JACOTTET, E. *Études sur les langues du Haut Zambèze*. III: *Textes Louyi*, p. 170, Publicações da École des Lettres d'Alger, XVI, 1901.

[←69]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. 1, p. 317.

[←70]

MURRAY, J. H. P. *Papua*. Pp. 128-129.

[←71]

Ibidem. pp. 237-238.

[←72]

HUREL, Pe. Eugène. Religion et vie domestique des Bakerewe in *Anthropos*. VI, p. 88, 1911.

[←73]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in J.A.I. XXXIX, pp. 449-450.

[←74]

TESTU, G. LE. *Notes sur les coutumes Bapounou dans la circonscription de la Nyanga*. Pp. 196-197.

[←75]

LEONARD, Major A. G. *The lover Niger and its tribes*. P. 194.

[←76]

GLAVE, E. J. *Six years of adventure in Congo land*. P. 92.

[←77]

Lévy-Bruhl, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*.

[←78]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu Guinea*. I, pp. 445-446.

[←79]

Ibidem., III, p. 140.

[←80]

Ver cap. VIII.

[←81]

BRETT. *The Indian tribes of Guiana*. P. 374.

[←82]

LATCHAM, R. E. Ethnology of the Araucanos in J.A.I., XXXIX, pp. 350-352.

[←83]

GUEVARA, T. *Folklore araucano*. P. 22.

[←84]

JETTÉ, Fr. J. (S. J.). On the superstitions of the Ten'a Indians in *Anthropos*, VI, pp. 721-722, 1911.

[←85]

JETTÉ, Fr. J. (S. J.). On the medicine-men of the Ten'a (Déné) in *J.A.I.*, XXXVII, p.159.

[←86]

HOBLEY, C. W. Further researches into Kikuyu and Kamba religions beliefs and customs in J.A.I., XLI, p. 432.

[←87]

CODRINGTON, R. H. *Melanesian languages*. Pp. 82-88. Cf. com CODRINGTON, R. H. *The Melanesians*. P. 21.

[←88]

CAMPANA, Domenico del. Notizie intorno ai Ciriguani in *Archivio per l'antropologia*, 1902, XXXII, p. 100.

[←89]

WILLIAMS, Th. *Fiji and the Fijians*. I, p. 188. Cf. p. 195. As mulheres de um chefe são estranguladas para segui-lo na morte, enquanto este chefe ainda respira.

[←90]

NASSAU, R. H. *Fetishism in West Africa*. Pp. 53-54.

[←91]

PECHUËL-LOESCHE, Dr. *Die Loango Expedition*. III, 2, pp.210-211.

[←92]

GAVAZZI. *Istorica descrizione de'tre regni di Congo, Matamba ed Angola*. P. 569.

[←93]

Missions évangéliques. XLV, p. 280, 1870.

[←94]

BUTTERWORTH, Rev. Gladwin. *Letter* in *Kaffraria, Wesleyan missionary notices*. IX, p. 192, 1851.

[←95]

VERGUET, L. *Histoire de la première mission catholique au vicariat de Mélanésie (San Christobal)*. P. 154.

[←96]

Ibidem. p. 281 (Nota).

[←97]

WILLIAMSON, R. W. *The Mafulu mountain people of British New-Guinea*. P. 269.

[←98]

LEONARD, Major A. G. *The lower Niger and its tribes*. P. 187.

[←99]

HAGEN, G. von. *Die Bana, Bässler-Archiv*. II (1911), p. 109.

[←100]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in *J.A.I.*, XL, p. 383.

[←101]

Ibidem. p. 373.

[←102]

CAMERON, Rev. Letter in *Wesleyan missionary notices.* VI, p. 9, 1848
.

[←103]

EYLMANN, E. *Die Eingeborenen der Kolonie Süd Australien*. P. 227.

[←104]

SPENCER e GILLEN. *The native tribes of Central Australia*. P. 476 e seg.

[←105]

EYLMANN. *Ibidem.* p. 242.

[←106]

TAPLIN, Rev. G. *The Narrinyeri tribe*. P. 21.

[←107]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu Guinea* (Environs du cap Koenig Wilhelm). III, pp. 258-259.

[←108]

Ibidem. III (Kai), p. 134.

[←109]

Ibidem. III, p. 519.

[←110]

Ibidem. III (Kai), p. 83.

[←111]

Ibidem. III, pp. 62-63.

[←112]

THURNWALD, R. Im Bismarck Archipel und auf den Salomo Inseln in *Zeitschrift für Ethnologie*, XLII, pp. 132-133.

[←113]

Ling ROTH, H. *Natives of Sarawak*. I, p. 213.

[←114]

LOW, Hugh. *Sarawak*. Pp. 215-216.

[←115]

MANSFELD, A. Urwald Dokumente in *Vier Jahre unter den Crossflussnegern Kameruns*. P. 158.

[←116]

HAHN, Th. *Tsuni Goam*. Pp. 112-113.

[←117]

MANGIN, P. B., Pe. Eugène. Les Mossi in *Anthropos*, XI (1914), pp. 732-733.

[←118]

CALLAWAY, C. H. *The religious system of the Amazulu*. P. 126 (nota). Cf. L'âme longue et l'âme courte des Papous de la Nouvelle-Guinée in NEUHAUSS. *Deutsch Neu Guinea*. III, p. 518.

[←119]

Ibidem. pp. 198-199.

[←120]

Ibidem. pp. 141-143. Cf. WANGEMANN, Dr. *Die Berliner Mission im Zululande*. P. 17.

[←121]

WANGEMANN, Dr. *Ibidem.*, p.16.

[←122]

Ibidem. pp. 17-18.

[←123]

CALLAWAY, C. H. *The religious system of the Amazulu*. P. 145.

[←124]

WANGEMANN, Dr. *Ibidem.* pp. 14-15.

[←125]

HUTEREAU, A. Notes sur la vie familiale et juridique de quelques populations du Congo belge in *Annales du Musée du Congo belge*. Série III ; Documenta ethnographiques, I, p. 50.

[←126]

LE HÉRISSÉ, A. *L'ancien royaume du Dahomey*. Pp. 99-100.

[←127]

HOBLEY, C. W. Further researches into Kikuyu and Kamba religions beliefs and customs in *J.A.I.*, XLI, p. 422, 1911.

[←128]

MACDONALD, Rev. J. *Africana* . I, p. 94.

[←129]

MEINHOF, C. *Afrikanische Religionen*. Pp. 39-40.

[←130]

MEYER, C. S. Sp., Pe. E. Le Kirengo des Wachaga, peuplade bantoue du Kilimandjaro in *Anthropos*. XII-XIII, pp. 190-191.

[←131]

JEANNERET, Pe. Les Ma-Khaça in *Bulletin de la Société de Géographie de Neuchâtel*. VIII, p. 138, 1895.

[←132]

THOMAS, E. Le Bokaha (N. E. Transvaal) in *Bulletin de la Société de Géographie de Neuchâtel*. VIII, pp. 161-162, 1895.

[←133]

Dou para que dês; é dando que se recebe. (Nota do tradutor)

[←134]

JUNOD, H. A. *Les Ba-Ronga*. Pp. 394-395.

[←135]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, p. 368.

[←136]

Ibidem. II, p. 385.

[←137]

HUBERT e MAUSS. *Mélanges d'histoire des religions*. P. 197 sqq.

[←138]

BOSMAN, W. *Voyage de Guinée*. P. 164, 1705 .

[←139]

LÉONARD, Major A. G. *The lower Niger and its tribes*. P. 181.

[←140]

Emprego esta palavra por falta de outra que se adapte melhor às representações da mentalidade primitiva.

[←141]

SPIETH, J. *Die Ewestämme*. P. 564.

[←142]

BEST, Elsdon. Maori Eschatology in *Transactions of the New-Zealand Institute*. XXXVIII, p. 236, 1905.

[←143]

COLENSO, W. On the Maori races of New-Zealand in *Transactions of the New-Zealand Institute*. I, pp. 41-42, 1868.

[←144]

TURNER, L. M. The Hudson Bay Eskimo in *Report of the Bureau of American Ethnology* (Smithsonian Institute). XI, p. 272.

[←145]

Relations des jésuites. LIV, p. 66, 1669-70.

[←146]

HADDON, A. C. *Head-hunters, black, white, and brown*. P. 57.

[←147]

LE TESTU, G. *Notes sur les coutumes Bapounou dans la circonscription de la Nyanga*. P. 200.

[←148]

HOWITT, A. W. *The native tribes of South East Australia*. P. 358, 1904.

[←149]

LE JEUNE. *Relations des jésuites*. X, p. 170, 1636.

[←150]

DAWSON, J. *Australian Aborigines*. P. 52.

[←151]

TAPLIN, G. *The Narrinyeri tribe*. P. 135.

[←152]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 231, 1911.

[←153]

WILLIAMS. Missionary register. P. 467 e seg., out. 1830 in DUMONT D'URVILLE. *Voyage de 1'Astrolabe*. III, pp. 558-559.

[←154]

ARNOT, F. S. *Bihé and Garenganze*. P. 67.

[←155]

LE TESTU, G. *Notes sur les coutumes Bapounou, dans la circonscription de la Nyanga*. P. 201.

[←156]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu Guinea* (Kai). III, p. 113.

[←157]

LINO ROTH, H. *Natives of Sarawak*. I, p. 232.

[←158]

LINO ROTH, H. *ibidem*.

[←159]

GRUBB, W. B. *An unknown people in an unknown land*. P. 132.

[←160]

Ibidem., p. 275.

[←161]

Uma observação bem semelhante foi recolhida recentemente na Ilha das Flores.

> *Tudo o que a alma toma conhecimento em sonho é considerado como absolutamente real, mesmo se fatos palpáveis o contradigam em seguida. Um homem foi assassinado por outro porque este tinha visto em sonho sua irmã ser morta por ele. Ao despertar, ele poderia, sem nenhuma dificuldade, verificar que sua irmã ainda estava viva. Mas isso não lhe pareceu necessário. Ele primeiro cometeu seu ato de vingança. Em presença do juiz e informado agora de que sua irmã ainda estava viva, ele persistiu em sustentar e de boa-fé que ele estava em seu direito.*

VAN SACHTELEN. *Endek (Flores)* in *Mededeelingen van het bureau voor de bestuurszaken der buitengewesten, bewerkt door het Encyclopaedisch Bureau, Aflevering*. P. 129XIV, 1921.

[←162]

Ibidem. pp. 129-130.

[←163]

STEEDMANN, A. *Wanderings and adventures in the interior of South Africa*. I, pp. 229-230.

[←164]

TYLER. *Forty years among the Zulus*. P. 108.

[←165]

CALLAWAY, C. H. *The religious system of the Amazulu*. P. 164. Cf. p. 228.

[←166]

LIVINGSTONE, D. *Last Journals*. I, p. 277.

[←167]

CALLAWAY, C. H. *Ibidem*. p. 228 e seg.

[←168]

Ibidem. pp. 178-179.

[←169]

Ibidem. p. 238 e seg.

[←170]

MARZOLFF. *Missions évangéliques*. LXX, pp. 341-342.

[←171]

RAMBAUD. *Ibidem.* LXVIII, I, pp. 114-115.

[←172]

WANGEMANN, Dr. *Die Berliner Mission im Koranna Lande*. P. 207.

[←173]

MERENSKY, A. *Erinnerungen aus dem Missionsleben im S. O. Afrika*. P. 94.

[←174]

Ibidem. pp. 152-153.

[←175]

HUTEREAU, A. Notes sur la vie familiale et juridique de quelques populations du Congo belge in *Annales du Musée du Congo belge*. Série III: Documents ethnographiques, I, p. 23.

[←176]

LE JEUNE, Pe. *Relations des jésuites*. X, p. 170, 1636.

[←177]

Ibidem. LIV, p. 96, 1669-1670.

[←178]

LALEMANT, Pe. *Ibidem.* IV, p. 216, 1626.

[←179]

LE JEUNE, Pe. *Ibidem.* V, p. 160, 1633.

[←180]

Ibidem. XL II, pp. 164-166, 1655-1656.

[←181]

BRUYAS, Pe. *Ibidem.* LI, p. 124, 1666-1668.

[←182]

DECLE, L. *Three years in savage Africa*. P. 75.

[←183]

STELLER, G. W. *Beschreibung von dem Lande Kamtschatka*. P. 279, 1774.

[←184]

TFINKDJI, Abbé Jos. Essai sur les songes et l'art de les interpréter en Mésopotamie in *Anthropos.* VIII, pp. 506-507, 1913.

[←185]

CHARLEVOIX, P. F. X. de *Journal d'un voyage dans l'Amérique septentrionale*. III, pp. 369-70, 1744.

[←186]

Ibidem. LIV, p. 100, 1669-1670.

[←187]

Ibidem. XXXIII, p. 198, 1647-1648.

[←188]

Ibidem. XLIII, p. 272, 1656-1657.

[←189]

Ibidem. XLII, pp. 150-152, 1655-1656.

[←190]

Ibidem. XXIII, 1642. Cf. XLI, p. 142, 1653-1654 e LVII, pp. 194-195, 1672-1673.

[←191]

Durkheim, que estudou longamente a noção de alma nas sociedades australianas, vê aí, ao mesmo tempo, um princípio individual e o totem do clã. Ele chega à conclusão de que "a alma, de uma maneira geral, não é outra coisa além do princípio totêmico, encarnado em cada indivíduo... Ele é fragmentado e partilhado. Cada um desses fragmentos é uma alma". Por outro lado, "as ideias de totem e de ancestral são tão próximas uma da outra que, às vezes, parecem se confundir"... "E se o ancestral se confunde a esse ponto com o ser totêmico, ele não pode ser diferente da alma individual que tem perto de si a alma ancestral". *Les formes élémentaires de la vie religiuse*. Pp. 355-367.

[←192]

CHARLEVOIX, Pe. F. X. de. *Journal d'un voyage dans l'Amérique septentrionale*, III, p. 367.

[←193]

Ibidem. III, pp. 346-347.

[←194]

LONG, J. *Voyages and travels of an Indian interpreter and trader*. Pp. 86-87, 1791.

[←195]

Esta é uma das razões principais da "imprevidência", tão frequentemente observada e deplorada pelos observadores nas sociedades inferiores. Se dúvida que ela tem também outras causas, de ordem social e econômica; mas ela provém sobretudo dos hábitos mentais dos primitivos. Eles só representam o tempo futuro muito confusamente, como testemunham sobre isso suas línguas, muito pobres de recursos para expressar as nuances do futuro. Daí, um tipo de miopia que os impede de situar bem o que está um pouco distanciado no futuro e que, evidentemente, não é favorável à previdência, mesmo que estando inclinados à ela.

[←196]

PERHAM, Rev. J. Citado por ROTH, Ling. *The natives of Sarawak*. I, p.195.

[←197]

Ibidem. I, p. 191.

[←198]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer, durch Borneo*. II, p. 441.

[←199]

Ibidem. I, p. 417.

[←200]

Ibidem. II, p. 425.

[←201]

ROTH, H. LING. *Natives of Sarawak*. I, p. 192.

[←202]

Ibidem. I, pp. 194-195.

[←203]

PERHAM, Rev. J. Sea Dayak religion *in Journal of the Straits branch of the Asiatic society*. Nº 10, p. 232.

[←204]

HOSE e MAC DOUGALL. *The pagan tribes of Borneo*. II, pp. 58-59.

[←205]

LING ROTH, H. *The natives of Sarawak*. I, pp. 196-197.

[←206]

Lévy-Bruhl, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*.

[←207]

LING ROTH, H. *Ibidem.* I, p. 200.

[←208]

HOSE e MAC DOUGALL. *The pagan tribes of Borneo*. II, pp. 9-10. Cf. II, p. 75.

[←209]

Ibidem. II, p. 15.

[←210]

Ibidem. II, pp. 57-58.

[←211]

HARDELAND, A. *Grammatik der Dayakschen Sprache*. P. 368.

[←212]

FURNESS, W. H. *The home life of the Borneo head hunters*. Pp. 161-164.

[←213]

GUISE, R. E. On the tribes inhabiting the mouth of the Wanigela River, New-Guinea in J.A.I. XXVIII, p. 218.

[←214]

FURNESS, W. H. *Ibidem.* p. 4.

[←215]

Ibidem. p. 78.

[←216]

BECCARI, O. *Wanderings in the forests of Borneo*. Pp. 328-329.

[←217]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo*. I, p. 351.

[←218]

LE JEUNE, Pe. *Relations des Jésuites*. XVII, p. 118, 1639-1640.

[←219]

STELLER, G. W. *Beschreibung von dem Lande Kamtschatka*. P. 280.

[←220]

O missionário Jetté fez, com relação a isso, uma reflexão significativa:

> *Os presságios observados por nossos Ten'as implicam numa ideia obscura de causalidade, pois eles os consideram não puramente como previsores do que vai acontecer, mas também como contribuintes, de alguma maneira, para produzi-los.*

E acrescenta:

> *É mesmo como se fossem os presságios que os brancos observam. Neste caso, como no de nossos selvagens, ele acredita que evitando o presságio ele evita o mal. Um capitão que se recusa a navegar numa sexta-feira, um convidado que se recusa a ser o décimo terceiro à mesa, sustentam implicitamente que suprimindo a circunstância do mau augúrio eles evitarão o mal que está por vir e estabelecem, evidentemente, entre um e outro, uma relação de causa e efeito que é absurda de se supor.* (JETTÉ, R. F. Jul. On the superstitions of the Ten'a Indians in *Anthropos.* VI, p. 241.)

Absurda, com efeito, sob o ponto de vista de nossa mentalidade, que implica na consideração do determinismo dos fenômenos naturais. Mas não é absurda sob o ponto de vista da mentalidade pré-lógica, que é mística e que só presta atenção à causalidade imediata das forças ocultas.

[←221]

Parece que a busca dos presságios favoráveis é sempre obrigatório para os empreendimentos que se toma a iniciativa. Mas, se for preciso agir rapidamente, sob a pressão das circunstâncias exteriores, é forçoso desistir deles. A observação foi feita pelo Dr. Nieuwenhuis.

> *Os Kenyahs buscam bons presságios, tão conscienciosamente quanto os Bahaus, antes de empreenderem o que quer que seja. Mas, quando essa busca entra em conflito com as necessidades momento, ousa-se negligenciar os presságios. Se um perigo ameaça __ se, por exemplo, o inimigo está escondido nas proximidades __ os Kenyahs não prestam atenção aos presságios. (*NIEUWENHUIS. *Quer durch Borneo.* II, p. 487*)*

[←222]

PERHAM, Rev. J. Sea Dyak religion *in Journal of the Straits branch of the Asiatic society*. Nº 10, pp. 231-232.

[←223]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in J.A.I. XL, p. 376, 1910.

[←224]

PERHAM, Rev. J. Citado por LING ROTH. *The natives of Sarawa*k. I, p. 195.

[←225]

FURNESS. *The home life of the Borneo head hunters*. P. 33.

[←226]

Citado por HADDON, A. C. *Head hunters, black, white and brown*. P. 386.

[←227]

BOUCHÉ-LECLERCQ. *Histoire de la divination dans l'Antiquité*. IV, p. 137.

[←228]

HADDON, A. C. *Ibidem.* p. 387.

[←229]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo*. I, p. 161, Cf. I, p. 387.

[←230]

FURNESS, W. H. *The home life of the Borneo head hunters*. P. 28.

[←231]

HADDON, A. C. *Head hunters, black, white and brown*. P. 391.

[←232]

GOLDIE, W. H. Maori medical lore in *Transactions of the New-Zealand Institute*. XXXVII, p. 18. 1904.

[←233]

STELLER, G. W. *Beschreibung von dem Lande Kamtschatka*. Pp. 198-199.

[←234]

GLAVE. *Six years of adventure in Congo land*. P. 91.

[←235]

WANGEMANN, Dr. *Die Berliner Mission im Zululande*. P, 86.

[←236]

RAUM, J. Die Religion der Landschaft Moschi am Kilimandjaro in *Archiv für Religionswissenschaft*. XIV, p. 173, 1911.

[←237]

KARASEK-EICHORN, A. Beiträge zur Kentniss des Waschambaa in *Rässler-Archiv*. I, p. 188, 1911.

[←238]

Ibidem. III, pp. 103-106.

[←239]

HOBLEY, C. W. *Kikuyu customs and beliefs* in *J.A.I.* XL, pp. 434-435.

[←240]

FÜLLEBORN. Das deutsche Njassa und Ruwümagebiet in *Deutsch Ost Afrika.* IX, pp. 353-354.

[←241]

BARRETT, Cap. Notes on the customs and beliefs of the Wa-Giriama, etc., British East Africa in *J.A.I.* XLI, p. 22, 32.

[←242]

DUNDAS, K. H. The Wavanga and other tribes of the Elgon district, British East Africa in *J.A.I.* XLIII, p. 47.

[←243]

PAULSSEN, Franz. Rechtsanschauungen der Eingeborenen auf Ukarra in *Bässler-Archiv*, IV, I, p. 41, 1913.

[←244]

HAHN, Th. *Tsuni Goam*, p. 90.

[←245]

MACKENZIE, J. *Ten years north of the Orange River*. P. 392, 1871.

[←246]

JUNOD, H. A. *Les Ba-ronga*. Pp. 412-420.

[←247]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, pp. 296-197.

[←248]

LIVINGSTONE, D. *Last journals*. I, pp. 276-277.

[←249]

JALLA, A. e E. *Pionniers parmi les Marotse*. Pp. 245-246.

[←250]

HAMBERGER, Pe. Aloïs. Nachtrag zu den religiösen Ueberlieferungen und Gebraüchen der Landschaft Mkulwe in *Anthropos*. V, p. 803, 1910.

[←251]

DELHAISE. *Notes ethnographiques sur quelques peuplades du Tanganika (Wabemba)*. Pp. 8-9.

[←252]

Ibidem. p. 34.

[←253]

Ibidem. p. 154.

[←254]

HOBLEY, C. W. *Ethnology of the A. Kamba*. P. 165.

[←255]

Ver adiante no cap. VIII.

[←256]

MOCKLER-FERRYMAN, A. F. *Up the Niger*. P. 141 (nº 4).

[←257]

LEONARD, Major A. G. *The lower Niger and its tribes*. P. 461.

[←258]

WOLF, Pe. Franz. Beitrag zur Ethnographie der Fo-Neger in Togo in *Anthropos.* VII, p. 86, 1912.

[←259]

LE HÉRISSÉ, A. *L'ancien royaume du Dahomey*. P. 235.

[←260]

RAMSEYER e KÜHNE. *Vier Jahre in Asanti*. P. 157.

[←261]

MONDAIN. *Missions évangéliques*. LXXXII, 1, p. 298.

[←262]

Relations des jésuites. L, p. 290, 1666-1667.

[←263]

LE CLERC, Pe. Récollet. *Nouvelle relation de la Gaspésie*. Ed. Ganong, p. 375, 1910.

[←264]

Relations des jésuites. LVII, pp. 272-274, 1672-3 .

[←265]

Confronte com uma observação profunda de CODRINGTON: “É certamente muito difícil, senão impossível, encontrar numa língua melanésia uma palavra que traduza imediatamente “prece”, já que a noção de ação eficaz está ligada estreitamente à forma empregada”. *The Melanesians*. Pp. 145-146.

[←266]

LE JEUNE, Pe. *Relations des jésuites*. X, p. 188, 1636.

[←267]

Ibidem. LVIII, p. 50, 1672-1673.

[←268]

Ibidem. LIV, pp. 140-142, 1669-1670.

[←269]

LE JEUNE, Pe. *Ibidem.* X, p. 206, 1636.

[←270]

PEPPER e WILSON. A Hidatsa shrine and the beliefs respecting it in *Memoirs of the American Anthropological association*. II, p. 305.

[←271]

MAC CLINTOCK, W. *The old north trail*. Pp. 352-353. Cf. DORSEY. Siouan Cults in *Bureau of American Ethnology Smithsonian Institute*. Report XI, pp.392-393.

[←272]

Relations des jésuites. LVXI, pp. 236-238.

[←273]

HOSE e MAC DOUGALL. *The pagan tribes of Borneo*. II, p.92.

[←274]

PERHAM, Rev. J. Citado por LING ROTH, H. *The natives of Sarawak*. I. p. 185. Cf. BECCARI, O. *Wanderings in the forests of Borneo*. P. 158.

[←275]

ROTH, W. E. Superstition, magic and medicine in *North Queensland Ethnography*. Bulletin 5, nº 106.

[←276]

Ibidem. nº 74.

[←277]

MAC DONALD, Rev. J. *Africana*. II, p.101.

[←278]

BROWN, Georges. *Melanesians and Polynesians*. P. 197.

[←279]

STANBRIDGE. On the aborigines of Victoria in *Transactions of the Ethnological Society*. I, p. 299, 1861.

[←280]

TAPLIN, G. *The Narrinyeri tribe*. Pp. 19-20. Cf. com uma passagem idêntica em EYLMANN. *Die Eingeborenen der Kolonie Süd Australien*. P. 229.

[←281]

BROWN, George. *Melanesians and Polynesians*. Pp. 385-386.

[←282]

MEYER, H. E. A. The Encounter Bay tribe in TAPLIN. *The native tribes of South Australia.* P. 200.

[←283]

HOWITT, A. W. *The native tribes of South East Australia*. P. 448.

[←284]

INA. P. 458

[←285]

DAWSON, J. *Australian aborigines*. P. 68.

[←286]

ROTH, W. E. North Queensland Ethnography. *Bulletin 9*, n° 4.

[←287]

Ibidem. nº 13.

[←288]

LANG, J. D. *Queensland*. P. 360-61 (Relatório do Rev. K. W. SCHMIDT, da missão alemã, Moreton Bay).

[←289]

ROTH, W. E. *Ibidem. Bulletin 9*, n° 5.

[←290]

OLDFIELD, A. The aborigines of Australia in *Transactions of the Ethnological society*. III, p. 246, 1865.

[←291]

SALVADO, R. *Mémoires historiques sur l'Australie*. Pp. 332-333.

[←292]

Pelo menos é esta a representação coletiva que se constata entre os Dayaks de Bornéu, que praticam a cremação.

> *Os parentes do morto observam com cuidado o fogo e a fumaça que sobem. Se a fumaça sobe bem reta, eles concluem disso um augúrio favorável e satisfatório para eles. Se ela sobe obliquamente (seja sob a ação do vento ou por outra causa qualquer), eles ficam convencidos de que o* ***antu*** *(espírito) ainda não está satisfeito e que logo uma nova morte acontecerá.* (LOW, Hugh. *Sarawak.* Pp. 262-263)

Não há dúvida que, em seu pensamento, é o próprio morto que dá à fumaça sua direção.

[←293]

PEEKEL, P. G. *Religion und Zauberei bei dem mittleren Neu-Mecklemburg*. P. 128.

[←294]

Ibidem. p. 131.

[←295]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu-Guinea*. III, pp. 143-144 (Kai).

[←296]

BOSMAN, W. *Voyage de Guinée.* 13ª Carta, p. 227.

[←297]

PLEHN, A. Beiträge zur Volkerkunde des Togogebietes in *Mitteilungen des Seminars für orientalische Sprachen.* III, p. 97.

[←298]

WOLF, Franz. Beitrag zur Ethnographie der Fo-Neger in Togo in *Anthropos*. VII, p. 300.

[←299]

WINTERBOTTOM, Th. *An account of the native Africans in the neighborhood of Sierra Leone*. I, pp. 236-238, 1803.

[←300]

HERTZ, Robert. La représentation collective de la mort in *Année sociologique*. X, p. 50 sqq.

[←301]

Para os nativos, por consequência, ele já estava realmente morto.

[←302]

PERHAM, Rev. J. Citado por LING ROTH, H. *The natives of Sarawak*. I, p. 211.

[←303]

HADDON, A. C. *Head hunters, black, white and brown*. Pp. 182-183.

[←304]

FINSCH, O. *Neu Guinea und seine Bewohner*. Pp. 105-106.

[←305]

HADDON, A. C. *Ibidem.* pp. 91-92.

[←306]

NEKES, Trommelsprache und Fernruf bel den Jaunde und Duala in *Mitteilungen des Seminars für orientalische Sprachen*. XI, Abt, III, p. 78.

[←307]

MACDONALD, Rev. J. *Africana*. I, pp. 76-77.

[←308]

Ibidem. pp. 79-80.

[←309]

Ibidem. p. 93.

[←310]

K. H. DUNDAS, K. H. The Wawanga and other tribes of the Elgon district (British East Africa) in *J.A.I.* XLIII, p. 45.

[←311]

HADDON, A. C. *Head hunters, black, white and brown*. P. 337.

[←312]

Ibidem. p. 336.

[←313]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo*. II, p. 179.

[←314]

ELLIS, Rev. W. *Polynesian researches*. I, p. 303.

[←315]

Ver *supra*, cap. IV.

[←316]

ARNOUX, Pe. Alexis. La divination au Ruanda in *Anthropos*, XII-XIII, p.10.

[←317]

Ibidem. pp. 30-33.

[←318]

Ibidem. p. 36.

[←319]

Ibidem. pp. 39-43.

[←320]

Ibidem. p. 18.

[←321]

Ibidem. p. 51.

[←322]

Ibidem. pp. 28, 35, 37.

[←323]

Ibidem. p. 45.

[←324]

JUNOD, H. A. J. L'art divinatoire chez les Ronga de la baie de Delapo in *Bulletin de la Société de Géographie de Neuchâtel*. IX, p. 57, 1897.

[←325]

MERENSKY, H. A. *Erinnerungen aus dem Missionsleben in S. O. Afrika*. Pp. 42-43.

[←326]

JUNOD, H. A. *Ibidem.* p. 57.

[←327]

Ibidem. p. 69.

[←328]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, p. 502

[←329]

Ibidem. II, pp. 360-361.

[←330]

Ibidem. II, p. 522.

[←331]

THOMAS, E. Le Bokaha in *Bulletin de la Société de Géographie de Neuchâtel*. VIII, p. 162, 1895.

[←332]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu Guinea*. III, pp. 132-133.

[←333]

Ibidem. III, p. 317.

[←334]

Ibidem. III, p. 447.

[←335]

Em Ruanda, durante uma operação divinatória, “os ossinhos dizem: no momento, o cliente pode ficar em paz. Sua felicidade será, no entanto, bem efêmera; os *bazimu* estão prontos para entrar em campanha. O que digo? Eles já atacaram”. ARNOUX, Pe. Alexis. La divination au Ruanda in *Anthropos*. XII-XIII, p. 13.

Comentando esta passagem, o Pe. Arnoux acrescenta: “Aqui, o passado pode muito bem ter o sentido de um futuro próximo: ‘Você está tão perto de receber o golpe que já pode se considerar como golpeado’”.

[←336]

ELLIS, A. B. *The ewe-speaking peoples*. Pp. 151-152.

[←337]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in J.A.I. XL, p. 391.

[←338]

CALLAWAY, C. H. *The religious system of the Amazulu*. P. 441 (nº 25).

[←339]

Ibidem. pp. 342-343.

[←340]

GILL, W. W. *Savage life in Polynesia*. Pp. 14-15.

[←341]

SERVANT, Pe. Carta in *Annales des Missions d'Océanie*. Société de Marie, 1, pp. 94-95, 1841.

[←342]

CHALMERS, Rev. J. *Pioneering in New-Guinea*. P. 185.

[←343]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu Guinea*. III, pp. 251-252. (Proximidades do Cabo König Wilhelm.)

[←344]

Ibidem. III, p. 127.

[←345]

Ibidem. III, pp. 471-472.

[←346]

LANDTMAN, G. The folk tales of the Kiwai Papuans in *Acta societatis scientiarum fennicae*. XLVII, pp. 313-315. Cf. Ibidem. p. 268.

[←347]

ROTH, W. E. Superstition, magic and medicine, North Queensland Ethnography in *Bulletin* 5, nº 130.

[←348]

MÜLLER, Fr. Aegidius. Wahrsagerei bei den Kaffern in *Anthropos*. I, p.778.

[←349]

SCHULTZE, L. *Aus Namaland und Kalahari*. P. 226.

[←350]

SPENCER e GILLEN. *The native tribes of Central Australia*. Pp. 303, 544.

[←351]

OLDFIELD, A. The aborigines of Australia in *Transactions of the ethnological society*. III, pp. 282-283, 1865.

[←352]

Ibidem. p. 252.

[←353]

THOMAS, N. W. *Letters from Victorian pioneers*. P. 96.

[←354]

BROWN, A. R. Three tribes of Western Australia in J.A.I. XLIII, p. 146.

[←355]

EGIDI, Pe. V. M. (M. S. C.). La religione e le conoscenze naturali dei Kuni (Nuova Guinea
Inglese) in *Anthropos*.VIII, p. 206.

[←356]

NEWTON, H. *In far New-Guinea*. P. 86.

[←357]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 137, 1907.

[←358]

BROWN, W. *New-Zealand and its aborigines*. P. 47, 1845.

[←359]

ARMSTRONG, E. J. *The history of the Melanesian mission*. P. 308.

[←360]

JUNOD, H. P. *The life of a South African tribe*. I, p. 47 (Nota).

[←361]

CRANTZ, D. *History of Greenland*. I, p. 214, 1767.

[←362]

DIXON, R. B. The Shasta in *Bulletin of the American Museum of natural history*. XV II, pp. 488-489.

[←363]

CALLAWAY, C. H. *The religious system of the Amazulu*. Pp. 338-338.

[←364]

GLOTZ, G. *L'ordalie dans la Grèce primitive*. Paris, 1909.

[←365]

CAVAZZI. Istorica descrizione de'tre regni di Congo in *Matamba ed Angola.* P. 97.

[←366]

DECLE, L. *Three years in savage Africa*. P. 512.

[←367]

MACDONALD, Rev. J. *Africana*. I, p. 160.

[←368]

POGGE, Pe. *Im Reiche des Muala Jamwo*. P. 39.

[←369]

WISSMANN, Wolf. H. von. *Im Innern Afrikas.* P. 144.

[←370]

BURNIER, Th. *Missions évangéliques.* LXXXI, p. 31.

[←371]

FÜLLEBORN. *Das deutsche Njassa und Ruwumagebiet in Deutsch Ost Afrika.* IX, pp. 309-310.

[←372]

WINTERBOTTOM, Th. *An account of the native Africans in the neighborhood of Sierra-Leone*. I, pp. 142-143.

[←373]

LEONARD, Major A. G. *The lower Niger and its tribes*. P. 480.

[←374]

WINTERBOTTOM, Th. *Ibidem.,* I, p. 270.

[←375]

MACDONALD, Rev. J. *Africana.* I, p. 204.

[←376]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo.* I, pp. 278-279.

[←377]

CAVAZZI. Istorica descrizione de'tre regni di Congo in *Matamba ed Angola.* P. 82.

[←378]

WISSMANN, H. Von. *Wolf..., Im Innern Afrikas.* P. 231.

[←379]

Missions évangéliques. LXIV, p. 447.

[←380]

DALTON. *Descriptive Ethnology of Bengal (Hill Miris)*. P. 31.

[←381]

FÜLLEBORN. *Das deutsche Njassa und Ruwumagebiet in Deutsch Ost Afrika*. IX, p. 310 (Nota).

[←382]

ROSSILLON, Pe. Moeurs et coutumes du peuple Kui (Khonds) in *Anthropos.* VII, pp. 661-662.

[←383]

BENTLEY, W. H. *Dictionary and grammar of the Kongo language*. Pp. 505-506.

[←384]

BECCARI, O. *Wanderings in the forests of Borneo*. P. 177, p. 179. Cf. SAINT-JOHN, Spencer. *Life in the forests of the Far East*. I, p. 191.

[←385]

CHALMERS, W. in LING ROTH, H. *The natives of Sarawak.* I, p. 235.

[←386]

SCHWANER, C. A. L. M. Ethnographical notes in LING ROTH, H. *The natives of Sarawak.* II, p. CLXXXVIII.

[←387]

SORRENTO, Merolla da. *Relazione del viaggio nel regno di Congo*. Pp. 100-101, 1692 .

[←388]

BOSMAN, W. *Voyage de Guinée* (2ª carta). Pp. 478-480.

[←389]

MACDONALD, Rev. J. *Africana.* I, p. 204.

[←390]

CLAUS, H. Die Wagogo in *Baessler-Archiv.* Beiheft II, p. 56, 1911.

[←391]

MOEKLER-FERRYMAN, A. F. *Up the Niger*. Pp. 46-47.

[←392]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in *J.A.I.* XL, p. 364.

[←393]

POGGE, P. *Im Reiche des Muata Jamwo*. Pp. 36-37.

[←394]

JALLA, Louis. *Missions évangéliques.* LXIV, p. 179.

[←395]

KINGSLEY, Mary. *West African studies.* P. 137.

[←396]

CAVAZZI. Istorica descrizione de'tre regni Congo in *Matamba ed Angola.* P. 91.

[←397]

MACDONALD, Rév. J. *Africana*. I, pp. 78-79.

[←398]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River *in J.A.I.* XL, p. 396.

[←399]

Ibidem. p. 364.

[←400]

Ibidem. p. 396.

[←401]

Grenfell. Carta in BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. II, pp. 230-231.

[←402]

Ibidem. II, p. 233.

[←403]

KINGSLEY, Mary. *West African studies.* (2ª Ed.), p. 179.

[←404]

TESSMANN, G. *Die Pangwe.* II, pp. 128-129.

[←405]

COQUILHAT, C. *Sur le haut Congo*. P. 293.

[←406]

HUTEREAU, A. Notes sur la vie familiale et juridique de quelques populations du Congo beige in *Annales du Musée du Congo belge. Documents ethnographiques.* I, 1, pp. 27-29.

[←407]

1bid., p. 29.

[←408]

De fato, no entanto, em tribos próximas aos Azandes (entre os Medjes e os Mangbetus),

> *não é necessário verificar a presença do **notu** (é o correspondente ao **mango** dos Azandes) pela autópsia. Todo nativo que morre das consequências da prova é forçosamente tido como culpado. Se não é encontrado nele o **notu**, é porque ele devia ter outros sortilégios a sua disposição. Para verificar isso, consulta-se o **mapingo** (aparelho divinatório). Em caso de resposta negativa deste oráculo, o acusador deve pagar a indenização prevista para um assassinato. Ibidem. p. 76.*

[←409]

Ibidem. pp. 29-30.

[←410]

Ibidem. p. 98.

[←411]

Ibidem. p. 92.

[←412]

MANSFELD, A. Urwald Dokumente in *Vier Jahre unter den Crossflussnegern Kameruns.* P. 178. Cf. STASCHEWSKI. Die Banjangi in *Baessler-Archiv.* Beiheft, VII, pp. 47-50 e FLICKINGER, Rev. *Thirty years of missionary life in West Africa.* P. 70.

[←413]

MEINHOF, C. *Afrikanische Religionen*. P. 53.

[←414]

Impey, W. Carta in *The Wesleyan missionary notices.* IV, 1846.

[←415]

MACDONALD, Rev. J. *Africana.* I, p. 206.

[←416]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. I, pp. 416-417.

[←417]

Ibidem. II, pp. 466-467.

[←418]

Ibidem. II, pp. 464-465. Cf. JUNOD. *Les Ba-Ronga.* P. 428.

[←419]

TORDAY e JOYCE. Les Bushongo in *Annales du Musée du Congo belge*. Série III, Documents ethnographiques, II, p. 124. Cf. *Ibidem.* p. 78.

[←420]

Ver *supra*, cap. V.

[←421]

TAPLIN, G. *Manners, customs, etc. of the South Australians aborigines*. P. 57.

[←422]

DAWSON, J. *Australian aborigines*. P. 70.

[←423]

Ibidem. p. 76.

[←424]

THOMAS, W. M. A brief account of the aborigines of Australia felix in *Letters from Victorian pioneers.* P. 68.

[←425]

Ibidem. p. 67.

[←426]

STANERIDGE, W. E. On the aborigines of Victoria in *Transactions of the Ethnological Society*. I, p. 288, 1861.

[←427]

HOWITT, A. W. *The native tribes of South East Australia*. P. 217. Citado por HARTLAND. E. S. *Primitive paternity.* I, p. 295.

[←429]

SALVADO. *Mémoires historiques sur l'Australie*. P. 324.

[←430]

SALVADO, R. *Ibidem.* Cf. THOMAS, W. M. A brief account of the aborigines of Australia felix *in Letters from Victorian pioneers*. Pp. 94-96. E a descrição de um combate bem semelhante entre os Botocudos, por WIED-NEUWIED, Maximilien de. *Voyage au Brésil.* II, pp. 186-190, da tradução francesa.

[←431]

GREY, George. *Journal of two expeditions of discovery in N. W. and Western Australia*. II, pp. 243-244.

[←432]

EYLMANN, E. *Die Eingeborenen der Kolonie Süd Australien*. P. 177.

[←433]

MOFFAT, R. *Missionary labors and scenes in South Africa*. P. 255.

[←434]

HOBLEY, C. W. Further researches into Kikuyu and Kamba religious beliefs and customs in *J.A.I.,* LXI pp. 422-423.

[←435]

Ibidem. p. 426. Da mesma forma, nas Ilhas Salomão (em Buin, Vellalavella etc.), para restabelecer a ordem perturbada pela morte de um homem, é preciso: 1º) Uma vingança, ou seja, a morte de um homem que pertença ao grupo do assassino. 2º) Uma compensação, ou pagamento em moedas de conchas. Na falta desse pagamento, o assassino continua perigoso. THURNWALD, R. *Forschungen auf dem Bismarck Archipel und den Salomon Inseln.* III, Tafel 29, n° 18.

[←436]

DUNDAS, Hon. Ch. History of Kitui (A-Kamba) in *J.A.I.,* XLIII, pp. 526-527. Cf. HOBLEY, C.W. *Loc. cit.,* pp. 426-427.

[←437]

KRAUSE, A. *Die Tlinkit-Indianer*. P. 231.

[←438]

Ibidem. p. 300.

[←439]

HALL, C. F. *Life with the Esquimaux*. I, p. 321.

[←440]

WRANGELL, Von. Einige Bemerkungen über die Wilden an der N. W. Küste von Amerika in *Beiträge zur Kenntniss des russischen Reichs* (Baer, Von und Helmersen). I, p. 104.

[←441]

RASMUSSEN, K. *Neue Menschen.* P. 35-36. Observações semelhantes foram recolhidas na África austral. Diz o Sr. Junod em *The life of a South African tribe.* II, p. 294:

> *Eu citarei as próprias palavras de Mankhelu, o grande "curandeiro" da corte de Nkuna. Jamais me esquecerei do tom impressionante de sua voz, sua convicção profunda no momento em que falava, nos seguintes termos, como se ele me fizesse uma revelação: "Quando uma mulher faz um aborto, quando ela deixou seu sangue correr sem dizê-lo e queimou o feto em segredo, isso é o suficiente para fazer soprar ventos tórridos e para ressecar o país todo. A chuva não pode mais cair porque o país não é mais o que deveria ser. A chuva tem medo desse lugar. Ela é forçada a parar antes de entrar nele e não pode mais avançar. Essa mulher foi muito culpada. Ela arruinou o país do chefe, porque ela escondeu sangue que não estava ainda 'convenientemente disposto para fazer um ser humano'. Esse sangue é tabu! O que ela fez é tabu! Isso causa a fome!" Purificações são indispensáveis para que a chuva possa reaparecer nesse lugar.*

Da mesma forma, entre os Barotses,

> *como era o primeiro quarto da lua, a mulher e seu marido não gostavam exatamente da perspectiva de uma tão longa quarentena e esconderam o acidente (o aborto). Porém, esse homem... era um dos principais oficiais do estabelecimento do rei. Ele era um* ***sekomboa****, um homem de uns quarenta e cinco a cinquenta anos, um favorito de seu senhor e geralmente respeitado. Nada adiantou. O acidente veio a público em menos de vinte e quatro horas. Seus pares, os outros* ***sekomboas****, se precipitaram sobre ele e o arrastaram fortemente amarrado até o rio. Lá, lhe arrancaram os cabelos, com seus formidáveis cachos... o estrangularam sob a água quase até que ele morresse. Depois o bateram com varas para que ele voltasse a si e o abandonaram na margem, debaixo de uma chuva torrencial.* Coillard. *Missions évangéliques.* LXVII, p. 380.

[←442]

HOLM, G. Ethnological sketch of the Angmagsalik Eskimo in THALBITZER, N. *Meddelelser Om Groenland.* XXIX, p. 49.

[←443]

BOAS, Franz. The Eskimo of Baffin land and Hudson bay in *Bulletin of the American Museum of natural history*. XV, p. 478.

[←444]

RASMUSSEN, Kn. *Neue Menschen.* Pp. 149-150.

[←445]

JUNOD, H. A. *The life a South African tribe*. I, p. 39.

[←446]

KARASEK-EICHHORN, A. Beiträge zur Kenntniss der Waschambaa in *Bässler-Archiv*. III, p. 188.

[←447]

CONDON. Fr. M. A. Contribution to the ethnography of the Basoga-Batamba (Uganda Protectorate) in *Anthropos.* V, p. 946.

[←448]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 61, 1909.

[←449]

STELLER, G. W. *Beschreibung von dem Lande Kamtschatka*. P. 276.

[←450]

MAC-CLINTOCK, W. *The north indian trail.* P. 181 (Blackfeet)

[←451]

TRILLES, R. P. H. *Le totémisme des Fân.* P. 507.

[←452]

WANGEMANN, Dr. *Die Berliner Mission im Koranna Lande*. P. 15

[←453]

GILL, W. W. *Savage life in Polynesia*. P. 172.

[←454]

LE HÉRISSÉ, A. *L'ancien royaume de Dahomey*. Pp. 125-126.

[←455]

SHORTLAND, Ed. *Traditions and superstitions of the New-Zealanders*. P. 116, 1856.

[←456]

NIFUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo.* II, pp. 469-470.

[←457]

Ibidem. I, p. 102.

[←458]

Ibidem. I, p. 91.

[←459]

THURNWALD, R. Im Bismarck Archipel und auf den Salomon Inseln in *Zeitschrift für Ethnologie*. XLII, p. 134.

[←460]

FRIZZI, E. Ein Beitrag zur Ethnologie von Bougainville und Buka in *Bässler-Archiv,* Beiheft. VI, pp. 11-12.

[←461]

DAWSON, J. *Australian Aborigines*. P. 70.

[←462]

Berichte rheinischen Missionsgesellschaft. P. 135, 899 e pp. 239-240, 1907.

[←463]

CASALIS, E. *Les Bassoutos.* P. 213.

[←464]

Missions évangéliques. XVI, pp. 5-6 (Nota).

[←465]

DIÉTERLEN. *Ibidem.* LXXIV, 2, pp. 172-173. Cf. MACLEAN, Colonel. *A Compendium of Kafir laws and customs.* P. 85.

[←466]

MAITIN. *Ibidem.* XXVIII, p. 304.

[←467]

RAMSEYER, Pe. *Ibidem.* LXXXVII, 1, pp. 105-106.

[←468]

LEMUE. *Ibidem.* XIX, p. 406.

[←469]

LE HÉRISSÉ, A. *L'ancien royaume du Dahomey*. P. 109.

[←470]

MANGIN, Pe. Eugène, P. B. Les Mossi in *Anthropos.* IX, p. 732.

[←471]

SICK, Eberhard von. Die Waniaturu in *Bässler-Archiv.* V, Heft 1-2, p. 55.

[←472]

TRILLES, R. P. H. *Le totémisme des Fân.* Pp. 338-340.

[←473]

Cf. HERTZ, R. La représentation collective de la mort in *Année sociologique,* X, pp. 66-67.

[←474]

STELLER, G. W. *Beschreibung von dem Lande Kamtschatka*. P. 295.

[←475]

NANSEN, Fr. *Eskimo life.* P. 137. Cf. *Ibidem.* p. 245.

[←476]

HOLM, G. An ethnological sketch of the Angmagsalik Eskimo in THALBITZER, W. *Meddelelser Om Greenland*. XXXIX, p. 137.

[←477]

LICHTENSTEIN. *Reisen im südlichen Afrika.* I, p. 421 (nota).

[←478]

HOLMBERG. Ueber die Völker des russischen Amerika in *Acta societatis scientiarum fennicae.* IV, pp. 317-318.

[←479]

Citado por CODRINGTON, R. H. Religions beliefs and practices in Melanesia in *J.A.I.* X, p. 302.

[←480]

A coisa é sagrada, miserável! (Nota do tradutor)

[←481]

WILLIAMS, Th. *Fiji and the Fijians.* I, p. 210, 1860.

[←482]

Waterhouse. *Wesleyan missionary notices.* Março de 1852. (Carta).

[←483]

WATERHOUSE, J. *The king and people of Fiji.* P. 201, 1853.

[←484]

Ibidem. pp. 334-335.

[←485]

Annales de la Propagation de la Foi. XIV, p. 192, 1842.

[←486]

LYTH. *Wesleyan missionary notices.* VII, p. 150 (Carta).

[←487]

CALVERT, J. *Missionary labours among the cannibals*. P. 300.

[←488]

SAINT-JOHN, Sir Spenser. *Life in the forests of the Far East.* I, p. 295.

[←489]

COLENSO, W. On the Maori races of New-Zealand in *Transactions of the New-Zealand Institute*. I, p. 25, 1868.

[←490]

COLENSO, W. *Ibidem.* p. 41. Cf. com um costume semelhante nas Ilhas Fiji:

> *Em Vanua Levu, a morte é sinal de pilhagem. Os parentes mais próximos se precipitam até a casa mortuária para se apoderar de tudo o que eles podem colocar a mão e que pertença à família do defunto. Assim, os objetos são levados e escondidos em tempo hábil.* WILLIAMS. *Fiji and the Fijians.* I, p. 187.

[←491]

EARLE, A. *A narrative of a nine months residence in New-Zealand*. P. 96.

[←492]

BEST, Elsdon. Maori eschatology in *Transactions of the New-Zealand Institute*. XXXVIII, pp. 228-229.

[←493]

Idem, *Ibidem.,* p. 206.

[←494]

COLENSO, W. On the Maori races of New-Zealand in *Transactions of the New-Zealand Institute*. I, p. 22.

[←495]

EARLE, A. *A narrative of a nine months residence in New-Zealand*. P. 124.

[←496]

CARVER, J. *Voyage dans l'Amérique septentrionale*. P, 258.

[←497]

BEAVER, H. Original information respecting the natives of the North West coast of America in *Extracts from the papers and proceedings of the Aborigines Protection Society.* II, 5, p. 135, 1841.

[←498]

MURRAY, A. W. *Missions in Western Polynesia*. P. 140.

[←499]

CASALIS. *Les Bassoutos,* P. 269.

[←500]

GUMILLA, P. *El Orinoco ilustrado* (2ª ed.), pp. 235-236. Cf. WIED-NEUWIED, Maximilien de. *Voyage au Brésil.* III, pp. 170-171 da tradução francesa.

[←501]

LABRADOR, Pe. José Sanchez. *El Paraguay católico.* II, pp. 38-39.

[←502]

SPIX und MARTIUS. *Reise in Brasilien.* III, p. 1281 (rio Yapura).

[←503]

Von MARTIUS, C. F. Ph. *Das Naturell, die Krankheiten, das Arztium und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens*. Pp. 132-133.

[←504]

GRUBB, W. B. *An unknown people in an unknown land*. Pp. 161-162.

[←505]

ELLIS, R. W. *Polynesian researches.* III, pp. 46-48.

[←506]

Ibidem. I, pp. 395-396.

[←507]

BATAILLON, Pe. *Annales de la propagation de la foi.* XIII, p. 12, 1841.

[←508]

Ibidem. XIII, p. 378.

[←509]

TURNER, G. *Nineteen years in Polynesia*. P. 225.

[←510]

MURRAY, A. W. *Missions in Western Polynesia*. P. 367.

[←511]

Société de Marie. *Annales des missions d'Océanie*. I, pp. 93-94, 1841.

[←512]

WAKEFIELD. *Adventure in New-Zealand.* I, p. 67, 1839-1844.

[←513]

NICHOLAS, J. L. *Narrative of a voyage to New-Zealand*. II, p. 303, 1817.

[←514]

Ibidem. II, pp. 165-167.

[←515]

Ibidem. II, p. 170.

[←516]

PETITJEAN, R. P. *Annales de la propagation de la foi.* XIV, p. 210 (Wangaroa, Nova Zelândia.)

[←517]

ANGAS, G. P. *Savage life and scenes in Australia and New-Zealand*. I, pp. 143-144, 1847.

[←518]

CHEVRON, Pe. Joseph. *Annales de la propagation de la foi*. XVI, p. 192.

[←519]

SCHRUMPF. *Missions évangéliques.* XXXII, p. 322.

[←520]

CASALIS, E. *Les Bassoutos,* p. 270.

[←521]

LAUGA. *Missions évangéliques*. XXI, p. 105.

[←522]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. P. 465.

[←523]

SHAW, W. *The story of my mission to South Africa*. P. 503.

[←524]

RUSILLON. *Missions évangéliques.* LXXXV, 2, pp. 227-228.

[←525]

ARCIN. *La Guinée française*. P. 431.

[←526]

VILLAULT-BELLEFOND. *Relation des côtes d'Afrique appelées Guinée*. Pp. 363-364, 1669.

[←527]

ROWLEY, Rev. H. *The universities mission to Central Africa*. Pp. 212-213.

[←528]

Ipso facto: em decorrência do próprio fato ou feito. SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, FAE, 1986. (Nota do tradutor)

[←529]

Relations des jésuites. XXVII (1645-46), p. 52.

[←530]

CAVAZZI. Istorica descrizione de'tre regni Congo in *Matamba ed Angola.* P. 115.

[←531]

NEUHAUSS, R. *Deutsch New-Guinea.* I, pp. 400-412.

[←532]

Ibidem., III, p. 330 (JABIM).

[←533]

Ibidem., III, p. 128 (Kai).

[←534]

Ibidem., I, p. 161.

[←535]

Ibidem. III, p. 434.

[←536]

Instrumento de sopro feito de madeira e característico dos nativos australianos.

[←537]

Ibidem. III, pp. 332-333.

[←538]

Ibidem. III, p. 253 (arredores do Cabo Koenig-Wilhem).

[←539]

Ibidem., III, p. 125-26 (Kai).

[←540]

Ibidem., III, p. 161.

[←541]

LANDTMAN, G. Cat's cradles of the Kiwai Papuans. British New-Guinea in *Anthropos*. IX, p. 221.

[←542]

BÖGERSHAUSEN, P. Georg M. S. C. Fadenspiele in Matupit, Neu Pommern, Gazelle Halbinsel in *Anthropos.* X-XI, p. 908.

[←543]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo.* II, pp. 130-131.

[←544]

Ibidem. I, pp. 167-170. Cf. I, p. 329.

[←545]

KARSTEN, R. *Beiträge zur Sittengeschichte der südamerikanischen India ner*. P. 102.

[←546]

PERHAM, Rev. J. in LING ROTH, H. *The natives of Sarawak.* II, pp. 174-175.

[←547]

ADRIANI, Dr. N. Étude sur la littérature des To Radia in *Tijdschrift voor indische talal-land en volkenkunde*. XL, p. 341.

[←548]

HOSE e DOUGALL. *The pagan tribes of Borneo.* I, p. 111.

[←549]

TURNER, G. *Nineteen years in Polynesia*. P. 425.

[←550]

SPIESS, C. Zum Kultus und Zauberglauben der Evheer (Togo) in *BässlerArchiv*. I, p. 225.

[←551]

GUMILLA, Pe. *El Orinoco ilustrado.* (2ª Ed.), II, pp. 274-275.

[←552]

KARSTEN, R. *Contributions to the sociology of the Indian tribes of Ecuador*. P. 7.

[←553]

Ibidem. p. 11.

[←554]

Ibidem. p. 14.

[←555]

NORDENSKIÖLD, E. *La vie des Indiens dans le Chaco*. P. 48.

[←556]

Missions évangéliques. LI, p. 124 (Mabille).

[←557]

BATAILLON, Pe. *Annales des missions de l'Océanie.* I, p. 422. Société de Marie.

[←558]

MANGERET, R. P. *Mgr Bataillon et les Missions de l'Océanie centrale*. I, pp. 172-173.

[←559]

FELLOWS, Rev. in BROWN, George. *Melanesians and Polynesians.* Pp. 23-26.

[←560]

BROWN, George. *Ibidem.,* p. 429.

[←561]

BROOKE'S, M. Narrative of events in Borneo and Celebes in *Journal.* 1845, II, pp. 42-43.

[←562]

LOW, Hugh. *Sarawak*. Pp. 259-260.

[←563]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 10, 1904.

[←564]

Ver *supra,* cap. IX.

[←565]

THOMAS. *Missions évangéliques.* XXXIX, pp. 461-462.

[←566]

OUTAGAMIS. *Relations des jésuites.* LVIII, p. 54.

[←567]

SPECK, F. G. The Creek Indians of Taskigitown in *Memoirs of the American Anthropological Association*. II, p. 114.

[←568]

CHARLEVOIX, Pe. F. X. de. *Journal d'un voyage dans l'Amérique septentrionale*. III, pp. 216-218.

[←569]

Ibidem. III, p. 236-7 (Iroquois et Hurons).

[←570]

CALLAWAY, C. H. *The religious system of the Amazulu*. P. 345.

[←571]

LICHTENSTEIN, H. *Reisen im südlichen Afrika*. II, p. 542.

[←572]

MERENSKY, A. *Erinnerungen aus dem Missionsleben in S. O Afrika*. Pp. 163-164.

[←573]

CAVAZZI. Istorica descrizione de'tre regni Congo in *Matamba ed Angola.* P. 226.

[←574]

GLAVE, E. J. *Six years of adventure in Congoland*. Pp. 104-105.

[←575]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in *J.A.I.* XL, p. 392-93.

[←576]

WISSMANN, H. von. *My second journey through Equatorial Africa* (trad. inglesa). P. 47.

[←577]

ROWLEY, Rev. J. *The universities' mission to Central Africa*. Pp. 148-149.

[←578]

FARLANE, Rev. Mac. *Among the Cannibals of New-Guinea*. P. 115.

[←579]

CASALIS. *Missions évangéliques.* XI, pp. 21-22.

[←580]

COQUILHAT,C. *Sur le Haut Congo.* P. 297.

[←581]

NEUHAUSS, R. *Deutsch Neu Guinea*. III, p. 64 (Kai).

[←582]

FRIC, Vojtech. *Eine Pilcomayo Reise in dem Chaco central, Globus*. LXXXIX, p. 233.

[←583]

NEUHAUSS, R. *Ibidem.* III, p. 65.

[←584]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo.* II, p. 167 (Bahau).

[←585]

WATERHOUSE, J. *The king and people of Fiji*. P. 307.

[←586]

Ibidem. p. 317.

[←587]

ARNOT, F. S. *Garenganze.* P. 237.

[←588]

DE SMET, Pe. J., (S. J.). *Voyages dans l'Amérique septentrionale*. Pp. 150-152.

[←589]

PARKINSON, R. *Dreissig Jahre in der Südsee*. Pp. 131-132.

[←590]

THURNWALD, R. Im Bismarck Archipel und auf den Salomon Inseln in *Zeitschrift für Ethnologie*. XLII, p. 128.

[←591]

CODRINGTON, R. H. *The. Melanesians.* Pp. 308-310.

[←592]

LIVINGSTONE, D. *Missionary travels and researches in South Africa*. Pp. 257-258.

[←593]

Após isto e, portanto, por causa disto. (Nota do tradutor)

[←594]

MORICE, Pe. A. G. The great Déné race in *Anthropos.* V p. 141, 1910.

[←595]

HEARNE, S. *A journey from the Prince of Wales's Fort tri Hudson's Bay to the Northern Ocean*. P. 329, 1795 (Nota).

[←596]

HOSE e MAC DOUGALL. *The pagan tribes of Borneo.* 1, p. 204.

[←597]

BROWN, George. *Melanesians and Polynesians*. P. 249.

[←598]

LICHTENSTEIN, H. *Reisen im südlichen Afrika*. II, p. 442.

[←599]

GLAVE, E. J. *Six years of adventure in Congo land*. 117-118.

[←600]

PECHUËL-LOESCHE, Dr. *Die Loango Expedition.* III, 2, p. 402.

[←601]

THALBITZER, W. Ethnographical collections from East Greenland in *Meddelelser Om Greenland*. XXXIX, p. 630.

[←602]

DIXON, B. B. The northern Maidu in *Bulletin of the American Museum of natural history*. XVII, p. 267.

[←603]

DE SMET, Pe. J. (S. J.) *Voyages dans l'Amérique septentrionale*. Pp. 233-234.

[←604]

ROTH, W. E. Superstition, magie and medicine in North Queensland Ethnography in Bulletin 5, nº 107.

[←605]

BIRD, W. H. Ethnographical notes about the Buccaneer Islanders, North West Australia in *Anthropos,* VI, p. 177.

[←606]

SEEMAN, B. *A mission to Viti.* P. 190.

[←607]

CAMPBELL, Rev. J. *Travels in South Africa* (Segunda Viagem). II, p. 184.

[←608]

Cf. supra, cap. VIII.

[←609]

DELHAISE, Commandant. *Les Warega.* P. 213.

[←610]

MACGREGOR, LAIRD e OLDFIELD. *An expedition into the interior of Africa*. II, pp. 277-278, 1837.

[←611]

Ibidem. I, pp. 349-350.

[←612]

PECHUËL-LOESCHE, Dr. *Die Loango Expedition.* III, 2, pp. 335-336.

[←613]

LE JEUNE, Pe. *Relations des Jésuites.* XII, p. 12.

[←614]

JETTÉ, R. F. Jul. On the superstitions of the Ten'a Indians in *Anthropos.* VI, p. 250.

[←615]

DIXON, R. C. The Shasta in *Bulletin of the American Museum of natural history*. XVII, p. 453.

[←616]

SAPIR, E. The religious ideas of the Takelma Indians of S. W. Oregon in *Journal of American Folk Lore.* XX, p. 41, 1907.

[←617]

PEPPER e WILSON. A Hidatsa shrine and the beliefs respecting it in *Memoirs of the American Anthropological Association.* II, pp. 309-310.

[←618]

Duncan. Carta in MAYNE, R. C. *Four years in British Columbia.* P. 292.

[←619]

PREUSS, K. Th. *Die Nayarit-Expedition.* I, p. xcvi-vii.

[←620]

GRUBB, W. B. *An unknown people in an unknown land*. P. 138.

[←621]

GUEVARA, T. *Psicología del pueblo araucario*. Pp. 271-272.

[←622]

RIVERS, W. H. R. *The Todas.* P. 255.

[←623]

HOLUB, E. *Sieben Jahre in Süd Afrika*. I, p. 431.

[←624]

CROOKE, W. *The tribes and costes of the North-West Provinces and Oudh*. P. 78.

[←625]

SKEAT, W. W. *Malay Magie.* Pp. 182-183, 190-191.

[←626]

HOBLEY, C. W. Further researches into Kikuyu and Kamba religions beliefs and customs in *J.A.I.* XLI, p. 433.

[←627]

NEW, Ch. *Life, wanderings and labours in Eastern Africa*. P. 249.

[←628]

MUSIL, A. *Arabia Petraea.* III, p. 314.

[←629]

CASALIS. *Les Bassoutos.* Pp. 322-323.

[←630]

BECCARI, Od. *Wanderings in the forests of Borneo*. Pp. 337-338.

[←631]

ELLIS, Rev. W. *Polynesian researches.* III, pp. 168-169.

[←632]

KITTLITZ, Von. *Denkwürdigkeiten einer Reise nach dem russischen Amerika, Mikronesien und durch Kamtschatka*. II, pp. 87-88.

[←633]

CARET. Carta in *Annales de la propagation de la foi*. IX, p. 50.

[←634]

TURNER, G. *Nineteen years in Polynesia*. P. 103.

[←635]

HADFIELD, E. *Among the natives of the Loyalty group*. P. 106.

[←636]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, pp. 280-281.

[←637]

MOONEY, J. The ghost dance religion in *Reports of the Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institute*. XIV, p. 971.

[←638]

Esta representação do céu repousando sobre a Terra no horizonte, feita pelos nativos em geral, faz com que eles tomem ao pé da letra tudo o que os missionários lhes contam sobre o céu e isso não é de surpreender; os missionários não sabem tudo o que se passa lá, já que moram tão perto do céu? Não faz muito tempo, um nativo disse, durante o serviço divino (em Bongu, Nova Guiné alemã):

> *Vocês, brancos, naturalmente não ignoram nada sobre o céu nem sobre Deus, já que estão tão perto dele. Veja como o céu está tão próximo da terra, lá longe, de onde vocês vieram e olhe depois como ele está alto aqui em cima de nós! Nós temos nossos deuses e vocês têm os seus. (Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft.* P. 120, 1903.*)*

[←639]

The British Columbia Mission, or Metlahkatlah in *The missions of the Church Missionary Society, nº 2*. Pp. 63-64.

[←640]

HOLM, G. Ethnological Sketch of the Angmagsalik Eskimo in THALBITZER, W. *Meddelelser Om Groenland*. XXXIX, pp. 7-8.

[←641]

BATAILLON, Pe. *Annales de la propagation de la foi.* XIII, p. 21.

[←642]

TURNER, G. *Nineteen years in Polynesia*. P. 424.

[←643]

CARET. *Annales de la propagation de la foi.* IX, p. 50 (Carta).

[←644]

LAVAL, Pe. *Annales de la propagation de la foi.* X, p. 202, 1837 (Carta).

[←645]

Letters from Victorian pioneers. P. 248.

[←646]

MAN, E. H. On the aboriginal inhabitants of the Andaman Islands in *J.A.I.*, XII, p. 100.

[←647]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo.* II, p. 166.

[←648]

Ibidem. 1, p. 137.

[←649]

GLAVE, E. J. *Six years of adventure in Congo land*. P. 95.

[←650]

BENTLEY, H. M. *The life and labours of a Congo pioneer*. P. 212.

[←651]

WILLIAMS, J. *A narrative of missionary enterprises in the South Sea Islands*. Pp. 281-282.

[←652]

TURNER, G. *Nineteen years in Polynesia*. P. 28.

[←653]

MURRAY, A. W. *Missions in Western Polynesia*. Pp. 360-363.

[←654]

Ibidem. P. 388.

[←655]

Ibidem. P. 178.

[←656]

GRUBB, W. B. *An unknown people in an unknown land*. P. 47.

[←657]

LICHTENSTEIN, H. *Reisen im südlichen Afrika.* 1, pp. 410-411.

[←658]

GROUT, Rev. L. *Zululand.* Pp. 132-133.

[←659]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. P. 550. Cf. MERENSKY, A. *Erinnerungen ans dem Missionsleben in S. O. Afrika*. P. 154.

[←660]

Ibidem. Pp. 319-325.

[←661]

STEEDMAN, A. *Wanderings and adventures in the interior of South Africa*. II, p. 282.

[←662]

COQUILHAT, C. *Sur le Haut-Congo.* Pp. 214-215.

[←663]

DALTON, E. T. in LING ROTH, H. *The natives of Sarawak.* II, p. 127.

[←664]

BECCARI, Od. *Wanderings in the forests of Borneo*. P. 297.

[←665]

ANDERSSON, C. J. *The Okavango River.* P. 140.

[←666]

POOLE, F. *Queen Charlotte Islands*. P. 154.

[←667]

Annual Report, Papua. P. 85, 1908.

[←668]

Ibidem. P. 100, 1903.

[←669]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 137, 1900. Cf. BRENNER. *Besuch bei den Kannibulen Sumatras*. P. 338.

[←670]

ARNOUX, Pe. A. Le culte de la société secrète des Imandwa au Ruanda in *Anthropos.* VII, p. 288.

[←671]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. I, pp. 439-440.

[←672]

M0FFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. P. 384.

[←673]

LIVINGSTONE, D. *Zambesi and its tributaries*. P. 557.

[←674]

Ver *supra,* cap. VII.

[←675]

ARNOT, F. S. *Garenganze.* P. 75.

[←676]

LIVINGSTONE, D. *Missionary travels and researches in South Africa*. P. 189.

[←677]

MACKENSIE, J. *Ten years north of the Orange River*. P. 336.

[←678]

Missions évangéliques. XL, p. 170, 1865.

[←679]

LICHTENSTEIN, H. *Reisen im südlichen Afrika.* 1, p. 165.

[←680]

MOFFAT, R. *in Missions évangéliques.* XVI, pp. 207-208. Cf. CRANTZ, D. *History of Greenland.* 1, 230:

> *No começo de suas relações com os europeus, os nativos tinham tanto medo do papel que fala, que eles não ousavam carregar uma carta, ou tocar um livro, acreditando que era preciso magia para que uma pessoa pudesse ler os pensamentos de outra, por meio de alguns rabiscos negros sobre o papel branco. Eles acreditavam seriamente também que, quando o ministro lhes lia os mandamentos de Deus, era preciso que primeiro ele tivesse ouvido uma voz vinda do livro.*

[←681]

MAITIN. *Missions évangéliques.* XXXVI, p. 96, 1856.

[←682]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. P. 599.

[←683]

RAMSEYER e KÜHNE. *Vier Jahre in Asanti.* p. 123.

[←684]

CASALIS, E. *Les Bassoutos.* pp. 86-87.

[←685]

Ibidem. p. 274.

[←686]

STEEDMAN, A. *Wanderings and adventures in the interior of South Africa*. II, p. 273.

[←687]

COQUILHAT, C. *Sur le Haut-Congo.* p. 216.

[←688]

PECHUËL-LOESCHE, Dr. *Die Loango-Expedition.* III, 2, pp. 58-59.

[←689]

Maeder. *Missions évangéliques.* XXXI, p. 210, 1856.

[←690]

SALVADO, R. *Mémoires historiques sur l'Australie*. P. 182.

[←691]

SPENCER, B. *Natives tribes of the Northern territory of Australia*. P. 36.

[←692]

Eyraud, Fr. Eugène. *Annales de la propagation de la foi*. XXXVIII, p. 125.

[←693]

WILLIAMS, J. *A narrative of missionary enterprises in the South Sea Islands*. P. 175. Cf. pp. 118-120.

[←694]

Missions évangéliques. LXXXII, 1, p. 276.

[←695]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 210, 1891.

[←696]

NIEUWENHUIS, A. W. *Quer durch Borneo.* II, p. 337.

[←697]

Combes. *Annales de la propagation de la foi.* XXVII, pp. 412-413 (Carta).

[←698]

HOLM, G. An ethnological sketch of the Angmagsalik Eskimo in THALBITZER, W. *Meddelelser Om Groenland.* XXXIX, p. 86.

[←699]

MACDONALD, Rev. J. *Africana.* 1, p. 46.

[←700]

KITCHING, Rev. A. L. *On the backwaters of the Nile*. P. 266.

[←701]

MEINHOF, C. *Afrikanische Religionen*. Pp. 67-68.

[←702]

CASALIS, E. *Les Bassoutos.* P. 84.

[←703]

Ibidem. P. 74, 1902.

[←704]

COQUILHAT, C. *Sur le Haut Congo.* P. 215.

[←705]

Magistrado bôer rural na África do Sul. (Nota do tradutor)

[←706]

CAMPBELL, Rev. J. *Travels in South Africa.* P. 526.

[←707]

Missions évangéliques. LXI, p. 480.

[←708]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, p. 332.

[←709]

Encontramos uma crença curiosamente análoga na Nova Guiné.

> *Os brancos, segundo os nativos, não fabricam eles mesmos os objetos que eles possuem __ barcos a vapor, machados, tecidos etc. __ mas os receberam dos espíritos dos mortos. A prova está em que se, por exemplo, um machado está quebrado, os brancos não conseguem consertá-lo. Os espíritos trazem os objetos de seu país nos barcos a vapor e quando eles chegam, os brancos saem ao seu encontro e se apoderam de tudo, dos barcos a vapor e do resto. Nos primeiros tempos, os nativos recorriam a esta crença para responder minhas questões contínuas sobre suas ideias concernentes aos mortos. Eles pensavam que eu queria, por seu intermédio, entrar em relações com os espíritos, a fim de conseguir uma ou duas cargas de belos objetos... Os primeiros brancos que chegaram à região foram tidos por fantasmas* ***manakai*** *ou* ***markai****, o que, como* ***aboro****, significa "espírito de uma pessoa morta". As roupas são designadas por* ***aboro-tama****, ou seja, a pele de um espírito. (*LANDTMAN. The folk tales of the Kiwai Papuans in *Acta societatis scientiarum fennicae.* XLVII, p. 181*)*

[←710]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo.* 1, pp. 252-253.

[←711]

MACDONALD, Rev. J. *Africana.* II, p. 96.

[←712]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. P. 576.

[←713]

WANGEMANN, D. Carta do missionário Posselt in *Die Berliner Mission ira Zululande*. P. 197.

[←714]

WISSMANN, H. von. *Wolf... Im Innern Afrikas.* P. 229.

[←715]

JUNOD, H. A. *The life of a South African tribe*. II, p. 340.

[←716]

MONTEIRO, J. J. *Angola and the river Congo.* I, pp. 124-125.

[←717]

TAPLIN, Rev. G. *The Narrinyeri tribe.* P. 68.

[←718]

Narrative of M. Oxley's expedition to survey Port Curtis and Moreton Bay in *Field geographical memoirs on New South Wales.* Pp. 59-60, 1825. Cf. TAPLIN, G. *The Narrinyeri tribe, p. 42.*

[←719]

MACGILLIVRAY, J. *Narrative of the voyage of H. M. S. Rattlesnake*. 1, p. 297 (Ilhas Pariwara).

[←720]

KITTLITZ, Von. *Denkwürdigkeiten einer Reise nach dem russischen Amerika, Mikronesian und durch Kamtschatka.* II, pp. 27-28.

[←721]

CHALMERS, J. e GILL, W. W. *Work and adventure in New-Guinea.* P. 132 (Kabadi district.)

[←722]

Dialeto que era uma mistura de francês, árabe, espanhol e italiano, que era falado no norte da África. (Nota do tradutor)

[←723]

Dialeto que era uma mistura de inglês, chinês e malaio e era falado no Extremo Oriente. (Nota do tradutor)

[←724]

SPENCER e GILLEN. *The native tribes of Central Australia*. P. 324.

[←725]

Annual Report, Papua. P. 170, 1911.

[←726]

Ibidem. P. 89, 1914.

[←727]

Ibidem. P. 128, 1912.

[←728]

LANDTMAN, G. The folk tales of the Kiwai Papuans in *Acta societatis scientiarum fennicae*. XLVII, p. 95.

[←729]

Ibidem. P. 212.

[←730]

Ibidem. P. 318.

[←731]

SPENCER, B. *The native tribes of the Northern territory of Australia*. Pp. 25-26.

[←732]

LUMHOLTZ, C. *Unknown Mexico.* I, p. 224.

[←733]

NEWTON, H. *In far New-Guinea.* Pp. 125-126.

[←734]

Ibidem. P. 154.

[←735]

VORMAN, Pe. Fritz (S. V. D.). Das tägliche Leben der Papua (unter besonder Berücksichtigung des Valman Stammes auf Deutsch Neu Guinea) in *Anthropos.* XII-XIII, p. 901, 1907.

[←736]

PFEIL (Graf J.). *Studien und Beobachtungen aus der Südsee*. P. 92.

[←737]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 217, 1895.

[←738]

HADDON, A. C. *Head hunters, black, white and brown*. P. 98.

[←739]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. P. 63.

[←740]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 49, 1897.

[←741]

MÜLLER, Fr. Egidius. Wahrsagerel bei den Kaffern in *Anthropos.* II, pp. 48-49.

[←742]

PHILIP, Rev. J. *Researches in South Africa.* 11, p. 118, 1828.

[←743]

Missions évangéliques. XV, p. 122, 1840.

[←744]

Dieterlen. *Ibidem.* LXXXII, 2, p. 336, 1907.

[←745]

CAMPBELL, Rev. J. *Travels in South Africa (2d.* Journey). I, p. 101.

[←746]

BURCHELL, Rev. J. *Travels in the interior of southern Africa*. II, p. 588.

[←747]

JUNOD, H. A. *Les Ba-Ronga.* Pp. 226-227.

[←748]

Cf. *supra,* cap. X.

[←749]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. Pp. 252-532.

[←750]

MAUCH, Carl. Reisen lm Innern von Süd Afrika *(1865-72)* in *Petermann's Mitteilungen. Ergänzungsheft.* Nº 87, p. 43.

[←751]

TORDAY e JOYCE. Les Bushongo in *Annales du Musée du Congo belge*. Série III, t. II, p. 13.

[←752]

MÜLLER, Fr. Aegidius. Wahrsagerei bel den Kaffern in *Anthropos.* III, p. 5

[←753]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo.* 1, p. 278, 1900.

[←754]

WEEKS, Rev. J. H. Anthropological notes on the Bangala of the upper Congo River in J.A.I. XXXIX. p. 108.

[←755]

MONTEIRO, J. J. *Angola and the river Congo*. 1, pp. 280-281.

[←756]

Cf. *supra,* cap. 1º .

[←757]

The South African commercial Advertiser (17 de abril de 1841) in *Extracts from the Papers and Proceedings of the Aborigines Protection Society*. II, 5, pp. 158-159.

[←758]

Mathieu, R. Pe. Carta in *Annales de la propagation de la foi.* XXVIII, p. 387, 1856.

[←759]

KARASEK-EICHHORN, A. *Beiträge zur Kenntniss der Waschambaa Bässler Archiv*. 1, p. 182, 1911.

[←760]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo.* II, pp. 335-336.

[←761]

NEW, Ch. *Life, wanderings and labours in Eastern Africa*. P. 110.

[←762]

MACLEAN, Colonel. *A Compendium of Kafir laws and customs*. P. 106.

[←763]

JACOTTET, E. Moeurs, coutumes et superstitions des Bassoutos in *Bulletin de la Société de Géographie de Neuchâtel.* IX, p. 123, n° 2, 1897.

[←764]

DUVOISIN. *Missions évangéliques.* LXI, p. 447, 1886.

[←765]

SCHRUMPF. *Ibidem.* XXIII, p. 85, 1848.

[←766]

JEANMAIRET. *Ibidem.* LXII, p. 217, 1887.

[←767]

JEANMAIRET. *Ibidem.* LXIII, p. 105, 1888.

[←768]

Ibidem. XIII, p. 5, 1838.

[←769]

TRILLES, R. P. H. *Le totémisme des Fân.* P. 309.

[←770]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschalt. P. 274, 1907.

[←771]

Journal of the Rev. Lawry in *Wesleyan missionary notices*. VI, p. 199, Dez. de 1848.

[←772]

WATERHOUSE, J. *The king and people of Fiji*. P. 420.

[←773]

Ibidem. P. 108.

[←774]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschalt. Pp. 115-116, 1899 (Nova Guiné alemã).

[←775]

Annual Report, Papua. P. 163, 1912.

[←776]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 236, 1890.

[←777]

KARSTEN, R. *Beiträge zur Sittengeschichte der südamerikanischen Indianer*. P. 56, 1920.

[←778]

EYLMANN, E. *Die Eingeborenen dur Kolonie Süd Australien*. P. 303.

[←779]

STEENSBY, H. P. Contributions to the Ethnology and Anthropology of the Polar Eskimos in *Meddelelser Om Groenland.* XXXIV, pp. 348-349, 1910.

[←780]

COILLARD. *Missions évangéliques.* LXIII, p. 19, 1888.

[←781]

CHRISTELLER. *Ibidem.* LXXVII, 2, p. 187, 1902.

[←782]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo.* I, pp. 444-445.

[←783]

Ibidem. 1, p. 414.

[←784]

BENTLEY, H. M. *The life and labours of a Congo pioneer*. P. 128.

[←785]

Ibidem. P. 317.

[←786]

MACKENZIE. *Ten years north of the Orange River*. Pp. 44-45.

[←787]

JALLA, A. et E. *Pionniers parmi les Marotse*. P. 167.

[←788]

PROSCH. *Missions évangéliques.* LXXXVI, 1, p. 22, 1911.

[←789]

REUTTER. *Ibidem.* LXXIX, 1, p. 404, 1904.

[←790]

NEWTON, H. *In fur New-Guinea.* P. 272.

[←791]

CHIGNELL, A. K. *An outpost in Papua.* P. 206.

[←792]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschalt. P. 294, 1900.

[←793]

Ibidem. P. 225, 1902.

[←794]

Ibidem. P. 225, 1909.

[←795]

St-John, Sir Spenser. *Life in the forests of the Far East.* II, pp. 132-133.

[←796]

MACKIENZIE. *Ten years north of the Orange River*. P. 389.

[←797]

REUTTER. *Missions évangéliques.* LXXIX, 1, p. 404, 1904.

[←798]

JALLA, A. e E. *Pionniers parmi les Marotse*. P. 189.

[←799]

GERMOND, *Paul. Missions évangéliques.* LXXI, p. 19, 1896.

[←800]

MOFFAT, R. *Missionary labours and scenes in South Africa*. Pp. 591-592 (Nota).

[←801]

MACDONALD, Rev. J. *Africana.* II, p. 217.

[←802]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 189, 1905.

[←803]

TRILLES, R. P. *Le totémisme des Fân.* P. 412 (Nota).

[←804]

Lawry. Journal in *The Wesleyan missionary notices*. VI, p. 170, 1848.

[←805]

WOLLASTON, A. R. *Pygmies and Papuans.* P. 167.

[←806]

CHIGNELL, A. K. *An outpost in Papua.* P 205.

[←807]

ARMSTRONG, E. G. *The history of the Melanesian mission*. P. 44.

[←808]

Berichte der rheinischen Missionsgesellschaft. P. 141, 1888.

[←809]

Ibidem. P. 174, 1906.

[←810]

NORDENSKIÖLD, Er. *La vie des Indiens dans le Chaco*. P. 95.

[←811]

Annual Report. British New-Guinea. P. 76, 1907.

[←812]

Ibidem. Pp. 109-110, 1908. *Cf. Ibidem.* p. 150, 1910.

[←813]

LAUTRÉ, Dr. *Missions évangéliques.* XXII, pp. 406-407, 1847.

[←814]

Ibidem. LXXXVI, 1, pp. 20-21, 1911.

[←815]

DIÉTERLEN. *Ibidem.* LXXXIII, 1, p. 308, 1908.

[←816]

Sem referência, no original. (Nota do tradutor).

[←817]

Sem referência, no original. (Nota do tradutor).

[←818]

BENTLEY, W. H. *Pioneering on the Congo*. I, p. 476.

[←819]

Ibidem. I, pp. 475-476.

[←820]

BULLÉON, R. P. *Sous le ciel d'Afrique*. P. 61, 1888.

[←821]

Angouard, Pe. Lettre in *Missions catholiques XV.* Moussorongos, Haut-Congo, *p. 39, 1883.*

[←822]

BULLÉON, R. Pe. *Ibidem.* p. 110.

[←823]

ARBOUSSET. *Missions évangéliques.* XII, p. 40, 1837.

[←824]

ELLIS, Rev. W. *History of the London missionary society*. P. 190.

[←825]

The private Journal of Captain G. F. Lyon. P. 385.

[←826]

Cf. Lévy-Bruhl, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. P. 312.

[←827]

STEENSBY, H. P. Contributions to the Ethnology and Anthropology of the Polar Eskimos in *Meddelelser Om Groenland.* XXXIV, pp. 374-375, 1910.

[←828]

Sem referência, no original. (Nota do tradutor).

[←829]

THURNWALD, R. *Forschungen auf dem Bismarck-Archipel und den Salomo Inseln*. III, pp. 38-40.

[←830]

SPENCER e GILLEN. *The native tribes of Central Australia*. P. 125.

[←831]

Fox, C. E. Social organization in San Cristoval in *J.A.I.* XLIX, p. 119, 1919.

[←832]

Gravidez sem relação sexual. (Nota do tradutor)

[←833]

Entre os Azandes, do Alto Congo, “as ideias concernentes à concepção são muito estranhas; pelo menos para um europeu. Eles acreditam que os elementos do feto não são depositados de uma só vez, mas através de várias fecundações sucessivas do ovário, se estendendo por um certo número de dias”. REYNOLDS, Harold. Notes on the Azande tribe of the Congo *in Journal of the African Society*. XI, p. 239, 1904.

A mesma representação é encontrada entre os Papuas estudados pelo Sr. Landtman: “Se deseja ter um filho, o marido deve coabitar regularmente com sua mulher, até que a criança seja concluída”. The folk tales of the Kivai Papuans in *Acta societatis scientiarum fennicae*. XLVII, p. 460 (Nota).

[←834]

Moszkowski. *Auf neuen Wegen durch Sumatra*. P. 90.

[←835]

Lévy-Bruhl, Lucien. *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. P. 79.

[←836]

Cf. *supra*, cap. VII.